

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

MARIA CLARA COSTA PEREIRA

A SAUDADE: PERIÓDICO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS NO RIO DE
JANEIRO

Um estudo sobre a construção literária de espaços

Uberlândia/MG

2023

MARIA CLARA COSTA PEREIRA

A SAUDADE: PERÍODICO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS NO RIO DE
JANEIRO

Um estudo sobre a construção literária de espaços

Tese, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo (UFU) e coorientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ), apresentada à banca examinadora como parte das exigências para a obtenção do título de Doutora em Estudos Literários pelo programa de pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELIT) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Uberlândia/MG

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da
UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P436
2023 Pereira, Maria Clara Costa, 1994-
A SAUDADE: PERIÓDICO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS NO
RIO DE JANEIRO [recurso eletrônico] : Um estudo sobre a
construção literária de espaços / Maria Clara Costa
Pereira. - 2023.

Orientador: Carlos Augusto de Melo.

Coorientador: Carlos Eduardo Soares da Cruz.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Estudos Literários.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.143>

Inclui bibliografia.

1. Literatura. I. Melo, Carlos Augusto de, 1982-,
(Orient.). II. Cruz, Carlos Eduardo Soares da, 1979-,
(Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia.
Pós-graduação em Estudos Literários. IV. Título.

CDU: 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos
Literários

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: (34) 3239-4539 -
www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br
e atendppgelit@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários				
Defesa de:	Tese de Doutorado em Estudos Literários				
Data:	28 de fevereiro de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11913TLT017				
Nome do Discente:	Maria Clara Costa Pereira				
Título do Trabalho:	A saudade: periódico do Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro: um estudo sobre a construção literária de espaços				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	As literaturas indígenas como provocação à teoria e à história literárias no Brasil				

Às catorze horas do dia vinte e oito de fevereiro de 2023, reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos (as) Professores (as) Doutores (as): Carlos Augusto de Melo / ILEEL - UFU, Orientador (Presidente); Carlos Eduardo Soares da Cruz / UERJ (Coorientador); Germana Maria Araújo Sales / UFPA; Álvaro Santos Simões Junior / UNESP-Assis; Ivan Marcos Ribeiro / ILEEL-UFU; Sérgio Guilherme Cabral Bento / ILEEL-UFU.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata Maria Clara Costa Pereira, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessiva, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se

desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após o cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Clara Costa Pereira, Usuário Externo**, em 06/03/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alvaro Santos Simões Junior, Usuário Externo**, em 06/03/2023, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Guilherme Cabral Bento, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/03/2023, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Marcos Ribeiro, Membro de Comissão**, em 06/03/2023, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Augusto de Melo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/03/2023, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Germana Maria Araujo Sales, Usuário Externo**, em 07/03/2023, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Soares da Cruz, Usuário Externo**, em 07/03/2023, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539,](#)

[de 8 de outubro de 2015.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4292720** e o código CRC **5E9DC0FA**.

Referência: Processo nº 23117.014210/2023-78

SEI nº 4292720

BANCA EXAMINADORA

(Carlos Augusto de Melo / orientador)

Professor do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGELIT) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui Mestrado e Doutorado em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis.

(Carlos Eduardo Soares da Cruz / coorientador)

Professor adjunto de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestrado em Ciência da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e Licenciatura em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

(Ivan Marcos Ribeiro / membro interno)

Professor Titular do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGELIT) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Mestrado e Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Assis.

(Sérgio Guilherme Cabral Bento / membro interno)

Professor do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGELIT) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP); Mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); e Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

(Germana Maria Araújo Sales / membro externo)

Professora Titular da Faculdade de Letras do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará, com atividade docente na Graduação e Pós-Graduação. Possui Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestrado em Letras: Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA); e Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

(Alvaro Santos Simões Junior / membro externo)

Professor assistente doutor II da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Assis. Possui Pós-Doutorado pela Universidade de Lisboa; Graduação (Português/Inglês), Licenciatura em italiano, Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

AGRADECIMENTOS

Esta Tese só foi possível, em primeiro lugar, graças ao apoio de duas pessoas: Valéria Carrilho da Costa e Gilberto Pereira da Silva, meus pais. Obrigada pelo inesgotável incentivo. A defesa de uma Tese de Doutorado vem com um sentimento de encerramento de uma jornada de estudo que se iniciou na infância. Essa conquista eu compartilho com vocês, meus professores da vida. Sinto que não existem palavras para agradecer a presença e suporte que me deram nos momentos de dificuldade e de realização acadêmica. Deixo aqui, de forma singela, minha eterna gratidão e amor.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Carlos Augusto de Melo, quem representa, para mim, um desses raros encontros com os quais a vida nos presenteia. Carlos não só orientou com cuidado, dedicação e compreensão minha pesquisa, como me ajudou a passar pelos momentos de tormenta, organizar meus pensamentos e abordagens, fortalecer meus laços (afetivos e intelectuais) com a Literatura, além de me instigar a fazer o melhor e, ainda, me encher de energia com projetos futuros. Muito obrigada.

Assim como meu orientador, meu coorientador, Eduardo da Cruz, foi uma presença imprescindível ao bom desenvolvimento desta Tese. Eduardo, com seu vasto conhecimento de Literatura Portuguesa e Imprensa Oitocentista, dispôs-se prontamente a auxiliar minha pesquisa sobre o jornal *A Saudade*, trazendo provocações e sugestões que se transformaram em cernes fundamentais do presente trabalho. Além disso, compartilhou gentilmente informações de sua própria pesquisa sobre o Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro e seus autores, de forma a colaborar com um maior aprofundamento desta Tese. Sou muito grata por toda essa receptividade e contribuições.

Aos professores Ivan Marcos Ribeiro e Germana Maria Araújo Sales agradeço a presença na Banca de Qualificação, bem como as leituras e os apontamentos que tanto auxiliaram a lapidar a Tese.

Agradeço, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo e suporte para a pesquisa acadêmica, tanto na forma de concessão de bolsa, como por todo o trabalho que possibilita o estudo em nível de pós-graduação no Brasil.

Sou muito grata aos professores e colegas do curso de Pós-graduação em Estudos Literários que tanto me ensiaram e tanto me instigaram a ensinar. Mesmo possuindo formação na área de História, me senti acolhida e convidada a contribuir para as

discussões literárias. Dessa experiência carrego a vontade de aprender cada vez mais sobre Literatura.

Deixo registrado, também, o meu muito obrigado para minhas amigas de longa data: Thaisea, Mariana, Carolina, Noemi, Laila e Amanda. Mulheres incríveis nas quais eu busco sempre me espelhar.

Com destaque especial, gostaria de agradecer à minha família. Até mesmo meus “filhos-cães”: Mel, Tupã, Serelepe e Pituca, que me enchem de alegria todos os dias. E aqueles que, mesmo longe, acompanharam o desenvolvimento do meu doutoramento num período de tanta incerteza e medo. Em muitos momentos, a pandemia nos afastou fisicamente, mas acabou por nos aproximar nos corações. Obrigada por sempre me direcionarem palavras de força e carinho, meus amados avós: Otacil Pereira da Silva (*in memoriam*), Osvalda Gonçalves Pereira, Maria Aparecida Carrilho e Romar Carrilho da Costa. Meus primos, parceiros de caminhada e irmãos que a vida me deu: Rodrix, Lélío, Rapha, Brunis, Bebelá, Gabi, Barbs, Luh, Naka, Vinícius, Mary, Fran e Pedro. Por fim, gostaria de agradecer aos meus tios, minhas figuras exemplares. Em especial, meus queridos tios Walber Carrilho da Costa e Sérgio Pereira da Silva (*in memoriam*), que tanto me incentivaram, e os únicos, no meu círculo familiar, a possuírem título de Doutor. Até então.

RESUMO

Esta Tese tem como objeto de pesquisa o periódico *A Saudade* do Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro (associação de portugueses emigrados na, então, capital do Império Brasileiro). O periódico foi publicado semanalmente em duas séries; a primeira de 05 de agosto de 1855 a 08 de fevereiro de 1857, e a segunda de 15 de abril de 1861 a 05 de outubro de 1862. Esse jornal é composto por estudos de literatura, filosofia, teologia, história e biografia, assim como por romances, crônicas, peças e poemas. Por meio d'*A Saudade*, o Grêmio buscou dar visibilidade e reconhecimento social para os seus membros. As ações de publicação periódica participam de um contexto histórico marcado pela construção das identidades nacionais (tanto portuguesa como brasileira), pelo movimento romântico literário, pelo fomento (por meio de narrativas simbólicas e ações institucionais) da emigração portuguesa para o Brasil, pela multiplicidade de tipos sociais e experiências de deslocamento, bem como por um sistema de recomendações que privilegiou a atividade comercial em mãos portuguesas no Rio de Janeiro do século XIX. Esse último ponto promoveu a emergência, por um lado, de espaços associativos e, por outro, sentimentos e discursos antilusitanos. Compreendendo que a obra de arte participa de um jogo político intermitente, esta Tese propõe uma leitura d'*A Saudade* enquanto fabricante de espaços. De forma que, a multiplicidade de publicações é apresentada a partir da ótica de que determinados “nichos” discursivos e imagéticos são perceptíveis. Tais como as narrativas sobre o funcionamento do jornal, as figurações dos perfis que compõem a associação, a sensibilidade saudosa e a pátria distante que molda a identidade portuguesa emigrada. Esses são elementos, os quais, nesta Tese, funcionam como eixos, que pulsam das folhas d'*A Saudade* e participam dos movimentos artísticos e políticos da sociedade carioca da segunda metade do século XIX. Palavras-chave: Imprensa literária, Oitocentos, Emigração portuguesa, Saudade, Espaço.

ABSTRACT

This Thesis has as research object the periodical *A Saudade* of the Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro (association of Portuguese emigrants in the then Brazilian Empire capital). The periodical was published weekly in two series; the first from August 5th, 1855 to February 8th, 1857, and the second from April 15th, 1861 to October 5th, 1862. This journal is composed by studies of literature, philosophy, theology, history and biography, as well as by novels, chronicles, plays and poems. Through *A Saudade*, the Grêmio sought to give visibility and social recognition to its members. The actions of periodical publication participate of a historical context marked by the construction of national identities (both Portuguese and Brazilian), by the literary romantic movement, by the fomentation (through symbolic narratives and institutional actions) of the Portuguese emigration to Brasil, by the multiplicity of social types and displacement experiences, as well as by a system of recommendations that favored commercial activity in Portuguese hands in Rio de Janeiro in the 19th century. This last point promoted the emergence, on the one hand, of associative spaces and, on the other, anti-Portuguese feelings and discourses. Understanding that the work of art participates in an intermittent political game, this Thesis proposes a reading of *A Saudade* as a producer of spaces. So, the multiplicity of publications is presented from the perspective that certain discursive and imageic “niches” are perceptible. Like as the narratives about the journal’s functioning, the figurations of the profiles that compose the association, the *saudosa* sensitivity and the distant homeland that shapes the Portuguese emigrant identity. These are elements, which in this Thesis work as axis, that pulse from the *A Saudade*’s pages and participate in the artistic and political movements of Rio de Janeiro society in the second half of the 19th century.

Keywords: Literary press, 19th century, Portuguese emigration, Saudade, Space.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 Capas e primeiras páginas da 1ª série d'A Saudade.....	23
Figura 2 Capas e primeiras páginas da 2ª série d'A Saudade	23
Figura 3 Antonio Xavier Rodrigues Pinto.....	280
Figura 4 Bernardino Pereira Pinheiro.....	281
Figura 5 José Coelho Lousada	282

SUMÁRIO

Introdução	22
Capítulo 1 – Uma história para o jornal <i>A Saudade</i>: surgimento, funcionamento, vitórias e derrotas.	36
<i>A fundação do jornal do Grêmio e sua relação com demais espaços</i>	36
<i>Representações, funções e conflitos n’A Saudade</i>	48
<i>Dificuldades como caminhos para a conquista de reconhecimento</i>	69
Capítulo 2 – Figurações dos emigrados portugueses: classe caixeiral, o mendigo, o “brasileiro” e a mocidade	89
<i>Classe caixeiral portuguesa do Rio de Janeiro</i>	89
<i>O mendigo e o “brasileiro”: os dois lados da emigração portuguesa</i>	101
<i>Mocidade trabalhadora e estudiosa</i>	117
Capítulo 3 – Usos e apropriações da saudade: pela mocidade, pela identidade portuguesa e pelo exilado	133
<i>Idade da verdadeira poesia</i>	133
<i>Todos desejam identificar-se com os pensamentos d’amarga saudade</i>	152
<i>A saudade como manifestação do estar onde não se está</i>	166
Capítulo 4 – A construção da pátria enquanto <i>pátria querida</i>: aquela que desperta orgulho, dever, desejo de partir e retornar	188
<i>O orgulho em ser súdito da pátria</i>	188
<i>O passado glorioso português: exemplo e apelo para o presente</i>	203
<i>Da partida ao retorno: a jornada heroica do emigrado</i>	229
Considerações Finais	255
Bibliografia ativa	263
Corpus	263
<i>A Saudade</i>	263
Periódicos citados	268
<i>A Águia</i>	268
<i>Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro</i>	268
<i>A Messe</i>	268
<i>Correio da Manhã</i>	268
<i>Correio Mercantil</i>	269
<i>Diario do Commercio</i>	269
<i>Diário do Rio de Janeiro</i>	269
<i>Gazeta Luzitana</i>	269
<i>Jornal do Comércio</i>	269
<i>Lusitano</i>	269

<i>O Futuro</i>	269
<i>O Portuguez</i>	269
<i>Revista Universal Lisbonense</i>	269
Bibliografia	270
Apêndices	280
APÊNDICE A – Biografias e comentários sobre autores d’A Saudade	280
<i>Antonio Xavier Rodrigues Pinto</i>	280
<i>Bernardino Pereira Pinheiro</i>	281
<i>Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro</i>	281
<i>Francisco Gonçalves Braga</i>	281
<i>João Dantas de Souza</i>	281
<i>José Coelho Lousada</i>	282
<i>Manoel Leite Machado</i>	282
<i>Reinaldo Carlos Montóro</i>	282
Anexos	284
<i>A DESPEDIDA. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 1, p. 6-7, domingo, 10 fev. 1856.</i>	284
<i>ALMEIDA, Rapozo de. A Saudade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 1, p. 1-2, domingo, 10 fev. 1856.</i>	285
<i>AMARAL, M. X. V. da Silva. O S. João na minha terra. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 21, p. 165-166, domingo, 29 jun. 1856.</i>	286
<i>AMIGO CHRONISTA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 7, p. 71-72, domingo, 27 jul. 1862.</i>	287
<i>AOS NOSSOS assignantes. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 11, p. 81, domingo, 20 abr. 1856.</i>	289
<i>AOS NOSSOS assignantes. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 1, domingo, 31 ago. 1856.</i>	290
<i>AOS NOSSOS assignantes. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 18, p. 137, domingo, 28 dez. 1856.</i>	290
<i>A SAUDADE. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 1, p. 1-2, domingo, segunda-feira, 15 abr. 1861.</i>	291
<i>A SAUDADE. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 25, p. 229-230, domingo, 23 mar. 1862.</i>	292
<i>A SAUDADE. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 12, p. 109, domingo, 5 out. 1862.</i>	293
<i>AZEVEDO, José Victorino da Silva. O que é – saudade!. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 3, p. 28-29, domingo, 1 jun. 1862.</i>	293
<i>AZEVEDO, José Victorino da Silva. Ao Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 61, domingo, 13 jul. 1862.</i>	296
<i>BANDEIRA, A. M. S. A queda de Cápua. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 34, domingo, 2 set. 1855.</i>	297

BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 23, p. 183-184, domingo, 13 jul. 1856.	298
BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 24, p. 191-192, domingo, 20 jul. 1856.	301
CAMPOS, José Velloso d'Almeida. A' mocidade. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 1, p. 7, segunda-feira, 15 abr. 1861.	304
CAMPOS, José Velloso d'Almeida. Claro-Escuro. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 4, p. 27-29, domingo, 26 mai. 1861.	305
CARACTER portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 7, p. 56, domingo, 23 mar. 1856.	307
CASTRO, J. J. Barboza de. Minha Mãe. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 8, domingo, 31 ago. 1856.	307
CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 10, p. 83-84, domingo, 18 ago. 1861.	308
CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 11, p. 95-96, domingo, 1 set. 1861.	309
CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 13, p. 116, domingo, 6 out. 1861.	311
CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 23, p. 219-220, domingo, 23 fev. 1862.	312
CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 24, 1861, p. 228, domingo, 9 mar. 1862.	314
CORTIÇO, José Antonio dos Santos. A Saudade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 11, p. 83, domingo, 20 abr. 1856.	315
CORTIÇO, José Antonio dos Santos. Relatorio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 2, p. 9-10, domingo, 7 set. 1856.	316
DECLARAÇÃO. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 40, domingo, 9 mar. 1856.	318
DUNLOP, Julio R. A mocidade portugueza do Rio de Janeiro. A Saudade, série II, 1º ano, n. 9, p. 66-67, domingo, 4 ago. 1861.	318
DUNLOP, Julio R. A mocidade portugueza no Rio de Janeiro. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 13, p. 106-108, domingo, 6 out. 1861.	319
ELISIO, Echo. Adeus. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 26, p. 208, domingo, 27 jan. 1856.	324
ELISIO, Echo. Cartas a Aldina. III. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 117-118, domingo, 18 mai. 1856.	325
FERREIRA, A. da Silva. A' memoravel coroação do novo Rei Lusitano. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 8, p. 64, domingo, 23 set. 1855.	326
FERREIRA, José Miguel Dias. O cemitério. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 9, domingo, 17 fev. 1856.	326
L. O Caixeiro. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 8, domingo, 31 ago. 1856.	327

LEAL, Guerra. <i>Theatro de S. João. Concerto do Sr. Noronha. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 4, p. 31-32, domingo, 2 mar. 1856.</i>	328
LEMOS, Constantino Joaquim de Azevedo. <i>Ao meu amigo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 27, p. 209-210, domingo, 3 fev. 1856.</i>	329
LIMA, A. J. Carvalho. <i>Desalento. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 2, p. 14-15, terça-feira, 30 abr. 1861.</i>	330
LIMA, A. J. Carvalho. <i>Hontem... e hoje!. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 5, p. 37-38, domingo, 9 jun. 1861.</i>	332
LIMA, J. Evangelista de. <i>Francisco Gonçalves Braga. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 50-52, domingo, 13 jul. 1862.</i>	333
LOUSADA, J. C. <i>A pá d'Aljubarrota. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 39-40, domingo, 2 set. 1855.</i>	335
LOUSADA, José Coelho. <i>Hymno ao Porto. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 22, p. 175, domingo, 6 jul. 1856.</i>	337
LOUSADA, J. C. <i>Os trinta annos. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 3, p. 27-28, domingo, 1 jun. 1862.</i>	337
LYRA, José Antonio de. <i>O pobre cego. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 9, p. 71-72, domingo, 30 set. 1855.</i>	338
MACHADO, Manoel Leite. <i>Fragmento de Mitologia. A Liberdade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 15, p. 113, domingo, 11 nov. 1855.</i>	340
MACHADO, Manoel Leite. <i>Saudade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 26, p. 208, domingo, 27 jan. 1856.</i>	341
MACHADO, Manoel Leite. <i>Minha patria. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 23, p. 183, domingo, 1 fev. 1857.</i>	341
MAGALHÃES, João Augusto Rodrigues de. <i>Saudades de minha mãe. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 22, p. 175, domingo, 25 jan. 1857.</i>	343
MENSAGEM de pezames. <i>A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 19, p. 175, domingo, 29 dez. 1861.</i>	344
MONTÓRO, Reinaldo Carlos. <i>A viagem do Bardo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 16, p. 123-124, domingo, 14 dez. 1856.</i>	345
MONTÓRO, Reinaldo Carlos. <i>A exilada do Ipiabanha. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 15, p. 126-127, domingo, 3 nov. 1861.</i>	347
MONTÓRO, Reinaldo Carlos. <i>A exilado do Ipiabanha. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 21, p. 192-193, domingo, 26 jan. 1862.</i>	348
MONTÓRO, Reinaldo Carlos. <i>Esperança. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 25, p. 230, domingo, 23 mar. 1862.</i>	351
NOVAIS, Faustino Xavier de. <i>Ao Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 10, p. 82-83, domingo, 18 ago. 1861.</i>	351
OLIVEIRA, Jeronymo Joaquim de. <i>Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 16, p. 121, domingo, 25 mai. 1856.</i>	353
OLIVEIRA, Jeronymo Joaquim de. <i>Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 17, p. 129-130, domingo, 1 jun. 1856.</i>	354

<i>PEREIRA, V. dos Santos. Poesias de Francisco Gonçalves Braga. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 85-87, domingo, 1 set. 1861.</i>	355
<i>PEREIRA, V. Santos. Redempção. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 1, p. 10, domingo, 4 mai. 1862.</i>	359
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Ao Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 2, p. 14-15, domingo, 12 ago. 1855.</i>	360
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. S. Damaso Papa. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 37-38, domingo, 2 set. 1855.</i>	361
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas II. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 12-13, domingo, 17 fev. 1856.</i>	362
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Mathilde II. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 3, p. 21-23, domingo, 24 fev. 1856.</i>	362
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Mathilde IV. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 34-35, domingo, 9 mar. 1856.</i>	364
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Saudades. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 8, p. 61, domingo, 30 mar. 1856.</i>	365
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Incertezas. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 10, p. 77, domingo, 13 abr. 1856.</i>	366
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 14, p. 105-106, domingo, 11 mai. 1856.</i>	367
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XIII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 113-114, domingo, 18 mai. 1856.</i>	368
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XVIII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 20, p. 153-154, domingo, 22 jun. 1856.</i>	370
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. Paginas intimas XXIII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 25, p. 193-194, domingo, 27 jul. 1856.</i>	372
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. Paginas intimas I. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 3, domingo, 31 ago. 1856.</i>	373
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Lagrimas. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 8, p. 62-63, domingo 19 out. 1856.</i>	374
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. Paginas intimas XIII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 13, p. 97, domingo, 23 nov. 1856.</i>	376
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XVII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 17, p. 129-130, domingo, 21 dez. 1856.</i>	376
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. A' mocidade. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 4, p. 25-26, domingo, 26 mai. 1861.</i>	378
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Antonio de Gouvêa. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 87, domingo, 1 set. 1861.</i>	380
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Antonio de Gouvêa. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 12, p. 100-102, domingo, 15 set. 1861.</i>	381
<i>PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. A Associação. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 52-54, domingo, 13 jul. 1862.</i>	383

<i>PINTO, Diocleciano David Cesar. As margens do meu Douro. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 4, p. 30-32, domingo, 26 ago. 1855.</i>	385
<i>PINTO, Diocleciano David Cesar. O Mendigo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 119-120, domingo, 18 mai. 1856.</i>	388
<i>PINTO, Diocleciano David Cesar Pinto. Saudades. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 4, p. 31-32, domingo, 21 set. 1856.</i>	389
<i>PINTO, José Rodrigues de Xavier. Fragmento de uma carta. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 11-12, domingo, 17 fev. 1856.</i>	390
<i>PINTO, José Rodrigues de Xavier. O Padre Antonio Vieira. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 33, domingo, 9 mar. 1856.</i>	391
<i>PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 8, p. 57-58, domingo, 30 mar. 1856.</i>	392
<i>PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 9, p. 65-66, domingo, 6 abr. 1856.</i>	393
<i>PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, n. 10, p. 73, domingo, 13 abr. 1856.</i>	394
<i>PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 12, p. 91, domingo, 27 abr. 1856.</i>	395
<i>PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 13, p. 98-99, domingo, 4 mai. 1856.</i>	396
<i>PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 14, p. 108-109, domingo, 11 mai. 1856.</i>	397
<i>PRIMEIRO de Dezembro. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 16, p. 138-139, domingo, 17 nov. 1861.</i>	398
<i>PROLOGO. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 1, p. 1-2, domingo, 5 ago. 1855.</i>	399
<i>RIBEIRO, Eugenio Arnaldo de Barros. Tenho saudades do passado tempo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 17, p. 136, domingo, 25 nov. 1855.</i>	400
<i>RIBEIRO, Thomaz. A Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, anno 2, n. 10, p. 89-90, domingo, 7 set. 1862.</i>	401
<i>SANTOS, José Pinto dos. Saudades de Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 13, p. 101, domingo, 23 nov. 1856.</i>	403
<i>SILVA, José de Moraes. “Mancebo, deixa esta terra, Porque nella és desgraçado”. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 21, p. 167-168, domingo, 23 dez. 1855.</i>	404
<i>SOUZA, João Dantas de. Recordação. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 8, p. 62-64, domingo, 23 set. 1855.</i>	405
<i>SOUZA, João Dantas de. Recordações. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 14, p. 110-111, domingo, 30 nov. 1856.</i>	409
<i>SOUZA, João Dantas de. Uma pagina de minha vida. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 19, p. 146-147, domingo, 4 jan. 1857.</i>	410
<i>SOUZA, João Dantas de. Uma pagina de minha vida. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 21, p. 163-164, domingo, 18 jan. 1857.</i>	411
<i>SOUZA, João Dantas de. Aos assignantes da – Saudade –. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 24, p. 187-188, domingo, 8 fev. 1857.</i>	413

<i>SR. CHRONISTA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 62-64, domingo, 13 jul. 1862.....</i>	414
<i>VIANNA, Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira. Saudação. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 5, p. 46-47, domingo, 29 jun. 1862.....</i>	417
<i>VICTORINO, Semeão Pinto. O que resta?... A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 10, p. 75-76, domingo, 2 nov. 1856.....</i>	419
<i>WASGINGTON, J. Aquelle. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 40, domingo, 9 mar. 1856.</i>	421
<i>X. Chronica. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 19, p. 179-180, domingo, 29 dez. 1861.</i>	421

*Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.*

Cecília Meireles

Introdução

E' lei da natureza, dizem varios escriptores que tudo o que tem principio, ainda as cousas mais instaveis, tem mais tarde ou mais cedo seu fim. Quem tiver visto, porém, morrer de um para outro dia folhas litterarias, dispondo de grandes recursos, e debaixo de bons auspicios, não poderá dizer que foi curta a existencia da *Saudade*, que apenas contou por si os esforços e boa vontade de alguns jovens ainda inespertos para uma tarefa tão espinhosa. (SOUZA, v. III, 1857, p. 188).¹

Com essas palavras, João Dantas de Souza, português, escritor do jornal *A Saudade* e sócio fundador do Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro, abre o último texto do periódico, após um ano e meio de publicações semanais. O referido jornal foi um projeto do Grêmio, associação de jovens portugueses emigrados na, então, capital do Império. O Grêmio não aceitava sócios brasileiros (MACHADO, 2001, p. 272) e tinha por objetivo reunir, promover encontros, saraus, discussões sobre literatura, filosofia e história, bem como instruir e, principalmente, dar visibilidade e meio de publicação para os escritos de seus membros. Desse último ímpeto nasceu *A Saudade*, jornal de uma das muitas agremiações portuguesas cariocas, o qual se destaca por suas máximas literárias e instrutivas. No trecho de finalização, fica evidente o desejo de reconhecimento e memória para com suas ações, com sentidos heroicos, tendo em vista a *tarefa espinhosa*² que era a fundação e manutenção de uma folha literária na segunda metade do Oitocentos. Ainda assim, dali a quatro anos, *A Saudade* renasceria sob uma nova série, com antigos e novos membros que compunham o Grêmio.

Ao todo, *A Saudade* contou com três anos de publicações (1855-1857 e 1861-1862), de forma que a data de oito de fevereiro de 1857 encerrava, pois, o terceiro volume (assim como o terceiro semestre) da primeira série do jornal, que, desde cinco de agosto de 1855, circulou semanalmente sob o nome de *A Saudade - Publicação Litteraria e*

¹ Nesta Tese, a transcrição dos trechos dos textos d'*A Saudade* (e demais periódicos tomados como fontes históricas) mantém a grafia original dos documentos. Essa escolha se dá como meio de aproximar o leitor da forma escrita da linguagem oitocentista, preservando-a e chamando atenção para suas particularidades. Dentre essas, está, por exemplo, a ausência de letras maiúsculas com acentuação. Em decorrência da maneira como as matrizes eram montadas para a elaboração do texto a ser impresso nas tipografias (em que cada letra era disposta uma ao lado da outra manualmente), não cabiam acentos acima das caixas altas (onde se colocavam as letras maiúsculas, diferentemente das letras minúsculas inseridas nas caixas baixas). De forma que, eram utilizadas aspas simples na frente da letra maiúscula para indicar seu acento agudo. Tal como se pode observar no início do trecho de João Dantas de Souza, em que *Ê* é escrito *E'*.

² O uso do itálico será utilizado, ao longo da Tese, para destacar palavras e expressões retiradas dos trechos apresentados, tanto d'*A Saudade* como de demais obras e documentos. Esse recurso se justifica como forma de atentar para os discursos elaborados pelo jornal, reforçando ideias e formas de linguagem do próprio corpus da pesquisa. Assim como reutilizar terminologias de demais autores que sirvam de instrumental analítico para este estudo.

Instructiva. Em 1861, desta vez sob o título *A Saudade - Periodico Litterario*, deu-se início um novo esforço do Grêmio de tornar públicas (tanto para o próprio grupo, como para a sociedade em geral) suas produções literárias. Novamente, o periódico tem um período de publicação de um ano e meio (de quinze de abril de 1861 a cinco de outubro de 1862), não mais separados em volumes, mas em primeiro e segundo ano³.

Figura 1 Capas e primeiras páginas da 1ª série d'A Saudade

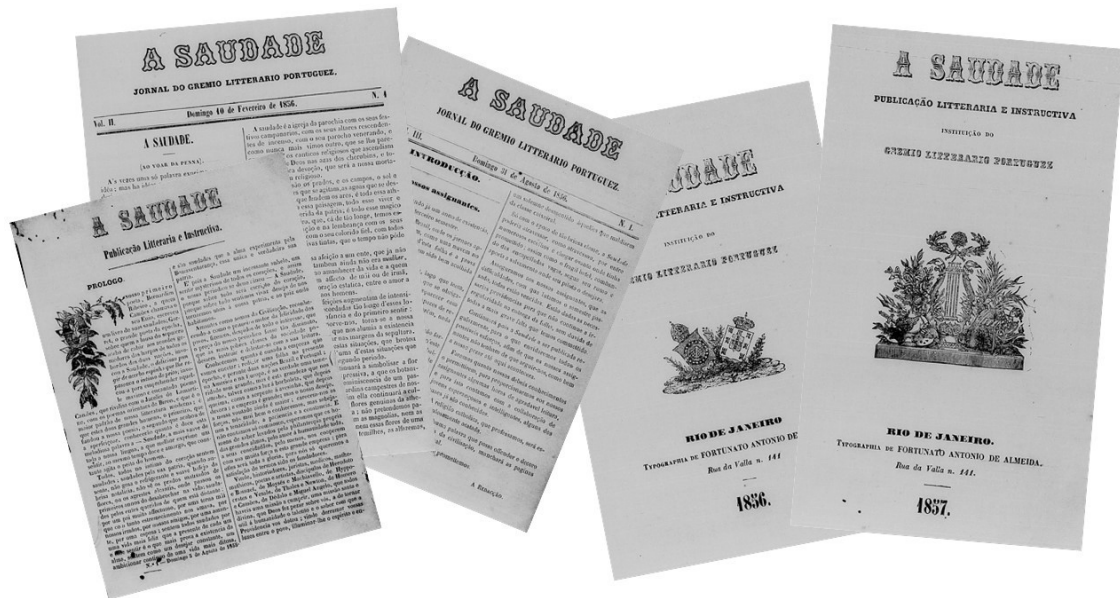


Figura 2 Capas e primeiras páginas da 2ª série d'A Saudade



³ Considerando a diferença de delimitação interna à obra, nesta Tese, as referências aos textos da primeira série (1855-1857) são demarcadas com “v.”, indicando o volume (I, II ou III), e da segunda série com “ano” (mantendo a grafia impressa no periódico) indicando o ano (1º ou 2º).

A defesa de uma existência que não se pode dizer *curta*, como escreve Souza, é o discurso introdutório destas reflexões, uma vez que evidencia a importância do jornal para o coletivo que faz representar. Além de ser uma obra artística e pedagógica, *A Saudade* aparece, aos olhos do pesquisador, como exercício político, ou seja, como resistência de um grupo sentido e vivido por sua excentricidade, por seu caráter estrangeiro, estranho, *emigrado*.

A escolha do termo *emigrado* para dizer dos portugueses residentes no Rio de Janeiro está amparada nos textos d'*A Saudade*, os quais fazem uso recorrente desse vocábulo, bem como de *desterrado* e *proscrito*. Trata-se da adoção da perspectiva do “nós” da escrita periódica, de quem se vê, fundamentalmente, como aquele que emigrou, enfocando a ação passada de deixar a pátria e não a de entrar em terra estrangeira, como implica o sentido de *imigrado*. O uso de *emigrado* para se referir a si próprio não é uma escrita desprovida de um sentido vinculado a todo o corpo narrativo d'*A Saudade*. Este diz principalmente do elo dos sujeitos com a pátria, em detrimento da conexão com o país que habitam. Esse aspecto identitário e literário é, inclusive, problematizado por meio da utilização do termo *emigrado*.

Nesta Tese, o jornal *A Saudade* é compreendido como meio de produção de espaços para uma parcela dos portugueses residentes na cidade do Rio de Janeiro, em especial, nas décadas de 1850 e 1860. Os escritores dessa obra se apresentam, por meio da escrita periódica, como representantes de um grupo resistente, em luta constante contra forças e poderes (tal como aqueles que ameaçam, até mesmo, a existência de folhas literárias *dispondo de grandes recursos e debaixo de bons auspícios*). Os poemas, contos, crônicas, romances de folhetim, peças, notícias sobre Portugal, estudos históricos e filosóficos, escritos sobre religião, progresso, ciência e tradição d'*A Saudade* (textos de diversos gêneros) são lidos como instrumentos com os quais redatores e leitores edificam espaços que os identificam e os diferenciam de demais sujeitos.

Questões em torno da origem cultural e geográfica dos portugueses emigrados, seus destinos, funções sociais, sensibilidades e condutas morais, permitem a construção de um conhecimento sobre os sujeitos que escrevem *A Saudade*. Acentuando características comuns e compartilhadas, o jornal do Grêmio cria modelos que se repetem numa performance contínua de estar e participar de espaços, no quais os iguais se reconhecem como tais.

Nesse sentido, a chave de leitura desta Tese é uma interpretação dos discursos e imagens em funcionamento n' *A Saudade* enquanto elementos produtores de espacialidade.

O conceito de espaço pode abarcar múltiplas definições e explicações, assim como é amplamente debatido nas diferentes áreas do conhecimento: literatura, geografia, história, filosofia, física. O espaço é pensado enquanto categoria analítica por diferentes abordagens e, por isso, atribuir-lhe um sentido e um uso é um exercício amparado em um território do saber, em meio a tantos outros existentes e em debate.

Nesta Tese, o conceito de espaço é compreendido, fundamentalmente, por seu caráter ficcional, ou ainda, enquanto produção discursiva. Nas palavras de Michel Foucault (2013, p. 116): “não existe uma só cultura no mundo que não constitua heterotopias. Eis aí uma constante de todo grupo humano”. Utilizando o espelho como uma metáfora para explicar o conceito de heterotopia, Foucault entende que esse termo faz referência ao: “local, que eu ocupo no momento em que me olho no vidro, ao mesmo tempo absolutamente real, em ligação com todo o espaço que o cerca, e absolutamente irreal, já que tal local precisa, para ser percebido, passar por esse ponto virtual que está ali” (FOUCAULT, 2013, p. 116). Ou seja, um lugar no qual me percebo, atrevesado por utopias (no sentido de espaços irreais), assim como é construído a partir de experiências, referenciais, imagens reais e circundantes; “a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si mesmas incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p. 118). Com base nessa proposta reflexiva, o Grêmio Literário Português e seu jornal *A Saudade* (espaços reais, palpáveis, materiais) aparecem intercruzados com vários outros sítios. Estes surgem, justamente, como resposta a um momento de ruptura, ou, como escreve Foucault, uma heterocronia:

As heterotopias estão associadas, muito frequentemente, a recortes do tempo; isto é, elas se abrem para o que se poderia chamar, por pura simetria, de heterocronias. A heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional. (FOUCAULT, 2013, p. 118).

Daí que Foucault (2013, p. 121) compreenda que: “O navio, essa é a heterotopia por excelência”, marcado pela viagem a diversos espaços, símbolo de um horizonte aberto aos sonhos e às conquistas. Imagem que está associado à própria marca da identidade portuguesa emigrada.

Nesse viés, esta Tese propõe a ideia de que *A Saudade* edifica heterotopias, a partir das quais o ser português emigrado se constitui. São espaços atravessados por elementos

empíricos e ficcionais, tais como: seu sentimento saudoso, sua tradição gloriosa, seu perfil poético romântico, seu passado na pátria, seu presente em solo desconhecido, seus desejos e expectativas individuais e coletivas em relação ao futuro. Esse repetitivo “seu” reforça o desejo de posse sobre as construções que a obra fabrica. Daí que elas sejam lidas como espacialidades, uma vez que emergem da escrita literária d'*A Saudade* como exercícios de poder, no sentido em que demarcam o “nós” e o separa dos demais, os “outros” (brasileiros, portugueses residentes em Portugal, espanhóis, dentre outros). Assim, *fronteiras* são criadas, identificando e diferenciando sujeitos.

A ideia de espaço auxilia essas reflexões, pois permite pensar como a criação literária é atravessada por relações de poder. Esses espaços são territorializados, no sentido em que não é habilitado a todos os sujeitos a participação nas representações criadas n'*A Saudade*. Ela escolhe, recorta, inclui e exclui, definindo quem são os portugueses emigrados. Para o ser, é necessário o trabalho e o estudo, a participação em associações, o conhecimento da produção literária em língua portuguesa e da história da pátria, assim como é necessário o cantar glorioso e saudoso em nome dela. Essas obrigatoriedades (que serão aprofundadas nas reflexões ao longo da Tese) são fronteiras que fazem dos espaços literários *territórios*, um conceito fundamental, pois como defende Oziris Borges Filho (2008): “No conceito de território temos a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária. O cenário ou a natureza transformar-se-ão em território quando houver uma disputa por sua ocupação e/ou posse”.

Assim, o conceito de espaço se relaciona com os de fronteira e de território para pensar os jogos políticos, as lutas e os embates travados na produção literária. Transformar um espaço em território implica na criação de fronteira; é tomar posse. Posse de um espaço físico (uma sala, um prédio onde deve funcionar a associação, por exemplo), um nome (*A Saudade*), um sentimento (saudoso), uma condição poética e existencial (o exílio), um estilo de escrita (periódica, romântica), dentre outros elementos constitutivos do corpo coletivo. Além desses aspectos, o espaço aparece construindo imagens afetivas que inspiram sentimentos de pertencimento. Nesse caso, o discurso é edificado por narrativas que contribuem para reforçar os laços, os vínculos identitários, ganhando, portanto, sentido de *lugar próprio*. O *lugar* diz do espaço ao qual é atribuído valor de acolhimento; nele se encontram sentidos de segurança e lar (TUAN, 1983, p. 3). Tal como pode ser percebido na publicação da segunda série do jornal, em que o cronista, num texto em formato de carta destinada a um amigo, escreve:

A nossa *roda*, como sabes, vive sempre afastada do grande movimento. Creou uma espécie de *mundo aparte*, fundeou, e não ha vento de feição que lhe faça levantar o ferro em demanda de mundos desconhecidos. Calma nas aspirações, modesta no trato e no viver, não *lobrigou* ainda o porto desejado por tantos, porque a humildade das vistas importa a exclusão das ambições exageradas. Não quero dizer com isto que sejamos de todo inuteis, não. Ha por ahi muitos *parvos* empertigados, que se julgam com direito ás homenagens do proximo, que pódem attestar, querendo, a utilidade do *nosso pequeno mundo*, mas como a modéstia obriga, deixo-lhes o cuidado das provas, para exemplo de muitos. (X., 1º anno, 1861, p. 180, grifos do autor).

O uso de um modelo de carta (em que o pseudônimo X. escreve para C.) presentifica o leitor, coloca-o na posição do amigo, cria um elo fraterno e faz da escrita uma confiança com sentido de verdade; é uma estratégia de aproximação e convencimento. Uma das instituições que o texto funda é a do espaço do coletivo (de leitores e escritores, ou ainda, amigos). As construções de um *mundo a parte*, *nosso pequeno mundo*, *nosssa roda* (em destaque pelo próprio autor do texto) evidenciam a demarcação de um espaço que se quer fronteado. Aqueles que estão situados dentro dessa delimitação passam a fazer parte de um mesmo grupo, uma mesma identidade.

A imagem de tal espaço é pintada em tons de calma, modéstia e humildade, onde não existem ambições exageradas, mas ambições em processo de conquista, tornando *útil* esse *pequeno mundo* para a sociedade, pelas vias da instrução e da literatura, as máximas d'*A Saudade*. Tais máximas, porém, não se restringiam a esse impresso. A defesa de uma utilidade da imprensa periódica e literária como meio de formação e, conseqüentemente, *progresso* e *ilustração* da sociedade, é recorrente entre os jornais cariocas, em especial, no contexto de publicação do jornal do Grêmio. Como escreve Vinicius Cranek Gagliardo:

os anos compreendidos entre 1841 e 1870 marcam o auge desse processo educacional: foi então que os literatos se consolidaram como os principais colaboradores da imprensa periódica, proliferaram os títulos publicados com ênfase na atividade literária e científica e os debates de cunho político cederam espaço às belas letras, consideradas instrumentos fundamentais de educação e civilização. (GAGLIARDO, 2015, p. 138).

A Saudade participa desse processo educacional da imprensa periódica. Sua proposta está alinhada a um discurso para além de suas fronteiras, em que demais jornais e perfis de escritores e leitores estão presentes. O Grêmio se insere no universo de debates intelectuais e cria seu *pequeno* espaço, singularizado não só pela apresentação de uma voz portuguesa emigrada, como, também, *humilde*, sem formação acadêmica e reconhecimento social. Com essas caracterizações, o jornal toma para si uma missão

instrutiva, representando a importância de seu grupo, em meio a uma sociedade heterogênea, no progresso geral.

No trecho da “Chronica”, o pronome “nosso” (em *nossa roda e nosso pequeno mundo*) evidencia a criação do vínculo coletivo como, também, o exercício de poder que reclama uma posse de um espaço para o grupo. A forma como se dá essa demarcação é possível de ser lida no periódico enquanto exercício de edificação de *lugares próprios*, tal como escrevem Eduardo Marandola Júnior e Priscilla Marchiori Dal Gallo:

A necessidade por parte do migrante de preservar sua personalidade, sua identidade e voltar a ter a sensação do pertencimento leva a um gradual e contínuo processo de edificação de “lugares próprios”, os quais permitem ao migrante enraizar-se. Estes lugares e suas articulações são, na verdade, o território dos migrantes. Esses lugares se configuram como base e fundamento das redes sociais estabelecidas por eles. (MARANDOLA JÚNIOR; DAL GALLO, 2010, p. 412).

Esses lugares, à primeira vista, dizem de órgãos, associações, prédios, escritórios onde os emigrantes se encontram e criam projetos visando seus interesses. A proposta desta Tese, porém, vai no sentido de alargar essa compreensão para perceber, para além desses espaços físicos, espaços ficcionais. Os *lugares próprios* são, também, lugares imaginados, criados ou reforçados pelos emigrados, como: a nacionalidade, missão, jornada, origem e destino, posicionamento em uma hierarquia social, sensibilidade. Ao criarem um *ethos* comportamental, ideias e valores, assim como histórias para um grupo, então, formado pelas características que ligam os emigrantes, um espaço é edificado. Um espaço fundamentalmente político, pois é fronteado. Ora, se não é português não se pertence ao grupo d’*A Saudade*. Se não é trabalhador, escritor, amante das letras buscando instrução, também, não se entra nesse espaço. Se não sonha saudosos com a pátria, não se participa desse *lugar próprio*.

A ideia proposta é: a obra periódica, artística e policamente, cria territórios do ser. Eles se formam, mas não se cristalizam; definem o coletivo tal como uma *comunidade imaginada*. Esse conceito é construído por Benedict Anderson para pensar as nações porque: “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). Uma vez criados, os nacionalismos: “se tornam ‘modulares’, capazes de serem transplantados com diversos graus de autoconsciência para uma grande variedade de terrenos sociais, para se incorporarem e serem incorporados a uma variedade igualmente grande de constelações políticas e ideológicas” (ANDERSON, 2008, p. 30). Essas

considerações são suporte das reflexões desta Tese. O coletivo se forma ficcionalmente n' *A Saudade*. Uma *comunidade imaginada* é criada na imprensa literária periódica; uma comunidade vinculada pela ideia de comunhão. Assim, o periódico é criador não só de um grupo nacional (ideia elaborada por Benedict Anderson), como de um grupo que se vale dessa nacionalidade para instituir um espaço em destaque dentro dela: o ser português emigrado.

A Saudade cria, pois, um lar para o emigrado português, ou ainda, *um pequeno mundo*. A voz, representante de um coletivo que se enuncia deslocado, acaba por fabricar um meio no qual signos comuns são articulados e ressignificados. Não por acaso, Eduardo Marandola Júnior e Priscilla Marchiori Dal Gallo, refletindo sobre a edificação do *lugar próprio* pelos migrantes, utilizam a mesma expressão que a “Chronica”: *pequenos mundos*.

Do ponto de vista existencial, os migrantes constroem territorialidades próprias que são verdadeiros microcosmos ou pequenos mundos nos quais compartilham lugares, paisagens, signos e símbolos. Nos microcosmos tem-se uma existência espacial coletiva: o grupo pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante por partilhar uma mesma cultura e um determinado estilo/modo de vida. (MARANDOLA JÚNIOR; DAL GALLO, 2010, p. 415).

O *pequeno mundo*, o *lugar próprio*, ou ainda, o *microcosmo* do português residente no Brasil em meados do Oitocentos é, na proposta interpretativa desta Tese, territorializado na escrita da *A Saudade*. Por ela se materializam espaços e se legitimam redes de sociabilidade.

Um estudo, tal como se quer este, amparado na ideia de que na obra literária se edificam espaços, exige uma percepção fluída sobre as fronteiras entre real e ficcional. A literatura não é, portanto, compreendida como representação do real, assim como o espaço não é tomado como elemento puramente físico. A literatura constrói o real. Os espaços de organização, encontro, identificação, reconhecimento e troca são, simultaneamente, literários, políticos e sociais. Espaços que os sujeitos constroem e nos quais participam de uma performance discursiva para se sentirem e se fazerem pertencer. Nas palavras de Marisa Martins Gama-Khalil (2010, p. 224): “Muito além de uma simples geografia física, proliferam dos espaços as geografias humana, social, psicológica, ideológica, e a geografia literária, que se esquia de toda possível topografia”. Tal como se pode refletir com o “Prologo”, texto inaugural do periódico, no qual se defende a nomeação do jornal, identificando seus participantes pela sensibilidade saudosa (por estarem distantes da pátria e da família) e atribuindo-lhes uma *utilidade* social:

E' pois a Saudade um incessante anhelos, um sentir mysterioso de todos os corações, e assim o nosso periódico se denominou – A Saudade, porque sobre tudo será escripto do coração, porque sobre tudo sentimos vivaz desejo de nos tornarmos uteis á nossa pátria, e ao paiz onde habitamos. (PROLOGO, v. I, 1855, p. 1).

A fala indica um caminho de compreensão sobre a produção discursiva d'*A Saudade*: aquele que não tem pertencimento ao espaço, ou ainda, anseia e aspira o espaço deixado/perdido, usa desse sentimento como elemento criador do seu espaço no “aqui” e “hoje”. Assim, saudade se transforma em *A Saudade*. Essa transformação se vale de referenciais míticos da cultura portuguesa. Como escreve Bela Feldman-Bianco (1992, p. 35): “Saudade, uma palavra originada no século XVI, está associada a essa constante peregrinação portuguesa pelo mundo. Enquanto construção cultural, a saudade define a identidade portuguesa no contexto de múltiplas camadas de tempo e espaço”. Fazer uso desse signo linguístico, vinculado à uma memória coletiva, institui uma *performance pública da portugalidade oficial*, para utilizar uma expressão de Eduardo Caetano da Silva (2003, p. 131).

Essa *portugalidade oficial* aparece enquanto modo de ser, ou ainda, padrão que apela e instrui os sujeitos na forma pela qual devem participar de seus espaços compartilhados. Assim, elementos literários, históricos e míticos da tradição portuguesa são renovados e reatualizados num novo contexto para a construção do “nós”. O que não quer dizer ser irreal o produto dessa ação criativa e nominativa. Nas palavras de Huston (2010, p. 20): “Falar não quer dizer apenas nomear, dar conta do real; é também moldá-lo, interpretá-lo e inventá-lo”. A enunciação de uma sensibilidade saudosa (como elemento identificador do grupo) é, também, uma das formas pelas quais os escritores inventam seus espaços.

Nesse viés, as ideias de espaço e pertencimento estão vinculadas. Ter um espaço do qual se faz parte é ter um pertencimento, ainda que a marca de singularidade desse espaço seja o discurso do não-pertencimento. Essa é uma das principais particularidades d'*A Saudade* e um dos motivos pelos quais compreende-se essa obra como gatilho para o aprofundamento das discussões literárias sobre migração, literatura e, principalmente, pertença, uma vez que as enunciações do periódico são caracterizadas por um constante esforço de definição do emigrado português em terras brasileiras enquanto sujeito sem espaço, desterrado, proscrito e, conseqüentemente, saudoso. Este é um perfil criado ficcionalmente para dar identidade a um grupo em situação de deslocamento. Ainda que sejam muitas e variadas as condições e vivências dos portugueses que emigraram para o

Brasil no século XIX, é possível perceber no jornal um esforço em formar um *ethos* deslocado para esse grupo identitário. O que faz d'*A Saudade* um espaço conquistado brava e heroicamente, tal como pode ser percebido, ainda, no texto “Prologo”:

Conhecemos quanto é ousada a empreza que vamos encetar; redigir uma folha na presente época, e perante duas nações Brazil e Portugal; na America e na Europa, é na verdade uma temeridade mui grande, mas é esta grandeza que nos attrahe, talvez como a luz á borboleta, que depois queima, como a serpente á avezinha, que depois devora; a empresa é grande; mas o nosso desejo, a nossa vontade ainda é maior; carecem-nos as forças, nós mui bem o conhecemos, mas sobejanos a tenacidade, a paciência e a constancia. (PROLOGO, v. I, 1855, p. 1).

O sentido de resistência e orgulho pelo empreendimento que é o jornal aparecem, com base nos trechos apresentados, tanto no momento de despedida e finalização, como faz João Dantas de Souza, como no momento inaugural, enunciado pela fala coletiva (na primeira pessoa do plural), criando a empresa e a apresentando às sociedades portuguesa e brasileira. Nesse ato, o “nós” aparece repetitivamente e é metaforizado pela *borboleta* e *avezinha* frente à luz da realidade viperina.

A leitura proposta por esta Tese busca aprofundar as reflexões em torno das falas d'*A Saudade*, tal como foi feito em relação aos trechos apresentados, problematizando como os funcionamentos delas agem sobre aquilo que se diz.

A falta de pertença, assim como os obstáculos e as ameaças enunciados no jornal, são elementos artísticos e políticos que identificam o grupo e edificam seu espaço. Trata-se da formação de um espaço no e pelo jornal, a partir do discurso da falta de espaço, ou ainda, de um perfil para sujeitos que se dizem *obscurecidos*.

Ser emigrado, português, caixeiro, leitor e escritor, amante das letras, parte da mocidade trabalhadora e estudiosa, saudoso da pátria, sofredor em terra estrangeira, melancólico solitário, ansioso pelo retorno... Cada uma dessas caracterizações são imagens em ebulição nas folhas do jornal e, nos mais diversos gêneros textuais e literários, funcionam como tijolos sobrepostos um sobre os outros, repetitivamente utilizados na construção de um muro, daquilo que separa o grupo daqueles que lhes são diferentes. Mas cabe lembrar que essa separação se faz ao passo que se desfaz. A construção da identidade nunca é algo pronto e acabado. Trata-se de um constante fazer, desfazer e refazer. Portanto, os tijolos são conceituações abstratas para se pensar as construções, na prática os “muros” estão inacabados, com diversos desvios, buracos, rachaduras...

Por mais que o exercício de criação de espaços fronteados seja uma normativa nos discursos d'*A Saudade*, é, também, possível perceber a fronteira cedendo lugar ao interstício e o isolamento do emigrado encontra corações iguais e amigos; os conflitos entre brasileiros e portugueses são abafados por uma ideia de irmandade; as tensões entre os que emigraram e os que na pátria ficaram se diluem pelo sentimento da saudade. Afinal, os discursos são vazados por interesses em jogo, ou seja, em constante mudança. As diferentes abordagens e perspectivas não eliminam o esforço de constituição do grupo, mas o situam em relação a demais espaços e identidades que, uma vez reconhecidos como diferentes, são aproximados por interesses de parceria e conquista. Assim, os diferentes se tornam iguais, as fronteiras são atravessadas, os muros derrubados e as certezas transvalorizadas. Como escreve Stuart Hall (2006, p. 38) sobre a identidade: “Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”.

A Saudade é, nesse sentido, um documento rico em ações, criações literárias e identitárias, além de ser um objeto pouco explorado nos Estudos Literários. Portanto, esta Tese busca chamar atenção para essa obra, seus autores, seu contexto, bem como para a beleza e a potência que suas produções têm. Elas enriquecem as considerações sobre as sensibilidades e as identidades vinculadas à emigração portuguesa para o Brasil e às experiências das agremiações literárias no século XIX. Este estudo faz, ainda, uma leitura norteada pelos espaços que são edificados a partir de determinados signos, imagens, estruturas poéticas, palavras e sentidos, cuja repetição evidencia a participação de múltiplos autores e leitores na construção de uma obra una. A problematização do jornal permite, pois, um aprofundamento sobre a complexidade do sujeito português na sociedade brasileira nas décadas de 1850 e 1860.

O recorte cronológico não desvincula esta análise de demais contextos históricos, mas diz de um fazer temporal e espacialmente localizado. *A Saudade* é um dentre tantos documentos que manifestam projetos, sentimentos e normas de um determinado grupo, sendo seu estudo uma forma de ressignificar a produção narrativa como elemento criador de espaços e, conseqüentemente, modos de ser e funções do sujeito ambivalente, estrangeiro, então, territorializado pelo discurso do desterro, ou seja, fazendo seu *ser* e *estar* por meio de uma voz que se diz *não-ser* e *não-estar*.

Vários e diferentes nomes assinam as publicações abordadas. As individualidades e particularidades desses escritos e escritores são pensados em correlação com chaves de

leitura teórica mais amplas, de forma a compreender que as diferentes autorias estão vinculadas pela construção coletiva de espaços comuns.

Para além da seleção de um ou mais autores, o recorte escolhido como norteador das discussões deste trabalho parte de espacialidades formadas nos discursos do periódico. Alguns pontos que tocam essas formações podem ser percebidos nas discussões introdutórias inspiradas pelos trechos d'*A Saudade* apresentados. Eles serão aprofundados por meio de uma estrutura analítica constituída por quatro categorias entendidas como espaciais: o jornal, a classe, a saudade e a pátria. Essas espacialidades estão relacionadas e imbricadas umas às outras nos discursos que instituem o *pequeno mundo* do português emigrado. Ainda assim, a proposta desta Tese é construir um esquema de leitura e análise em que cada uma dessas composições possa ser pensada enquanto fio condutor de momentos específicos do estudo do jornal.

No Capítulo 1, busca-se analisar a produção do espaço do jornal. Quais as imagens atribuídas a *A Saudade* por suas próprias linhas, como e porque elas funcionam da maneira como aparecem. Nesse sentido, as narrativas sobre sua fundação, sua história, seus escritores e seus leitores, recepção, embates na sua manutenção, assim como o encadeamento que dá para os obstáculos, as conquistas e os perecimentos do periódico são analisados. Portanto, trata-se de um olhar que problematiza como são percebidos e fabricados os espaços do jornal, entendendo que este emerge dos textos como narrador-personagem de sua história. Os trechos selecionados para as reflexões do primeiro capítulo se voltam para o próprio jornal; é metalinguístico, assim como é autoformador. Nas falas destinadas a si mesmo, ficam cada vez mais claras as características que fronteiam e particularizam *A Saudade* e seu grupo.

Em continuidade às reflexões sobre as imagens instituídas do jornal sobre si, no Capítulo 2, o enfoque está não tanto na obra, antes, nos sujeitos que a produzem e os quais ela quer representar. Trata-se de uma investigação sobre as figurações construídas sobre o emigrado português que vive em terras brasileiras: imagens da classe caixeiral, de personagens pobres e mendigos (por um lado), enriquecidos e retornados (por outro), bem como das diferenças de gerações e de um grupo jovem, em destaque, que encabeça o projeto de regeneração de seu coletivo por meio de ações agremiativas e associativas. O coletivo português é na prática heterogêneo, porém, no jornal, ele ganha determinados perfis literários, imagens e sentidos de comunidade, espaços bem delimitados e fronteados. O segundo capítulo se detém sobre essas construções figurativas.

No Capítulo 3, analisam-se os usos e as significações da saudade. Seu caráter espacial vem ao encontro da ideia de que ela é uma propriedade portuguesa, ou ainda, do jovem emigrado português. A forma como esse símbolo linguístico, identitário, poético e cultural da literatura portuguesa é utilizado no contexto do jornal do Grêmio indica caminhos para a compreensão da saudade enquanto espacialidade sentimental, ou seja, como elemento literário que territorializa um modo de ser e sentir para uma parcela portuguesa na sociedade carioca. A saudade exerce tanto função de identificar a nova geração de escritores portugueses, como vinculá-los por meio da identidade nacional e atribuir-lhes uma voz poética exilada e amparada em modelos literários do romantismo.

O espaço em enfoque nas reflexões do Capítulo 4 é a pátria, ou melhor, não tão somente a pátria, antes: *a pátria querida*. Sobre ela são sobrepostos valores afetivos, tradicionais, de orgulho e pertencimento. Ela é o elo do grupo; o ponto de origem que marca o início, bem como o fim, de um ciclo mítico que se espera viver na emigração. Dela se parte para ela, um dia, voltar. Assim, vivendo da lembrança dela, da declaração de amor para ela e na expectativa de retorno, a identidade portuguesa é mantida e reatualizada no desterro.

Nesta Tese, os trechos apresentados são recortes selecionados para apresentar, de forma sucinta, a interpretação dos funcionamentos discursivos no jornal. Para pesquisadores e leitores que quiserem aprofundar o estudo ou a curiosidade sobre a obra, acompanha este texto o Anexo, no qual os documentos citados encontram-se referenciados e transcritos na íntegra. Tal proposta funciona como facilitador para a consulta das fontes, bem como um convite de leitura e um tributo para *A Saudade* e seus autores.

Finalizando essas considerações introdutórias, cabe reforçar que a ideia central deste trabalho é estudar as publicações do jornal *A Saudade* sob o prisma da edificação de espaços por parte dos emigrados portugueses na sociedade carioca da segunda metade do século XIX. Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 59): “Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficientes em que atuar”. Edificar espaços é ação de busca pela liberdade; é projetar o futuro, transcender o presente. Enfim, é, essencialmente, ação criadora e poética. A expressão de si e de seu grupo enquanto sujeito(s) fora do centro delimita um *lugar próprio*. Portanto, em diálogo com os versos da “Canção excêntrica” de Cecília Meireles, entende-se *A Saudade* como manifestação da “procura de espaço/ para o desenho da vida” (MEIRELES, 1983, p.148). Procura intensa e cansativa, sempre incompleta, o que faz com que o desenho da vida desses emigrados apareça de forma

caleidoscópica: inebriante e fugidia. Ainda assim, as páginas que se seguem buscam renová-las; mirá-las para o sol, uma vez mais.

Capítulo 1 – Uma história para o jornal *A Saudade*: surgimento, funcionamento, vitórias e derrotas.

A fundação do jornal do Grêmio e sua relação com demais espaços

Assim pois, Srs., a idéa d'uma associação aonde se reunissem alguns jovens desejosos de cultivar sua intelligencia, de aprender a exprimir em publico os seus pensamentos mutuamente, sem se escandalisarem por algum dito menos reflectido, encontrou escolhos poderosamente fortes: todavia levados por sentimentos poderosos, seis jovens instituíram a sociedade *Luso-Instructiva* (OLIVEIRA, v. II, 1856, p. 121).

O Relatório do Grêmio Literário Português, de onde o trecho foi retirado, é proferido em reunião da associação pelo, então, presidente, Jeronymo Joaquim de Oliveira, e publicado n' *A Saudade*. No texto percebe-se uma voz representativa do jornal instituir a história do impresso. Esse discurso fundador é o ponto de partida deste capítulo, destinado à reflexão sobre as narrativas da obra sobre si como forma de demarcação de uma espacialidade.

Não se trata de um autor ou uma personagem, o foco está no jornal; sua história, as imagens imbricadas a sua trajetória, ao seu funcionamento, aos seus leitores e escritores, as suas batalhas, as suas vitórias e aos seus perecimentos. As publicações abordadas indicam caminhos sobre a construção narrativa que o jornal (buscando a voz una que perpassa suas diferentes autorias) faz de si mesmo. Nesse narrar, o espaço do jornal emerge em meio à dinâmica da sociedade carioca e do meio português emigrado.

A Sociedade Luso-Instrutiva, embrião do Grêmio Literário Português, é particularizada em relação a demais organizações literárias e instrutivas por ter sido composta de *jovens*. Estes, por estarem entre iguais, não se sentiriam tolhidos por suas “faltas” intelectuais. A origem da associação baseia-se, nesse sentido, na construção de um espaço para uma geração específica; para que ela se sinta mais à vontade.

As considerações em torno da motivação inicial para a construção da Sociedade Luso-Instrutiva parecem colocar em foco um conflito de gerações. Essa ideia é apresentada por Sébastien Rozeaux. Este, em diálogo com A. A. de Barros Martins (em seu *Esboço histórico do Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 1837 a 1912*), entende a fundação do Grêmio como parte da crise do Gabinete de Leitura Português em decorrência do “conflito de gerações que teria oposto os fundadores do gabinete de leitura a seus membros mais jovens” (ROZEAUX, 2016, p. 495). Esse

conflito pode ser lido como uma resistência dos *jovens* às hierarquias do saber, de um possível sentimento de subjugação sentido perante aqueles mais *experientes*, com maiores níveis de instrução, ou, até mesmo, como busca por um espaço em que pudessem explorar novas ideias e novos estilos estéticos sem a vexatória de abordagens mais conservadoras (como eram as dos membros do Gabinete de Leitura Português). Essas hipóteses se fortalecem na leitura d'*A Saudade*; seus textos, alinhados a modelos românticos, tecem fortes críticas à sociedade moderna.

Em seus primórdios, a modéstia dessa iniciativa associativa de jovens portugueses e *inexperientes* pode ser percebida pela caracterização que Ubiratan Machado faz do Grêmio e seus membros:

Nos primeiros tempos, sem recursos, o Grêmio funcionava em um segundo andar no Largo do Rosário, numa sala humilde, rodeada de bancos. Ao centro, uma mesa tosca, onde à noite eram acesas duas velas, enfiadas em grosseiros castiçais. O ambiente era pobre, mas os rapazes, ricos de idealismo. (MACHADO, 2001, p. 272-273).

Uma das figuras centrais do idealismo do Grêmio é citado no relatório enquanto guia no processo de fundação da associação e suas folhas literárias: “A sociedade caminhava vagarosamente, como caminham as águas d’um manso ribeirão, quando apareceu o Sr. Bernardino Pinheiro” (OLIVEIRA, v. II, 1856, p. 121). Essa aparição vem com sentido de liderança revolucionária; é um marco a partir do qual a Sociedade Luso-Instrutiva muda o nome para Grêmio Literário Português e passa a colocar em prática o desejo (que não era proposta na Sociedade) de publicar um periódico.

A narrativa desenvolve uma história com tons épicos. A desistência ao projeto por parte de alguns sócios heroiciza a ação daqueles que permaneceram: “eles puderam conseguir por si, e pelos seus amigos angariar quatrocentas e tantas assignaturas, e a *Saudade* seguiu seu caminho de prosperidade, tendo á frente, como principal redactor o Sr. Bernardino Pinheiro”. (OLIVEIRA, v. II, 1856, p. 121).

Com base na biografia de Bernardino Pereira Pinheiro, conhece-se que, além de sócio fundador do Grêmio, formou-se na Escola de Comércio de Lisboa antes de emigrar para o Brasil, e, após ter retornado à pátria, graduou-se na Faculdade de Direito da Universidade, passando a atuar como conservador do registro das hipotecas de Lisboa. Soma-se à sua carreira profissional a atuação e contribuição como escritor em diversos periódicos portugueses e brasileiros, e a publicação de livros.

O relatório parte de uma origem, a Sociedade Luso-Instrutiva, humilde e restrita (*como caminham as águas d’um manso ribeirão*) para a apresentação do Grêmio

Literário Português enquanto associação de grande envergadura e representatividade, sendo Bernardino Pinheiro seu “pai fundador”. Apesar de seu retorno para Portugal no fim do primeiro volume do jornal *A Saudade*, a figura de Pinheiro funciona no periódico como personificação de um modelo para o grupo: jovem, português, escritor, amante das letras que conquista um lugar no meio artístico e intelectual, desejoso pelo progresso e engrandecimento social de seus compatriotas e, enfim, *emigrante de retorno*.

A expressão *emigrante de retorno* é utilizada por Jorge Fernandes Alves (1993) para se referir aos portugueses que emigraram para o Brasil no século XIX, em especial na primeira metade (em que a emigração portuguesa é voltada, principalmente, para as atividades de comércio e o grau de instrução entre os emigrantes é maior), e retornaram para Portugal, muitos sem grandes riquezas, mas alguns enriquecidos.

Assim, os *emigrantes de retorno* participam do imaginário português e incentivam a emigração para o Brasil. Uma emigração visando o retorno e o enriquecimento. Esses sujeitos são elementos fundamentais para os projetos e as utopias, individuais e coletivas, no processo de emigração portuguesa. Nesse sentido, Bernardino Pinheiro é figura em destaque. Ele serve de exemplo para demais portugueses que emigraram para o Brasil e buscaram nas letras um caminho de formação e *ilustração* (para utilizar termo recorrente n’*A Saudade*) como forma de destaque social e transformação de um estereótipo vinculado a muitos emigrantes (considerados provincianos, ignorantes e incultos). O grupo que permanece, após o retorno de Bernardino Pinheiro, não apenas dá continuidade ao seu projeto, *A Saudade*, como reconhece no seu trajeto pessoal a manifestação do destino coletivo. Tal como escreve Vania Maria Cury:

Ao mesmo tempo, ao organizarem os membros da comunidade lusitana em agremiações recreativas e beneficentes, criavam para seus representantes mais destacados um veículo de confirmação da ascendência e da liderança que exerciam sobre os conterrâneos. A integração comunitária propiciada pelas instituições associativas, porém, não eliminava as diferenças sociais e econômicas que existiam entre os portugueses residentes no Brasil. (CURY, 2002, p. 245).

Dizer de onde veio o Grêmio, quem o compôs, quando e como se modificou, quais suas figuras exemplares, suas conquistas e enfrentamentos, faz do periódico um espaço sobre o qual são atribuídos valores honrosos e sentimentos identitários de pertença. Afinal, o passado é construção operada no presente. A história de fundação d’*A Saudade* apresentada em assembleia geral é, ainda, publicada e veiculada na imprensa, o que faz de seu público um número maior e seu intuito com tal narração potencializado. Trata-se de um processo de fundação e manutenção do jornal com sentidos de bravura para o

fortalecimento dos laços. As diferenças (sociais e econômicas) não tem visibilidade, nesse discurso, pois seu intuito é a união. O projeto d'*A Saudade* é enunciado como o projeto do “todo”, do coletivo imaginado.

Ao situar o Grêmio em relação a demais associações literárias é possível perceber, porém, uma multiplicidade de esforços e conflitos internos a essa suposta comunidade coesa. A história d'*A Saudade* não está restringida a si, mas se insere num movimento mais amplo de exercícios políticos e associativos vinculados à identidade portuguesa no Rio de Janeiro. Como o próprio relatório apresenta, o Grêmio na sua origem era Sociedade Luso-Instrutiva, que nasce de uma dissolução com o referido Gabinete Português de Leitura (criado em 1837). Em 1859, parte do Grêmio funda o Retiro Literário Português. Essa dissidência ocorre, segundo Ubiratan Machado, porque: “Alguns sócios do Grêmio achavam que a instituição não devia se restringir a organizar saraus e reuniões, mais empenhar-se também no preparo dos caixeiros portugueses para outras profissões” (MACHADO, 2001, p. 273). Também, produto de divergências é, em 1868, fundado, a partir de uma dissidência do Retiro, o Liceu Literário Português. Este, segundo Elisa Muller (2002, p. 312): “só passou a diferir da [sociedade] precedente em 1869, quando o sócio Francisco Baptista Marques Pinheiro propôs que o Liceu se transformasse em uma escola de ensino noturno aberta a brasileiros e portugueses”. Essas associações evidenciam as edificações de diferentes espaços, com finalidades intrutivas no campo das letras, para uma determinada parcela de portugueses.

O surgimento renovado de agremiações coloca em foco os conflitos internos, os interesses e os referenciais que se chocam, gerando novas delimitações espaciais. Tanto os rompimentos, quanto a fundação de associações, inclusive, de periódicos (como é o caso, por exemplo, do periódico literário *O Futuro*, criado em 1862 por um dos redatores d'*A Saudade*, Faustino Xavier de Novais), evidencia como existem diferentes projetos em constante embate no meio português carioca oitocentista. Eduardo da Cruz entende, inclusive, a fundação d'*O Futuro* como um dos obstáculos para a manutenção d'*A Saudade*. O autor escreve: “O Futuro, revista literária do Faustino, que contava com intensa colaboração de Machado de Assis e de Camilo Castelo Branco, acabaria por impossibilitar a continuação d'*A Saudade*, por terem basicamente o mesmo público” (CRUZ, 2019, p. 35).

A Saudade, portanto, tem proximidade com demais espaços por ser projeto de uma associação de portugueses emigrados que buscam nas letras o caminho para se instruírem e se fazerem ver como sujeitos importantes para pátria e para o progresso geral da

civilização. Sua particularidade diz de uma representação daqueles, cujas trajetórias de vida não passaram por academias (ainda que possam vir a passar, como foi o caso de Bernardino Pinheiro); não possuem nomes com grande fama no meio artístico português e brasileiro; são, em geral, jovens trabalhadores do comércio (em posições menores, como aprendiz de caixeiro), mas almejam um enriquecimento material e social.

Nesse sentido, as características do periódico (estéticas, identitárias e, até mesmo, materiais) permitem aprofundar os conhecimentos sobre formação e representatividade dos portugueses emigrados no Brasil.

A Saudade foi uma publicação semanal, cujos números foram lançados, em geral, aos domingos. Cada número era composto de 8 páginas (com algumas exceções de quantidade maior de páginas) e, na primeira série, o valor anunciado referente à assinatura da folha é de 3\$000 (três mil réis) semestrais e 6\$000 (seis mil réis) anuais. Esta informação consta em alguns números do segundo volume da primeira série, finalizados com a seguinte “Declaração”:

A assinatura para esta folha é paga adiantada; no escriptorio da empresa rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000: para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$. O pagamento da assinatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros quatro numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros números, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os números recebidos. (DECLARAÇÃO, v. II, 1856, p. 40).

A informação a respeito do envio do jornal pelo correio é significativa, pois coloca em foco o alcance, para além da cidade do Rio de Janeiro, do público leitor e, conseqüentemente, do grupo que se sente pertencer e representar pelo periódico. Fica evidenciada, também por meio desse documento, parte das dificuldades enfrentadas pelo jornal: o cancelamento de assinaturas, bem como a reação imperativa e de resistência da imprensa, expressa tanto na exigência de pagamento adiantado quanto na punição em forma de devolução.

Os valores mencionados servem como base para pensar a constituição do espaço do jornal, recorrentemente autointitulado de *modesto, humilde e inexperiente*, em relação a demais periódicos do período. Dois dos jornais de maior tiragem na cidade do Rio de Janeiro no período eram os diários *Jornal do Commercio* (1827-2016) e *Correio Mercantil* (1848-1868). Este com valor de 8\$000 a assinatura no semestre, e aquele de 12\$000 a 15\$000. Valores superiores ao d’*A Saudade*, tanto por serem impressos de

grande renome e circulação, tendo um público-alvo amplo, como por sua periodicidade diária.

Entre os periódicos semanais cariocas contemporâneos d'*A Saudade* estão: *A Marmota* (1869-1864), publicado duas vezes na semana e com assinatura no valor de 5\$000 (na corte) ou 6\$000 (fora da corte) o semestre. *A Marmota Fluminense* (1854-1858), também, publicado duas vezes na semana sob o valor de 5\$000 a assinatura semestral. *A Grinalda* (1850), periódico semanal com assinatura mensal de \$600. *O Athleta* (1856-1857), publicado uma vez por semana, com número com 4 páginas e valor de 5\$000 por 50 números (o que seria, aproximadamente, um ano de publicação).

Outros periódicos com características próximas às d'*A Saudade* (publicações semanais e vinculadas à identidade portuguesa), são referências que permitem um melhor comparativo: a *Gazeta Lusitana* (1883-1888) possuía a anuidade de 12\$000 e *O Portuguez* (1861-1865) de 10\$000. Ambos tinham números com a metade da quantidade de páginas de um número d'*A Saudade*, apesar do valor superior das assinaturas. Além destes, houve o *Lusitano* (1861), publicado duas vezes na semana e com o valor do trimestre de 3\$000, e *O Futuro* (1862-1863) publicação quinzenal, com números de aproximadamente 35 páginas e anuidade de 15\$000. Esses são alguns exemplos da multiplicidade de periódicos na sociedade brasileira em geral e, inclusive, dentro da comunidade portuguesa. Apesar de terem custos aproximados (considerando a quantidade de publicação e o número de páginas), o valor das assinaturas é elemento que aponta para um público específico d'*A Saudade*, de poucos recursos financeiros (como são os jovens caixeiros portugueses) e com expectativas de elevação do status social. Além disso, pode ser pensado como uma das estratégias que sustentaram a duração significativa do jornal do Grêmio, quando comparada com demais impressos literários do contexto.

Eduardo da Cruz (2015, p. 22) apresenta uma tabela com um levantamento sobre os periódicos de associações de portugueses no Rio de Janeiro entre 1830 e 1900. Nesta, as duas séries d'*A Saudade* (consideradas em unidade) se encontram entre as dez publicações (entre cinquenta e quatro) com maior período de publicação. Essa informação revela tanto a importância expressiva da continuidade do jornal enquanto órgão literário representante dos portugueses na capital do Império, quanto a multiplicidade de esforços e abordagens que esse grupo efetuou ao longo do século XIX para a consolidação de espaços por meio da imprensa periódica.

Os números d'*A Saudade* não possuem anúncios, de forma que sua manutenção foi custeada, exclusivamente, pelas assinaturas. O jornal possui um tamanho de folha de

28x19 cm e os textos das páginas estão divididos em duas colunas verticais, um modelo recorrente nas *revistas*⁴ literárias, como é o caso da *Revista Universal Lisbonense* (1841-1853) de António Feliciano de Castilho (uma grande referência para o Grêmio).

O primeiro volume da primeira série d'*A Saudade* (1855) foi publicado pela Typographia de Fortunato Antonio de Almeida na rua da Valla n. 141. A partir do 5 n. do segundo volume dessa mesma série (já no ano de 1856), o impresso passa a ser publicado pela Typographia Americana de José Soares de Pinho na rua da Alfandega n. 210. Na segunda série (1861-1862) o periódico é publicado pela Typographia de Pinheiro & Companhia na rua do Cano n. 165. Além dessas tipografias e d'*A Saudade*, o Grêmio Literário Português publicou, entre a primeira e segunda série do periódico, o *Album do Gremio Litterario Portuguez* (1858). Este foi um anuário de 269 páginas, dedicado a Alexandre Herculano e composto de textos em prosa e poemas dos membros do Grêmio, publicado pela Typographia de Teixeira & Companhia na rua do Ouvidor n. 91.

A capa do *Album* apresenta as referências: *Publicação anual* e *Primeiro ano*, evidenciando o projeto de um impresso anual pelo Grêmio após findada a primeira série d'*A Saudade*. Projeto que consta, inclusive, no “Estatuto Grêmio Literário Português” (1857, p. 4 e 10 apud MARQUES, 2020, p. 29). Porém, o ano 1858 foi o único em que tal intuito foi efetuado.

As complexidades da história do Grêmio (a fundação d'*A Saudade*, as dificuldades em manter o periódico, seu término, o lançamento do *Album*, o renascimento das folhas semanais e seu derradeiro fim), bem como as diferentes tipografias envolvidas nos impressos do Grêmio são elementos fundamentais na reflexão sobre a importância das publicações para essa associação e como o esforço de fazê-las se renovava. Além disso, aponta para a multiplicidade de folhas literárias e empresas tipográficas que cresciam no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Segundo Ana Luiza Martins:

Mas se, inicialmente, contavam-se nos dedos os números de tipografias do país, a atividade foi crescente ao longo do século, registrando-se no Rio de Janeiro uma tipografia em 1808; meia dúzia em 1822; vinte e cinco em 1850; trinta em 1862; um sem-número delas em 1889; quase que uma a cada esquina em 1908. (MARTINS, 2015, p. 57).

Ao longo do Oitocentos, pela imprensa, a sociedade era informada, entretida, afrontada, educada e, principalmente, delimitada em espaços e coletivos. Como escreve

⁴ As características materiais e visuais d'*A Saudade* colocam o periódico em proximidade com as *revistas* do período: textos longos, público restrito, folhas de tamanho entre 20 a 30 cm e encadernadas. Porém, o termo utilizado, não só no subtítulo da primeira série como nos textos internos, é *jornal* para se referir ao impresso. Daí que esta Tese mantenha essa nomeação.

Tania Regina de Luca (2008, p. 140): “De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”. A produção literária vinculada ao romantismo é parte fundamental desse fazer.

O romantismo no Brasil é retratado recorrentemente como movimento literário de caráter nacional, influenciado pela onda europeia e produzido por figuras que passaram pelos bancos das academias. De forma que haveria, inclusive, um preconceito com relação a esse fazer, uma vez findada a formação, pois poderia comprometer a carreira profissional e política do escritor (MACHADO, 2001, p. 170). Tais considerações, porém, não são totalizantes. O caso d’*A Saudade*, por exemplo, distingue-se por seus autores serem portugueses, emigrados, provenientes, em sua maioria, de regiões rurais, sem terem passado pelos bancos das academias, trabalhadores do comércio e combatentes do preconceito contra a literatura, encontrando nela um espaço de instrução e transformação de suas representações na sociedade. Esta é uma *individualidade peculiar*, utilizando expressão de Jacó Guinsburg, que contribui com o estudo da variedade de grupos intrínseca ao que se denomina *romantismo*:

o Romantismo, na sua propensão historicizante, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças, que têm antes culturas do que civilizações, que secretam uma individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros. (GUINSBURG, 2011, p. 15).

Nesse sentido, trazer um olhar para uma publicação, tal como é *A Saudade*, é um exercício que aprofunda num objeto específico da produção romântica em língua portuguesa como forma de contribuir para uma visão do conjunto; das relações artísticas e identitárias da sociedade, assim como das relações entre imprensa, imigração e literatura romântica no Brasil. Assim, a abordagem em torno do fazer literário entende este como não subjugado aos eventos de uma política institucional no Brasil, ou seja, o romantismo não se explica pelo “cenário do Brasil Imperial”; antes, o produz. A ideia de que o contexto enquadra suas manifestações artísticas leva à ideia destas como meros reflexos determinados pelas condições materiais que as abarcam. Porém, ao contrário, esta proposta reflexiva se dá no sentido de encarar a produção romântica como formativa do seu contexto.

Para Nelson Werneck Sodré, em sua *História da imprensa no Brasil*, a linguagem rebuscada da publicação periódica do romantismo brasileiro é “fútil, palavrosa,

arrebitada, ornamental de escrever”, com “superficialidade de assuntos e de finalidades”, “fascinação pelo vazio e pelo ornamental” e “elaborada para o ócio e para o repouso” (SODRÉ, 1999, p. 162). Para este autor, imprensa política e imprensa literária são campos diferentes. Essa diferenciação vem, em sua análise, para privilegiar as publicações periódicas que debatiam os conturbados eventos da política institucional do Império. Nessa perspectiva, os impressos literários, em especial os românticos, não teriam vez em contextos “agitados”. O período em que teriam ganhado mais impulso, após o golpe da Maioridade, é, para Sodré, reflexo da falta de agitações políticas que deram lugar a um maior domínio e controle imperial ou, em suas palavras, “madorna imperial” (SODRÉ, 1999, p. 184). A imprensa literária aparece, ainda, como ocupante de um vazio deixado pela imprensa política. Suas produções são encaradas como evidência de um período de “estagnação” em decorrência do “auge do poder imperial, que removeu todos os obstáculos” (SODRÉ, 1999, p. 200). De forma que, as questões políticas do fim da década de 1870 mudam o cenário: “a luta política se acirra; a imprensa retoma o fio de sua história, interrompido com a Maioridade” (SODRÉ, 1999, p. 201).

Essa abordagem da imprensa literária romântica desconsidera sua participação nos embates sociais do período; não aprofunda como o estilo romântico pode ser percebido enquanto estratégia discursiva que dá visibilidade para grupos e sujeitos, os identifica dentro de um modelo artístico e dá vazão para críticas sociais, culturais e políticas.

Esta Tese tem como objeto de pesquisa um periódico literário, alinhado aos modelos românticos, sem publicações de cunho partidário, situado no contexto da sociedade carioca das décadas de 1850 e 1860, compreendendo que essa obra participa e enuncia embates frutíferos para os estudos das diferentes áreas do conhecimento: literatura, história, ciências sociais. Busca-se, com a escolha de abordagem desse objeto, desconstruir um olhar que deprecia a literatura do romantismo por ver nela uma suposta “falta” de engajamento aos acontecimentos da história oficial.

A Saudade é obra a partir da qual se percebe como a linguagem da imprensa literária delimita um modo de ser e de se fazer arte. Ela não só constrói um lugar que se quer intelectual e dono da verdade e do belo, como instrui sujeitos a participarem dessa mesma estratégia. Nesse fazer, um grupo é definido, também, pela forma como escreve. O ato da escrita é, portanto, criador de laços e identidades. Nas palavras de Eduardo Lourenço (1988, p. 9): “a identidade, mesmo a do indivíduo, não é mero dado mas construção e invenção de si”. Se reconhece no “outro” um “igual” ou um “diferente” se este escreve dentro de um mesmo padrão. Assim, a arte cria espacialidades, fronteiras,

modos de diferenciação e singularização de si e de seu grupo. Essas ações são ficcionais (no sentido de serem produto de ação humana criativa e artística) e, simultaneamente, políticas (no sentido de uma criação atravessada por luta e reafirmação de identidades que só existem por existirem, também, alteridades).

O sentido de política com o qual se trabalha não diz de uma política restrita aos atos estatais, administrativos, institucionais e partidários, e sim de uma política cotidiana, das relações de poder inerentes à vida em sociedade, criadora de representações para os sujeitos, coletivos, perfis identitários e literários. *A Saudade* é documento participativo dessas construções. O rebuscamento de linguagem é forma de *ilustrar e instruir* redatores e leitores, fazê-los representar por um perfil que se quer admirado e elevado. Mesmo sendo, em sua maioria, portugueses trabalhadores do comércio, numa sociedade repleta de manifestações antilusitanas (em especial, pelo grande controle da atividade comercial pelos portugueses), os membros do Grêmio se reúnem e tornam públicos, pel'*A Saudade*, seus projetos de transformação social. Eles se sentem pertencer de maneira intensa, justamente, por se entenderem em luta, sendo atacados e resistindo, fazendo sua identidade por meio da ação artística da escrita periódica. Na invenção de si criam imagens de sua *utilidade*, da *amizade*, ou ainda, *fraternidade* com os brasileiros, de sentimento saudosistas para com Portugal e etc. Essas construções agem (com força apaziguadora) sobre os embates entre portugueses e brasileiros.

Cabe ressaltar que, no processo de invenção de uma identidade coletiva, uma imagem idealizada do emigrado português em terras brasileiras é formada nas páginas d'*A Saudade*, porém esse coletivo é na prática heterogêneo; possui origens, destinos, desejos, projetos, referenciais, condições materiais, ofícios, idades, gêneros, estados civis variados. Tal como são muitas as associações, seus projetos e impressos. Portanto, *A Saudade* é compreendida como uma forma, dentre muitas, de materializar espaços e figurações dos portugueses. Não há, neste estudo, a pretensão de tomar esse objeto de estudo como indicativo de uma totalidade da mentalidade e sensibilidade do português no Rio de Janeiro em meados do século XIX. Antes, propor uma investigação comprometida com a particularidade da obra, entendendo que nela e por ela espacialidades específicas de um olhar, uma perspectiva para o coletivo, são constituídas.

Assim, pode-se compreender que a imagem, ou ainda, perfil do português vinculado ao Grêmio e a *A Saudade* é um exercício discursivo de tornar coeso e uno um grupo com desejos diversos. *A Saudade* dá visibilidade para um projeto específico. Tal como escreve Eduardo da Cruz sobre a fundação do periódico:

Esses “aventureiros da inteligência” não procuravam novas terras, demandavam sim uma nova posição social, algo que os fizesse crescer a nível pessoal e, sobretudo, como grupo. Eles queriam romper com o estigma de brutos provincianos sem instrução espalhado pela lusofobia brasileira da época. O estudo era necessário para essa mudança. A divulgação de suas obras, uma condição para o reconhecimento, tanto aqui quanto em Portugal. (CRUZ, 2019, p. 31).

Em comparação com os portugueses “aventureiros” de um passado mítico e desbravador, o projeto dos membros do Grêmio figura um tipo de conquista diferente. Ainda assim, a metáfora da busca por terras é um paralelo instigante, uma vez que a posição social e reconhecimento intelectual almejados são exercícios de poder, ou ainda, formas de territorializar o grupo, ou seja, o destacar e o diferenciar da sociedade em geral (tanto brasileira como portuguesa), delimitar quem são, o que fazem, sua importância para o todo além de suas fronteiras (um grupo pátrio ou da língua portuguesa ou, até mesmo, humano) e, ainda assim, mantê-las (pela particularidade e missão do jovem trabalhador escritor emigrado), despertando em seus membros (e possíveis membros) orgulho e desejo de pertencimento.

Os espaços edificados enquanto *lugares próprios* desses sujeitos nunca estão cristalizados, e sim em constante reconstrução e movimento. O exercício reflexivo de situar *A Saudade* enquanto materialização dessas ações de territorialização se complementa com a compreensão da mobilidade intrínseca às construções. A fundação e manutenção de um periódico representativo de um grupo é um fazer em meio a outros fazeres que se transformam mutuamente e continuamente. Portanto, o encerramento da publicação do periódico diz, antes, de um processo constante de luta e renovação das forças e dos ideais que transformam a imagem ficcionalizada para o coletivo. Não é um desenlace da busca por reconhecimento e renovação da identidade portuguesa no exílio, ao contrário, o “fim” é parte do intermitente jogo político de construção, desconstrução e reconstrução de espaços, ou ainda, *cantinhos*:

Não somos poeta! – Deos não nos dotou deste tão santo e sublime predicado! Amamos a poesia e tudo quanto é nobre e magnanimo. Recebemos com entusiasmo qualquer idéa de regeneração social, e acompanhamos passo a passo, o progresso das letras, e da civilização! Não somos poeta, mas sentimos e gozamos; respeito, pois, aquelles que o são!... Vamos tomar parte nessa phalange de jovens escriptores! Ambicionamos o lugar mais modesto, porque o nosso nome, por mais obscuro, nada deve ambicionar também. Desse *cantinho*, escondido das vistas curiosas e indiscretas, seguiremos suas pisadas. (PINTO, v. I, 1855, p. 14, grifo do autor).

Essas palavras foram escritas por um dos principais redatores d’*A Saudade*, Antonio Xavier Rodrigues Pinto, em texto publicado no segundo número do periódico. A

metáfora do impresso enquanto *cantinho*, num momento inaugural, repleto de sentimento de orgulho e expectativas para o futuro, é uma maneira, em proximidade com outras utilizadas no jornal (como *nosso pequeno mundo* e *nossa roda*), para delimitar um *lugar próprio* para esses jovens portugueses. A refutação da denominação de *poetas* para dizer dos escritores d'*A Saudade* reforça a caracterização do jornal enquanto espaço singularizado por sua modéstia.

Gaston Bachelard, em seu estudo de topoanálise, afirma: “o canto é a casa do ser” (1993, p. 147). Para o autor, no *canto*, está implicado o sentido de refúgio e imobilidade. A utilização desse termo numa publicação inicial é significativa, pois atribui ao jornal sentido de estabilidade e aconchego; faz dele ancoradouro existencial e social por meio de representações de acolhimento e segurança, tal como o *canto* figura, ou ainda de forma mais acentuada, o *cantinho*.

O *cantinho* ambicionado e conquistado, segundo Rodrigues Pinto, é *A Saudade*. O periódico não só acolhe e define o grupo como é compreendido enquanto instrumento de transformação social. Nas palavras do autor:

Hoje, que uma phalange de escriptores de talento e mancebos adornados da aureola da intelligencia, escondidos sob o véo da obscuridade, hoje que tem um Periodico em que possam escrever suas inspirações, fazer-se conhecidos do publico, ganhar com seus escriptos a coroa de louro, que cabe ao poeta. (PINTO, v. I, 1855, p. 14).

O grupo aparece composto de *jovens de talento*, porém, *obscurecidos*. O jornal é o meio sobre o qual estão as expectativas de “rasgar” esse *véu*. Espaço, portanto, de acolhimento e transformação, onde, ainda nas palavras de Rodrigues Pinto: “O receio, essa opressão de idéas – desapareceu!” (PINTO, v. I, 1855, p. 14). Sentidos de liberdade e harmonia são atribuídos ao jornal.

O diminutivo do termo para caracterizar o jornal funciona compondo a imagem de *lugar mais modesto*. Esta é reforçada quando comparada com demais espaços, bem consolidados e de grande renome. Ainda assim, o grupo luta por seu *lugar próprio*, jogando o difícil jogo social.

O texto de Rodrigues Pinto, inclusive, faz referência à enunciação veiculada pela imprensa sobre o surgimento d'*A Saudade*: “O Periódico a *Saudade* vae aparecer! – Assim o dizem os prospectos distribuídos aqui e ali; assim o disse o Grêmio Literário nos três Jornais diários da corte” (PINTO, v. I, 1855, p. 14). Os jornais diários podem ser pensados enquanto ocupantes de grandes espaços. Daí que o sentido de modéstia apareça em diálogo com os de grandiosidade. Pois, apesar de ser um *cantinho*, a ação d'*A Saudade*

não tem nada de diminuta; ela é grande. Grande pelo projeto que encabeça: transformar a imagem representativa do grupo, romper o *véu da obscuridade*, ganhar visibilidade e reconhecimento, ou como escreve Eduardo da Cruz, uma nova posição social.

Um dos periódicos mencionados por Rodrigues Pinto é o *Diário do Rio de Janeiro*, primeiro jornal diário brasileiro publicado na, então, capital do país, que circulou entre 1821 e 1878. Nele, algumas semanas antes do início da primeira série d’*A Saudade*, encontra-se um texto, na coluna “Publicações a pedido”, apresentando os ideais do jornal do Grêmio, convidando leitores a se tornarem assinantes e colaboradores para sua redação: “Levados pelo amor á religião, á sciencia, á litteratura, ás belas artes, á civilisação emfim, vamos instituir o periódico – *A Saudade* –, que sahindo todos os domingos, dê aos seus assignantes uma hora de instructiva e delectavel leitura” (*Diário do Rio de Janeiro*, anno XXXIV, n. 192, 1855, p. 2).

A coluna do *Diário do Rio de Janeiro* funciona como uma “parede” dessa vasta “casa”, metáfora para o espaço de um jornal diário com grande número de assinaturas e anos de existência. Essa “parede” concede visibilidade, público leitor, para sujeitos “de fora” dependurarem seus “quadros”, chamarem outros para a constituição de seus *cantinhos*. *A Saudade* é um desses muitos projetos convidando, *a pedido*, participantes para o seu meio. Chama a atenção, nessa publicação, a não menção ao caráter português do jornal. O que pode ser estratégia, no momento de fundação, para conquista de um público que extrapole as fronteiras da identidade pátria.

Representações, funções e conflitos n’A Saudade

A *Saudade*, essa filha predilecta que acariciamos por tanto tempo; a *Saudade, Capitolio* obscuro em que se hastearam as bandeiras d’uma mocidade inexperiente na carreira das letras – uma mocidade que sentia inspiração arder-lhe na mente – conduzindo-a a formar sonhos fagueiros em um porvir mais brilhante; a *Saudade*, em fim, voltou aos braços d’aquelles que a formaram sem outro auxilio mais que os seus bons desejos, e a coadjuvação d’algumas pessoas com que contámos, e contaremos sempre. (AOS NOSSOS, v. II, 1856, p. 81).

Esse trecho faz parte do texto “Aos nossos assignantes”, publicado no segundo volume da primeira série (1856), em que, apesar das dificuldades, anuncia-se a escolha e ação em prol da manutenção do jornal. A metáfora d’*A Saudade* enquanto *capitólio*, nesse cenário, reforça a função atribuída ao jornal como instrumento de visibilidade para a

mocidade portuguesa. Além dessa construção, o periódico é denominado *filha*. A fraternidade imbuída nessa fala se volta para sentimentos íntimos e de pertencimento próprios de um grupo e um espaço restrito. *A Saudade filha*, faz dos membros do Grêmio *família* com o dever de cuidar de sua folha. Ainda no comunicado: “O *Gremio Litterario Portuguez* sentio a necessidade de proseguir na empresa que encetou, porque tem convicção de que a *Saudade* virá a ocupar um lugar distinto entre os jornaes litterarios do Brasil” (AOS NOSSOS, v. II, 1856, p. 81).

A defesa da manutenção d’*A Saudade* é acompanhada da enunciação de seu projeto coletivo: alcançar um *lugar distinto*. Esse alcance é uma expectativa em relação ao futuro. Afinal, entende-se que tal lugar não é ocupado no presente. Trata-se, antes, de uma projeção para manter “acesa a chama” daqueles responsáveis pelo funcionamento do jornal.

Nesse sentido, pode se dizer que a imprensa é percebida enquanto instrumento de transformação social. Essa situação não se dá apenas n’*A Saudade*. A multiplicidade de agremiações e a necessidade expressa de terem seus periódicos dizem de um entendimento coletivo que encontra na publicação um modo de se fazer ver e reconhecer, assim como de realizar projetos coletivos e impulsionar carreiras literárias. Para Almir Pita Freitas Filho, as associações portuguesas na cidade do Rio de Janeiro, do final do século XIX e início do XX, tinham por objetivo materializar uma trajetória bem-sucedida de emigração. Em suas palavras: “A criação e manutenção das associações servia, também, como testemunho e legitimação do sucesso alcançado por seus promotores no país que os acolhera” (FILHO, 2002, p. 172). Essa imagem de sucesso estava atrelada, portanto, aos espaços de apoio e cuidado. Estes possuíam fins financeiros, de saúde, assistência e, principalmente, instrução:

Muitos destes empreendimentos eram, sem dúvida, representativos da ação ilustrada e modernizadora de uma parcela da comunidade lusitana, instalada nos principais centros urbanos do Brasil. Funcionavam não só como um espaço de preservação da cultura, das tradições e valores lusitanos, mas também para alfabetização, ensino profissional e adaptação à nova realidade social, principalmente para o jovem imigrante, a exemplo do Real Gabinete Português de Leitura (1837) e do Liceu Literário Português (1868). (FILHO, 2002, p. 173).

Não apenas as associações citadas, como, também, o Grêmio Literário Português encontra n’*A Saudade* o instrumento com o qual se constrói e prova a carreira ilustrada de seu grupo. Essa é uma das principais funções do jornal: por meio dele se quer revelar (no sentido de destacar) sujeitos perante à pátria distante e à terra em que habitam. Por

isso enviaram informações para o bibliógrafo Innocencio Francisco da Silva, de modo que os redatores d'*A Saudade* e o próprio periódico figurasse no *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

O perfil literário do emigrado aparece, com base nessas enunciações, enquanto aquele que está constantemente buscando constituir seu território e que enuncia sempre a ausência dele. O discurso formador do coletivo, a partir da figura do desterrado, é movimento literário de territorialização, de edificação de um espaço pelo discurso da falta de lugar. Por não possuírem um *lugar próprio*, o Grêmio e *A Saudade* aparecem como instituições necessárias e potentes capazes de conquistar essa ausência. O *lugar distinto*, uma utopia justificativa da obra, emerge do discurso como aquilo que supre o deslocamento.

Em Portugal, muitas vezes, os emigrados são tidos como brasileiros e julgados moralmente pelo abandono da terra natal. No Brasil são considerados portugueses, sujeitos favorecidos pelas redes de proteção e preferência nas atividades comerciais (CURY, 2002, p. 247), além de representarem um desejo de retrocesso político. Alvos, portanto, de manifestações antilusitanas. Porém, pel'*A Saudade*, ambas as construções cedem lugar a um discurso construtivo de uma imagem de *utilidade* para esses sujeitos. Esse é o poder social e sensível que compreendem ter a imprensa. Por ela se almeja um *porvir mais brilhante*, como se encontra no texto “Aos nossos assignantes”, tanto para o grupo (suas representações sociais e visibilidades) como para a sociedade em geral (se fazendo peças importantes para o progresso, não só dos seus, mas da civilização como um todo).

O discurso veiculado no jornal se volta para os assinantes, convocando-os para a atuação no papel de heróis e contribuição à árdua tarefa que, mesmo considerada assim no presente, vislumbra *louros* de uma vitória futura.

A presença do leitor nos escritos d'*A Saudade* é recorrente, em especial, quando se trata de abordar as assinaturas do jornal. Estas expressam o alcance do impresso e garantem sua manutenção. As diversas abordagens no periódico evidenciam que por vezes as assinaturas têm sentidos grandiosos e representam um processo de vitória, por vezes são demasiado cansativas e infrutíferas. Na segunda série do jornal, ao fim do primeiro ano de publicação (1861), lê-se o seguinte apelo na “Chronica”:

Distribue-se com este numero, penultimo do primeiro anno da segunda serie da *Saudade*, circulares e listas, sollicitando a redação n'aquellas assignaturas para o primeiro semestre do segundo anno.

Era desnecessário chamar a atenção dos amigos do periodico para o appello que fazem os *patrões* á sua reconhecida dedicação em cousas da mocidade que tendem a illustral'a. Como há porém alguns que, não sendo amigos *documentados* da *Saudade*, ambicionam o desejo de fornecer esses documentos, proporciona-se-lhes agora esse ensejo, e é bastante que enviem ás casas indicadas nas circulares, no tempo determinado, a competente lista cheia de assignaturas. (CHRONICA, 1º anno, 1861, p. 228).

O primeiro semestre do segundo ano (1862), referido no trecho da “Chronica”, é justamente o último d’*A Saudade*, que encerra suas publicações deixando, inclusive, um romance (“O Sr. Francisco Antonio”, de Antonio Xavier Rodrigues Pinto) sem finalização. Esse fim, de certa forma, abrupto é, antes, perceptível ao longo do jornal por meio de falas, tais como a veiculada na “Chronica”, que expressam certa frustração, por parte dos redatores, com a falta de reconhecimento do público leitor. Uma evidência disso é o número insuficiente de assinantes, ou seria melhor dizer, *amigos documentados da Saudade*.

O trecho é instigante para pensar a importância do público leitor. Este permite o jornal existir e persistir. Portanto, quando se fala n’*A Saudade*, diz-se de um grupo que reúne não apenas administradores (para utilizar a expressão da própria “Chronica”, os *patrões*), como também seus criadores literários, sendo parte integrante desse processo escritores e leitores.

Nesse viés, *A Saudade é filha*, especialmente, de seus leitores. Neles residem as esperanças de realização do projeto da *mocidade* em se *ilustrar*. Diferentemente do papel de um leitor de livro, na imprensa a relação do leitor com o escritor é marcada pela mútua permanência e dependência em um diálogo direto e constante. Esse leitor está presente, tal como na composição literária de um livro, antecipadamente e abstratamente na mente do escritor, porém, no caso da imprensa, sua ação sobre a obra, também, dá-se após a leitura, no processo de “se tornar”. Afinal, a imprensa é periódica, elemento intensificador das relações (tanto de amizade quanto de tensão) entre escritor e leitor.

Assim, para além do *leitor-modelo*, utilizando o conceito de Umberto Eco: “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15), ou seja, que segue as trilhas da ficção como esperadas e antecipadas pelo escritor, o leitor da imprensa movimenta, de forma inesperada, os rumos da criação literária. Ele tem rosto e história familiares, presentes no cotidiano do escritor. Talvez, seja um vizinho, comerciante, amigo, parente ou conhecido. Na imprensa, as reações dos leitores influenciam no corrente processo de consolidação da obra periódica, elemento

significativo para as reflexões sobre seu funcionamento, uma vez que a figura do leitor emerge enquanto sujeito participativo do seu constante fazer e como detentor de um poder (financeiro) de vida sobre o periódico. Ele tece críticas que levam à modificação de autores (como supostamente ocorreu com o cronista na segunda série do jornal), à mudança de temáticas (como se dá na coluna “Páginas íntimas”, escrita por Antonio Xavier Rodrigues Pinto, cujo terceiro volume deixa de ser de crônica e passa a ser “Estudos Históricos”, em resposta às críticas e exigências dos leitores) e, inclusive, ao encerramento das publicações (com os cancelamentos de assinaturas e falta de pagamentos).

Uma das publicações significativas em torno das relações complexas entre escritores e leitores d’*A Saudade*, é, justamente, um texto das “Páginas íntimas”. Este é iniciado com uma “petição imposta” pela Redação (uma comissão de escritores) à Rodrigues Pinto (que, como principal redator, também, faz parte da Redação), responsável pela coluna:

Ao autor das *Páginas íntimas*, para que deixe o estilo *duvidoso* dos seus últimos artigos, sob este título, e escreva no gênero *jocoso* alguma coisa que possa distrahir os leitores, e chamar assignantes á folha. Do contrario largará o lugar a outro que o desempenhe melhor.

Por ordem

X. A. (PINTO, v. II, 1856, p. 153, grifo do autor).

O pedido aparece como algo “de fora” imposto ao escritor, porém, o próprio Rodrigues Pinto faz parte da comissão de redatores. Teria o autor criado essa petição ou teria sido ela imposta por outros escritores? Pode ser essa escrita reflexo de embates internos? Indícios de outros escritores querendo determinar como o autor de “Páginas íntimas” deve proceder na coluna? Ou, possivelmente, uma artimanha de Rodrigues Pinto para responder a críticas de leitores ao seu estilo literário? O periódico é uma obra dependente dos leitores e, portanto, acaba por se submete aos seus gostos como forma de sobrevivência. Antes de ser um espaço em que a liberdade de escrita se efetua sem ressalvas, tal como anunciam as expectativas e promessas nos momentos fundacionais, *A Saudade* busca permanecer e funcionar agradando leitores ou, pelo menos, articulando tentativas de modificar e educar suas preferências de leitura. Tal como faz Rodrigues Pinto ao apresentar aos leitores os supostos ditames da Redação. Na sequência, o autor descreve sua reação por meio de um diálogo travado:

E recommendaram-me para accrescentar que tem pessoa competentemente habilitada para escrever no genero *jocoso* as suas *paginas*; disse a pessoa que me entregará a participação *official*.

– Com o mesmo titulo?

- Está visto.
 - Com um título de minha propriedade?!
 - Sim, sim e sim!
 - Protesto!....
 - Qual!
 - Protesto contra este abuso de força maior!... Protesto, protesto!
- (PINTO, v. II, 1856, p. 153, grifos do autor).

O texto é escrito de forma a entreter e divertir o leitor, apresentando conflitos internos (ficcionais ou não) do jornal. Ainda assim, a situação coloca em foco o problema da propriedade de um autor sobre uma coluna, ou seja, sobre um espaço individual dentro de uma obra de autoria coletiva. O funcionamento do periódico se desdobra numa teia de relações complexas envolvendo escritores, administradores e leitores. Nesse sentido, o *pequeno mundo d'A Saudade* emerge repleto de nichos com interstícios que se tocam e se transformam. A relação de embate dos sujeitos reponsáveis pelo funcionamento do jornal são, também, relações de territorializações internas. Rodrigues Pinto evidencia essa questão e sustenta seu estilo, encarnando a figura de gênio própria do romantismo:

Vê-se que esse conceito de gênio original reúne, de certa maneira, todos os conceitos, todas as idéias e aspirações do Romantismo. Em seu âmbito fica compreendida particularmente a revolta radical contra as regras tradicionais, canonizadas, do Classicismo, contra as 'autoridades' clássicas, contra os padrões consagrados, porque o gênio, evidentemente, não se deixa guiar por modelo nenhum; ele cria livre e espontaneamente; ele não se atém a norma nenhuma, porque nem sequer conhece as normas. O gênio cria a obra com base numa explosão, num surto irracional de sua emocionalidade profunda. E sua criação, por mais imperfeita que seja, na perspectiva das regras clássicas, será sempre a grande obra, porque exprime o estado de exaltação do criador com toda sinceridade, fato que constitui o valor máximo nesse sentido. (ROSENFELD; GUINSBURG, 2011, p. 267).

Explosão, surto irracional, emocionalidade profunda, espontaneidade e sinceridade. Esses elementos compõe a imagem do gênio-artista-criador romântico, e podem ser percebidos, também, nas folhas d'*A Saudade*. O uso dessa voz para falar de si é uma forma de engrandecer a obra criada, então, apresentada como produto de uma inspiração iluminada. O enfoque, portanto, não está tanto nas regras, nas explicações de conhecimento, e sim no autor, na sua habilidade em dar tons de naturalidade à sua composição. Assumindo esse ente, Rodrigues Pinto se coloca contra a Redação que ganha, de forma cômica e irônica, tons de carrasca e interesseira:

Nada, vou já redigir um protesto *às potencias litterarias!*.... Porque a Redacção da *Saudade* está com a mira no vintem dos assignantes, para enfeitar a *menina* todos os domingos, hei de ceder um título e um lugar que me custou immensos sacrificios! não, tenho um direito que ninguem poderá contestar-me. As *paginas intimas* pertencem-me, são

propriedade minha, por isso fazei sciente aos *patrões* que não estou resolvido a cedel-as.... ao sultão que fosse. Mas para que exaltar-me? é uma asneira, sangue frio no caso; esperae que vou escrever a resposta, e ha de ser em verso. (PINTO, v. II, 1856, p. 153-154, grifos do autor).

Antonio Xavier Rodrigues Pinto é um escritor d’*A Saudade* que se destaca pela audácia, estilo irônico e envolve, fortemente perceptíveis em sua coluna “Páginas íntimas” do segundo volume da primeira série (1856). O jogo criador de confrontar um poder que lhe ameaça e lhe tolhe os voos soltos de sua imaginação criativa é estratégia para buscar situar os leitores a favor de seu estilo, e não ao lado de um terceiro elemento criado como forma de conquista do público contra um vilão em comum: a Redação, *os patrões*. Estes estariam, segundo o escritor, interessados não tanto na estética e sim na manutenção financeira das folhas, no *vintém*.

Assumindo o papel de gênio criador, que carece não só de liberdade como de propriedade para com sua obra, o autor sensibiliza os leitores para sua causa. A advertência e o mando da Redação, possivelmente fabricados por Rodrigues Pinto, inverte e apazigua leitores desgostosos com sua forma de escrita na coluna. O escritor, justifica seu estilo perante o leitor e chama-o a seu lado num exercício de afrontar e ridicularizar a Redação. O leitor, por sua vez, vendo-se parte de um embate no funcionamento do jornal, sente-se representar, participar, envolver e divertir. Nessa estratégia, Rodrigues Pinto faz de seus leitores personagens de um cômico enredo e faz uso do *gênero jocoso*, tal como a Redação teria supostamente lhe imposto, porém, para satirizá-la. Não é por acaso que *A Saudade*, ameaçada de fechar as portas em seu segundo volume, ainda consegue fôlego e meios de financiar sua continuação e manutenção até o fim do terceiro volume (com novas assinaturas e o compromisso dos membros da comissão em arrecadar ainda mais). A relação de proximidade com os leitores pode ser pensada como um dos instrumentos que garantiram essa conquista.

Rodrigues Pinto, então, apresenta sua resposta à Redação em um longo poema. Esta escolha, também, reforça a figura de gênio que o autor faz de si, pois a poesia lírica é linguagem carregada com o sentido da *sensibilidade individual* e do *gesto espontâneo* (SALIBA, 2003, p. 47-48).

Pensam talvez os senhores
Que outras paginas melhores
Na *Saudade* devem ter;
Meus amigos, enganados
Oh! que estaes, e bem logrados
Os leitores terei de ver!

(...)

A matar-me horas inteiras
 Para que feias asneiras
 Na folha não inserisse;
 E o pago, eil-o ahi,
 Esta guardou-se p'ra mi
 P'ra mim por exquisitisse.

Ora bem, querem, senhores,
 Que venha a ser dos leitores
 Bobo, jogral ou truão;
 E mesmo que algumas vezes
 Passe semanas e mezes
 Divertindo a Redacção?!

Porque segundo entendi
 E de tal *nota* colhi
 P'ra isso sou intimado,
 Sem que (nem por cortesia)
 Junto á alta senhoria
 Me precedesse o chamado.

“Quero, mando, tudo posso,
 (O preceito não é nosso)
 Dizem os modernos senhores;
 E um homem cá desta esphera
 Ai delle, se não quizera
 Obedecer-lhes, leitores! (PINTO, v. II, 1856, p. 154, grifo do autor).

Por meio do poema, a defesa de uma propriedade intelectual toma maior forma. O trabalho e o cuidado, dedicação de *horas inteiras*, numa labuta de refinar aquilo que é entregue aos leitores, não ganham, segundo o eu lírico, reconhecimento. O poeta se sente intimidado e intimado. Sob o jugo do mando da Redacção, que faz representar os interesses de leitura dos assinantes, o escritor vê sua liberdade criativa cerceada. Construindo para si um papel vitimado, Rodrigues Pinto brada contra tal situação e faz uso do humor para isso (ainda que não seja um jogral). A última estrofe é a negação definitiva do chamado:

Venha a mesma Redacção
 Toda ella em procissão
 Com roupas de ver a Deos;
 Peça com modos – maneiras,
 E então estas asneiras
 Não darei aos leitores seus.
Finis. (PINTO, v. II, 1856, p. 154, grifo do autor).

Na sequência, o poema é finalizado com um clamor de apoio para os leitores: “Eis aqui a resposta; se houver replica faça ciente á Redacção que lhe darei treplica.... Até lá, leitores, rezai por mim” (PINTO, v. II, 1856, p. 154). Os leitores, que em determinado momento aparecem veiculando a fala de *quero, mando, tudo posso* a qual o escritor tem

de obedecer, no fim são colocados na posição de amigos, até mesmo confidentes com quem o escritor partilha suas travessuras. Nesse duplo jogo emergem das publicações diferentes imagens e funções de escritores e leitores. Não apenas dessas figuras, como da própria Redação, uma comissão que atua tanto escrevendo, lendo, como administrando. São espaços coletivos e individuais vinculados às representações dos sujeitos e órgãos operando na produção periódica.

A publicação de Rodrigues Pinto é um enunciado que dá visibilidade para os jogos discursivos de *A Saudade*. Seu brado sobre a posse das “Páginas Íntimas” é exercício de domínio, voltado para o leitor (figura que verdadeiramente ameaça o escritor) como forma de legitimação dessa ação política. Trata-se de um texto perspicaz, pois cria um vilão para que escritor e leitores se unam e se vistam de um perfil heroico. Rodrigues Pinto é extremamente sutil e cuidadoso; não se posiciona contra os leitores, mas ao seu lado, canalizando para a Redação (enfocando sua função administrativa e normativa) o foco do conflito. Ele cria personagens, dramas, conflitos, embates para manobrar os leitores.

Assim, em diálogo com os apontamentos de Nelson Werneck Sodré, para quem: “a imprensa artesanal vivia da opinião dos leitores e buscava servi-la” (SODRÉ, 1999, p. XIII), pode-se problematizar que essa subserviência aos leitores não era imediata e geral. Agradá-los era, sem dúvida, uma das formas pelas quais um jornal sem anúncios sobrevivia. A publicação de Rodrigues Pinto revela como antes de se prontificar em atender as reivindicações que lhes são impostas pelo público, o escritor de um periódico apela para ações discussivas repletas de resistência e manipulação.

Cabe ressaltar que a coluna “Páginas Íntimas” existe na primeira série do jornal, em seu segundo e terceiro volume, sendo naquele um espaço no qual o escritor se apresenta com liberdade para tratar de assuntos variados, em especial, explorando construções literárias. Por vezes, seus textos se desdobram como falas sobre figuras inspiradoras para a escrita romântica (o soldado, o mendigo, o órfão, o operário, a virgem do cemitério); por vezes, é o próprio “eu” lamentando os tempos idos, a distância da pátria, da família e da mulher amada. Em outras palavras, a coluna faz exatamente o que anuncia o título, ou seja, seu foco reside na elaboração de manifestações íntimas, na expressão sentimental e na própria condição do escritor, tal como o gênio romântico marcado pela *emocionalidade profunda e espontaneidade*. Esse caráter sofre modificações no terceiro volume em que a coluna ganha subtítulo (“Estudos Históricos”) e uma nova abordagem condizente com a própria proposta de renovação do jornal. Nos termos do Relatório do Grêmio:

Desejára porém, que esses talentos juvenis em vez de occuparem-se quasi exclusivamente em trabalhos de imaginação, em que se confundem aquelles mesmos que resaibos tem de intima erudição, tentassem entrar em materias, talvez mais arduas, menos saborosas, porém que asseguram mais longa vida a uma publicação periodica; pois aquelles que nella procuram instrução, facilmente se cançam de muita amenidade, que como as campinas da ARCADIA nunca deixam encobrir os seus arbustos e flores com as ramas espessas e altas comas das florestas.

A historia, essa mestra da mocidade inexperta, e vivificadora das nacionalidades decahidas; a geografia, pantheon magnifico em que se perde a vista na immensidade do globo, e em que os nossos avós colheram as mais difficeis corôas, são estudos que vós, com optimo resultado, podeis tentar. (CORTIÇO, v. III, 1856, p. 9).

Tanto esse trecho quanto o texto de Antonio Xavier Rodrigues Pinto são significativos para a compreensão d'*A Saudade* enquanto espaço composto por embates internos, tanto entre sujeitos e funções, quanto entre temáticas, saberes e fazeres. Os vários escritores e leitores possuem concepções e abordagens diferentes no que tangem ao projeto do jornal. O produto da tensão dessas diferentes perspectivas é uma obra complexa que se modifica ao longo do tempo e expressa em suas páginas as bases e os rumos dessas transformações.

No caso do texto das “Páginas íntimas”, num momento em que, para utilizar os termos do relatório, ocupa-se de *trabalhos de imaginação, saborosos, de muita amenidade* e “não tão árduos”, o estilo jocoso, a publicação de jograis (recorrente na imprensa periódica do Rio de Janeiro do Oitocentos) aparecem como forma de angariar mais leitores e assinantes, porém, também, como alvo de crítica e resistência por parte do escritor. Apesar dessa resistência, Rodrigues Pinto, no penúltimo número do segundo volume, acaba por ceder, ou ainda, *obedecer* à “Redação” (o melhor seria dizer, aos leitores), publicando nas “Páginas íntimas” diálogos curtos em forma de anedotas.

Nesse sentido, é possível perceber que existem, de um lado, os leitores, exigindo e criticando *A Saudade*, por vezes buscando mais entretenimento⁵ (como pode ser percebido pela “imposição” enunciada por Rodrigues Pinto em sua coluna), por vezes mais instrução (expressa na modificação das publicações no terceiro volume, então, voltadas para temáticas de História e Geografia); de outro lado existem os escritores vinculados a concepções e fazeres literários, nem sempre dispostos a agradar, e criando

⁵ Cabe ressaltar que o principal público leitor d'*A Saudade* eram os jovens portugueses que trabalhavam longas horas no comércio. Parte do tempo livre que dispunham, investiam na leitura de periódicos. A normativa instrutiva do jornal poderiavir com um fardo pesado sobre esses sujeitos, muitas vezes, apenas buscando momentos de descanso e descontração. O desejo em ler textos divertidos, ao invés de densos, vai ao encontro da vida de muito trabalho, assim como, também, da vida de muito enfado das mulheres reclusas ao ambiente doméstico e que, também, compunham parte do grupo de leitores dos periódicos.

literariamente meios de resistência. Sobre estes, há um texto significativo de Rodrigues Pinto, em suas “Páginas íntimas”, dessa vez, no terceiro e último volume. Apesar de ser majoritariamente destinado aos “Estudos Históricos”, de seus vinte e quatro números, quatro fogem dessa temática: o n. 1, introduzindo o terceiro volume e enunciando a ação grandiosa do grupo por iniciar um novo semestre de publicação; o n. 4, comemorativo do aniversário do, então, rei de Portugal, D. Pedro V; o n. 17, objeto de discussões do próximo subcapítulo e funcionando como uma despedida irônica do autor de suas funções de redator; e, o n. 13, no qual X. (Antonio Xavier Rodrigues Pinto) retoma sua voz de cronista, recorrente no segundo volume, expondo os conflitos internos que levaram à interferência na abordagem das “Páginas íntimas”.

Tendes sem duvida sentido a falta de um certo X. que se occupou outr’ora com facecias de máo gosto, as quaes despertavam risos zombeteiros em alguns *caninos* de raça *caucasa*, que após muitos combates de... *dente* hiam em procura do antro cavernoso (pleonasma?) onde se occultavam das vistas dos mortaes?!

Se dizeis sim respondeis muito mal, pois que esse X. tendo consciencia do que era e do que valia, lembrou-se que não tinha nascido *pour faire l’esprit* (não de vinho) e buscando novos mares, novos climas, aprocou nas praias do reino da Historia (se fosse dos *contos*) e qual outro dom *Quichote*, eil-o armado de lança e escudo combatendo essa entidade sublime que abrange tantos homens quantos foram os que entraram no diluvio!

Mas ahi, como em tudo que elle ha tentado, encontrou em cada factio uma *cabeça de Medusa*, em cada seculo uma *hydra de Lerna*!... (PINTO, v. III, 1856, p. 97, grifos do autor).

Antonio Xavier Rodrigues Pinto, fazendo de seu “ser escritor” personagem aventureiro, apresenta nova imposição a qual se viu submetido. Dessa vez, no lugar dos jograis, é na abordagem histórica que residem as expectativas de renovação d’*A Saudade*. Imprimindo uma figura humilde e heroica, o autor das “Páginas íntimas” descreve a dificuldade em se adequar às novas exigências e faz uso da comparação com a personagem de D. Quixote. Essa comparação vem para ridicularizar tal campanha, assim como faz a metáfora dos *caninos de raça caucásia* para se referir aos que interferiram em sua coluna. Estes, tal como a Redação carrasca, funcionam como figuras vilanizadas, sensibilizando o leitor para com a árdua tarefa do escritor.

Nesse texto, mais uma vez, é perceptível a estratégia de Antonio Xavier Rodrigues Pinto de calcar para si uma imagem de gênio criador em combate com os críticos de seu trabalho. O escritor faz uso de expressões em francês e referência a personagens literárias e mitológicas, demonstrando, dessa forma, repertório intelectual.

Essa atitude é exercício de poder por meio da expressão de saberes, que, no caso do texto, aparece como defesa aos constantes ataques dos quais o autor se faz vítima.

Como resposta, Rodrigues Pinto modestamente (afinal, como diz, *não nasceu para se exhibir*) deixa o campo da literatura para se aventurar no *reino colossal que se chama História*. Esse movimento aparece como de contragosto, o autor o faz para agradar seus críticos e se sujeitar às pressões, não sem reação, pois o texto vem para enfrentar o que entende como ataques a sua liberdade de escrita, dentro de uma coluna de sua criação. Um evento, porém, marca uma modificação nessas relações conflituosas:

Convencidos porém de que as ingratidões de que o pobre X. fora victima, lhe tornaram o coração arido, foram pregar a outra freguesia, e em pouco tempo não havia em torno d'elle mais que meia dúzia desses *caninos*, que lhe ladravam, procurando moder-lhe as pernas.

O instante era solemne!

X. chama em seu auxilio os manes de todos os *rabiscadores de papel*, faz um gesto de afflicção, aponta para os seus perseguidores, e não querendo ver o que vae seguir-se fecha os olhos... e oh! mylagre estupendo!... pois bem, esses *caninos* que há pouco lhe ladravam, afagam-no agora lambendo-lhe as plantas!... Eis aqui a razão porque não tereis hoje as *paginas intimas* do costume. (PINTO, v. III, 1856, p. 97, grifos do autor).

Esse respiro, em meio às publicações históricas nas “Páginas íntimas” do terceiro volume, é uma enunciação extremamente rica para se pensar a construção do espaço do jornal. Este pode ser pensado como composto por escritores, leitores, administradores, enfim, membros que, fundamentalmente, travam relações de poder. Por mais que imagens do jornal sejam fabricadas como espaço homogêneo e em harmonia, esses escritos revelam os conflituosos embates internos às fronteiras desse *pequeno mundo*.

Os *caninos* não são declaradamente os leitores, quem o autor coloca em proximidade, uma vez que lhes deseja boa saúde, os enuncia como amigos, faz-lhes confiança sobre as dificuldades do jornal e pede a *indulgência que merece* por escrever as “Páginas íntimas” de forma diferente. A referência aos *caninos* diz, antes, do conflito, entre escritores. Com base no texto “Aos assignantes da – Saudade – ” (SOUZA, v. III, 1857, p. 187-188), publicado no número de encerramento da primeira série do jornal, entende-se que o trecho de Rodrigues Pinto faz referência ao momento no qual os redatores “abandonam seu posto”. A princípio, eram cinco compondo o conjunto de escritores, porém, no decorrer do terceiro volume, resta apenas Rodrigues Pinto dessa configuração inicial. Portanto, sendo o único encarregado da redação, no lugar de ser tolhido, o autor encontra maior liberdade de escrita. Porém, a ausência de corpo do qual

se faz parte é, também, motivo de desânimo e falta de sentimento de pertença, o que leva, também, Rodrigues Pinto, no n. 17 do terceiro volume, a pedir demissão de seu cargo.

É instigante pensar como os conflitos no funcionamento de uma folha literária emergem de relações de poder, exercícios de domínio, exigências, imposições e resistências, manipulações e concessões, porém, são essas dinâmicas de força que mantêm os vínculos. É isso que caracteriza uma obra de autoria coletiva. Se o autor buscasse apenas o *instante solene* no qual se acha em total liberdade criativa, poderia se dedicar à escrita de um livro. O que leva um escritor a fazer parte da composição de um periódico é, justamente, o sentimento de pertença a um lugar e a um grupo. O funcionamento do jornal acompanha um movimento pendular de tensão e afrouxamento entre os sujeitos que o compõem.

Além desses conflitos internos às fronteiras que delimitam *A Saudade*, existem as relações com os não-assinantes e demais jornais. Em uma de suas publicações das “Páginas Íntimas” do segundo volume, Rodrigues Pinto, com maior liberdade expressiva dentro dos moldes da literatura romântica, escreve:

Se a *Saudade* quizesse por complascencia aceitar em suas colunas uma critica geral sobre tudo que desafia o sorrir ironico; se ella acolhesse a minha opinião a respeito de tanta cousa má que vai por esse mundo; então eu vos afianço, leitores, que o meu nome seria levado á posteridade – conquistando uma reputação universal! Principiaria por censurar todas aquellas pessoas, que podendo assignar a *Saudade*, não o tem feito, devido talvez á idéa de que ella é escripta por mancebos que começaram hontem a trilhar a difficil e espinhosa carreira das letras. (PINTO, v. II, 1856, p. 105).

Num momento de espontaneidade literária, Antonio Xavier Rodrigues Pinto, novamente por meio das “Páginas Íntimas”, faz um desabafo sobre aquilo que entende ser empecilhos para o bom funcionamento d’*A Saudade*. Eles são figurados tanto em termo dos sujeitos que não investem nela (afetiva e materialmente), quanto dos demais jornais, ou melhor, das demais *meninas e moças*, como escreve o autor.

Rodrigues Pinto faz recorrente uso do termo *menina* para se referir às folhas literárias, em especial, *A Saudade*. Assim como a metáfora da *filha*, *menina* contribui na construção de sentidos de feminilidade, delicadeza, fragilidade e pureza que apelam para um afeto e um cuidado em relação ao jornal. Além de fazer da ação dos autores (representantes masculinos) uma ação heroica de luta pela glória d’*A Saudade*.

No caso do texto publicado nas “Páginas Íntimas”, tais usos são significativos, uma vez que está sendo operado um discurso em defesa d’*A Saudade*. Esta aparece ameaçada por sujeitos (não-assinantes) e jornais (tanto com abordagens diferentes quanto

próximas que tomam seus possíveis leitores). A fragilidade e a delicadeza vinculadas à imagem d'*A Saudade* são reforçadas quando postas em relação com a ideia de incredibilidade do jornal perante aqueles que não assinam por não acreditarem no potencial dos escritores (já caracterizado por outras publicações enquanto *jovens inexperientes*) para *a difícil e espinhosa carreira das letras*.

Em continuidade, o escritor censura “a moça solteira que faz da janela telegrafo, quando as meias do papai reclamam todos os seus cuidados” (PINTO, v. II, 1856, p. 105-106). Esse trecho tece uma crítica aos jornais que não se atentam para questões (possivelmente, instrutivas, literárias e históricas) que n'*A Saudade* representam o projeto de renovação social e moral da civilização, voltando-se para temas considerados corriqueiros, fúteis e desimportantes. Rodrigues Pinto, também, censura “as meninas travessas, que podendo brincar com bonecas conquistam vaidosas o lugar que pertence às que passaram dos 24” (PINTO, v. II, 1856, p. 105-106), ou seja, os periódicos novos que despontam, provavelmente, com temáticas e públicos leitores próximos, “roubando” os assinantes d'*A Saudade*. E, por fim, dentro desse jogo metafórico, Rodrigues Pinto reforça a polidez e a delicadeza de seu lugar no cenário de embates políticos e sociais na imprensa carioca ao dizer que “a Saudade é uma menina discreta e séria, que não lê pela cartilha das suas companheiras, e neste momento franzindo o sobrolho, me diz com polidez que devo fazer ponto final” (PINTO, v. II, 1856, p. 105-106).

A maneira com que Rodrigues Pinto critica e expõe os embates que perpassam a manutenção do periódico é repleta de linguagem metafórica e irônica. Os não-assinantes e os jornais concorrentes são personificados nessa construção. A “brincadeira” é finalizada com o pedido de desculpas do autor aos leitores, por sua *pena maliciosa*, acrescentando ainda: “Com os pais da *menina* fiquem certos que me arranjaréi. Ponto final” (PINTO, v. II, 1856, p. 105-106). Ou seja, responsabilizando-se por suas palavras perante os alvos de sua crítica, e até mesmo, em relação à Redação d'*A Saudade* que possa vir a reclamar de sua ousadia.

No número seguinte, ainda na coluna “Páginas íntimas”, Rodrigues Pinto apresenta, de forma zombeteira, a interpretação de uma suposta leitora sobre seu artigo. Inicia da seguinte forma: “Dous dias depois de publicada a *Saudade*, recebi um bilhete, elegante e perfumado, á vista do qual, eu o confesso, senti criar alma nova. Bravos! exclamei eu com desvanecimento, fiz, sem o saber alguma conquista amatória” (PINTO, v. II, 1856, p. 113). A narração de uma expectativa positiva da recepção de sua escrita é

quebrada pela apresentação da, então, carta da leitora. A decepção começa, inclusive, pela *péssima ortografia* que o autor corrige em sua transcrição para o jornal:

“Senhor.
 “Mamã me encarregou de participar-lhe que o papai tem as suas meias em bom estado, e por isso, pela parte que lhe toca, não pôde aceitar as observações que Vm. dirigiu ás moças que gostam da janella, no n. 14 da *Saudade*. Quanto a mim agradeço-lhe o conselho, não me utilizo dele, porque sei que o despeito, unicamente o despeito, presidio á concepção do seu pouco espirituoso artigo. Como tenho porém certa predilecção pelos poetas (ora menina, gabo-lhe o gosto) dou-lhe de conselho que quando lhe ocorra escrever no sentido das ultimas *paginas intimas*, se apresse em metter a cabeça em agua fria, para acalmar a irritação do espirito.

“Sua affeiçãoada
 “M. C. de M.” (PINTO, v. II, 1856, p. 114).

Levando em consideração o estilo irônico e as artimanhas narrativas que Antonio Xavier Rodrigues Pinto utiliza, em especial, nas “Páginas íntimas”, é de se supor ser a carta, assim como M. C. de M., construções do próprio autor. No lugar de criar um *leitor-modelo* (ECO, 1994, p. 15), Rodrigues Pinto enuncia um leitor anti-modelo, que não percebe sua ironia e seus usos de linguagem. O autor zomba dos leitores, tendo M. C. de M. como bode expiatório da sua crítica, e, nesse processo, faz-se incompreendido, potencializando o seu “eu” genial, situando-se em um patamar mais elevado em relação ao leitor, reforçando o seu saber e, conseqüentemente, o seu poder pela escrita.

A presença de uma interpretação diferente daquela esperada pelo escritor não é algo apenas ficcionalizado, faz parte dos caminhos inesperados agregados, pela leitura, ao texto literário. Afinal, não é unidirecional as ideias e intenções que partem do escritor e chegam, de forma neutra e transparente, para o leitor. Este não é simples receptáculo, está continuamente articulando sentidos novos ao texto, transformando-o continuamente, também, no seu momento de recepção. Daí que a imprensa periódica não funcione simplesmente enquanto transmissora de informações ou ideias, mas como espaço de encontro e conflito de diferentes perspectivas, onde os próprios leitores aparecem enquanto figuras participativas da constituição das imagens do jornal. Nas palavras de Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira (2001, p. 70): “Ao se estudar a história das formas de veiculação da escrita, percebe-se que há um vínculo íntimo entre as possibilidades de produção e recepção dos textos e o suporte em que circulam”.

A figura da *leitora* é recorrentemente mencionada no jornal, em especial, nos momentos de conversa do escritor com o leitor nos romances de folhetim e nas crônicas. Rodrigues Pinto é um dos autores que utiliza o termo no feminino, evidenciando um

diálogo com esse público. Não só no caso d'*A Saudade*, como nos demais periódicos literários do Oitocentos, principalmente a partir da segunda metade do século, a mulher desponta como uma das representantes (ao lado dos estudantes) dos leitores da literatura romântica. Como escreve Ubiratan Machado: “Mulheres jovens e sonhadoras, ainda tiranizadas pela mão de ferro do *pater familias*, mas já vivendo as primeiras aventuras da libertação – como a grande aventura espiritual de ler” (MACHADO, 2001, p. 39). Seria M. C. de M. representante dessa mulher leitora que responde afrontosa o escritor, em nome de sua família? Teria essa leitora existido enquanto sujeito histórico e de fato escrito uma carta à Rodrigues Pinto que, audaciosamente, publicou n'*A Saudade*? Ou seria essa uma estratégia do autor para ironizar, divertir e advertir os leitores? A reflexão em torno da ficcionalidade dessa leitora se ampara no estilo de escrita do escritor, porém, não pode ser decretada. As possibilidades permanecem em aberto, mas a problematização do texto funciona independente de seus fechamentos. Ela diz da conflituosa relação de ambos os lados da realização da obra. As críticas do público aos escritores e a resistência e sátira que estes fazem daqueles. Tal como Rodrigues Pinto ao finalizar o texto, dizendo: “trarei a carta de minha leitora bem chegadinha ao coração” (PINTO, v. II, 1856, p. 114).

É instigante pensar como a figura de gênio, criada pelo escritor romântico para si próprio, é desarticulada na recepção da obra. O leitor não corresponde, muitas vezes, às expectativas do autor, ele lê da sua forma e cria caminhos interpretativos novos, de forma que sua participação, ainda que filtrada pelo escritor, desconstrói a centralidade do autor.

Segundo Roland Barthes (1988, p. 66): “a *explicação* da obra é sempre buscada do lado de quem a produziu, como se, através de alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o *autor*, a entregar a sua ‘confidência’”. Barthes problematiza a ideia, que ganha força no romantismo, do autor enquanto gênio criador, sobre o qual estaria a centralidade e a intencionalidade total da obra. Para ele a obra se concretiza na leitura:

Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o do autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito. (BARTHES, 1988, p. 70).

As considerações de Barthes sobre a crítica em torno da ideia do autor enquanto gênio criador no qual se reúne toda a compreensão de um texto são frutíferas para estas reflexões que encontram na figura do leitor um movimento constante e sempre renovado de inflexão da obra literária. Ele faz parte da ação criativa da escrita, porém, não se trata de eliminar o autor para promover tal movimento reflexivo. Nesse viés, o desvendar *o ser total da escritura* aparece como uma busca nunca realizada, uma vez que a tensão dialógica entre autor e leitor (ambos com funções igualmente fundamentais na composição literária) nunca se encerra.

No caso do texto d'*A Saudade*, o leitor tem nome, corpo, casa, parentes, enfim, situação histórica e social. O leitor da imprensa se revela enquanto sujeito de uma materialidade palpável. Daí que essa ação de interferência, reação e participação na composição da obra periódica seja mais intensa e personalista. Ambas as figuras, autor e leitor, emergem, nesse sentido, com pesos correspondentes. Seguindo o questionamento de Caio Gagliardi sobre a inversão proposta por Barthes, podemos perguntar: “por que tratar o leitor como tutor do sentido do texto seria mais legítimo do que atribuir esse papel ao autor?” (GAGLIARDI, 2012, p. 42). Ora, o que cabe, nesse sentido, é a percepção sobre o jogo entre ambos, de intencionalidade e interpretação, de crítica e resposta, fazendo da composição literária, especialmente a da imprensa, uma fabricação sempre em aberto e um espaço de tensão intermitente.

As “Páginas Íntimas” auxiliam na compreensão em torno do fazer o “eu”, o “tu” e o “outro” da escrita. Sobre esses entes determinadas concepções os amparam, tal como o eu autoral enquanto gênio criador, que defende a posse e responsabilidade sobre seu escrito, que conversa com o leitor, o traz para o discurso, fazendo dele personagem e, principalmente, partícipe do fazer periódico. Na proximidade entre escritor e leitor esse lugar comum, simultaneamente ficcional e material, constitui-se, delimitando fronteiras que situam fazeres, sujeitos e jornais outros, fora desse espaço compartilhado.

Na segunda série d'*A Saudade*, há dois textos que se assemelham às “Páginas Íntimas” de Rodrigues Pinto; trata-se da coluna “Claro-Escuro”. Talvez, utilizar a denominação de “coluna” seja uma escolha precipitada, pois existem apenas dois textos com esse título. A falta de continuidade ocorre em decorrência da crítica, das quais Rodrigues Pinto também foi alvo, por parte dos leitores para com um determinado estilo de escrita. Nesse caso, quem assina o texto é José Velloso d'Almeida Campos que, em seu segundo texto “Claro-Escuro”, apresenta a recepção negativa para seus escritos:

A audacia impeliu-me a escrever o meu primeiro *claro-escuro*, e, o que é mais, a publicá-lo. Hoje porém, exposto ao tiroteio dos ditos picantes de muitos lynces da litteratura, é que, mettendo a mão na consciencia, vejo a figura que faço.

Se eu ao menos tivesse o auxilio de um Sancho, que não faltou ao illustre *D. Quichote* no seu combate com os *gigantes de vento*! Dirão alguns que não me falta tudo, pois possuo metade do fiel servidor, isto é, a *pança*.

Mas, pelo amor de Deus, de que me serve a tal metade?

Habituada a receber quanto tártaro e magnésia lhe querem dar não pode, por forma alguma, ajudar-me a repelir os ataques dos referidos lynces. (CAMPOS, 1º anno, 1861, p. 28, grifos do autor).

O primeiro texto de “Claro-Escuro”, alvo dos *tiroteios*, aos quais o autor faz referência, foi publicado no número inicial da segunda série d’*A Saudade*. A repetição do título, a linguagem e a voz encenada pelo texto dão indicativo do desejo de instituição de uma coluna, um espaço de propriedade individual e de liberdade literária para dar vazão aos rompantes espontâneos de um gênio criador.

Possuir uma coluna no jornal pode ser pensado enquanto projeto de consolidação de um lugar individual em meio ao *lugar próprio* representativo da obra coletiva periódica. O autor que tem para si uma coluna se destaca em relação aos demais. O caso de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, com as “Páginas íntimas” da primeira série, é elucidativo dessa posição política e autoral. Tal intuito, porém, não se concretiza e o texto “Claro-Escuro”, do qual o trecho apresentado é retirado, é o último com esse título. Nele já se evidencia a resistência da recepção. O aspecto crítico dela é pintado, pela pena de Rodrigues Pinto, como uma Redação carrasca ou como *caninos* que lhe ladravam, e por José Velloso d’Almeida Campos como *lynxes da litteratura*. Nessas construções e metáforas há sentidos de hostilidade por parte do público leitor dos textos literários e periódicos, ameaçando a função escritural. Também, podem ser aproximadas as imagens irônicas e jocosas que Rodrigues Pinto e Almeida Campos fazem de si, enquanto escritores, como personagens quixotescos, bradando contra moinhos de ventos e lutando batalhas imaginárias.

Essas lutas e embates que emergem da escrita podem ser pensados em diálogo com o contexto histórico do qual despontam; uma sociedade majoritariamente analfabeta e com um público restrito de leitores, em sua maioria, também, escritores. A coincidência nessas funções acaba por criar um meio em ebulição, com disputas acirradas para a conquista de espaço e reconhecimento coletivo e, principalmente, individual. O caso d’*A Saudade* é ainda potencializado por representar um grupo que se sente marginalizado, tanto pela nacionalidade como pelo não pertencimento a instituições acadêmicas. As

aversões em relação aos escritores do Grêmio, por parte de um núcleo intelectual do Rio de Janeiro nas décadas de 1850 e 1860, podem, também, ir no sentido do não envolvimento dos portugueses emigrados com o projeto romântico de constituição e legitimação da literatura e, conseqüentemente, identidade brasileira. Daí que os *linces* de Almeida Campos possam ser pensados enquanto figuras de “fora” (que atinge tanto o autor na sua individualidade, quanto o jornal ao qual representa, seu grupo), como figuras internas ao funcionamento do jornal. Como é, por exemplo, o *tipógrafo*. Na seqüência do texto, Almeida Campos escreve:

Nesta triste situação o remedio que tenho é calar-me e proseguir. Proseguir! sim. Estou no caso do pobre *Judeu*, não me dizem caminha, não; mas dizem-me escreve, e eu não lhe vejo grande diferença. Esperem lá que eu sou ainda menos que o *Judeu*, este obedecia a Deus, e eu obedeço aos assignantes da *Saudade*, que sem duvida são honradas pessoas, mas que se lhe não igualam. Porém, estas lamentações de *Jeremias* vem fôra de proposito quando diz o typographo: ha falta de materia. Esta frase, pronunciada no sem mais lugubre do diapasão da garganta, semelha muito o dobre do sino grande, annunciando aos vivos (podera ser aos mortos) a morte do Senhor Fulano de tal. Ha falta de materia! eu te arrenego, frase velha como o *accuso a recepção* das cartas commerciais. No *Jornal* ha tanta materia velha, no *Mercantil* bastante materia nova, e o Senhor vem pedir-me materia! Ora meu caro, até logo, vá bater a outra porta, que eu vou tratar de outras cousas. (CAMPOS, 1º anno, 1861, p. 28, grifos do autor).

Tal como o *judeu errante*, fadado a andar até o juízo final, Almeida Campos calca para si a imagem de escritor fadado a escrever, ainda que alvo de críticas e lutando contra adversidades. Os sentidos de loucura (próximo ao de genialidade e compondo-o) e de bravura perpassam os de missão e resignação do escritor cronista no periódico. De outro lado, aparecem os leitores, todo-poderosos, em paralelo com a imagem de Deus, apesar de *que se não lhe igualam*. Por fim, o autor expõe a fala do *tipógrafo*.

Essa fala (*há falta de matéria*) é uma crítica voltada ao texto “Claro-Escuro” publicado no primeiro número da segunda série. Ela se direciona contra um determinado fazer, fundamentalmente, literário, romântico, que explora o devaneio e reflexão sobre a própria condição do escritor e da escrita. A visão dessas temáticas e abordagens por parte do público é representada, portanto, no comentário do *tipógrafo*. O tédio do leitor (uma vez que a frase é *pronunciada no sem mais lugubre do diapasão da garganta*) é sentida pelo escritor como um verdadeiro anúncio de morte, e que de fato se concretiza (se levar em consideração o possível desejo de Almeida Campos de tornar “Claro-Escuro” uma coluna). Esse poder de vida e de morte do leitor da imprensa periódica faz da condição

do escritor um misto de euforia por conquista de espaço como, também, de medo e vitimização por se sentir em constante ameaça. Assim como Rodrigues Pinto, Almeida Campos defende e sustenta seu posicionamento e seu fazer, condenando a crítica que lhe é direcionada e diferenciando *A Saudade* de demais jornais em que *há tanta matéria velha e nova*.

O que o autor quer dizer por *matéria*? Se nos referidos jornais há tanta *matéria* que o leitor pode ir buscar, o que há n' *A Saudade*? A crítica feita pelo *tipógrafo* é utilizada por Almeida Campos para estabelecer o seu espaço enquanto diferente e singular. A referência aos jornais cariocas *Jornal do Commercio* (1827-2016) e *Correio Mercantil* (1848-1868) funciona como meio de construir uma fronteira entre o fazer d' *A Saudade* posta em relação com periódicos de grande circulação no Rio de Janeiro. Os mencionados jornais simbolizam espaços grandes e consolidados, porém, com estruturas e abordagens diferentes. José Velloso d'Almeida Campos rebate a crítica ao texto “Claro-Escuro” dizendo ao leitor que busca matéria para ir encontrá-la nesses renomados jornais. O que *A Saudade* oferece extrapola tais gêneros; está além.

O *Jornal do Comércio* e o *Correio Mercantil* são periódicos com focos, especialmente, em assuntos de comércio e economia; veiculam notícias internacionais, nacionais e locais, além de trazer anúncios e informativos. Portanto, não possuíam um projeto, como é o caso d' *A Saudade*, centralizado na instrução e na literatura, mesmo sendo, também, espaços de publicação de textos literários, consolidando, inclusive, nomes que entraram para o cânone da literatura brasileira, como Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar. Esses jornais são objetos fundamentais para a reflexão sobre a solidificação dos gêneros jornalísticos informativos na imprensa brasileira (RIBEIRO, 2008). Suas grandes tiragens e tempos de circulação, além do fato de serem publicações diárias, situa sua estrutura enquanto modelo de linguagem que se desenvolve na segunda metade do século XIX.

A *matéria*, da qual Almeida Campos utiliza para rebater a crítica que lhe é direcionada, diz de modelos de escrita os quais *A Saudade* (pensando o autor enquanto representante da obra coletiva) não está preocupada em fazer. A fala do escritor, portanto, diferencia *A Saudade* desses demais espaços, referências de sucesso no meio da imprensa, buscando chamar o público por meio de um discurso do periódico enquanto espaço que foge ao padrão e o ridiculariza. Almeida Campos chega, enfim, a dizer para ao leitor que insistir na busca pela *matéria* n' *A Saudade*: *vá bater a outra porta*.

A crítica ao leitor é sutil e velada. Antes, direciona-se para a figura do *tipógrafo* e, tal como faz Antonio Xavier Rodrigues Pinto, cria um terceiro elemento da relação entre escritor e leitor, jogando nele o foco da tensão, num exercício de conquista do público. Almeida Campos ainda escreve: “Leitores, quero faser-vos um pedido, ou, por outra, proporcionar-vos alguns momentos de alegre distracção” (CAMPOS, 1º ano, 1861, p. 29). Do tom imperativo contra o *tipógrafo*, o autor muda para um apelo modesto para com o leitor. Seu estilo mistura um humor ácido, uma crítica irônica e jocosa, com a explanação de saberes, pedido e defesa de sua escrita. Segundo Ubiratan Machado, este é um traço característicos dos românticos: “O humor era prestigiado, sem a ameaça de atrair danos à carcaça do autor. Concedia-lhe até fama de espirituoso e brejeiro, denominações pelas quais muito poeta de água doce lambia os beiços” (MACHADO, 2001, p. 146).

Mesmo buscando assumir um “eu” da escrita *espirituoso e brejeiro*, “Claro-Escuro” não tem continuidade. A ideia de que os jornais literários, mais especificamente, os textos com temáticas e abordagens íntimas, poéticas e existenciais possuem *falta de matéria* diz de uma visão do público leitor. Seria o próprio projeto d’*A Saudade*, as ideias e objetivos nos quais está enraizada e a partir dos quais atua, um fazer em desuso na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX? O lugar excêntrico ocupado pelo escritor produtor de textos que *faltam matéria* representa, inclusive, um lugar de autoirrisão. Ele volta-se contra o público que lhe critica, mas esse embate é quixotesco e o próprio autor se representa como um louco, colocando-se como alvo do riso, do ridículo. O discurso enuncia o desejo de instituição de um espaço de propriedade intelectual (uma coluna), porém, mais do que isso, percebe-se uma vontade e ação satírica perpassando o texto, tanto em relação ao “outro” (leitor) quanto para consigo mesmo (escritor).

A Saudade nasce e se desenvolve com um projeto marcado pela especificidade (nacional, geracional, religiosa, moral e literária). Essas características a diferenciam, mas, também, restringem o seu público. Buscar maior variedade de artigos vai na contramão de seu programa. Como conciliar ambas as coisas? Esta é uma questão sempre em aberto no jornal e seus escritos evidenciam um movimento pendular: entre modificação e permanência, a busca por agradar os leitores e a persistência a um projeto inicialmente vislumbrado. Nessa oscilação, surgem momentos de escárneo para com tudo e todos, verdadeiros desabafos ancorados em modelos do romantismo.

A recepção do público é apresentada como uma das principais dificuldades enfrentadas pelo jornal. A falta de apoio por parte do grupo que se quer representar e

ilustrar é palco para as discussões do próximo subcapítulo. Nele, os “obstáculos” enunciados n’*A Saudade* fazem de seu cotidiano de funcionamento uma verdadeira jornada heroica de lutas. Algumas dessas lutas são frustradas, mas muitas emergem como vitórias bravamente conquistadas.

As considerações que encerram este subcapítulo vão no sentido de compreender as publicações apresentadas como objeto para a construção de um entendimento em torno d’*A Saudade* enquanto espaço produzido pelo discurso, utilizando determinados termos e sentidos, criando representações com intuítos agregadores, num complexo fazer que envolve diferentes sujeitos, funções, projetos e expectativas. A periodicidade da obra potencializa tal debate, fortalecendo o processo de constituição literária a partir dessas tensões.

Os textos d’*A Saudade* que dizem de seu funcionamento evidenciam como as imagens construídas para o jornal e seus sujeitos (*cantinho, capitólio, filha, menina, Redação, caninos, lincês*) são feitas na dinâmica das relações entre escritores, leitores, não leitores e demais jornais. O espaço do jornal ganha, em alguns discursos, fronteiras bem estabelecidas, coesão e sentidos de união, em outros evidencia a multiplicidade de exercícios e de edificações internos a si. A autoria coletiva, a autoria individual, a comissão de escritores, administradores, tipógrafos, leitores que aparecem nas linhas por antecipação da crítica feita pelo autor, os leitores que trazem novos olhares, reivindicam e reinventam os caminhos da obra, as ameaças impostas por demais jornais ao funcionamento d’*A Saudade*; todas essas dinâmicas mostram como o *pequeno mundo* que se quer para *A Saudade* é repleto de embates, de territórios internos em contato e transformação.

A ideia de espaço, portanto, não diz de um território fechado e estático, antes, de fazeres que constroem, destroem e reconstroem linhas, muros, separações, novas imagens e bandeiras para esse *lugar*. É uma prática política e artística intermitente. Daí que histórias sobre esse processo emergem, também, da escrita. Histórias, em sua maioria, de tons épicos, nas quais obstáculos são assim significados como forma de conquista de renovados espaços.

Dificuldades como caminhos para a conquista de reconhecimento

A Saudade entra hoje no 2º semestre da sua existencia. O programma é o mesmo do anterior; com a differença de que a redacção procurará a maior variedade e escolha nos artigos que se publicarem. Exime-se de prometer muito; se o fizesse faltaria ao que promettesse, porque, desgraçadamente, tem-lhe faltado os principaes elementos para tornar o periodico digno da nossa classe.

E' talvez uma contradicção á doutrina que enunciou no programa traçado no 1º semestre, mas a verdade antes de tudo. Foram illusões perdidas e a que não há valer-lhe. (...) Mede-se a dedicação, pela luta sustentada contra esses embaraços; nem uma nem outra cousa faltou ao periodico da parte da redacção; não encontrou no publico, e principalmente na mocidade, o auxilio que esperava: cumpriu o que promettera, mas com a proteção d'esta poderia hir muito alem das suas promessas. E' sombrio o quadro, mas é verdadeiro. (CHRONICA, 1º anno, 1861, p.116).

Neste subcapítulo, busca-se focar como as imagens e os sentidos de dificuldades enfrentadas pelo jornal na sua luta em nome dos jovens portugueses emigrados emergem das publicações como obstáculos que tornam grandiosas suas batalhas.

A indignação de Almeida Campos em “Claro-Escuro” (que encerram o subcapítulo anterior), também, aparece no discurso da “Chronica”, porém, ao invés de mandar ir *bater a outra porta* o leitor desejoso de mais *matéria*, aqui o programa procura *maior variedade e escolha nos artigos que se publicarem*, contrariando sua doutrina inicial, então, ressignificada enquanto *illusão*. São nove números separando uma publicação da outra e uma transformação na postura do escritor em relação ao leitor acontece: de proximidade, confidencialidade e amizade, para advertência e cobrança.

No trecho apresentado, é perceptível a enunciação de uma ação em que a espontaneidade individual do gênio romântico é figurada como porta-voz de uma coletividade. Não há sentidos de humor, ao contrário, de seriedade e desilusão em decorrência da não-adesão do público ao projeto do jornal. Não é casual o fato de o texto estar situado na coluna “Chronica” do jornal. Nas palavras de Renato Cordeiro Gomes (2009, p. 171): “As crônicas, quase sempre, são respostas a certas perplexidades pessoais e sociais”.

A perplexidade que faz da condição do periódico *quadro sombrio* culpabiliza a *mocidade*; joga para os leitores as expectativas frustradas, a responsabilidade e o dever de ação a favor do periódico. Segundo o texto, o problema não está tanto na *falta de matéria* e na *obscuridade* dos escritores, antes se encontra na recepção. O estado de não-dignidade d'*A Saudade*, não é, nesta Tese, encarado como diagnóstico de uma realidade, mas emerge como discurso potente, o qual constrange o público, o faz sentir rebaixado, justamente, como forma de sensibilização e estreitamento dos laços. O leitor é colocado,

assim, ao lado do escritor; é chamado para o projeto, e dele é cobrado, também, uma mobilização para angariar novos assinantes. Apenas assim, *A Saudade* poderia ser *digna* de seu grupo. Eis a ideia e a ação implicadas ao texto. O discurso de *reabilitação da classe* é sutura, cujos pontos sustentam não só a identidade portuguesa no exílio como a própria obra periódica:

Mas não predominam na redacção da *Saudade* as vistas de interesses positivos, nem a ambição de apparecer no mundo das letras. Aquelles não se dão com periodicos assim, esta seria uma anomalia, porque não vão seus vôos a alturas taes, e a obscuridade dos seus nomes está representada nas iniciaes que assignam todos os artigos. As intenções são puras; pensou que era possível reabilitar-se a classe a que pertence, e começou por lhe proporcionar o padrão – embora modesto – em que podesse affixar os protestos contra certas dependências que a impedem de tomar no banquete social de illustração o lugar a que ha direito. Se é uma utopia a ideia que teve a redacção, é uma utopia seguida por outras classes, e que tem dado excellentes fructos. (CHRONICA, 1º anno, 1861, p.116).

Por meio desse texto, percebe-se que a intenção de inserir novos talentos portugueses no quadro intelectual, em especial, literário da sociedade brasileira (enunciado como um dos objetivos do jornal em seus momentos fundacionais) é diminuída para reforçar uma proposta de ilustrar não alguns nomes, mas toda a *classe*. O público passa a ser inserido de forma mais enfática no projeto do jornal. Com isso se quer mostrar o que ele tem a ganhar com o apoio ao projeto d’*A Saudade*.

A metáfora do periódico enquanto *padrão* é simbólica, uma vez que faz referência ao monumento português utilizado no período colonial o qual demarcava domínio e soberania sobre um espaço geográfico. Assim, *A Saudade* possui o mesmo impulso de legitimação do poder dos seus antecessores, porém, vê-se frustrada nessa empreitada: “Morre tudo pela indiferença, não há emulação que fora para desejar; mas, um dia, quando se reclamar a presença da classe em qualquer manifestação generosa, reconhecerá que não está preparada para ella” (CHRONICA, 1º anno, 1861, p.116). Ao fim, o texto finaliza em tons de ameaça e perigo de um constrangimento coletivo futuro.

A *franqueza* severa da “Chronica” para com um público do qual o jornal esperava reconhecimento e apoio diz da frustração perante o desejo de conquista de um amplo espaço, expresso por um número significativo de assinaturas, fiel ao projeto de longo prazo.

No texto, as dificuldades têm sentido de ameaça, de forma que por elas se espera uma reação do público. Este é o intuito em enunciá-las: para vencê-las. Tal vitória, não aparece apenas como projeção. Na primeira série do jornal, em um momento de ameaça

de finalização das publicações (no segundo volume), a conquista de apoio para dar continuidade ao terceiro semestre é celebrada no presente da narração:

Ainda porém d'esta vez não foi nossa filha condemnada ao olvido; a bondade, cavalheirismo e mais que tudo isso, a delicadeza de acções de um dos nossos dignos consocios deu, com sabeis, a primeira batalha a favor de sua emancipação fazendo que se distribuísse mais um de seus números; e depois a bem concebida idéa dos dignos membros, autores da proposta, para que se costeasse a folha por meio de acções tomadas entre os socios do Gremio, que representasse cada uma o valor de cinco assignaturas; esta salutar medida, digo, que approvamos e á qual espontaneamente prestamos nosso auxilio, tomando grande parte das acções, veio por assim dizer, consolidar-lhe a posição que alguns momentos antes fôra ameaçada de perder. Hoje pois orgulho-me em declarar-vos, que ella se acha sob bons auspicios, que lhe agouro longa existencia, sem que mais se veja exposta a crises idênticas ás que já experimentara, se por ventura a nova administração procurar impedir (como ousamos crêr) que não se afaste de sua marcha regular, tão necessaria á sua conservação. (CORTIÇO, v. III, 1856, p. 9-10).

O trecho é parte do relatório, apresentado pelo presidente do Grêmio, José Antonio dos Santos Cortiço, e publicado no segundo número do terceiro volume, logo após a formação de uma comissão de redação encarregada de conseguir assinaturas para a continuação das folhas literárias que apresentavam dificuldades financeiras. No relatório, é possível perceber a necessidade de custeação das folhas por parte de alguns sócios. Afinal, apenas as assinaturas dos leitores não eram o bastante para a manutenção do jornal. Ainda assim, esse é um momento inaugural, que dá início a um novo semestre. Os sentidos de vitória e conquistas estão exacerbados, assim como os sentimentos de *orgulho* e esperança no porvir. Os obstáculos ultrapassados fazem com que a continuação d'*A Saudade* seja vista e sentida como heroísmo, reforçando o espaço próprio desse grupo e sua ação. Como escreve Yi-Fu Tuan (1983, p. 194): “O sentido de orgulho, individual ou coletivo, brota do exercício do poder”. Expressar sentimentos que reforçam o pertencimento coletivo, ou ainda, a espacialidade é uma forma de delimitá-la, territorializá-la. A expressão afetiva e literária dos sujeitos para com seu *lugar próprio* é parte do processo de constituí-lo e habitá-lo. Lugar que demanda esforço, palco de encontros e de dificuldades as quais, nesses momentos iniciais, transforma-se em batalhas bravas e modestamente ganhas.

Nesse viés, o texto fabrica uma ideia na qual o jornal, após ter conquistado transpor a mencionada *crise* que colocaria fim às publicações com o encerramento do segundo volume, vai ter *longa existência* e seguir uma *marcha regular*. Essas expectativas, mesmo frustradas com o fim da primeira série, evidenciam o projeto de longo prazo depositado n'*A Saudade*, e não apenas nesse periódico, afinal a partir do

Grêmios novas associações são formadas (como os, já mencionados, Retiro Literário Português e Liceu Literário Português) e novos jornais lançados (como *A Messe*, periódico do Retiro Literário Português); todos participantes do desejo e impulso do emigrado português em terras brasileiras de se instruir, encontrar os seus, compartilhar referenciais e sentimentos.

O momento de finalização do segundo volume é paradoxal, pois nele concentra as dificuldades que colocariam fim às publicações periódicas, mas é, também, nele em que esses obstáculos são superados por uma organização e uma vontade coletiva de continuidade do projeto do Grêmio. No encerramento do segundo volume, Rodrigues Pinto escreve:

A Saudade vai terminar um anno de existencia; é um seculo para nós que não queremos conhecer o alcance della, e os beneficios que póde produzir.

Representante d'uma classe olhada com ironia, a *Saudade* tem apresentado ao publico um desmentido solemne de que as intelligencias são exclusivas das classes distinctas da sociedade. Ella ahi está, corram pagina por pagina, leiam nome por nome, e ver-se-ha que nenhuma dessas paginas, nenhum desses nomes sahio das ultimas. O véo da obscuridade que envolve a ambas as cousas, isto é as paginas e os nomes, não é tão impenetravel que não deixe distinguir no fundo a verdade de uma idéa, abraçada por muitos. Essa gloria pertence-nos, o futuro virá para a exaltar, e tenho convicção de que essa classe conquistará o lugar a que tem direito. (PINTO, v. II, 1856, p. 193-194).

Essa publicação opera a partir do discurso de *glória* e *vitória*, enunciando expectativas positivas de realização do projeto de transformação da imagem social do grupo, homogeneizado e totalizado pelo uso da terminologia *classe*. O um ano de existência se torna *um século* em decorrência do que se promete, enfrenta e realiza o jornal. A fala de Rodrigues Pinto dá sentido ao esforço de continuidade: “Esmorecer quando a vitória se declara por nós, é loucura!” (PINTO, v. II, 1856, p. 194). Tanto o caminho traçado, quanto o futuro próximo são engrandecidos. O texto funciona como um renovador das forças. Os obstáculos aparecem como superados e a vitória próxima.

Não apenas no trecho apresentado, como ao longo de todo o texto de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, a articulação literária se volta para o grupo. Tanto os verbos no imperativo direcionados para o leitor (*trabalhemos, tomemos, contemos, abraçai e acompanhai*), como a propriedade da obra e suas conquistas (*a última página é vossa, o livro não me pertence – é de todos, nossas forças, a vitória se declara por nós*). “Vós” (leitores) e “nós” (sócios, irmãos, compatriotas, sentidos que relacionam escritores e leitores dentro de um mesmo movimento) são formas discursivas diferentes do modo

autoral e individual, do gênio criador, recorrentemente utilizados por Rodrigues Pinto nas “Páginas íntimas”. O intuito aqui é traçar uma linha que entrelace o íntimo do escritor com o leitor a partir de um marco vitorioso: o não encerramento d’*A Saudade* no fim do segundo semestre. Trata-se de uma construção, compartilhada e exaltada, de um sentimento de orgulho em relação ao grupo e seu fazer.

Vinculados, portanto, pela dupla saudade-*A Saudade*, os portugueses residentes no Rio de Janeiro, em especial aqueles jovens e amantes das letras, encontram na imprensa periódica o meio de transpor a imagem de *classe olhada com ironia*, em contraposição às *classes distintas da sociedade*, provando sua capacidade e buscando conquistar reconhecimento, *o lugar a que tem direito*, rompendo de tal forma a *obscuridade* na qual se encontram. O discurso de conquista do espaço novamente aparece como objetivo fundamental d’*A Saudade*.

No número seguinte à publicação apresentada, Rodrigues Pinto, ainda na coluna “Páginas íntimas”, introduz o terceiro volume d’*A Saudade*, novamente, por meio de uma voz que fala em nome do “nós”, conferindo a propriedade da obra ao coletivo. O discurso opera renegando a autoridade individual em prol da atribuição da obra à *classe*. *O lugar conquistado é vitória de todos*:

Há um anno que appareceu a *Saudade*. Os incredulos duvidaram da existencia que lhe prometiam, e, fiados em certos precedentes, contavam que ella tivesse a sorte de quase todos os jornaes litterarios desta capital.

Enganaram-se.

(...)

O futuro é nosso; trabalhemos todos em comum; façamos do nosso modesto jardim uma obra gigantesca. Vinde, mancebos nobres e intelligentes, vinde ajudar-nos a plantar essas arvores immensas que a mão do tempo não póde derrubar. Repelli com desdém a capa de nulidades que as circuntancias vos forçaram a tomar, e fazei em torno de nós um círculo compacto, onde não possam penetrar essas aves agoureiras que nos ameaçam com o seu funebre *grunhido*. (PINTO, v. III, 1856, p. 3, grifo do autor).

Esse texto, introdutório do terceiro volume da primeira série, é um, dentre quatro publicações nas “Páginas íntimas” do semestre, que não tem por abordagem os “Estudos Históricos”; serve, antes, para outros fins: o engrandecimento da trajetória coletiva, o fortalecimento dos laços de pertencimento e a construção de um sentimento de orgulho compartilhado e vivenciado pelo grupo representado no jornal. Nesse viés, são sentidos de vitória que perpassam tal fala. Vitória de uma luta da *classe* contra os *incrédulos*. Por existir tal embate, a conquista de se chegar no terceiro volume ganha tons heroicos, de bravura e coragem. A conquista de assinaturas é quase uma conquista dos mares.

Compreende-se o texto literário como formador da identidade, de elos entre os sujeitos, de sentimentos que despertam identificação. Daí a convocatória de Rodrigues Pinto: *O futuro é nosso*. Os verbos também funcionam discursivamente como forma de associação: *trabalhemos, façamos, vinde*. A manifestação (fabricação sensível e identitária) de orgulho, assim como o convite aos leitores é meio de consolidar tanto o espaço do jornal como do grupo construído por ele. Rodrigues Pinto escreve: “estou tão resolvido a acompanhar-vos, que de antemão esqueço os obstáculos que se nos antepuserem” (PINTO, v. III, 1856, p. 3). Ou seja, os obstáculos não paralisam, não travam o projeto; representam aquilo com o que se luta e do que se vence.

Tal sentido é diferente, por exemplo, das dificuldades enunciadas numa fala em um momento de despedida, como é, por exemplo, o texto “Aos assignantes da – Saudade –” de João Dantas de Souza que encerra a primeira série do jornal (1855-1857):

Qual o viajero peregrino que, após de ter a custo arrostado a morte ante os escolhos que se lhe apresentarão durante o seu caminhar de não poucos dias por um arido deserto, alcançou chegar a um pouso, e nelle preferio terminar a jornada ao arriscar sua sorte continuando-a, sem a certeza de achar mais commodo transito do que o precedente; assim a *Saudade* tendo atravez de não poucas difficuldades alcançado chegar ao fim de seu terceiro semestre, com elle termina a sua carreira, visto não ter certeza de na sua continuação achar-se livre dessas mesma difficuldades com que até aqui teve de lutar.

Qual o nauta que, em busca de plagas ignotas, chegou a ver-se em mares sobranceiros quasi submergido pelo furor das procellas, o qual em vez de diminuir via augmentar á medida que se adiantava a sua derrota, desistio de sua gloriosa empreza, e se julga emfim satisfeito por ter alcançado levar seu batel ao porto que no auge do perigo seu mappa lhe mostrou mais proximo; assim o *Gremio Litterario Portuguez* se julga satisfeito por ter alcançado levar sua folha a *Saudade* ao fim do terceiro semestre, ficando assim não só quite para com o publico em geral, como livre do compromisso com que se achava para com os assignantes da mesma; do que só lhe resta pedir-lhe desculpa por alguma falta de regularidade nella havido (SOUZA. III, 1857, p. 187-188).

Como referido, esse trecho faz parte do último texto publicado na primeira série *d'A Saudade*. Esta é metaforizada como *viageiro peregrino* e ainda *nauta*, imagem que estabelece uma relação do jornal com o período considerado glorioso das “descobertas” portuguesas e, inclusive, com o próprio perfil representativo do periódico: o emigrado. Diferente das metáforas de *capitólio* e *padrão*, que remetem a uma ideia de fixação, o fim das folhas do Grêmio é enunciado por sua transitoriedade; sua luta enquanto *caminhar por um árido deserto*, e ainda, *mares sobranceiros quase submergido pelo furor das procelas*. A difícil condição do português emigrado no Rio de Janeiro, enunciada nas

publicações do jornal, é paralelo da própria condição de seu jornal, também, peregrino e passageiro que enfrenta as dificuldades da existência, tendo seu projeto não concluído.

João Dantas de Souza retoma a discussão sobre o início do terceiro volume, que a princípio não iria acontecer e só se concretiza pela insistência e compromisso feito pelos sócios de angariar novas assinaturas. Porém, o não cumprimento desse acordo ao longo do semestre, o desânimo da comissão encarregada da redação, o desgaste das relações e, enfim, a gradativa renúncia dos sócios fez com que, ao fim, ficasse “pois o Sr. Antonio Xavier Rodrigues Pinto, único encarregado de sua redação” (SOUZA, v. III, 1857, p. 188), tendo, porém, pedido sua demissão no número 17. *A Saudade*, então, precisa ser custeada pelos suplentes para chegar ao fim do terceiro semestre. Essa resolução, produto do sacrifício de alguns, aparece como a conquista de uma liberdade contra o *compromisso* e o *peso* que passou a representar o jornal.

A delicadeza e cuidado para se referir ao periódico (*saudade, flor, menina, filha*) em discursos que buscam angariar leitores, dá lugar a imagens de embates para justificar seu fim, a ponto de se considerar: “o *Gremio* se acha livre deste peso que o sobrecarregava; ficando ao mesmo tempo irresponsável por qualquer folha que possa vir a aparecer com o mesmo título” (SOUZA, v. III, 1857, p. 188).

João Dantas de Souza não vislumbra uma segunda série d’*A Saudade*. A vitória, nesse discurso, não está na continuação ou no retorno, e sim na finalização. Não há intenções voltadas para o futuro, para uma busca de conquista do espaço. Antes, há uma valorização do espaço, então, conquistado bravamente. Os sentidos construídos, nesse momento final, são de despedida e satisfação. O caminho árduo de manutenção do jornal faz de sua existência luta e de seu fim alívio. A *gloriosa empresa* que se esperava com *A Saudade* parece não ter sido realizada. O que poderia ser indicativo de uma “derrota” tem o sentido transformado. O encerramento é vivido enquanto satisfatório e, até mesmo, vitorioso. As dificuldades, portanto, são essenciais. Daí que em todo o texto sejam usados termos com significados próximos e em articulação (*escolhos, derrota, procelas, insuficiência, desânimo, peso*).

A dificuldade justifica o fim das folhas no terceiro semestre e sua falta de regularidade. Sobre esta, há uma nota publicada no número 18 (seguinte ao pedido de demissão de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, até então, o único redator da comissão de cinco pessoas formada no início do semestre), em que se lê:

Obstaculos imprevistos, e que se não podem remediar de prompto, teem retardado a publicação d’este numero. Envidaremos todos os exforços

para os remover; entretanto é possível que a SAUDADE não se publique n'esta e na seguinte semana. Para evitar pois algumas suposições menos lisonjeiras, fazemos esta declaração, convencidos de que os senhores assignantes a acolherão com indulgencia. (AOS NOSSOS, v. III, 1856, p. 137).

Com base na leitura d'*A Saudade*, sabe-se serem os *obstáculos* que atrapalham o funcionamento do jornal as poucas assinaturas, as faltas de pagamentos, os conflitos internos e o conseqüente abandono dos principais redatores de seus cargos. Ainda assim, o jornal chega ao fim do terceiro semestre cumprindo sua regularidade e se vendo *livre*, como escreve Souza, do *peso*, do *compromisso* e da pressão imbricados à sua manutenção.

O caso d'*A Saudade* é representativo de um conjunto de periódicos, em especial literários, do século XIX que surgiam e desapareciam rapidamente. Todos com grandes expectativas iniciais, representantes de um coletivo em busca de conquistar e legitimar um espaço próprio por meio da imprensa, mas que, por possuírem um público leitor reduzido, veem-se confrontados com as condições financeiras para dar continuidade a tal projeto. Em seu estudo sobre as associações e os periódicos literários do Oitocentos, Milena da Silveira Pereira traz uma citação de José Veríssimo para se pensar a condição da leitura no final do século XIX e início do XX:

[...] essencialmente, o caso se resume em ser aqui, no comércio literário, a oferta extraordinariamente maior que a procura. Há quase tantos escritores como leitores, se não mais. Em país de instrução escassa e mofina e cultura sempre incipiente, onde 80% da população é analfabeta e o resto não lê ou lê somente jornais ou línguas estrangeiras, há nos vinte por cento restantes, pelo menos, dez que são literatos, dos quais 6,5 ou 7 são poetas. Assim, não lhes sobram leitores, e eles se tem de ler a si mesmos ou entre si. O que se chama público, esse não lê. Passa-se então na alma desses romancistas e poetas em potência uma sombria tragédia (VERÍSSIMO apud PEREIRA, 2015, p. 123-124).

Sombria tragédia potencializada no caso d'*A Saudade*, uma vez que esse impresso possui um público excêntrico (no sentido de estar fora do centro da construção literária de uma identidade nacional brasileira), que perpassa as temáticas e abordagens de suas publicações, reduzindo seu alcance de leitores e assinantes. O número de assinaturas é, ao mesmo tempo, o que garante o funcionamento do jornal, representa seu sustentáculo, mas é, também, uma de suas principais dificuldades.

O texto de Rodrigues Pinto publicado nas “Páginas íntimas” no número 17, em que pede sua demissão, é um divertido diálogo entre uma assinante e um cobrador, com o subtítulo de “Morte ao romance”. A publicação é uma dentre as quatro, já mencionadas, que (nessa coluna, em seu terceiro volume) fogem aos “Estudos Históricos”. As reflexões

em torno do texto são potencializadas quando contextualizadas dentro dos referidos embates do jornal. Assim, pode se perceber a crítica, feita em tons satíricos, do escritor para o público, e a dificuldade imposta a uma obra periódica:

- Truz, truz, truz.
 – Quem está ahí?
 – Creado da casa.
 – O que pretende?
 – Receber o importe de trez mil réis d’assignatura por seis mezes para o jornal a *Saudade*.
 – Não conheço d’esta fazenda por cá; naturalmente enganaram-no.
 – Perdão, sei o que faço; ha tres mezes que entrego a folha n’esta casa, e nunca se lembraram de dizer-me que não eram assignantes.
 – Essa é boa! Em nome de quem está o recibo?
 – Em nome de Agapytho Burromeu da Encarnação.
 – Sinto muito dizer-me que não existe n’esta casa ninguem d’esse nome... dê-me licença, tenho que fazer. (PINTO, v. III, 1856, p. 129)

A Saudade é tanto o veículo de divulgação do texto como parte de sua narrativa, ou melhor, o centro a partir do qual a trama se desenrola. Um processo, portanto, metalínguístico. Na sequência o cobrador insiste e pede à pessoa que atendeu à porta para chamar a senhora *velha* para quem entrega as folhas toda semana. A senhora, então, vai recebê-lo:

- Venho cobrar a importancia d’este recibo....
 – Hein? atalhou a *velha* sorvendo uma enorme pitada de rapé.
 – Um recibo da *Saudade*....
 – Não conheço....
 – Está visto, esta gente protestou fazer-me perder a paciencia, estaes enganados; hei-de levar a conversa até ao infinito.
 – Tanto conhece que é á senhora a quem entrego o jornal. Um jornal litterario, com uma capa *encarnadinha* quasi sempre.... traz versos, romances, historia, etc., etc.
 – Aquelle papel que o senhor me entrega todas as semanas.
 – Adivinhou.
 – Romances, versos... mas isto é uma indignidade!... o senhor quer perverter minha filha...
 – Romances!...
 – E esta!.. inda agora sabe que o jornal publica romances; zombemos da *velha*.
 – Minha senhora, os romances instruem, deleitam e formam o nosso espirito. A sua leitura póde impressionar-nos, tomamos interesse por este ou aquelle personagem, e o resultado é que o nosso coração torna-se sensível e bom. Por isso a menina mais innocente póde ler esta qualidade de escriptos; quanto aos versos, ah! minha senhora, os versos é a linguagem dos anjos! (PINTO, v. III, 1856, p. 129).

A forma como o jornal é caracterizado pelo cobrador, que representa a voz do “eu” da escrita, é singela (*litterário, capa encadernadinha, traz versos, romances, história*). Como contraponto a essa delicadeza está a indiferença e rudeza da interlocutora

do cobrador, a *velha*. Esta é uma figura moldada discursivamente para representar os elementos com os quais *A Saudade* se confronta: a hipocrisia (por receber as folhas e negar a assinatura), a resistência ao novo e o inverso da mocidade (velhice tarrancuda), vinculada a uma falta de reconhecimento do trabalho da imprensa (o qual, aos olhos dos “burromeus”, não precisa ser pago). A descoberta por parte da *velha* de que o jornal possuía romances promove uma reviravolta. Ela entra para dentro da casa e retorna devolvendo o jornal ao cobrador:

– Aqui tem, disse ella, atirando com um rolo de papeis ao cobrador, leve essa peste, e não me torne a apparecer aqui.

– Que significa isto?

– Isto significa que não quero mais em minha casa uma folha que ha transtornado a cabeça de minha filha... minha filha que era a innocencia personalisada!.. Se meu marido fosse vivo affianço-lhe que se não contentaria com isto. Ah! tempo, tempo!

O cobrador sentia immensos desejos de desbaratar com esta representante do outro seculo, conteve-se, e apenas disse, fazendo uma grande cortesia:

– Dou-lhe de conselho que guarde sua filha n’uma *rodoma*, olhe que os romances são uma das pragas do seculo! (PINTO, v. III, 1856, p. 130).

O estilo irônico e envolvente de Antonio Xavier Rodrigues Pinto aparece ainda mais acentuado nesse texto de despedida. Nele, não apenas a crítica do autor para com os assinantes d’*A Saudade* é perceptível, como os enfretamentos e as dificuldades que possui um periódico instrutivo e literário, voltado para o público português emigrado no Rio de Janeiro. Os sentimentos são de desencanto para com a recepção que a literatura tem na sociedade. Essa característica é comum entre os românticos. Segundo José Veríssimo: “Já em prosa, já em verso, todos eles se lastimavam da pouca estima e mesquinha recompensa do gênio que, parece, acreditavam ter e do despreço do seu trabalho literário” (VERÍSSIMO, 1998, p. 185). Essa lástima encontra no restrito público leitor e no preconceito para com determinados gêneros literários as causas da falta de reconhecimento, que, no caso d’*A Saudade*, representam, ainda, obstáculos ao projeto de *regeneração e ilustração* pelas letras.

A personagem-assinante é referida enfaticamente como *velha* e *carantonha*, com uma mentalidade *representante do outro século*. Essa figura representa um público que não compreende os projetos da mocidade e é, portanto, um empecilho para sua realização. Daí o cerne do problema do baixo valor social atribuído às empresas destinadas à divulgação de obras literárias enquanto meio de instrução.

A crítica à crítica do romance é operada no texto e ganha uma especificidade por ser a própria *A Saudade* a vítima de tal preconceito em relação à literatura, em especial o

romance, que o cobrador ironicamente denomina de *pragas do século*. O texto faz uso do humor para uma crítica de costumes que, tal como escreve João Pedro Rosa Ferreira, emerge da escrita periódica no século XIX:

Os periódicos usaram o humor como elemento central da sua “fórmula editorial” para atrair leitores, ao mesmo tempo que a expansão da leitura na passagem do século XVIII para o século XIX correspondeu, primeiro, à abertura de uma discussão pública em termos morais, uma crítica de costumes. (FERREIRA, 2020, p. 188).

No texto de Rodrigues Pinto, essa crítica se toca com a presença da mulher enquanto leitora. Por meio do estudo das “Páginas íntimas”, a figura da leitora já despontou, inclusive, censurando o escritor. Aqui, novamente, a mulher aparece, como leitora e não-leitora, como jovem e *velha*. O que essas construções contribuem para compreensão em torno das dificuldades enunciadas pel’*A Saudade?* Ora, como referido, são duas as figuras de mulheres que articulam o discurso: a mãe, *velha*, mal-humorada, não leitora e indelicada, de um lado; e a filha, aparecendo apenas de forma indireta, porém, enquanto leitora d’*A Saudade* e gérmen de um projeto libertador pela leitura. São dois perfis de mulher que se separam fundamentalmente em função das diferentes gerações e costumes. O choque revela um processo de transformação dos comportamentos femininos no Oitocentos e, em especial, na sociedade carioca. Segundo Yasmin Jamil Nadaf:

Recordemos que desde a Independência a figura feminina rompia paulatinamente o seu isolamento, conquistando a vitória das casas sobre as ruas – instrução, presença em festejos religiosos e oficiais e, mais tarde, saraus, teatros, entre outras práticas culturais e de lazer – e isto mereceu uma atenção especial do autor de romance que chegou repetidas vezes a declarar o seu diálogo com essa nova mulher. (NADAF, 2009, p. 131).

Essa *nova mulher*, para utilizar a expressão de Nadaf, é, portanto, leitora, e participa dos movimentos intelectuais do século XIX, no qual o romance emerge como gênero literário que tem sua origem e, majoritariamente, veiculação na imprensa periódica. Nadaf traça um caminho histórico no qual o romance-folhetim (publicado em partes), originalmente francês, espalha-se enquanto modelo na Europa e no Brasil. Inicialmente, os fragmentos encontravam-se no rodapé (denominado *feuilleton* e traduzido como *folhetim*) das páginas do jornal, trazendo diferentes escritos voltados para o entretenimento, em especial, as narrativas sequenciadas que funcionavam como uma forma de manter e fidelizar o leitor. Este continuava a assinar as folhas para acompanhar o desenvolvimento das histórias, então, criadas a partir de estratégias e temas envolventes, com o intuito de “prender” os leitores por meio da criação de tensões que ficavam

suspensas. Como relaciona Nadaf, os romances-folhetim funcionavam como a mesma fórmula discursiva de Xerazade nas *Mil e uma noites*: “Aqui, numa versão atualizada, Xerazade se transforma no jornal e no autor que, através do romance-folhetim, passaram a construir teias infinitas para a suas sobrevivências” (NADAF, 2009, p.121).

É importante ressaltar que, além de autor das “Páginas íntimas”, Antonio Xavier Rodrigues Pinto é romancista e, ao longo do segundo e terceiro volume d’*A Saudade*, publica um folhetim intitulado “Mathilde”, no qual se percebe artimanhas de tensões suspensas para enredar o leitor. Esse romance, nos moldes românticos, se passa no noroeste de Portugal, com aventuras, dramas, herói português emigrado para o Brasil e retornado, mulheres sofredoras, personagens e situações que dão vazão a dilemas socioculturais. O foco central da trama gira em torno de um rapto seguido de estupro; temática delicada, porém, muito bem narrada pelo autor, de forma a funcionar como gatilho para discussões em torno da honra. Apesar do abandono do cargo de redator no número em que se publica “Morte ao romance”, “Mathilde” e “Páginas íntimas” continuam sendo lançados com a assinatura de Rodrigues Pinto até o encerramento do jornal.

Nesse sentido, retomando a figura da *velha* de Rodrigues Pinto, é possível perceber ser ela expressão, justamente, do inverso do que se espera da leitora e assinante do jornal. Para ela o romance é *peste, indignidade que perverte e transtorna a cabeça da filha*. Esta, por sua vez, é figura que faz referência à *nova mulher*, leitora, buscando instrução e entretenimento nas letras, nos romances publicados na imprensa periódica, em especial, aquela produzida por seus compatriotas portugueses que cantam e narram, também, os sentimentos do sujeito emigrado.

Ainda que o resultado da narrativa seja a devolução das folhas e o não pagamento, todo o texto funciona como um discurso enunciador da literatura da imprensa periódica como aquela que instrui e rompe a *redoma* moral retrógrada imposta ao público leitor, em especial, o feminino. Trata-se da emergência de ideias e comportamentos que se chocam com outros, marcados pelo analfabetismo e conseqüentemente por um círculo restrito de consumidores literários. De forma que, no século XIX, ainda, passam a surgir de forma mais enfática as fronteiras entre os fazeres nas letras e nas humanidades, restringindo os círculos e produções, além de hierarquizar os campos do saber com base em concepções marcadamente cientificistas. Não por acaso, as “Páginas íntimas” sofrem transformações de abordagens e temáticas no terceiro volume. Essa modificação está em

diálogo com as transformações em torno do conhecimento no Oitocentos⁶ e do próprio projeto da comunidade portuguesa.

Alexandro Henrique Paixão, em seu estudo sobre a leitura na comunidade portuguesa do século XIX, chama atenção para a preferência que se tinha pelo romance-folhetim francês⁷. De forma que, no Real Gabinete Português de Leitura, as obras mais procuradas eram traduções de autores desse gênero, evidenciando um *gosto literário*. O *Relatório da Diretoria do Gabinete* de 1860, assinado por Antonio Xavier Rodrigues Pinto, afirma ser a leitura favorita dos associados o romance francês: “Aquilo que o catálogo apontava em 1858, o secretário Rodrigues Pinto confirmou no *Relatório* de 1860, isto é, a tendência difundida dentro deste espaço de sociabilidade era marcada pela valorização do romance” (PAIXÃO, 2012, p. 99). Não apenas em 1860, como em 1866, novamente como secretário, Rodrigues Pinto confirma essa preferência (PAIXÃO, 2012, p. 100).

O ano de 1866, porém, marca uma modificação da nova diretoria (da qual Rodrigues Pinto faz parte) perante esse gosto literário. Segundo Alexandro Henrique Paixão, o novo projeto “tentará introduzir um novo gosto literário” e “o gosto literário pelo romance francês começará a ser censurado” (PAIXÃO, 2012, p.101).

Ora, qual relação haveria entre a defesa do romance n’*A Saudade* na década de 1850 e as medidas de modificação do gosto literário da nova diretoria do Gabinete na década de 1860? Essas modificações se dão, segundo Paixão, no enfoque do Gabinete na instrução e caridade, assim como nas obras e monumentos que dessem visibilidade para o brio da comunidade lusa. Para além de uma literatura que entretenha e distraia, buscasse uma literatura instrutiva e formativa, instrumentalizando os sujeitos para o progresso social. Uma das medidas passa a ser a aquisição dos romances franceses na língua original, que, diferente das traduções, eram pouco procurados pela comunidade lusa. Essa

⁶ Tal embate não se restringe ao contexto histórico referido. Na contemporaneidade, mais de um século das publicações d’*A Saudade*, a defesa em torno da importância do saber literário, como faz o cobrador, ou ainda, Antonio Xavier Rodrigues Pinto (buscando a intencionalidade e fala do autor pela personagem), é recorrente e necessário para a legitimação do espaço desse saber. A situação de uma literatura ameaçada faz renovar as forças de sua defesa. *A Saudade*, ainda que diga de um círculo de escritores e leitores delimitado dentro de um contexto histórico e cultural, carrega no seu conteúdo mensagens que abarcam os dilemas do literato e seu campo, articulando debates com outros tempos e espaços.

⁷ Não apenas a comunidade portuguesa, como o público leitor em geral, do Rio de Janeiro em meados do Oitocentos, consumia preferencialmente os romances-folhetins franceses. O estudo de Marlyse Meyer aborda as diversas traduções e publicações periódicas dessas obras e suas repercussões na sociedade. Nas palavras da autora: “Tão fulgurante e rápida penetração do folhetim francês sugere a constituição no Brasil, nas décadas de 1840 e 1850, de um corpo de leitores e ouvintes consumidores de novelas já em número suficiente para influir favoravelmente na vendagem do jornal que as publica e livros que as retomam” (MEYER, 1996, p. 292).

ação é pensada como uma tentativa de levar os associados a consumirem romances em língua portuguesa:

Neste sentido, a diretoria com ares reformadores apresenta-se como o outro público, aquele que vai tentar introduzir e gestar um novo gosto literário no espaço social do Gabinete. Sobre esse novo gosto, devo dizer que ele está voltado a um tipo de literatura que prega a devoção ao estudo, à caridade, à ordem, à comunidade e a negação do romance recreativo. Na verdade, todas estas características estarão reunidas num único princípio, o ‘sentido da solidariedade’, que estava presente num tipo de literatura específica dessa época: trata-se da literatura portuguesa da década de 1860, crítica do romance-folhetim francês, mas tributária do positivismo francês, das teorias raciais e que fizeram escola em Portugal desde a década de 1850. (PAIXÃO, 2012, p. 103).

O texto da “Morte ao Romance” expressa uma perspectiva de frustração de um grupo de escritores e leitores perante um público que condena a leitura dos romances. Nesse sentido, a defesa do romance não deve ser pensada como de todo e qualquer romance, mas do romance publicado n’*A Saudade*. Não é tanto uma defesa de um fazer artístico, como o é de um fazer político e militante na delimitação de um espaço identitário enunciado como obscurecido.

A diretoria do Gabinete de 1866 responsável pelo exercício de modificação do gosto literário, tem a presença tanto de Rodrigues Pinto como de Reinaldo Carlos Montóro, presidente do Grêmio. A “Morte ao Romance” nas “Páginas íntimas” dialoga com as propostas dessa diretoria. O aumento do vínculo da comunidade portuguesa e fomento ao consumo da literatura produzida em língua portuguesa tem como enfoque impulsionar a leitura de periódicos dessa comunidade (que continuam sendo publicados) e os livros de seus escritores, adquiridos pela biblioteca do Gabinete no período. Nas palavras de Paixão (2012, p. 108): “O folhetim, especialmente o romance, fomentava reações nesses literatos como a devoção pelo nacionalismo, a exaltação cívica, a instrução, o enaltecimento da ‘raça’ portuguesa em detrimento da influência francesa”.

O romance de folhetim francês pode ser pensado tanto como influência e referencial de formação desses escritores da nova geração do Gabinete, em que situam expoentes do Grêmio Literário Português, como concorrência que querem superar. O discurso e a ação associativa a favor da instrução e solidariedade na comunidade lusa visam, também, a criação de um público leitor para seus escritores. Esse posicionamento reforça como as dificuldades enunciadas n’*A Saudade* acompanham a trajetória da comunidade portuguesa, edificando novos espaços, com renovados desejos e projetos para o coletivo.

Ainda que enfrentando as *teimosas dificuldades* e encerrando a primeira série d'*A Saudade* em 1857 com sentimento de alívio e liberdade, o Grêmio continua seu projeto e publica o *Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*. Como já mencionado, essa obra enuncia o intuito de ser uma publicação anual que, porém, apenas se efetiva em 1858. Portanto, mesmo findada *A Saudade*, o Grêmio continua a busca por espaço para a publicação de seus membros, mesmo tendo em vistas as dificuldades desse empreendimento.

Em 1861 (quatro anos após o fim da primeira série d'*A Saudade*) dá-se início a sua segunda série. Caberia levantar algumas questões em torno dessa retomada: e as *teimosas dificuldades* anunciadas no fim da primeira série? Não foram suficientes para encerrar o projeto desse grupo? O que move esses sujeitos a enfrentarem novamente o deserto e as tempestades? Ora, para compreender esse movimento é necessário tomar as dificuldades e os embates (tanto internos quanto em relação à sociedade e a demais jornais) não como obstáculos, no sentido de algo que limita a liberdade. As dificuldades são, antes, o que torna a jornada desses escritores e leitores heroica e grandiosa, ainda mais desejosa e desafiadora em delimitar *lugares próprios*.

As dificuldades que acarretaram o fim d'*A Saudade* (e não apenas *A Saudade*, como vários outros periódicos de associações literárias no Oitocentos) são parte do movimento de conquista do espaço. A curta existência de jornais, em especial os literários, no século XIX dizem dessa necessidade de legitimação de diferentes grupos em diálogo. Ainda que esses grupos apresentem-se em constante modificação (tanto em relação aos membros como projetos), eles buscam fixações, instituições, reconhecimento, e a imprensa aparece como meio de tal conquista. Daí as dissoluções e constituições que ocasionam novas folhas. Esses desdobramentos se estendem até o século XX. Nas palavras de Milena da Silveira Pereira:

Dos dispositivos de propagação e manutenção da prática de associar-se dos letrados, o principal, por certo, foi a imprensa. A imprensa periódica desempenhou um importante papel ao longo do Oitocentos brasileiro, tornando-se palco privilegiado das discussões sobre o Brasil e a sociedade brasileira. Ela era concebida nesse cenário não apenas como um dos meios para obter informações, mas também como um instrumento de aperfeiçoamento do homem e da sociedade. E, no caso das sociedades literárias surgidas no século XIX, esse papel da imprensa não foi equidistante; além de instruírem os jovens escritores, esses grêmios ainda possibilitaram a conquista de espaço pela mocidade que estava despontando, pois cada sociedade tinha o seu quinhão na imprensa. (PEREIRA, 2015, p. 108).

Essas considerações são frutíferas para a construção de uma ideia da imprensa não apenas como veículo de informação, mas *instrumento de aperfeiçoamento*. Não se busca apenas entretenimento ou informação, mas principalmente um meio de ações coletivas e instrutivas que projetam no futuro a transformação do “eu” e do “nós”, assim como, também, buscam-se espaços, nos quais os indivíduos possam associar-se, identificar-se, encontrar referenciais para significar sua vida e o mundo. Portanto, não é surpreendente o retorno d’*A Saudade* na sua segunda série; ele emerge como parte dessa busca incessante, sempre renovada e em confronto com dificuldades, obstáculos que lhe instigam a luta e lhe renovam as forças e os projetos, impulsionando movimentos de territorialização.

Michel Foucault, propondo um estudo em torno dos discursos, afirma sobre a relação entre texto primeiro e texto segundo: “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26). A volta d’*A Saudade* na sua segunda série é compreendida, nesse sentido, como uma reatualização do jogo (nunca ganho e nunca acabado, mas sempre jogado), em que permanências e rupturas funcionam como elementos discursivos na legitimação de um saber, representando uma vontade de verdade e exercendo poder na consolidação de um espaço, ao mesmo tempo, busca de reconhecimento social para o grupo.

A segunda série do jornal é percebida como forma de combater as dificuldades, que são parte fundamental do jornal. Ora, se *A Saudade* não está contra algo, sua existência perde o seu porquê. As dificuldades movem o tabuleiro; são elas que promovem a fundação, o fim e o ressurgimento. O acontecimento da volta d’*A Saudade* reafirma as posições e os projetos dos mancebos portugueses emigrados e residentes no Rio de Janeiro, buscando instrução e espaço para publicação de suas obras num movimento coletivo de transformação da imagem de grupo. As *teimosas dificuldades* persistem e significam a suas lutas.

Na segunda série d’*A Saudade*, também, estão presentes os sentidos e os usos discursivos das dificuldades enquanto obstáculos superados que tornam heroicas as ações dos sujeitos. Em uma das publicações da “Chronica”, lê-se:

Termina brevemente a publicação do primeiro anno da *Saudade*. Já é alguma coisa tão *longa vida* em um periodico litterario sem aspirações, redigido por mancebos do commercio.

(...)

A falsa modestia achará aqui alguma exageração; mas de mancebos que não cursaram academias, que foram os mestres de si mesmos, exigir mais seria desconhecer o merecimento em muitos outros escriptores que

princípios nas mesmas circunstâncias, e tem hoje nas letras uma reputação incontestável.

Depois, a *Saudade* há vivido por si mesma. Nem recomendações aparatosas, nem elogios próprios pelos jornaes de grande formato a tem insinuado ao publico.

Não nos queixamos porque não são para nós os benefícios d'este genero de publicações; não os ambicionamos nem daremos um passo para os alcançar.

Havemos de proseguir; pertencemos felizmente a um nucleo em que a dedicação a uma ideia não enfraquece ante qualquer obstaculo. (CHRONICA, 1º anno, 1862, p. 219-220).

A construção do espaço aparece atrelada à própria construção da imagem dos sujeitos pertencentes a esse *lugar*. São *mancebos do comércio, que foram mestres de si mesmos*. A constituição literária do “nós” faz frente à hegemonia do saber acadêmico que consolidou nomes na sociedade brasileira. A *obscuridade* d'*A Saudade* é algo que se busca transpor; é parte do projeto sentido enquanto não consolidado. Porém, o discurso age enunciando o inverso: a não ambição e não esforço em alcançar esse lugar outro, em destaque. A resignação com a mencionada marginalização d'*A Saudade* faz de seu grupo modesto e humilde, assim como engrandece as conquistas até então alcançadas, que, mesmo não reconhecidas publicamente por demais espaços e identidades, defende-se: “a crítica mais severa há de respeitar uma grande parte dos seus escritos” (CHRONICA, 1º anno, 1862, p. 220).

Os textos d'*A Saudade* variam entre a enunciação de um objetivo não alcançado e o autoelogio, tendo em vista seu grupo e seu projeto, que persiste e ultrapassa as dificuldades, comemorando um ano de vida. Não é apenas pela ocupação profissional e nacionalidade do grupo que faz o jornal ter um público leitor restrito, mas, também, seu caráter *literário*. Em 1904, Olavo Bilac escrevia sobre a dificuldade enfrentadas pelos gêneros literários na imprensa periódica, estabelecendo um paralelo, constantemente retomado para se pensar esse contexto e essas práticas, entre a doença (tétano neonatal) que levava a óbito crianças recém nascidas (popularmente conhecido como “mal de sete dias”) e o fim “precoce” de folhas literárias: “Quanto a Revistas, – isso é genero que ainda não se acclimou no Brasil: quasi todos os nossos *magazines* morrem de mal de sete... numeros” (BILAC, 1904, p. 387).

Considerando o *mal de sete números*, que expressa a curta existência de revistas literárias na imprensa periódica, é significativo o período de publicação d'*A Saudade* e, principalmente, sua retomada mesmo após um término conflituoso e repleto de desilusões, como se enuncia o fim de sua primeira série.

A proposta deste subcapítulo vai no sentido de pensar as dificuldades, derrotas e fracassos, assim como as vitórias, as conquistas e os atos heroicos como construções discursivas de um mesmo objeto que se revela em movimento. Essas adjetivações e imagens emergem dizendo de determinados momentos e interesses de uma obra coletiva e em constante fazer-se.

Não é intuito, nesta Tese, fixar uma verdade sobre o jornal, mas evidenciar e problematizar as construções que faz de si mesmo. Quais sentimentos, desejos, referenciais e projetos estão imbricados nas falas; como significam a realidade, constituindo-a ao passo que constituí, também, seu espaço, ou seja, seu fazer e sua imagem perante a sociedade. Orgulho, desilusão, expectativa no porvir, sentimento de pertença por compartilhar uma história que se diz grandiosa, conquista de visibilidade e renome social; estes são discursos perceptíveis e articulados pelos escritores, em estreita relação com os leitores, d'*A Saudade*.

Dois pesquisadores, já referidos nesta Tese, que publicaram trabalhos com considerações sobre o jornal *A Saudade*, também operam suas reflexões dentro do jogo discursivo percebido internamente no jornal; entre *fracasso* e *vitória*. Eduardo da Cruz entende que: “O projeto realmente arregimentou novos membros para a associação, que ganhou prestígio. Manter e fazer crescer uma entidade dessas não é fácil hoje, e era algo quase heroico naquela época” (CRUZ, 2019, p. 31). Já Sébastien Rozeaux enfoca o caráter efêmero do jornal, bem como as expectativas frustradas em relação ao seu projeto, escrevendo que:

Entendemos então por que a maioria de seus colaboradores, regulares ou ocasionais, não marcaram a história literária; e a grande maioria dos trabalhos publicados em fascículos não foram editados em volume. Portanto, sem surpresa, a dimensão “lusobrasileira” anunciada na fundação da revista *A Saudade* nunca pôde ser colocada em prática. Tanto em 1855 quanto em 1860, a marginalidade dos caixeiros na sociedade carioca e o ambiente pouco ameno para os portugueses precipitam a interrupção das atividades dessas duas revistas, depois de alguns meses de existência. (ROZEAUX, 2016, p. 500).

Essas reflexões participam de dois caminhos presentes nos próprios escritos d'*A Saudade*, cujas publicações variam de um tom para o outro. De um lado, o *fracasso*, tendo em vista um projeto grandioso e transformador inicial; de outro, a *vitória* que se apresenta, uma vez vivenciadas as dificuldades de fundação e manutenção de um periódico vinculado a uma associação literária e portuguesa na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro. Essas diferentes abordagens, porém, não se anulam; elegem óticas

distintas para amparar um mesmo discurso: a falta de reconhecimento em torno do projeto que figura *A Saudade*. Aqueles amparados nos sentidos de *vitória* buscam dar continuidade a esse projeto, ainda que, no século XXI, enquanto retomada; e aqueles amparados nos sentidos de *fracasso* o fazem para justificar o fim da folha e sua marginalidade frente aos cânones da literatura brasileira e portuguesa.

Em diálogo com o funcionamento desses mecanismos discursivos, esta Tese pensa *A Saudade* para além de um parâmetro que indica início e fim de um projeto, mas (perseguindo uma imagem foucaultiana caleidoscópica) enquanto parte de uma prática, de uma multiplicidade de fazeres, jogos, embates, sujeitos, construções de associações e jornais. A obra revela um intermitente movimento de territorialização, de constituição de histórias, significados e, conseqüentemente, de espaços, sempre em transformação. Esse movimento não está limitado pelas datas finais e iniciais do jornal, sendo *A Saudade* materialização de parte de um jogo no qual emigração, associativismo e imprensa literária se entrelaçam como forma de fabricar a realidade para um conjunto de indivíduos.

Por fim, cabe ressaltar que as expectativas que movem os sujeitos e sua obra dizem diretamente das construções sobre o coletivo. Este se vê potente, porém marginalizado. Suas imagens amparam os discursos de fundação, funcionamento e lutas d'*A Saudade*. O próximo capítulo se atém às discussões em torno das figurações dos portugueses emigrados, aprofundando as relações entre as construções territoriais e identitárias estabelecidas pela obra periódica e os intuitos representativos de sua autoria coletiva.

Capítulo 2 – Figurações dos emigrados portugueses: classe caixeiral, o mendigo, o “brasileiro” e a mocidade

Classe caixeiral portuguesa do Rio de Janeiro

Este subcapítulo propõe uma investigação sobre os usos do conceito de *classe* n’*A Saudade*. O termo aparece recorrentemente nos textos. Por que utilizá-lo? Quais os sentidos imbricados a essa nomenclatura? Em relação a quais contextos históricos e linguísticos essa referência é articulada? Quais os intuitos de tal escolha discursiva? Essas questões preliminares despontam da leitura do jornal. A partir dos usos do conceito de classe, perfis criados pelo jornal para seu grupo (suas origens, pensamentos, ideais, funções e projetos na sociedade) são edificados, delimitando o “nós” ao passo que o fabrica enquanto espacialidade. Seguindo as reflexões de Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, podemos questionar:

É possível *ser* sem *estar*? De maneira geral, quando concebemos um determinado ente – seja humano ou não, animado ou inanimado –, criamos uma série de referências com as quais ele se relaciona de algum modo. Ou seja: imaginamos uma forma de *situá-lo*, atribuímos ao *ser* um certo *estar*. Ao realizarmos tal operação, estamos produzindo um *espaço* para o *ser*. (SANTOS; OLIVERIA, 2001, p. 67, grifos do autor).

Nesse sentido, compreende-se a enunciação de “ser parte de uma classe” ou “estar em uma classe” como uma ação que constitui uma espacialidade para os sujeitos escritores e leitores, bem como para a comunidade portuguesa no Rio de Janeiro em meados do século XIX. Tais discursos delimitam quem são esses sujeitos, o que fazem, desejam e com quem se relacionam. O conceito de classe aparece como suporte fundamental para a formação identitária dos portugueses emigrados, bem como é, também, instrumento para o aprofundamento de um estudo em torno da fabricação de seus espaços.

O uso de tal conceito n’*A Saudade*, porém, não está desvinculado de um movimento de ideias próprio do pensamento ocidental no Oitocentos, em que discussões filosóficas e sociológicas de crítica à realidade social e desejo de progresso emergem com força revolucionária.

Em sua etimologia, *classe* vem do termo em latim *classis*, que significa uma categoria, ou ainda, divisão do exército, sendo utilizado para fazer referência a um grupo de cidadãos romanos sujeitos ao serviço militar. Essa origem é significativa tanto para se pensar o termo enquanto instrumental linguístico que estabelece um conjunto social, uma

pertença, como, também, implica um sentido de luta, ou seja, de um agrupamento cujos indivíduos estão lado a lado numa batalha.

A partir da segunda metade do século XVIII e ao longo do século XIX, classe aparece nas produções intelectuais (para além do conceito biológico que carrega a ideia de patamar dentro de uma hierarquia) como forma de definição de um grupo com características produtivas comuns, e, portanto, em situação de embate com demais sujeitos.

Em 1789, ano que marca o início da Revolução Francesa, Emmanuel Joseph Sieyès publicou um texto intitulado “O que é o terceiro Estado?”. Este circulou sob forma de panfleto e reúne conceitos e projetos revolucionários, dentre os quais encontra-se o conceito de classe. Sieyès faz uso do termo para se referir a grupos vinculados por um determinado trabalho (no campo, indústria, comércio, serviços) como, também, para dizer de um conjunto de cidadãos. O Terceiro Estado seria composto pelas *classes trabalhadoras*, capazes da ação revolucionária de restituição dos direitos políticos e civis. O discurso do político e abade constrói a ideia de que há, na sociedade francesa, uma relação abusiva na qual as classes trabalhadoras estão oprimidas. “O que é o Terceiro Estado?” pode ser considerado um brado contra os privilégios sociais, ou ainda, privilégios de classes próprios do Antigo Regime.

O referido texto é um marco inicial de desenvolvimento de um aparato conceitual e analítico que se volta para a crítica às desigualdades sociais da modernidade. No século XIX, as produções intelectuais passam a utilizar o conceito de classe enquanto categoria de análise social, potencializando os sentidos que podem ser percebidos como embrionários no texto Sieyès. Classe é, assim, utilizado para se referir a um grupo com características materiais próximas e que exercem um mesmo ofício, além de fazer referência a uma identidade social situada num grau de desenvolvimento. A sociedade é percebida, nessa perspectiva, enquanto espaço de embate em decorrência das desigualdades entre indivíduos que deveriam ter iguais condições jurídicas, legais, políticas e sociais. Assim, falar em classe é situar um grupo em relação a demais. Relação fundamentalmente conflituosa.

O filósofo alemão Karl Marx representa um marco, como defende Foucault, de fundação de discursividade, no sentido de estabelecer bases teóricas e conceituais para outros textos operarem dentro das regras que sua obra institui (FOUCAULT, 2011, p. 101). O conceito de classe é um desses elementos de base. Na teoria marxista, percebe-se classe como meio de dizer de uma identidade preestabelecida aos sujeitos, enraizada

nas bases materiais da sociedade e que se forma por se compreender em confronto com outras. Em colaboração com Engels, Marx escreve que:

Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que devem travar uma luta comum contra outra classe; quanto ao mais, eles se comportam como inimigos na concorrência. Por outro lado, a classe torna-se, por sua vez, independente em relação aos indivíduos, de maneira que estes têm suas condições de vida estabelecidas antecipadamente, recebem de sua classe, já delineada, sua posição na vida e ao mesmo tempo seu desenvolvimento pessoal; são subordinados à sua classe. (MARX; ENGELS, 1989, p. 58).

Essa concepção institui o conceito de classe como grupo ao qual o indivíduo não escolhe pertencer, pois se encontra nele uma vez que é determinado pelas condições materiais de sua vida. Cabe aos sujeitos um reconhecimento de si enquanto parte da classe, ou seja, um despertar da consciência, da identidade que une o grupo por estar em tensão com demais. É, fundamentalmente, uma ideia espacial, situando um indivíduo enquanto parte de um coletivo, com fronteiras estabelecidas, em relação de luta com demais espacialidades e, até mesmo, com uma missão revolucionária, de transformação, de confronto contra a dominação e subjugação de seu lugar.

Assim, da Revolução Francesa até meados do século XIX se percebe o desenvolvimento de instrumentais teóricos, tal como o conceito de classe, que dão sentido a uma realidade marcada por divisões e territorializações identitárias e sociais.

Ora, se os escritores e leitores d'*A Saudade*, declaradamente portugueses emigrados, jovens inexperientes, sem vínculos com instituições acadêmicas, trabalhadores do comércio e saudosos da pátria, utilizam o termo classe para se referir ao seu grupo, isso não se dá desvinculado aos sentidos que o conceito possui no século XIX. Esse uso evidencia tanto as compreensões em torno do patamar que acreditam estar dentro de uma hierarquia social, como as lutas travadas e seus projetos de *regeneração*, ou seja, de modificação de seus status social. Afinal: “Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo *está*” (SANTOS; OLIVERIA, 2001, p. 68). A classe-palavra forma, ao passo que situa, esse coletivo.

Desde que a nossa classe compreendeu a necessidade de colocar-se a par das outras pela emancipação e pela inteligência, não brotam em terreno estéril estes e outros tentames litterarios.

Olha-se, às vezes, com indiferença para as manifestações da mocidade, porque ainda há certos preconceitos arreigados, que tolhem o curso d'essas manifestações. Mas desde o momento em que uma classe qualquer, que soube conquistar á custa de esforços e de trabalhos a independencia e a força que devem constituir os grandes corpos da sociedade, tenta desmentir com a palavra escrita e falada, a

inferioridade que lhe censuram, não são esses preconceitos para temer-se, e são para desprezar-se.

Porque dominaram exclusivamente, até certo tempo, algumas classes hoje desprestigiadas e abandonadas? Porque o povo, baldo de instrução e illustração, perdera a energia moral, e fora degradado para os lugares mais ínfimos da sociedade! Porque o seu embrutecimento tirava-lhe a consciencia do que valia, e escravo manietado aos caprichos e vaidades de muitos senhores, dormiu longos anos o somno pezado dos embriagados!

Hoje, porém, não é mais o povo a machina passiva da vontade dos poderosos: é por isso que a nossa classe, essencialmente democrata, deve ir conquistando cada vez mais os palmos do terreno cuja entrada lhe não era permitido transpor. (CHRONICA, 1º anno, 1861, p. 95-96).

Nas discussões em torno das “Páginas íntimas”, de Rodrigues Pinto, faz-se referência à classe enquanto aquela que é *olhada com ironia*. Novamente, por meio da leitura da “Chronica”, aparece a ideia de uma subjugação na qual se encontra o grupo.

A expressão *nossa classe*, em relação com demais articulações do texto, evidencia a ideia de que existe uma classe, ou seja, um grupo do qual a voz do jornal é representante. *A Saudade* aparece, assim, como materialização do projeto de romper os *preconceitos* e inferiorizações relegadas a sua classe. No texto, *A Saudade* e a classe estão correlacionadas, de forma que, a vitória de uma é, simultaneamente, a vitória da outra.

É instigante como os discursos que fazem uso do conceito de classe ampliam o grupo do jornal, não restringido a redatores e leitores. Trata-se, antes, da classe. E quem ela é? A “Chronica” indica seu primeiro fundamento: “Dispensem-nos os nossos compatriotas a protecção de que são capazes, e para que nunca em vão se appellou, e a *Saudade* será o verdadeiro e mais expressivo protesto contra a inferioridade que irrogam á nossa classe” (CHRONICA, 1º anno, 1861, p. 96). A classe é constituída pelo vínculo de identidade pátria comum, a identidade portuguesa; são os *compatriotas* da capital do Império.

A caracterização da classe enquanto *democrata* não situa o grupo em termos políticos partidários, afinal é recorrente n’*A Saudade* o elogio à monarquia. A caracterização vai no sentido de reforçar a ideia de um grupo inferiorizado por meio da expressão que compõe a ideia de classes trabalhadoras e populares. Estas possuem, segundo o texto, a capacidade de mudar a sociedade por meio da instrução. A prova disso viria dos estudos históricos que ilustrariam a modificação de alguns segmentos sociais ao longo do tempo (como os próprios comerciantes, que surgiram como classe marginalizada, porém foram gradualmente conquistando capital simbólico e transformando a sociedade estamental).

A “Chronica” evidencia um discurso que edifica um espaço para o português emigrado, por meio do uso do conceito de classe, situando o grupo identitário em um lugar social rebaixado, porém, convocando-o para o engajamento ao jornal como forma de libertação. O desejo por *ilustração e inteligência* ganha novas camadas de significação, pois passa a ser arma utilizada para combater a imagem que domina sobre a classe. Segundo Eduardo da Cruz:

Imersos em uma nação em formação, com seu status alterado de colonizador para imigrante, os portugueses que aqui chegavam se organizaram de modo a construir para si uma imagem diferente daquela atacada tanto pelos brasileiros quanto por seus patrícios que não emigraram. Afinal, grande parte dos portugueses que aqui chegavam vinham do campo, sem muito preparo para as atividades comerciais urbanas. (CRUZ, 2015, p. 26-27).

A luta contra os estereótipos de *brutos provincianos sem instrução* (CRUZ, 2019, p. 31) deveria se dar, com base nos discursos d’*A Saudade*, pela desconstrução prática desses sujeitos subalternizados. Ora, se os portugueses são vistos na sociedade brasileira de forma inferior, a causa, segundo o texto, está na falta de instrução, sendo ela o meio pelo qual essa imagem pode ser modificada.

Nesse viés, constrói-se e impõe-se um dever de classe. O conceito emerge com a função de identificar/criar o grupo, bem como lhe imbuir de uma missão. Os sujeitos se encontram relacionados não apenas por um passado comum, como, também, pela projeção de um futuro no qual os obstáculos dos presentes estão superados. Que obstáculos seriam esses? Os mesmos que o jornal enuncia quando justifica seu fim ou apresenta sua continuidade vitoriosamente? Na recepção marcada por um público leitor restrito e, por vezes, desinteressado? Ainda que esses elementos sejam importantes no processo de *emancipação*, os obstáculos contra os quais a classe se posiciona dizem de uma condição de *obscuridade*. O enfoque está, portanto, nos embates externos ao jornal *A Saudade*.

Diferentemente das publicações que evidenciam os embates internos ao funcionamento do jornal, o sentido de classe serve como forma de união, amenizando as tensões entre escritores e leitores, e construindo um sentimento de pertencimento. O foco das produções enunciadoras do termo está no vínculo coletivo, ou ainda, na desilusão perante as expectativas para que ele se concretize. Tal como propõe Benedict Anderson para analisar as nações e os nacionalismos, a construção operada pelas publicações formadoras da classe n’*A Saudade* podem ser pensadas no sentido da formação de *comunidades imaginadas*. Por mais que sejam compostas por diferentes sujeitos, os

discursos que a fabricam operam a partir de sentidos de igualdade: “ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34). Tal como é a classe, cujo elemento particularizador é a nacionalidade portuguesa, nas publicações do jornal do Grêmio.

O último número da segunda série (1862) abre com uma nota da redação informando o fim das folhas. É significativo, nesse momento, como a ideia de classe ultrapassa o corpo escritor-leitor d’*A Saudade* para dizer de um grupo (no sentido de uma imagem coesa) que o jornal se enuncia como representante:

A *Saudade* viveu exclusivamente da dedicação e perseverança de poucos, que não são muitos para estas lutas. Aquellas deixam em suas paginas documentos do que são, estes lembram apenas quando, como agora, se fecha um livro que fôra destinado a representar uma classe. Que fiquem uns e outros com os baveres que têm; e um dia, breve talvez, faremos novo appello aos primeiros, que hão de vir, como sempre, hypothecar á classe os *restos da sua mediocridade*. (A SAUDADE, 2º anno, 1862, p. 109, grifos do autor).

Diferente da primeira série, os motivos que levam ao fim do jornal não são aprofundados e apresentados para o leitor, porém, o transcorrer da leitura e as recorrentes menções às dificuldades financeiras (por falta de assinatura) permitem a compreensão de ser a segunda série finalizada, também, em decorrência dessa situação.

O fim e as falhas d’*A Saudade* na realização do projeto grandioso, que se vislumbra nos momentos fundacionais, é sentido como o próprio fracasso do coletivo. Assim, a culpabilidade é destinada à classe. Se resta ao jornal apenas os *restos da sua mediocridade*, tal crítica constrói uma ideia de falta de reconhecimento e apoio para a continuidade do projeto que, mesmo voltando-se para a comunidade portuguesa, é sustentado apenas por uma parcela dela.

O fim é enunciado como algo que se impôs à redação, e sua existência amparada por *poucos*. O esforço dessa parcela reduzida se confronta com a falta de resposta da classe. O termo refere-se essencialmente a um *todo*, do qual o jornal e, até mesmo, o Grêmio são parte. Ou seja, espera-se dos *compatriotas* (independente de demais espaços e identidades que possam participar e, com isso, diferenciar-se d’*A Saudade*) o apoio em forma de associação ao jornal. Sejam instruídos ou não, jovens e velhos, homens e mulheres, ricos e pobres; a classe é utilizada para reunir e fazer referência à “colônia lusa”.

Esta é a importância de proferir a identidade portuguesa no exílio: ela fronteira e delimita quem é o “nós”, ou melhor, quem deveria ser. As frustrações do não ser, ou seja, deste “nós” hipotético, a classe, não se apresentar na prática como no discurso se gostaria que fosse, evidencia como essas construções coesas do grupo emigrado dizem, antes, dos esforços de constituição de um espaço poderoso. Porém, o que se percebe é a existência de *pequenos mundos*, ainda menores quando comparados com os anseios implicados a uma ideia de classe.

Além do uso do conceito de classe para criar uma imagem e um projeto político para os portugueses emigrados na capital do Império brasileiro, também, percebe-se n’*A Saudade* essa nomenclatura empregada dentro de uma expressão: a *classe caixeiral*.

Nesse sentido, para compreender as referências históricas contextuais com as quais os textos do jornal conversam, é importante se ater aos estudos sobre a emigração portuguesa para o Brasil. Com base numa análise sobre dados da emigração Porto-Brasil, Jorge Fernandes Alves entende existir uma lógica de migração nacional, em que se dá um êxodo rural e concentração urbana nas capitais portuguesas. Nestas, encontra-se potencializado o incentivo à emigração. Segundo o autor, da década de 1840 a 1860, a maior parte dos emigrantes portugueses no Brasil tem ocupações no comércio, como é o caso dos caixeiros. Já nas décadas de 1870 e 1880, a maior parte desses emigrantes tem ocupações no setor primário, substituindo intensivamente a mão de obra escravizada. Com base nesse estudo, podemos compreender que *A Saudade* situa-se num contexto marcado pelo jovem português alfabetizado que emigra dentro de um sistema de recomendações para trabalhar e construir uma carreira no comércio, almejando, muitas vezes, o retorno enriquecido para Portugal. Nas palavras de Jorge Fernandes Alves:

A carreira comercial começava quase sempre pela entrada como marçano, desde a entrada ao serviço até aos 18-20 anos. Era, então, um verdadeiro criado para todo o serviço, dependente inclusive dos colegas caixeiros mais velhos, vivendo permanentemente em casa do patrão, em sótãos, cubículos ou mesmo nos armazéns, não conhecendo férias, horários, nem descanso semanal, senão no raiar do nosso século. Só depois se passava a caixeiro e mais tarde, dependendo das capacidades demonstradas, dos estudos de base e da benevolência do patrão, um ou outro passaria a escriturário ou guarda-livros, ou, então, à realização por conta própria estabelecendo-se. (ALVES, 1993, p. 93).

Essas considerações permitem uma maior compreensão sobre a dinâmica sócio-econômica da emigração portuguesa para o Brasil no século XIX, pensando a figura do caixeiro como representante desse movimento. Não por acaso, *A Saudade* proclama-se recorrentemente órgão a favor da *classe caixeiral*, pois é nesse perfil de trabalho que se

concentra o grupo de portugueses jovens e instruídos do Rio de Janeiro nas décadas de 1850 e 1860. Identidade nacional e vida material estão, portanto, atrelados no discurso de constituição do “nós”.

Dentro da *classe caixeiral*, é possível perceber, em diálogo com o estudo de Lenira Menezes Martinho, que existiam hierarquias e posições socioeconômicas diferentes. Portanto, podiam se distinguir os *caixeiros de balcão*, *caixeiros de fora (ou de porta-fora)*, *caixeiro de escritório* e *guarda-livros ou primeiro-caixeiro* (MARTINHO, 1993, p. 38-39). O crescimento dentro dessa estrutura de trabalho era uma expectativa que apresentava a emigração como porta de entrada para uma carreira com possibilidades de enriquecimento, estabilidade econômica e ascensão social, mas, também, como universo marcado por uma separação profunda entre jovem e mestre, patrão e empregado, aquele inexperiente e o sujeito com um saber no comércio consolidado e reconhecido. Nas palavras de Alexandro Henrique Paixão:

Ser caixeiro era visto pelos emigrantes e por suas famílias portuguesas como ponto inicial, certas vezes obrigatórios, para alcançar uma carreira bem-sucedida no ramo do comércio, cujo ponto máximo parecia ser a posição de negociantes. Nesse programa a juventude era elemento importante, haja vista que os comerciantes estabelecidos desejavam para suas casas jovens patrícios e que tivessem pouca idade para poder mandar e pagar baixos salários (entre doze e catorze anos era, portanto, a idade ideal). (PAIXÃO, 2012, p. 75-76).

O caixeirato no Brasil era carreira para o português emigrado e espaço fortemente fronteado por essa identidade nacional. Uma vez consolidado no Brasil, um comerciante português preferia chamar parentes e amigos de sua terra natal do que empregar brasileiros, justamente, em decorrências dos embates entre nacionalidades, travadas na sociedade brasileira oitocentista. Essa rede de recomendações retinha determinados ofícios, como o de caixeiro, nas mãos dos portugueses, potencializando ainda mais as tensões sociais. Ainda nas palavras de Alexandro Henrique Paixão (2012, p. 83): “A principal razão do sentimento antilusitano foram os privilégios obtidos pelos caixeiros no país”.

A lusofobia, ou antilusitanismo, na sociedade brasileira do período é reflexo de novas significações identitárias. “Ser brasileiro” diz de um processo de formação jurídico, cultural e sentimental ao longo do Oitocentos e se fundamenta numa diferenciação com a identidade portuguesa. “Ser brasileiro” passa a estar correlacionado com “não ser português”.

Como atenta Gladys Sabina Ribeiro, 1822 é um marco histórico para se pensar o processo de construção das identidades brasileira e portuguesa que, com base no estudo da imprensa, são percebidas, por vezes, em confronto e por vezes em acordo. A independência do Brasil é parte de um movimento de valorização do que é nacional. Literatura, História e Geografia são áreas cujas produções buscam, nesse contexto, fazer e dizer de forma essencialmente brasileira. O estrangeiro e, principalmente, o português passa a ser significado enquanto “outro”. Sobre o antilusitanismo, neste contexto histórico, a autora escreve: “Incentiva-se o medo contra o estrangeiro, o ‘português’, que de tão conhecido foi transformado em ‘inimigo’, e sobre ele passou-se a divulgar estereótipos... E é claro que isto gerava perseguições, controle e vigilância” (RIBEIRO, 2002, p. 63).

Para o português residente no Brasil, fundar uma associação, encontrar os seus, nomeá-los enquanto classe, falar sobre temáticas que lhe são conhecidas e queridas, torná-las públicas, confrontar sentimentos e ações contrárias a si e a seu grupo, são exercícios criadores de espaços seguros no exílio. Sobre o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, Hiran Roedel (2002, p. 122) escreve: “Nesse contexto, a cidade, que antes era vista pelos lusitanos como a extensão do próprio Portugal, passaram a adotar, como forma de resistência, a afirmação de seus territórios simbólicos em um espaço que passou a expressar o centro da brasilidade”. Perante esse “centro”, pois, edificam-se espaços autodenominados “fora do centro”. A classe caixeiral portuguesa faz-se excêntrica por excelência. Tal como se lê no texto introdutório do terceiro volume da primeira série d’*A Saudade*:

Continuando a *Saudade* a ser a tribuna d’onde poderão ser ouvidas as vozes de uma classe de homens até aqui tidos como maquinas de trabalho, todos lá poderão apresentar o fructo de suas locubrações, e dest’arte a *Saudade* dará um solemne desmentido áquelles que maldizem da classe caixerai. (AOS NOSSOS, v. III, 1856, p. 1).

O conceito de classe, nesse texto, é utilizado para dizer de um grupo vinculado por uma identidade nacional, mas, também, de ofício, que se encontra em embate na sociedade e, por isso mesmo, precisa se unir para confrontar as falas que lhe *maldizem*.

A continuidade d’*A Saudade*, engrandecida no discurso, é meio de construção de sentimento de orgulho e pertença à classe. Mesmo que alguns escritores e leitores pudessem não fazer parte da mencionada *classe caixeiral* (em termos de trabalho exercido na produção material de suas vidas), o texto mostra ser ela a imagem estandarte sob a qual múltiplos segmentos sociais da comunidade portuguesa se veem representados.

Sejam jornalistas, artistas, padeiros, sapateiros e etc.; todos são representados pela classe caixeiral, a bandeira da identidade portuguesa no Rio de Janeiro.

Na década de 1840, Martins Pena, dramaturgo brasileiro, escreveu a comédia “O caixeiro da taverna”. O texto traz, como personagem principal do enredo, o caixeiro Manuel Pacheco, que veio do Porto para o Rio de Janeiro trabalhar no comércio. Ele é primeiro-caixeiro (que desempenha uma função de contador) na taverna da Viúva Pereira (Angélica) e é apresentado como sujeito ambicioso, mentiroso e trapaceiro; mistura água na aguardente e vinho, mentido sobre suas procedências para vender mais. Além disso, esconde seu casamento com Deolinda, pois quer se casar com Angélica e se tornar sócio da taverna, deixando, finalmente, de ser caixeiro. Nas palavras de Manuel: “E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro” (PENA, 2017, p. 10).

O caráter cômico e popular da obra de Martins Pena, que traz de forma irônica e provocativa certos “tipos sociais”, é um dos motivos de seu sucesso enquanto dramaturgo. Segundo Ubiratan Machado, em seus textos estava presente “a fauna humana que o público podia facilmente identificar, falando sua linguagem de todos os dias” (MACHADO, 2001, p. 294). Essa aparente naturalidade de uma expressão dos costumes, então, não idealizada, mas amparada em experiências e quadros da realidade social, evidencia o olhar que grande parte da sociedade carioca tinha para com a classe caixeril portuguesa. Tal visão, também, aparece em outras obras literárias da segunda metade do século XIX, como *O Cortiço* de Aluísio Azevedo (para citar uma referência canônica) em que, segundo Antonio Cândido (1991, p. 116): “O roubo e a exploração desalmada de João Romão são expostos como comportamento-padrão do português forasteiro, ganhador de fortuna à custa do natural da terra”. Essa perspectiva aparece, portanto, como parte dos discursos que, segundo *A Saudade, maldizem, inferiorizam e obscurecem a classe*.

A proposta d’*A Saudade* de dar um *solene desmentido àqueles que maldizem da classe caixeiral* dialoga diretamente com essas produções literárias, tributárias do discurso antilusitano do período. A base para tal transformação? O jornal.

Uma publicação chama atenção nas discussões sobre a desejosa transformação valorativa da classe caixeiral. Trata-se de “O Caixeiro”⁸, que encerra o número de

⁸ “O Caixeiro” é texto assinado por “L.”. No índice do terceiro volume da primeira série d’*A Saudade*, apenas esse texto é atribuído a essa autoria. Porém, na segunda série do jornal, José Coelho Lousada assina suas publicações como “L.”, o que permite supor ser “O Caixeiro”, também, escrita sua. Como trata-se de

abertura do terceiro volume, introduzido com o texto “Aos nossos assignantes”, no qual brada-se o jornal como instrumento de desmentir a maledicência à classe e de modificação (projeto d’*A Saudade* segundo Eduardo da Cruz) da “imagem tradicional do português caixeiro, pobre, sem instrução ou erudição” (CRUZ, 2015, p. 29).

O’ vós, que celebraes em prosa e verso envenenadores, piratas, contrabandistas, políticos e pelotiqueiros, emmudecei, que eu vou fallar-vos do caixeiro.

O caixeiro é o ente mais importante que se conhece, deixando mesmo de parte essa utilidade, que, por tão conhecida, dispensa commentarios. Se vos disserem que o medico e o confessor são os que melhor conhecem as baldas humanas, enganam-vos. E’ o caixeiro. (L., v. III, 1856, p. 8).

A construção de uma imagem sobre o caixeiro é a oporeção que perpassa toda a publicação. Trata-se de uma figuração repleta de valores. É instigante perceber, nesse texto, o uso de uma linguagem irônica. O autor constrói uma voz narrativa que se esforça para engrandecer o caixeiro, porém o faz de forma cômica e às inversas de uma proposta de elevação do status social. *Ó vós* o narrador inicia, mandando calar o público, pois vai falar do caixeiro, porém, o parâmetro para seu destaque são figuras repulsivas: *envenenadores, piratas, contrabandistas, políticos e pelotiqueiros*. O autor oscila entre a construção de um caixeiro humilde, carismático, bem relacionado, com sonhos modestos, trabalhador que com todos conversa e sobre todos conhece, mas é, também, impertinente, interesseiro e fofoqueiro:

E’ porque o caixeiro é como diabo, acha-se em toda a parte. Acha-se logo ao nascimento, com os morins e baetilhas debaixo do braço, no baptisado, no casamento e emfim na morte, indagando já quem será o herdeiro.

Elle entra nos conventos de frades; introduz-se nos das freiras; vai aos quarteis e calabouços e penetra até a sala de costura da mais recatada família.

O caixeiro sabe de todos, tanto quanto sabe cada qual de si mesmo, ou ainda mais, porque elle conversa com a mucama e com o moleque, testemunha de todos os nossos actos, dos quaes se alguns nos esquecem, a elles não.

O caixeiro é uma especie de alviçareiro, ellenos felicita por nossas heranças, por nossas honras sociaes e triumphos amatorios. E’ tambem um desmancha prazeres, que no meio dos banquetes vem com o seu: “Meu amo manda saber se paga ou não aquella continha”.

O caixeiro aperta a mão do senador, principalmente quando este se desculpa que não tem dinheiro, e colhe sorrisos das mais bellas damas

uma hipótese, nas referências desta Tese, mantém-se “L.” como autoria do texto. Também, a relação desse autor com a suposta autoria do texto se potencializa quando analisado seu caráter satírico e popular, distinto dos demais textos d’*A Saudade*, e característicos da escrita de Coelho Lousada. Tal como aponta Eduardo da Cruz (2019, p. 38-39) numa análise sobre um poema, repleto de ironia, intitulado “O Caixeiro Literato” publicado no *Album do Gremio Litterario Portuguez* (1858, p. 76-77).

nos dias de procissão, quando lhes offerece cadeira, ou traz o copo com agua. (L., v. III, 1856, p. 8).

O caixeiro emerge, portanto, como uma imagem amiga. Conhece e conversa com os mais diferentes tipos sociais; está em todos os momentos da vida, mas, de uma forma ou de outra, seu interesse é nos negócios (questionando quem é o herdeiro quando alguém morre ou quando será paga a dívida durante uma festa). Há uma contradição, pois, por mais que seja utilizado um certo estereótipo do caixeiro que *A Saudade* está interessada em modificar, há, nesse discurso, uma proximidade e afetividade construída em relação a ele. Nesse sentido, poderiam ser comparados o caixeiro de Martins Pena e de L.? Ao invés de ser um sujeito moralmente condenável, como é o caso de Manuel Pacheco na peça “O caixeiro da taverna”, no texto de L., o caixeiro é fundamentalmente uma figura do povo. E não uma figura qualquer, mas a figura que melhor expressa e conhece a essência popular (segundo o texto).

A modificação das falas malendicentes sobre a classe caixeiral não é uma normativa sem desvio. O texto “O Caixeiro” brinca com essas falas: “O caixeiro é mais do que príncipe, é rei e imperador... nos bailes mascarados”. E ainda: “O caixeiro ou fica amo e torna-se pacato e barrigudo, ou é sempre caixeiro e morre tísico no corpo e na bolça” (L., v. III, 1856, p. 8). O caixeiro não é, nesse sentido, uma figura da alta sociedade. A ironia do autor e sua jocosidade não servem para tornar esse sujeito alguém ridículo e condenável, ao contrário, alguém relacionável.

O que o autor do texto faz é único e sagaz: age contra as falas que mal dizem a classe caixeiral, porém, não *ilustrando-a* ou *elevando-a*, como muito defende-se n’*A Saudade* como caminho de transformação social, mas valorizando-a, justamente, pelo que ela possui de popular. Ainda nas palavras de L. (v. III, 1856, p. 8): “A livraria do caixeiro é o almanak, o Jornal do Commercio, alguns livros de poesias e jornaes litterarios, porque estão cheios de letras, se for socio de alguém gabinete tambem lê P. de Kock”. O duplo sentido das *letras* (para se referir à literatura e aos títulos de crédito) reforça a associação da classe com o universo do comércio e a sagacidade para os ganhos e negócios. O que chama atenção é a referência a Charles Paul de Kock, um romancista francês conhecido pela escrita voltada para o popular.

O próximo capítulo, busca, justamente, aprofundar a construção de algumas figuras que emergem das folhas d’*A Saudade*. De forma que, dentre elas, destaca-se o pobre português emigrado. Ele representa um lado, uma narrativa sobre a emigração, em oposição ao “brasileiro” enriquecido e retornado. Essas duas figurações dizem

diretamente do projeto instrutivo voltado para a classe. Cada um desses tipos representa experiências empíricas e literárias da emigração portuguesa para o Brasil. O jovem caixeiro com sonhos e expectativas possui a potência de se tornar um ou outro. A instrução é arma que impede, combate e transforma o valor esses derradeiros destinos.

O mendigo e o “brasileiro”: os dois lados da emigração portuguesa

A instrução e a publicação são, n’*A Saudade*, um projeto de ascensão social para o português, representado pela figura do caixeiro. O jornal, por meio dos discursos sobre a classe, ganha sentido de espaço em luta, no qual se opera a modificação do status social do coletivo. Nas palavras de Sébastien Rozeaux:

Melhorar o nível de instrução e estimular a curiosidade intelectual dos membros da “colônia portuguesa” contribuem para facilitar a ascensão e o reconhecimento sociais desses caixeiros que vieram ao Brasil encontrar fortuna, em um contexto no qual o clima de lusofobia é mantido pelas tensões recorrentes no mercado de trabalho e pela imagem muitas vezes miseranda de muitos emigrantes portugueses. (ROZEAUX, 2016, p. 494).

A imagem miseranda, tal como a do caixeiro, também, emerge das folhas d’*A Saudade*. É instigante como essas duas composições, aparentemente, opostas funcionam em conjunto na defesa do projeto de *regeneração da classe*, como é defendido em muitos textos do jornal⁹.

O português emigrado que não encontra estabilidade e acolhimento no universo do trabalho em terra estrangeira entra, muitas vezes, para o universo da mendicância e dependência às instituições de caridade. Esse tema é presente nas publicações poéticas do jornal.

As estrofes finais do poema “O Mendigo”, de Diocleciano David Cesar Pinto, são apelativas perante a referida imagem miseranda. Após pedir em vão esmola na porta de um templo e ser alvo de pena, zombaria e indiferença dos transeuntes, o mendigo, em pleno ápice da aflição, canta:

“Socorro voz peço

⁹ Para citar alguns exemplos: o texto introdutório da segunda série do jornal, intitulado “A Saudade” (1º ano, 1861, p. 1-2); o texto de Julio R. Dunlop intitulado “A mocidade portuguesa do Rio de Janeiro” (1º ano, 1861, p. 66-67); os textos sobre Francisco Golçalves Braga de J. Evangelista de Lima (2º ano, 1862, p. 50-52) e V. dos Santos Pereira (1º ano, 1861, p. 85-87). Além desses, existem vários textos de Antonio Xavier Rodrigues Pinto que reforçam o discurso de regeneração da classe como: “Ao Gremio Litterario Portuguez” (v. I, 1855, p. 14-15), “A’ mocidade” (1º ano, 1861, p. 25-26) e “A Associação” (2º ano, 1862, p. 52-54).

“P’ra mim não e não,
Peço p’ra meus filhos
“Vossa protecção...

“Coitados!... valei-lhe!
“Ah! por compaixão!...
“Que morrem á mingua
“Sem ter um só pão!!!...

“Que queres, ó morte?
“Ah!... deixa-me, oh! sai!...
“A mãe já levaste,
“Agora!... seu pai!!

O misero velho
Assim expirou,
Delirante a Deus
Su’alma enviou.

Não sabeis quem era?...
Tambem eu não sei!...
Só posso dizervos
Já servio ao Rei!

– Onde estão seus filhos?...
– Jamais procuraram!...
E do infeliz velho
Jamais se lembraram!... (PINTO, v. II, 1856, p. 119-120).

Pelos versos de Cesar Pinto, o poema conta a desfortuna daquele que sofre na mendicância. Composto de quinze quartetos metrificados em redondilhas menores o poema cria uma rítmica fluída. Sua estrutura o situa em diálogo com referenciais literários portugueses. A exemplo podem ser percebidas as formas poéticas populares, recuperadas pela literatura do século XIX, como quartetos, redondilhas, tipos sociais, aspectos narrativos e teatrais nos versos, a mistura do épico e do lírico.

A mistura de elementos de prosa e poesia está presente na literatura portuguesa, em especial, nas formas populares, caracterizadas por poemas narrativos de tradição oral, difundidos desde a Idade Média. É projeto do romantismo buscar as origens populares como elementos de composição de uma literatura fundamentalmente nacional. Como escreve Almeida Garrett (um dos principais expoentes do romantismo em Portugal) na “Introdução” do *Romanceiro*:

O meu officio é outro: é popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras, os tipos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmo, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar. (GARRETT, 2011, p. 101).

A presença n'*A Saudade* desse tipo de fazer poético, inspirado na literatura popular, evidencia seu alinhamento ao projeto político e artístico do romantismo e o estudo e conhecimento dos redatores do jornal sobre a tradição literária portuguesa. Esses autores, incluindo Diocleciano David Cesar Pinto, estão calcando para si, por meio da produção literária periódica, um lugar participativo de uma ação revolucionária, de pertencimento à fileira que lidera uma mudança na história da literatura portuguesa.

A temática popular não está somente nos referenciais históricos de constituição do poema de Diocleciano David Cesar Pinto. A figura do mendigo é representativa de um grupo de emigrantes desafortunados. O anonimato do mendigo faz dele qualquer um, aproximando o leitor/ouvinte daqueles que sofrem e passam fome nas ruas, despertando uma identificação e uma empatia.

A indiferença para com o mendigo que suplica em desespero é uma imagem potente e tocante, principalmente por ser seu pedido altruísta; não em nome de si, mas de seus filhos. Eis um poema que, mesmo lido fora de seu contexto de produção, comunica e acessa o interior de seus interlocutores, em decorrência de sua sonoridade e mensagem.

A tristeza e a indignação para com o cenário pintado são potencializadas quando a imagem da pobreza e mendicância está vinculada a uma identidade coletiva a qual o leitor/ouvinte pertence. Tal como se dá no poema “O pobre cego”, de José Antonio de Lyra, que se inicia da seguinte forma:

Junto ao marco da estrada
De seus males a gemer;
Estende a mão a quem passa
Dando ais que faz tremer;
“Esmola a um desgraçado,
“Que vive abandonado,
“Sem jámais alivio ter. (LYRA, v. I, 1855, p. 71).

No poema “O pobre cego”, novamente o mendigo é figura central de um cantar narrativo. Ele, na sequência, conta sua história: a morte da esposa amada, seguida da morte da pequena filha, a perda dos olhos e, por fim, a mendicância. Diferentemente do poema de Cesar Pinto, os versos de José Antonio de Lyra evidenciam uma voz poética que se envolve e participa da narrativa. O “eu” sensibiliza-se com a história do pobre cego e lhe dá dois mil réis. Esse ato de generosidade, acima da média, assusta o mendigo que questiona: “*Não vos enganastes?*”. A partir de então, o eu lírico trava uma conversa, materializada por uma estrutura rítmica maleável e variada. A sétima, oitava, nona e décima (a última) estrofes rompem com o modelo inicial de sete versos, sendo compostas

de seis. Nelas, as manifestações de saudade da terra de origem emergem vinculando as duas personagens:

– “Donde sois, senhor, dizei-me
 “Alegrai meu coração
 – “Sou de terras longe destas
 “Terras da minha feição,
 “E sinto muitas saudades
 “A saudade e a afflicção.

“Nasci nas lindas campinas
 “Lá do lindo Portugal,
 “Tenho por elle saudade,
 “Que me causa dôr fatal....
 “Se eu ainda visse um dia
 “A minha terra natal!

– “Eu também sou d’essa terra
 “D’essas colinas sem fim
 “Lindos Vales deleitosos
 “Com perfumes de jasmim,
 “Lindas choupanas campestres
 “Da linda côr do marfim.

“Adeus, senhor, aqui fico
 “Sempre por vós a rezar
 “Hei-de pedir sempre a Deos,
 “Pelo vosso bem estar
 “Tendes nobre coração
 “Dotado de compaixão,
 “Deos vos há de premiar (LYRA, v. I, 1855, p. 71-72).

O poema de José Antonio de Lyra apresenta duas figuras representantes dos dois lados da emigração: um marcado pela mendicância e pobreza, e outro pela filantropia e caridade. Um tem um dever para com o outro, sendo que nesse dever reside a transformação do todo, da identidade portuguesa no exílio. A sensibilidade que embasa esse dever é a saudade: o que liga ambas as personagens, ambos os perfis emigrados, ainda que estejam separados por condições materiais distintas.

A narrativa do poema acompanha uma estrutura na qual o mendigo conta sua história, o eu lírico faz um ato de caridade, ambos descobrem compartilhar o mesmo espaço de origem, sentem-se relacionados, com sentimentos de saudade iguais.

“O pobre cego” é repleto de construções que articulam vários sentidos importantes para o estudo d’*A Saudade*: aborda uma dupla condição do sujeito identificado como português emigrado no Brasil (o que faz caridade e o que depende dela), a sua sensibilidade saudosa, as representações do passado idílico na pátria, o presente de sofrimento em terra estrangeira e o desejo de retorno. Esses pontos são fulcrais nas

publicações. O instigante para este momento da discussão é ver como a imagem poética do mendigo é forma de participar de um fazer artístico, assim como sensibilizar e unir a classe. A publicação literária e a instituição de associações de caridade são, pelo discurso do jornal, caminhos nesse processo.

A mendicância é uma pauta com fortes referenciais na realidade social da emigração portuguesa para o Brasil. Ainda que ela esteja, em partes, amparada num sistema de recomendações, no qual muitos emigrados encontram casa e trabalho, há, também, muitas experiências desviantes a essa regra. Tanto em decorrência da desistência de jovens da carreira caixeiral, como de demais condições dos sujeitos emigrados. Lená Medeiros de Menezes, num estudo sobre a imigração portuguesa para o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX, observa como grande parte desse grupo, em decorrência das difíceis circunstâncias de inserção no universo do trabalho, inscreve-se em um quadro de mendicância e delitos:

Este dado significativo, registrado no conjunto da documentação, é encontrado, também, nos recenseamentos realizados entre 1872 e 1920, que registram um enorme contingente de jovens na faixa dos 12 aos 18 anos no grupo dos estrangeiros. Eram os caixeirinhos portugueses ou galegos desta faixa etária que chegavam ao Brasil, ao chamado de algum parente ou conhecido, ou mesmo num espírito de total aventura. Sem as sanções familiares ou qualquer padrão referencial da vida urbana, eles tornaram-se uma importante dimensão da imigração urbana. Verdadeiros agregados urbanos, dormiam e faziam suas refeições nos locais de trabalho, cumprindo longas e duras jornadas, que chegavam a se estender por 16 horas no comércio a varejo. Não raras vezes, optavam por fugir devido às duras condições de vida, ou então eram despedidos e, privados de teto e comida, passavam a vagar pelas ruas, alternando períodos de reclusão em estabelecimentos penais com intervalos de liberdade, num circuito contínuo de reincidência. (MENEZES, 1997, p. 76).

Não apenas o caixeiro jovem, como, também, o português que emigra sem instrução e recomendação de trabalho. Sobre esse perfil, Maria Antonieta Cruz (1986-1987, p. 83-84) escreve que, sem saúde e sustento: “acumulavam-se com frequência à porta da Legação Portuguesa no Rio de Janeiro, pedindo passagem para Portugal, os que conseguiam vencer a ‘vergonha’ de voltarem sem fortuna; outros suplicavam esmola”. Portanto, a emigração é tanto a porta de entrada para uma carreira comercial de enriquecimento, como numa possível vida de furtos e esmolas.

O retorno à pátria, que simboliza o fechamento do ciclo esperado de se viver na emigração, é, para muitos portugueses emigrados, impedido por questões materiais e morais. O que resta, portanto, é a mendicância em terra estrangeira.

A Saudade, nesse contexto, calca para si o papel de agente da transformação da imagem do português emigrado. O uso que o jornal faz da figura de seus conterrâneos pobres é participativo desse movimento. Além do mendigo que desperta compaixão, identidade e caridade, há, também, o pobre em riquezas e oportunidades, mas rico em inteligência e esforço:

Deus dá ao pobre a riqueza da intelligencia como compensação da riqueza material. Sem que possamos alardear abundancia da primeira, temos o que basta para semearmos o fructo da estação. Deixem-nos esta, e regorgitem d'aquella; ambas hão-se ser lançadas á terra, e o produto dirá qual d'ellas foi por Deus abençoada. (A SAUDADE, 1º anno, 1862, p. 229).

Diferente daqueles que possuem grandes riquezas materiais, portanto, a classe (que se diz subjugada socialmente) aparece no discurso como um grupo não destacado economicamente. Essa construção bate de frente com os dados que revelam o grande controle comercial da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro. As próprias associações literárias, como o Gabinete Português de Leitura e Grêmio Literário Português (ainda que *A Saudade* enfrente dificuldades em se manter) são instituições possibilitadas e mantidas por sujeitos com certa estabilidade econômica.

O uso da figura do caixeiro está atrelado a uma atividade comercial dominada pelos portugueses. E o uso da figura do mendigo e do pobre? Também, seriam perfis associados a essa identidade? Eles emergem no discurso dando visibilidade para as experiências frustradas da emigração e, assim, potencializando o apelo a favor do projeto de instrução como forma de ilustração da classe.

O pobre é uma imagem que tem o intuito chocar e promover uma união combativa a essa situação. O que se relaciona com o projeto instrutivo do jornal. A boa ação do eu lírico no poema “O pobre cego” é símbolo desse dever. Em outros momentos, porém, o pobre é motivo de orgulho, de forma que o discurso engrandece essa figura enquanto mártir da sociedade. Tal como o mendigo, desprezado; o modesto e amigo caixeiro; o jovem sem recursos, porém, estudioso; ou ainda, aquele que é amado e lembrado verdadeiramente:

Vês esta cruz preta, armada com uma grinalda de saudade, e molhada pelas lagrimas? pois bem; esta é a cruz do pobre, a mais santa, a mais humilde, a mais justa, e a que deve caber a todo o homem christão, não só porque devemos ocultar o ultimo jazigo, como porque mais depressa volvemos ao do que fomos feitos; mas esta cruz é á que menos atenção se dá!...

Volta-te, e olha para esses mausoléos de mármore com epitaphios dourados; ahí se acham sepultados os ossos dos ricos e dos nobres; mas ahí não se vês saudades nem lagrimas. (FERREIRA, v. II, 1856, p. 9).

O trecho faz parte do texto de José Miguel Dias Ferreira, “O cemitério”, publicado na primeira série d’*A Saudade*, em decorrência do dia de Finados. O texto encena um caminhar pelo cemitério. O autor se refere ao leitor como *viandante* e chama sua atenção para o espaço, exigindo-lhe respeito e tristeza. Esse cenário é palco para expressões de saudade e memória¹⁰. O que tal ambientação tem de relação com as construções literárias e identitárias em torno da figura do *pobre*? Ora, o cemitério é, também, marcado por uma diferença social: de um lado as *cruzes pretas, armadas com grinaldas de saudade*; de outro lado os *mausoléus de mármore com epítáfios dourados*. Trata-se de uma diferença material, entre *ricos e pobres*, que no cemitério é percebido pelos monumentos grandiosos e singelos, respectivamente. Porém, o texto inverte os valores que esses símbolos parecem representar. O *último jazigo* do pobre, o qual pouca atenção se dá, é, justamente, o que é *molhado pelas lágrimas*. Já no túmulo do rico *não se vê saudades nem lágrimas*.

O confronto entre ricos e pobres, nesse texto, é uma forma de territorializar o sentimento da saudade ao lado do perfil poético pobre. Ser pobre é ser lembrado com sinceridade e sentimento, de forma que isso está acima de qualquer monumento grandioso. Trata-se de uma construção de perspectiva alinhada ao modo de ser romântico, fundamentado numa crítica à civilização e uma postura melancólica, tal como entende Michael Löwy e Robert Sayre:

Indiquemos de pronto, e em duas palavras, a essência de nossa concepção: para nós, *o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno)*. Pode-se dizer que desde a sua origem o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da *revolta* e do “sol negro da *melancolia*” (Nerval). (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 38-39, grifos do autor).

A dupla *revolta e melancolia* são, nesse viés, chaves interpretativas para se pensar o movimento romântico em sua amplitude, enquanto *cosmovisão*. Tal compreensão é frutífera para o aprofundamento da análise das produções literárias d’*A Saudade*. Estas, declaradamente desterradas e exiladas, têm em seu âmago os elementos para a constituição de uma melancolia anunciada pela palavra saudade, como forma de identificação e constituição de um grupo e um lugar que lhe seja próprio. Sua revolta para

¹⁰ O cemitério foi objeto literário de análise em outros estudos. Ver: PEREIRA, Maria Clara Costa. Nos “bosques” da saudade: um estudo historiográfico. 2019. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.919>>. Acesso em: 11/2020. PEREIRA, Maria Clara Costa. “Por que será que não vingam aqui os cyprestes?”. Reflexões em torno do progresso, da saudade e da memória em Uberabinha de 1920. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18449>>. Acesso em: 11/2020.

com a sociedade comunica com as questões empíricas e materiais de seu contexto, potencializado pela experiência migratória dos sujeitos que representa. Os valores e os ideais do passado aparecem simbolizados pelos nomes do cânone literário português, exemplos de vida e de fazer poético, e pelo passado idílico na pátria e no campo, a infância na aldeia ou na vila, as saudades da natureza da terra natal que dão base para o projeto utópico e coletivo do retorno.

Nesse sentido, os escritos d'*A Saudade* parecem indicar um caminho de resignação que diz de um determinado perfil romântico e poético de composição da voz do eu lírico, porém, também, pode ser pensado em diálogo com as ações discursivas que enunciam uma marginalização social do sujeito emigrado. O combate à imagem inferiorizada do português na sociedade brasileira é calcado na ideia de instrução. Porém, não se combate a imagem do pobre. Esta é usada para defender o projeto de ensino e literatura. O pobre aproxima e familiariza, alivia as tensões econômicas e sociais, inclusive entre identidades nacionais. Em termos de espacialidade, ser uma classe marginalizada remove o peso de ser o estrangeiro que enriquece numa terra a qual não pertence. Em seu lugar aparece o humilde e saudoso pobre merecedor de compaixão e empatia. Nas palavras de Carlos Lessa:

Cabe não esquecer que, na massa de homens pobres do Rio, está também a multidão dos outros portugueses. Por baixo, no tecido social, funcionou um duplo processo. O 'mau-olhado' do povão para com a riqueza do luso, dominante no comércio varejista e proprietário dos cortiços de aluguel, que alimentava o estereótipo do português como 'sanguessuga' popular, se contrapunha à imagem do bom vizinho ao alcance da mão, solidário e não-discriminatório. O português pobre atuou como emoliente daquela imagem, dando sustentação, pelo convívio e co-participação, a uma distensão amorosa, alimentada pela proximidade e integração étnica, cultural e social. Por esta dimensão, o pobre imigrante português é inscrito na galeria de tipos permanentes do Rio, e sempre tratado com um misto de irreverência e simpatia pelo carioca. (LESSA, 2002, p. 41).

Não por acaso as imagens do pobre, caixeiro e mendigo, pulsam d'*A Saudade* buscando promover, pela literatura periódica, uma transformação social e moral. Elas amenizam as tensões identitárias. Por mais que um espaço próprio, um território e uma identidade particular sejam traçados nas folhas d'*A Saudade*, em seus escritos não se edificam fronteiras cristalizadas. Essas fronteiras são, antes, móveis e constituídas por usos distintos da linguagem. Ora cria-se uma diferenciação e uma ação de enfretamento, ora alivia-se os conflitos e instituem-se imagens de fraternidade e convívio harmônico.

Alexandro Henrique Paixão entende que existem dois tipos que funcionam como abstrações do perfil do português emigrado para o Brasil: o primeiro diz do analfabeto acompanhado pela família, lutando contra o desemprego e dependendo, muitas vezes, de instituições de caridade; o segundo, representativo dos membros das associações “ilustres” (como o Gabinete e o Grêmio), é o jovem solteiro e instruído, trabalhador no comércio que muitas vezes chega a ganhar certa posição social (PAIXÃO, 2012, p. 70-71). Ainda dentro desse último perfil, há várias divisões em decorrência da idade, nível de instrução, poder aquisitivo e ocupação na hierarquia do trabalho.

Ora, se os escritores d’*A Saudade* são uma parte privilegiada entre os emigrados portugueses a que fazem referência enquanto classe (afinal muitos frequentaram a Escola de Comércio, são empregados, possuem um espaço para se encontrarem, reunirem, estudarem e, até mesmo, publicarem), o que seria a margem (que termos como *preconceito*, *inferioridade* e *obscuridade* indicam) na qual esses escritores se situam?

Por vezes, é uma margem enunciada em decorrência da missão e da função que operam: a literatura. A sua aparente condição de descredenciada faz de seus combatentes, também, sujeitos fora de um centro da produção intelectual (em que se privilegia a História, Geografia, Política e, futuramente, a Notícia). Em outros momentos, a margem diz da nacionalidade lusitana, alvo de estereótipos e aversões na sociedade carioca. Há, ainda, referências que delineiam tal margem em decorrência da geração (a *mocidade*, os *juvens inexperientes*), alvos de críticas dos portugueses e, até mesmo, da sociedade em geral, por suas expectativas juvenis. Por fim, também, aparece a figura do caixeiro, do mendigo e do pobre como representativo de uma condição material expressa como marginalizada. A *obscuridade* é utilizada como instrumento a favor do associativismo e da construção de uma boa imagem para o luso.

A defesa de um projeto que luta contra a *obscuridade*, faz, antes, uso dessa declarada *obscuridade* como “diagnostico” de uma realidade, pintando a imagem do português como aquele pertencente às classes populares e inferiorizadas. Ao invés de estar acima da maioria da população dentro de uma hierarquia social, de estar, portanto, em destaque ou com privilégios no universo do trabalho, tais construções fazem com que o português emigrado esteja inserido no meio popular e careça da união como forma de transformação de sua posição social.

O caráter popular do português emigrado aparece como o “outro lado” da história simbolizada pelo “brasileiro”. Este é uma figura que, na sociedade portuguesa oitocentista (tanto na literatura quanto na cultura oral e na mentalidade), representa um tipo social

produto da emigração portuguesa para o Brasil da primeira metade do século XIX. Como escreve Alexandre Herculano:

A designação de “brasileiro” adquiriu para nós uma significação singular e desconhecida para o resto do mundo. Em Portugal, a primeira ideia, talvez, que suscita este vocábulo é a de um indivíduo cujas características principais e quase exclusivas são viver com maior ou menor largueza e não ter nascido no Brasil; ser um homem que saíu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre e que, anos depois, voltou mais ou menos rico. (HERCULANO apud ALVES, 1993, p. 38).

O “brasileiro” é geralmente descrito como um português provinciano que não passou pelos bancos da academia (ainda que alfabetizado, o maior nível de instrução desse grupo diz da formação de muitos na Escola de Comércio¹¹), com certa base material que lhe permitiu emigrar para o Brasil (em especial, durante a primeira metade do século XIX). Tendo enriquecido com o trabalho comercial no Rio de Janeiro, esse emigrante retorna para Portugal com fortuna (entre seus 40 e 50 anos). Também, descrevendo esse perfil predominante na primeira metade do século XIX (representativo de uma das faces da imigração portuguesa para o Brasil, que se modifica na segunda metade do Oitocentos, então, marcada pelo contingente de analfabetos financiados pelo Estado para suprir a mão de obra rural), Ana Silvia Volpi Scott escreve:

Talvez por isso mesmo tenha se vulgarizado a figura do Brasileiro. Eram poucos os que saíam, quando o faziam, estavam em condições extremamente favoráveis. Desta forma, retornar à terra natal ostentando riqueza, atuando como benemérito, filantropo, e capitalista que vinha dinamizar a economia e a sociedade, era muito mais factível para estes indivíduos, que já pertenciam a um grupo privilegiado. Em síntese, o perfil do emigrante português que veio para o Brasil ao longo do século XIX era o de um jovem do sexo masculino, alfabetizado, e proveniente de uma família com recursos para arcar com as despesas de viagem e instalação no Brasil que tinha, muito provavelmente como destino principal a cidade do Rio de Janeiro. (SCOTT, 2001, p. 25).

Essa figura tem um duplo valor: ao mesmo tempo que materializa a possibilidade do enriquecimento pelas vias da emigração, sendo assim um exemplo a ser seguido, é, por outro lado, também, alvo de ridicularização na sociedade portuguesa, tanto pela estranheza e não pertencimento criado por sua ausência no meio social de origem, quanto pela falta de instrução (dentro dos moldes românticos e científicos próprios do século XIX) que muitos possuíam, apesar da riqueza material. Ainda nas palavras de Ana Silvia Volpi Scott:

¹¹ A Escola de Comércio foi uma instituição, segundo Alexandro Henrique Paixão (2012, p. 76), criada no reinado de D. João VI, então, sob o nome de Aulas de Comércio, e era voltada para a educação de caixeiros, cujo principal destino eram as lojas do Rio de Janeiro.

Muitas são as figuras de “Brasileiros” célebres, os “Brasileiros de Torna Viagem”, que deixaram vestígios de seu sucesso nos vistosos palacetes, nas obras sociais e de benemerência que foram erigidas pelo dinheiro amealhado no Brasil, com mais ou menos sacrifício e trabalho, e algumas vezes também com astúcia. Um punhado de figuras emblemáticas de “Brasileiros” serviram de exemplo e incentivo a outros milhares de portugueses que almejavam alcançar semelhante estatuto social e econômico, além de todo o efeito simbólico, de reconhecimento e projeção na terra natal, que lhe era inerente. (SCOTT, 2001, p. 19).

Paradoxalmente, a figura do “brasileiro” foi, também, construída em bases de valores depreciativos. A distância que muitos desses portugueses emigrados mantiveram dos bancos escolares fomentou a ideia de que buscavam carreiras profissionais em benefício próprio, na contramão do movimento de instrução e *regeneração* do coletivo nacional. Assim, segundo Martina Matozzi (2016, p. 34): “ao mesmo tempo que o ‘brasileiro’ representava o exemplo a seguir de um emigrante de sucesso, também personificava um mal social advindo de uma ex-colônia”. A própria designação desses portugueses de torna-viagem enquanto “brasileiros” evidencia como a terra natal pode ser hostil, atribuindo-lhes uma distinção de não pertencimento. A perda da nacionalidade, substituída por outra e imposta pelos seus compatriotas, é indicativo da discriminação simbólica que muitos portugueses que emigraram sofriam ao retornarem para a pátria.

As obras do romantismo português consolidaram um determinado esteriótipo do “brasileiro”. Apesar de *A Saudade* ser escrita por portugueses emigrados que, tal como os “brasileiros”, buscam uma carreira e um enriquecimento com a emigração e o trabalho no comércio, é possível ver essa figura em um de seus principais romances de folhetim: “Mathilde” de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, publicado no segundo e terceiro volume da primeira série (1856-1857).

O referido romance se inicia com a descrição de três viajantes a cavalo que fazem uma travessia do rio Douro de balsa rumo à Vila da Folgosa. Esses três personagens são os irmãos Cardozo e o filho de um deles, Henrique da Gama Cardozo, formado advogado em Coimbra. A discussão travada entre eles diz respeito à condenação moral que Henrique faz aos desejos de Tristão (um “brasileiro”) que quer tomar por noiva Luiza (uma jovem entre 17 e 18 anos), filha do Dr. Rego, senhor da casa para a qual os três estão se dirigindo durante a conversa. O tio de Henrique tenta defender o “brasileiro”: “Que há n’isso d’espantar? O noivo é rico, Luiza também; o pai d’esta está mortinho que elle se leve a effeito, porque entende que sua filha vae bem com o meu amigo Tristão; não sei pois por que não devo approvar esse casamento” (PINTO, v. II, 1856, p. 22). Henrique então rebate: “Sim, tudo isso é muito bom, e bem racionado, comtudo Luiza

tem 20 annos, e o brasileiro 50” (PINTO, v. II, 1856, p. 22). Além da diferença de idade, Henrique diz que o “brasileiro” é *careca, feio, simplório e tem dentes artificiais*, finalizando com: “A velhice, meu tio, é egoista, e Vm., que tem seu tanto d’este defeito, declara-se campeão de um tal pretendente á mão da encantadora Luizinha – a *Rosa branca*”. Ao fim, o tio, enfatigado da discussão, declara ter defendido o “brasileiro” apenas porque ele lhe prometeu um papagaio:

Ambicionando o animal, tenho-me cançado para destruir a impressão que a nova de suas amorosas tendencias tem produzido no espirito d’algumas pessoas sensatas d’estas visinhanças. Mas desgraçado de mim! Tenho irritado os animos d’esses indivíduos, serei um dia apedrejado, e não terei o papagaio! Oh! desgraça! (PINTO, v. II, 1856, p. 22).

O “brasileiro” aparece com características físicas, morais e sociais deploráveis. O que é confirmado quando essa personagem é apresentada ao leitor, dessa vez, não pela voz de uma personagem e sim pela do narrador, encarnando a onisciência e veracidade do que é contado:

Tristão era um homem de 48 a 50 annos, baixo e gordo como dissemos já, e possuindo um d’esses rostos vulgares, que nada indicam, e nos quaes nem mesmo a lanterna de *Diogenes* poderia descobrir um traço notável. Trajava decentemente, mas sem gosto algum, tudo era em relação com o resto d’este singular personagem da nossa viridica e contemporanea historia. (PINTO, v. II, 1856, p. 35).

Essa descrição do “brasileiro” vem ao encontro de demais descrições desse perfil de personagem, então, estereotipada pelos moldes do romantismo português. Um dos autores que mais contribuiu para essa construção foi Camilo Castelo Branco. Em seu romance *O que fazem as mulheres*, publicado em 1858 (dois anos após o início de “Mathilde” n’*A Saudade*), é apresentado João José Dias, “brasileiro”, cuja descrição aproxima-se da de Tristão. Eis um trecho dela:

João José Dias devia orçar pelos seus quarenta e cinco annos. Era de estatura menos que mean, adiposa, sem proeminencias angulares, essencialmente pansuda, porque João José tinha uma serie descendente de pansas, desde a papeira côr de rosa até ás buchas das canellas ventrudas. (CASTELO BRANCO, 1863, p. 37).

Além dessas características físicas que o tornam uma figura caricatural e grotesca, João José Dias, tal como Tristão, busca casar-se, no início do romance, com uma jovem, Ludovica, descrita com uma beleza imensa. A personagem do “brasileiro” de Camilo Castelo Branco é de origem provinciana e pobre; a família faz um grande sacrifício para pagar sua passagem para o Brasil, onde se destaca no trabalho caixeiral por sua força física. Segundo Martina Mattozzi (2016, p. 35): “a imagem rude e tosca que o escritor

destina a estas personagens deve-se, provavelmente, à origem humilde que a maior parte deles tinham no momento da partida e à maneira como estes eram realmente recebidos ‘de torna-viagem’, em Portugal”. Além, desses aspectos é enfocada a falta de gosto e conhecimentos intelectuais e literários de João José Dias. O que fica evidente na crítica que ele faz aos romances, considerando-os *sujidades* que em sua casa não entram (tal como o discurso da velha nas “Páginas Íntimas” de Antonio Xavier Rodrigues Pinto).

O terceiro capítulo do romance *O que fazem as mulheres* é dedicado a essa personagem, com descrições e enredos que apresentam ao leitor a figura física e história de João José Dias. Camilo Castelo Branco escreve, como uma ressalva ao editor a fim de não se indispor contra o império do Brasil, que João José Dias foi bom trabalhador e filho, com honra comercial e escrúpulos, porém, era *realmente muito feio*, finalizando: “Do Brazil vem muita gente galante. Tenho na pasta um esboço de romance onde figuram quatro brasileiros bonitos. Hão-de vêr com que isenção de animo se escreve n’esta provincia das letras. Acabou-se o epilogo, e preveniu-se uma crise litteraria no Brazil” (CASTELO BRANCO, 1863, p. 43). A ironia reforça o conhecimento do autor sobre a construção que opera em sua obra de um perfil específico para o “brasileiro”. Como escreve Martina Matozzi (2016, p. 29-30): “O escritor descreveu quase todos os ‘brasileiros’ como homens entre os 45 e 50 anos, endinheirados, feios, gordos, ridículos porque pouco instruídos, que voltavam ricos a Portugal à procura de mulheres novas para casar e edificar a própria casa”.

Cabe ressaltar que, no caso de Camilo Castelo Branco, a indisposição contra as figuras dos “brasileiros” está atrelada a sua experiência de vida. A biografia do escritor é marcada pela paixão por Ana Plácido, que se casou com o “brasileiro” Manuel Pinheiro Alves: “Não por acaso, o primeiro ‘brasileiro’ que aparece nas obras de Camilo Castelo Branco – o drama em dois atos de 1855, intitulado Poesia e Dinheiro – chama-se Manuel Alves, nome do marido de Ana Plácido” (MATOZZI, 2016, p. 34). Apesar do casamento, Camilo Castelo Branco foge com Ana Plácido, porém são encontrados, presos e, futuramente, absolvidos pelo crime de adultério. De forma que, passam a viver juntos até o fim da vida de Castelo Branco, marcada pela perda da visão e suicídio.

Em “Mathilde”, de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, existe um jovem intelectual (Carlos), apaixonado, tal como o “brasileiro” Tristão, por Luiza. Um elemento significativo é que Carlos, também, é um emigrante de retorno. Apesar de não ter sua história anterior aprofundada, nem ser chamado de “brasileiro” ao longo do folhetim, alguns elementos evidenciam que essa personagem foi para o Brasil trabalhar no

comércio e retorna para a pátria no presente da narrativa. O que o distancia do perfil literário tradicional do “brasileiro” é sua juventude, instrução (ainda que não seja um acadêmico) e amor às letras.

A juventude é, em especial, um elemento literário (de composição de personagens) fundamental para a diferenciação com o típico “brasileiro” do romantismo português. Os jovens escritores portugueses emigrados das décadas de 1850 e 1860 buscam se distanciar da geração anterior. Daí que o casamento com diferença expressiva de idades seja alvo da crítica de suas produções, amparadas no movimento romântico. Em geral se tem na literatura: de um lado, um homem rico, repugnante e velho; e de outro, uma moça jovem, bela, casta e pobre que é “comprada”. Em decorrência da diferença de idades, tragédias e infelicidades se desenrolam; como, por exemplo, em *O que fazem as mulheres*, João José Dias passa a ficar cada vez mais ansioso e agressivo, temendo uma traição de Ludovica, então sua esposa, e por isso impendia-a do convívio social, aprisionando-a em casa, ao ponto de chegar a cometer um assassinato.

A crítica a casamentos por interesses materiais são alvos de crítica nos romances d’*A Saudade*. Essa questão pode ser vista por meio da representação do “brasileiro” no romance “Mathilde”, mas, também, está presente em “Phisiologia do Casamento: Amor, conveniencia e dinheiro” e o romance inacabado “O Sr. Francisco Antonio”, ambos de Anotnio Xavier Rodrigues Pinto. Além desses, na peça “Os pretendentes de Amelia” e no romance “Frederico ou O mysterio d’um amor”, ambos de Manoel Leite Machado, aparece o tema da infelicidade proveniente de uniões visando o enriquecimento.

A condenação moral voltada para casamentos de conveniência, por assim dizer, é tema do estilo romântico e se configura numa de suas críticas à sociedade burguesa que se consolida no século XIX. O realismo português (movimento literário da segunda metade do Oitocentos) busca uma distância e faz uma crítica às idealizações e à perspectiva maniqueísta do romantismo, tal como se pode perceber pela figura estereotipada do “brasileiro”. Nas palavras de Eça de Queirós:

Nisto, os mestres do romantismo não procederam, originariamente, por animosidade contra uma classe cujos modos, gostos, interesses, lhes repugnassem: obedeciam de instinto a um idealismo nevoento, à teoria da alma profundamente separada do corpo e à conseqüente divisão dos “tipos” literários em ideais e materiais, segundo eles personificavam o sentimento, coisa nobre e alta da vida, ou representavam a ação, que ao romantismo aparecera sempre como coisa subalterna e grosseira. Ora em Portugal o homem que mais evidentemente simbolizava a ação aos olhos turvos do romantismo era esse labrego, que, largando a enxada, embarcava para o Brasil num porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho — e anos depois voltava de lá, na Mala Real, com

botas novas de verniz, grisalho e jucundo, a edificar um palacete, a dar jantares de leitão ao abade, a tramar eleições e a ser barão... (QUEIRÓS, 2019, p. 103).

O trecho faz parte do prefácio, escrito em 1886, ao livro “O Brasileiro Soares” de Luís de Magalhães. Eça de Queirós elogia a obra e seu autor que: “tem a realidade bem observada e a observação bem exprimida — as duas qualidades supremas, as que se devem procurar antes de tudo na obra de arte, onde outrora se admirava principalmente a imaginação e a eloquência” (QUEIRÓS, 2019, 108). No trecho, percebe-se a crítica ao estilo romântico, em especial, à separação que esse movimento literário opera: de um lado o *sentimento*, e de outro a *ação*. Sendo o “brasileiro” sempre relegado ao último aspecto, desprovido de valor quando comparado, na perspectiva romântica, ao que há de sublime e encantador na vida. Eça de Queirós chama a atenção para a incongruência existente na transformação do tipo “pobre” e “saudoso” que vai no estrangeiro sofrer, para o grotesco “brasileiro” materialista retornado: “Apenas voltava, porém, com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão — o *saudoso emigrante* passava logo a ser o brasileiro, o bruto, o reles, o alvar” (QUEIRÓS, 2019, p. 103). Daí que o autor defenda ser essa imagem falsa e caluniosa, *distante da vida e da realidade* (elementos importantes na composição realista) e que, por causa do trabalho: “despoetizara o triste emigrante” (QUEIRÓS, 2019, p. 103).

No caso d’*A Saudade*, os relatos, os textos e os poemas de autoria portuguesa evidenciam as expectativas de jovens que emigram para o Brasil no sistema de recomendações com esperança de crescer na carreira comercial, a ponto de retornarem para Portugal enriquecidos e, até mesmo, de fundarem associações e instituições de beneficência na pátria. Eles não criam uma crítica (como Eça de Queirós faz) à figura tradicional do “brasileiro”. Esta mal aparece no jornal e, quando aparece, não é símbolo representativo do grupo. Afinal, suas produções estão alinhadas ao romantismo e seus heróis figuram, justamente, o tipo inverso do “brasileiro” que era, como escreve Eça de Queirós (2019, p. 104): “o homem de poesia e de sonho, magro, altivo, malfadado, eloquente, e ‘trazendo (como diziam a sério os estilo de então) um inferno dentro do peito’. Este permanecia pobre, ou desdenhava liricamente o dinheiro”.

No intuito de não serem o esteriótipo ridicularizado dos “brasileiros”, os portugueses emigrados estudam e proclamam seu amor à pátria, publicando n’*A Saudade* e desejando que suas manifestações sentimentais e identitárias cheguem a seus conterrâneos, provando seu valor e sua pertença, vislumbrando, portanto, um retorno com recepção e oportunidades. O caminho para conquistar tal reconhecimento: a beneficência

e o estudo. Além disso, uma dedicação intensa para que o regresso não se efetue tarde na vida; para que possam voltar ainda moços, com carreiras e status (artísticos e sociais) edificados.

Portanto, não é por acaso a pouca presença da figura do “brasileiro” n’*A Saudade*; são mais recorrentes a do caixeiro, pobre, mendigo e (em especial, nos romances) do jovem ainda pobre, porém, estudioso e com uma carreira comercial promissora.

Cabe lembrar que *A Saudade* se situa num contexto em que as figuras de portugueses que emigraram, enriqueceram e voltaram tornam-se cada vez mais escassas na realidade vivida. A figura do pobre e do mendigo é indicativo de um momento em que as faces dos perfis sociais dos emigrantes está em modificação. Ela é utilizada como apaziguador das tensões sociais, mas é, também, uma ameaça concreta para a vida e expectativas materiais dos portugueses emigrados. Nas palavras de Ana Silvia Volpi Scott:

De um lado os “Brasileiros” enriquecidos que, às expensas de seus bens, praticavam atos de benemerência e assistência aos que representavam o avesso da imigração bem conseguida, trazendo à luz o lado mais sombrio e triste daqueles que tiveram seus sonhos de riqueza frustrados, e que muitas vezes por vergonha, tentavam esconder esta situação de fracasso e miséria de familiares, amigos e conterrâneos. Muitos destes que tiveram suas expectativas malogradas preferiam ser dados como mortos ou permanecer no esquecimento, jamais retornando à freguesia natal. (SCOTT, 2001, p. 21).

Nesse viés, *A Saudade* não tenta reverter ou modificar a imagem estereotipada do “brasileiro”, mas, também, não se faz um órgão representante desse tipo social. A predominância das figuras dos caixeiros, pobres e mendigos é uma ficcionalização que territorializa o grupo; diz quem ele é, suas dores e dificuldades, bem como suas conquistas e conhecimentos literários. Assim, é importante destacar que, apesar da figura do “brasileiro” não aparecer com tanta frequência no jornal, quando ela é enunciada, há um confronto que delimita uma diferença essencial para a figuração daqueles representantes do jornal: a *mocidade*. Por serem parte desse grupo, que não se encontram nem ao lado dos “brasileiros”, nem ao lado dos mendigos. Ambos representam dois aspectos da emigração, mas os escritores e leitores d’*A Saudade*, ainda que enunciando essas figurações na composição de um quadro poético para o português emigrado, não se fazem representar nem por um (mendigo), nem por outro (“brasileiro”). Antes, pela *mocidade*.

Mocidade trabalhadora e estudiosa

Mas a mocidade de hoje tem outros instintos, outras aspirações. Outr'ora aferiam-se estas pelo merecimento das raças – o sangue era tudo -: o privilegio matava o que de mais util havia n'ellas. A nobreza do nascimento nullificava a nobreza da intelligencia; não reagiam nunca por que a sociedade fôra formada em proveito da primeira; d'ahi o privilegio, d'ahi o dominio absoluto em tudo que procurava constituir-se pela união das classes, isto é – pelo merecimento individual.

E' este que domina actualmente.

E' livre o campo, são iguaes as armas. Combate-se por uma ideia? o fraco há-de ficar, o forte caminhará avante.

D'estes certames sahe a mocidade sempre vencedora. Tem por escudo o livro, e por arma a penna. O livro e a penna são o seu brazão de nobreza: - vê-de se haverá brazão que tenha ilustrado mais uma geração inteira! (A SAUDADE, 1º anno, 1862, p. 229).

Neste ponto da discussão, emergem os discursos veiculados n'*A Saudade* que fabricam um espaço em destaque em meio as figurações dos portugueses emigrados: é o espaço da *mocidade*, ou seja, o grupo de jovens com a missão de transformação da imagem da identidade portuguesa, sob a máxima do *livro* e da *pena*, ou seja, do estudo e da publicação.

Se a classe (no sentido de “colônia lusa”, uma *comunidade imaginada*) se encontra, como escrevem, sob o jugo moral da sociedade brasileira, sendo alvo de preconceitos e passando por dificuldades materiais, cabe, portanto, a um grupo representativo do coletivo, a mocidade, agir contra essa condição. É instigante como essas enunciações evidenciam a construção de uma oposição que, ao fim, funciona se complementando: de um lado o *obscurecimento*, de outro a *regeneração*, ou seja, de um lado uma fabricação que ameniza as tensões, populariza o português e lhe edifica um espaço próprio à margem; e de outro, o brado que unifica o grupo, lhe dá um projeto comum e remove esse lugar da margem, ilustrando-o, destacando-o perante demais espaços.

Os termos e referências recorrentes nos textos (como *classe*, *mocidade*, *obscurecimento* e *regeneração*) permitem compreender as diferentes relações e movimentos que apontam para a composição de múltiplas espacialidades, não apenas uma. Significar o “outro” e o “nós” faz parte desse processo criativo identitário que nunca diz de uma definição única e linear. São muitas as identidades criadas pelos discursos d'*A Saudade* e elas evidenciam os conflitos, sentimentos e ações de seus escritores e leitores. O esforço de união em torno da instrução, que pode ser percebido no trecho do texto “A

Saudade”, representa uma, dentre outras perspectivas em debate no meio português emigrado, composto por vários espaços.

A mocidade emerge como um segmento sobre o qual grandes expectativas são lançadas: *é a esperança dos velhos, como estes já foram a esperança da geração que os precedera*. Mas há algo que a diferencia das gerações anteriores, uma vez que essa mocidade se encontra numa situação sócio-histórica inédita, marcada pelo progresso e união das classes, na contramão do privilégio (pensamento em relação com aqueles, já referidos, vinculados ao conceito de classe no século XIX).

A capacidade possuída por todos de se ilustrarem, não mais restrita a um grupo privilegiado, é transformada (pelo discurso) em um dever, algo que se deve aproveitar, tendo em vista a conquista que é poder fazê-lo: *É livre o campo, são iguais as armas*. Quais armas são essas? Para *A Saudade*, as armas para a provação da utilidade são a inteligência, a instrução, o estudo, a publicação. Nesse sentido, há tanto uma defesa a favor do periódico, como a explanação de quem é a mocidade e qual a sua missão. O texto, que emana a voz da mocidade, finaliza com um apelo à classe: “Na classe a que nos honramos pertencer está o futuro da *Saudade*. Appellamos para ella; com a proteção que nos póde dispensar hade a Redacção satisfazer os seus compromissos” (*A SAUDADE*, 1º anno, 1862, p. 230).

Essas publicações tornam mais clara a classe enquanto produção discursiva. A mocidade aparece como espaço a partir do qual se funda o Grêmio, *A Saudade* e, conseqüentemente, uma voz representativa não apenas desses pequenos espaços, como de uma figuração abstrata de união e totalidade da comunidade lusa emigrada do Rio de Janeiro. A mocidade é, portanto, um grupo restrito que sente precisar provar seu brio, tendo como amparo a classe caixeiral. Segundo o jornal, qual seria o meio de o fazê-lo? Pela máxima do trabalho e da instrução. Tal como escreve Alexandro Henrique Paixão:

Não por acaso, o nome caixeiro estava associado ao ramo do comércio, mas também à capacidade de ler e escrever; logo, estamos falando de uma camada da população emigrante que tinha a instrução, além do trabalho, como princípio organizador e sustentador da vida. (PAIXÃO, 2012, p. 76-77).

Esse princípio é a base do projeto justificador do associativismo português pelas folhas d’*A Saudade*. A ânsia pela instrução é acompanhada pelo perigo que sua ausência representaria na vida dos sujeitos. Quanto menos estudo, menos reconhecimento e possibilidades de ascensão social. O *livro* e a *pena* não são apenas bandeiras no combate à imagem jocosa das práticas discursivas e culturais antilusitanas, como, também, há

nelas um desejo de transformação das condições materiais dos portugueses. Como escreve Maria Anotnieta Cruz:

A ausência de educação e instrução tornava, como é óbvio, mais vulneráveis os nossos emigrantes retirando-lhes sentido crítico e impedindo-os de distinguir o que nos relatos dourados dos engajadores era torpe e miserável mentira. Desconheciam, na sua generalidade, que no Brasil, donde regressara o vizinho ‘brasileiro’, a cuja fortuna igualmente aspiravam, as condições eram agora menos favoráveis e cada vez mais reduzidas as possibilidades de acumulação de riqueza. (CRUZ, 1986-1987, p. 19).

Essas condições cada vez mais reduzidas se potencializam na segunda metade do século XIX, em especial, pela crescente quantidade de portugueses analfabetos que emigram, tomados pelos incentivos do Império na busca por uma gradual substituição da mão de obra escravizada. As condições para o enriquecimento do português emigrado na sociedade brasileira tornam-se mais árduas em decorrência das novas configurações do universo do trabalho na terra estrangeira e pelo novo perfil dos emigrantes. Daí que trabalho e instrução funcionem, tal como escreve Paixão, como os princípios organizadores e sustentadores da vida de uma camada da população portuguesa. Uma camada que entende seu espaço como um *pequeno mundo*, mas se imbuí de uma função de criação de uma rede de solidariedade entre os compatriotas.

Além das associações que reúnem bibliotecas e promovem encontros, leituras e publicações, a comunidade portuguesa do Rio de Janeiro fundou, no século XIX, escolas, hospitais, abrigos e clube esportivos. As instituições de portugueses para portugueses no Brasil¹² refletem a heterogeneidade de condições desses indivíduos e as ações contra a marginalização social. Ainda segundo Maria Antonieta da Cruz:

¹² Por mais que esta Tese possua um recorte contextual restrito à cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, cabe ressaltar que o impulso associativista, o controle de grande parte do comércio, a heterogeneidade de condições e o projeto de instrução são características da emigração portuguesa em demais localidades. Jorge Fernandes Alves, por exemplo, chama atenção para o Grêmio no Pará: “Foi essa necessidade de instrução, profundamente vivida, que levou a que os emigrantes exercessem no Brasil ações de ensino, dinamizadas através das organizações associativas, como, num exemplo entre tantos, a do Grémio Literário e Comercial Português, no Pará, criado em 1867 e que assegurava aulas de português, francês, inglês, aritmética e escrituração comercial” (ALVES, 1993, p. 258). Assim como o Rio, o Pará é território que recebe grande contingente de portugueses no século XIX e, por isso mesmo, apresenta-se ao pesquisador como espaço complexo onde identidades são territorializadas e transformadas, dando visibilidade para os conflitos luso-brasileiros e as condições de vida dos portugueses no Brasil. A instrução por meio de associações destinadas aos emigrados, tanto instituições escolares como a própria imprensa, emerge como principal meio ação de uma rede de solidariedade. Essas ações efetuadas no Brasil evidenciam a preocupação com a modificação, em terra estrangeira, da imagem do português. Esse novo espaço e a hostilidade que ele apresenta é “obstáculo” funcionando como incentivo às organizações compatriotas. Nas palavras do autor: “Deve-se referir uma importante ação pedagógica, através da imprensa, tanto na defesa da alfabetização como meio de dignificar e valorizar o emigrante, como na sensibilização para as vantagens nacionais que adviriam de uma emigração qualificada” (ALVES, 1993, p. 374).

Gostaríamos, por fim, de salientar que a situação de grande carência e mesmo de miséria de muitos portugueses no Brasil encontrou, no entanto, grande solidariedade nos seus concidadãos mais felizes nomeadamente naqueles que tinham obtido avultadas fortunas.

(...) Foram múltiplas e bem apetrechadas as instituições que criaram, algumas possuindo mesmo hospitais próprios, onde foram acolhidos os súbditos portugueses mais carenciados, bem como pobres de outras nacionalidades, cumprindo assim o objetivo fundamental de amparar sempre os que se encontravam em situação crítica. (CRUZ, 1986-1987, p. 107-108).

Dentro das figurações da classe se percebe: de um lado, o “brasileiro”; de outro, o mendigo; no meio de ambas, a mocidade funcionando como uma ponte, possibilitando o exercício nobre de caridade para aquele, e a assistência e cuidado para esse. Daí que a mocidade esteja fundada num impulso associativista. Afinal, é pela associação e na associação que os diferentes tipos sociais da identidade portuguesa emigrada reúnem-se.

Em um longo texto publicado na segunda série d’*A Saudade*, Antonio Xavier Rodrigues Pinto tece uma análise histórica sobre a subjugação do povo e as lutas contra os privilégios. O intuito de tal enunciação é de, ao fim, inserir a associação como instituição tributária e continuadora desses eventos (que inclui, por exemplo, a Revolução Francesa e o Império Napoleônico). O trabalho e a instrução emergem como modelo comportamental da mocidade e ganham, também, sentidos de instrumentos de luta em prol da participação e ilustração popular:

Uni-vos: creai a associação, porque a associação aproxima as classes, tira-lhes o ciúme da preponderância, e conquista para a civilização resultados incalculáveis. A associação aprimora a inteligência: é a luz deslumbrante que se reflecte no progresso; a associação, emfim, crêa o amor ao trabalho, e o trabalho é o sopro benéfico do Omnipotente, que anima e da vida ao que parece extinguir-se.

(...)

Veio a associação, e a mocidade, rica de crenças, ambiciosa de ilustrar-se, creou estes e outros pequenos laboratorios de inteligência, onde as horas de trabalho se contam pelas pulsações do coração, tão rápidas e tão alegres se deslizam ellas. Ao *Gremio Litterario Portuguez* cabe a gloria de iniciar o principio de associação popular. Ennobrecer desta terra hospitaleira, que a todos abre os braços, o paiz em que nascemos; contribuir com o seu pequeno contingente para a illustração da classe, eis o fim da modesta associação que tem a honra de reunir-vos hoje. (PINTO, série II, 2º anno, n. 6, 1862, p. 53-54).

A associação é, em primeiro lugar, popular. Essa característica passa por cima das diferenças que segregariam a classe, tornando-a expressão de um todo e fazendo de seu desejo um único: a ilustração. Não há sentido de labor, de desgaste, ainda que essa mocidade trabalhe, as horas dedicadas ao estudo são *alegres*.

O número, em que é publicado esse texto de Rodrigues Pinto, inicia com o seguinte informativo: “As composições que formam o presente numero da *Saudade*, foram lidas no *Saráo litterario e artistico* dado pelo *Gremio Litterario Portuguez* no dia 5 do corrente” (2º anno, 1862, p. 49). Ou seja, além dos leitores do jornal, tais palavras chegaram a todos os presentes em reunião. Uma reunião promovida pela mocidade, porém, com o intuito de agregar e ver presente a classe. Discursos com forte apelo associativo são percebidos nesse número especial. O texto que o encerra, por exemplo, também, participa da construção de uma fala em torno da união. Trata-se de uma carta escrita pelo *Roceiro na Côte*. Este, inicialmente, apresenta-se como *homem da roça* que, por um *acaso feliz*, estava no Rio e foi convidado a participar do sarau do Grêmio Literário Português. Essa figura, enunciada como “eu” do texto, institui um perfil (roceiro, modesto, simples) em diálogo com as construções discursivas de um espaço à margem. Algumas de suas considerações em torno da festa são instigantes para esta discussão:

A’s oito horas e meia da noite do dia 3 estavam reunidas nos espaçosos salões da *Phil’Euterpe*, na rua dos Benedictinos, perto de duzentas pessoas de todas as classes. Ahi se cruzavam os homens de letras com os negociantes, os caixeiros com os artistas, os homens formados com os curiosos de litteratura, e notei que, apezar da opinião adversa do meu amigo lojista, todos applaudiam a ideia que ali reunia, e demonstravam que em todas as classes vai lavrando no Rio de Janeiro o gosto pelas artes e pelos estudos litterarios. (SR. CHRONISTA, 2º anno, 1862, p. 63).

O texto faz do espaço da associação um espaço que agrega as diferentes funções e tipos sociais. *Homens de letras, negociantes, caixeiros, artistas, homens formados e curiosos da literatura*. O evento promovido pelo Grêmio reúne os sujeitos e, principalmente, as diferentes *classes* em uma só, sob a bandeira da instrução, das *artes* e dos *estudos literários*.

A constatação em torno dessa ação de união é enunciada em contraposição à fala do *lojista*. Quem seria este? Antes de tratar da festa, o *roceiro* narra em sua carta a ida até um lojista em busca de uma sobrecasaca, de forma que, quando questionado sobre a ocasião, responde se trata de um sarau artístico e literário. O lojista, surpreso, retruca: “Não sei; mas o que posso asseverar-lhe é que antes queria ir ao Circo Olympico, ou ao Priente, lugares que frequentam os rapazes do tom, do que assistir a essa massada, a que não irão senão pessoas que andam no mundo da lua” (SR. CHRONISTA, 2º anno, 1862, p. 63). A fala do *lojista* representa uma perspectiva outra, oriunda do interior da classe caixeral (na prática, não tão una como o discurso aspira), e exerce um poder, por meio da

construção de uma imagem e um discurso em relação aos sujeitos que se identificam no fazer/encontro literário. A mencionada *inferiorização* é manifestada, nesse texto, na perspectiva do *lojista*. Seu posicionamento funciona como um preconceito desconstruído ao longo do texto por meio da exaltação da festa e da iniciativa associativista. São sujeitos ilustres e talentosos que demonstram seu valor e sua importância, pela arte, para a classe, ou ainda, todas as classes.

Entre os nomes conhecidos, o *roceiro* cita a performance e presença de alguns em destaque como o pianista Miguel Angelo Pereira; o violinista baiano Moniz Barreto Junior; o fundador do periódico literário *O Futuro*, Faustino Xavier de Novais; o poeta e médico Luís Delfino dos Santos¹³; Machado de Assis¹⁴, acompanhado do jornalista português, então naturalizado como brasileiro, Augusto Emilio Zaluar; o poeta argentino Carlos Guido Spano; o poeta d'*A Saudade*, Antonio Moutinho de Souza, dentre outros. Esses nomes funcionam como forma de engrandecer o grupo, dando visibilidade para seu vasto alcance e heterogeneidade, assim como reconhecimento para a conquista do projeto a que se compromete a associação. Esse grupo é restrito; suas condições de vida (intelectual e material) não condiziam com a realidade social da maioria dos emigrados, porém, aparecem como representação idealizada. Eles figuram o sonho do emigrante, então, tornado realidade nas descrições d'*A Saudade*. Assim, o discurso opera no sentido de defender que, mesmo tendo *saido* da *classe popular*, estereotipada, esses sujeitos ganham valor e provam sua importância social por meio da associação e da produção artística.

¹³ A apresentação de Luís Delfino no sarau do Grêmio Literário Português gera consequências significativas para a reflexão em torno do preconceito para com aqueles que faziam literatura. Quem escreve sobre o caso é Ubiratan Machado (2001, p. 171): “O caso de Luís Delfino teve alguns toques dramáticos. Apesar de formado havia a pouco, o jovem médico já conseguira uma clínica considerável, composta em sua maioria por caixeiros e comerciantes portugueses, a colônia mais rica do Rio de Janeiro. Uma bela noite, o poeta recitou em público em um sarau do Grêmio Literário Português. A colônia em peso estava na festa. Um escândalo. Como confiar no diagnóstico de um médico que fazia versos e ainda por cima ia recitá-los em público, como um ator qualquer? A debandada foi geral. Da noite para o dia os pacientes sumiram. A solução seria abrir consultório em local onde os clientes não se importassem com tais tolices”. Por mais que a instrução e a literatura fossem, para a mocidade (representada na voz d'*A Saudade*), meios de ilustração, elas não eram um caminho creditado por toda a comunidade. O descredenciamento de Luís Delfino dos Santos perante a comunidade é ilustrativo dessa perspectiva outra, combatida pelo Grêmio.

¹⁴ Nesse contexto, Machado de Assis ainda não tinha se tornado um escritor consagrado. Filho de um português, participava desse meio literário. Wilson Martins, ao apontar para a rivalidade entre a classe caixerial portuguesa e a brasileira, escreve: “Machado de Assis gravitava, por paradoxo, na órbita da classe caixerial portuguesa, onde tinha todos os seus amigos; foi ela, como ficou dito, que promoveu a imensa popularidade de Casimiro de Abreu pelo país afora” (MARTINS, 1977, p. 185). Daí sua presença nos saraus organizados pelas associações literárias portuguesas e, inclusive, suas contribuições em periódicos, como *O Futuro*.

Essa mesma construção dá-se no número seguinte, trazendo, novamente, a voz do *Roceiro na Côte*, que escreve sobre a festa artística e literária da *associação irmã*, Retiro Literário Português:

A ideia do *Gremio Litterario*, iniciada por nomes humildes que não têm outro orgulho senão o de ser uteis á sua classe, achou écho em outra associação popular. No dia 19 de Julho, o *Retiro Litterario* reuniu nos salões da *Phil'Euterpe* um concurso de convidados que excedia a quinhentas pessoas. Saudamos esta victoria das letras! Todas as classes estavam ali representadas; todas despertaram á luz do progresso moral, e vieram aplaudir o seu próprio adiantamento, naquella exposição de trabalhos, em grande parte devidos a pessoas da classe commercial. Ali estiveram até hora adiantada da noite, e quando ao alvorecer do dia, vindo os primeiros listões vermelhos apontando por cima das montanhas, sahiram de uma reunião dedicada aos prazeres intellectuaes, – reconheceram que o gosto pelos trabalhos litterarios ampliára o seu domínio, e que nenhuma classe negava agora os seus applausos aos que trocaram horas de distrações inúteis por vigílias estudiosas, outr'ora mal vistas dos adoradores de Pluto. (AMIGO CHRONISTA, 2º anno, 1862, p. 71).

As imagens estereotipadas do caixeiro português na sociedade brasileira, do pobre mendigo e do grotesco “brasileiro” são, pela associação (suas publicações e eventos sociais), modificadas para uma imagem de um grupo composto por sujeitos trabalhadores e estudiosos, leitores e escritores literários, que buscam instrução e *trocamos horas de distrações inúteis por vigílias estudiosas*, sendo ainda, por isso, reconhecidos e aplaudidos pelas demais classes. O discurso evidencia tanto o desejo que impulsiona essas ações associativas como o seu funcionamento visando a transformação valorativa da comunidade portuguesa. Aqueles figurados como os “outros”, que lhes criticam as condutas, são representados como *adoradores de Pluto*, em referência ao deus mitológico romano símbolo de riqueza e trevas.

A construção de uma imagem e um sentido de grupos que fazem frente ao projeto d’*A Saudade* e do Grêmio pode ser percebido, também, em um texto de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, intitulado “A’ mocidade”. Este funciona como um verdadeiro tratado do que é e o que quer a mocidade portuguesa no Rio de Janeiro. No texto, é enunciado um conflito: de um lado, a *mocidade nobre, generosa* e a *classe trabalhadora*; de outro, as *classes felizes e dominadoras que trabalham às escondidas, nas trevas*. O estudo emerge como o meio de luta contra a ignorância que estas impõem àquelas. Em suas palavras:

Conspiram contra o povo que procura emancipar-se *pelo trabalho e pela união, pelo estudo e pela regeneração moral*? Fazei-vos fortes com as crenças que possuis, e serão baldados os seus manejos. Não vêdes que elles tentam resgatar o passado com os pretendidos vícios do

presente? Afadigam-se para vos embrutecer, porque só assim poderão dominar-vos. (PINTO, 1º ano, 1861, p. 25-26, grifos do autor).

A luta travada pela mocidade define tanto o seu caráter como constrói o “outro”, esses indivíduos que ameaçam seu projeto e querem *embrutecê-la* para *dominá-la*. Rodrigues Pinto se volta para seus leitores, colocando-os ao seu lado e os convocando: “Não os escutei, e trabalhei, que n’isso está o segredo de os inutilisar” (PINTO, 1º ano, 1861, p. 26). Sob a bandeira da *regeneração* pelas vias do conhecimento e do trabalho, o texto produz a voz da mocidade. Esta ganha um espaço bem definido; projetos, perspectivas, nomes, amigos e inimigos, e, em especial, uma moral que embasa as expectativas de futuro. De forma cativante, a mocidade aparece em tons heroicos e humildes, chamando os leitores para associarem-se a ela: “associem-se á mocidade, que lhe transmittirá parte da seiva que a ennobrece” (PINTO, 1º ano, 1861, p. 26). A ideia de transmissão do conhecimento dá a essa nova geração uma missão; destaca-a em meio ao grupo de portugueses emigrados no Rio de Janeiro.

É, também, da autoria de Antonio Xavier Rodrigues Pinto um estudo biográfico, publicado na segunda série d’*A Saudade*, sobre António de Gouveia¹⁵. Trata-se de uma figura com características próximas ao grupo do Grêmio: português, emigrado, que, por meio da instrução, trilhou uma carreira consolidada e reconhecida, ou seja, como escreve Rodrigues Pinto (1º ano, 1861, p. 87): “um nome ilustre que honrou a patria no estrangeiro”. Daí que o texto introdutório de tal estudo sirva como apresentação de um caminho para a mocidade portuguesa do Rio de Janeiro. A biografia de António de Gouveia é modelo e exemplo; faz parte da, nos termos utilizados por Rodrigues Pinto, *cartilha da mocidade*:

Senhores das aspirações de tantos, possuindo o segredo de captar-vos a atenção, são estes livros a *cartilha* da mocidade, e é raro ver-se n’ella a leitura sã e instructiva, como elemento principal para mais uteis e nobres aspirações.

Mas cabe-nos o orgulho da excepção a tal respeito.

Em nosso pequeno círculo não esquecemos Fernam Lopes, o pai da nossa historia; João de Barros, o *Tito Livio* portuguez; Diogo do Couto, seu digno successor; Damião de Góes, o insigne erudito; André de Rezende, o antiquario admirado dos mais sabios estrangeiros; Jeronimo Osorio, o erudito e eloquente; Fernam Mendes Pinto, o curioso; Duarte Nunes de Leão, que illustrou em larga escala o seculo mais brilhante da

¹⁵ Humanista português do século XVI, António de Gouveia nasceu na cidade de Beja (em data desconhecida) e, em tenra idade, partiu para Paris, onde estudou, em especial, filosofia e, posteriormente na Universidade de Toulouse, jurisprudência. Passou por diversas Universidades francesas, antes de se mudar para Piemonte para lecionar na Universidade de Mondovi. Faleceu em Turim em 5 de março de 1566. Antonio Xavier Rodrigues Pinto atenta para a extensão de autores que: “consagram-lhe lisonjeiras paginas, apresentando-o como grande jurisconsulto, profundo philosopho e excellente prosador e poeta” (PINTO, 1º ano, 1861, p. 102).

nossa litteratura; Amador Arraes, o conceituoso e elegante dialoguista; João de Lucena, cuja *Vida de S. Francisco* é um modelo de energia e pureza de lingua; Frei Bernardo de Brito, e os dous Brandões, que na *Monarchia Lusitana* construíram a base da historia patria; Frei Luiz de Souza, que excedeu a todos em pureza de linguagem e energia de conceitos; Dom Francisco de Mello, o archaista; Antonio Vieira, o classico mais authorisado, o grande prégador, o insigne missionario, o politico profundo; Manoel Bernardes, seu acerrimo imitador; e tantos outros clássicos antigos, onde podemos preparar o espirito para estudos serios, em relação ás nossas forças. (PINTO, 1º anno, 1861, p. 87, grifos do autor).

António de Gouveia aparece ao lado de nomes que são consagrados como referenciais para o projeto de instrução da mocidade portuguesa. Esta deve estudar, e o estudo que lhe compete é delineado nas folhas d'*A Saudade*. O dever imbuído ao aprendizado esperado do grupo é enunciado no texto. Tal como se transcorre a apresentação dos nomes com sentidos de autoridades; a começar por Fernão Lopes, considerado um dos primeiros historiadores portugueses que legou à posteridade obras narrativas de preocupação documental e cujos escritos remontam ao século XV, e segue tecendo uma lista de nomes obrigatórios ao estudo (literário, histórico, filosófico e teológico) do jovem português desejoso de se ilustrar e assim regenerar tanto a si quanto ao seu grupo pátrio. Respeitando um desenvolvimento cronológico, a última referência é o Padre Manuel Bernardes, religioso e escritor português do final do século XVII e início do XVIII, ou seja, são citados nomes, em sua maioria contemporâneos de António de Gouveia (figura central no estudo biográfico do texto), que compõem um sentido de linearidade e progressão.

Esse trecho é significativo, pois evidencia como as etapas, no caminho de consolidação da instrução da mocidade portuguesa, estão atreladas a uma tradição fundamentalmente portuguesa. A identidade nacional perpassa os nomes que moldam o cânone construído como base para a regeneração pátria. A mocidade aparece como vanguarda, aquela que está avante no caminho da *ilustração* e, portanto, possui grande valor e dever para com a classe (o todo coletivo). Este se forma ao passo que edifica seu lugar próprio, ou ainda, como escreve Rodrigues Pinto, seu *pequeno círculo*. Essa expressão faz parte do exercício ficcional de territorialização, por meio do discurso, do espaço cultural, identitário e social dos portugueses emigrados. Rodrigues Pinto retoma, no mesmo texto, a ideia de *pequeno mundo* para se referir ao grupo e caracterizá-lo por meio da prática da instrução nas letras. A tradição portuguesa é o que define as bases dessa instrução:

Associações litterarias – cursos modestos d’estes estudos – crearam a necessidade de repetidas consultas a esses escriptores, e é n’elles que vamos procurar a origem da historia – viciada pelos authores extranhos – como o principal ponto de partida para uma discussão reflectida e conscienciosa, ou para um escripto – singelo – mas fiel quanto aos factos que descrevemos.

E o amor pela patria, e o desejo de honral’a com ações dignas della, identificam-se n’essas leituras, porque a consequencia logica dos factos leva-nos a não ceder aos outros em feitos pelas armas, e gloria pelas letras! Recrêa-se o espirito e adquirem-se os conhecimentos necessarios para seguirmos o exemplo – bem que de longe – dos que se entregaram exclusivamente a esses estudos.

(...)

São estudos das horas de ocio, que dedico áqueles que, como eu, limitam as suas aspirações ao *pequeno mundo que creamos*.

Instruir-me, lembrar aos meus alguns nomes dignos da nossa consideração e respeito, eis o fim que tenho em vista com estes escriptos. (PINTO, 1º anno, 1861, p. 87, grifo do autor).

Em contraposição a uma tradição cuja *cartilha* é composta de figuras que não compartilham da identidade nacional portuguesa, ou seja, de *autores estranhos*, *A Saudade* emerge combinando o ensino (do passado visando um futuro de progresso) ao elo de pertencimento. Daí que os moldes instrutivos do jornal para a mocidade sejam marcados por imagens e sentimentos em relação à pátria. *Amor pela pátria, desejo de honrá-la com ações dignas dela* faz desse espaço ficcional, sensível e identitário, o símbolo a partir do qual a mocidade se forma; se reconhece enquanto comunidade.

Como escreve Rodrigues Pinto, *A Saudade* é espaço para expressão e ensino fundamentada numa base que reforça o elo da identidade nacional. *De longe* estão esses indivíduos. Geograficamente longe, num mundo no qual não encontram acolhimento. Daí a importância da agremiação e do jornal como delimitadores de um espaço próprio. Este é edificado pela imprensa, porém, tal processo de edificação não é imediato, dado ou natural. O projeto de instrução atribuído à mocidade territorializa o espaço num processo discursivo que é, também, o da própria formação do grupo. Como escreve Stuart Hall (2006, p. 39, grifo do autor): “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento”.

Tal como Rodrigues Pinto, demais autores participam das edificações e, consequentemente, definições sobre os espaços da classe e da mocidade nas folhas d’*A Saudade*. Um desses é Julio R. Dunlop que, na segunda série d’*A Saudade*, publica, nos números 9, 10, 13 e 14, um texto intitulado “A mocidade portugueza do Rio de Janeiro”. Neste, membros do Grêmio são mencionados, bem como suas produções, no sentido de engrandecer e dar visibilidade à associação.

A classe commercial portugueza na terra de Santa de Cruz por muito tempo jazeu no seio de estultos preconceitos que lhe impediam a marcha na senda do aperfeiçoamento moral.

Um nucleo de mancebos desejosos de instruir-se, fundou um atheneo modesto que, pouco e pouco, se foi elevando, e chegou a ter uma epocha feliz.

O *Gremio Litterario Portuguez* tem jús ao reconhecimento de todos os amigos das associações instructivas, e muito mais tendo sido formado em um tempo em que com tanto desamor se olhava, como se olha ainda, para as letras. (DUNLOP, 1º anno, 1861, p. 66).

Os preconceitos existem para serem superados. O que o discurso do jornal faz é enunciar um lugar da classe à margem, que, porém, ganha centralidade pela ação associativa e instrutiva da mocidade.

A menção à *terra de Santa Cruz* é uma forma de acessar significações e territorializar o discurso ao lado de símbolos de engrandecimento da identidade portuguesa. Afinal, tal nome, para se referir ao Brasil, diz diretamente de um tempo considerado período de glória de Portugal, de seu exercício “desbravador” e “inovador” em que exerceu uma dominação sobre a natureza e os corpos onde, no século XIX, tem-se consolidado como Brasil, então, separado e independente.

A separação entre Portugal e Brasil vai além de tratados oficiais e administrativos; ela é elaborada ao longo do século XIX de forma sensível e identitária, por caminhos complexos e conflituosos, na música, nas artes plásticas, nas conversas cotidianas, nas piadas, na imprensa e na literatura. A ideia de que a classe comercial portuguesa *jazeu no seio de estultos preconceitos* evidencia os conflitos provenientes dessas diferenciações identitárias, desse processo de *identificação*.

Pelo texto de Dunlop, novamente, é feita a defesa da instrução literária. Esta aparece subjugada e desacreditada na sociedade, porém, com ela e por ela, a mocidade protagoniza um movimento transformador. É instigante como a maioria dos textos que tratam da mocidade e da associação estão concentrados na segunda série d’*A Saudade*. Essa concentração pode ser percebida como uma ação que busca combater justamente aquilo que afetou e levou o fim da primeira série, ou seja, os discursos de união são mais intensos nas publicações da década de 1860, porque, nesse contexto, o projeto da comunidade portuguesa se encontra historicamente mais experiente e consolidado.

Cabe ressaltar que não apenas por meio de publicações em prosa e com uma linguagem de cunho analítico se constituem os discursos sobre quem é e qual o papel da mocidade. Ainda na segunda série d’*A Saudade*, Faustino Xavier de Novais, um nome em destaque na comunidade portuguesa por sua carreira na área das letras, publica um

poema intitulado “Ao Gremio Litterario Portuguez”. Como o próprio título antecipa, o poema se volta para o grupo com um cantar que desperta orgulho. Um orgulho, inclusive, em relação à sua condição material e social à margem, combatendo o estereótipo de ignorante e avarento, em prol de uma imagem do jovem trabalhador e estudioso:

Assim nós, a quem a sorte
 Riqueza vil não quis dar,
 Não correremos á morte,
 Na indolencia a definhar:
 Humildes, filhos do povo,
 Sentimos o alento novo
 D’esta nova geração;
 Temos, sem outro agasalho,
 De dia, as mãos no trabalho,
 De noite os livros na mão!

Se pobres somos, que importa?
 – O luxo aqui não reluz;
 Mas da casa a estreita porta
 Da gloria ao templo conduz!
 Lá fôra, nesse bulicio,
 Quando, altivo, impera o vicio,
 Nem de nós se lembra alguém,
 Que juntos, aqui, pensamos
 Que os grandes que respeitamos
 Foram pequenos tambem! (NOVAIS, 1º anno, 1861, p. 82).

No poema de Faustino Xavier de Novais, a construção espacial e discursiva de seus versos está vinculada a uma, também, construção identitária, em que o “nós” ganha nacionalidade, passado comum, lugar próprio e, principalmente, um modelo comportamental a se seguir. Trata-se de sujeitos portugueses, trabalhadores e estudiosos.

A pobreza é cantada como condição daqueles honestos e virtuosos; que devem se orgulhar de sua origem humilde e provar não ser a falta de oportunidades impeditivo para suas utilidades sociais. O jornal fabrica sentidos positivos para condições, muitas vezes, vividas com dificuldade e frustração. A *ética ascética* de suas publicações normaliza a experiência de muitos portugueses, por meio de um discurso de persistência.

O termo *ética ascética* é proposto por Lenira Menezes Martinho, enquanto característica da classe caixeiral portuguesa. Esta seria marcada por uma *ética própria do pequeno comércio*, baseada na ideia de que: “o trabalho árduo e diário, uma vida simples e de economias podem ser recompensados com a ascensão econômica e social” (MARTINHO, 1993, p. 60). E não apenas isso, como *A Saudade* indica, juntamente com tal postura modesta e trabalhadora, estava a preocupação com a instrução.

A *ética ascética* que, para Martinho, é elemento de identificação da classe caixeiral, emerge das imagens instituídas pelos versos. *Voz humilde; humildes, filhos do*

povo; de dia, as mãos no trabalho, de noite os livros na mão!; estudo, e perseverança, são as bases da esperança. O grupo é identificado, nesse sentido, pela *nova geração*, a mocidade marcada por características vinculadas a uma pequenez, um *obscurecimento*, mas encontra na prática do trabalho e estudo, o comportamento moral que indica seu engrandecimento.

A antítese entre pequeno e grande, que diz diretamente da discussão sobre hierarquia social, dá a ver a ideia do grupo como rebaixado, porém, combatente a essa condição. No poema, o “nós” tem a *lira fraca*, mas *forte o coração*; é metaforizado enquanto *frágil batel* que, porém, navega *qual navio majestoso*. Grande e pequeno representam as características empregadas num jogo que compõe o *pequeno mundo* do Grêmio enquanto um espaço com grande potencial. São imagens complementares. Ainda que vistos como pequenos, pelas publicações d’*A Saudade* se sentem e se defendem como grandes, se não no presente, num futuro próximo. A grandeza defendida é sinônimo de *saber*, em contraposição a uma grandeza medida por riquezas materiais.

Novais defende: *os grandes que respeitamos foram pequenos também!* Figuras históricas, em especial aquelas que se situam dentro do quadro da literatura portuguesa, da *cartilha* da mocidade, representam modelos de instrução e biografia. Esses sujeitos foram “eternizados”, trouxeram brio para a pátria em decorrência de suas produções literárias, de forma que representam o caminho no qual os portugueses emigrados buscam inspiração. Dentre eles, o poema cita dois nomes: Luís Vaz de Camões e Almeida Garrett. A referência a Camões faz do autor elemento constitutivo de um passado glorioso e mítico, não por acaso que Almeida Garrett publica, em 1825, um poema, cujo título é o próprio nome do escritor: *Camões*, que abre com um verso citado na terceira estrofe do poema de Novais (como, também, em várias outras publicações em prosa e poesia do jornal): *Saudade! Gosto amargo de infelizes*.

O romantismo português do século XIX retoma formas literárias medievais. Nesse sentido, a redondilha ganha força na poesia romântica. Em “Ao Gremio Litterario Portuguez” é perceptível a estratégia de situar o seu fazer ao lado da tradição literária portuguesa não só pelo conteúdo e intertextos, como pela forma, marcada pela redondilha maior (em que os versos possuem sete sílabas poéticas, ou seja, são heptassílabos). A estrutura do poema é composta por dez estrofes décimas (de dez versos) com uma métrica e esquemas de rimas extremamente cuidadosas, demonstrando um rebuscamento e um saber em torno da produção poética. As rimas são um conjunto de alternadas (nos quatro primeiros versos: a-b-a-b), paralelas (nos quintos e sextos versos: c-c) e interpoladas (nos

quatro últimos versos: d-e-e-d), o que contribuí para uma sonoridade metrificada, variada e elegante, envolvendo e encantando ouvintes e leitores. A rítmica e a semântica dos versos indicam o esforço, por meio de modelos preestabelecidos, de engrandecimento do grupo e seu alinhamento às formas literárias como meio de legitimar seus fazer e saber. Sobre os escritores d'*A Saudade*, Sébastien Rozeaux escreve:

Encontram-se entre eles os principais redatores de *A Saudade*, jovens homens portugueses que receberam um certo nível de instrução em Portugal antes de partir para o Rio de Janeiro, onde a maior parte trabalha no comércio. Esse recrutamento se situa no contexto mais amplo de uma emigração portuguesa que, diferentemente das posteriores ondas do final do século, conta ainda no seu seio muitos jovens com um certo capital social, cultural e financeiro a sua disposição. A referência à “nova literatura” reflete, aliás, o desenvolvimento da escola romântica em Portugal, com a qual a nova geração se familiarizou antes de partir para o Brasil. Como prova, a considerável reverência do Grêmio e, posteriormente, do Retiro aos pais da reforma literária em Portugal, Almeida Garrett e Alexandre Herculano. (ROZEAUX, 2016, p. 495).

Tal como mencionado por outros estudos, Rozeaux reforça o perfil dos escritores d'*A Saudade* como jovens portugueses com algum nível de instrução, trabalhadores do comércio, alfabetizados e, até mesmo, familiarizados com a escola romântica de Portugal. Aqueles que possuem maior conhecimento sobre ela e conseguem trilhar uma carreira literária, em conformidade com os movimentos artísticos do período, destacam-se e surgem como exemplo para mocidade e, até mesmo, para a classe. Novais, por sua vez, vem para o Brasil já com certa fama, após ter publicado livros em Portugal e editado a revista de poesia, *O Bardo*. Na “Chronica” publicada no mesmo número do poema encontra-se a recomendação da leitura da *belíssima poesia* do autor que *não precisa de apresentações*:

Quando um nome conhecido como o do Sr. Novaes se associa ao dos obscuros mancebos que procuram instruir-se e ser, relativamente, uteis á sociedade e á litteratura, mais se arreiga em nós a crença de que não trabalhamos em vão, e que se, por em quanto, as *intelligencias aristocratas*, e os *jornaes de grande formato*, não se dignam descer até nós, tempo virá em que seremos acoroçoados e compreendidos. (CHRONICA, 1º anno, 1861, p. 84, grifos do autor).

Novais é uma figura modelo, mas não está fora do grupo da identidade nacional; é, antes, uma representação do *engrandecimento* para seus compatriotas. Em 1862, por exemplo, encabeça a iniciativa de fundar uma revista quinzenal, *O Futuro*, que, diferentemente d'*A Saudade*, não estava vinculada a uma associação e publicava edições extensas (geralmente entre 35 e 40 páginas). Seus escritores, muitos acadêmicos, não se declaravam *obscurecidos*. Apesar de seu período de existência menor que d'*A Saudade*,

O Futuro tem contribuições de nomes como Machado de Assis e Camilo Castelo Branco, fazendo com que esse periódico tenha sido, no seu contexto de produção e ainda hoje, bem aclamado.

Ainda sobre as publicações poéticas que compõem o espaço da mocidade, na segunda série d'*A Saudade*, José Velloso d'Almeida Campos publica "A' mocidade". Novamente, um título com dedicatória ao grupo. Este, pelos versos, aparece como encarregado da missão de engrandecimento pelas vias da instrução literária:

Sómente a intelligencia reger venha os destinos
Da geração que nasce, só ella dicte a lei;
E livre, o pensamento, as raias não conheça;
Quem póde pôr limites onde o talento é rei?

Correi, mancebos, cia, cerrai vossas fileiras,
Curvai somente a frente ao numem da poesia;
Nas palmas que colherdes que vejam os vindouros
As palmas orvalhadas por fontes de harmonia.

—
E' nobre a senda vossa,
Mancebos percorrei-a;
Das letras aos cultores
Não é a gloria alheia. (CAMPOS, 1º anno, 1861, p. 7).

O poema de Almeida Campos foi publicado no primeiro número da segunda série, o que potencializa seu esforço de vínculo coletivo, pois está situado num momento inicial repleto de expectativas e marcado por uma fala convocatória constitutiva do grupo.

A estrutura do poema é marcada por uma cadência rítmica e visual em diálogo com o sentido de afunilamento que o poema constrói. O poema começa com divagações com forte ímpeto universalistas e recursos metafóricos, que ficam ressoando como devaneios soltos ao ar. Termos como *mente*, *pensamento*, *alma*, *essência*, *Deus*, *homem* e *mundo*, assim como as aliterações "s", contribuem na construção de um sentido de abertura e reflexão. No segundo momento, o sujeito para o qual se volta os versos vai tomando forma; trata-se da *geração que nasce*, dos *mancebos livres e talentosos* que devem trilhar os caminhos da poesia. Esse momento funciona como uma ponte entre as primeiras estrofes, preparando o terreno para a mensagem que, então, vai tomando forma. O poema, antes mesmo de ser lido, na sua imagem concreta anuncia o processo de lapidação que lhe é interno. Tal como escreve Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira: "No caso de textos poéticos, contudo, o espaço também diz respeito ao modo como as palavras ocupam a página" (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 74). O encurtamento dos versos e estrofes marcam esse processo criativo. O terceiro momento é, enfim, composto por frases curtas que veiculam um sentido de fala segura e precisa,

assim como de verbos no imperativo: *percorrei, segui, levai, olhai, sejam, venerai*. A mensagem à *mocidade*, como o próprio título anuncia, é arrematada; uma mensagem instrutiva, indicando o caminho do engrandecimento e reforçando o perfil estudioso do grupo.

São, ainda, exemplos citados no poema: Camões, Homero e Dante. Por meio dessas referências defende-se a ideia de publicação como forma de romper o fim marcado pela morte. O enfoque não está biografia, nas conquistas individuais, de um brio pessoal; antes, é um projeto instrutivo da identidade social. O sujeito emerge como parte de um todo, uma classe; e é nela que se quer uma marca histórica.

A reflexão sobre essas publicações d'*A Saudade* permite a compreensão de que são produções de espacialidades. Imagens, identidades, projetos e comportamentos para os portugueses emigrados no Rio de Janeiro, da segunda metade do século XIX, são instituídos por esses discursos em prosa e verso. O uso do conceito de classe compõe um espaço orgulhoso de si que, porém, entende-se degenerado e, por isso mesmo, carente de *regeneração*. Espera-se que ela seja liderada por um grupo em destaque, a *mocidade*. Nesta repousa a missão transformadora dos valores atribuídos socialmente ao português emigrado. Essas construções são fundamentais para se pensar os impulsos associativistas e a produção vinculada ao movimento romântico que acontece nas folhas do jornal do Grêmio.

Ainda perseguindo a temática da construção do “nós”, o capítulo seguinte se volta para a reflexão em torno da fabricação do espaço da saudade. Este não é *A Saudade* (jornal), mas a saudade enquanto signo linguístico, sensível e cultural português. Se ser português no exílio é, como propõem os textos do jornal, ser trabalhador, estudioso, entusiasta das letras e da transformação social da classe, há um elemento a mais na composição dessa figuração, da performance da portugalidade que se espera desses sujeitos: ser saudoso.

Capítulo 3 – Usos e apropriações da saudade: pela mocidade, pela identidade portuguesa e pelo exilado

Idade da verdadeira poesia

Na leitura d'*A Saudade*, é possível perceber a fabricação de uma sensibilidade saudosa. Não por acaso, o jornal do Grêmio tem a palavra saudade como título. O termo está em destaque, e seu uso remete a significados e modelos da literatura portuguesa, então, em um contexto específico. A saudade funciona como símbolo que demarca o espaço dos portugueses emigrados. Fora de uma “normalidade”, de um “centro”, a saudade aparece como expressão de indivíduos que se apresentam deslocados, fora de seu lugar seguro, esperançosos em um passado e futuro ideal, ou seja, fundamentalmente incomodados com o presente.

Não é a um circulo desanimado, de espirito cançado, de renegados da fé do porvir, a quem fallo: entre os animos juvenis, que vieram pregar nestas modestas paginas a religião da patria por estranhas terras; ainda há a fé viva que faz brotar dos rochedos os jorros de Crystal, que refrigeram os expatriados, pungidos pelo acerbo espinho da saudade. Não descansa a mocidade portugueza do Rio de Janeiro no caminho do adiantamento. Se hoje poucos applausos acolhem os seus esforços, se em vez de arcos de verdes folhas, acha no caminho as pedras que o materialismo lhe lança de encontro aos passos, mais bella aurora hade raiar em breve, e á luz vermelha de seus fulgores hade encontrar as frotas coroadas das palmas da gloria. (MONTÓRO, 1º anno, 1862, p. 230).

As palavras, de Reinaldo Carlos Montóro, voltam-se para a mocidade portuguesa. A esperança (palavra que intitula o texto) no povir é o que a caracteriza e a faz prosseguir em seus intuitos. Ideias de juventude, inexperiência, obscuridade, persistência, trabalho e estudo compõem o quadro discursivo do qual o trecho foi retirado. Além desses elementos, que já apareceram em outras publicações, retoma-se a ideia de obstáculos e dificuldades, as *pedras que o materialismo* lança no caminho da mocidade, como parte de uma história de luta rumo à regeneração.

O interessante, neste ponto da discussão, é perceber como a imagem construída da mocidade é, aqui, articulada em dois sentidos: saudosa e esperançosa. Uma saudade do passado, e uma esperança do futuro. O espaço do grupo, pelas folhas do jornal, é delimitado por um passado comum na pátria, a experiência de exílio, o trabalho no comércio, a pobreza, a caridade, a instrução e a publicação, o projeto de regeneração da identidade portuguesa emigrada e o desejo de retorno bem-sucedido. Esses pontos

norteiam e definem o grupo. Há, também, em diálogo com tais princípios, a tessitura de um modelo sensível, uma determinada marca que os indivíduos carregam enquanto jovens, autores, românticos, portugueses e desterrados. Essa marca é a saudade. Professá-la é meio de se fazer parte, de ser reconhecido como pertencente. Enfim, ser saudoso é uma forma de se identificar.

Essa identificação é atravessada tanto pela identidade quanto pela literatura portuguesa. No trecho de Montóro, há a referência a um dos principais intertextos presentes nas publicações d'*A Saudade*: os versos iniciais do poema de Almeida Garrett, *Camões*:

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
– Mas dor que tem prazeres – Saudade! (GARRETT, 1858, p. 1).

No poema, Garrett retoma a figura de Luís Vaz de Camões como um alter-ego (BRITO; TEIXEIRA, 2014, p. 72), fazendo uso de uma voz que canta no exílio as aventuras e dores pela distância da pátria (num paralelo com o próprio livro de Camões, *Os Lusíadas*, de 1572). O poema de Garrett se consolidou no cânone literário como marco inicial do romantismo português (a partir de sua primeira publicação em 1825), e seus versos iniciais são fundadores de uma determinada forma de cantar e significar a saudade.

A saudade é enunciada, por Garrett, como propriedade cultural portuguesa e expressão sentimental mista, composta de opostos: *dor* e *prazer*, *amargo* e *doce*. Essa ambiguidade é entendida por Hilário Franco Júnior como parte de seu conteúdo significativo, uma vez que: “enquanto lembrança que preenche imaginariamente a falta, saudade é doce, enquanto desejo que não se realiza no plano externo, concreto, o que acentua a percepção da falta, saudade é amarga” (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 153). Tal como Camões canta o Amor (em seu “Soneto V”) por meio de um jogo de antíteses (*contentamento descontente*, *dor que desatina sem doer*), o paradoxo da saudade, no contexto em que é produzido, a torna Saudade (*dor que tem prazeres*), o mote emblemático dos contrários na poesia romântica.

Em diálogo com as considerações de Eduardo Lourenço (1999), podemos entender que o romantismo português é um marco na produção literária da saudade. Por mais que o termo já tenha aparecido, com sentidos próximos aos utilizados no século

XIX, em escritos renascentistas (como é o caso da obra *Leal Conselheiro*¹⁶ de D. Duarte, considerada um dos discursos fundadores do significado moderno da saudade), é com o movimento romântico que a saudade deixa de ser apenas uma forma de afeição, dentre outras, para ganhar um halo de mistério, um sentido de universalidade, ao mesmo tempo, de particularidade por sua enunciada intraduzibilidade. Nas palavras do autor:

Será preciso esperar até o Romantismo por uma leitura tão perspicaz e tão digna da saudade, do seu mistério ou do seu enigma. O Romantismo fará entrar na História, principalmente na nossa, essa imagem sublime. O Romantismo português não é outra coisa senão a leitura da história de Portugal como avatar da saudade e, inversamente, da saudade como avatar da nossa História. (LOURENÇO, 1999, p. 30).

O eu lírico no romantismo é recorrentemente marcado pelo cantar de lamento, pela nostalgia da infância, da pátria, da mãe ou mulher amada. Em língua portuguesa, essa nostalgia ganha uma camada de identidade cultural pela palavra saudade. Cantar a Saudade é forma de ser parte de um grupo. Esse grupo é um grupo pátrio, uma vez que a Saudade é paralelo da história e da identidade portuguesa na produção romântica. O que *A Saudade* revela nesse jogo é uma delimitação ainda mais específica do espaço saudoso, pois é, justamente, a mocidade, de espírito juvenil, o núcleo utilizando desses modelos para a composição de si e seu grupo.

Três números após a publicação de “Esperança”, é publicado um texto de José Coelho Lousada, “Os trinta annos”, dedicado a Reinaldo Carlos Montóro. A epígrafe traz os versos d’*Os Lusíadas* (X, 9, 1-2): “Vão os annos descendo, e já do estio/ Ha pouco que passar até o outomno” (LOUSADA, 2º anno, 1862, p. 27), e por todo o texto se dá continuidade ao estabelecimento de uma relação entre mocidade e saudade:

Trinta annos! Idade da verdadeira poesia, que não póde existir sem a saudade. E nós temos saudade da infância, da adolescencia e da juventude.

Trinta annos! Idade da verdadeira poesia, que não póde existir sem este aspirar ao impossivel, sem este vago ancian entre a saudade do passado

¹⁶ D. Duarte, rei português entre 1433 e 1438, é autor do *Leal Conselheiro*, livro que apresenta um compilado de textos de cunho moral e sensível. Dentre esses encontra-se o “Cap. XXV. Do nojo, pesar, desprazer, aborrecimento e saudade”, que apresenta uma das primeiras definições literárias da saudade moderna, baseada justamente num misto entre tristeza (ou nojo, como denomina D. Duarte) e prazer. É, também, acentuada a propriedade linguística, cultural e identitária portuguesa em relação ao termo e sua significação. Em suas palavras: “De se haver algumas vezes com prazer, e outras com nojo ou tristeza, isto se faz, segundo me parece, por quanta saudade propriamente he sentido que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa, ou pessoas que muito per afeição ama, ou o espera cedo de ser. E isso medês dos tempo e lugares em que per deleitação muito folgou. Digo afeição e deleitação, por que são sentimentos que ao coração pertencem, donde verdadeiramente nasce a saudade mais que da razão nem do siso” (DUARTE apud MOISÉS, 1976, p. 52). Essa compreensão funciona como referência base para escritos portugueses, especialmente do século XIX, que se inspiram em produções do século XV e XVI para a composição da Saudade.

e o enigma do futuro, cada vez mais próximo, cada vez mais tenebroso. (LOUSADA, J. C. 2º ano, 1862, p. 27).

A saudade é, no texto, apropriada pela juventude portuguesa. Mais do que os demais, a mocidade (representada na imagem dos trinta anos) é aquela capaz de fazer a verdadeira poesia. Ora, além de uma relação entre mocidade e saudade, Lousada estabelece um ideal, um padrão de fazer literário atrelado ao uso poético da saudade. Sua territorialização destaca a nova geração. Assim, além da saudade ser palavra-chave de funcionamento e delimitação de um espaço identitário do português e, em especial, do emigrado na sociedade brasileira, ela é, ainda, apropriada pela mocidade que se faz, pela imprensa literária, representante e agente da identidade coletiva.

O início epigrafado com versos d'*Os Lusíadas* é participativo do movimento, interno ao texto, de edificação de um espaço saudoso para a mocidade. A obra é símbolo da identidade portuguesa compreendida em sua glória máxima, além de ser expoente literário e de constituição da saudade como brasão sensível português. A epígrafe, portanto, é forma de aproximar a juventude portuguesa e seus poetas aos valores e referenciais valorizados e legitimados da literatura portuguesa, como forma de dar visibilidade e engrandecimento a seu fazer.

A mocidade é figurada como aquela que já viveu a infância e a adolescência; nesses períodos, criou grandes expectativas de vida, porém, no presente, encontra as frustrações de seus sonhos. É, portanto, um grupo ainda forte e vigoroso, amadurecido com o fim das ilusões infantis, mas não de todo: ainda guarda delas a força e os ideais para a transformação da sociedade. Repleta de heroicidade, a mocidade, no movimento romântico, desponta, tal como escreve Anatol Rosenfeld e Jacó Guinsburg (2011, p. 266): “Nestas condições, compreende-se a exaltação do mundo infantil e da mocidade. É preciso deixá-los como são, evitar infectá-los com os artifícios e os males da sociedade”. Mais do que demais gerações, a mocidade não corrompida tem, nesse discurso, a potência e a experiência para manifestar as saudades dos tempos das fantasias e fazer dela instrumento para um projeto coletivo de regeneração.

O sofrimento da mocidade com o fim da infância, no caso de um grupo marcado pela experiência da emigração, confunde-se com o próprio afastamento da pátria. A saudade da mocidade está atrelada a um estado lírico de desalento. Não por acaso, esse

termo intitula recorrentes poemas d'*A Saudade*¹⁷. Tal como o poema de A. J. Carvalho Lima, em que o eu lírico, na primeira estrofe, canta:

Vida de crenças, d'illusões chimericas,
 Ai! quão depressa para mim fugiste;
 Fanal incerto que ante mim luziste,
 Tornando em trevas tão dourada luz;
 Foi breve o tempo que sorriu benéfico;
 Punge-me agora bem cruel saudade
 D'essa tão pura quão feliz idade
 Que em seus enlevos só amor traduz. (LIMA, 1º ano, 1861,
 p. 14).

O tempo feliz, da infância e da adolescência, que *sorriu benéfico* é, no presente da narração, findado. O desalento, situação na qual se encontra o eu lírico, é decorrência do choque causado pelo fim das ilusões. A saudade expressa a duplicidade que o ato de lembrar gera: o prazer uma vez vivido, e a dor por tal tempo ter sido encerrado. A lembrança é o caminho provocador dessa saudade paradoxal, de forma que o eu lírico teme fazê-lo: “E, é por isso que lembrar-me temo/ D’essas delicias que na infancia achei” (LIMA, 1º ano, 1861, p. 14).

A mocidade, além de nomear um grupo que se quer diferenciar das gerações mais experiente, encabeçar um projeto de instrução e regeneração da classe, é um perfil poético. Com base nesses escritos, entende-se que não se trata de um perfil qualquer, mas sim aquele capacitado (por já não ser mais infantil, estar inserido no universo do trabalho e da emigração) para expressar, de forma sincera e verdadeira, a saudade. Ainda pela pena de Carvalho Lima, o autor publica n'*A Saudade*:

Hontem foi o sorriso innocente e descuidoso da creança que, esquecida dos folguedos, vai repousar a fronte enrubecida pelo cansaço, no seio da carinhosa mãe; hoje é a saudade d’esses tempos ditosos, é o pensar dolorido d’um coração pungido pelo sofrimento, que viu cair uma a uma todas as folhas d’essa flôr que acariciava em seu seio, que perdeu todas as crenças que o embalavam no berço; e que uma única que ainda lhe restava – o amor – essa mesma acaba de ser despedaçada entre uma lagrima e um sorriso! (LIMA, 1º ano, 1861, p. 37).

Esse trecho faz parte de um texto intitulado “Hontem... e hoje!”. A dicotomia fundada entre os dois tempos é a base para o sentimento saudoso. Prazer e dor, infância e mocidade, fantasia e realidade, folgar e trabalhar, família e desterro, pátria querida e terra estrangeira. O confronto dessas imagens é apresentado e por ele o “eu” enuncia sua

¹⁷ As manifestações poéticas d'*A Saudade*, nas quais se percebe a voz de um eu lírico que sofre saudoso e distante da pátria é tema de estudo no artigo: PEREIRA, Maria Clara Costa. Desalento, desencanto, desencanto e desesperança: o perfil poético do emigrado português em terras brasileiras. *SEMINA. CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS*, v. 42, p. 87-98, 2021.

saudade. Esta só existe, no discurso, pelo presente ser comparado com o passado, e entre eles existir uma ruptura na qual o que é valorizado e querido não se encontrar mais na vida do narrador ou eu lírico.

Portanto, a saudade fabrica um espaço definido pela ausência. De forma que é a falta de espaço que identifica o lugar próprio desses escritores. Assim como Carvalho Lima, demais autores participam da composição de uma sensibilidade saudosa como forma de edificação de seu espaço. V. Santos Pereira, por exemplo, publica no número inaugural do segundo ano o poema “Redenção”, cuja primeira estrofe traz as seguintes indagações: “Perdida adolescencia, onde acordaste/ Dos sonhos de poesia?/ Onde está o teu manto recamado/ De ouro e pedraria?” (PEREIRA, 2º ano, 1862, p. 10). Na quinta estrofe, que encerra a primeira parte do poema, o fim do tempo da adolescência é cantado: “Mas o manto onde está? Despedaçado/ Não prende o coração!/ Perdida adolescencia, aéreos sonhos,/ Vós sois uma lição!” (PEREIRA, 2º ano, 1862, p. 10). O fim da adolescência marca o início da vida adulta, uma vida de saudade. Como canta Diocleciano David Cesar Pinto, em um poema intitulado “Saudades”: “Essas flores tão lindas murcharam/ Aos dous lustros da vida innocente,/ Sobre espinhos agora caminho/ Só saudades me vagam na mente!” (PINTO, v. III, 1856, p. 31).

Os poetas d’*A Saudade* operam conjuntamente na construção de uma voz poética saudosa. Ela demarca um lugar habilitado a manifestação da saudade; sua sensibilidade tanto está atrelada aos símbolos e fazeres que servem de modelo para a produção romântica em língua portuguesa, como, também, significa a experiência do exílio. Assim, por compartilhar uma mesma dor, os iguais se reconhecem e se definem. As saudades, antes de serem expressão transparente de um estado de espírito do jovem escritor, aparece como um *ethos* poéticos para os mesmos. Trata-se de um termo funcionando como peça no jogo que compõem o “ser mocidade portuguesa”. Dentre os nomes representantes desse *modo de ser* está Antonio Xavier Rodrigues Pinto, que, em seu poema “Incertezas”, canta:

Hoje vem a realidade
E com ella a saudade
Esse prysma destruir;
O presente já não tem
Esse risonho desdém
Com que encarei o porvir.

Ai de mim! que n’esta idade
Essa má realidade
Vem calar o coração;
Inda agora principio

E é um caudente estio
Que tenho por estação

A' risonha primavera
Léda infancia succedera,
Essa idade dos amores;
Foi o secco vendaval
Que lhe fez todo esse mal
Que lhe murchou essas flores.

Depois olhei tristemente
Para a flor innocente
Que mui risonho plantei!
Um lampejo d'esperança
Eu vi surgir, e a bonança
Após bem calmo esperei.

Louco fui, fui castigado
E paguei o meu pecado
Com bem duras provações;
Vi-me só, e vi-me errante
E não tive um só instante
As passadas illusões. (PINTO, v. II, 1856, p. 77).

A menção à idade, à dicotomia entre passado e presente, realidade e infância é uma marca forte, que reforça a imagem de uma voz adulta. É instigante, para esta análise, refletir o porquê da insistência em fazer do eu lírico uma voz jovem e saudosa. Não se trata de estabelecer uma relação da idade anunciada com uma idade real e autoral, mas problematizar o porquê da preocupação em evidenciá-la no plano da construção do eu lírico. Por que compor uma voz jovem que canta saudades?

Ora, se o jovem é aquele que carrega a missão romântica de regenerar a classe por meio do estudo e da produção literária, ele o faz, no caso do Grêmio, valendo-se de um código, ou ainda, uma palavra-chave da literatura portuguesa e, assim, inserindo-se em sua história, ou melhor, inserindo o próprio grupo identitário (a nova geração e seu perfil poético). Pela enunciação da saudade que a visibilidade tão desejada, no combate contra estereótipos, é produzida. A saudade é um lugar ao sol, o outro lado do obscurantismo do emigrado português.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto, encerrando o segundo volume d'*A Saudade*, retoma essa temática, dessa vez pela prosa, num texto no qual defende ser as “Páginas íntimas” um livro *de todos*. A inspiração impulsionadora de suas folhas? As saudades. Delas brotam as linhas que, pelo discurso do autor, expressam, de forma natural e sincera, sentimentos íntimos. Esses sentimentos não dizem só da figura do narrador, pois ele emerge como representativo de um grupo, que do passado tem saudades, *porque é jovem*:

A melancolia inspirou algumas [páginas], as saudades da Patria muitas, o despeito o resto dellas.

Para mim que tenho apenas vinte e dous annos, essa melancolia, symbolisada nas expressões, importa um desmentido a esse despeito, e para outros.... o que não direi.

As saudades, como disse, inspiraram-me algumas dessas paginas, e talvez que esta tenha um tanto desse defeito.

As saudades podem produzir esses cantos intimos e apaixonados que revelam uma ventura gosada na Patria, ao lado das nossas mais charas affeições. E' quasi sempre uma volta ao passado, e esse passado é a nossa infancia – a idade das flôres. (...) Ai! as flôres da minha vida murcharam tão cedo, que é impossivel plantar outras de novo! Sorrisos e lagrimas, aquelles compensados com outros, estas enchugadas por mim, eis o que poderei dar de um passado de que tenho saudades, porque sou joven. (PINTO, v. II, 1856, p. 193).

No texto, o narrador se apresenta enquanto autor jovem, de vinte e dois anos, e, principalmente, saudoso. Por meio dessa voz autoral, que quer representar uma obra coletiva, Rodrigues Pinto anuncia sua idade. Esta não é uma informação qualquer, antes, simboliza, tal como no texto “Os trinta annos” (*idade da saudade*), um espaço que não é o da infância (*idade das flores*), da adolescência, mas, também, não é o da velhice. É uma idade de amadurecimento, acompanhado da saudade.

A saudade jovial da pátria não é meramente um lamento de um tempo perdido, mas, principalmente, uma dor que une e projeta. Essa característica insere *A Saudade* dentro de um universo semântico da saudade, incluindo, diversos estudos sobre o termo. Este é atravessado pelo desejo de suprir a ausência que causa dor. Para Eduardo Lourenço, por exemplo, o verdadeiro conteúdo cultural da saudade é uma “estranha melancolia sem tragédia” (LOURENÇO, 1999, p. 31) que “subtrai a nostalgia ao sentimento da pura perda ou ausência, confiando-lhe a missão de transmutar a perda em vitória de sonho” (LOURENÇO, 1999, p. 33). Carolina Michaëlis de Vasconcellos, por sua vez, define a mágoa complexa da saudade como “a lembrança de se haver gozado em tempos passados, que não voltam mais; a pena de não gozar no presente, ou de só gozar na lembrança; e o desejo e a esperança de no futuro tornar ao estado antigo de felicidade” (VASCONCELLOS, 1914, p. 34-35). A relação da saudade com a melancolia e nostalgia, pelo sentido de lamento sobre o passado tempo, é, por outro lado, distanciada, justamente, em decorrência do desejo e da esperança que não paralisam, mas movimentam; promovem uma projeção. Nesse sentido, Hilário Franco Junior entende que: “a trajetória do conceito é da ausência para a ânsia em suprir essa ausência” (FRANCO JUNIOR, 2017, p. 152), ou ainda:

Assim, enquanto melancolia é tristeza tão paralisante que esquece o passado, esvazia o presente, anula o futuro, saudade além de presente

voltado para o passado e passado vivenciado no presente, é também presente dirigido para o futuro graças ao ato de fé que é a esperança. (FRANCO JUNIOR, 2017, p. 153).

Esses sentidos imbuídos ao uso da saudade (de esperança, desejo, missão, projeto e conquista) fazem do lamento saudoso, um lamento potente e de ação. Essas imagens estão atreladas às da juventude, em especial, nas publicações d'*A Saudade*. Segundo Rodrigues Pinto, sorrisos e lágrimas é tudo o que dá de seu passado. A ambiguidade novamente aparece e, com a ela, a justificativa das saudades: *porque sou jovem*. O sentido que tal discurso quer construir é o da mocidade como espaço, entre as gerações, da saudade: não imaturo, nem paralisado. Diferente da criança que vive de ilusões, ou do velho que, de tão distante, já perdeu a capacidade de buscá-las, o jovem representa o sofredor com capacidade de superação: “Por isso, a saudade não é apenas o desejo de retorno ao passado mítico (a nostalgia), é sobretudo uma inquietação que se projecta para lá do tempo. Encarna a dor do tempo, mas para a superar” (BUESCU, 1997, p. 179).

A desilusão dos jovens emigrados é o suficiente para fazer uso da dor na composição de uma sensibilidade que identifica e territorializa um lugar próprio por meio da saudade, porém não os acomoda ou engessa, antes, os instrui e os impulsiona na realização de projetos e conquistas individuais e coletivas; de retorno enriquecido à pátria e regeneração da classe portuguesa.

Um dos poemas mais significativos para esta discussão é “Ao Grêmio Litterario Portuguez”, de José Victorino da Silva Azevedo, publicado em 1862, no segundo ano da segunda série d'*A Saudade*. Esse poema se destaca por sua fala com força voltada para si. O próprio título enfoca o movimento *ao Grêmio*. É sobre ele, para ele e a partir dele que se fala. Nas sétima, oitava e nona estrofe lê-se:

Se os lusos guerreiros nas eras d'outr'ora
Bem longe da patria, co'a espada na mão,
Soberbas conquistas – na terra, nos mares,
Contentes faziam, saudando a nação;

Nós lusos de agora, da patria distantes,
Conquistas fazemos talvez mais proprias
Por ella – saudosos – contentes lidamos,
Suor e não sangue lhes dando em primicias!

Não perde-se o tempo das letras no *Gremio*
Fazendo a *Saudade* da patria florir:
Trabalhos qual este, dão fructos bem doces,
Dão honra, dão gloria, dão fé ao porvir. (AZEVEDO, 2º anno,
1862, p. 61).

Os *lusos guerreiros de outrora*, modelos de heroicidade e vitória, também, tal como os membros do Grêmio, *nós lusos de agora*, afastaram-se da pátria. Os dois versos que iniciam, respectivamente, sétima e oitava estrofes são fundadores de uma relação entre passado e presente comuns por meio da ideia de uma ação de desbravar terra desconhecida. O deslocamento, marca identitária desse vínculo, é o que destaca ambos, os singulariza e os fazem lembrados por feitos com sentidos grandiosos. O referencial de um passado glorioso é chamado no canto como base para uma ação que se quer *talvez mais propícia*. A conquista feita no hoje é a da *saudade*, palavra que identifica o grupo, lhe atribui uma sensibilidade própria e nomeia seu espaço.

Além desses aspectos internos ao poema, uma particularidade salta aos olhos: o número no qual se encontra publicado “Ao Gremio Litterario Portuguez” é o já mencionado número que traz textos e poemas proferidos no sarau literário e artístico organizado pelo Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1862. Esse adendo transforma a percepção em torno da performance do poema. Ela rompe as folhas do jornal e ganha declamador e ouvintes. O que possibilita a experiência do olho no olho e faz efervescer o sentimento de pertença e orgulho dos versos.

O evento vinculado ao poema fortalece um lado fundamental da interpretação poética, que diz de sua sonoridade, sua rítmica. O poema é dividido em onze estrofes, sendo cada estrofe composta por quatro versos de onze sílabas poéticas (versos hendecassilábicos) com acentos 2-5-8-11 e rima entre o segundo e quarto versos. Essa forma carrega um teor de marcha, compondo assim o sentido de fala coletiva, bradada. Sonoridade e imagem estão fundidas nessa composição poética.

A revelação do eu lírico enquanto parte do “nós” no hoje, tributário de um “nós” passado, é acompanhada da referência ao Grêmio, ao jornal *A Saudade* e, inclusive, ao sarau como um “aqui”. A constituição de uma espacialidade própria pulsa dos versos com impacto. Nas segunda, terceira e quarta estrofes, lê-se:

Aqui não ha philtros que o peito envenenem,
Os rios são puros, é puro o cantar!
As *artes* e as *letras* n’um laço sagrado
Só sabem só querem o gênio saudar!...

Aqui não se entoam louvores fingidos
Ao Marte da guerra que os campos devasia,
Nem hymnos se cantam a prol soberba
Que aos tristes captivos em furias arrasta:

Aqui não se louvam prazeres funestos,
O vicio, o orgulho, do fausto o poder;

Nem mesmo se cantam louvores fingidos
 Que as almas corrompem n'um torvo prazer; (AZEVEDO, 2º
 anno, 1862, p. 61).

O “aqui” é anáfora que abre os primeiros versos dessas estrofes. Tal escolha é uma demarcação, principiando e repetindo o espaço do cantar. Tal como *A Saudade*, o sarau funciona como espaço de encontro, de delimitação (e por isso mesmo de poder) no qual os sujeitos que compõem o coletivo se vem, performam uns para os outro num exercício ritual de reconhecimento, acolhimento e reatualização de seus laços fraternais.

O poema institui, portanto, espaço, grupo, passado, presente e missão. Esta se figura pela preocupação de ser útil à pátria, mesmo distante. O meio de o ser? Pela saudade, que em “Ao Gremio Litterario Portuguez” é dupla saudade; é saudade sentimento poético da identidade portuguesa, como é, também, o jornal.

O espaço saudoso é motivo de orgulho, é correto e necessário; sua defesa se dá pela ideia de que pertencer a ele não é *perda de tempo*, mas, antes, forma de promover *honra, glória e fé no porvir*. A saudade, portanto, está atrelada a uma identidade (jovem) e a um fazer (missão). Não é uma saudade lânguida, desprovida de impulso e transformação. A dor que emana do cantar saudoso dos jovens emigrados portugueses é, em paralelo com os recorrentes versos de Garrett, uma dor que *repassa o íntimo peito* e, nesse repassar, o enche de poder.

Cabe ainda refletir como a edificação de um espaço (com uma determinada sensibilidade e missão) se dão pelos jogos sonoros em “Ao Gremio Litterario Portuguez”, em especial, pelo uso das palavras “saudar” e “saudade”, que aparecem em estreita relação. O verbo “saudar” repetido ao longo do poema significa a ação instituída pelo eu lírico. O encerramento se dá pela repetição da conjugação do verbo na primeira pessoa do plural no modo imperativo. Uma fala, portanto, coletiva, exclamativa e enfática.

Saudemos pois juntos o justo motivo
 Que aqui nos reúne, nos faz reviver!
 A gloria, o futuro, as letras, a patria,
 Saudemos! Saudemos – com vivo prazer!... (AZEVEDO, 2º
 anno, 1862, p. 61).

O poema articula a sonoridade comum de “saudade” e “saudar”, mesclando seus sentidos. Daí aliteração /s/ que ressoa de sua leitura. Esses elementos sonoros estão atrelados à relação etimológica das palavras, tal como entende Carolina Michaëlis de Vasconcellos, para quem a saudade moderna é produto da relação entre *saúde, saudação, salvação* e *suidade*. A lexicógrafa portuguesa escreve sobre essa relação nos seguintes termos:

da *saúde*, das *saudações* e das *suidades* à antiga (e talvez de desejos de *saudade*, (*salutate*) enviadas e tornadas) é que a, meu ver, saíram as *saudades* modernas em que há parte de tudo isso: da *saúde* desejada aos ausentes; das *saudações* com eles trocadas; da sensação de *soedade* *soidade* *suidade* provocada pelo afastamento; e do desejo da única *salvação* possível. (VASCONCELLOS, 1914, p. 58).

Portanto, os sentidos de composição do que é saudade, pela literatura portuguesa moderna, estão emaranhados. Ainda assim, há algo perpassando os diferentes usos: todos os termos (*saúde*, *saudações*, *suidade* e *salvação*) comunicam uma expressão (daquele que fala) voltada para o outro. Porém, esse outro não é um estranho, e sim alguém posto numa relação de proximidade. A *saudade* funda um vínculo de amizade entre aqueles que usam do termo uns para com os outros. Não por acaso, ela nomeia a mocidade que se quer unida num cenário de vivência em terra estrangeira.

Assim como o poema “Ao Gremio Litterario Portuguez”, existem demais publicações com sentido de fala coletiva que edifica um espaço para a mocidade por meio do uso da *saudade*. Entre eles está o texto de José Antonio dos Santos Cortiço, “A Saudade”. A coincidência de seu título com o do periódico coloca em paralelo o discurso sobre o sentimento da *saudade*, trabalhado no texto, com o próprio território do jornal. José Antonio dos Santos Cortiço é, no terceiro volume de 1856, o presidente do Grêmio Literário Português. Ainda que, no período da publicação do mencionado texto (segundo volume de 1856), o cargo da presidência do Grêmio seja de Jeronymo Joaquim de Oliveira, o nome de Cortiço se situa entre os principais sócios e redatores do jornal. Ele possui valor de representação, como se sua fala extrapolasse a explanação de uma ideia individual (do “eu”) e ganhasse ecos de uma voz coletiva (do “nós”, da mocidade): a voz da *saudade*.

Saudade!! Acri-doce sentimento gerado no centro d’alma pela recordação dos gosos de outr’ora, e da existencia do charo objecto ausente!

Como me é grato o teu sentir quando expões a meus olhos o painel das sensações que em outra idade experimentei! Como me desenhaste no pensamento com admiravel fidelidade, as scenas graciosas, as imagens seductoras de meus brincos innocentes! Saudade!.... afiado punhal que suavemente te embebes no amago de meu coração e sabes conter-lhe as pulsações, quando embalado ao sopro fagueiro das emoções do presente, parece querer por momentos esquecer-se das verdadeiras impressões do passado! Vem, sentimentos amargo e doce! Eu te quero; eu te idolatro! Ao toque de tua magica varinha, goso ainda amenos dias que tão rapidos passaram; volvo á quadra feliz de minha infancia; colho na arvore da innocencia os fructos doces, saborosos e puros, não tocados pela mão da corrupção! (CORTIÇO, v. II, 1856, p. 83).

O texto “A Saudade” é marcado por uma estrutura que acentua o sentido de fala voltada para fora de si, com potência e força de instituição de um lugar próprio. Instituição que se dá, também, pela relação entre saudação e saudade, na qual o objeto de orgulho e cumprimento (ou seria melhor dizer, para utilizar o termo de Cortiço, *idolatria*) é, justamente, o sentimento denominado pela saudade.

Inicialmente, o “eu” se refere à saudade deixando clara sua pessoalidade a partir de expressões como *me é grato* e *me desenhas*, de pronomes possessivos na primeira pessoa do singular como *meus brincos inocentes*, *meu coração*, *minha infância* e *minha companheira inseparável*. A conjugação verbal também reforça a apresentação desse “eu”: *experimentei*, *Eu te quero*; *eu te idolatro!*, *gozo*, *volvo* e *colho*. Até o início do penúltimo parágrafo do texto, todos os esforços linguísticos se voltam para a manifestação de uma experiência declaradamente individual.

O leitor se identifica com a manifestação sensível do “eu”; com a saudade da casa, da infância, dos tempos bons que se passaram e despertam um misto de felicidade e tristeza. Essas construções são íntimas e envolventes, muito bem articuladas no discurso, a ponto de ser quase imperceptível a mudança da voz, de primeira pessoa do singular para o plural, nos últimos parágrafos:

Saudade!... minha companheira inseparavel, que vens mesmo com teus rigores tornar menos amarga nossa existencia, suavizando nossos pesares quando suportamos a ausencia de objectos que nos são tão charos! Como ainda é suave teu bafejo pensando na quadra não menos risonha, não menos rica de emoções agradaveis, de nossas primeiras afeições amorosas, nessa quadra de existir tão doce, em que por um terno volver de olhos, por um angelico sorriso pairando n’uns labios de carmim, dariamos sem hesitar vida e thesouros, se thesouros houvessem para fazer permuta com essas joias de tão subido valor! Nessa quadra, dizemos, em que o nosso mundo, o nosso existir, a realidade emfim de nossos sonhos fagueiros, andava pendente dos anneis dourados de longa madeixa que a brisa matutina agitando brandamente, fazia brincar por sobre um collo de virgem, digno do cinzel de Phidias!
Bem feliz o ente que tem um coração capaz de nutrir sentimento tão sublime! Desgraçado, bem desgraçado, aquelle que nunca pôde gozar desse sôpro da Divindade! (CORTIÇO, v. II, 1856, p. 83).

A enunciação da saudade parte de uma experiência individual para abarcar uma experiência coletiva ao fim do texto. Neste, o conteúdo e a estética criam uma ponte comunicativa com o leitor, que não se surpreende quando o singular dá lugar ao plural: *nossa existência*, *suavizando nossos pesares*. Assim também aparecem: *nossas primeiras afeições amorosas* e *nosso mundo e o nosso existir*, *nossos sonhos fagueiros*. Verbos conjugados na primeira pessoa do plural (*dariamos* e *dizemos*) compõe esse movimento narrativo.

A sutileza com que o discurso se modifica funciona tal como estratégia de conquista. O leitor se sente envolver e pertencer. Aquele “eu” para a ser o seu “eu”, assim como passa a participar do “nós”. A saudade é sua como é de seus correlacionados, esses *entes felizes* que o são por serem saudosos.

A saudade é assim elemento linguístico, literário e sensível de composição do grupo, daquilo que os faz identificar por um passado comum, uma experiência íntima, porém, compartilhada devido a sua carga emocional saudosa. A referência à saudade não se restringe a seu sentido semântico, também se volta para seu sentido cultural. O diálogo intertextual com Garrett é perceptível por meio da significação da saudade como *agridoce sentimento*, ou como expresso na frase: *Vem, sentimentos amargo e doce!* Há, também, outro nome de grande peso para *A Saudade*, diretamente mencionado no texto: António Feliciano de Castilho. Os versos da última estrofe do poema “A Infância”, do livro *Excavações Poéticas*, epigrafam o texto de Cortiço.

No poema de Castilho, o eu lírico canta um recordar de quando era *pequenino*, de suas relações inocentes, curiosas e devotas com o mundo, expressando sentimentos mistos, de alegria e pesar, de *choro* e *doçura* que, na última estrofe, são significados pela expressão única e arrematadora da palavra saudade: “Tempos de paz e de gosto/ De vós que resta? – a saudade!.../ Esta ao menos, Deos piedoso,/ Me conserve em toda a idade.” (CASTILHO, 1844, p. 38-40).

A citação desses versos abre o texto “A Saudade” com poder evocativo. E não apenas esse texto. Castilho é um nome recorrente entre os referenciais d’*A Saudade*¹⁸, o que situa o jornal, seu fazer literário, político e ideológico, em meio aos embates de seu contexto histórico, marcado pela ebulição de ideias e desejos de diferenciação, movimentos de ruptura e conflitos estéticos. Dez anos após a publicação do referido texto n’*A Saudade*, em Portugal, esses embates ganham visibilidade por meio da Questão Coimbrã, na qual Castilho figura em um dos polos em contraposição à proposta literária da Nova Geração, defensora de um fazer engajado socialmente. Esta, representada por Antero de Quental, defende a liberdade do poeta contra o poder centralizador no campo literário desempenhado por Castilho, acusado de controlar uma “sociedade de elogios mútos”. Esses embates se potencializam com os posicionamentos políticos distintos de

¹⁸ Um dos exemplos da recorrente citação à Castilho como epígrafe de texto se dá no romance *A exilada do Ipiabanha*, publicado na segunda série do jornal e escrito pelo, então, presidente do Grêmio Literário Português, Reinaldo Carlos Montóro. Nele, as referências à Castilho nas epígrafes dos trechos, publicados de forma sequencial, estabelecem o território do fazer literário ao qual o romance quer pertencer, com o qual quer dialogar.

ambas as partes, sendo o grupo de Castilho defensor da monarquia constitucional e da independência de Portugal, enquanto os que estavam com Antero eram, predominantemente, republicanos, alguns socialistas, e pretensos a uma união ibérica.

A Questão Coimbrã, considerada um marco de ruptura do romantismo literário português, foi uma série de críticas travadas entre escritores em meados dos anos 1860, ou seja, no mesmo contexto de publicação d'*A Saudade*. Como mencionado, entre as figuras centrais desse evento está António Feliciano de Castilho, que deu origem ao debate por meio de comentários, no posfácio do livro *Poema da Mocidade*, de Manuel Joaquim Pinheiro Chagas, publicado em 1865, no qual criticava a escrita de alguns autores da “Nova Geração”, dentre eles Antero de Quental e Teófilo Braga. Estes, por sua vez, responderam às críticas, apoiados por demais intelectuais, sendo a carta “Bom Senso e Bom Gosto”, escrita por Quental para Castilho, um marco de ruptura estética.

A ruptura provocada pelo “Bom Senso e Bom Gosto” é apenas o primeiro passo de um processo em movimento que atinge o clímax nas “Conferências do Casino”. Isto significa que inteligir em extensão e qualidade as ideias do “Bom Senso e do Bom Gosto” obriga ao estudo dos vários momentos críticos do legado da Geração de 70. (FERREIRA, 1999, p. 49).

Nas palavras de Rômulo de Jesus Farias Brito:

As críticas tecidas por Antero e Teófilo no âmbito da “Questão Coimbrã”, posteriormente reforçadas pela atuação de outros intelectuais, foram consideradas como a primeira oposição sistemática, aberta e contundente contra uma determinada estética literária que teria se instaurado em Portugal. Mais especificamente, o questionamento centrava-se em uma forma de escrita literária de influência romântica que se seguiu após as obras de nomes como Alexandre Herculano e Almeida Garret, mas que não teria acompanhado a profundidade da obra de seus antecessores. Esta produção teria mistificado os temas centrais de inspiração romântica, tornando seus escritos em repositórios de alusões aos amores desesperados, às melancolias difusas, ao tédio da existência e ao historicismo por fatalidade (HOMEM, 2005, pp.27-28), constituindo o que Teófilo Braga chamou de “ultrarromantismo”. (BRITO, 2015, p. 156-157).

Esse evento coloca em foco a disputa sobre a concepção do que deveria ser considerado uma obra de reconhecimento em língua portuguesa. O que é, também, temática n'*A Saudade*, sendo seus referenciais, como o próprio Castilho, meios de situar suas ideias, autores e modos de se fazer arte, aos quais se sentem tributários.

Seria, nesse sentido, *A Saudade* parte “dos corrilhos do elogio-mutuo”, como denomina Antero de Quental (1865)? O elogio mútuo do “ultrarromantismo” (termo criado por Teófilo Braga para atribuir um sentido pejorativo aos escritores representados por Castilho), também, seria meio de delimitar um espaço, um grupo em contraposição

aos que lhes fazem frente? O instigante, para essas discussões, é problematizar como os temas dos amores desesperados, da melancolia e da fatalidade funcionam como base para a construção de um espaço da mocidade. A voz que emana desse lugar se profere saudosa e assim se destaca perante sua classe, sua identidade nacional, sua sociedade em terra estrangeira e sua pátria distante. Antes de ser um movimento sem referenciais da realidade, o romantismo, pelas páginas d'*A Saudade*, aparece em diálogo com os embates sócio-culturais próprios de seu contexto.

A referência a Castilho, n '*A Saudade*, funciona como instrumento de participação nos movimentos literários do período, como elemento de identificação e diferenciação de seu espaço. Este é composto por uma concepção de arte, de passado e de transformação para o futuro no que tange, também, perspectivas sobre a condição de Portugal em meio ao progresso e aos rumos da história.

Os escritores d'*A Saudade* estavam, também, socialmente vinculados ao clã dos Castilhos. O irmão do poeta António Feliciano, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha vivia no Rio de Janeiro desde 1847, mantendo nesta cidade intensa atividade cultural. Há na Fundação Biblioteca Nacional uma carta de José Feliciano a Antonio Xavier Rodrigues Pinto (FBN/Manuscritos – I - 03, 08, 014), de 3 de maio de 1860, respondendo a um pedido por colaboração para o que seria o segundo volume do *Album do Gremio Litterario Portuguez*. Após informar não haver nada de novo para publicar além de alguns trechos de sua tradução da *Farsália*, de Lucano, a ser editada pela Academia Real das Ciências de Lisboa, sugere: “algum trecho de qualquer das versões da Arte de Amar, ou dos Fastos de Ovidio, que aqui tenho, feitas por meu irmão António Feliciano de Castilho, nosso consocio, que ainda não se achão no dominio publico”. Faltou, contudo, o apoio dos ditos consócios do Grêmio (os Castilhos) em Portugal, divulgando as produções dos portugueses emigrados, para que integrassem plenamente a sociedade do elogio mútuo referida por Antero de Quental.

Nota-se, assim, que o romantismo e seus modelos são meios de construção (truncada) do espaço da mocidade portuguesa emigrada na sociedade brasileira oitocentista. Afinal, seguindo as considerações de Eduardo Marandola Júnior e Priscilla Marchiori Dal Gallo sobre a edificação de lugares próprios pelos emigrantes, estes tomam símbolos e referências de seu lugar de origem como elementos constitutivos de seus novos lugares, como ancoradouros que suavizam as angústias do desterro. A poética da saudade faz parte desta ação construtiva. Nas palavras dos autores: “Recriar seu território é uma forma de dar suporte e manutenção à identidade e à sua forma de existir/ser pela presença

de referenciais identitários. Nesse sentido, territorializar-se serve como um mecanismo protetor da segurança existencial” (MARANDOLA JÚNIOR; DAL GALLO, 2010, p. 416).

Não é por acaso que as imagens do texto de Cortiço criam uma espacialidade pela saudade. O termo ganha corpo e ação no enunciado; é *companheira* cuja essência é a de suavizar as dores. Ela acalma, conforta, abraça pela lembrança. Nela se encontra, justamente, a ideia de segurança existencial, a qual não é permitido sentir a qualquer um. Afinal, defende-se que: felizes aqueles que podem sentir saudade.

O discurso presente no último parágrafo vai na contramão de uma universalidade do sentimento saudoso. Ter saudade é, com base no texto, o mesmo que possuir saudade. Trata-se do estabelecimento de um território e uma posse sobre ele, o seu sentir. O que mostra como a própria sensibilidade é joguete literário, identitário e, principalmente, político.

A saudade, como próprio de um grupo, é instrumento de territorialização, de delimitação de um espaço e de uma diferença entre o “nós” e o “outro”, entre o saudoso e aquele impossível de ser saudoso. Por meio dessa construção o jogo se inverte: se o jovem português é inferiorizado e marginalizado, taxado na terra estrangeira como não-pertencente, ele é capaz de sentir o *sublime sentimento*, como o caracteriza Cortiço, fazendo do outro um *desgraçado*, por jamais poder viver tal experiência sensível.

Na esteira dessas discussões, há uma publicação emblemática e extremamente frutífera: o texto de encerramento da primeira série (1857), assinado por João Dantas de Souza. Alguns de seus trechos já foram apresentados e serviram de base para a reflexão em torno da construção de um espaço próprio do jornal. Uma frase, porém, salta aos olhos quando se enfoca o estudo do uso da saudade pela mocidade. Após apresentar as justificativas que acarretaram o fim do periódico, o autor escreve: “A *Saudade* pois, desta fôrma, acaba de chegar ao fim; e o *Gremio* se acha livre deste peso que o sobrecarregava; ficando ao mesmo tempo irresponsavel por qualquer folha que possa vir a apparecer com o mesmo titulo” (SOUZA, v. III, 1857, p. 188).

A menção ao título é significativa, uma vez que finaliza a obra, partindo do pressuposto da possibilidade de surgir um jornal com o mesmo título. Por quê? Esse título aparece enquanto preciosidade, assim como propriedade estabelecida ao longo da publicação periódica. A palavra saudade significa o universo criado no e pelo jornal. A possibilidade de um “plágio” desse uso da palavra para nomear outro grupo é antecipada e negada, afastando o Grêmio de outros exercícios literários, ou seja, reforçando sua

fronteira, seu fazer e sua sensibilidade em oposição aos demais grupos sociais e suas ações. A palavra saudade pode ser pensada, mesmo que a partir de um curto trecho, como mecanismo político de delimitação do lugar próprio.

Se *A Saudade* quer encerrar em seu corpo material, então findado, uma forma distinta (para não dizer *legítima*) de uso da saudade, não é de se estranhar que após quatro anos o Grêmio retome a publicação a partir do mesmo título. Mesmo que tenham sido muitos os periódicos e associações vinculados à comunidade portuguesa no Rio de Janeiro, apenas *A Saudade* tem uma segunda série com o mesmo nome¹⁹. A segunda série é repleta de construções que buscam diferenciá-la da primeira, defendendo, inclusive, uma superioridade. Ora, por que o Grêmio não promoveu a publicação de um periódico com outro título? Por que continuá-lo? Um dos elementos que aparecem como justificativa dessa escolha, no texto inaugural da segunda série, é a palavra saudade. Essa palavra-sentimento remete a um passado literário glorioso, diz de uma sensibilidade jovem exilada, faz sobressair o emigrado por meio de sua dor, assim como o faz resistir à ameaça que o solo estrangeiro impõe a sua identidade pátria. Essa palavra dá margem para metáforas poéticas, como a da flor:

Não morreu: murchou, e o mesmo sol que a faz pender, reanima-a agora, dá-lhe todo o viço, todo o frescor.

Como essas rachiticas plantas, que a esterilidade do terreno nunca deixará medrar, mas que transportadas para um solo fecundo, ostentam empouco um brilho esplendido, assim a *Saudade*, em mãos d'outros cultores, cultores senão mais habeis ao menos mais assiduos, ha de um dia, ousamos espera-lo, acompanhar passo a passo as mais lindas flores do jardim ameno da litteratura. (A SAUDADE, 1º anno, 1861, p. 1).

Tal como uma planta murcha, brota novamente, florescendo sob o mesmo sol, o mesmo ambiente, que uma vez a fez perecer. Esse ambiente reforça a dificuldade de manter um periódico e a necessidade sempre renovada de criar um espaço para a consolidação do grupo e seu discurso. A metáfora utilizada remete a uma imagem de esperança e constrói, escrita e leitura conjuntamente, um sentimento de recomeço e capacidade de conquista de reconhecimento.

Todo o texto “A Saudade”, que abre a segunda série do jornal, sem assinatura, reforça os sentidos de regeneração da classe, de um perfil pobre e à margem, porém, lutando com a inteligência por um progresso coletivo. A metáfora da flor faz referência à *Scabiosa*, popularmente chamada de saudade. Uma flor que ganha sentidos de humildade,

¹⁹ Cabe ressaltar que, com base nos dados apresentados por Eduardo da Cruz (2015, p. 22), há os jornais *O Portuguez*, publicados no Rio de Janeiro: um de 1861 a 1865, e outro em 1883. Neste, porém, diferentemente d'*A Saudade*, não se encontra referência de ser uma segunda série.

pequenez e singeleza. Adjetivos utilizados para compor a mocidade. Tal como um instrumento de arte, a saudade dá contorno para a imagem do grupo redator. Este, além de ser alvo de preconceitos, ter a missão de guiar, por meio do estudo, a classe portuguesa rumo ao progresso, é aquele que carrega, orgulhoso, a marca da saudade.

Não apenas como símbolo de renascimento da segunda série d'*A Saudade*, a flor-saudade é utilizada no discurso como metáfora para significar o espaço modesto da mocidade e a efemeridade a qual está constantemente ameaçada a literatura periódica. Anunciando o segundo volume da primeira série (1856). Rapozo de Almeida escreve:

A nossa folha continuará a simbolizar a flor rude, tristonha, mas expressiva, a que os botânicos ligaram a idéia da reminiscência de um passado querido. Como os jardins campestres de nossas herdades rurais, assim ella continuará a cultivar as flores locais, as flores genuínas da athmosphera em que nascêra; não pretendemos para o nosso rude jardim nem as magnolias, nem as tulipas, nem as camelias, nem essas flores de uma botânica aristocrática: os tomilhos, as alfazemas, as madressilvas, o alecrim, as violetas e as rosas são flores, que escolheremos para com ellas formar o ramalhete da *Saudade*. (ALMEIDA, v. II, 1856, p. 2).

A metáfora utilizada é mecanismo de caracterização do grupo com base na humildade. A relação criada entre saudade sentimento-flor-jornal compõe o caráter delicado e simples de representação do grupo. Trata-se fundamentalmente da enunciação de um espaço, compreendido como, ainda, incipiente e com grandes projeções para o futuro, a partir do qual jovens portugueses, amantes das artes, podem se instruir e publicar suas ideias, dando visibilidade ao “nós” e conquistando reconhecimento enquanto sujeitos de importância entre as produções literárias no Brasil e em Portugal. Daí a ideia defendida de que *A Saudade* reuniria e impulsionaria nomes: “as premicias de alguns talentos, que um dia podem pertencer á estação viril das flôres e dos fructos, o verão” (ALMEIDA, v. II, 1856, p. 2). Este é um dos principais papéis atribuídos ao jornal e que se enuncia de forma potente nos discursos fundacionais: o jornal como “motor de civilização e moralização de uma grande classe, que um dia terá uma importância e alcance social” (ALMEIDA, v. II, 1856, p. 2). A humildade de um espaço simbolizado pela saudade, faz uso dessa característica como distintiva e forma pela qual se quer superar sua simplicidade. Daí que a atividade literária seja defendida, no texto, como ação *útil*; ela é retomada como motor para um poder revigorante do presente com o compromisso de um futuro glorioso.

Enfim, por meio da saudade, a mocidade produz seu espaço valoroso. Porém, complementarmente, é, também, a saudade forma de produção de um espaço à margem.

Um espaço restrito, vinculado à identidade portuguesa e a um sentir em fuga. A busca pelo futuro ou passado ideal é uma ação existencial não só da sensibilidade saudosa, escrita pelos emigrados no século XIX, como da identidade portuguesa como um todo. Ser português é, em muitos casos, ser saudoso; no sentido de ser parte de um grupo que partilha a manifestação de uma experiência sensível definida pelo estar além ou aquém do que se deseja. É, justamente, sobre a relação entre saudade e identidade portuguesa, traçada nas publicações do jornal do Grêmio, que o próximo subcapítulo propõe uma reflexão.

Todos desejam identificar-se com os pensamentos d'amarga saudade

Assim como existe um interstício no qual o espaço da mocidade e o da saudade se confundem, há, também, nas imagens e discursos fabricados n' *A Saudade*, um lugar de encontro entre o espaço da saudade e o da identidade nacional. O “ser português” é territorializado, não apenas no jornal do Grêmio, por meio de uma identificação com a sensibilidade saudosa. Essa composição insere o periódico no próprio movimento da literatura portuguesa, no qual o português, independentemente da experiência da emigração, é aquele sem lugar. Os termos aquém e além, mencionados no parágrafo que encerra o subcapítulo anterior, são simbólicos dessa pertença à falta de pertencimento. Segundo Isabel Allegro de Magalhães:

A própria literatura portuguesa, apesar de todas as transformações, e até de todas as rupturas, apresenta algumas constantes através dos séculos. Uma delas parece ser uma dimensão espacio-existencial de duas faces: a de uma continuada nostalgia e a de um insistente desejo de outra coisa, faces estas condensadas em dois advérbios de lugar recorrentes na língua portuguesa: aquém e além. Numa face, um constante sentido de permanecer num limiar, na sensação de nunca chegar onde se quer, de nunca atingir o que se deseja, de nunca se chegar lá: a experiência de ficar de fora, ou aquém, do que verdadeiramente se deseja. (MAGALHÃES, 1994, p. 192).

Tal como a mocidade produz para si um pequeno mundo, no qual a saudade é elemento de distinção, o “ser português” é, pela literatura, vivenciado (identitária e sentimentalmente) enquanto “ser parte de um pequeno mundo”, sendo esse pequeno mundo Portugal. O que a mocidade faz é repetir a receita já conhecida e entranhada em seu ser na edificação de seu espaço em uma nova sociedade. Porém, cabe compreender

que a espacialização pelas vias da saudade, presente nas folhas d'*A Saudade*, é parte de um fazer literário produtor da própria nacionalidade portuguesa.

Como pontapé inicial dessas discussões, o texto “Fragmento de uma carta” é interessante. Trata-se uma publicação, no segundo volume da primeira série (1856), assinada pelo irmão de Antonio Xavier Rodrigues Pinto: J. Rodrigues de Xavier Pinto²⁰. Este, em carta escrita do Porto, conversa com o irmão.

Em um primeiro momento, o escritor parte de uma situação de devaneio, de reflexões e considerações de ordem humana em relação ao mundo: “Há momentos na vida do homem, em que o pensamento, abrangendo d’um só relancear d’olhos esse espaço imenso, a que se chama terra, vae fixar-se nos objectos que lhe são charos, e que estão bem longe d’elle” (PINTO, v. II, 1856, p. 11). Trata-se, para utilizar um termo recorrente n’*A Saudade*, de um *cismar*, uma ação fundamentalmente solitária. Como escreve Gaston Bachelard (1993, p. 207): “Parece, então, que é por sua ‘imensidão’ que os dois espaços – o espaço da intimidade e o espaço do mundo – tornam-se consoantes. Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem”.

O sentido de imensidão reflete, portanto, o contato, que se dá na escrita literária, do interior com o exterior, de um aprofundamento do “eu” em si mesmo e a perspectiva de um mundo imenso. O afastamento e a distância em que se encontra o irmão reforçam essa imagem e sentimentos de imensidão. Daí a melancolia como resposta a essa percepção poética de mundo que, como escreve Xavier Pinto (v. II, 1856, p. 11): “nos obriga a esquecer, por um instante, do que somos, e de que existimos”.

A enunciação das dificuldades da vida comercial, que dá sequência à narrativa epistolográfica, funciona como gatilho do devaneio e comunica uma angústia próxima do público leitor; motivo, inclusive, da emigração para o Brasil. Esse ponto inicial é fundamental para pensar o movimento da carta, pois parte de um lugar em que o “eu” está só, para então se perceber acompanhado e pertencente a um grupo. O que marca essa passagem? O jornal.

O jornal é tanto veículo de divulgação da carta, o meio pelo qual o texto chega ao leitor-assinante, como é, também, o objeto para o qual se volta as considerações do

²⁰ Além de “Fragmento de uma carta”, José Rodrigues de Xavier Pinto assina n’*A Saudade* o texto “O Padre Antonio Vieira” (v. II, 1856, p. 34). É da assinatura desse texto que se tira, nesta Tese, a grafia de seu nome tal como apresentada. Porém, cabe ressaltar que seu nome aparece como José Xavier Rodrigues Pinto em uma nota publicada no *Jornal do Commercio* (anno 43, n. 327, 25 nov. 1865, p. 3), em que Antonio Xavier Rodrigues Pinto convoca as pessoas para assistirem à missa encomendada para alma de seu irmão, então, falecido no Porto.

escritor. Xavier Pinto (v. II, 1856, p. 11) afirma: “Foi n’um d’esses momentos, e quando pensava em ti, meu irmão, que me procuráram para entregar-me um maço de papéis que tinhas remetido ao Sr. A. N. de Castro”. Curioso, investiga esses papéis e encontra alguns jornais. Um, porém, chama a atenção por causa de seu título: “*A Saudade*, publicação litteraria e instructiva. Bom, disse eu, o nome indica alguma cousa, vejamos o resto” (PINTO, v. II, 1856, p. 11). Essa passagem é significativa, pois, aqui acontece uma epifania. De um momento de devaneio e melancolia para as notícias do irmão concretas e palpáveis da realidade vivida que vem sob o signo da saudade. Por meio dessa construção inicial já se percebe a ideia, desenvolvida ao longo da carta, de que a saudade é significativa não apenas para o emigrado, mas sim para o português. Ele não é só suscetível ao sentimento, mas tem sua identidade forjada por ele.

A Saudade é “personagem” da história contada ao irmão na carta; possui materialidade e acarreta um movimento de transformação no “eu”. A leitura do jornal vem para potencializar as angústias iniciais, colocando sob elas uma nova camada de significação e sensibilidade, então, saudosa. O irmão percebe que as dores iniciais, prévias à notícia do irmão e à leitura do jornal, não são uma experiência insociável, mas sim compartilhada. Por meio da saudade (ou ainda, *A Saudade*, uma vez ambas estão misturadas no texto), a melancolia solitária do sujeito, frente a um mundo imenso e marcado pela separação, ganha um espaço comum, ou ainda, irmãos que entendem e sentem o mesmo sentimento, justamente, por pertencerem a mesma identidade: portuguesa.

A construção de uma identidade comum é mote dessa publicação. Uma carta, uma escrita, portanto, afetiva e com sentido de verdade revelada, que coloca em comunicação dois irmãos, sujeitos vinculados por um laço fraterno indissociável, separados em um mundo imenso, motivo de melancolia, mas cujas dores dessa condição são enobrecidas e, até mesmo, apaziguadas, por meio da construção da saudade como forma de dizer da sensibilidade, ao mesmo tempo território, próprios dos sujeitos partícipes da irmandade que figura a identidade portuguesa.

As impressões descritas em relação à leitura do jornal também participam dessa construção identitária. A primeira se inscreve sob a expressão *pobre rapaz*, que Xavier Pinto usa para caracterizar o irmão, então, inserido num espaço que inspira compaixão, por seu fazer (literário), sentir (saudoso) e uma condição material (pobre). Essa imagem do escritor d’*A Saudade* está vinculada ao perfil sofredor (existencial e socialmente). O irmão ainda cita exemplos da literatura portuguesa (como Camões, Tasso, Bocage e

Francisco Manuel de Melo) que manifestaram suas dores, porém, tiveram o *lençol triste por mortalha*, ou seja, morreram pobres e sem grande reconhecimento social. O paralelo criado entre os escritores de jornais com nomes canonizados engrandece a missão daqueles. O não reconhecimento no presente se conforta com louros futuros, ainda que venham após a morte, porque, afinal, o projeto literário e político d'*A Saudade* não é o da *regeneração* do “eu”, mas do “nós”, e esse “nós” não tem a existência de uma vida humana, assim como sua importância a extrapola. Sentido esse que introduz a construção da segunda impressão. Esta se fixa de forma forte e definitiva, em contraposição à primeira impressão passageira, e se define pela expressão *nobre empresa*. No lugar do *pobre rapaz* o autor reconhece o irmão como parte de uma *nobre empresa*:

Comquanto não tenha a honra de conhecer nenhum dos mancebos, que illustram a *Saudade* com seus estudos litterarios e instructivos; peço-te que lhe faças sciente de que a sua nobre empreza despertou aqui um sentimento bem doce e agradável. Todos queriam ler, todos desejavam identificar-se com os pensamentos d'amarga saudade que nutris longe da patria; e depois de um momento de reflexão disseram commigo: “Somos todos Portuguezes!... aquelles que foram forçados a deixar a patria, dão-nos um nobre e edificante exemplo d'amor ao paiz, em que nascemos; unamo-nos todos e procuremos minorar-lhes d'aqui as saudades que alimentão por elle. (PINTO, v. II, 1856, p. 12).

Nesse viés, os escritos d'*A Saudade* despertam um desejo de pertencimento, um querer identificar-se, ser parte, reforçando a amplitude e os sentimentos em torno do “ser português”. Por meio do jornal, os que *foram forçados* a emigrar conseguem o reconhecimento, por parte dos que ficaram na pátria, em torno da manutenção, ou melhor, potencialização de sua identidade nacional. O jornal materializa *um nobre e edificante exemplo d'amor ao país em que nascemos*, sendo o texto encerrado com um imperativo de conclamação e união. Com qual intuito? O de minorar as saudades.

Com base na análise dessa publicação, a saudade aparece com duas funções: identifica e une. A palavra é o que chama atenção e faz querer pertencer, mas é, também, sentimento coletivo que a união combate, aquilo que o grupo quer ver desaparecer.

Na carta, a comunicação entre dois irmãos pode ser pensada ainda como uma metáfora. Ambas as figuras, Rodrigues Pinto (interlocutor) e Xavier Pinto (locutor), representam dois grupos separados pela distância do mar, mas unidos fraternamente. A identificação pela saudade evidencia o desejo de ligação entre os portugueses residentes em Portugal e emigrados.

O brado, professado por Xavier Pinto, de *somos todos portugueses*, aparece na segunda série do jornal em forma de verso e cantar um espaço glorioso para o grupo, na

última estrofe do poema, já mencionado, de Faustino Xavier de Novais, “Ao Gremio Litterario Portuguez”:

Pela ambição impellidos
 D’esta gloria perennal,
 Marchemos todos unidos
 N’um abraço fraternal;
 Assim, de mais força armados
 Se virmos um dia, ousados,
 Os da inveja esforços vãos,
 Diremos, uma e mil vezes:
 – Somos todos Portuguezes,
 Seremos todos irmãos. (NOVAIS, 1º anno, 1861, p. 83).

O Grêmio é um espaço fronteado pela identidade portuguesa. Uma identidade que quer rompida as barreiras físicas por meio da *união*, do *abraço fraternal*, enfim, pela irmandade entre os portugueses espalhados pelo globo. Essa imagem é associada à saudade, signo para o qual uma das estrofes do poema é, também, dedicada:

Em todos nós, que raízes
 Funda saudade lançou!...
 – “Gosto amargo de infelizes”
 Como o genio lhe chamou –
 Saudade da patria amada,
 D’essa terra tão cantada,
 Tão rica de inspirações,
 Onde um Camões existira,
 Onde Garrett surgira,
 Para cantar um Camões! (NOVAIS, 1º anno, 1861, p. 82).

A saudade é signo de um sentimento coletivo enunciado como parentesco identitário para além das fronteiras nacionais. O termo é meio pelo qual a pertença à história literária portuguesa é professada e a irmandade entre compatriotas legitimada. Camões e Garrett, que escreveram suas obras instituidoras da relação entre saudade e identidade portuguesa no exílio, emergem como exemplos que trouxeram brio à pátria pelas letras, mesmo afastados dela. Esse afastamento potencializa a pertença original e promove a construção poética da essência do “ser português”.

Para utilizar a imagem de Novais, enraizados no espaço da saudade, cujo fundamento é o desejo de estar em um lugar outro (seja esse lugar a pátria, a infância, a família, a mãe ou mulher amada), os portugueses fazem uso dessa condição de lamento existencial como sutura de sua pertença nacional. A experiência da emigração faz desse enraizamento no espaço da saudade uma enunciação, também, enraizada num contexto histórico específico, que revelam como os sentimentos participam das construções da realidade. Eles não têm seus conteúdos dados e permanentes no tempo e espaço, são,

antes, produtos de diferentes interesses; são nomeados dentro de *condições históricas particulares*. Tal como escreve Hilário Franco Júnior em seu estudo sobre a saudade:

Se todo ser humano é suscetível psicologicamente a todos os sentimentos, a manifestação e a nomeação deles é resultado de condições históricas particulares. Ou seja, as palavras não surgem, mudam ou desaparecem desvinculadas de um quadro social preciso, pelo contrário, elas respondem a necessidades concretas e imaginárias. (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 172).

A palavra saudade não foge à essa condição; ela é utilizada com determinados interesses em diálogo com referenciais culturais e linguísticos que dizem de uma ação artística e política do presente, num processo de edificação de espaços (sensíveis, identitários). Ou seja, a saudade (num sentido metafísico) não é o que o português emigrado e residente no Rio de Janeiro sente individual e independentemente de seu quadro social. Este pode sim experienciar um afeto complexo e misto em relação à passagem do tempo, à distância da pátria e família, à sociedade moderna e/ou brasileira, mas se isso é nomeado como saudade, tal nomeação diz, antes, de um fazer coletivo e histórico, situado em práticas políticas e vinculado a interesses em meio ao jogo social, que instrumentaliza a palavra como meio de resistência. Não se trata de uma revelação do “real”, ou ainda, “verdadeiro” e “imutável” conteúdo significativo da saudade, pois este não é uno e suas multiplicidades não existem isoladas de práticas que as enunciam e as tornam visíveis, sendo por elas também formadas e transformadas. Em diálogo com a teoria e metodologia foucaultiana, afirma Gilles Deleuze (2005, p. 58): “Uma ‘época’ não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem” de forma que “A verdade é inseparável do processo que a estabelece” (DELEUZE, 2005, p. 72). A saudade é, sob essa ótica, um dizer e fazer contínuo e constantemente atualizado, produto e instrumento histórico, formador de significados para a palavra como para o próprio mundo e os sujeitos.

Com isso, entende-se que a saudade, enquanto elemento cultural e discursivo, não traduz um estado de espírito; ela *cria*. Seu conteúdo não está dado, assim como a relação dos sujeitos com esse termo. A literatura do jornal fabrica, por meio do uso da saudade, sentidos e vínculos como forma de apaziguar as dores existenciais, da experiência específica da emigração, da marginalização social, e de criar sentimentos de pertença, união e orgulho. Como atenta Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p. 156, grifo do autor): “A saudade não basta ser sentida para existir, ela deve ser, antes de tudo, conceituada como tal, deve ser nomeada, chamada de saudade e materializada em gestos, ações, reações, *performances*”. Ou seja, a saudade é constructo histórico. Sua enunciação

no jornal literário do Grêmio é uma saudade específica, cujos sentidos e funcionamentos estão engendrados no contexto político e social da emigração portuguesa e da sociedade carioca na segunda metade do século XIX.

Por mais que, n'*A Saudade*, usos da saudade, vinculados a sua prática, os singularizem, eles, também, relacionam-se com significações precedentes e procedentes a suas produções. Figuras do classicismo e romantismo português são referências explícitas, porém, um olhar contemporâneo sobre o jornal, também, permite estabelecer uma relação com o movimento saudosista do início do século XX. Assim como os portugueses residentes no Brasil da segunda metade do século XIX, os saudosistas (que participaram do movimento da Renascença Portuguesa, sendo Teixeira Pascoaes um dos principais representantes) utilizavam a saudade enquanto insígnia de um projeto nacionalista, identitário e literário, tendo como principal meio de ação um, também, periódico intitulado *A Águia*, publicado entre 1910 e 1932 no Porto. No início da segunda série do jornal (1912), Teixeira de Pascoaes estabelece definições poéticas da saudade com sentidos próximos aos presentes n'*A Saudade*, como: expressão mista de antíteses, signo da alma portuguesa, referencial de um passado comum e instrumento para o progresso futuro:

Não me cansarei de afirmar que a *Saudade* é, em sua última e profunda análise, o amor carnal espiritualizado pela Dôr ou o amor espiritual materializado pelo Desejo; é o casamento do Beijo com a Lagrima; é Venus e a Virgem Maria n'uma só Mulher. E' a síntese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as forças cósmicas se cruzam; o centro do Universo: a alma da Naturêsa dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da Naturêsa. A Saudade é a personalidade eterna da nossa Raça; a fisionomia característica, o corpo original com que ela há de aparecer entre os outros Povos. A Saudade é a eterna Renascença, não realizada pelo artifício das Artes, como aconteceu na Italia, mas vivida, dia a dia, hora a hora, pelo instinto emotivo d'um Povo. A Saudade É a manhã de de nevoeiro; A Primavera perpetua 'a lêda e triste madrugada' do soneto de Camões. E' um estado de alma latente que amanhã será Consciência e Civilização Lusitana... (PASCOEAS, *A Águia*, 2ª série, v. 1, n. 1, 1912, p. 33, grifos do autor).

Raça, povo, renascença, consciência e civilização lusitana. Até mesmo *Camões* é termo que opera de acordo com uma tradição reforçando sentidos de pertença e identidade compartilhados. As definições escritas por Pascoaes em 1912 podem ser articuladas com construções da saudade do século XIX, em que o jornal *A Saudade* emerge como participante significativo.

Portanto, partindo de um olhar especulativo para *A Saudade*, que é uma obra localizada historicamente, o seu fazer literário e sensível participa de uma ordem

discursiva que tem no uso da palavra saudade a delimitação de seu espaço do saber. Assim, é possível pensar o jornal em diálogo com demais obras posteriores participantes tanto do saudosismo, quanto da filosofia da saudade (em que Afonso Botelho e Antonio Braz Teixeira aparecem como nomes expoentes), uma vez que estas são produções que compõem uma tradição vinculada pelo termo.

Por mais que essas composições literárias possuam particularidades próprias de seus contextos de produção, as semelhanças (entre sentidos d'*A Saudade* e d'*A Águia*, por exemplo) saltam aos olhos e permitem atribuir papel significativo aos portugueses emigrados na construção de uma sensibilidade e um projeto político para Portugal, que funcionam como base referencial para o movimento saudosista do início do século XX. Não se trata de traçar uma linha cronológica do pensamento saudoso, mas compreender que cada espaço é tributário daqueles que o precederam. De forma que, mesmo em terra estrangeira e participando de associações e publicações com alcances restritos, as imagens e discursos d'*A Saudade* estão inseridas no amplo movimento de edificações de espaços artísticos e identitários que operam pelo signo da saudade.

O jornal permite pensar como a palavra saudade, poética e filosoficamente, está atrelada a uma comunidade nacional. Aqueles que primeiro utilizaram o termo, os que buscaram significá-lo, inflexioná-lo, poetizá-lo e, inclusive, racionalizá-lo estão operando dentro de uma mesma ordem, são tributários de uma tradição na qual o uso da saudade está associado à produção do “ser português”. Investigando os elementos históricos que compõem essa particularidade linguística e sensível, Hilário Franco Júnior escreve:

Se do ponto de vista medieval todo homem é peregrino neste mundo, é exilado, os portugueses talvez sentissem tal condição mais do que outros por duas razões históricas, uma já antiga nos séculos XIV-XV, outra recente. A primeira delas é a formação do povo português como resultado da miscigenação de população que, por diferentes vicissitudes históricas, se encontraram no extremo ocidental da Europa – iberos, celtas, romanos, suevos, visigodos, judeus, berberes, castelhanos, franceses e negros. (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 176).

Produto do encontro de diferentes identidades alheias a suas espacialidades de origem, a sensibilidade portuguesa se forma com base na nostalgia de uma terra mítica natal, futuramente figurada pelo próprio Portugal: “O segundo fator histórico na formação do sentimento de saudade foram as longas viagens marítimas que os portugueses se viram obrigados a empreender face à escassez de recursos naturais da sua terra” (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 177). A viagem não se restringe, portanto, a uma experiência do século XIX, mas atravessa a história nacional desde o século XV.

Dito isso, a relação da saudade com a formação da identidade nacional aparece como um eixo que perpassa as produções literárias portuguesas, porém ganha especificidades em cada caso. N' *A Saudade*, essa especificidade é marcada por um exercício de manter as relações fraternas entre conterrâneos; não só entre aqueles que emigraram (com potência associativista e de criação de uma *portugalidade oficial* para se reconhecer os iguais), como entre os emigrados e aqueles residentes na pátria.

Na segunda série d' *A Saudade*, é publicada uma carta dirigida à Sociedade Portuguesa Dezesseis de Setembro²¹, por um novo jornal do Porto, que enuncia um vínculo de fraternidade entre portugueses. Tal vínculo se sustenta na *prova do amor* que os emigrados dão à pátria:

Onde mais incendiado, mais puro, e mais á luz do ceu da patria temos visto aquelle ouro é nos corações dos nossos irmãos d'além mar, dos filhos saudosos desta terra que meninos d'aqui levaram doces e puras impressões da patria e familia, puramente as hão mantido em regiões remotas, longe e ignorantes das discordias e paixões politicas que as degeneram e lhes deprecia o quilate. A cada hora está Portugal recebendo provas do amor de seus filhos; a cada hora de lá vem o impulso ás letras, o derramamento á instrucção, a semente a mãos cheias do pão do espirito, o ouro abençoado que na sasão propria há de fructear em fructos como elle abençoados e como elle fecundos de proveitos reaes e duradouros. (PRIMEIRO, 1º anno, 1861, p. 138-139).

Os portugueses no Brasil são, pela carta, nomeados irmãos. Eles aparecem em destaque dentro de um desejado vínculo de afeto patriótico, por não estarem entregues às discórdias políticas que colocariam compatriotas em lados opostos; apenas cantam e narram suas lembranças e saudades. Estas, por sua vez, aparecem como expressões de amor, prova da pertença. O reconhecimento da manifestação dessas saudades cria um elo de reciprocidade entre portugueses residentes em Portugal e emigrados. Daí que a saudade seja compreendida como forma de permanecer dentro do espaço nacional. Ainda que não fisicamente, essa permanência se dá pela literatura enunciando constantemente as saudades dos emigrados.

A Sociedade Portuguesa Dezesseis de Setembro, além de alvo da voz irmã, volta-se para ela, representando a comunidade portuguesa emigrada, e compartilhando a dor de luto nacional em uma mensagem, publicada n' *A Saudade*, de pêsames pela morte do Rei D. Pedro V. de Portugal:

²¹ O nome completo da associação é: Sociedade Portuguesa Dezesseis de Setembro Patriótica, Humanitária e Beneficente. Ela se encontrava na cidade do Rio de Janeiro e estava atrelada a demais associações com o intuito de assistência aos conterrâneos. Há, também, no mesmo período, a Sociedade Portuguesa de Beneficência Dezesseis de Setembro (que em 1863 ganha o estatuto de “Real”) fundada em Salvador no ano de 1857. A data que intitula ambas associações diz da coroação do rei D. Pedro V.

A voz afflicta de uma Real Familia, immersa na dôr mais pungente, e o clamor sentido e doloroso de um povo, de uma nação inteira, na orphandade e na desolação mais inconsoláveis; transpondo a immensidade do espaço, vieram achar um echo profundo, mil vezes repercutido nos corações dos portuguezes, que longe, bem longe de patria, conservam todavia puros e ardentes o amor, o respeito e a dedicação ao seu Rei, e viva e perenne a saudade pelo solo amado que os viu nascer. (MENSAGEM, 1º anno, 1861, p. 175).

A imagem fabricada em cima da composição de uma dor que é ecoada, sustenta a separação física desses *irmãos*, unidos, porém, pelo luto. O uso da saudade, por aqueles afastados, vem com o impulso de uma obrigatoriedade. Ora, se se quer pertencer à identidade mesmo que afastado da pátria, é necessária a expressão sentimental. Essa expressão, tal como escreve Marcel Mauss, não diz de um estado de espírito individual, é uma ação estrutural e social, fundamentada em normas que compõem um ritual (em especial, o fúnebre) no qual membros de uma mesma comunidade se reconhecem como tal: “É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica” (MAUSS, 1979, p. 150).

Cabe ressaltar como as publicações apresentadas revelam não apenas a saudade-sentimento (prova social do amor e da pertença) como impulso para o vínculo com a terra de origem. A saudade-mito (ou ainda, a Saudade), signo de referência de um modo de fazer literatura propriamente português também insere o espaço do grupo como parte da identidade nacional. Esse movimento é tão marcante no jornal que pode ser percebido logo no parágrafo inaugural:

O nosso primeiro poeta, Bernardim Ribeiro, a quem Camões chamava o seu Enio, escreveu um livro de suas saudades; Garret, o grande poeta da epocha, sobre quem a lousa do sepulcro acaba de cahir aos acordes gemedores das harpas de todos os bardos das duas nações, invocou a Saudade, o *delicioso pungir de acerbo espinho que lhe repassava o intimo do peito*; invocou-a para emprehender aquelle mavioso e encantado poema Camões, que rivaliza com o Jacelin de Lamartine, com os poemas orientaes de Biron, e que é o maior padrão de nossa litteratura moderna; é que estes dous grandes homens, o primeiro, que fundou a nossa poesia, o segundo que acabou de a aperfeiçoar, conhecerão quanto é doce esta melodiosa palavra a – *Saudade*, a mais suave de toda a nossa lingua, a que melhor exprime um sentir, ao mesmo tempo doce e amargo, que constante agita o peito do homem. (PROLOGO, v. I, 1855, p. 1, grifos do autor).

Assim são abertas, pela primeira vez, as páginas d’*A Saudade*. É significativo o fato de a palavra-título do jornal ser aquilo sobre o que primeiro se trata. Não se inicia anunciando quem são aqueles que compõem o Grêmio Literário Português, ou qual seu objetivo, mas sim, dizendo de onde vem. É, portanto, o espaço da saudade do qual

despontam, ou seja, um espaço literário e português, no qual nomes, como os de Bernardim Ribeiro (com seu livro *Saudades: História de Menina e Moça*) e Almeida Garrett (com *Camões*), são citados na composição de um quadro. Sobre este, *A Saudade* aparece como tributária e continuadora. Os escritores mencionados atribuíram significados modernos à palavra saudade que foram lembrados e retomados. A titulação do jornal se ampara nesses autores e obras como forma de acessar uma história compartilhada pelo grupo nacional, e, assim, fazer parte dele, ainda que geograficamente distante, de forma distinta e importante. Como escreve Stuart Hall:

as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (Schwarz, 1986, p. 106). (HALL, 2006, p. 48).

Nesse viés, a saudade pode ser compreendida como parte de um *sistema de representação cultural* no qual uma “portugalidade” é continuamente construída. A literatura, as histórias contadas, cantadas e narradas, oficiais ou lendárias, em periódicos ou livros são instrumentos de formação dessa identificação. Nos discursos vinculados à saudade, existe um desejo de provar ser português. É importante lembrar que a experiência da emigração impõe ameaças à pertença original. A forma de resistir, tal como o jornal nos permite pensar, é pela saudade. Saudade que é espaço do grupo enquanto misto de jornal (regenerador da classe portuguesa), sentimento (que mantém o vínculo com a pátria) e signo literário (a partir do qual se participa de um fazer próprio da identidade portuguesa).

A territorialização da identidade, operada no discurso d’*A Saudade*, também, dá-se pelas vias do confronto a uma supremacia literária francesa e inglesa. Afinal, Bernardim Ribeiro e Almeida Garrett são postos em pé de igualdade com figuras aclamadas pela literatura moderna, como são Lamartine e Byron. Esse comparativo reforça o teor nacionalista do texto, que, seguindo as reflexões de Nuno Miguel de Brito e Souza Teixeira, caracterizam o romantismo português:

A característica nuclearmente distintiva do Romantismo Literário Português é a valorização da Nacionalidade, atitude que, embora sendo geral em todo o percurso romântico internacional, no caso português se

expressou com maior incidência, sendo dotado de uma especificidade própria e um contexto específico no qual os fenômenos de exílio e a instabilidade política constituíram um elemento chave. (BRITO; TEIXEIRA, 2014, p. 67).

Com isso, Brito e Texeira compreendem, como forma de distinção da produção romântica portuguesa, elementos próprios de seu contexto histórico, marcado pela instabilidade política e econômica que promove ondas de emigração e manifestações de uma ânsia coletiva por um passado glorioso. A saudade é palavra símbolo, tanto em relação à distância forçada da pátria, como, especialmente, da experiência compartilhada entre os portugueses de nostalgia de um tempo e espaço não mais presentes. Essa nostalgia, porém, não paralisa as forças que buscam suprir tal falta. A particularidade da saudade está no movimento, que lhe é intrínseco, rumo ao seu desejo.

Cantar e narrar as saudades da pátria, da infância e da amada é ação literária romântica, imbuída de um projeto político. Daí que romantismo e nacionalismo estejam atrelados. Uma vez que a voz literária parta de um sujeito declaradamente português, a saudade exerce uma função de territorialização do discurso. O uso do termo singulariza seu sentir e seu fazer, fazendo dele manifestação própria do português. Intraduzível, a saudade passa a ser propriedade sensível dessa identidade cultural.

De acordo com as referências mencionadas por Rozeaux, tanto o Grêmio e seu jornal *A Saudade*, como o Retiro Literário Português e seu jornal *A messe* (1860), são associações que constroem uma identidade para o português emigrado por meio de uma relação com a “nova literatura”. O destaque d’*A Saudade* em meio a esses espaços é o especial uso político e sensível da mitologia da saudade, para utilizar a expressão de Eduardo Lourenço (1999), participando e reconstruindo seu discurso, num contexto de emigração.

Tal como o “Prologo” faz uso da saudade inserindo o jornal em meio à produção literária (que é portuguesa porque é saudosa), o texto “A Saudade”, abrindo o segundo volume do jornal, também usa o termo como edificação de seu espaço sensível-identitário.

A’s vezes uma só palavra exprime uma grande idéa; mas há idéas que nem todas as palavras poderiam cabalmente exprimir-as na sua mais lata significação.

(...) assim a saudade exprime todos esses queridos affectos da alma que revoa para o passado, e n’elle contempla essas recordações da mocidade, da idade das illusões, das aspirações vagas, do scismar no futuro, dos sonhos dourados de ambições generosas, d’esse ver e crer d’outros tempos, que não poderemos mais tocar, por que em relação ao

passado somos como Tântalo da fabula: desejamos os pomos que vemos, mas não podemos alcançá-los. (ALMEIDA, v. II, 1856, p. 1).

A beleza descritiva se vincula a uma impotência em relação àquilo que já se foi e habita apenas a memória. A referência à Tântalo é metáfora para significar a própria condição sensível do sujeito saudoso, em especial, a relação do emigrado com a felicidade e com o passado (ambos em estreito vínculo). Essa personagem mitológica grega está presa em um castigo eterno no Hades, onde, imersa até o queixo num lago e com os galhos de uma árvore repletos de frutos sobre sua cabeça, sofria de sede e fome, sem poder se saciar, pois, ao tentar beber, a água era absorvida pelo solo, e ao tentar alcançar os frutos, o vento os arrebatava para o alto (HOMERO, canto XI, verso 582, 2001, p. 206). Essa imagem é potente e faz referência a uma tradição literária e a um imaginário cultural. Todo o texto é composto por uma descrição poética e íntima que busca acessar experiências sensíveis comuns. Apesar de serem comuns (no sentido de poder ser vivenciada por todo e qualquer indivíduo), a saudade é aqui territorializada pelo português.

É de grande relevância um texto introdutório, marco inicial e apresentador de uma nova era do jornal, que se volta, especialmente, para definições em torno da saudade, como faz Rapozo de Almeida nos parágrafos da primeira parte do texto “A Saudade”. Na sequência, o autor descreve a saudade a partir de recordações de espaços do passado, a começar pelas *entranhas da mãe*, o *berço*, o *colo do pai*, a *relva florida dos campos da herdade paterna*, a *igreja da paróquia* e por fim:

A saudade são os prados, e os campos, o sol e a lua, as arvores que se agitam, as agoas que se deslizão, e as aves que fendem os ares, é toda essa athmosphera, toda essa paisagem, todo esse magico e vaporoso quadro, que, cá de tão longe, temos estampado no coração e na lembrança com os seus traços salientes, com o seu colorido fiel, com todos esses toques de vivas tintas, que o tempo não pôde desbotar. (ALMEIDA, v. II, 1856, p. 1).

O passado; eis o alvo da saudade. Esse passado é espacializado. Assim, as imagens e paisagens que pulsam do texto conseguem acessar experiências individuais na construção da memória e, conseqüentemente, de um sentimento de saudade, fundamentalmente coletivo.

Quem sente saudade não esquece; lembra e projeta a retomada daquilo que é ausente. Quem sente saudade paga tributo ao que se foi. Saudade e memória são conceitos cujos usos andam de mãos dadas, afinal a memória é seletiva. O que perdura na lembrança é o que o coração anseia. Por isso, o que é retomado pela memória, seja numa ação individual ou coletiva (como é o caso do jornal), diz das relações afetivas do presente.

Nas palavras de Maurice Halbwachs (1990, p. 32): “Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam”. A retomada saudosa não encerra o passado em si mesmo. Esse passado é instrumento literário na edificação de espaços presentes e, inclusive, futuros.

Essas questões podem ser, ainda, potencializadas a partir da reflexão do texto introdutório de um conjunto publicado n’*A Saudade*, destinado a glorificar uma figura da Antiguidade ocidental: São Damaso Papa, o 37º Papa da Igreja Católica, nascido na província da Lusitânia Romana, futuramente território de Portugal, sendo parte do povo lusitano que, na modernidade, integra o processo literário e histórico de constituição da identidade nacional portuguesa.

Quando estamos longe da Patria e dessas doces e inebriantes afeições, que nos rodeão na infância, é um tributo que pagamos registrando em qualquer *jornal* as saudades pungentes que sentimos pelo torrão natal, os desejos que alimentamos por seus progressos, e a satisfação íntima e consoladora que nos move a avivar passadas reminiscências. E’ certamente tudo isto que nos animou a emprender uma breve resenha da vida e acções do primeiro e ultimo Pontífice Portuguez, que o mundo admirou, e a Igreja recebeu como um dos seus mais fortes sustentáculos! (PINTO, v. I, 1855, p. 37-38).

A saudade aqui é exercício de memória e ação de honraria que foratelece o vínculo com a pátria e a identidade nacional. Elementos do passado são selecionados como alvos da saudade. Quem são esses alvos define, no presente, quem são, também, os sujeitos da ação de lembrar e pagar tributo. Daí que a instrução tradicional seja compreendida como um processo sensível acompanhado do *orgulho de pertencer*, tal como é descrito no texto. Ter saudade é, também, ter respeito, sentir-se continuador de uma herança cultural que faz dos portugueses irmãos.

O texto de Rodrigues Pinto edifica uma identidade e uma missão para os sujeitos representados pel’*A Saudade*: são emigrados (*longe da Pátria*) imbuídos de um dever de memória. A saudade-sentimento ameniza o peso de tal missão, fazendo dela um deleite (para quem escreve e para quem lê). Antes de ser pensada enquanto uma manifestação transparente do íntimo dos escritores, a saudade aparece como norma e instrumento ficcional (político e artístico, simultaneamente) pelo qual os emigrados criam um espaço e participam de seu coletivo. Ou seja, fazem-se portugueses.

Retomando as reflexões de Isabel Allegro de Magalhães, que iniciam este subcapítulo, a defesa de uma essência portuguesa marcada pela falta de espaço se fundamenta, justamente, na ideia de que se está em um lugar em oposição a um outro lugar de referência, ou seja: “Quer isto dizer que o aquém só pode existir por referência

a um além, seja ele qual for” (MAGALHÃES, 1994, p. 193). E qual é, portanto, esse outro lugar de referência? O passado. Tal como escreve Eduardo Lourenço (1988, p. 10): “Portugal não espera o Messias, o Messias é o seu próprio *passado*, convertido na mais consistente e obsessiva referência do seu presente, podendo substituir-se-lhe nos momentos de maior dúvida sobre si ou constituindo até o horizonte mítico do seu futuro”.

O passado, nas páginas d’*A Saudade*, é espacializado no discurso enquanto pátria. Continuando e aprofundando as discussões sobre as saudades de um espaço fundamentalmente além de onde se está, o próximo subcapítulo aborda os sentimentos e imagens fabricadas da condição do exílio.

A saudade como manifestação do estar onde não se está

A maioria das enunciações da saudade, nas páginas d’*A Saudade*, emana de uma voz fundamentalmente exilada. É o deslocamento, de um espaço de origem para um espaço de destino, que faz do perfil emigrado um saudoso. Este vive do lembrar, cantar e narrar aquilo que lhe falta no presente. Portanto, as saudades da mãe, da família, de um amor infantil, de um tempo da infância e adolescência, e, até mesmo, de paisagens, fauna e flora portuguesas, são sintetizadas em saudades da pátria. Este é o espaço idealizado em foco, principal alvo do lamento lírico e narrativo do jornal.

Este subcapítulo toma como eixo condutor os escritos que lembram, literária e romanticamente, a pátria. Nesse processo, é emanada uma voz que se encontra no exílio. As imagens dessas publicações são marcadas por tempos e experiências preciosas, por uma natureza bela e pessoas amadas que inspiram saudades. Tal como José Pinto dos Santos inicia e finaliza o poema “Saudades de Portugal”:

Patria minha tão querida,
Saudades tenho de ti,
De meus paes, de meus irmãos
E do lar em que nasci;

(...)

D’esse todo magestoso
Que tens oh Patria querida!
A ti consagra saudozo
Pensamentos, alma e vida. (SANTOS, v. III, 1856, p. 101).

Anterior à primeira estrofe, há uma dedicatória: “Um signal d’amizade ao meu amigo Antonio Joaquim Daniel do Prado” (SANTOS, v. III, 1856, p. 101). São muitos os

poemas que cantam saudosos as paisagem e personagens de um passado idealizado na pátria, evidenciando como a expressão sentimental do eu lírico funciona construindo uma sensibilidade compartilhada. As dedicatórias reforçam os laços identitários e as redes de sociabilidade e amizade entre os indivíduos que se fazem e se sentem pertencer ao mesmo espaço, justamente, por manifestarem sentir o mesmo sentimento: a saudade.

O poema de Santos é composto de seis quartetos de rimas cruzadas, o que torna sua leitura e recitação leve e envolvente, comunicando com os sentidos construídos pelas imagens de seus versos. Essas imagens apontam para o processo criativo da paisagem da pátria. Após enunciar a saudade do tempo passado na presença da família e do lar, o eu lírico compõem um quadro de natureza encantadora: *bosque, arrebol, prado, céu, rio, campo, jardim, pomar e regato*. É o *todo majestoso* que ganha tons afetivos e belos na fala do eu lírico, cantando como quem lembra.

O ato de lembrar se entrelaça à própria presentificação efetuada pelo poema. Os espaços são apontados ao passo que são construídos. Onze versos são iniciados pela anáfora “desse(s)/dessa(s)”, elemento sonoro que participa da descrição de algo empírico, existente e verdadeiro, tornado presente por meio do exercício de memória intrínseco à leitura do poema. Como se eu lírico acessasse e puxasse da mente uma figura, o leitor sente presenciar a apresentação de paisagens.

Nesse sentido, ter saudades de Portugal, estando dele afastado, torna mágica sua paisagem. Afinal, o belo se alimenta do desejo que, por sua vez, alimenta-se da impossibilidade. Assim, o passado (distante, perdido e sacralizado) é valorizado em contraposição ao presente (acessível e mundano). António José Saraiva, após fazer uma breve retomada histórica dos usos da saudade na produção literária portuguesa, enfoca seu significado misto (doce-amargo), chamando atenção para a ideia de que: “A saudade está ligada ao apego que se criou aos sítios, aos tempos e às pessoas que ficaram distantes. E é muito característica do amor à portuguesa, que parece comprazer-se na distanciação” (SARAIVA, 1984-1985, p. 88). Portanto, mais do que um doce (pela lembrança de algo bom) e amargo (pela dor do afastamento do objeto querido), a antítese da saudade ganha um teor de espacialidade por encontrar prazer na dor de ter o objeto amado fronteado e/ou inacessível.

O amor à portuguesa é saudoso no sentido em que é romântico, trágico e se alimenta de sua impossibilidade de realização. O alvo desse amor é a musa. A musa, por vezes, é mulher: virginal, morta, ingrata e/ou indiferente. Por vezes, a musa é a própria

pátria. A descrição de suas paisagens encantadas carrega a dor de um amor marcado pelo afastamento, um amor exilado. Ainda nas palavras de António José Saraiva:

Uma característica comum a várias das feições estudadas é aquilo a que poderíamos chamar o *estar onde não se está*, isto é, viver num sítio e num tempo com o corpo, e noutro com a imaginação. Notámos que a saudade consiste em viver simultaneamente em dois tempos e lugares. (SARAIVA, 1984-1985, p. 109).

Assim, as falas d'*A Saudade*, amparadas em um estilo romântico, evidenciam um lugar no qual se encontra o corpo (estrangeiro) e o tempo presente (vivido, trabalhado, calculado e cronológico), mas, também, o outro lugar (pátria), em que se está com a imaginação e o aspirar, pelas vias do passado e do futuro. O entre-lugar, ou ainda, o interstício que faz tocar esses espaços e tempos, é, justamente, a saudade, que, segundo o *Dicionário do Romantismo Literário Português*, é marcada pelo tempo do exílio:

Para sintetizar, diríamos que este movimento cultural, no essencial, surge da consciência, ora agónica ora optimista, do intervalo inevitável entre um mundo que morre (o *já-não*) e um mundo que está para nascer (o *ainda-não*). O presente será, por excelência, o tempo do exílio, um fator propiciador de uma consciência infeliz, quer pelo nostálgico apelo a um mítico passado de valores e afectos quer pela saudade da Pátria futura. (BUESCU, 1997, p. 173-174).

Viver o intervalo é viver à espera do que virá, assim como da lembrança do que se foi. Há uma negação do presente, marcado por um sentido de transitoriedade. Afinal, o exílio é vivido e enunciado literariamente enquanto condição não-permanente. Futuro e passado se confundem nas construções do que é a pátria. Esta emerge como alvo do cantar e narrar fugidío do presente em terra estrangeira. Tal como pode ser percebido, por exemplo, no poema, publicado no primeiro volume da primeira série d'*A Saudade*, também, de um amigo (Diocleciano David Cesar Pinto) para o outro (João Dantas de Souza). Ambos os portugueses são emigrados, poetas e saudosos. A dedicatória exerce a função de instituição de um discurso e sentimento compartilhados. O espaço cantado se torna referência para o fortalecimento dos laços, da pertença a um modo de fazer artístico e da identidade nacional. Intitulado “As margens do meu Douro”, nas duas primeiras estrofes lê-se:

Vou tanger as frageis cordas
De meu plectro peregrino,
Saudar as margens tão ternas
De meu Douro chrystalino,
Erguer-lhes saudoso canto,
Vou envolto em triste pranto
Proscripto dellas á tanto
Tempo, pelo agraz destino

Vou recordar os lugares,
 As plagas onde nasci;
 Esses retiros tão caros
 Mui felizes para mim;
 Essas margens tão formosas,
 Onde em éras mui ditosas
 Agradaveis, deleitosas,
 Venturoso me sorri. (PINTO, v. I, 1855, p. 30-31).

As ações em destaque e correlação, nesse primeiro momento do poema, são: *cantar, saudar e lembrar*. Nessa construção, o exercício de memória é, também, um cantar e, simultaneamente, um saudar à pátria. O espaço lembrado está vinculado à ideia de *tempo* e *eras* passadas e deleitosas que se contrapõem a um presente de exílio e saudade. Assim, o ato de lembrar é compreendido como criador do espaço da pátria, que, pelos versos, é composto de paisagens campestres e bucólicas. Na camada literária, o sentimento saudoso interpreta a realidade como mágica.

O eu lírico, nas nove estrofes seguintes, coloca em prática seu canto-lembrar os lugares da terra natal. Entre as estrofes do início e fim, em que o foco está no caráter exilado e saudoso do eu lírico, encontra-se o mote central do poema: o cantar o espaço da pátria em tons idílicos e encantados.

É significativo como o verbo *tem* inicia vários versos dessas estrofes centrais, assim como o *onde*, para atribuir propriedade à terra natal de uma natureza estonteante. Como o final da quarta estrofe: “Tem florestas estendidas,/ Silvados, mil avenidas,/ Onde em horas esquecidas/ Ergue o mocho os tristes ais” (PINTO, v. I, 1855, p. 31). Ou no fim da nona estrofe: “Tem boscagens d’espessura/ Onde em seus hymnos tão pura/ Com singelleza e ternura/ Geme a rolinha constante” (PINTO, v. I, 1855, p. 31). Essas palavras (*tem* e *onde*), bem como a estrutura rítmica, marcada por catorze oitavas de redondilhas maiores, são elementos que compõem as imagens e a voz do eu exilado em diálogo com um poema expoente do romantismo brasileiro: “A canção do exílio” de Gonçalves Dias.

Poema parte da obra *Primeiros Cantos*, publicada em 1846, “A canção do exílio” é composto de redondilhas maiores e traz elementos de nacionalismo, saudades da pátria, desejo de retorno, construção poética de uma natureza idílica e encantada. Seus versos iniciais, que se repetem ao longo do poema, “Minha terra tem palmeiras, /Onde canta o Sabiá;” (DIAS, 1846, p. 9), parece funcionar como referência que perpassa o de Cesar Pinto, que se vale do *tem* e do *onde* para inverter os espaço alvos dos sentimentos.

Se em “A canção do exílio” o eu lírico está afastado do Brasil, saudando e lembrando-o pelo seu cantar, em “As margens do meu Douro” a situação está invertida:

habitando o espaço brasileiro, é à Portugal que se voltam as saudações e lembranças; é em Portugal *onde* se encontra o rio (Douro), as plagas, as árvores, as flores, os rouxinóis, enfim, a flora e fauna criadoras de paisagens encantadas. O Sabiá do canto de Gonçalves Dias dá lugar ao *pintassilgo*, à *rolinha* e, em especial, ao *melro preto*: “Tem castanheiros frondosos/ Sem nunca mais acabar,/ Onde canta o melro preto/ De ramo em ramo a pular” (PINTO, v. I, 1855, p. 31). Esses versos da quinta estrofe, são significativos, uma vez que (assim como os da nona) rompem o esquema de rima (x-a-x-a-b-b-b-a), privilegiando a semântica e intertextualidade à adequação do padrão sonoro.

Assim, “As margens do meu Douro”, tanto pela sonoridade quanto pelas imagens, funciona tomando o poema de Gonçalves Dias como referência, porém mudando a perspectiva nacional do eu lírico.

O poema é metrificado, rimado, com fluidez de leitura, descrições e expressões sentimentais. O eu lírico, ao fim, assumindo um perfil modesto e resignado, oferta seus versos ao amigo: “Aceita-os; são sem fluidez,/ Sem metro, sem harmonia;/ Mas gerados em minh’alma/ Entre a dor e a agonia./ São de saudades e amargura/ Recordações de ventura” (PINTO, v. I, 1855, p. 32). A saudade é utilizada para construir um sentimento que, mesmo figurado pela expressão pessoal, identifica e aproxima os sujeitos. Pelos versos os amigos compartilham a pertença à condição sensível exilada. Assim o poema se torna *saudoso canto*, Portugal tem flores em suas paisagens popularmente denominadas *saudades* e o eu lírico chora por não ter quem ao seu lado *saudoso verta pranto caudaloso*. O uso da saudade pinta a paisagem da pátria, define a voz do eu lírico exilado e se volta para o interlocutor, esperando dele uma igual sensibilidade. Este vem, por parte de João Dantas de Souza que, em resposta à Diocleciano David Cesar Pinto, escreve e lhe dedica o poema “Redordações”, iniciado da seguinte forma:

Poeta, que dôce encanto
A minha’alma extasiou!
O berço que nos creou.
Eu que só triste no exílio,
Pensei sofrendo o martyrio,
Longe da patria a gemer;
Ao escutar tua lyra,
Recordação que respira
Afangou-me almo prazer.

Sósinho té qui julguei-me
Pela patria a suspirar;
Mas reconheço, enganei-me,
Irmão tenho no penar.
Julguei ninguem mais houvesse,
Que igual a mim concebesse

Tão pura patria amisade;
 Mas achei como eu tão constante
 Verte pranto de saudade. (SOUZA, v. I, 1855, p. 62).

Para o leitor de jornal, esse diálogo entre autores é extremamente instigante. A escrita periódica e associativa possibilita um fazer coletivo, no qual os sujeitos legitimam e dão respaldo uns aos outros na construção conjunta de seus espaços. A resposta, também em verso, reforça como as imagens e sentimentos são construídos por uma troca interna ao jornal *A Saudade*.

A dor do eu lírico, *proscrito* e distante da pátria, rompe a solidão para encontrar um reconhecimento no amigo, conterrâneo, seu igual na condição de exílio e manifestação dos sentimentos de saudade. A empatia que emerge da resposta evidencia o prazer existente na construção literária da dor que faz pertencer. A dor é elemento que diferencia os sujeitos e aponta para aqueles relacionados. O escutar a lira e o cantar/saudar/lembrar da pátria faz do perfil saudoso o modo pelo qual o “nós” se constitui. O eu lírico enuncia que se achava sozinho sentimentalmente, porém, ao ver na literatura do outro a si mesmo, encontra um igual. Além de ser operação ficcional dentro dos moldes românticos, o poema aponta para a edificação do grupo; dos elementos que ele se vale para delimitar suas fronteiras e seu modo de ser. Reconhecer e compartilhar o saudar da pátria, a saudade na lembrança de tempos e espaços idos queridos, bem como o desejo do retorno, fazem com que a ação não se restrinja a um “eu”, mas se volte para seus amigos, ou melhor, *irmãos*, construindo, dessa forma, o coletivo nacional emigrado.

Ainda que seja outro o rio que o cantar do amigo desperta na memória (o rio Vez emerge da referência ao Douro), há algo ligando esses lugares cantados. A relação estabelecida entre eles é de nacionalidade. Uma paisagem faz lembrar a outra, tal como o cantar é reconhecido em decorrência do “ser português”, dos rios e dos eu líricos. A identidade, do cantar/lembrar lamentosamente a pátria, exerce um poder de comunhão.

Portanto, não importa o rio, a paisagem ficcionalizada é a mesma. O modo de fazer poético, fundamentado na manifestação da saudade, é espaço ao qual os escritores participam reforçando e reutilizando símbolos, estilos e metáforas comuns.

Segundo Edward Said (2003, p. 49): “Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal”. Será o exílio vivido apenas fora do grupo? Ainda que esta seja sua condição de enunciação, o exílio não funciona, tal como o nacionalismo, como um *sistema de representação cultural* (HALL, 2006, p. 48) e, inclusive, como base de uma sensibilidade formadora da identidade coletiva? É isto que

as reflexões em torno das publicações d'*A Saudade* tem permitido aprofundar: o desterro enunciado e vivido literariamente como meio de constituição de um espaço compartilhado. A identidade emigrada se enuncia pela dor e pelas provações no exílio não apenas como expressão da angústia individual de uma vivência empírica, real e histórica de afastamento da pátria, da terra natal, da família, mas, principalmente, como resistência à falta de lugar que ameaça o exilado, ou seja, como meio literário de participar e edificar seu grupo, sua história, seu futuro. Os versos da sexta estrofe do poema de João Dantas de Souza reforçam a ideia, que perpassa todo o poema, de união, reconhecimento e companheirismo:

Vem sim já que companheiro
 E's de meu turbo soffrer,
 A mim corre anda ligeiro
 Comtigo quero viver!
 Vem não tardes caro amigo
 Que quero chorar contigo
 Nos imos da solidão,
 E seja só dous abraços
 Que prendão com fortes laços
 O meu a teu coração. (SOUZA, v. I, 1855, p. 62).

A imagem de dois corações solitários e sofredores atados por compartilharem a mesma dor é símbolo do fazer que vincula os sujeitos. Assim, *a mais privada das emoções privadas* (SAID, 2003, p. 49), ou seja, os sentimentos vinculados à experiência do exílio se tornam, pela literatura, estandarte de um grupo; seu elemento definidor e associativo, saindo do âmbito pessoal para ganhar a arena política de delimitação de espaços e identidades próprias.

Portanto, para além do *masoquismo narcisista*, de um *fazer do exílio um fetiche*, de um *cinismo petulante* e de uma *falta lamuriosa de amor*, como escreve Said sobre as expressões que emanam de uma voz exilada (SAID, 2003, p. 56), percebe-se nessa ordem discursiva um sistema de representações e um pertencimento criado pelo discurso do não-pertencimento. Portanto, o individualismo e fomento de sofrimento perdem seu sentido imediato e indicam ações profundas pelas quais os sujeitos reforçam um determinado modo de se fazer arte como meio de participarem de seu grupo, ou seja, de um espaço que seja só seu, territorializado e empossado pela identidade desterrada. Sua literatura é feita para si, ainda que almeje um reconhecimento externo, ela se volta para seus iguais, buscando respaldo e confirmação para seu pertencimento.

O *ser exilado* não é mera condição sensível e identitária produto da falta de espaço e pertença (tal como a ideia: “eu não pertenço a este lugar, a nenhum lugar, portanto, sou

um desterrado, proscrito, sem perspectivas e desejos, apenas a saudade de um tempo e espaço que nunca voltarão”), antes, a ação imbricada pelo discurso que se enuncia *exilado* é a da produção de espaços destinados ao português em terra brasileira (ou seja: “me fazendo emigrado pelo discurso me diferencio dos brasileiros e dos portugueses de Portugal, encontro demais como eu, nos reconhecemos e nos relacionamos, fazendo da saudade patrimônio nosso”).

A pátria é construção fundamental nesse processo. Ela é a referência externa para a qual se direcionam os desejos e o motivo da dor. É por ser a pátria, e não a saudade da casa ou da família, que faz com que o reconhecimento e o compartilhamento da saudade seja meio de identificação e constituição do grupo e seu lugar próprio. Daí que a solidão do eu romântico abra espaço para uma “solidão em conjunto”. Na sétima e oitava estrofe, lê-se:

Serás só tú a quem possa
Minhas magoas confiar,
Quanto amo a patria nossa
A ti só quero contar,
Só a ti que contristado,
Como eu infeliz exilado
Soffres da sorte o rigor,
Quero sim na soledade,
Dizer-te minh’anciedade,
Martyrio, pesar e dôr.

Tu sentirás lenitivo,
Vendo-me infausto a carpir,
E o pranto teu afflictivo
Far-me-ha menos sentir:
Seremos dous desditosos
Suportando mui saudosos
Um sempre e o mesmo mal;
Jámais separar-nos-hemos,
Unidos carpir havemos
Saudades de Portugal (SOUZA, v. I, 1855, p. 63).

O eu exilado se confessa (o que cria um forte sentido de verdade) somente para o seu *irmão*, o seu igual. Ainda que a expressão seja de dor, cabe considerar que essa dor lírica é instrumento de um prazer. Pela manifestação da saudade uma sensibilidade é construída e utilizada no estabelecimento de vínculos entre os sujeitos que participam da sua performance. O prazer em sentir dor, faz da saudade propriedade do “nós”; sendo, ainda, signo de orgulho.

A referência ao poema de Gonçalves Dias que aparece como intertexto em “As margens do meu Douro”, também está presente em “Recordação”, por exemplo, por meio

da figura do *sabiá* que, para o eu lírico português e exilado, faz recordar o canto do *rouxinol*:

Lá escutando o trinado
Do *sabiá* mavioso
Far-nos-há mais recordado
O cantar melodioso
Na quadra da primavera
Em nossa saudosa terra,
Do festivo *rouxinol*
Pulando ridente e ledado
Pelos ramos do arvoredo
Nas horas do pôr do sol. (SOUZA, v. I, 1855, p. 63).

Este exercício reforça a inversão das saudades românticas da pátria brasileira para a portuguesa, tal como faz Cesar Pinto. Nos versos de João Dantas de Souza, Brasil é terra hospitaleira que abraça e acolhe. Ainda assim, o penar dos sujeitos os singulariza em meio a esse espaço, chamando para si a propriedade da saudade.

Em 1859, João Dantas de Souza publicou um livro intitulado *Poesias*, no qual há a presença de algumas publicações feitas na primeira série d'*A Saudade*. Dentre as temáticas da obra se encontram: o eu lírico proscrito, saudades da pátria e da família, passado de amores e um presente de dores, desejo de retorno e reencontro, expectativas de um “acordar” de Portugal e seu passado glorioso. Dentre as expressões que aparecem na obra, a partir das quais o eu lírico se faz emigrado, estão: *país desconhecido, hospitaleiro e bondoso país, solo estrangeiro, plaga bondosa*. Ainda que emigrado e com uma missão de cantar as saudades da pátria e a dor no desterro, o autor, no prefácio da obra, demonstra a preocupação em resguardar suas ações, afastando-as de qualquer entendimento que seus versos possam ter de *ingratidão* ou *desacatamento* ao Brasil e aos brasileiros (SOUZA, 1859, p. VII). Daí que a *terra estrangeira* seja tanto palco de tormentos e desilusões, quanto espaço acolhedor e hospitaleiro nas construções literárias dos emigrados.

Esse duplo jogo evidencia uma ação de edificação de um espaço próprio, a particularidade de sua espacialidade, mas, por outro lado, também a insere na sociedade brasileira e com ela busca estabelecer boas relações. A preocupação de Souza, em seu prefácio, é interessante, pois antevê uma crítica do público leitor que se volta, justamente, para a fronteira constituída pela poesia emanada de um eu lírico emigrado. Ele é um outro, o diferente, mas se preocupa em mostrar que, ainda assim, não é um inimigo.

Esse movimento pode ser pensado enquanto um jogo intermitente entre semelhança e diferença (HALL, 2003, p. 33). Não há somente a fixação de um “eu” em

oposição a um “outro”, mas sim uma dinâmica na composição da pertença, por vezes, por meio da semelhança, por vezes da diferença. Daí que o espaço estrangeiro seja significado, simultaneamente, como palco de dor e país acolhedor e hospitaleiro. Essa produção é própria do emigrado português. Ele não é como aqueles quem deixou, mas também não é como os demais indivíduos da sociedade na qual se encontra; se difere de ambos. O processo de deslocamento geográfico acompanha um deslocamento identitário. De forma que, metaforicamente, o novo lugar do emigrado é um entre: nem lá (*pátria querida*), nem cá (*terra estrangeira*). Nesse ponto, reforça-se a importância da saudade na literatura desse grupo. Ela nomeia a sensibilidade de uma vivência espacial intersticial. A saudade expressa a ausência, o desejo inalcançável de um grupo eternamente em viagem.

Uma obra relevante para estabelecer um intertexto e imergir nos embates identitários em torno do fazer poético, romântico e saudoso, é o livro, considerado marco inicial do romantismo brasileiro, de Gonçalves de Magalhães: *Suspiros poéticos e saudades*. Publicado pela primeira vez em 1836, essa obra carrega uma abordagem patriótica em diálogo com um contexto histórico de emancipação política e cultural. Seu discurso se volta contra aqueles que *agrilhoam* a pátria e os brasileiros, fazendo referência aos séculos de jugo português. A saudade é palavra utilizada para dizer da dor do eu lírico por estar afastado da sua pátria, a pátria brasileira. Tal como brada: “Nada por mim, por minha Pátria tudo” (MAGALHÃES, 1859, p. 52). Ou ainda, como canta nas estrofes finais do poema “Uma manhã no Monte Jura”:

Nossa Patria tão bella! – Nossa Patria
Tão digna de um porvir grande e sublime!
Eil-a, como um cadaver de gigante,
Roída por milhões de vis insectos,
Que ella mesma alimenta!

Olha, Amigo, esta pallida saudade,
Que nesta penedia a custo vive!
Aqui não é que vegetar devia
Flor tão cara á minha alma.
Vês tu como ella pende a roxa fronte
Mal que a colho, e a colloco no meu peito?
Como ella o coração, soffrendo a mágoa
Que o nome d’ella explica,
Longe da Patria, em que meus páis habitam,
De languidez se encolhe.
Irás commigo, oh flor, terna saudade,
Inda que murcha e seca; – irás commigo,
E acabaremos junctos. (MAGALHÃES, 1859, p. 138-

O perfil romântico é presente na obra de Gonçalves de Magalhães, no sentido em que se percebe um “eu” enunciado enquanto pertencente a uma mocidade de poetas com uma missão regeneradora, em sofrimento, lembrando o tempo passado feliz em contraste com um presente de dor e saudade, no qual o cantar emerge como tributo à pátria, de natureza bela e encantadora. É relevante colocar em paralelo essa obra e o jornal. Ambas fazem uso da saudade como metáfora poética e forma de nomeação de uma sensibilidade coletiva; ambas operam com temáticas e modelos similares, com projetos e intuítos políticos no processo de territorialização do fazer poético e da identidade nacional. Porém, são composições diferentes, para não dizer opostas, no que concerne a seus lugares; cada uma pode ser pensada enquanto representante de um lado do embate político e artístico, na busca de apropriar para si determinados signos (como a saudade da pátria).

Caberia, portanto, problematizar: por que *A Saudade* se fundamenta num fazer tal como os modelos literários das produções identitárias patrióticas brasileiras? Ora, o jornal se insere no rol de produções românticas que operam sob as máximas da saudade e do exílio. Por elas, torna-se parte de um movimento literário que lhe possibilita reconhecimento, tanto da sociedade que deixou, como da que, então, habita. Carregando em sua identidade emigrada a propriedade para a expressão da saudade, o exílio é linguagem que, além de comunicar uma experiência histórica e coletiva, é signo de um fazer artístico a partir do qual um espaço singular (não brasileiro, porém, também, não o espaço português naturalizado) é construído.

A relação entre Brasil e Portugal na produção romântica se dá tanto pela influência mútua, como pelo embate. Tanto pelo reconhecimento da preciosidade e importância dos autores brasileiros (por parte dos portugueses), como dos autores portugueses (por parte dos brasileiros). Para além dessa cordialidade fundada num discurso fraterno, de formação identitária histórica comum e da própria língua partilhada, há o confronto, o desejo de propriedade (inclusive, sobre a saudade) e inserção de seus autores no conjunto renomado e reconhecido pelas Belas Artes.

Se o subcapítulo anterior possibilitou a reflexão de exercícios literários que, pela saudade, instituem e reforçam o vínculo dos emigrados com os portugueses de Portugal, pelas construções apresentadas neste subcapítulo, as enunciações da saudade revelam, contraditoriamente, as singularidades que aqueles defendem ter. Essa singularidade é forjada pelo exílio. Um exílio romântico, idealizador da pátria e do sofrer longe dela, que tem o retorno como utopia. É, porém, essa dor, ou para parafrasear Friedrich Nietzsche (1965, p. 11), esse caos interior que dá à luz uma estrela cintilante. A saudade atormenta

o eu lírico exilado, mas é, justamente, aquilo que o torna único e especial, faz de seu cantar algo belo e universal. No caso d'*A Saudade*, essas produções se voltam para Portugal como para o Brasil. Perante ambas as terras se quer reconhecida a grandeza poética do português emigrado. A saudade é, também, constitutiva desse discurso.

Ai! que sempre as saudades
Serão tristes como a flôr,
Como ellas me trazem vivas
Lembranças do meu amor.

Recordo os dias tão belos
Que em minha terra passei,
Vou lembrar essas venturas
Que bem joven lá gozei. (PINTO, v. II, 1856, p. 61).

Estas estrofes iniciam o poema, de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, "Saudades". Assim como se dá na obra, marco inicial do romantismo brasileiro, *Suspiros poéticos e saudades* de Gonçalves de Magalhães, nas publicações d'*A Saudade*, incluindo o poema de Rodrigues Pinto, saudade é palavra que aparece em relação metafórica com a flor singela, numa enunciação de imagem e sentimento imbricados. A rima da primeira estrofe (de *flor* e *amor*) se relaciona com a da última estrofe que insere mais um elemento (*dor*) compondo a tríade poética da saudade: "Muito embora as saudades/ S'identifiquem na dôr,/ Hei de sempre em outras plagas/ Fallar d'ella e nosso amor..." (PINTO, v. II, 1856, p. 61).

A relação entre flor, amor e dor na composição de um quadro intitulado pela saudade atribui imagem e sentimento à palavra. A antítese da saudade, recorrente no romantismo português (*amargo* e *doce*, *amor* e *dor*) é, também, utilizada. Além disso, a metáfora da flor é elemento simbólico edificador do ambiente pastoral, do passado idílico e campestre, seu paralelo sentimental, ou seja, a representação do sentimento desperto pela memória que remete a um tempo e espaço em meio a sujeitos distantes no presente da enunciação.

Se no poema de Gonçalves de Magalhães a flor da saudade é signo para expressão íntima do eu lírico, que se reconhece nela por vegetar solo ao qual não pertence e figurar um retorno mesmo murcho e seco pela mágoa, no poema de Rodrigues de Pinto a saudade emerge pelo paradoxo, pela brincadeira que evidencia a imbricada relação entre amor e dor, também, destinada à lembrança da pátria.

No poema o eu lírico recorda a *sua terra*. O destaque para a expressão tem o intuito de chamar a atenção para a composição da pátria como uma terra com sentidos de pertença e posse; é a terra para a qual os sentimentos íntimos se voltam. Ela é base em

cima da qual a identidade individual é forjada. Nesse processo, expressões imagéticas corroboram com tal construção: a *juventude*, o *ninho paterno*, a *mãe*, os *campos*, a *matriz da igreja*, o *Douro poético*, as *árvores* e o *rouxinol*. Cada elemento, presente no poema de Rodrigues Pinto, rasga a pura materialidade para compor um quadro encantador das paisagens do passado idealizado.

Até então, a palavra saudade pode ser percebida enquanto uso de um fazer romântico em língua portuguesa com o intuito de legitimar e territorializar a identidade nacional (tanto brasileira como portuguesa), assim como é, também, meio de significar e edificar o lugar próprio do emigrado português, que se enuncia exilado e desterrado num processo de construção de seu espaço e seu grupo, sendo a palavra-sentimento seu elemento identificador. Nesse sentido, a relação entre pátria e terra natal se potencializam, uma vez que ambas são espaços idealizados e construídos para dizer de um passado anterior à emigração, alvo de saudade. A identidade nacional e a experiência pessoal se misturam nas enunciações que tomam as lembranças reconstruídas e reatualizadas, no presente exilado.

Não apenas em forma de verso, como também pela prosa, os espaços da pátria são lembrados. Tal como faz Silva Amaral n' *A Saudade*, motivado pela data comemorativa do dia de S. João. Por causa desse evento, em suas palavras: “o coração me foge para a pátria nas azas do pensamento” (AMARAL, v. II, 1856, p. 165). E ainda:

Sete anos são decorridos que vivo longe da patria; porém nunca como hoje senti tão pungentes saudades do meu torrão natal. A esta hora lá estão ranchos de aldeões em volta d'uma fogueira, entoando canções só proprias deste dia, lá estão queimando a alcachofra que só amanhã dará á credula donzella a difficil resposta concernente ao amor do seu namorado; lá se estão lavando as ditosas e engraçadas Marias n'uma das mais proximas fontes, na persuasão de que ámanhã serão mais bonitas. (AMARAL, v. II, 1856, p. 165-166).

Todo o movimento do texto parte de um exercício narrativo de memória, de construção da pátria com base numa ação de lembrar. O que desperta esse processo é, justamente, a data comemorativa. Trata-se de um tempo em destaque dos demais e cuja festividade reforça os laços de pertencimento e as relações dos sujeitos com seu meio social e tradicional. A condição de exílio, de distanciamento desse meio, aparta o sujeito da experiência de renovação dos vínculos, porém, o fazer literário emerge enquanto ponte que liga esses sujeitos a suas comunidades identitárias.

No texto de Silva Amaral, o narrador se enuncia a sete anos longe da pátria, o que seria condição para um sentimento vívido da saudade, ainda mais intensa, numa data

festiva. Para Mircea Eliade, assim como existem espaços sagrados que simbolizam o ordenamento e a segurança (o cosmos) da vida em meio à falta de estrutura e conforto existencial (o caos), também, existem tempos sagrados que se diferenciam dos tempos profanos. As festividades religiosas marcam justamente esse tempo cuja vivência remete aos tempos primordiais, gerando uma experiência potente de relação com a vida para além dos sentidos materiais, encontrando uma *dimensão sagrada da existência*. Nas palavras do autor:

Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico. Em outras palavras, “saem” de seu tempo histórico – quer dizer, do Tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais – e reúnem-se ao Tempo primordial, que é sempre o mesmo, que pertence à Eternidade. (ELIADE, 2010, p. 79).

Daí que o tempo sagrado e primordial vivenciado pelo coletivo a partir da data festiva seja gatilho para a construção da pátria enquanto espaço, também, sagrado, *lugar ab origine*, ou nas palavras de Amaral, *éden terreal*:

Folgamos de ver conservados esses costumes pastoris que nos fazem lembrar o Eden terreal; mas quem sabe, se essa lava destruidora a que por escarneo chamam progresso, está invadindo esse legado de nossos avós!! Lembrar-se-ha alguém de fazel-os desaparecer? Talvez. Conceda-nos o Céu todos os progressos com que outras nações tanto se teem enriquecido: ouça-se o sibilar da locomotiva de uma a outra extremidade de Portugal: illumine-se a gaz todo o reino: conservem-se porém tão antigos usos. (AMARAL, v. II, 1856, p. 166).

A data festiva é, com base nessa publicação, impulso para exercício sensível da memória, uma memória que ultrapassa sentidos de ordem individual, é constituída, antes, por referenciais e projeções sociais. Nesse viés, a terra natal é o espaço a partir do qual o “eu” cria uma identificação sensível do “nós”, de lembrança que desperta lamentos e saudades, de um passado idílico figurado na imagem de um *éden terreal*, servindo como base para um projeto de manutenção das tradições culturais. Essa imagem reclama conservação. Assim, a aldeia da infância e adolescência aparece como signo de um espaço no qual a experiência mais intensa e sagrada em relação à vida acontece. Esta é uma construção em diálogo com a perspectiva romântica, segundo a qual, nas palavras de Anatol Rosenfeld e Jacó Guinsburg (2011, p. 267): “Todo um movimento de retorno à ‘alma’ do povo, às suas fontes de criação, de onde proviria efetivamente a beleza autêntica e a grande arte significativa, suscita a pesquisa que acabou constituindo as bases da ciência do folclore”. O fato dessas práticas folclóricas e tradicionais, consideradas a “alma

do povo”, serem apresentadas como ameaçadas pelo progresso, tal como está no texto de Silva Amaral, diz de um desejo e projeto que conclama a união nacional a favor de sua proteção. Nesse ato, aqueles afastados fisicamente se inserem nos dilemas socioculturais de seus lugares de origem.

A sacralidade do tempo festivo o destaca e o singulariza em relação a demais experiências temporais. Nele acontecem práticas *próprias deste dia*, como escreve Silva Amaral, e que carregam em si um aprendizado e uma vivência social, por isso a saudade aparece como sentimento mais forte nesse momento. O desejo de pertença no meio, que possibilita o movimento de sair da condição histórica e profana, intensifica a condição de dor do exilado no tempo sagrado. É por meio dessa dor (construída literariamente) que o narrador, assim como o leitor, é capaz de significar sua condição e sua realidade. O espaço narrado pelo processo ficcional, que se enuncia enquanto ato de memória, é sacralizado pela singularidade do tempo festivo.

Sob tal olhar saudoso e distante que rememora ao passo que cria o espaço da pátria enquanto *éden terreal*, numa contraposição a um presente de *monotonia*, fundamenta o discurso em torno do desejo de conservação, de manutenção desse lugar (espaço e prática sacralizados) ameaçado pelo *progresso*. A fala é um brado apelativo a favor da manutenção das tradições concomitantemente aos desenvolvimentos tecnológicos.

O desejo de conservação diz da angústia do “eu” frente às modificações da sua realidade, à perda de elementos afetivos e sustentáculos existenciais. Esse desejo é tão potente que algumas das tradições referidas permaneceram (como as cavalhadas, queima das alcachofras e bochecho da meia noite²²). A pátria, alvo da saudade do “eu” distante, é, portanto, composta pela paisagem idílica como, também, pelas tradições que se fazem perdurar. Segundo o *Dicionário do Romantismo Literário Português*: “O exílio radicaliza, portanto, na viagem da vida, a nostalgia da matriz antiga, uma comunidade de laços e afectos” (BUESCU, 1997, p. 175).

Amaral encerra o texto falando da dificuldade que seria descrever sua terra natal em festa, porém: “ainda mais difícil seria descrever as saudades que neste momento me atormentam; é por isso que não continuo a cançar os leitores com os lamentos d’um exilado” (AMARAL, v. II, 1856, p. 166). Nesse viés, é possível compreender que a pátria é construída literariamente a partir de um olhar exilado, como espaço campestre e feliz, e

²² Ver: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. 11. O S. João em Portugal. In: *Festividades cíclicas de Portugal*. Lisboa: Etnográfica Press, 1995. Disponível em: <<https://books.openedition.org/etnograficapress/5968>>. ISBN: 9791036556111. Acesso em: 12/2020.

encontro entre os tempos passado (enquanto idealização) e futuro (como projeção). O São João é data festiva cuja narração espacial é meio de figurar uma paisagem encantada, pintada de forma íntima e envolvente, que funciona como referencial para um projeto de conservação daquilo que se vê e se pratica. Os laços são reatualizados e o vínculo, constitutivo do grupo, retraçado. O sujeito distante encontra na lembrança e na ação de contar (por meio da imprensa) a forma de participar e retrabalhar esses laços. Ainda que exilado, não queimando alcachofras ou fazendo bochechos, a narrativa (escrita e lida), a lembrança e o brado de defesa pela conservação de costumes, são elementos fundamentais para a formação da identidade dos sujeitos. A pátria, enquanto *terra natal* e *éden terreal*, é compreendida, nesse sentido, como construção espacial e temporal que constitui a identidade e o sentimento a partir dos quais os sujeitos se fazem pertencer.

Álvaro Manuel de Machado, num estudo sobre o romantismo português, parte de obras de Garrett e Herculano para refletir os elementos que dialogam com o movimento literário do qual são autores expoentes. A *exaltação utópica* e o *exílio* aparecem correlacionados, sendo este efeito de resistência. Em suas palavras:

O certo é que, apesar das evidentes diferenças de linguagem, ambos reflectem um estado de espírito de grande exaltação nacionalista. Ora é precisamente essa exaltação utópica, a partir do exílio, que vai marcar todo o ideário romântico português, afastando-o de um maior contacto, a vários níveis (...), com os outros romantismos europeus. Exílio, quer para Garrett quer para Herculano, não é assimilação profunda, é bem pelo contrário, profunda recusa de assimilação. (MACHADO, 1979, p. 81).

Segundo o escritor português, portanto, o romantismo em Portugal encontra uma forma de se singularizar pela construção/exaltação da identidade nacional que parte de uma voz exilada. Essa condição comunica com a experiência empírica dos emigrados no Brasil e funciona como uma ponte que liga esses sujeitos ao fazer romântico. A *profunda recusa de assimilação* do romantismo se dá pelas vias da exaltação da pátria. Assim a identidade nacional é reatualizada e performada. A escolha dessa linguagem para as publicações d'*A Saudade* se insere numa luta de resistência e constituição do “ser português”. Como afirmam Nuno Miguel de Brito e Souza Teixeira: “O exílio potenciou, aquilo que o Romantismo já trazia na sua origem, a idealização épica de um povo personificado nos seus símbolos vitais” (BRITO; TEIXEIRA, 2014, p. 75). Não apenas a idealização do povo como, também, a idealização dos espaços portugueses é operada na produção romântica por uma voz exilada.

O exercício narrativo de “O S. João na minha terra” pode, ainda, ser posto em diálogo com outra publicação d’*A Saudade* que, também, é impulsionada a partir de uma data festiva para construir a *terra natal* enquanto *éden terreal*. Trata-se de um dos textos, assinados por Echo Elisio, intitulados “Cartas a Aldina”.

Parte de uma coletânea de publicações do segundo volume da primeira série, “Cartas a Aldina” estabelece uma relação de amizade e confiança com o leitor, por meio de escritos que possibilitem a construção de um sentido de confissão e expressão sentimental sincera. Portanto, a imagem da pátria emerge como uma construção com tons fortes de verdade compartilhada. O terceiro texto começa enunciando o ato de recordar do narrador exilado:

A recordação d’aquillo que desfructamos no seio de nossas familias, no centro de nossas habitações; esses prazeres da infancia, prazeres do céo, que elevam o homem a região desconhecida, e o fazem lembrar com saudades, desse tempo feliz.

Essa recordação, Aldina, uma outra vez se apresenta ante o espirito do exilado, e elle solta um ai do intimo do peito, que levado pela brisa vai parar á terra de seu nascimento. (ELISIO, v. II, 1856, p. 117).

Na sequência, o narrador deixa o teor de devaneio dos parágrafos iniciais para traçar um quadro de uma experiência vivida em terra estrangeira: o testemunho da festa do Espírito Santo promovido pela Irmandade de Sant’Anna no Campo d’Acclamação. Tal como o texto de Silva Amaral, em “Cartas a Aldina” o narrador é lançado pela memória a revisitar a experiência de um tempo sagrado na sua terra natal. Como escreve: “tudo, tudo, Aldina, concorreu para eu concentrar meus pensamentos, os quaes sem querer me transportaram á terá, onde nasci, – á minha querida aldeia” (ELISIO, v. II, 1856, p. 117). Assim, o tempo sagrado impulsiona um exercício de memória e funda um comparativo, no qual o espaço presente e habitado pelo exilado se revela profano e mundano, diferente da saudosa pátria, onde se vive o tempo primordial, a simplicidade de uma natureza encantadora e práticas tradicionais que tocam sensivelmente o leitor. A catarse da experiência social do tempo festivo é transubstanciada, por meio da publicação, numa catarse literária, de forma que os suportes existenciais e sociais, significados de estabilidade e sacralidade do tempo e do espaço, ganham uma nova forma de constituição por meio da literatura imprensa no coletivo de portugueses emigrados no Brasil.

A vivência do exilado em terra estrangeira o transporta para a pátria. Este é um exercício de memória íntimo e afetivo; parte da enunciação de um lembrar pessoal (da *meninice, família, infância*), porém, extrapola esse sentido, uma vez que a lembrança aparece vinculada a uma identidade (portuguesa e exilada) e espaço (*terra de meu*

nascimento, querida aldeia) constituídos e sustentados socialmente. Ou seja, é a vivência na terra estrangeira que serve de trampolim para o exercício literário de rememoração/construção da terra natal. O exílio é condição ficcional operando de forma fundamental na construção das saudades da pátria.

No texto “O S. João na minha terra”, uma diferença é fundada, sob o olhar do exilado, entre o lugar de onde se narra e sobre o qual se narra. Aquela é marcada por um presente sem comemoração, isolado, com *monotonia (graças as medidas policiais)*; e este por um passado de costumes singelos e afetivos, hábitos alegres e campestres, em proximidade com a natureza. Esse exercício comparativo que coloca a terra estrangeira como espaço profano em comparação à sacralização da pátria, também, pode ser percebido no texto de Echo Elisio. Neste, de um lado é pintada uma imagem da festividade em comemoração ao Divino Espírito-Santo sob tons de *arte, luxo e grandeza*, e do outro de *natureza e simplicidade, mais agradável, mais simpático e mais apreciável*. Ainda nas palavras do autor: *menos ostensivo, porém mais grandioso*. O *mais e menos* reforça o sentido comparativo que engrandece a terra natal em detrimento do Brasil. Neste, a festa é enunciada como ostensiva: as barracas, não numerosas como na festividade na terra natal, são caracterizadas por estarem *ornadas com centenas de luzes*, e as pessoas vestidas com *tecidos de subido preço*. Além disso, a descrição do autor traça um quadro de festividade tumultuada, em que *os grupos de povo se juntava nas suas entradas*, diferente do passado lembrado em que *os aldeões em ranchos cantavam e dançavam, e em seus rostos resplandecia a alegria verdadeira*.

Cabe lembrar que, utilizando as palavras de Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira (2001, p. 92): “Percebo o lugar em que estou sempre levando em conta o lugar em que não estou”. Daí que a pátria idealizada pelo olhar exilado seja base de uma percepção e formação de imagens valorativas para a terra estrangeira.

Para encerrar este subcapítulo, assim como arrematar as discussões propostas neste capítulo, é necessário apresentar uma das publicações mais emblemáticas d’*A Saudade*, no que diz respeito ao uso da saudade. Trata-se do poema de José Victorino da Silva Azevedo denominado “O que é – saudade!”. Tal como propõe o título, o longo poema, dividido em duas partes, tece definições poéticas da saudade. Das dezesseis estrofes que compõem a primeira parte do poema, quinze se iniciam com a palavra saudade seguida de uma imagem metafórica, como na terceira estrofe: “Saudade! é o livro das esperanças murchas/ Que em páginas de amor soletra a vida;/ Ê folheando as no presente incerto/ Recordações dulcíssimas apontam.” (AZEVEDO, 2º ano, 1862, p. 28).

A contraposição entre passado feliz e presente sem ilusões, bem como a relação entre saudade e memória são perceptíveis. Além disso, todo o poema é repleto de elementos recorrentes n’*A Saudade*, como a referência, na primeira estrofe, aos versos iniciais do poema *Camões* de Almeida Garrett; ou como a relação entre saudade e flor, cantada sob uma bela imagem nos versos da sexta estrofe: “Saudade, é a rosa cujas folhas seccas/ Guardadas sempre seu aroma exalam” (AZEVEDO, 2º ano, 1862, p. 28). O desejo de despertar sensações sentimentais e sensoriais está acima de uma preocupação formal, em especial na primeira parte, em que as estrofes de dois, quatro e cinco versos estão encadeadas de acordo com os temas cantados pelo eu lírico. Sobre estes, destaca-se a relação entre saudade e exílio.

No poema de Silva Azevedo, a terra natal é figurada pela imagem do *berço que embalou a infância e o riso materno*. O espaço é apresentado de início numa relação com um tempo passado. Infância e pátria se confundem, uma vez que a saudade emerge como propriedade do canto exilado. Na oitava estrofe, lê-se: “Saudade, é a pátria que se mostra ao longe,/ Quando gemendo sobre a plaga estranha/ Contemplamos os ceos, o mar, e os monte,/ Niveas estrellas, sussurrantes ventos” (AZEVEDO, 2º ano, 1862, p. 28). A pátria longe, com uma paisagem encatada, aparece tanto como o objeto da saudade, aquilo que se deseja ter ou presenciar novamente, como a própria interlocutora do eu lírico exilado. Nas décimas segunda, terceira e quarta estrofes, o voltar-se saudoso para a pátria é representado por, respetivamente, três figuras históricas:

Saudade é o vate que em Macáu, na gruta,
A lusa historia a suspirar compõe;
E quando á pátria o seu volver dirige,
Com ella expira, pranteando o fado,
Morrendo á mingua, tristemente e só.

Saudade é o Tasso, de Sorrento o heróe,
Chorando a amada na prisão dos loucos;
E em verso eterno modulando os carmes
D’amor ungidos, dando gloria á pátria.

Saudade é o Corso cuja fronte altiva
Curvou-se humilde n’um rochedo ingrato,
Mandando á França n’um adeos eterno
Saudosas glorias d’um viver passado. (AZEVEDO, 2º ano,
1862, p. 28).

Saudade é o vate, o Tasso e o corso Napoleão. As estrofes dão indícios de que se fala, possivelmente, de Luís Vaz de Camões (segundo a tradição, teria escrito *Os Lusíadas* em uma gruta em Macau), Torquato Tasso (escritor de *Jerusalém Libertada*, nascido em Sorrento e foi internado em manicômios ao longo da vida) e Napoleão Bonaparte (nascido

na Córsega, imperador da França entre 1804-1815, tendo passado os últimos anos de vida exilado na ilha de Santa Helena, considerada um rochedo), respectivamente. Figuras cujas produções e biografias dizem de eventos gloriosos da história ocidental (desbravamento português pelos mares, as batalhas cristãs na Primeira Cruzada e o expansionismo napoleônico), porém suas histórias de vida são marcadas, também, pelo exílio e pela morte em tristes condições, na contramão das glórias que sonharam.

Nesse sentido, a saudade emerge como sensibilidade produto da “queda”, como expressão do “eu” que foi da glória à derrota, do paraíso ao inferno. Como escreve Hilário Franco Júnior (2017, p. 165): “não é despropositado pensar que a saudade está ligada ao exílio humano na Terra”, ou como o autor denomina de *tristeza pós-edênica*. O exílio carrega esse sentido de ruína, inclusive, em sua etimologia: “No francês antigo o substantivo *exil* (...) significa ‘infelicidade’ e ‘tormento’, antes de assumir em 1155 o sentido moderno sob a forma *essil* ou *eissil*, porém o verbo *exilier* (século XIII) conservou até o XVII a acepção de ‘devastar’, arruinar’.” (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 164). Os exemplos históricos do poema fazem uma ponte entre a derrota do exílio e a sensibilidade saudosa. A perda daquilo que uma vez foi possuído (seja uma coisa, pessoa, ilusão, posição, status ou glória) só pode ser descrito, em termos sensíveis, pela saudade.

Os sentidos de infelicidade estão na origem do termo exílio e perduram em seus usos na modernidade, em especial, no romantismo que se vale da condição de afastamento da terra natal como mote da expressão sensível e dolorosa. Não por acaso, os emigrados portugueses se enunciam enquanto exilados, cantando e narrando seus tormentos ao passo que constituem um perfil artístico para si e seu grupo, uma identidade nacional, uma missão literária e política, e um lugar próprio edificado, também, pela espacialização idílica da terra natal como forma de estabelecer as bases do projeto de retorno, destino do coletivo.

Ainda que o exílio seja mote da poesia romântica, esta, em língua portuguesa, é potencializada pela particularidade da saudade como elemento identificador e singularizador de um fazer cultural. Se seu conteúdo é enunciado como expressão de sentimentos universais, seu uso diz de um fazer localizado historicamente, marcado pela emigração. Esta contribui para a aprendizagem coletiva da performance de sentimentos de lamento e de um cantar (de amor e dor, ao mesmo tempo) as saudades de um tempo/espço em que não havia distância daquilo que se ama. Como escreve Durval Muniz de Albuquerque Junior:

A relação entre saudade e viagem, tão fortemente estabelecida na cultura portuguesa desde o período das grandes navegações, em que as famílias viam seus entes queridos deixarem as barras do rio Tejo em caravelas que levavam a aventuras, à busca de terras distantes e desconhecidas, de onde não havia nenhuma certeza de que voltariam, se reforça nesse final do século XIX, onde é reencontrada no processo de emigração de grande parte da população para outros países, em busca do trabalho e dos recursos que não encontram na terra natal. Esse drama coletivo da partida de pessoas com as quais se mantêm vínculos afetivos e existenciais parece dar origem a uma espécie de luto coletivo, pois a presença da morte nessas viagens era também uma constante. Essas experiências que eram, ao mesmo tempo, individuais e sociais, constituíam, podemos dizer, uma verdadeira escola de como sentir saudade, elas nos parecem mobilizar verdadeiras pedagogias do sentir saudoso. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 161).

O exílio (vivido na pele, na literatura, pelos relatos, histórias de conhecidos, pelo “eu” ou pelo “nós”) é elemento edificador do espaço da saudade, sua escola, onde as definições, metáforas, modos e usos emergem. As experiências de afastamento da pátria encontram no uso da saudade formas de manter o vínculo entre aqueles que fazem a mesma viagem, assim como entre eles e os que permanecem. A literatura produzida sob a perspectiva do exílio carrega referenciais culturais num diálogo intermitente com a construção de sua realidade.

O exílio se relaciona, nesse sentido, com o discurso da decadência. Este, recorrente n’*A Saudade* e em demais escritos portugueses do período, diz de uma condição presente, política e cultural, de Portugal em contraposição a um desejado progresso. Daí um sentimento coletivo e nacional de saudade, de um direcionar afetivo para uma pátria idealizada que habita um passado mítico.

Ser saudoso é cantar/narrar as lembranças idealizadas da pátria, assim como esta é o espaço de referência para a enunciação da saudade. Eduardo Lourenço, refletindo sobre os usos e significados da saudade na literatura portuguesa, entende que: “Com a *saudade*, não recuperamos apenas o passado como paraíso; inventamo-lo” (LOURENÇO, 1999, p. 14). Essa perspectiva é extremamente cara para estas reflexões, uma vez que desnaturaliza as enunciações saudosas para problematizar os intuitos e formas a partir das quais é produzida.

O *passado como paraíso* é entendido, por meio dos escritos d’*A Saudade*, como a *pátria querida*. Esta é inventada com o uso da saudade e do perfil exilado. Daí que o espaço da saudade seja um espaço destinado e em comunicação com um outro, ideal e distante: o espaço da pátria. Este não é construído somente pelo discurso saudoso romântico. Ele, no presente, define e seleciona o que deve ser valorizado e perdurado do

passado. Nesse sentido, não é tão somente a pátria sobre o que se fala, antes: a *pátria querida*. Aquela que inspira sentimentos de defesa, pertencimento, tributo e honra. Ela é inventada (invenção na qual a saudade é participativa) enquanto paraíso passado.

O próximo capítulo busca, portanto, problematizar as imagens exemplares e pedagógicas formativas do espaço de origem. O nacionalismo patriótico, a formação de uma tradição cultural, o passado glorioso, o lugar de origem e encerramento de um ciclo de vida heroico são eixos de desenvolvimento da análise que vê nas publicações d'*A Saudade* a constituição de um território identitário para o núcleo de portugueses emigrados.

Capítulo 4 – A construção da pátria enquanto *pátria querida*: aquela que desperta orgulho, dever, desejo de partir e retornar

O orgulho em ser súdito da pátria

O' estrella do occidente,
O' meu lindo Portugal.
Se outr'ora foste potente
Desde o Tejo ao polo austral:
Se offuscaste com teus brilhos
Dos potentados os filhos,
Além do Indo e do Ganges;
Tens ainda as mesmas glorias
Que recordam as victorias
Dessas guerreiras phalanges!

Se pequeno hoje te chamam
Essas modernas nações,
Responde “não me difamam
Esses falazes baldões!...
O brio, que meu nome
Do orbe jamais se somme,
Emquanto raiar a luz;
Emquanto lá no Calvario
Mostrar que fui o sudario
Da redempção, e da cruz!...”

(VIANNA, 2º anno, 1862, p. 46).

Essas são as estrofes iniciais do poema de Nicolau Gonçalves Ferreira Vianna denominado “Saudação” e dedicado a D. Luís I, Rei de Portugal. Ao todo, são oito estrofes décimas, com redondilhas maiores e esquema de rimas a-b-a-b-c-c-d-e-e-d. A forma traz uma musicalidade bem arrematada que contribui com os sentidos de grandiosidade e severidade do poema.

Alguns nomes e obras funcionam como intertextos fundamentais. A epígrafe, por exemplo, traz um trecho do poema de Fernando Castiço, publicado no *Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*, intitulado “A El-Rei de Portugal” (1858, p. 221-224): “Sê o sol, velho guerreiro,/ Acorda, é dia de jubilos,/ Deslembra passado mal;/ Lá desponta a aurora em brilho:/ Ergue-te, vem ver teu filho,/ A esperança de Portugal!”. A citação é significativa, pois destaca uma produção interna ao grupo (essa autorreferência evidencia a tentativa de canonização dos escritores do Grêmio), ao passo que apresenta o terreno no qual o poema busca se situar, seu mote e com quais imagens e formas dialoga.

Portugal emerge como foco poético, a partir e para o qual a fala se volta, sendo engrandecido por um discurso que se enuncia em um combate. O sentido de luta é

essencial para construção de um sentimento de pertença e, conseqüentemente, orgulho. Afinal, não existe construção identitária sem alteridade; são dois lados de uma mesma moeda. O brado a favor da vitória e da glória portuguesa só fazem sentido se existem, tal como enunciado no poema, aqueles que *difamam* e *blasfemam* contra o país e seu povo.

Adjetivos como *querido*, *lindo*, *potente*, *belo*, *pulcro* e *portento*, assim como as metáforas de *estrela do ocidente*, *sudário da redenção*, *meteoro brilhante*, *guia*, *farol* e *norte* são utilizados, ao longo do poema, na construção de sentimentos para com Portugal. Trata-se de uma fala que vincula política e subjetividade; representação estatal, administrativa, territorial e geográfica, com uma história mítica comum, que associa os indivíduos por meio de ideias de raça e identidade nacional.

O poema é uma fala de saudação ao novo rei, D. Luís, que assume o trono após a surpreendente morte de seu irmão D. Pedro V. Surpreendente, pois, com base nos escritos d'*A Saudade*, expressam-se, na figura desse rei, as expectativas para o projeto de *regeneração* nacional, que, então, sofrem um abalo com sua morte precoce, aos 24 anos e sem filhos, sendo sucedido pelo irmão mais novo. Daí o esforço por direcionar os discursos e projetos, até então criados, para a nova figura real. Esta emerge como representante do coletivo, do português, que aparece, nessas construções discursivas, como o próprio alvo e agente das ações. *Rei* e *povo* se misturam e se complementam por uma fala que reforça os laços de pertencimento. Nas estrofes finais, esse exercício fica evidente:

Se alguém tiver a ousadia
De a lança medir á espada,
Verá que a lusa ufania
Por terra, não é prostrada!
Ante o seu peito valente
Darão um grito fremente,
Agonizante, e profundo!
E verão um povo inteiro
A saudar – Luiz primeiro –
Astro e rei do velho mundo!

Ao throno sendo elevado,
Sem o menor estampido,
Será de estranhos amado,
E do seu povo querido!
Pelo seu genio e talento,
Fará da patria um portento,
Qual Camões nos descreveu;
E o gigante que dormia,
Da campa surgindo um dia,
Mostrará que reviveu!... (VIANNA, 2º anno, 1862, p.

Como defende o historiador medievalista José Mattoso, o rei é figura presente no princípio da formação da identidade nacional, que surge a partir de ações políticas e de exercícios de poder sobre administração de terras. Assim: “Ser português começou por ser o mesmo que vassalo do rei de Portugal, e não por se pertencer a um determinado povo” (MATTOSO, 1998, p. 83). Esse sentido primordial é reelaborado ao longo dos séculos, em especial no século XIX, em que vários símbolos históricos, mitos, lendas, obras e figuras são retramados e significados num processo de, em diálogo com as considerações de Mattoso, expansão da consciência nacional.

O rei é, portanto, um dos símbolos utilizados no processo de construção de um sentimento patriótico e de disseminação da consciência da identidade nacional. A figura real é uma imagem que remete às origens e ao poderio em torno do qual o Estado português se consolida; enfoca o projeto de união no qual o português e o próprio Portugal aparecem enquanto *coletivo singular* (KOSELLECK, 2006, p. 52) em luta.

Os portugueses emigrados no Rio de Janeiro se fazem pertencer, participando discursivamente da luta pela qual não deixam de ser súditos do rei de Portugal. Por isso a fala enfática do eu lírico defendendo que as glórias passadas não estão “sepultadas” no tempo; Portugal ainda é grandioso, *gigante* que irá *ressurgir, acordar*. Assim como os portugueses, os *lusos de hoje* e de *outrora* fazem *inveja* nas demais *nações*. Essas enunciações se posicionam em combate contra aqueles (*nações modernas, falazes baldões*) que esforçam por lhes reservar um lugar de pequenez.

Qual seria a figura que concentra as expectativas e o projeto coletivo no movimento de luta e, conseqüentemente, (re)conquista? O rei. Por isso, não é surpreendente um poema em saudação ao rei se valer do discurso de enfiamento para reforçar o sentido de “nós” e de vitória futura.

A voz do poema se enuncia por seu pertencimento; Portugal é *nossa estrela, nossa grei, nosso guia, nosso farol e norte, que se sorri para nós, que nos infunde valor, que nos diz com força*. Daí o imperativo que, também, cria e se volta para o “nós”, verbalizando a mensagem do poema: *saudemos*.

O poema “Saudação” marca um evento e vê nele a figura na qual o progresso se realizará. A *pátria querida* é produto cultural a partir do qual os portugueses emigrados são capazes de se reconhecer, ainda que habitando uma *terra estrangeira*. Por meio das enunciações afetivas para a pátria, os sujeitos participam das construções literárias e políticas de sua identidade nacional, sentido-se e se fazendo pertencer a ela. Não por acaso, o poema ao rei D. Luís I se aproxima daqueles destinados ao seu antecessor, Pedro

V. Sobre ambos se reúnem as construções patrióticas, simultaneamente, sensíveis e políticas.

Lá rompe a aurora nas praias da Lísia
Tremula nas torres o Luso pendão
Lá brada o clarim – ás armas, oh Lusos...
Lá brada estridente o ferreo canhão!...

Entoem-se hymnos, oh Lusos valentes,
Dissipe-se da idéa destino fatal,
Saudai vosso Rei... o vosso monarca
O Rei, quinto Pedro do meu Portugal!

E vós, os soldados, contentes marchai,
Ao campo da honra depressa correi,
Saudai este dia tão fausto aos Lusos
Prostrai-vos ao joven que hoje é Rei!

Jurai-lhe sinceros filial amizade;
Amai com carinho o pingue torrão
Fecundo e tão fértil em altos heróes!
A patria querida de meu coração! (FERREIRA, v. I, 1855, p.

64).

Estas são as quatro primeiras estrofes do poema de A. da Silva Ferreira “A’ memoravel coroação do novo Rei Lusitano”, sobre a aclamação de Pedro V em 16 de setembro de 1855. A imagem da *pátria querida*, repleta de sentimentos de pertença, união e orgulho, é construída, assim como no poema anterior, a partir de uma fala fundamentada na saudação à figura da realeza. *Rei* e *pátria* emergem, dessa maneira, enquanto símbolos correlacionados; a pátria não existe sem o rei, e o rei não existe sem a pátria, de forma que o sentimento para com um é, também, sentimento para com o outro. As manifestações patrióticas portuguesas do século XIX devem ser pensadas em diálogo com um esforço de manutenção da monarquia, e utilização dela como elemento constituinte da identidade nacional por parte de um grupo emigrado. Um exemplo disso é o uso de nomes de monarcas portugueses para intitular periódicos de emigrados no Rio de Janeiro, como *D. Pedro V* (1871-1873) e *D. Luiz I* (1868-1869). De acordo com as considerações de Glaydes Sabina Ribeiro:

O termo “Pátria” não significava uma sociedade que se reconhecia com uma identidade e cultura próprias, dentro de um espaço único. Era, sim, sinônimo do lugar reservado a determinados “homens bons”, que se reconheciam por nexos de propriedade e de privilégio. Eles extrapolavam nas palavras “Pátria”, “Portugal”, “Brasil” ou “América Portuguesa” as suas individualidades, mundos pessoais, e, acrescentemos, interesses – que faziam passar pelos interesses de todos e pelo bem comum. Designava, desta forma, um espaço comunitário limitado, onde o objeto de lealdade e dignidade, em uma sociedade patriarcal, era o Rei, agora constitucional. (RIBEIRO, 2002, p. 47).

Ou seja, ao invés de tomar as enunciações sobre a pátria e o rei como expressões neutras de um coletivo, ou até mesmo, de uma maioria, é necessário compreender essas composições partindo de um lugar específico que faz de seu projeto um projeto nacional. A proposta em pensar a pátria enquanto *pátria querida* é, justamente, focar a fabricação dos discursos e das imagens voltados para a união nacional, que, porém, emergem de um lugar específico, com intuítos e em diálogo com determinadas questões históricas.

A reflexão em torno dos poemas para os reis portugueses publicados n’*A Saudade* é significativa para essa discussão, pois evidencia os símbolos utilizados na edificação do que é “ser português”, assim como delimitam, também, os “outros”. Dentre as maneiras de dizer o “nós” no poema, encontra-se a própria estrutura poética caracterizada por seis quadras com rimas cruzadas apenas nos segundos e quartos versos, e métrica acentuando as sílabas 2-5-7-10. Essa forma faz da leitura/recitação uma experiência rítmica marcada e marchada, em diálogo com a imagem do interlocutor que, além de português, é enunciado como soldado, reforçando ideais cívicos e patrióticos. Os versos decassílabos podem ser associados a um fazer que funciona como ponto de referência, identificação e legitimação da fala, uma vez que são modos de, na poesia de língua portuguesa, cantar os atos heroicos. Tal como se dá na obra de Camões, *Os Lusíadas*.

As anáforas da primeira estrofe estabelecem a voz poética figurada pelo “nós”. O “lá”, repetindo e introduzindo os versos, enuncia uma distância espacial que caracteriza esses lusos, em especial. Trata-se de um grupo específico de portugueses cujo “aqui”, distante da pátria, os singulariza. Ainda que o discurso ressalte essa diferença, funciona também construindo a semelhança por meio da identidade nacional. O rei une os lusos. Os lusos são lusos porque são, antes, súditos do mesmo rei. Independente de onde estão habitando, consagram-se e honram sua pátria; pertencem a esse coletivo. Daí que o “lá”, que diferencia, seja, por outro lado, aliterado a “luso”, estabelecendo uma conexão sonora entre essas ideias.

Como escreve José Mattoso, é possível perceber no discurso português uma identificação por meio da figura real, no sentido em que: “É pela obediência ao rei que os portugueses se distinguem de todos os outros homens do mundo. É por seguirem a bandeira do seu rei que na batalha se distinguem dos seus inimigos. Sob a sua protecção estão seguros de todos os perigos” (MATTOSO, 1998, p. 12). Essa imagem remonta à mentalidade portuguesa medieval, reelaborada na modernidade, de forma a renovar o símbolo real, inclusive, na construção da identidade nacional. Este é, justamente, um dos exercícios que emergem das folhas d’*A Saudade*.

Uma publicação que estabelece um diálogo frutífero com essas reflexões é “Caracter portuguez”:

Na lucta da nossa independencia em 1640, cahio em poder dos hespanhoes, já sem forças e mui ferido, um cavalleiro portuguez chamado Roque Antunes; e perguntando-lhe elles. – Quem vive? – repondeu com nobre coragem: “Deos e D. João IV, rei de Portugal” prometteram-lhe a vida se um só vez dissesse – viva el-rei D. Filippe, porém, respondeu com toda a presença de espirito: – matai-me, muito embora, que por um tal preço eu não quero a vida.” (CARACTER, v. II, 1856, p. 56).

Espanhóis e portugueses aparecem na narrativa como historicamente inimigos. A conduta do português, figura que representa o seu povo, é forma de enaltecê-lo. Histórias de guerras e cavalarias são recorrentes na fabricação de uma honra nacionalista. As lendas criam sentimentos de orgulho, desejo de pertencimento e um referencial de grupo para os indivíduos. Narrativas sobre momentos significados como marcos de libertação para o coletivo, como é a independência após 60 anos de domínio espanhol sobre Portugal (a denominada União Ibérica), são retomados e retramados no século XIX, renovando os símbolos de guerra e de figuras reais como constituição de elementos sensíveis que estabelecem a pertença identitária portuguesa.

Por que publicar uma narrativa, tal como é “Caracter portuguez”, no jornal da associação de portugueses emigrados no Rio de Janeiro em 1856? Qual a relação da fala com as práticas a partir das quais emerge?

Para problematizar tais questões é necessário compreender que a fala em torno da pátria e do rei é elemento identificador e constitutivo da identidade nacional, como é, também, uma forma de sobrepor o “nós” ao “eu”, ou seja, submeter a pertença do indivíduo à coletividade. Na experiência migratória, esse exercício (fundado no interior da associação) legitima uma *portugalidade oficial*, no sentido de modos de ser que reforçam a identidade e o reconhecimento dela pelo coletivo. Essa *portugalidade* é construída pela participação ao Grêmio, à leitura e escrita do jornal, que aparecem nos discursos como paralelo de uma renúncia à vida em nome da honra à pátria e ao rei, ou seja, tal como Roque Antunes brada sua fidelidade ao seu grupo no século XVII, devem os *lusos de hoje* fazerem o mesmo. O meio? A participação e o incentivo para os projetos que se enunciam como portugueses.

Nesse sentido, não surpreende que o poema de Silva Ferreira se encerre sob a aclamação da descendência: “E vede no jovem Monarcha fiel/ Uma alma creada de fructos ingentes/ A honra da patria, a honra dos Lusos/ A honra do throno de seus

descendentes!” (FERREIRA, v. I, 1855, p. 64). É por descenderem e, assim, terem como referencial moral os *lusos de outrora*, que as bases da identidade portuguesa se edificam. A máximas são: *honra da pátria, honra dos lusos, honra do trono de seus descendentes*. A descendência reforça o paralelismo, para tomar “Caracter portuguez” como exemplo, de D. João IV com D. Pedro V ou D. Luiz I, e de Roque Antunes com cada leitor/escritor, com “eu” que só o é por pertencer, antes, ao “nós”.

Portanto, retomando a reflexão sobre o poema, a alteridade do “nós” (cujo “aqui” é distante do “lá”, da pátria) é evidenciada, assim como sua pertença à identidade nacional. Uma não anula a outra. Ambas as identidades são construídas por essas produções literárias; o português e, a partir deste, o emigrado na sociedade brasileira oitocentista. A identidade nacional aparece, assim, como fundamento para a delimitação do espaço do grupo. A pátria e o rei, gatilhos desse processo criador, ganham tons potentes por aqueles que deles se encontram afastados fisicamente, mas pela via da literatura criam seu vínculo, constituindo seu território.

A figura do soldado é, também, produto da ação ficcional da *pátria querida* operada no jornal. Em uma das “Páginas íntimas” de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, a voz narrativa é, justamente, aquela que atende ao clamor de “morrer em nome da pátria”. Essa figura é símbolo representativo dos discursos pátrios e nele se encontra a imagem do grupo. Assim como ser português é identidade construída a partir dos sentimentos e das falas destinados ao rei (da condição de ser súdito real, súdito da pátria), também, o se fazer pertencer se dá pela ação honrosa e cívica que sobrepõe o “nós” ao “eu”, ao ponto do sacrifício deste em nome daquele:

Houve um dia em que a Patria afflicta e perseguida pelo estrangeiro, gritou com voz plangente – ás armas, meus filhos. Eu habitava no campo. Os eccos longínquos, de valle em valle, de planicie em planicie forão aproximando-se, e chegaram até mim claros e distinctos. Escutei-os com o coração pulsando de prazer. Era chegado o momento em que eu podia provar á Patria o amor que lhe votava do intimo d’alma. Dito e feito. Vamos, disse eu, que importa que as plantas murchem á falta de cuidados e disvelos? Que importa que a terra brote cardos em lugar de flores, se lá ao longe há uma mãe afflicta e desolada que precisa de todos os seus filhos?! Dizião-me os visinhos: Para que te vaes expor a morrer d’uma bala, se podes viver entre nós esquecidos d’aquillo que não diga respeito a Deos, á tua família e ás tuas terras? Calem-se ahi! respondi eu; vocês são uns imbecis e uns egoistas; e bem longe estão de pensar o quanto o amor da Patria póde fazer-nos olvidar de tudo, alem do Creador! (PINTO, v. II, 1856, p. 12).

As “Páginas íntimas”, de Rodrigues Pinto, são, dessa vez, apresentadas para aprofundar as reflexões dos usos sensíveis do termo pátria. A palavra aparece com grande

destaque e como símbolo de um todo; a inicial maiúscula reforça o sentido transcendente que se quer com o seu uso. A *Pátria*, assim como o *Rei*, *Portugal*, e, até mesmo *Deus*, emerge, nesse sentido, como entidade superior e agregadora, sob a qual os sujeitos se submetem, deixando de lado o seu “eu” pessoal (marcado pelo trabalho na própria terra e convivência com a família) e se tornando um “eu” definido por sua pertença ao “nós” nacional, sendo assim súdito e, inclusive, *filho* da pátria.

O texto, utilizando a voz de um soldado português, constrói uma perspectiva que funciona instruindo moral e sensivelmente os sujeitos dentro de uma conduta cívica e ideológica. A pátria *aflita e perseguida* funda uma situação de luta e embate que, para além de um cenário de guerra, pode ser pensado como um conflito intermitente, exigindo a manifestação constante de seus cidadãos. Ser português é amar a pátria a ponto de responder prontamente ao seu chamado. Assim, o *estrangeiro*, figura ameaçadora, mas, simultaneamente, essencial, enquanto “obstáculo” que instiga a projeção e a superação, é alteridade a partir da qual os embates se edificam, criando condições para o fortalecimento das experiências de pertença nacional.

A relação do sujeito enunciado como filho da pátria aponta para uma sensibilidade intrínseca ao uso do termo. A etimologia da palavra é significativa para pensar o sentido de fraternidade. Para Fernando Catroga (2008, p. 13): “o termo [pátria] arrasta consigo uma forte carga afetiva, resultante da sobredeterminação sacro-familiar que o recobre, ancestralidade que tinha o seu ponto nodal no culto dos túmulos”, uma vez se origina do dizer da “terra dos pais”, situando a palavra dentro de um discurso afetivo e de identificação pelas vias da ancestralidade:

É que, se literalmente, ela insinua a presença memorial do “pai” – a “terra dos pais” -, a linguagem mais lírica, afetiva e interpeladora que a exprime metaforiza-a como um corpo moral, mítico e místico, num jogo semântico que, evocando um ato pristino, visa interioriza-la, sobretudo como *mátria*. O que, em simultâneo, transubstancia a “população” numa *fátria de compatriotas*, na qual os “irmãos”, os “patrícios”, são incitados a reconhecerem-se como “filhos da pátria” e, por conseguinte, a aceitarem, em nome da honra e do juramento, o cariz sacrificial do devotamento à “mãe comum de todos” (Cícero). Como lapidarmente cantou Horácio (Odes, 3, 2, 13): “*Dulce et decorum est pro patria mori*”.

De tudo isto decorre uma consequência relevante: será a partir da idéia e do sentimento de pátria que comunidades e grupos narram a história que os identifica (e os constrói) como famílias alargadas e como comunidade étnico-culturais. (CATROGA, 2008, p. 13-14, grifos do autor).

Daí a ideia de que a identidade, assim como a comunidade, é uma construção que se dá pelas vias da sensibilidade. O “se sentir pertencer” é experiência sensível intrínseca

à delimitação de um grupo. Como defende Catroga, esse processo é marcado por uma *interiorização*, na qual os símbolos de união (como o é a pátria) são assimilados pelo indivíduo. O enfoque dessa reflexão não é em torno de uma assimilação racional, e sim afetiva. A ideia de interiorização é cara; é o interior que sente, dele pulsa a pertença e o amor ao grupo. Dessa interiorização dá-se uma *transubstanciação*, no sentido que elementos, então reconhecidos do grupo, adquirem um novo valor marcado por uma carga afetiva: população se torna *irmãos*; o país, *mãe*; o Rei, *pai*. Tal construção evidencia um processo criador histórico, no qual a arte emerge como instrumento humano de construção da realidade, do “eu” e do “nós”, de meios de interiorização dos sentimentos que possibilitam a identificação e, conseqüentemente, a transubstanciação do cotidiano em valores fraternos e cívicos, fazendo da identidade nacional *familias alargadas e comunidades étnico-culturais*.

Caberia perguntar, portanto: como essas reflexões auxiliam no estudo em torno d’*A Saudade* e do Grêmio? A publicação de textos, como o de Rodrigues Pinto, que funcionam interiorizando sentimentos e transubstanciando valores no processo simultâneo de identificação e criação do grupo nacional, evidencia o esforço e o desejo de uma parcela dos portugueses emigrados em ser parte de um coletivo que ultrapasse seu círculo imediato, servindo, ainda, de referência para ele. Ora, o texto não é uma fala a favor de um recrutamento militar em específico, e nem todos os leitores se identificam com a condição de camponês narrada pelo “eu” inicialmente. O que há nesse discurso que vincula os diferentes sujeitos dentro dessa perspectiva, a voz do soldado, é a manifestação de amor e luta a favor da pátria, do símbolo de identificação. Ela é o elo identitário.

O amor à pátria, mote do texto, é uma instrução que se quer interiorizada. A fala do soldado é veículo desse aprendizado. Contra ela aparecem as considerações dos vizinhos, desacreditando o “*Dulce et decorum est pro patria mori*”, para utilizar a expressão de Horácio referenciada por Catroga. O fim do texto reforça o posicionamento ao lado do amor e do morrer pela pátria, uma vez que o soldado retorna repleto de orgulho:

E os meus visinhos! Ficaram com inveja. A minha casa foi respeitada, achei tudo no mesmo estado; era sargento de caçadores, tinha uma fita no peito, ganha no campo da honra.... e era Portuguez!... Está decidido, não ha tributo algum que se compare com aquelle que pagamos defendendo o paiz em que nascemos. E’ por isso que eu gritarei sempre! Viva a Patria!... (PINTO, v. II, 1856, p. 13).

As experiências de guerra que fazem do “eu” um herói, sujeito honroso e admirado, que sacrifica sua vida pessoal em nome da pátria, dos seus *irmãos*, do respeito a sua terra e sua casa, são meios de interiorização dos sentimentos de pertença, amor, não

à sua localidade, mas à sua ancestralidade nacional. Em torno desse sentido que o escrito deve ser pensado em articulação com o jornal, ou seja, como meio de identificação e criação de uma identidade fraterna, uma conduta moral do “ser português”, reforçando os sentimentos afetivos entre os sujeitos. O discurso de “morrer pela pátria”, de “enviar o amor para pátria”, de “honrar a pátria no estrangeiro” são formas pelas quais, no jornal, um espaço é edificado. Um espaço construído com base na ideia de herança e continuidade, de pertença e defesa a uma terra, que faz de cada um herói em luta, soldado em guerra. Por isso, essa figura é marcante nas produções românticas portuguesas, como é caso do poema, de Alexandre Herculano (poeta cuja biografia, também, é marcada pela experiência da emigração), “O Soldado”, cuja análise permite compreender que: “a religião da Pátria apela ao sacrifício da vida em prol da sua liberdade” (BUESCU, 1997, p. 177). Tal clamor é perceptível, também, no poema de José Coelho Lousada, intitulado “Hymno ao Porto”, cujos versos da primeira e quinta estrofes, respectivamente, cantam:

Salve! nobre e antiga cidade,
Salve! povo tão bravo e leal;
Invencível á voz – liberdade
Morrerás pelo teu Portugal!

(...)

Continua, povo valoroso,
No teu nobre e leal proceder,
No trabalho sempre cuidadoso,
Pela gloria tão prompto a morrer! (LOUSADA, v. II, 1856, p. 175).

Nesse poema, Porto é cidade que funciona como símbolo da pátria. Por mais que esse termo não esteja presente no poema, os sentidos que articula, tendo como base as reflexões em torno das publicações até então apresentadas, situa-o ao lado dos discursos constitutivos dos sentimentos patrióticos. Os versos do poema são perpassados por ideais de união, honra, bravura, glória e amor. Além desses elementos que transubstanciam o português em *povo bravo, leal e valoroso*, fortalecendo os sentimentos de pertença, a identificação operada no poema se dá por meio da fala instrutiva sobre o sacrifício pessoal em nome do coletivo.

As máximas patrióticas podem ser percebidas pela estrutura formal do poema, formado por seis quartetos com esquemas de rimas cruzadas em todos os versos, o que faz sua sonoridade compassada e sucinta; uma experiência que se abre para a repetição e a memorização. Como o próprio título anuncia, o poema se quer um hino à cidade do Porto. A musicalidade, as imagens e os sentidos construídos reforçam o exercício

patriótico e identitário, atuando no processo de interiorização de sentimentos de pertença e luta. Como no texto de Rodrigues Pinto, que dá voz ao soldado português, o eu lírico, também, torna bela e envolvente a ação de sacrifício.

As descrições de uma natureza e beleza da pátria estão atreladas ao discurso de morrer por ela, afinal, esse universo mágico e encantador é propriedade daqueles que são seus súditos, herdeiros de seu território. Quanto mais encantador ele é, mais se sente a vontade em provar o amor e lutar por ele.

Além dessas publicações, há uma significativa para essas discussões: o poema de Tomás Ribeiro “A Portugal”. Ele chama a atenção, tanto pelo nome do autor, data, imagens e sonoridades, como intertexto que faz referência a uma outra obra, situando *A Saudade* em diálogo com questões artísticas e políticas próprias de seu contexto, como o romantismo português, no qual Tomás Ribeiro participa como figura notável.

O poema de Tomás Ribeiro publicado na primeira página d’*A Saudade* (algo raro, pois os poemas estão, geralmente ao fim dos números) se encontra logo abaixo do cabeçalho do jornal que, além do título, traz série, ano, número e, em especial, data. Esta revela que a “A Portugal” abre, justamente, a publicação num dia de comemoração da Independência do Brasil. A emancipação é envolta, em periódicos que não carregam a bandeira da identidade portuguesa, de construções sensíveis em torno da identidade nacional brasileira e de antilusitanismo. Nesse sentido, a publicação do poema de Tomás Ribeiro pode ser pensada enquanto forma de resistência, de territorialização do discurso e do grupo. Este se diferencia dos demais, no meio onde vive, por sua origem, sentimento de amor à pátria e desejo de retorno, figurado nos versos para Portugal, que encerram, respectivamente, a primeira e a última estrofes do poema: “sê meu berço final no ultimo somno!” e “Tu... dá-me ao cerrar noite o meu inverno,/ um leito funeral ao somno eterno.” (RIBEIRO, 2º ano, 1862, p. 89-90).

No lugar de uma homenagem ao Brasil e sua glória na conquista da independência, o que seria esperado nessa data, o jornal se volta para Portugal por meio de um poema que se tornou uma das composições mais expoentes de *D. Jaime ou A Dominação de Castela*. Nesse livro, publicado no mesmo ano de “A Portugal” n’*A Saudade*, Tomás Ribeiro critica ideias a favor da união ibérica, faz uso da rivalidade entre portugueses e espanhóis no processo de interiorização da identidade nacional portuguesa, e veicula um discurso produtor de sensibilidade patriótica. Além desses elementos, o prólogo da primeira edição configura um agradecimento e tributo a António Feliciano de Castilho, uma das figuras centrais do campo literário português do período. Assim, é possível

perceber como esse poema está relacionado às questões políticas e artísticas do contexto português da segunda metade do século XIX, assim como, também, é utilizado, tendo em vista sua presença n'*A Saudade*, na construção de um espaço em meio aos embates identitários da sociedade brasileira.

O discurso patriótico do romantismo português ganha nova camada de significação no cenário brasileiro e na imprensa associativista portuguesa: por meio dele, os emigrados fazem parte da identidade nacional portuguesa, encontram um *modus operandi* artístico, reconhecem-se, criam espaços de sociabilidade, significam suas trajetórias de vida e sentimentos.

Em um estudo em torno das representações literárias de Portugal ao longo dos séculos XIX e XX, José Carlos Seabra Pereira situa a obra, *D. Jaime*, e a composição, “A Portugal”, em meio a uma coletânea de escritos que criam, ao passo que falam, Portugal. Em suas palavras:

Importa aqui assinalar que o longo poema narrativo, com um sucesso editorial extraordinário – índice de interesse que só começa a decair significativamente a partir dos alvares do século XX e que vinha premiar a missão cívica de evocar o passado como escarmento e de prevenir visionariamente o futuro (“Perdoai a franqueza de um utopista: o meu livro parece o epílogo de uma história e o prólogo de uma profecia.”, reivindicava Tomás Ribeiro no prólogo à 2ª edição do *D. Jaime*, logo em 1863) –, surge precedido pelo poema lírico “A Portugal”, que pretendia actuar como autêntica abertura de drama sinfónico. Todo ele organizado em redundância semântica e fónico-rítmica, condensando em oitavas de decassílabos predominantemente heroicos os processos de estilo enfático que caracterizarão as estrofes assimétricas e os metros variados da narração, esse poema “A Portugal” é a marca originária da primazia que à exaltação patriótica caberá na estrutura temática do poema narrativo. (PEREIRA, 2007, p. 530).

“A Portugal” é, portanto, poema significativo para a reflexão em torno da construção que identifica o movimento literário português de uma imagem de Portugal em embate (*quem desdenha de ti, mente sem brio*), ancorada num *passado glorioso* (*recorda ao mundo ingrato as priscas eras, em que tu lhe ensinaste a erguer altares, mostra-lhe os esqueletos das galerias que foram descobrir mundos e mares*), de um presente marcado por uma natureza rica e estonteante (que faz de Portugal *jardim da Europa a beira-mar plantado cujo sol o mundo inveja* e a paisagem é cantada com *loiros, acácias, fontes, arroios, torrentes, cerro, jasmims e rosas, prados, montes, pôr do sol, horizontes, messes, pomares, bosques, rosais, campinas, boninas...*) e que vislumbra uma regeneração (*hás de cingir o teu diadema augusto; hás de ser grande!... ou Deus não será justo!*). A exaltação patriótica faz mesclar o discurso de glórias e vitórias com a descrição

sensível e idílica da paisagem, de forma que o eu lírico se apresenta tanto por um perfil melancólico e apaixonado como pela bravura e honraria.

A expressão de amor pela pátria não tem aqui a figura do soldado ou do cidadão entoando um hino e expressando sua prontidão ao sacrifício por sua terra, antes é uma expressão que se quer verdadeira, emergindo do íntimo de um “eu” genial. Este aponta, não apenas para um passado e futuro de glórias, como para um presente encantador. José Carlos Seabra Pereira ainda escreve: “Como abertura lírica do D. Jaime, é a este poema ‘A Portugal’ que cabe destacar também os motes da grandeza histórica e da beleza edénica ou pitoresca como primores supremos de Portugal, ‘jardim da Europa à beiramar plantado’” (PEREIRA, 2007, p. 530). Esse verso se repete no poema; aparece no início da terceira estrofe e no final da décima primeira, reforçando a beleza cantada de Portugal, destacando-o em meio aos demais espaços.

Além dos elementos apontados por Pereira, é instigante para esta análise como a presença do poema n’*A Saudade* indica novos caminhos para as reflexões em torno do discurso patriótico e romântico português e, especialmente, de suas relações com os embates identitários da sociedade brasileira. Para além das questões sobre o anti-iberismo português na construção de uma representação de Portugal, o poema aprofunda o estudo em torno do jornal; quais são seus discursos, as imagens que produz, referenciais e intuítos.

Os elementos prosaicos do poema contribuem para sua narratividade e situam a obra em diálogo com demais fazeres artísticos, possibilitando uma maior exploração da descrição espacial de um Portugal encantado. A pátria, além de gloriosa, com passado encantado e mítico, repleto de figuras e eventos heroicos, é espaço pastoral e campestre, habitado por memórias afetivas da família, infância, adolescência, primeiros amores.

A *pátria querida* é fabricação que faz uso da imagem do Rei como pai e, conseqüentemente, dos súditos como irmãos orgulhosos e dispostos a renunciar a uma glória ou conforto pessoal para ser parte do todo, do espaço partilhado. Pela pátria, portanto, que escritores e leitores do jornal se fazem portugueses, assim como, também, por ela que são emigrados, identificados, especialmente, pelo desejo de retorno. Desejo, também, de fazê-la brilhar, mesmo que fora de suas fronteiras geográficas. Indivíduo e pátria estão entrelaçados nesses textos. Aquele existe enquanto pertencente a um coletivo pela ficcionalização desta.

Seguindo os trilhos dessa discussão (em torno da relação entre indivíduo e pátria na construção de um sentido de orgulho português), salta aos olhos um trecho de uma

publicação d'*A Saudade* sobre a apresentação do violinista e compositor português Francisco de Sá Noronha. Nela, a individualidade do artista dá lugar a sua pertença nacional como forma de engrandecimento do coletivo. Sua glória é sentida como a glória da própria pátria:

Foi uma noite, bem o podemos dizer, de verdadeiro jubilo nacional. Os portuenses nobremente orgulhosos d'um artista nacional, que pela força do genio e do talento soubera honrar no estrangeiro o nome portuguez, não lhe amesquinham provas d'elevada consideração, porque elle depois d'um Bianchi, d'um Sivori, e d'um Saint-Leon, ainda pôde excitar-lhes sensações novas, porque novas impressões lhes fez sentir, callando-lhes no coração harmonias, cujo segredo só conhece o artista inspirado, o genio creador! E na presença d'essa realeza de gênio, d'esse artista que veio matar saudades da patria, trazendo-lhe um nome glorioso feito longe d'ella, mas para honra d'ella: com que ufanía nos diz uma voz íntima quando o vemos arrancar freneticos applausos – *é portuguez?* – (LEAL, v. II, 1856, p. 31).

A utilização, que se dá no texto, de um evento, girando em torno de uma figura individual, como forma de dizer e engrandecer a identidade nacional é estratégia instigante para as reflexões aqui propostas. A apresentação de Francisco de Sá Noronha é narrada como *noite de jubilo nacional*. Esse movimento não é neutro e desinteressado, antes, fabrica politicamente e sensivelmente os elos que sustentam não apenas a identidade nacional, como o grupo português emigrado no Rio de Janeiro.

O texto traça uma conexão que vai do indivíduo para o coletivo; de um português em particular para a pátria. Caberia, portanto, problematizar: Por que publicar algo sobre um evento ocorrido numa outra cidade/país há mais de dez anos (afinal, a data e o local que encerram o texto são “Porto, 1845”) nas folhas d'*A Saudade*? E ainda: Por que focar Francisco de Sá Noronha, em especial? Tais questões apontam para a ideia de que a trajetória de Noronha aparece como a própria trajetória do grupo representado no jornal, pois *soubera honrar no estrangeiro o nome português*.

O violinista é apresentado como exemplo de português que emigrou e construiu uma carreira reconhecida fora de Portugal; uma carreira, aliás, pelas artes. Ele representa a possibilidade de realização das expectativas dos demais sujeitos d'*A Saudade*, de seu projeto de *regeneração*. Noronha aparece como prova viva da possibilidade de sua efetivação, renovando as energias e forças do grupo que por ele se vê representado.

Segundo o *Diccionario biographico de musicos portuguezes* de Ernesto Vieira, Francisco de Sá Noronha, nascido na cidade portuguesa Viana de Castelo e tendo se criado em Guimarães, após ficar órfão aos 15 anos de idade e não encontrando colocação na cidade do Porto, emigra para o Brasil. Ao longo de sua vida se repetem as viagens e

estadias ora em terras portuguesas, ora brasileiras (VIEIRA, 1900, p. 127-135). Nessa mesma biografia, é perceptível sua relação com núcleo português e artístico do Rio de Janeiro, como Reinaldo Carlos Montóro, presidente do Grêmio Literário Português durante a segunda série de publicações d'*A Saudade* (1861-1862), que escreveu o libreto para sua opera "A Beatriz de Portugal".

A publicação faz referência a um concerto que se deu no Porto, de um artista cuja identidade comunica a duas construções fundamentais na delimitação do espaço d'*A Saudade*: o ser português e o ser emigrado no Brasil. A glória desse artista é enaltecida como a glória do grupo que se reconhece nele, sente orgulho e vitória com sua ilustração. Tanto o ser português quanto a condição de emigrado que vai à pátria *matar saudades* são conexões criadas no texto entre o indivíduo e o grupo do jornal.

Nesse sentido, a honra de Noronha é articulada à honra da classe por meio de um uso sensível do termo pátria. O evento, ainda nas palavras de Guerra Leal (v. II, 1856, p. 31): "marca também uma página honrosa para o povo, que sabe apreciar o grande mérito d'um português, que como artista tanta glória dá à sua pátria". As figuras honrosas emergem como símbolos de uma narrativa oficial que perdura por meio da memória coletiva. Daí o fortalecimento à ideia de pertença, uma vez que o "todo" é composto de partes e cada indivíduo sente ser participante desse processo. Tal como escreve Fernando Catroga (2008, p. 14): "Neste horizonte, entende-se que a geografia dos afetos pátrios não seja tanto a traçada pelo determinismo físico, ou pelo império das fronteiras gizadas pelo poder político, mas a cartografada pela interiorização dos sentimentos de pertença". Esses sentimentos são construídos e instruídos nos e pelos discursos pátrios.

Enfim, o que se quer propor com a análise dessas publicações é pensar os escritos como instituidores de um lugar onde se opera a criação da realidade; onde se encontram os embates e as ações ficcionais que constroem, tanto para escritores como para leitores, os sentimentos. O morrer pela pátria é encarado como tributário de um discurso tradicional na literatura que, no século XIX, está em diálogo com as construções das identidades nacionais. No caso d'*A Saudade*, essa identidade é, também, elemento de delimitação do grupo de emigrados, que faz do "nós" um "nós" singular, diferencia-o dos "outros", funcionando como forma de fronteira de seu espaço na sociedade. Sentimentos e identidades são, assim, construídos, tendo como base fazeres artísticos legitimados pela tradição cultural ocidental, e utilizados na edificação do lugar próprio.

A pátria é símbolo que carrega e instrui uma afetividade para com o coletivo, acionando e reformulando a memória compartilhada para o reforço aos laços que fazem

dos sujeitos *irmãos* e *com-patriotas*. O sacrifício em seu nome, a renúncia da vida pessoal pelo trabalho para sua ilustração (como soldado, escritor, violinista ou caixeiro) é um modo de ser, uma performance operada n’*A Saudade*, fronteando seu espaço, definindo o que nele se faz, ou melhor, deve se fazer e sentir para dele pertencer. Como escreve Nancy Huston sobre a constituição ficcional da identidade: “O *nós* instaura e se reforça pela narrativa do passado coletivo, pela memória, ou seja, pelas ficções. O orgulho é o laço, a ligação. Todo *nós* se esforça para ser orgulhoso do que é; é necessário para tranquilidade e a segurança dos *eu* que o compõem” (HUSTON, 2010, p. 67).

Nesse viés, o próximo subcapítulo imerge na discussão da pertença nacional de origem, por meio de publicações que narram e cantam um passado comum e mítico da pátria. Esse passado carrega imagens exemplares e discursos de transformação. A partir dele, compõe-se, numa reelaboração presente, a tradição (que tem um valor de importância e obrigação para os portugueses, em especial, os emigrados). Portanto, esse *passado glorioso* é a referência que singulariza o “ser português” (fazendo, por exemplo, do espanhol sua alteridade), o situa em uma luta histórica e continuada. De forma que, o discurso da decadência atual da *pátria querida* emerge como apelo para a comunhão rumo ao progresso, ou seja, como missão e dever de instrução.

O passado glorioso português: exemplo e apelo para o presente

As discussões deste subcapítulo partem da ideia de que há, nos textos d’*A Saudade*, a fabricação de um *passado glorioso*. Trata-se de um espaço mítico vinculado a um tempo, cuja propriedade é o preterido, é o ter sido, de forma que já não é mais. O discurso imanente ao passado enunciado como *glorioso* fundamenta uma contraposição com o presente, marcado pela falta, simultaneamente base da necessidade de reconquista da glória. O espaço em que esse passado opera é o da pátria, de sua constituição a partir das narrativas de heróis, batalhas e conquistas (no campo militar e cultural). A reutilização de lendas e eventos históricos é um processo de ritualização de signos como caminho na constituição de um espaço comum.

Uma das publicações mais ricas para dar início a essa proposta de análise é o poema de José Coelho Lousada, “A pá d’Aljubarrota”, sendo sua primeira estrofe:

Por S. Jorge a vez primeira
O lusitano bradou;

E a trombeta guerreira
 N'Aljubarrota echoou.
 D'inimigos *trons* as balas
 Rareando nossas alas,
 Davão-lhe maior valor...
 Que não farião soldados
 Fortes já, ainda animados
 Pela crença e pátrio amor? (LOUSADA, v. I, 1855, p. 39).

O evento militar referido é a batalha de 14 de agosto de 1385 no planalto de S. Jorge, próximo à vila da Aljubarrota em Portugal. Este é um marco no imaginário português, simbolizando a consolidação da vitória de D. João I, o primeiro monarca da dinastia de Avis, contra o rei de Castela, D. Juan I, que, também, ambicionava o trono português, após a morte de D. Fernando I. Para além dos dados e informações históricas sobre a batalha d'Aljubarrota, esta é, por meio das narrativas imbricadas ao acontecimento, um mito na constituição do “ser português”. A identidade se forma ao passo que se diferencia da alteridade, o “outro”, no caso, o castelhano, inimigo. Tal como escreve Isabel Allegro de Magalhães (1994, p. 188): “ser português queria dizer antes mais para a nação não ser espanhol: estar aquém d’Espanha”. As fronteiras geográficas e políticas delimitam, também, por meio da ficcionalização, as fronteiras sensíveis e o reconhecimento por pertencer a um e não a outro coletivo. Na segunda estrofe do poema, lê-se:

O sangue tingia a terra,
 O fumo toldava o ar,
 E gritava á guerra! á guerra!
 A trombeta sem cessar.
 De Castella o rei em vista,
 Só tinha a fácil conquista
 Do meu pequeno paiz;
 Que são lusos esquecia
 Esses valentes, que guia
 D. João, Mestre d’Aviz. (LOUSADA, v. I, 1855, p. 39).

Alguns estudos se debruçaram sobre questões em torno do acontecimento, no sentido de investigar o que possivelmente poderia ter acontecido e as justificativas estratégicas e históricas para uma vitória militar portuguesa (MONTEIRO, 2001, 2006). As discussões aqui levantadas, porém, não são dessa natureza. Antes, buscam pensar o texto enquanto o acontecimento em si. O foco em torno da batalha está atrelado ao poema e demais intertextos, tal como a obra de Fernão Lopes²³ (cronista do rei D. João) no século

²³ *Crónica Del Rei Dom João I, de boa memória. Segunda Parte* (1443). A referência a essa obra extrapola o objeto central comum, a batalha de Aljubarrota, e pode ser percebida, inclusive, por meio de expressões utilizadas, tal como a denominação dos castelhanos de *cismáticos*, feito por Fernão Lopes. Como escreve Monteiro (2001, p. 5), além desse cronista, o mito em torno da batalha, passa a se constituir, no século XIV,

XV, para pensar um diálogo sobre o discurso em seu contexto de emergência na literatura da imprensa portuguesa do Rio de Janeiro. Ora, por que retomar e retramar, em forma de canto, a narrativa mitológica desse acontecimento passado em específico? O que esse poema e a batalha de Aljubarrota auxiliam na reflexão em torno do fazer dos portugueses emigrados e sua vivência literária, política e social?

O poema é composto de cinco décimas com versos metrificados num modelo de redondilha maior. Essa estrutura, assim como o sistema de rimas a-b-a-b-c-c-d-e-e-d, apareceu em outros poemas apresentados, como “Ao Gremio Litterario Portuguez” de Faustino Xavier de Novais (1º ano, 1861, p. 82-83) e “Saudação” de N. G. da Silva Ferreira Vianna (2º ano, 1862, p. 46-47). A similaridade na escolha da estrutura poética aponta para um fazer que retoma determinados modelos literários como meio de consagrar uma tradição e instituir as bases referenciais do romantismo.

Nesses poemas, a preocupação em torno do abrilhantamento da identidade portuguesa é o foco central. Portugal e o “ser português” são os centros das imagens, referências históricas e lendárias, assim como da própria sonoridade e estrutura métrica dos versos. Trata-se, portanto, de um conjunto voltado para a fabricação de um sentimento de orgulho e pertencimento. Daí que o poema traga a figura de Brites de Almeida, na terceira estrofe:

Mas assim que os mais ufanos
Começão a recuar,
E', que sete castelhanos
Com a pá pôde prostrar
Brites d'Almeida, a primeira
Que tornou arma guerreira,
Uma pá na sua mão,
E ninguém melhor do qu'ella
Ao orgulho de Castella
Dando tão boa lição... (LOUSADA, v. I, 1855, p. 40).

Cabe lembrar que é parte do projeto romântico português o estudo das lendas populares como material original na constituição de uma literatura própria. Nesse sentido, Aljubarrota e Brites (padeira que, segundo o mito, matou com sua pá e assou sete castelhanos), também, estão presentes, por exemplo, na obra de Alexandre Herculano, “A Abóboda (1401)”, parte do primeiro tomo de *Lendas e Narrativas* (1877, p. 288-289), publicado pela primeira vez em 1851. Nas palavras de Antonio José Saraiva (1984-1985, p. 109): “A padreira de Aljubarrota é, possivelmente, o melhor símbolo do espírito

por meio das narrativas do cronista do Rei de Castela, Pero Lopez de Ayala (*Crónica de Don Juan Primero*, 1385), e do cronista francês Jean Froissart (*Chroniques*, 1356-1388).

guerreiro português”. Essas narrativas de constituição de um sentimento e identidade nacionalistas são retramadas no processo de manifestação literária que fabrica o “eu” e o “nós”. Figuras históricas (entre heróis, reis e escritores) aparecem como instrumentos simbólicos a partir dos quais os portugueses emigrados reforçam sua pertença à terra de origem e constituem seu lugar próprio ao passo que relembram narrativas míticas de seu “ser português”.

O poema publicado n’*A Saudade* utiliza da diferenciação com os castelhanos na territorialização do seu espaço. Trata-se de fronteiras políticas e identitárias que atribuem espacialidade para grupo. A *pátria querida* não é a Espanha, é Portugal, motivo de orgulho para esses sujeitos. Orgulho pelo passado e pelo território conquistados. O fechamento do poema vem, nesse sentido, pelos versos:

Em signal do vencimento
D. João Primeiro quiz
Que s’erguesse um monumento,
Gloria de nosso paiz,
E ainda hoje se nota
Na villa d’Aljubarrota,
Essa pá que tanta vez,
Depois de centenas d’annos,
Faz corar os castelhanos
E sorrir o portuguez! (LOUSADA, v. I, 1855, p. 40).

É justamente o orgulho vinculado à memória coletiva que aparece como mensagem das publicações d’*A Saudade*. O motivo para cantar essas narrativas, engrandecer eventos e mitos passados que constituíram o Estado e a identidade portuguesa, agora, num contexto de exílio, pode ser pensando enquanto edificação de um lugar próprio. A identidade coletiva é forjada ficcionalmente de forma que a retomada de narrativas patrióticas singulariza e fronteira o grupo conterrâneo, permite-lhe se reconhecer.

D. João I é um rei que remete às construções da identidade portuguesa desde o século XIV, sendo Fernão Lopes (historiador português do século XV) um dos primeiros a narrar histórias em torno de sua figura em tons épicos, de batalhas vitoriosas e marcos de independência e autonomia portuguesa quando esta esteve ameaçada pela unificação com Castela. De acordo com Adriana Zierer (2014), mesmo não sendo herdeiro legítimo, é na figura de D. João que se reúne a resistência contra as possibilidades de Portugal “ficar nas mãos” do reino vizinho, pois após a morte de D. Fernando, sua única herdeira (D. Beatriz) era casada com o rei de Castela (D. Juan). D. João, meio irmão de D. Fernando, é filho ilegítimo de D. Pedro. Ainda assim, passa a ser representante de um grupo que luta

contra a união com Castela e por isso foi, posteriormente, simbolizado enquanto representante de batalhas em nome da identidade portuguesa, e sua estigma de ilegitimidade desconstruída. Essa fabricação narrativa está vinculada a um esforço ideológico de constituição de uma sensibilidade nacionalista, também, calcada na diferenciação com os castelhanos. A Batalha de Aljubarrota participa do processo de construção de uma imagem e um discurso em torno da identidade portuguesa; ela é significada enquanto evento grandioso e faz da identidade espanhola sua alteridade. Como escreve Adriana Zierer:

Um segundo e crucial embate vencido por Portugal é a Batalha de Aljubarrota (1385). Neste momento, o Mestre de Avis já havia sido coroado como rei e consegue a vitória contra os inimigos apesar da inferioridade numérica do seu exército, composto por cerca de seis mil e quinhentos homens, enquanto o exército castelhano possuía trinta mil contingentes. Este fato, também descrito na crônica como um verdadeiro “milagre” coroa a “eleição divina” de D. João e pode ser entendido como a “consagração absoluta e carismática da nova realeza” (ZIERER, 2014, p. 54).

A batalha de Aljubarrota é narrada como meio discursivo de legitimação de D. João I como rei representante do povo português e eleito, inclusive, por vontade divina. Essas questões históricas aparecem nas construções do século XIX, como forma de atualização, ou ainda, ritualização da identidade portuguesa; como meio de enunciação e prática de uma *portugalidade* oficial. Para ser português, ou seja, ser reconhecido como português, principalmente em um contexto de emigração, espera-se, de cada um, participação no lembrar (antes, um fabricar) conjunto o *passado glorioso*. Sobre as narrativas de formação da nação (compartilhadas por aqueles que se reconhecem como parte de uma mesma *comunidade imaginada*), Stuart Hall (2006, p. 52) escreve: “Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte”. Retomar narrativas e figuras históricas, por meio de um discurso patriótico, faz os sentimentos de valorização dos signos da pertença nacional fervilharem de emoção. E assim, o espaço próprio do coletivo é legitimado e fronteado por uma ordem sensível: o orgulho.

Se elles tiveram os Scipiões, Brutos, Camillos e os Cesares, nós tivemos Viriato que pôde escurecer a sua memória; porque as águias romanas tendo vencido e avassallado muitos povos, aspirando o dominio universal, recuarão vergonhosamente, diante desse memorado Lusitano!... Poderemos inda demonstrar em factos mais modernos: a batalha dos Atoleiros é um dos quadros mais heroicos que nos apresenta a historia: uma força maior de trinta mil hespanhoes se batem contra seis mil Portuguezes! E depois de um renhido combate, e disputada

victoria, os hespanhoes tendo obtido tanta vantagem no numero, perderão-na no esforço, porque abandonarão o campo ficando derrotados completamente!... E as sempre respeitosas quinas lusitanas tremularão em breve, soberbas e arrogantes por cima de todas as fortalezas, como signal de um triumpho que acabava de assegurar a Liberdade do povo Portuguez!... (MACHADO, v. I, 1855, p. 113).

Manoel Leite Machado é um dos principais redatores da primeira série d'*A Saudade* e é autor da coluna “Fragmento de Mitologia”, que traz discussões com referências históricas, mitológicas e filosóficas, elencando um nome enquanto *divindade* a ser discutida. “Liberdade”, do qual o trecho faz parte, é uma das mencionadas *divindades* e fecha um conjunto de textos publicados na coluna. Além dela, Manoel Leite Machado, escreve sobre Amizade e Amor, Virtude, Morte, Sono, Fortuna, Pobreza e Riqueza, Honra, Verdade, Lei, Destino e Esperança. É instigante pensar como essas articulações estabelecem a identidade e literatura portuguesa enquanto herdeira da cultura ocidental. A mitologia emerge como inspiração literária, assim como herança instrutiva com forte ímpeto de conservação e valorização, remontando às narrativas e símbolos de origem do “ser português”. Para Amílcar Guerra (2010, p. 82), a história portuguesa: “assume geralmente a nossa condição de herdeiros de uma realidade histórica que remontaria ao mundo pré-romano e cujo vínculo ao território português os próprios autores clássicos supostamente confirmariam”.

Segundo a historiografia e mitologia nacionalista portuguesa, Viriato, figura em destaque no texto de Leite Machado, foi um expoente líder militar dos povos lusitanos, que viveram entre os rios Douro e Tejo, no período pré-romano. Ao longo dos séculos, esses povos passaram a ser significados como antepassados dos portugueses. Essas considerações parecem ter respaldo na relação geográfica, ainda que elementos históricos, arqueológicos e antropológicos apontem para a multiplicidade cultural desses povos e a presença de outros no território onde hoje é Portugal (LUPI, 2001, p. 16). A escolha desse povo, em específico, enquanto símbolo da identidade portuguesa, tornada sinônimo da identidade lusa, dá-se em decorrência das narrativas de resistência contra o domínio romano (LUPI, 2001, p. 24). Daí que Leite Machado escreva, em tons épicos, a defesa do povo lusitano de *seu abençoado e querido torrão*, chegando *várias vezes a ameaçar a própria Roma* e, inclusive, fazendo suas tropas recuarem *vergonhosamente*. Esta é uma ação de luta guerreira, de sacrifício em nome do território e de diferenciação da alteridade (no caso, romana), que funda o conceito de liberdade, mote do discurso veiculado no jornal. Viriato (181-139 a. C.) é figura central dessa narrativa, legitimada pelo discurso

mitológico, de pertencimento que faz do “ser português” sinônimo de liberdade. Nas palavras de João Lupi:

[Viriato] simboliza sim a identidade que diferencia os portugueses dos povos aparentados, reforça o desejo de autonomia, e o valor (guerreiro), e aponta inclusive, com a sua recusa a identificar-se com as terras a leste, para uma realização dos portugueses como nação no sentido oeste, ou seja, para o Oceano. Viriato faz mais parte da mitologia e do panteão nacionalista do que da História de Portugal. (LUPI, 2001, p. 25).

Nesse sentido, a menção a Viriato se dá articulando sentidos mitológicos que constituem uma narrativa identitária de origem. O passado pré-romano é parte do *passado glorioso* português à medida que o discurso o constitui como ponto inicial da memória e história da pátria, ou ainda, como escreve Stuart Hall, enquanto *mito fundacional*, uma das narrativas da cultura nacional: “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’” (HALL, 2006, p. 54-55).

A primeira aparição de Viriato no processo ficcional de mitificação de um *passado glorioso*, com base nas considerações de Carlos Fabião e Amílcar Guerra, dá-se na obra de 1344, *Crónica Geral de Espanha*, enquanto herói em destaque na resistência hispânica frente ao conquistador romano, de forma que, o *processo de aporuguesamento* dessa personagem seria percebido no século XVI, com André de Resende (FABIÃO, GUERRA, 1998, p. 41). A partir de então, a associação identitária entre os povos lusitanos e o povo português passa a se constituir na narrativa de origem, fundada numa resistência brava e heroica, herança para o presente e futuro. Essa associação é, inclusive, a base do neologismo *lusíada* utilizado por Camões.

Viriato é, assim, tal como a padeira Brites de Almeida, personagem do processo de criação do *passado glorioso* como forma de constituição do espaço da *pátria querida*. É, ainda, figura presente em obras do cânone literário português como, por exemplo, *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões (1572), *Viriato Trágico* de Brás Garcia Mascarenhas (1699) e *Mensagem* de Fernando Pessoa (1934). Além dessas obras, o próprio autor do texto publicado n’*A Saudade*, Manoel Leite Machado, possui uma peça denominada *Os Lusitanos*, em que a figura histórica de Viriato é personagem em destaque.

A referida obra de Leite Machado é uma peça teatral, publicada no Rio de Janeiro em 1860, cujas falas estão dispostas em versos. O drama encena a lendária vitória dos lusitanos contra os romanos, guiados por Viriato. Este desponta como líder militar, orgulhoso de seu grupo e representando o movimento de resistência contra o jugo romano.

O desenvolvimento da história se dá na tentativa de vingança romana e por fim, a traição de Dictalião, que assassina Viriato. Curio, tenente lusitano, é culpado pelo crime e sentenciado à morte. A resolução do embate se concentra na figura de Osmia, filha de Viriato que, após a fuga do cativo romano, prova a traição de Dictalião e inocência de Curio. O texto é repleto de construções sentimentais e identitárias em torno da pátria, veiculando ideias de morte e amor por ela, pertencimento, defesa da terra e, principalmente, liberdade.

Nessa composição, ser livre é viver na e pela pátria, e ser lusitano é ser *herói da liberdade* (MACHADO, 1860, p. 81), portanto, é ser parte de um coletivo vinculado pelo espaço em que vive. O discurso patriótico faz parte da ação de elevar a consciência coletiva acima da individual. Mais vale a vitória e progresso do corpo coletivo do que a vida individual. Esse discurso no século XIX, em especial, por meio de publicação de portugueses emigrados e distantes da pátria, está vinculado a um processo sensível de se fazer parte do grupo nacional, compreendendo que ele possui uma história heroica conhecida e continuada mesmo por aqueles que tiveram que partir. Antes de morrer, Viriato, pela pena de Manoel Leite Machado, declara: “Oh! minha patria... ó liberdade amiga.../ Enquanto viver, viverás comigo/ Porém inda depois, querida patria/ Tu reconquistarás os teus direitos/ A’ custa de combates e fadigas...” (MACHADO, 1860, p. 68-69). E mesmo morto, a pátria lusitana se torna a *pátria dos Viriatos* (MACHADO, 1860, p. 82).

A recorrência da referência a essa personagem mitológica demonstra o esforço sempre reatualizado de utilização de símbolos tradicionais na constituição do “nós” nacional, colocando novas camadas de significação, de acordo com o contexto histórico e cultural de emergência, sobre lendas, heróis, monumentos. *A Saudade* se insere nesse fazer, participando do conjunto de obras significativas desse processo constitutivo.

No século XIX, as questões em torno da nacionalidade estão em ebulição num momento de transformações políticas e administrativas, assim como questionamento em torno da autoridade e poderio português. Na segunda metade do Oitocentos, inclusive, o português não é mais compatriota ou colono, antes, o estrangeiro na terra em que algumas décadas antes era o centro administrativo do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A necessidade de reafirmação do valor do português, lembrando e recontando as histórias do *passado glorioso*, é meio de fundação de brio e orgulho vinculado à identidade. Esta, assim alimentada, fomenta a força de seu coletivo de acordo com um projeto comum, que além de estabelecer um acolhimento social aos indivíduos, visa uma

meta de *regeneração* para o todo. Nesses discursos, quem é esse todo? *A pátria querida*, uma pátria que se carrega no peito e na pena, e se faz presente mesmo com um oceano separando seu súdito de suas fronteiras. Pertencer, lembrar e recontar são ações em conjunto na literatura da imprensa portuguesa oitocentista.

Manoel Leite Machado estabelece um salto temporal na menção de elementos que encaminham sua narrativa sobre a liberdade, uma vez que cita Viriato e depois a Batalha dos Atoleiros (parte das batalhas vitoriosas portuguesas no período da crise dinástica de 1383-1385), sendo esta caracterizada como um dos *quadros mais heroicos que nos apresenta a história* e reforçando a identidade portuguesa a partir da diferenciação e vitória sobre os espanhóis. Ambos os referenciais confluem na construção do *passado glorioso*, tal como uma costura que traz pontos e elementos distintos na composição de um todo coeso. Esse passado precisa de início, eventos, lutas vitoriosas, conflitos, inimigos e heróis para operar como mensagem significativa para o presente. Por isso, é ele a sutura que interliga os eventos na narrativa, através da qual se fabrica sentimentos de pertença, orgulho, saudade e missão para se fazer, enquanto corpo coletivo, um novo momento de glórias para a pátria.

Problematizando a figura de Viriato no discurso literário e histórico português, Amílcar Guerra e Carlos Fabião (1992, p. 17) afirmam: “É verdadeiramente quando a independência nacional periga e os sentimentos patrióticos se impõem como imperativo de cidadania que os vestustos ‘antepassados’ são invocados”. Esse perigo aparece na fala de Manoel Leite Machado no texto publicado n’*A Saudade* sob a metáfora da tirania e da sujeição: “A Liberdade, tornamos a dizer, é o único conforto dos infelizes dominados pela despótica lei de um senhor absoluto”, e ainda: “todo o bom filho amante da sua patria, não porá duvida em derramar o seu sangue, para liberta-la da escravidão” (MACHADO, v. I, 1855, p. 113). Como ensinamento proveniente do *passado glorioso*, as lendas míticas da pátria preparam, no presente das enunciações, uma reviravolta. Ensino para uma luta que deve ser travada bravamente. A literatura e a imprensa aparecem, em paralelo com as próprias imagens de batalhas vitoriosas, como as novas armas do *povo lusitano*, como meio de rompimento de um jugo, então figurado como *obscurantismo*, ou ainda, *decadência*.

Já não são as conquistas nem os combates que elles querem, não por que sua bravura todas as nações conhecem. Agora é a agricultura, são as artes, as sciencias e a litteratura que apparecem para sermos mais felizes. Olhai para esses reinados que se seguiram ao ultimo episodio de nossa gloria guerreira, e vereis como em Portugal tudo se desenvolve.

O reinado do immortal D. José, coadjuvado pelo sabio Marquez de Pombal foi um dos da nossa riqueza invejada pela nações estrangeiras, ainda mesmo por aquellas que nos olharam com indifferença.

Pombal creou companhias com grandes fundos para augementar a lavoura e o commercio; animou a navegação de uma forma, que fez de Lisbôa o empório das riquezas orientaes, elle afrontou o orgulho inglez, que já principiara a disputar a Portugal o que não pertencia a Inglaterra; mais que tudo elle castigou os grandes fidalgos inimigos da Corôa; e banio uma instituição, que a todas as nações ia sendo fatal.

(...)

O que resta pois de todo esse esplendor?!...

Raro vislumbre de nossa passada gloria! (VICTORINO, v. III, 1856, p. 76).

Esse trecho faz parte do texto de Semeão Pinto Victorino, “O que resta?..”. Ele é significativo para as reflexões em torno do *passado glorioso* da pátria e da relação dessa fabricação com a própria constituição de um espaço político e artístico para os portugueses emigrados. A extensão do texto, na íntegra, ocupa grande parte do número do jornal. As temáticas nele abordadas relembram elementos de uma memória coletiva nacional; façanhas, batalhas, conquistas, marcos de emancipação política e diferenciação com a Espanha. Nesse sentido, o título emerge com uma força apelativa, tal como se esse mesmo *passado glorioso* narrado se personificasse e estivesse a indagar cada português: *o que resta?* Ou ainda: “o que vocês têm feito pela manutenção desta história de bravura e progresso?”. O passado vem pressionar o presente, cobrá-lo, pelas palavras de Victorino.

O texto trabalha com elementos preestabelecidos de um *passado glorioso* português, tomando-o como base comparativa ideal para o presente. Não apenas o reinado de D. José, mas também, são narrados: a conquista da independência, a batalha de Aljubarrota, períodos de expansionismo marítimo e colonização, assim como de luta contra o fim da União Ibérica. Esse tipo de discurso constrói o passado sob determinadas máximas (heroicas, fundamentalmente) e faz uso dele como afronta à realidade. Isso é meio de mobilização de um sentimento patriótico. A pergunta “o que resta desta passada gloria?” faz vibrar no interior dos portugueses um desejo de ação e continuação. A resposta a tal questionamento que fecha o texto, *raro vislumbre*, soa como um apelo para o “despertar” dos portugueses de seu *difuso dormir*.

Chama a atenção a aproximação do texto de Semeão Pinto Victorino de um publicado na *Revista Universal Lisbonense* por Alexandre Herculano, em 9 de dezembro de 1847, e intitulado “Futuro Litterario de Portugal e do Brazil”. Trata-se de uma crítica literária decorrente da leitura dos *Primeiros Cantos*, de Golçaves Dias, que, porém, parte

de uma condenação, fundada na ideia de *decadência*, à própria condição portuguesa, em especial, nas artes. O terceiro parágrafo do texto de Herculano é repleto de perguntas que se iniciam com a expressão “que é feito”. Nessa composição, toma forma a ideia de uma perda, no presente, de ações intelectuais. Em suas palavras: “Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso: de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta?” (HERCULANO, n. 1, 1847, p. 5).

O que resta: a pergunta que marca o discurso incomodado com o presente literário e ancorado num *passado glorioso*. Alexandre Herculano é uma referência para *A Saudade*. A aproximação entre ambos os textos evidencia uma base de pensamento sobre a qual o Grêmio constitui seu discurso. Base essa romântica. Segundo o *Dicionário do Romantismo Literário Português*: “O mal-estar romântico, vago ou objectivado, radica-se, pois, em parte, nesta tensão não superada entre os murmúrios do passado e a vontade de futuro” (BUESCU, 1997, p. 174).

Cabe ressaltar que seja um período pré-romano, medieval, de independência ou início do romantismo, os momentos que ganham uma espacialidade especial são retramados de forma tão ideal, no discurso da *decadência*, que seria impossível, tal como escreve José Mattoso, não ver no presente uma condição desoladora:

Com efeito, a ideia de “decadência” que viria a tornar-se uma verdadeira obsessão da história nacional, pelo menos desde meados do mesmo século [XIX], resulta em grande parte de se ter interiorizada a ideia de que o passado nacional havia alcançado dimensões de tal modo sobre-humanas que qualquer confrontação com a realidade presente teria de ser necessariamente desoladora. (MATTOSO, 1998, p. 36-37).

Essa desolação, porém, é importante, no sentido que instiga sentimentos e ações patrióticas. Os conceitos de *liberdade* e *glória*, por exemplo, estão imbricados na narrativa de Victorino. Ser livre é ser reconhecido como independente, autônomo, parte de um grande povo e de uma pátria de história e projetos de bravura. Porém, essa bravura não se manifesta mais pelas batalhas e conquistas marítimas e militares, como se deu anteriormente. O presente impõe novas armas e novos meios de conquista. Esta se dá, antes, pela *agricultura, artes, ciências e literaturas*: as novas formas pelas quais se trava a luta pela liberdade.

O período do governo do Marques de Pombal, tal como Aljubarrota, ou as vitórias de Viriato e de reconquista da independência perante Castela ganham tons de grandiosidade e de *progresso* na narrativa de um passado de esplendor que deve ser tomado como herança. Eis a proposta que perpassa o texto: a superação de um período

em que a glória apenas habita o passado. O *passado glorioso* emerge como modelo para uma missão que cada português carrega; é, portanto, exemplo a ser seguido, história a ser continuada. Daí que *decadência* e *progresso* sejam dois lados de uma mesma moeda discursiva. Ainda nas palavras de José Mattoso:

Os escritos e reflexões sobre a chamada “decadência nacional” intensificaram-se, como se sabe, com a “Geração de 70”. Mas os autores desta época não se limitaram a tentar explicá-la e a propor remédios para a combater. Procuraram também compreender a Nação, definir e explicar as suas características, nomeadamente por meio de estudos sobre as origens do povo português e a averiguação exacta da sua história, propor-lhe metas e objectivos a alcançar, colaborar na sua edificação, apontar os caminhos através dos quais ela podia regenerar-se ou adaptar-se ao mundo moderno, servindo-se para isso de processos intelectuais, como a averiguação exacta da história portuguesa, ou de meios mais realistas como o desenvolvimento dos transportes e a industrialização.

(...) Entre 1870 e 1890 dera-se a difusão da imprensa jornalística e a multiplicação das escolas. O número de portugueses capazes de captar a consciência da identidade nacional e de assumir como um valor os interesses da Pátria tornou-se conseqüentemente muito maior. (MATTOSO, 1998, p. 37-38).

O discurso da *decadência* é base para a consolidação de um ideal de *progresso*. O *passado glorioso*, construído coletivamente, engrandecido e legitimado na mentalidade cultural portuguesa, dá suporte para o projeto de *regeneração*. A imprensa tem um papel fundamental nesse processo e, como a análise d’*A Saudade* permite compreender, os emigrados são agentes ativos de criação de um horizonte utópico, a partir de signos tradicionais da história mítica da *pátria querida*.

Portanto, antes de ser pensada num sentido material²⁴, a *decadência* é compreendida enquanto discurso que reúne os indivíduos. Estes se reconhecem por partilharem uma mesma ancestralidade, enaltecida na literatura, nas lendas populares, na imprensa e nas escolas como tempos de glória, exemplos para o presente. Ela não se restringe às publicações vinculadas à identidade portuguesa, antes, é um modo vazado pelo próprio estilo romântico que mistura composições idealistas do passado e do futuro. Nas palavras de Elias Thomé Saliba (2003, p. 65): “Esta autêntica idolatria do tempo e da história, ainda que sob uma forma retrospectiva de idealização do passado, constitui uma

²⁴ Esta análise propõe uma abordagem da *decadência* enquanto elemento discursivo de composição da realidade. Cabe ressaltar a existência de estudos que enfocam elementos econômicos definidores de um contexto de instabilidade e fragilidade em Portugal no século XIX, tal como o analfabetismo, a falta de desenvolvimento tecnológico, a subordinação à Inglaterra, a ausência de oportunidades no campo, o exôdo rural e, conseqüentemente, a emigração. Porém, se esse quadro é designado como *decadência* é porque existe um outro (melhor ou ideal) que serve de comparativo. É sobre esse exercício nominativo que essas reflexões buscam focar.

resposta utópica às exigências de um mundo onde as fronteiras entre o possível e o impossível estavam definitivamente franqueadas”. Ou seja, a literatura, em especial a romântica no contexto do século XIX, é válvula de escape contra um mundo que aparece cada vez mais técnico. Resistindo contra os sentimentos de vazio e perda de referências afetivos e tradicionais, que se potencializam no exílio, a resposta utópica vem pela fabricação de um passado ideal como matriz para um quadro futuro da pátria. Ou tal como escreve Alfredo Bosi:

O sujeito do discurso romântico e, por extensão, moderno, parece só ter condições de subsistir quando se lança em alguma dimensão temporal: no passado da poesia nostálgica, no futuro da poesia utópica. Mas fechado na sua imanência, e na medida em que a Natureza deixou de ser a sua grande testemunha, ele cai na angústia da finitude, e as suas figuras descolam do mito da queda. (BOSI, 2011, p. 248).

O interessante é pensar como essas duas dimensões temporais aparecem atreladas: o passado nostálgico não é enunciado dissociado de um futuro utópico. Ambos operam conjuntamente. Daí que o *mito da queda*, ou ainda, a ideia da *decadência*, seja o elemento que ligue essas duas dimensões. Como escreve Stuart Hall:

[o discurso da cultura nacional] se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2006, p. 56).

A missão instrutiva ganha maior fevor e objetivo pelo *passado glorioso*. Esse quadro mostra uma pátria, no presente, ameaçada. “O que resta?..”, retomando as reflexões em torno do texto, nos permite problematizar como a luta travada n’*A Saudade* indica que os portugueses se vêm *obscurecidos* não apenas enquanto estrangeiros na sociedade brasileira, mas enquanto Nação. Esta tem como comparativo um passado de glórias fabricado ao longo dos séculos pelas diferentes áreas do conhecimento. A *regeneração* que se espera da identidade portuguesa é a regeneração da pátria. Não mais por meio de descobrimentos terrestres e batalhas. As armas desse processo são, em especial, as letras.

Uma das figuras chaves para se pensar o processo de *regeneração* por meio da instrução, tendo como base a reconstrução do *passado glorioso*, é o escritor Francisco Gonçalves Braga. Este é um dos colaboradores d’*A Saudade* que rompeu a espacialidade

que se enuncia marcada pela *obscuridade*. Mesmo sendo português emigrado, sem formação acadêmica e trabalhador no comércio, Braga se torna exemplo para sua *classe*, enquanto nome que conquista um maior trânsito entre os periódicos e passa a ser alvo de reconhecimento da crítica literária na década de 1850, e, ainda mais, após sua morte aos vinte e quatro anos em 1860. Uma de suas publicações n’*A Saudade* potencializa essas discussões. Trata-se do poema “Portugal”, de seu livro *Tentativas Poéticas*, cujo trecho inicial é:

Bem sei que dormes, mas é tempo: - acorda!
Faz ver ao mundo que a dormir descanças;
E’ morte o somno? – Diz que não: - recorda
Teu grande nome, que o teu brilho alcanças!

Recorda ao mundo os lusitanos feitos
Nas grandes eras das nações guerreiras;
Recorda os lusos a vencer affeitos,
Nas lutas sempre a conquistar bandeiras! –

Recorda um povo, que recorda ufano
Do luso reino triumphaes victorias,
Qu’inda excediam ao poder humano,
Ganhando um nome d’immortaes memorias! –

(BRAGA, v. II, 1856, p. 183).

O poema de Francisco Gonçalves Braga apresenta, tal como o texto de Semeão Pinto Victorino, a metáfora de um Portugal que dorme, porém com a potência de acordar. O acordar que se espera é acompanhado de uma ação de lembrança, de um *recordar ao mundo os lusitanos feitos*. O imperativo desse ato de memória se volta para o grupo pátrio e se faz materializar pela produção literária. Recordar é, nesse sentido, narrar e cantar. A relação entre um dormir e uma necessidade, ou melhor, missão em despertar implica a ideia de que o discurso da *decadência* é meio de engajamento da identidade nacional, encontrando nas vias das letras o caminho para a notabilidade do grupo.

As estrofes fundam um comparativo entre passado (de *triumfais vitórias*) e presente (de *dormir profundo*). O “acordar” ganha sentido, portanto, de retomada dos grandes feitos. A sequência do longo poema canta um “desfile” de nomes que compõem o *passado glorioso*. O poema de Gonçalves Braga canta estrofes dedicadas a figuras militares recorrentes na edificação da espacialidade idealizada do passado da pátria, como: Viriato, Dom Egas Moniz, Lourenço Viegas, Dom Paio Peres, Martin Moniz, Geraldo sem Pavor, Fuas Roupinho, Martin de Freitas, Afonso de Albuquerque, Magriço, Dom Nuno Alvares; os reis Afonso Henriques, Dom Manoel, Dom Pedro, Afonso Quinto, Dom João Primeiro e Dom Sebastião. Além desses, são referenciados os

navegadores Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral. Ao fim, o nome sustentador da existência de todos é o de Camões, encerrando e arrematando todo o “desfile” de figuras do *passado glorioso* português num fecho que sintetiza a mensagem de instrução literária.

D’Heroes que teve tão leaes, e tantos,
Hoje o que resta? Funeraes padrões: –
Somente um vate nos divinos cantos,
A vida a todos restitue: – Camões. – (BRAGA, v. II, 1856, p. 192).

É instigante pensar a construção de um entendimento de reverência aos feitos militares do passado, bem como os “descobrimientos” enquanto marcos de um período histórico em que Portugal se despontava em relação às demais nações, e, ao fim, é valorizado pela figura do poeta. O sentido de missão e ilustração vinculado ao fazer literário é reforçado nesse encadeamento.

O agradecimento do jornal à oferta do poema, bem como sua extensão, habilidade e conhecimentos (históricos, literários e mitológicos) apontam para a singularidade da autoria. Ao fim, lê-se a seguinte nota: “Agradecemos ao Illm. Sr. Francisco Gonsalves Braga, autor da excellente poesia – Portugal – a oferta que nos fez della para a *Saudade*, pedindo-lhe que queira continuar a honrar-nos com as suas producções” (BRAGA, v. II, 1856, p. 183).

Francisco Gonçalves Braga, assim como demais escritores d’*A Saudade*, é português emigrado “Baldo de toda a educação litteraria, pois que de mui tenra idade se havia applicado á carreira comercial” e, ainda assim, buscava “rehabilitar-se pelo estudo, e preencher por esse meio o immenso vacuo que sentiam, já que não haviam tido a dita dos nobilitados da fortuna, nem alisado como elles os bancos de uma academia” (PEREIRA, 1º anno, 1861, p. 85). Esses trechos fazem parte de um texto (publicado no número 11, continuando os números 8, 9, e sendo continuado nos 16, 18 do primeiro ano da segunda série d’*A Saudade*) intitulado “Poesias de Francisco Gonçalves Braga”, de V. dos Santos Pereira, dedicado a Braga num período posterior a sua morte.

O texto de Pereira parte de autores canonizados do romantismo brasileiro, como Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire etc., para inserir Francisco Gonçalves Braga como parte desse conjunto, sendo, ainda, continuador desses autores. É instigante pensar que há, nesse exercício biográfico e valoriativo, o esforço em introduzir um português dentro de uma série de autores brasileiros consagrados. O próprio ato de memória se torna, nesse viés, uma apropriação

de poder. O próprio Gonçalves Braga é transmutado em padrão que o português emigrado funda dentro do espaço da literatura brasileira.

O referido texto é um dentre demais publicações d'*A Saudade* que evidenciam um exercício de memória, tributo e valorização para com Gonçalves Braga. Afinal, o autor é um dos membros do Grêmio com reconhecimento social e artístico. Seu falecimento, em 1860, acontece justamente um ano antes d'*A Saudade* ressurgir sob nova série, e dois anos após a publicação do *Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*, no qual Braga assina um conjunto de poemas, também, marcados pelo tom romântico e engrandecimento de uma tradição literária ocidental e portuguesa (dedicando poemas a Lamartine, Garrett e, o de grande repercussão na época, Beranger).

Segundo Wilton José Marques, as publicações de Francisco Gonçalves Braga no *Album* recebem críticas favoráveis da imprensa carioca (MARQUES, 2020, p. 30-31), ainda assim o autor é compreendido enquanto “um exemplo de ilustre desconhecido” (MARQUES, 2020, p. 24), de forma que seu nome geralmente aparece associado ao de Machado de Assis, pela influência de sua poesia sobre a obra desse autor. Seguindo as considerações de Marques, este afirma que Gonçalves Braga chega ao Brasil em maio de 1854, publicou textos e poemas no *Correio Mercantil* e *Diario do Rio de Janeiro*, vivendo nessa cidade até sua morte. Nesse viés, a trajetória de vida de Braga no Rio de Janeiro é caracterizada pelos “esforços do poeta para entrar e ao mesmo tempo se fazer aceito pelo restrito universo literário brasileiro” (MARQUES, 2020, p. 25).

No texto de Julio R. Dunlop, “A Mocidade Portugueza no Rio de Janeiro”, publicação extremamente importante na composição do grupo d'*A Saudade*, é apresentada a poesia “Beranger” de Gonçalves Braga acompanhada das seguintes considerações sobre o autor: “F. Gonçalves Braga, é uma gloria que adejará sempre em torno do *Gremio Litterario*” E ainda: “O seu corpo desapareceu do mundo, mas o immortal talento de F. Gonçalves Braga acompanha-nos e revela-se-nos todas as vezes que lemos as esplendentes poesias intitulas: Beranger, Garret e Lamartine” (DUNLOP, 1º anno, 1861, p. 106). Essas valorizações evidenciam um esforço de utilizar a obra de Braga para simbolizar o coletivo. O escritor é exemplo e mártir deste grupo de portugueses emigrados, trabalhadores do comércio e amantes das letras, sendo um dentre eles que conseguiu expandir seu círculo de leitura e alcançou efeitos, na crítica literária, para além d'*A Saudade* e do Grêmio, ou seja, sua trajetória de vida emerge como modelo de luta contra o *obscurantismo* e conquista da *regeneração*, fazendo parte do *número dos eleitos*:

Francisco Gonçalves Braga, na sua vida litteraria soffreu a indifferença dos semi-doutos, os melindres parvos, os louvores que envergonham, e, o que é mais, a consciencia do próprio talento condemnado á esterilidade pela sorte. Espirito de rara tempera, não desanimou, resignou-se, esperando que lhe chegasse a hora de fazer parte do numero dos eleitos. Quando acabava de revelar em algumas poesias, que hoje marcam a sua passagem na terra, os soffrimentos que o punham, e os presentimentos de um mundo melhor, Deus chamou-o ao seu seio. Podemos apontar o seu exemplo á mocidade que soffre. (LIMA, 2º anno, 1862, p. 51).

Francisco Gonçalves Braga é, portanto, figura modelo que conseguiu imprimir seu nome com grande valor para além de seu círculo, seu *pequeno mundo*. Caberia indagar o que se compreende de singular no seu caminho e como sua figura poderia indicá-lo ou reforçá-lo. Problematizando essa questão, emergem as discussões em torno da construção do *passado glorioso* como evidência de ilustração.

No livro *Tentativas Poéticas*, de Braga, seus escritos são animados, segundo escreve o próprio autor, pelos sentimentos de “Amor e Patria, Deos e Liberdade” (BRAGA, 1856, p. ix), de forma que as epígrafes trazem nomes como Herculano e Garrett, e seus poemas versam sobre o *passado glorioso* português, além de figuras como Napoleão, Camões, Torquato Tasso, Gonçalves de Magalhães, António Feliciano de Castilho etc. Ainda que a obra tenha tais abordagens, percebe-se o enfoque em temáticas como a missão do poeta (*padeecer e cantar*); saudades de espaços, família e amigos; a solidão, obscurantismo e melancolia do eu-lírico desterrado; as durezas da pobreza; e poemas voltado para musas inspiradoras. Já os poemas de Braga, publicados no *Album*, a tendência de privilegiar a temática do *passado glorioso* ganha força. As referências históricas e literárias de seus poemas parecem ser consideradas, pela crítica da época, como elementos que apontariam para um maior amadurecimento literário do autor, produto de sua dedicação estudiosa. Em uma crítica publicada no *Diário do Rio de Janeiro* ao *Album* lê-se:

O Sr. Gonçalves Braga, do Álbum, não é o mesmo das Tentativas poéticas, publicação infeliz na opinião do próprio autor. Há entre os dois livros as diferenças de duas épocas. As Tentativas poéticas são as primeiras emanações de uma alma muito criança, para quem os segredos da arte eram ainda puramente segredos. Produções informes de uma vocação que aparecia, os primeiros versos do Sr. Braga reproduziram os defeitos de todas as tendências em embrião; e revelavam a leitura de muitos poetas modernos, que podem ser tudo, exceto modelos. Publicado o livro, o poeta reconheceu que tem feito mal, e que remediá-lo: estudou. [...]. O poeta modificou-se inteiramente. Uma só das suas produções últimas vale por todo o livro publicado em 1856. Este progresso ascendente é uma prova que o Sr.

Braga pode ocupar uma posição literária. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1858c, p. 1-2 apud MARQUES, 2020, p. 33)

A comprovação de um estudo é, porém, esforço perceptível, também, em *Tentativas Poéticas*, como o próprio poema “Portugal” permite demonstrar, ainda que não seja esse o intuito principal da obra. O instigante para esta reflexão é pensar como as diferentes recepções a essas publicações fortalecem um entendimento em torno do discurso construtor do *passado glorioso* como modelo exemplar e identitário voltado ao presente e aos portugueses emigrados, diferenciando e destacando socialmente o grupo.

O esforço em apresentar elementos que comprovem uma instrução do autor alinhada a referências em assuntos de História e Letras em voga no período ou, como escreve Marques (2020, p. 31) sobre o poema Beranger: “um tema que estava na ordem do dia”, é uma das formas de trazer símbolos nos versos, evidenciando uma bagagem de estudo aclamada e ancorada nos quadros sociais de seu presente.

A referência acentuada ao *passado glorioso* e à tradição, vinculados aos cantares de amor pela pátria, e presentes nos poemas de Braga, pode ser compreendida enquanto resposta à subjugação social e artística, e meio de participar de um discurso legitimado, abrindo as portas para um reconhecimento e visibilidade para o indivíduo e seu grupo. Esse fazer é uma máxima que vê na tradição literária o conteúdo necessário para o progresso, compreensão fortemente presente no folhetim “Os meus sonhos ou A herança de meu tio”, de Serpa Pinto, publicado ao longo do segundo volume da primeira série d’*A Saudade*.

Era eu então ainda moço, e, todo entregue ás ardentes preocupações do presente, despresava completamente o passado. Altivo, como todas as pessoas da minha idade, dotado de forças ainda não gastas nem experimentadas pela vida, de nada duvidava, regojisava-me nos meus contemporaneos. Quando volvia os olhos para o passado, não via senão preconceitos, superstições ou servilismo; a minha geração parecia-me abrir na realidade a historia, e carregar com o mundo como Atlas. D’aqui se originaram os meus soberbos desdêns por tudo quanto não era do nosso tempo. Escarnecia das modas antigas as velhas usanças faziam-me alçar os hombros, e fugia das pessoas de cabellos brancos! Orphão quase desde o berço, tinha crescido no meio de companheiros da minha idade, sem parentes e sem amigos, cujo affecto podesse reconciliar-me com a velhice: por isso ella me desgradava igualmente nas pessôas e nas cousas; quando não me fazia rir, causava-me medo. A minha existencia era alegre, ainda que longe da patria querida, trilhando a espinhosa carreira da vida. Arrebatado pela atividade febril da moderna sociedade, sentia prazer em fazer n’ella as minhas provas. Semelhava-me ao joven nauta, que se diverte em luctar com as ondas; mas por vezes o cansaço sobrevinha, e os meus desejos eram então de encontrar uma praia do meu Portugal, onde me assentasse, e um raio de sol para me aquecer. Encerrado nos limites de uma estreita

mediocridade, desejaria possuir essas azas de ouro, que fazem vencer as distancias. Obrigado a cuidar sobretudo em mim para viver, queria ter vagar de pensar nos outros para os servir. (PINTO, v. II, 1856, p. 57).

Assim se inicia o referido folhetim. Esse início é significativo, pois apresenta o ponto de partida de uma personagem que reúne características para a identificação do grupo construído e representado pelo/no jornal: homem, português, jovem, trabalhador, solteiro e emigrado, que enuncia a pátria enquanto lugar harmonioso e rupestre, ao contrário, da terra estrangeira, marcada pelo trabalho, pelas lutas pela sobrevivência, pela *atividade febril da moderna sociedade*. Esse perfil da personagem remete ao próprio perfil anunciado enquanto símbolo da classe portuguesa vinculada ao Grêmio Literário Português.

Além desses elementos, há um fator psicológico no narrador personagem que funda o ponto inicial do qual parte a ventura a ser narrada ao longo dos números: trata-se de uma perspectiva de mundo, de um pensamento em relação à sociedade e aos tempos. O “eu” se diz *entregue às ardentes preocupações do presente*, de forma a *desdenhar e desprezar completamente o passado*, em que *via senão preconceitos, superstições ou servilismo*. A construção do pensamento do narrador personagem se funda numa separação e contraposição do passado com o presente, sendo este altamente valorizado em detrimento daquele. A longa descrição em torno desse entendimento delimita um ponto de partida modificado no decorrer da história, impulsionado pelo *inesperado* que afeta a situação inicial e ocasiona a transformação da personagem em relação aos seus sentimentos e senso de dever para com o passado. O foco da narrativa, de forte teor pedagógico, está, portanto, na relação do “eu” com a tradição.

Não é por acaso que o narrador personagem é construído de forma a identificar o grupo *d’A Saudade*. O leitor lê, reconhece-se e vive o movimento de transformação e ensino da própria personagem. O conflito de gerações, que demarca a mocidade portuguesa do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, é metaforizado na novela a partir da descrição inicial do pensamento do narrador e sofre uma força apaziguadora ao longo da narrativa, construindo um imperativo pedagógico da instrução tradicional como indicador de comportamento e sensibilidade esperada do grupo e de sua missão de regeneração.

É, também, instigante, nessas considerações primeiras, refletir como o *inesperado*, que movimentava as concepções da personagem, é um sonho:

Um inesperado acontecimento veio arrancar-me aos meus trabalhos, foi um sonho que tive: soube a morte de um tio do qual nunca tinha ouvido fallar, e que me deixava uma herança. A carta do tabelião reclamava a minha presença, como indispensavel para apressar a tomada de posse. (PINTO, v. II, 1856, p. 57).

O sonho parece habitar o campo do fantasioso e irreal, como por vezes é legado tal espaço à literatura. Ainda assim, é ele o acontecimento que transforma a personagem e desestabiliza as ideias e sentimentos bem assentados na separação valorativa entre passado e presente. Essa transformação é de ordem instrutiva, no sentido em que o aprendizado de vida vem, duplamente, da ficcionalização: na narrativa pelo sonho, e ao leitor pelo folhetim.

Na sequência, a narrativa se desenrola em torno do mencionado sonho: retornando à pátria em decorrência de uma herança de um tio desconhecido, o personagem se desloca até uma província interiorana. Após muitas dificuldades para a chegada, tendo em vista a localização escondida do povoado, conhece Felicidade, a governanta da casa em que irá se instalar. Essa governanta é pintada dentro dos moldes a que o personagem tem aversão: velha, religiosa, pouco hospitaleira. Somente após a chegada do tabelião, ainda que o tempo estivesse frio, ela lhe possibilita a entrada e abrigo na casa. A descrição desta, também, figura decorações que remetem ao passado, então, desprezado pelo olhar do narrador:

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas eram variegadas, em algumas partes, por peças mais novas, que lhes davam o aspecto de farrapos remendados; os moveis, de formas antigas e toscamente trabalhados, apenas guarneciam imperfeitamente aposentos mal fechados; desvelo, elegancia, comodidade, tudo faltava nesta velha habitação: alli encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos pais, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinham verdadeiramente começado na nossa geração. (PINTO, v. II, 1856, p. 65).

A fala marcada pelo desprezo em relação ao ambiente continua: a casa, os móveis, utensílios, decorações e, inclusive, a comida são alvos da crítica impetuosa do narrador personagem. Este, após tomar conhecimento das riquezas herdadas, pede para que providenciem “a venda de tudo quanto aqui se acha” (PINTO, v. II, 1856, p. 73), mesmo com Felicidade protestando a favor do valor em reter, em especial, as pinturas, retratos de família. Seu posicionamento, porém, é inflexível:

– E que quer ella que faça desses panos esgaratujados? ah! sim, hei de vender-vos grutescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso; estes costumes de parcimónia e falta de elegancia são os que haveis legado; esta vida despojada de todos os encantos da civilização moderna, é a vossa vida

perpetuada pela tradição! Fóra daqui barbaros. Nós não somos da mesma raça, entre nós nada há de *commum*. (PINTO, v. II, 1856, p. 73).

A *vida perpetuada pela tradição* é aquilo ao qual a personagem se posiciona contra, refutando a herança que herda, não reconhecendo nada de *comum*. A história do sonho é extremamente metafórica, não por acaso ela é anunciada como sonho, com sentido de mensagem a ser desvelada e aprendida. O passado legado no presente é representado na narrativa pela herança, ainda que seu sentido ultrapasse a situação ficcional. O trecho apresentado é um brado que marca o ápice do movimento de desenvolvimento da personalidade do narrador personagem.

A partir de então, uma transformação é operada. Ela começa pela descoberta do alto valor monetário da herança: “Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito” (PINTO, v. II, 1856, p. 91). Após se ater ao inventário, o personagem dorme e, novamente, o sonho aparece como evento inesperado e transformador, que dá início ao processo de resolução da mensagem instrutiva a favor da tradição:

D’ali a pouco pareceu-me sentir rumor de passos á minha cabeceira; abri os olhos, e vi uma dúzia de personagens agrupados, na proximidade do meu leito. Todos traziam trajos antigos e diferentes, nos quaes reconheci, com surpresa, os dos velhos retratos que guarneciam o quarto de dormir.

Procurei-os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros ali se conservavam suspensos! O que via junto a mim eram os antigos retratos da familia, aos quaes um milagre acabava de dar a vida! (PINTO, v. II, 1856, p. 91).

O sonho possibilita a saída dos antepassados de suas pinturas para se colocarem de frente ao seu herdeiro. O primeiro a falar diz ter sido escravo, numa condição e num tempo em que “nenhum pincel se daria ao trabalho de reproduzir as feições” (PINTO, v. II, 1856, p. 98), e graças a força de trabalho foi capaz de comprar sua alforria, possibilitando ao seu descendente a instrução. Este, por sua vez, posiciona-se e fala de seu alinhamento às concepções cristãs, a lenta evolução da família e de seu “posto entre os honrados commerciante da província” (PINTO, v. II, 1856, p. 99). Na sequência, ainda três outros antepassados escapados dos retratos falam de seus feitos na vida, construindo uma ideia de evolução, de escravo a nobre, produto da força de trabalho, instrução e defesa da pátria. O último a falar é, enfim, o tio:

Sim, prosequio um ultimo interlocutor, no qual reconheci o retrato do tio, os meus antecessores conquistaram para os nossos descendentes a justiça e a liberdade; faltava diligenciar-lhes recursos; aceitei esta tarefa de formiga. Graças aos meus esforços e á minha parcimonia, melhorei pouco a pouco a pequena herança legada por nossos pais; engrossei as

economias, engrandeci o patrimônio; deixarei aos meus sucessores seis vezes mais do que aquilo que recebi, e, graças á severa probidade da senhora Felicidade, tudo chegará intacto ás mãos do meu herdeiro. (PINTO, v. II, 1856, p. 108).

Após essa experiência impactante, o narrador personagem desperta transformado. Seu sonho, ao qual chama de *voz do bom senso, e da consciência*, coloca para si a tradição como herança rica, que deve ser valorizada e continuada. O passado é ligado ao presente e ao futuro dentro de uma perspectiva progressista. O sonho revela, enfim, o *comum* que o narrador personagem julgava não existir entre si e seus antecessores. Nesse sentido, a tradição emerge como exemplo a ser tomado e como meio de aprendizado para no presente se construir a base de um futuro ainda mais desenvolvido. De forma que, não cabe a esse passado um olhar de escárnio, mas, antes, de reverência: “Eram elles que marcavam, por assim dizer, os passos do tempo sobre a estrada do progresso. Para quem sabia comprehendel-os encontrava ali a glorificação da obra consumada pelos antepassados” (PINTO, v. II, 1856, p. 109).

Assim é finalizada “Os meus sonhos ou A herança de meu tio”: com a transformação de pensamento do narrador personagem a favor da defesa da tradição. O texto carrega uma moral que comunica intimamente o leitor em decorrência da associação construída entre personagem, grupo (escritor e leitor) e projeto do jornal:

Assaltado por uma repentina idéa estendia a mão para as quase escurecidas telas, como se ellas podessem vêr-me e ouvir-me.
– Ah! perdão! exclamei; perdão, velhos soldados, magistrados rectos, comerciantes probos, agricultores honrados, vós sois dos tempos que já foram; agora comprehendo o respeito que vos é devido. Tudo quanto hoje possuo, e com que tanto me tornava vaidoso, foi grangeado por vossas mãos; o presente não é mais do que apenas conhecestes a arvore da sciencia ainda pequena, mas que a regastes com o vosso suor e vosso sangue; agora conheço que o meu orgulho era ingratição; mas reservar-vos-hei d’ora em diante um santo lugar na minha lembrança. (PINTO, v. II, 1856, p. 109).

O fim sintetiza a mensagem que se quer comunicada com o folhetim: o respeito ao passado, à tradição e a ideia de continuidade carregada pelo presente. A narrativa diz diretamente do projeto do jornal e seu grupo: a instrução com base na herança (da literatura, história, filosofia) ocidental, ou ainda mais especificamente, portuguesa. Essa instrução é um elo que vincula os sujeitos ao coletivo, à identidade nacional e projeta um futuro de conquistas, atribuindo a eles uma função missionária. Assim como a personagem é descendente e herdeira de seus antepassados, que trabalharam para a prosperidade, cada português se sente tributário dos grandes nomes constitutivos da tradição. Não se trata de uma relação restrita ao grupo familiar, ainda que a narrativa

utilize dela na construção de uma metáfora pedagógica. Antes, comunica a relação do grupo com seus referenciais do saber na edificação de seu espaço. Como escreve Vania Maria Cury (2002, p. 245): “Agora estrangeiros numa ex-colônia de Portugal, os portugueses aprenderam a preservar sua cultura e suas tradições por meio da afirmação da unidade ancestral de seus ‘patrícios’, transmitindo-as aos seus descendentes”.

No lugar dos antepassados dos retratos, podem ser pensados nomes recorrentes no jornal que figuram enquanto autoridades importantes as quais se deve reverência: Luís Vaz de Camões, Bocage, Almeida Garrett, Alexandre Herculano etc. O conhecimento, leitura e respeito a esses nomes fortalece os sentimentos de pertença nacional. A pátria é *pátria querida*, justamente, por ser composta de modelos familiares paternos sobre os quais deve-se honrar e lembrar. Assim, a tradição é pensada enquanto construção política, literária e identitária do presente que seleciona no passado os ancoradouros para se valer na significação de seu meio circundante e projeção do futuro.

Se Camões, Garrett e Herculano são quadros herdados pel’*A Saudade*, é porque outros nomes ficaram de fora dessa escolha. Podem até “ter sido pintados”, mas em algum momento foram descartados. O interessante de utilizar essa metáfora da novela de Serpa Pinto, é desconstruir a ideia de uma tradição imutável que é legada, no presente, de um passado fixo. Ora, esse passado é reconstruído, é pintado em camadas e camadas de tempo e de espaço com determinadas intenções, sob determinadas práticas que engendram imagens e valores do passado enquanto verdades. A tradição, como escreve Stuart Hall, é um produto cultural em constante formação:

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmo de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44).

Os sujeitos constroem continuamente suas tradições e, nesse processo, *tornam-se*. As enunciações literárias do jornal *A Saudade* usam personagens (mitológicos, históricos, literários), eventos e obras, enfim, elementos do passado, sob uma máxima imperativa da instrução e da reverência, como edificação educacional de seu espaço. Um espaço pátrio, formador e formativo da tradição, selecionada e ensinada pelos emigrados portugueses

como forma de se singularizarem e se inserirem em uma parede de honra. Tal construção é simultaneamente do passado e do presente. O “ser português” é, com base nessa concepção, um constante “se tornar português”.

Os quadros que figuram a tradição que deve ser aprendida pelos portugueses (e nisso há um imperativo) é um modo de os fazer portugueses, compatriotas, iguais, amigos, irmãos e indicar um caminho comum. Esse ensino, com ímpeto de dever e missão, sobre o passado é fundamentalmente formador de identidades.

Instruir-se e se portar com respeito perante seus antecessores são as máximas pelas quais os portugueses se reconhecem e trilham um caminho de progresso. Tal como escreve Hugo Achugar: “A memória é um dos campos – se não, o campo, por excelência – em que se processam essas múltiplas mudanças. Um campo de batalha onde o presente debate o passado como uma forma de construir o futuro” (ACHUGAR, 2006, p. 201). Essa ideia espacial em relação à memória é frutífera para estas reflexões, pois a memória opera a partir de quadros sociais visando determinados intuitos que estão em diálogo com embates da prática a partir da qual emerge e para a qual se volta com impulso transformador. A memória é dinâmica e intermitente, construindo continuamente passado e futuro. Nela se encontram ensinamentos, obrigações, resistências e transformações.

Nesse sentido, as palavras de Jorge Luís Borges emergem com força enfática: “O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro” (BORGES, 2005, p. 130). As tradições, os referenciais, as imagens, os autores, os cânones, enfim, aquilo que se quer como aprendizado legitimado e creditado é construído no presente, edifica as identidades e espacialidades de sujeitos e grupos na contínua ficcionalização de si mesmos.

Em diálogo com essas reflexões, José Rodrigues de Xavier Pinto (irmão de Rodrigues Pinto), na primeira serie d’*A Saudade* tece também considerações que reforçam a ficcionalização de elementos selecionados do passado para a composição da tradição. A figura exemplar para o grupo pátrio, neste discurso, é o Padre Antonio Vieira. Porém, antes de tratar de sua importância, o autor traça algumas linhas sobre a ideia de tradição:

As tradições podem ser íntimas e passageiras, podem esquecer de um momento ao outro, ou podem conservar-se perpetuas e invariáveis. A mão do tempo imprime n’ellas o caracter que as deve levar á posteridade, e formar d’ellas um livro aberto em que a multidão e os curiosos possam aspirar o aroma vital, permita-se-nos a expressão, que animou aquelle ou aquellas cousas que formaram essas tradições. Ás vezes aspira-se esse perfume sem que a sua influencia, operada logo,

nos conduza ao passado; outros, e por effeito contrario, sentimos que vivemos no tempo que essas tradições nos transmittio e pintou o que vemos com ellas os brilhantes ornamentos que formarão a pagina dourada d'esse livro de muitos seculos. (PINTO, v. II, 1856, p. 33).

Esse texto é instigante, pois a ideia de fabricação da tradição como elo identificador é enunciada, inclusive, pelo autor do texto. Xavier Pinto reforça o aspecto ficcional e formativo da valorização do passado, sendo que as tradições podem tanto tomar formas pessoais (*íntimas e passageiras*) como institucionais (*perpétuas e invariáveis*). De um lado tradições que se esvaem; de outro, tradições capazes de perdurar, e, até mesmo, transportar aqueles que com ela aprendem o passado. Os textos d'*A Saudade* se voltam para estas últimas. A parede de quadros e o livro são metáforas que carregam um projeto cultural de perdurar e continuar. Aquilo que é nacional é formado pela composição da tradição, a partir da seleção de elementos de um passado que se quer glorioso e, por isso, mesmo impõem respeito e obediência. Na sequencia o autor escreve:

A historia portugueza encerra muitas d'essas tradições grandiosas. Quasi sempre um sentimento qualquer nos anima quando a abrimos. E comtudo não é sempre o sentimento da admiração e respeito que obriga ao homem a procurar n'ella os factos; quasi sempre a curiosidade ou a distracção preside a essa leitura; e esquecemos que revolvemos as cinzas de um passado de gloria, e que o presente é mesquinho de mais para que possa ser comparado com elle. Mas entre essas tradições algumas ha que não podem nem devem ser recordadas sem que primeiro nos habituemos com a idéa de que ellas são eminentes de mais para que possam a apresentar-se em publico despidas d'esse tributo respeitoso que lhe devemos e que se identifica com ellas. (PINTO, v. II, 1856, p. 33).

As imagens em torno da tradição, por meio desse texto, reforçam seu caráter de produto cultural legitimado, que se impõem ao grupo, dele esperando reverência e dedicação. Trata-se da *tradição gloriosa*, de um *passado de glória* que torna o presente muito *mesquinho* quando comparados, e ainda *livro aberto* onde a multidão e os curiosos podem aspirar o *aroma vital*, *livro de muitos séculos* com *brilhantes ornamentos* que formam uma *página dourada* na história. Assim, é perceptível a carga de obrigação imbuída às tradições e voltada para aqueles que ao grupo pátrio buscam pertencer. Espera-se admiração e respeito; este é o modo de ser ensinado e perfomado entre aqueles que querem se destacar, ou ainda, agir para a ilustração do todo (Portugal e portugueses).

Eis as duas máximas que perpassam as construções da tradição e pátria: dever e reverência. Xavier Pinto justifica o estudo que propõe: “Fazemol’-o por um dever, e porque achamos n’ella esse passado grandioso – o Portugal de D. João I e de D. Manoel” (PINTO, v. II, 1856, p. 33). Dever em buscar, estudar, legitimar, e reverência, revelando

uma ideia de patamar superior do passado e antepassados em relação ao presente. Assim, tratar da figura, por exemplo, do Padre Antonio Vieira é parte do dever de fazer do passado da pátria o *passado glorioso da pátria querida*. Nesse processo, uma luta de sentidos e valores, não só para si (indivíduo), mas, principalmente, para a identidade nacional.

Esse discurso e esse fazer não podem ser pensados dissociados da situação de emigração vinculada à agremiação e ao jornal. É a vivência num espaço estranho, em meio a culturas diferentes, que funciona como poder frente ao qual esses sujeitos resistem, reforçando suas identidades de origens, o culto à pátria e seus símbolos, na constituição de si mesmo enquanto grupo singular, encontrando colhimento num espaço territorializado a partir do impulso empírico do desterro.

Mesmo habitando outro lugar que não aquele geograficamente vinculado ao seu lugar cultural, este se sustenta, em um contexto marcado pela experiência da emigração, por meio do ensino-aprendizagem da tradição. Tal como escreve Hugo Achugar em suas considerações em torno do *lugar in situ* (o lugar onde se está) e o *lugar ab situ* (o lugar a partir de onde se fala):

Pode-se falar *sobre* seu lugar *a partir* de outro lugar. O geográfico está atravessado pelo cultural e, também, pelo simbólico. Mas, o lugar simbólico é, também, afetado pelo geográfico e pelo cultural. De certa forma, escolhe-se e constrói-se o lugar a partir de onde se fala, mas se é escolhido ou colocado em um determinado lugar. (ACHUGAR, 2006, p. 199).

Portanto, nascido num lugar (geográfico, cultural e simbólico) já existente (Portugal, por exemplo), os sujeitos mantêm o exercício de reconstrução desse espaço (como *pátria querida*, no caso d'*A Saudade*), pois é nesse processo que fabricam a si próprios, suas identidades. A tradição pode ser pensada, nesse sentido, enquanto parte fundamental desse lugar que se escolhe continuar e reconstruir. Os sujeitos nascem e aprendem ser parte de uma família, uma religião, uma nacionalidade, uma moral. Esse aprendizado é contínuo e constantemente renovado; confrontá-lo ou reforçá-lo integra o processo de *se tornar*.

No caso d'*A Saudade*, o jornal aparece como lugar que dá as bases para a performance envolvendo símbolos e produtos culturais portugueses, fazendo da identidade coletiva a identidade lusa. Isso não é mera passividade perante a lugares instituídos anteriormente aos sujeitos, mas uma nova relação com eles num contexto de emigração e embates políticos e identitários que a sociedade brasileira apresenta para os estrangeiros da segunda metade do século XIX. Falar com entusiasmo e admiração da

pátria é, pois, construir o lugar a partir do qual se fala, é fazer da pátria a *pátria querida*, *lugar ab situ*, repleto de um passado glorioso e de grandes figuras heroicas.

Assim, retomando alguns pontos até então problematizados, pode-se compreender, a partir de uma leitura crítica do jornal *A Saudade*, que um determinado espaço, caracterizado por imagens e discursos de uma pátria encantada (a *pátria querida*), é constituído com base em sentimentos (de orgulho, amor, pertença e sacrifício), símbolos (como o Rei, a Pátria, o soldado, a pá de Aljubarrota, Brites de Almeida, a figura de Viriato e de Camões) e narrativas (de conquista, independência, batalhas e decadência) aprendidos e operados n’*A Saudade*, porém não limitados a ela. O jornal dialoga com vários intertextos na composição de seus espaços. Na constituição destes, o grupo perfoma para si de acordo com modelos preconcebidos e reatualizados. Esse grupo é tanto frontado pela identidade nacional portuguesa, quanto pelo estudo de sua tradição cultural e do fazer romântico.

Da partida ao retorno: a jornada heroica do emigrado

A Saudade é uma obra enunciada por sua representação a um grupo marcado pelo deslocamento. O deslocamento e o sentimento de saudade moldam a identidade portuguesa, o passado de glórias, de viagens e de conquistas, mas, também, o presente em que a pátria é deixada pelo chamado da emigração. Na década de 1980, José Carlos Pires, em diálogo com a definição de Portugal enquanto *país em viagem*, de Paul Claudel, escreve:

“País em viagem”. Sim, fomos isso nos séculos dos Descobrimentos. Somos ainda isso, mas agora pelo reverso da glória, pelo lado da emigração: mais de uma terça parte de nós próprios anda espalhada pelo Universo, o mapa-mundi dos expatriados está coberto de pegadas dos portugueses. Daí talvez o traço de nostalgia, a saudade, que tantas vezes nos dizem dominar o nosso perfil cultural. (PIRES, 1986, p. 4).

O sentido da emigração enquanto reverso da glória participa da construção da ideia de um presente decadente. Combatendo essa enunciada condição, os membros do Grêmio, escritores e leitores d’*A Saudade*, fazem, pela literatura, a transformação do sentido pejorativo da emigração. Ainda que esta seja marcada pela distância da pátria, saudade e sofrimento, essas dificuldades tornam grandiosas as experiências pessoais dos portugueses emigrados. No periódico, tanto a esperança, quanto a frustração, que caracterizam o perfil cultural português, ganham forma; tanto o movimento e ação de

transformação (pelo jornal, pela mocidade, ou tradição de glórias), quanto os lamentos por um presente deslocado e perdido. Por vezes na confluência, por vezes na tensão, os portugueses emigrados constroem sua realidade: delimitam quem são, o que acreditam e devem fazer, de onde vêm, onde estão e para onde vão. Esses pontos são os eixos centrais de constituição de uma narrativa marcante n’*A Saudade*: do emigrado enquanto herói, e da emigração enquanto aventura de proações.

Além de ser espaço que identifica, une e instrui, a *pátria querida* é, n’*A Saudade*, ponto inicial e final de um ciclo. A emigração, por meio de uma narrativa mítica, é significada enquanto jornada heroica, que começa pela partida e se encerra no retorno. A ideia é a de que o sujeito, forçado a partir, vive sua jornada de proações solitariamente. Ele é uma representação para um grupo (que pode ser até mesmo humano), mas sua história é contada sob a perspectiva pessoal. Tal história não é uma história qualquer; é uma aventura. As aventuras são caracterizadas pela presença de obstáculos; podem ser épicas e trágicas, mas o movimento que lhe é intrínseco é o da passagem. Como escreve Joseph Campbell (2007, p. 85): “A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido”, ou (para usar as expressões-chave na análise da edificação de espaços n’*A Saudade*): a *pátria querida* da *terra estrangeira*. Esta só existe, é conhecida e (des)valorizada, porque se deixou aquela, que, por sua vez, só desperta sentimentos de amor, orgulho, sacrifício e desejo de retorno, a partir da experiência do distanciamento e da missão imposta ao emigrado pelo chamado ao desconhecido.

Este subcapítulo busca, a partir de publicações d’*A Saudade*, problematizar a constituição de narrativas que apresentem a partida da *pátria querida* enquanto início de uma jornada, assim como as expectativas de retorno a ela, simbolizando o fechamento do ciclo de aventura.

Foi nos fins de Maio de 1849 que, na idade de treze annos, em uma dessas manhãs de que tentei fazer um esboço, que dormindo a somno solto fui despertado por um ligeiro tropel de cavallos, pouco depois interrompido, mas seguido por diversas pancadas na porta de minha habitação paterna.

Ainda sossegadamente repousava em meu leito quando uma voz de homem do lado de fóra se fez ouvir dizendo: – “Partamos! não haja demora.” – Reconheci o que estas duas palavras querião dizer: erão ellas do pai de um infeliz mancebo que, colega meu desde a mais tenra idade ia-o ser ainda agora em deixar a patria e viver commigo no exilio. (SOUZA, v. III, 1857, p. 147).

Assim João Dantas de Souza inicia a narrativa sobre sua viagem de Portugal para o Brasil no texto intitulado “Uma pagina de minha vida”. Essa publicação carrega um

forte sentido de testemunho que permitem a associação da elaboração literária à biografia do autor.

O texto de Souza é significativo para essas discussões, uma vez que evidencia o adeus à *pátria querida* e a viagem rumo à *terra estrangeira* enquanto trajetória espacial geográfica de valor existencial. Assim como se deixa Portugal para ir para o Brasil, também, nesse processo, deixa-se a *habitação paterna* para ir ao encontro do *exílio*. As construções narrativas e sensíveis dessa passagem funcionam como identificador do grupo a partir do qual se fala e para o qual se fala. Trata-se, fundamentalmente, de uma aventura contada por um emigrado para os seus iguais. Nesse processo, o sujeito se constitui no discurso por meio da escrita sobre si mesmo. O narrador deixa para traz um “eu” e um “nós” para se lançar numa nova busca.

O marco inicial da emigração na literatura d’*A Saudade* é a despedida. O adeus funciona como divisor de águas; é a partir dele que espacialidades próprias da identidade portuguesa no exílio se constituem.

No texto de João Dantas, o narrador é acordado e tomado de sobressalto com a ideia de ir embora. O elemento da surpresa enuncia esse sujeito como alguém despreparado afetivamente para a mudança que o espera. A construção narrativa é tocante, pois apresenta uma ruptura profunda, aparentemente inesperada, mas, de alguma forma necessária. A partida funda um momento de sacrifício em nome da felicidade futura. É sobre essa expectativa que se ancora o movimento emigratório; e é a ousadia e valentia atribuídas à resposta ao chamado para o desconhecido que fazem do emigrado um herói.

Segundo Joseph Campbell, os mitos, as lendas, as narrativas literárias e religiosas são marcadas por uma estrutura de enredo universal. Trata-se da jornada do herói, ou ainda, como escreve o autor, do *monomito*: “O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 2007, p. 36). O herói é o sujeito que se aparta de seu meio familiar, é convocado para uma jornada, deve responder a um chamado e partir, vivendo aventuras e proações em lugares desconhecidos, para poder vencer esses obstáculos e retornar transformado e transformando os seus. Afinal, como escreve Julia Kristeva (1994, p. 14): “Os outros talvez possuam coisas, mas o estrangeiro sabe que ele é o único a ter uma biografia, isto é, uma vida feita de provas”.

É instigante estabelecer um paralelo entre o *monomito* e as narrativas literárias do jornal *A Saudade*. Nestas, a constituição de uma identidade emigrada, do viver no estrangeiro, enfrentar dificuldades (existenciais e materiais), ter necessidade de provar o seu valor e do seu grupo, assim como projetar um retorno bem-sucedido aos olhos da pátria, são movimentos ficcionais a partir dos quais os sujeitos fazem de suas experiências de vidas jornadas heroicas repletas de missão e importância social.

A primeira tarefa apresentada ao emigrado é a partida. Tal como o herói no *monomito* (CAMPBELL, p. 2007, 27), o emigrado é, por vezes, resistente a ela, mas sente um dever em retirar-se de seu meio mundano, familiar e conhecido para dar início a sua jornada. O sentido mitológico dessa ação pode ser percebido na forma pela qual o narrador de “Uma página da minha vida” é convocado a partir, rompendo seu tranquilo dormir em casa. Essa decisão não o acomete isoladamente, mas afeta todo o seu meio familiar. É, portanto, uma transformação de duas faces. João Dantas de Souza escreve:

A porta da salla por onde eu tinha de sahir achava-se aberta, e junto della estava eu entre os braços de uma mãe querida que, debulhada em pranto, via partir, bem contra sua vontade, um filho que muito amava e para o qual ideado tinha outro destino mais lisongeiro que não fosse o da separação; outro destino que não o do desterro, tão cheio de escolhos e espinhos; outro destino emfim, que não fosse o de me vêr longe de seu lado gemendo no exilio!... junto a minha mãe era uma tia, e mais ao lado uma irmã que, ambas também soltando lamentos de dôr, pretendião a todo o transe roubar-me ao peito dessa que agora me possuía, para estreitarem-me contra o seu, dando-me ao mesmo tempo o osculo de despedida. Um pouco mais distante jazia um ente também para mim bastante cáro que, mais exausto de forças, e vergado pelos estragos que a idade traz apoz si, esperava exalando profundos suspiros que chegasse a sua vez permitida, para lançar a benção áquelle que tantos momentos lhe tinha dado ventura, esquecendo todas essas travessuras de que a idade juvenil é bastante fértil, era minha vó! Para completar emfim este quadro, uma mana mais nova a quem tinha havido a precaução de não acordar, despertava agora em sobresalto a toda essa confusão de vozes inextinguíveis, chamando em gritos por esse companheiro de seus folguedos que ia perder. (SOUZA, v. III, 1857, p. 147).

A *porta aberta*, a partir da qual o trecho se inicia, é uma imagem significativa para se pensar o limiar da passagem; é símbolo representativo da ruptura com uma estrutura e universo familiar para se adentrar num novo e desconhecido espaço. A narração da separação pode ser metaforizada por um cordão umbilical que se corta. O sujeito nasce, com esse evento, para o mundo. Um mundo aberto, e não mais fechado e restrito. A separação é, também, renascimento, e como tal é acompanhada de sentidos de medo, solidão e ansiedade. O emigrado está, tal como o *herói romântico*, só. Sua solidão, como aparece no *Dicionário do Romantismo Literário Português* (BUESCU, 1997, p. 231):

“não se traduz necessariamente num estado de isolamento físico” é, antes, “um isolamento que há-de ser entendido em termos ontológicos, mais do que em termos físicos ou sociais”. Portanto, a *porta aberta* o chama isoladamente e para trás ficam mãe, tia, irmã e vó.

É significativo como as figuras do chamado (pai do amigo e amigo) são figuras masculinas, ao passo que aquelas performando a despedida no universo privado, doméstico e familiar são figuras femininas. Para Campbell, a passagem pelo limiar da jornada é, também, a passagem da idade infantil para a idade adulta, que, em termos de simbologia, trata-se de um deixar o *seio da mãe* para entrar na *esfera do pai*: “Sabendo ou não disso, e seja qual for sua posição na sociedade, o pai é o sacerdote iniciador por meio do qual o jovem se faz sua passagem para o mundo mais amplo” (CAMPBELL, 2007, p. 133). Portanto, a pátria é, em termos afetivos e simbólicos, uma mátria, o espaço conhecido, acolhedor e seguro que deve ser deixado para se conquistar o desconhecido. Este, ainda que carregue sentidos traumáticos para a coesão e permanência social, é o caminho para a aventura, para a transformação e renovação existencial dos sujeitos. O que exige aspectos reservados aos *ethos* masculino, como virilidade e bravura para enfrentar o misterioso. Ainda nas palavras do mitólogo: “Do ponto de vista do caminho das obrigações, todos os que se encontram exilados da comunidade são um zero à esquerda. Do outro ponto de vista, todavia, esse exílio é o primeiro passo da busca” (CAMPBELL, 2007, p. 370).

A interpelação sensível feita pelo narrador ao leitor, no fim da primeira parte do texto de João Dantas de Souza, aproxima ambos, reforçando a saudade compartilhada, uma experiência de vida que perpassa o grupo e faz ele se tornar ainda mais ligado:

Vós, leitor, se acaso como eu já deixaste a patria e com ella esses entes que vos derão o ser, se já destes esse adeus de separação aos que virão e acalentarão a vossa infancia, se já passastes emfim por transes iguaes ao que vos tentei descrever, ajuizai o que a minha penna jámais vos poderia explicar. (SOUZA, v. III, 1857, p. 147).

No vigésimo primeiro número, a narrativa de João Dantas de Souza é continuada. Nesse texto, ganha maior visibilidade a relação do narrador com seu amigo de infância, que, assim como ele, faz também a passagem, inicia uma trajetória e dá adeus ao espaço materno. A presença desse amigo na aventura é um conforto para o narrador; é alguém que tem a mesma origem e o mesmo destino. O amigo, enfim, é um outro, mas não uma alteridade, antes, um reflexo do próprio “eu”, com qual se compartilha sentimentos e lembranças.

Como, porém, quase sempre, os males que soffremos tornão se menos sensiveis quando encontramos uma pessoa que soffre e tem de partilhar connosco dos mesmos; ao reconhecer eu as magoas de meu pobre amigo, e á lembrança de que commigo, senti um lenitivo aos longos pezares que atribulavão meu coração. (SOUZA, v. III, 1857, p. 164).

O amigo é o alívio do temor frente à aventura; aquilo que da terra natal o acompanha e sonha com ele. Porém, a tragédia assola esses jovens. Antes de completar um ano da partida descrita, “a epidemia que nos principios de 1850 assolou o Rio de Janeiro estava no seu auge” (SOUZA, v. III, 1857, p. 164). A epidemia da qual fala o narrador é a de febre amarela sobre a qual disserta o médico José Pereira Rego, correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em seu livro *Historia e Descrição da Febre Amarella Epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*, publicado em 1851, Rego afirma que, apesar das incertezas e falhas possíveis de seu estudo em decorrência de uma estatística imperfeita, a epidemia de febre amarela de 1850 atacou 90658 pessoas, tendo 4160 morrido (REGO, 1851, p. 159). Ainda segundo os dados coletados, Rego entende que a mortandade foi maior no grupo de “estrangeiros recém-chegados e não aclimados, marinheiros e operarios pela mór parte”, acrescentando ainda: “por quanto nos mortos, cujas naturalidades são especificadas, contam-se 1333 estrangeiros, sendo a mortalidade total de 1629” (REGO, 1851, p. 160). Dentre as pessoas as quais integram conjunto representado nesses números, podemos pensar, num jogo entre narrativas ficcionais e dados estatísticos, que se encontra o companheiro de João Dantas de Souza.

No texto, Souza narra como ambos contraem a enfermidade, de forma que seu amigo da infância falece da doença, no leito ao lado do seu, na casa para qual ambos foram trabalhar dentro de um sistema de recomendações do comércio. A dor da emigração se soma ao luto, à perda daquilo que simbolizava o único conforto do narrador.

A morte do amigo é símbolo da morte do “eu” e materializa a ameaça que a aventura impõe ao emigrado. Nesse sentido: “A terra estrangeira, porém, é um não-lugar mesmo na morte, porque priva o corpo do último elo telúrico com a pátria. É um túmulo interdito ou um falso espelho onde a identidade se dilui: nada pior do que um homem que perdeu a sua sombra, o apátrida” (BUESCU, 1997, p. 177). Essa terrível condição, por outro lado, permite o nascimento de um novo indivíduo. A vitória sobre as provações, uma vez findado o luto, fortalecem o emigrado. Daí que, apesar dos infortúnios vividos, o fim da narrativa enuncia uma “luz no fim do túnel”. Essa luz é a literatura, que emerge como espaço familiar para aquele cuja trajetória é marcada por um exílio de dor.

No entanto eu havia sobrevivido; e uma vida nova principiava agora para mim.... Ainda me restavam amigos; mas um amigo como o que acabava de perder aonde jámais o encontraria?.... Foi então que entrando no conhecimento do que é esta peregrinação do homem sobre a terra, contemplei o meu passado tão cheio de flores, meu presente todo fel e amargura, e o futuro tão negro e desconhecido!....

A poesia é um consolo para o coração triste e desditoso.... abracei-me com ella como á unica e fiel companheira que d'ahi em diante me poderia restar: e não foi em balde o meu apego para com ella; pois é com quem me tenho encontrado nos maiores transe de amargura; é quem me há consolado nas horas de mais tristeza e melancolia; é com quem me encontro nas horas de mais repouso e solidão; é em fim, quem acorda em mim o animo para seguir no escabroso trilho da vida. (SOUZA, v. III, 1857, p. 164).

O *coração triste e desditoso* do emigrado é expressão da dor da despedida da família, da pátria, do amigo. A *terra estrangeira* é o espaço desconhecido e perigoso. Espaço onde o emigrado está fundamentalmente sozinho. Porém, a poesia, a literatura e o estudo aparecem como territórios comuns e afetivos; como, enfim, um “abrigo” para o “eu” perdido num meio circundante tenebroso. A *Saudade* e o Grêmio simbolizam, justamente, esse lugar que acolhe e oferece um projeto e uma missão aos sujeitos marcados pela dor promovida pela aventura. Tal como guia e arauto da jornada, a associação renova as forças e indica caminhos para a superação dos obstáculos e o sentido de realização, prometido na partida, cumpra-se.

Nesse viés, deixar a *pátria querida* é um movimento marcado por uma dialética: de um lado, a tristeza, os tormentos e as dificuldades para aquele lançado no desconhecido; e por outro lado, o impulso que essas dificuldades geram na conquista de lugares próprios para o português emigrado, a força para se fazer pertencer. Se há jornal e há Grêmio é porque a terra é uma *terra estrangeira*, que faz *escabroso* o *trilho da vida*. Se há orgulho da pátria e desejo de retorno é porque o presente, o “hoje”, o “aqui e agora” é um universo com o qual esses sujeitos reagem, constituindo a si mesmos ao passo que territorializam seus espaços e significam suas histórias.

Dando continuidade a essas discussões, o poema “A Despedida” traz a partida como marco narrativo de uma jornada heroica figurada na emigração com um enfoque para a ação do deslocamento, metaforizada na imagem da viagem. O poema está publicado no primeiro número do segundo volume, ou seja, encontra-se, dentro da obra, num lugar inaugural. Além disso, não apresenta assinatura, reforçando um sentido de voz anônima, que pode emanar de qualquer um, para além de um “eu” autoral. Esses elementos apontam para o apelo de identificação intrínseco ao poema. Nas duas primeiras estrofes lê-se:

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzindo nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta lyra de dôr
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Um lamento profundo de mágoa,
 Um gemido que o peito m'anceia,
 Um suspiro ao deixar tuas praias,
 Magestosa e soberba Ulissea... (A DESPEDIDA, v. II, 1856, p.

6).

A viagem e a angústia da partida são metáforas da própria identidade emigrada, sempre em trânsito, cantando suas saudades e impossibilidades de encontro com o objeto amado. Ainda que pise em terra firme, o emigrado está em permanente deriva no *baixel*; temendo o desconhecido e lembrando o passado e a pátria.

O poema é perpassado pela imagem do eu lírico que viaja e se afasta de sua terra, Portugal (*majestosa e soberba Ulissea*²⁵), cantando, tal como uma sina, a dor dessa separação, o adeus. Ao longo do poema, as perspectivas do desterro são figuradas pela *saudade*, *trevas*, *luto* e *silêncio*. O carpir do emigrado é o cantar de lamentação. As estrofes finais empregam, justamente, a ideia de um carpir infindável:

Voga, voga, que a brisa da noite
 Brandamente nas vélas murmura:
 Voga, voga, que ao longe a cidade
 Já s'esconde n'um véu de negrura.

Minha vista procura anciosa
 Vêl-a ainda, ainda uma vez....
 Ai de balde! Que o manto da noite
 S'estendeu com fatal rapidez.

Tudo trevas.... e luto.... e silencio....
 E minh'alma d'angustia a soffrer!
 Mas não posso.... meu extremo gemido,
 Vem dos labios á flor fenecer....

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzindo nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta harpa de dôr

²⁵ A denominação de Portugal enquanto Ulissea vai ao encontro da lenda sobre Lisboa ter sido fundada por Ulisses, personagem central da *Odisseia* de Homero, no seu retorno para casa, após findada a guerra de Troia. Essa reutilização de personagens míticas da tradição ocidental, na literatura do século XIX, compõem o *passado glorioso* que tem um imperativo de ensino para o presente na luta contra uma decadência. Portanto, este é mais um símbolo que acessa sentimentos e projetos patrióticos. Tal como escreve Raúl Miguel Rosado Fernandes (1983-1985, p. 80): “Ulisses, a antiguidade da Lusitânia, Viriato, são apropriações feitas pelos intelectuais portugueses de então, que tentam nobilitar as realidades portuguesas pelas etimologias encontradas nos velhos autores, pelas lendas fantasiosas mas que têm as suas raízes na antiguidade, como pretextos para uma resistência autonomista feita com fundamento na alegoria e na alusão. O pretexto místico vai servir de quadro a afirmações patrióticas, ao louvor das virtudes portuguesas e à recordação saudosa e sebastianista da coragem dos nossos heróis. Ulisses é um deles, e mais do que isso, é um herói por adopção dos Lusitanos e por opção pessoal”.

Não exhalo meu último alento. (A DESPEDIDA, v. II, 1856, p. 6-7).

A rítmica de “A Despedida” é marcada pela rima entre os segundos e quartos versos, de forma a estender o canto e a demarcar o fechamento em cada estrofe. O encerramento do poema é quase uma nova repetição da primeira estrofe, com exceção dos últimos versos modificados de: *Faço ouvir um saudoso lamento*, para: *Não exalo meu último alento*. Essa mudança, da ação de *fazer ouvir* para *não exalar*, é significativa uma vez que traz uma reviravolta para o sentido do canto, surpreendendo e sensibilizando ouvintes e leitores. De uma ação ativa, de resistência e expressão, o eu lírico finaliza com a manifestação da impossibilidade de interromper sua dor. Esta é languida e contínua. O uso de reticência, nesse momento, é elemento imagético e sonoro que constrói sensações de um suspirar; reforçando a expressão de dor do eu lírico.

A viagem, sobre a qual está sobreposta a canção de adeus não é apenas um pano de fundo da ação de cantar, é o símbolo da identidade desterrada melancólica. Daí que o verbo *vogar* apareça imperativo e repetitivamente. O ato de deslocar emerge como missão e dever a se cumprir. O emigrado é o sujeito que refaz a façanha, pela navegação, dos antigos “descobridores” do *passado glorioso* português. Se estes são os exemplos a serem tomados, isso não se deve apenas ao fato de remeterem a um tempo de reconhecimentos e conquistas militares e políticas para pátria, como, principalmente, para esse grupo de emigrados, que se fazem heróis e se espelham naqueles conquistadores de terra, fama e glórias pela ação do deslocamento, do se lançar no desconhecido e fundar nele o seu espaço, o seu padrão.

A viagem de ida funciona como evento literário que comunica e marca a identidade, a trajetória e a construção espacial do grupo. A viagem é tanto uma experiência empírica quanto metáfora poética e sensível, carregada de esperanças e medos, expectativas e saudades. Nela há o inesperado, o que pode acontecer de bom e ruim. Esta última possibilidade se figura pela ameaça e provação que grandifica a aventura do emigrado.

A viagem abre um leque de possibilidades e sentimentos: a vontade de se reinventar e ser um novo “eu”, participar da construção de um novo “nós”, assim como a ação de resistência à marginalização por ser diferente, a reutilização de signos no confronto ao seu contrário, a busca por um lugar de conforto. Desejos de enriquecimento, realizações materiais e afetivas, o se apaixonar e se casar, o retorno à pátria, bem como o sofrer são, portanto, horizontes para esses sujeitos vivendo a metáfora da viagem colada

à sua identidade cotidianamente. Tal como escrevem Fernando de Souza e Maria José Ferraria, a partir do questionamento sobre o que move a migração portuguesa para o Brasil:

O que importa, agora, sublinhar é que, se os portugueses partiam, cultos ou analfabetos, ontem como hoje, era porque a aventura era mais forte que o enraizamento, o sonho mais irresistível que a realidade, o futuro mais prenhe de esperança ou abundância que o presente vivido. E sempre que tal acontece, homens e mulheres pura e simplesmente embarcam, respondendo aos apelos da história comum, da mesma língua, de familiares já instalados, dos vendedores de quimeras, de contratos sedutores, de negócios prometidos, enfim, das mais diversas razões, justificações e decisões, que fazem de cada emigrante um caso irreduzível. Se o passaporte, o meio de transporte e o local de destino os uniformizam, as motivações que impelem os portugueses a emigrar para o Brasil são tão plurais e complexas como a sua idade, naturalidade, estado civil, formação, nível social, etc. (SOUZA, FERRARIA, 2009, p. 13-14).

As publicações d'*A Saudade* evidenciam um conhecimento profundo desta situação: um grupo heterogêneo de portugueses emigrados no Brasil que, porém, possui algo inevitavelmente comum: a experiência do chamado, a busca pela aventura, o sonho. Se o jovem, com carência de instrução, trabalhador no comércio, provindo do interior rural de Portugal é a figura transformada no perfil da identidade nas décadas iniciais da segunda metade do século XIX pelas folhas do jornal, o que, de fato, estabelece uma identificação ampla não é a predominância desse tipo de emigrado (em termos quantitativos), e sim a expressão literária da sensibilidade desterrada vazada na sua voz. A aparente normalidade desses sujeitos não configura uma oposição à imagem grandiosa do herói. Afinal, aquele “escolhido” para trilhar um caminho de aventuras é, majoritariamente, um indivíduo comum, então, transformado pelas provações.

A partida é elemento fundamental na constituição da jornada heroica, isto é, por mais que ganhe tons de aventura individual pela literatura, tem a potência da representatividade e da voz coletiva na qual narra e canta a história de um grupo diverso. Mesmo com motivações diferentes, em situações sociais e familiares distintas, a dor, a ameaça da morte, a angústia da separação, a lembrança saudosa, as expectativas da aventura são elementos que perpassam o íntimo desses sujeitos. O afeto poético é, portanto, instrumento de identificação e associação.

No poema “A Despedida”, o eu lírico, que tinha *esperanças, futuro e prazer*, as revela findadas ao longo da travessia. Na construção discursiva da sensibilidade (forma de constituição de uma identidade e espacialidade) desterrada e emigrada, a partida é, também, símbolo do início da quebra das ilusões, é quando começam as provações, e

aquilo que primeiro moveu o sujeito a deixar a terra natal, o *horizonte mítico*, para utilizar expressão de Jorge Fernandes Alves, revela-se um sonho cada vez mais distante e improvável.

O “horizonte mítico” é o grande operador da emigração, ao nível das decisões individuais e familiares, independentemente do posicionamento social à partida ou do desnível entre mito e realidade que se venha a verificar. Ele assegura o cerzir entre o individual e o familiar, entre as estruturas da subjectividade e os constrangimentos sociais externos. Emigrar significa ir ao encontro de aspirações construídas no confronto com o meio e representações sociais nele dominantes, apoiadas no exemplo de figuras reais e próximas. (ALVES, 1993, p. 188).

Determinadas histórias, lendas, exemplos conhecidos ou contados se aglutinam na composição de um quadro que arrebatava os indivíduos, os faz viver a experiência do chamado. Com isso não se quer dizer que elementos materiais não impulsionem a emigração, mas sim propor uma reflexão sobre como a subjectividade e a ficcionalização são elementos extremamente decisivos para a decisão de partir e para a vivência da viagem rumo ao desconhecido.

Foi um sonho? Oh! Não, se fosse
 Havia de me lembrar;
 Ou sonho, ou visão passou-se,
 Quero de tal me olvidar....
 Mas seria predição?...
 Ou sonho fosse, ou visão,
 A minha idéa antojada
 Agora vou ver se arranjo,
 Vou perscrutar como Fada
 No que me disse esse Anjo.

“ – Mancebo, deixa esta terra. –“
 Deixal-a devo, porque?
 Tal pensamento se aberra
 Do joven que bem prevê:
 Buscar eu a Patria estranha,
 Aonde o pão que se ganha
 E’ todo no fel curtido,
 Todo coberto de pranto,
 E não pe compreendido
 Do estrangeiro qualquer canto. (SILVA, v. I, 1855, p. 168).

Essas estrofes, escritas por José de Moraes Silva, criam um sentido mágico em torno do chamado. O eu lírico, num estado de encontro entre sonho e realidade, é visitado por um Anjo que lhe traz a mensagem: *deixa esta terra*. Nas estrofes seguintes, o eu lírico ainda pergunta o porquê, recebendo a resposta: *porque nela és desgraçado*. Daí o título do poema: “Mancebo, deixa esta terra, Porque nella és desgraçado”. O Anjo lança a semente da jornada do herói e é, em diálogo com as reflexões de Joseph Campbell, um

arauto, ou seja, o ente mágico que encarna o “chamado da aventura” (CAMPBELL, 2007, p. 60). Nem sempre o herói o atende de imediato, sua recusa inicial, ou como faz o eu lírico, seu desejo em olvidar, porém, não remove a marca que o chamado, ou antes, a *predição* lhe imprime. O herói é um escolhido; cedo ou tarde, ele é despertado para seu destino.

Mas, pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau da vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração — um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar. (CAMPBELL, 2007, p. 61).

O eu lírico, atentando ao chamado e partindo, morre, deixando para trás não só um espaço, mas também um “eu”, ao passo que se encaminha para o desconhecido, “Onde não há os carinhos/ Da terna Mãe virtuosa,/ Si corre entre espinhos/ Sem se colher uma rosa;” (SILVA, v. I, 1855, p. 68). Eis as figurações da *terra estrangeira*, palco das provações e das conquistas. A viagem, ou ainda, a passagem é, portanto, um processo de nascimento de um novo “eu”.

Quando meu pai morreu, ella [mãe] e minha innocente irmã enconstaram-se a mim, como a hera, que abraça o tenro troco, quando elle mal se distingue entre os arbustos; era eu o seu único refugio. Mas a ambição de adquirir meios de realizar as minhas vistas, veio acordar-me a alma juvenil; uma vontade de ferro manifestou-se em meu character, e um dia cheguei-me a minha mãe e disse-lhe: – eu quero partir. Ella quis-me dissuadir; mostrou-me quão falhas são as esperanças que se procuram realizar longe dos seus; teimei em meu proposito, e resolvi-me embarcar para o novo mundo. (MONTÓRO, 1º anno, 1862, p. 192).

Assim Leopoldo V., narrador personagem no romance de folhetim “A exilada do Ipiabanha”, de Reinaldo Carlos Montóro, conta à sua noiva, Arminia, a origem de seu cismar, de suas saudades. O momento de partilhar o passado revela como a história do protagonista começa com o chamado, a *vontade de ferro* que o arrebatou e o faz romper, dolorosamente, a ligação com sua terra maternal.

A expressão da *vontade de ferro* é significativa para pensar os vínculos estabelecidos pelo discurso entre as figuras do emigrado e exilado. O que poderia diferenciar ambos seria a escolha daquele pela partida, e a imposição desta a este. Porém, as enunciações d’*A Saudade* revelam ser a escolha, também, perpassada por forças exteriores à vontade do indivíduo. Essas forças não necessariamente vêm de uma ação de violência física ou sobre os direitos políticos do sujeito. Por vezes, trata-se da força da tradição, da utopia, das necessidades, da mudança de um papel social para outro. Assim,

“ser emigrado” n’*A Saudade* é condição literária fundada na identidade poética do “ser exilado”.

No trecho, o ato de expor as íntimas dores aproxima locutor e interlocutor, de forma que este, por meio de uma narrativa sensível, sente identificar e vê na partida de Leopoldo, emigrado em terras brasileiras, o seu próprio adeus à pátria.

O romance de Montóro, com epígrafes de António Feliciano de Castilho e Luís da Silva Mouzinho d’Albuquerque, alinha-se a modelos do romantismo literário descrevendo uma *terra estrangeira* tropical e bucólica. O vale do Nassau, atravessado pelo Rio Ipiabanha, na colônia P. no Brasil, é palco onde Leopoldo conhece Arminia, jovem camponesa alemã que se apresenta como “desditosa exilada em uma terra estranha” (MONTÓRO, 1º ano, 1861, p. 127). A família de Arminia é descrita enquanto importante e bem situada socialmente, apesar de no presente da narrativa se encontrar em posição inferior. Essa situação se dá em decorrência da participação do pai da jovem nos eventos revolucionários de 1848, o que levou a uma série de perseguições ideológicas e políticas da contrarrevolução, forçando a família a fugir para o exílio.

O trecho apresentado faz parte de uma conversa entre Leopoldo e Arminia, em que aquele conta para a noiva o porquê da sua melancolia; são as saudades da irmã, da mãe e da pátria, emergindo com forte teor afetivo a partir da lembrança e narração do dia da partida. Ambas as personagens da trama, que formam o casal de apaixonados, são marcadas pela experiência do deslocamento. Cada uma trilha seu caminho de provações. Na sequência, Leopoldo aprofunda sua lembrança da despedida:

Chegou o dia da separação; minha mãe e minha irmã vieram-me acompanhar até uma praia de areia, em que as ondas do oceano se arrojavam ruidosas, e em que me esperava um batel balanceando-se nas ondas. Minha mãe abraçou-me com resignação, deu-me os conselhos, que sua illibada honradez lhe inspirava, e ia-me abençoar pela derradeira vez, quando as lagrimas lhe vieram aos olhos, e tomou-me em seus braços.

– Leopoldo – exclamou – eu nunca mais te tornarei a vêr!

Fez-me abraçar por minha querida irmã, e obrigando-me a embarcar, apesar dos meus soluços, apressou-se a separar-se de mim, para não succumbir á dôr que a dilacerava.

Quando o navio alteroso, affrontava as ondas com a sua cortadora proa, fui-me encostar ao lugar mais alto da borda, e de lá procurei devizar os dous entes, que tanto amava, e que talvez deixára para sempre. Lá ao longe, n’um ângulo extremo da praia, vi com efeito minha mãe e minha irmã, esta apercebeu-me, e disse-me adeus com seu branco lenço.

Entretanto as velas enfunavam-se, a quilha rangia cortando o oceano, e a terra fugia rapidamente; mas eu com os olhos fictos naquelle angulo da despedida, não podia despregar os olhos de minha irmã. Um ultimo aceno d’ella, veio arrancar-me uma torrente de pranto, e ao passo que a

patria me desaparecia encoberta pelas voltas da costa, eu caí desmaiado nos braços de um amigo. (MONTÓRO, 1º ano, 1862, p. 192-193).

Os relatos de partida são carregados de um teor intenso de dor e melancolia, o que poderia instigar a questão em torno do porquê se emigra, pois apenas o sofrimento parece vir de tal ação. Porém, esses cantos e essas narrativas revelam como a expressão da dor é constitutiva da identidade do sujeito, de seu espaço e principalmente de sentidos grandiosos para sua jornada de vida. Nas palavras de Arlette Farge:

Pode-se também trabalhar sobre essa discreta, e muitas vezes muda, dor das migrações, dos êxodos, dos deslocamentos de pessoas procurando trabalho em todas as regiões, longe de toda sua vida afetiva tradicional, e compreender que através desse sofrimento se tecem novos comportamentos e outras relações de força. (FARGE, 2011, p. 20).

Com isso se entende a dor como elemento sensível e literário de fabricação da identidade emigrada; de seu passado, projeto-missão e os caminhos para realizá-lo, os espaços de visibilidade e encontro. Sentir e manifestar literariamente saudades, lembrar a partida e a *pátria querida* são ritualizações a partir das quais os sujeitos se formam e jogam (no sentido político) uns com os outros.

A mãe declara a Leopoldo: *eu nunca mais te tornarei a ver!* E o próprio narrador, também, expressa a partida enquanto possibilidade de uma ruptura permanente por crer *que talvez deixara para sempre* mãe e irmã. A morte, para si como para seus entes queridos, aparece como uma ameaça constante ao emigrado. Ela pode interromper o ciclo da jornada a qualquer momento. Ela está à espreita e a escolha do herói pela aventura é, justamente, um enfrentamento a ela. Mesmo temendo nunca mais rever seus amados familiares, há algo mais forte que o medo fazendo o chamado ser atendido. A dor e a ameaça da finitude são, portanto, os elementos que fazem a vida pulsar ainda mais intensamente.

A saudade é a ligação que permanece ao espaço e grupo de origem. Ser emigrado é, fundamentalmente, ser saudoso. Mesmo o exílio, como no caso de Leopoldo (diferente de Arminia, que teve de fugir por questões exteriores a sua vontade), sendo uma escolha de grande parte dos portugueses (atendendo o chamado e buscando trabalho, oportunidades, enriquecimento e ilustração), o estar ameaçado pela morte e pela tragédia heroiciza essa escolha.

Novamente, as figuras que ficam e sofrem com a partida do emigrado são femininas. A mãe e a irmã representam o espaço pátrio, familiar e materno. Por outro lado, é a morte do pai e necessidade de assumir um novo papel na estrutura social que

impulsiona Leopoldo para a jornada de busca pelo desconhecido. Segundo António José Saraiva (1984-1985, p. 112): “Os Portugueses comportam-se como um povo que teve mãe, mas é órfão de pai, o que historicamente até se poderia explicar de uma maneira positiva pela emigração massiva dos chefes de família durante a maior parte do tempo da nossa história”. A figura da mãe, nesse cenário de uma mentalidade portuguesa perpassada pela experiência da emigração, é o passado, a infância, a pátria, o sacrifício, aquilo pelo que se luta e para onde se volta, assim como, também, é o ponto de referência da saudade, ameaçado pela morte. O pai, por outro lado, é o exemplo de virilidade a ser seguido; aquele que indica o caminho a ser percorrido (tanto na partida como no universo do trabalho), o provedor e, por isso mesmo, quem deve arriscar em nome da recompensa aguardada com o fim da aventura. Porém, essa figura é antes um espectro, um ser ausente que abandona o jovem herói com uma carga pesada de solidão e missão. A emigração é simbolicamente, nessas narrativas, a provação na passagem de um papel para o outro: de filho para pai, de ser provido para ser provedor. Assim, os relatos de partida não dizem apenas da constituição da identidade emigrada, mas, também, revelam momentos íntimos e elaborações pessoais de uma vivência particular na vida de cada um que parte.

Em “A exilada do Ipiabanha”, o relato da partida é momento em que o narrador se abre e compartilha sua dor, ou seja, seus sentimentos mais íntimos. Esse momento ímpar de revelação da fragilidade, gera uma identificação e emoção em Arminia, e é o motivo para o beijo, “a primeira e única prenda que o seu amor de donzella me devia conceder” (MONTÓRO, 1º ano, 1862, p. 193). O beijo, simbolizando o casamento dentro da estrutura do *monomito*; evidencia aquilo que se conquista após a luta.

Na narrativa de Montóro o dia do relato da partida e do beijo concedido pela donzela ao herói, é, também, o dia em que o narrador se vê forçado a uma nova partida, por conta de negócios no Rio de Janeiro. O retorno, porém, é o encontro com a tragédia. Leopoldo chega em Nassau e se depara com o enterro de sua amada, brutalmente assassinada durante seu período de ausência. Eis a sina do emigrado, sua melancolia: a morte ou a perda dos seus entes queridos. Esta é a consolidação da ameaça a qual o herói, ainda que com medo, insiste em afrontar. A realização da morte vem para potencializar o martírio da personagem, símbolo de um coletivo. O destino terrível se revela como um peso carregado pelo emigrado. Esse peso se soma com as dificuldades, sempre renovadas, fazendo a jornada do herói cada vez mais intensa e significativa para aqueles que com sua história têm contato, identificam-se e aprendem. Como escreve Denise Rollemberg (2005, p. 219): “A valorização do passado é explicada também pelo fato de o refugiado

ter uma história pessoal e coletiva, ao mesmo tempo intensa e terrível. Assim, muitas vezes, ele se seduz pela própria história, pelo seu passado”.

A dor compõe o caráter exemplar da identidade emigrada portuguesa; é o motivo do canto e do contar, a base para a ilustração e diferenciação da classe, assim como é aquilo que torna o emigrado um herói com um passado, simultaneamente, terrível e belo (dentro de uma estrutura de enredo romântica).

Além do romance de Reinaldo Carlos Montóro, demais publicações d’*A Saudade* apresentam o tema da morte da mulher amada e, em especial, da mãe na pátria distante. Como é, por exemplo, o poema “Minha Mãe” de J. J. Barboza de Castro, em que se lê na terceira estrofe:

Mas que desventura devia chegar-me
Neste mundo extranho, proscripto a vagar...
Perdi minha mãe carinhosa, na patria,
Sem que minha Mãe eu podesse abraçar. (CASTRO, v. III,
1856, p. 8).

Este é também o lamento do eu lírico no poema “Lgrimas” de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, dedicado ao irmão, José Rodrigues de Xavier Pinto. Na primeira estrofe se lê:

Somos órfãos, sobre a lousa
Em que nossa mãe repousa
Não poderemos orar;
Ambos proscriptos, errantes
Da terra natal distantes
Só poderemos chorar! (PINTO, v. III, 1856, p. 62).

A vivência da perda da figura maternal distante da pátria intensifica a dor do adeus da partida, pois não há reencontro, não há fechamento do ciclo, tal como previsto na partida (em que o horizonte de esperanças impulsiona os sujeitos). Ainda pelos versos de Rodrigues Pinto, o eu lírico canta:

E pensar n’este momento
Que não pude o passamento
A seu lado acompanhar;
Dizer-lhe o ultimo adeus,
Receber dos labios seus
Expressões de consolar!... (PINTO, v. III, 1856, p. 62).

A morte da amada ou da mãe é uma das maiores provações e fonte de melancolia do perfil romântico emigrado. Essa morte funda a impossibilidade do futuro almejado, o regresso vitorioso. Se não há a figura da mulher acolhedora, não há o que conquistar, nem há para quem voltar da aventura e provar a bravura.

Pátria querida, mãe, irmã, mulher amada dizem de uma mesma imagem. O feminino no canto e na narrativa romântica do português emigrado é o espaço a ser conquistado (aquilo que se toma posse no estrangeiro), mas também para o qual se volta (a terra da pertença originária, acrescida no valor ao longo da aventura). A morte desse símbolo é a falência da jornada do herói em sua plenitude; é a tragédia. Cabendo, portanto, apenas o lamento e sofrimento. Essas são as marcas da identidade literária emigrada e as ações que lhe compete fazer. Portanto, a lira passa a ocupar o espaço da companheira e dar vazão para o martírio dessa voz.

Dando continuidade à discussão em torno do uso da dor na composição de um perfil heroico para o emigrado, o momento da partida e da despedida da mãe, tal como faz Leopoldo V. no romance de Reinaldo Carlos Montóro, aparece no poema “Saudades de minha mãe” de João Augusto Rodrigues de Magalhães, em que se lê nas primeiras estrofes:

Minha mãe, eu te consagro
Este pobre e rude canto,
O qual saudoso te envio
Orvalhado com meu pranto.

Mãe, esse adeus que me deste
Jamais eu posso olvidar....
Os teus ais de minha mente
Só a morte há de riscar.

“Adeus, meu filho, disseste,
Eu nunca mais te verei!”
Nos meus braços te lançaste,
E eu as faces te beijei.

Ao beijar te deslisarão
Lágrimas por meu semblante;
Tristes lágrimas nascidas
No peito d’um filho amante. (MAGALHÃES, v. III, 1857, p.

175).

O eu lírico faz um movimento literário de retomar, pelo canto-lembrança, a partida da terra natal e a separação da mãe. Esse momento emerge na seleção do passado como o símbolo maior de expressão sensível do ser emigrado. Terra natal e mãe estão, novamente, em simbiose na composição feminina da espacialidade de origem.

As imagens da separação estão imbricadas à sonoridade do poema, marcada pela rítmica das rimas cruzadas nos fins dos segundos e quartos versos. As palavras selecionadas para ocuparem esses lugares do canto carregam sentidos de dor, tal como a

relação de *canto* e *pranto* na primeira estrofe, bem como os paralelismos na quarta estrofe (com a palavra *lágrimas*), e na sétima (com a palavra *chorava*):

Qu'ria partir tu choravas,
Chorava muito.... meu Deos!...
Arranquei-me de teus braços,
Dando-te o ultimo adeus. (MAGALHÃES, v. III, 1857, p. 175).

Nessa estrofe, o eu lírico arranca-se dos braços da mãe em prantos para dar o último adeus. Essa imagem funda uma ação de ruptura, impondo certa brutalidade, ou melhor, força para conseguir partir. O *arrancar* é um esforço grande que o sujeito deve fazer para cumprir o chamado. Tal como a *vontade de ferro* de Leopoldo V. Essa ação, portanto, exige bravura e certeza por parte do emigrado. Esse perfil identitário e literário oscila entre a vulnerabilidade e fragilidade, a partir das quais as manifestações de saudades da família e da pátria são vazadas, como, também, é bravo, impetuoso e certo em suas decisões. São duas camadas de caráter que compõe a personagem símbolo da identidade coletiva. De um lado chora, canta, desmaia, lembra, envia sentimentos e afetos para a terra natal e a família; por outro lado, parte, luta, trabalha, estuda, publica, canta as glórias de seu grupo pátrio e sente orgulho de sua jornada individual e coletiva.

O poema, também, carrega marcas da oralidade portuguesa de Portugal como meio de delimitação da espacialidade e identidade da voz poética. Na sétima estrofe, por exemplo, lê-se a grafia *qu'ria* como uma forma de diferenciar e criar uma fronteira pela escrita, evocando um modo de falar próprio da identidade nacional de origem. Essa ação estabelece uma distinção e territorialização do canto poético.

Tais questões ainda se potencializam com a reflexão em torno da singularidade do autor, uma vez que “Saudades de minha mãe” é a única publicação sob a assinatura de João Augusto Rodrigues de Magalhães, nas duas séries do jornal. Com exceção desse poema, não foram encontradas referências ou informação biográfica sobre o autor, ou seja, o escritor, possivelmente, não era nome em destaque no seu meio. Ainda assim, seu poema ganhou um espaço n’*A Saudade*. Isso se deve ao teor e potencial coletivo de identificação que “Saudades de minha mãe” tem.

Em diálogo com Julia Kristeva, pode-se afirmar: “O estrangeiro, portanto, é aquele que perdeu a mãe” (KRISTEVA, 1994, p. 13). Essa mãe é símbolo de um tempo e espaço da vida (infância, pátria) apartado do eu lírico/narrador no momento em que esse perfoma sua lembrança. Tal como no poema de João Dantas de Souza, o mesmo autor de “Uma página de minha vida”, dedicado à tia:

Com saudade eu lembro tudo

Que na infância me cercava,
Lembro uma mãe e com ella
Vós tia, a quem tanto amava.

Lembro a avósinha tão cara
Que tanto bem me queria;
Aquem com minhas folganças
Eu muita vez entretia. (SOUZA, v. III, 1856, p. 110).

Essas são as personagens compondo a *pátria querida*, performando a partida e inspirando o desejo de retorno: a mãe, a tia, a avó e a irmã (esta última aparece no poema de Souza que, também, recorda as *manas*). A coincidência da presença dessas figuras femininas nos poemas e narrativas de uma voz emigrada indica um padrão de enredo e uma mensagem: há algo deixado para trás na partida, ou seja, há algo que liga e chama de volta o sujeito. As personagens femininas representam a lembrança de uma missão. O tempo e o espaço do passado não são naturalmente idealizados, eles são apresentados assim como forma de reforçar a necessidade de encerramento do ciclo. O chamado pela partida, após atendido, é sucedido pelo chamado do retorno. Esta é uma característica da nostalgia vazada na literatura do português emigrado. No romantismo, a idealização do passado vem com a força da crítica ao presente (perceptível, também, n'*A Saudade*), porém, há a literatura de testemunho, da lembrança íntima, das histórias de partida escritas por autores (e direcionada para leitores) que viveram a experiência de emigrar. Nesse conjunto de publicações, a pátria é querida por reencenar repetitivamente a lembrança de que cabe ao emigrado voltar para ela. É uma ficcionalização em diálogo direto com a realidade vivida desse grupo em particular. Ainda no poema de João Dantas de Souza:

Mas um consolo me resta
Na esperança, ó minha tia,
De feliz viver ainda
Junto a quem amo, algum dia!..

E' nella em quem eu confio,
E' só ella o meu conforto,
E' ella que amo qual nauta
De salvação ama porto! (SOUZA, v. III, 1856, p. 111).

O retorno é esperança porque ele é, também, uma conquista. A *terra estrangeira* é, nesses discursos, uma terra de provações, de forma que encerrar o ciclo da jornada, retornar à *pátria querida*, é uma façanha heroica. Distante da pátria, esta é valorizada e personificada para lembrar ao emigrado: como sua experiência de vida é uma aventura, suas dores são fundamentais para a transformação, e lhe cabe a missão última de retornar. Como escreve Joseph Campbell sobre as tarefas do herói no *monomito* (sendo a primeira a partida): “Sua segunda e solene tarefa é, por conseguinte (...), retornar ao nosso meio,

transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu” (CAMPBELL, 2007, p. 28). Tal como um herói, o jovem português, trabalhador do comércio e desejoso de ilustração, ganha o mundo desconhecido, atendendo um chamado. Ele trava batalhas (intelectuais, sociais, materiais) em *terra estrangeira* e vislumbra um retorno, provando sua distinção para seu grupo de origem. Ao fim do ciclo, espera-se, portanto, o retorno ou, até mesmo, a morte como redenção. Tal como fica evidenciado no trecho, cuja autoria é atribuída a J. Wasington, publicado no segundo volume da primeira série d’*A Saudade*:

Aquelle, que procura fama em sua vida, e que tem recolhido uma ampla seára de honras mundanas, acha alfim de tudo que não existe amor, admiração, nem louvores tão agradaveis á alma, como os tributos, que se recebem em a terra natal. É lá que elle procura gozar em paz da sua gloria entre seus parentes, e seus primeiros amigos; e quando seu coração esfriado, sua cabeça desfallecida o advertem, que o fim da vida se aproxima, elle volta com a mesma ternura, que um menino, aos braços de sua mãe a saborear o repouso entre as scenas da sua infancia. (WASINGTON, v. II, 1856, p. 40).

É necessário voltar. A instrução que perpassa a publicação é de ordem moral e sensível. Afinal, tudo é aprendido socialmente: a saudade, a importância de atender o chamado, a ética ascética, a caridade, a escrita, o amor à pátria e o desejo de retorno. Por mais naturais que as manifestações dessas ações e sensibilidades possam parecer ser, todas são construções e ensinamentos trabalhados coletivamente. O texto oferece uma narrativa, então, interiorizada como expectativa para as vidas individuais de leitores e escritores d’*A Saudade*. A ideia de que a terra da infância (metaforizada como colo materno) é o lugar onde se encontra a paz e, até mesmo, uma boa morte, após aventuras e provações, fortalece a identidade portuguesa e o sentido mítico a partir do qual o emigrado significa sua história como uma jornada heroica.

No poema “Minha patria” de Manoel Leite Machado (v. III, 1857, p. 183) o eu lírico, *errante proscrito sozinho*, canta o desejo de voltar para a pátria e nela morrer. O que é marcante em versos como: “Eu desejo, ó pátria querida,/ Ao teu seio voltar livremente;”, “Eu desejo o sepulchro lhe dar”, “Se vivendo, ó pátria, em teu seio,/ Posso a vida deixar sem receio!!” e “Minha patria contigo viver,/ Eu desejo, e em teu seio morrer.”. Dentro da estrutura do monomito, segundo Joseph Campbell (2007, p. 213): “As aventuras do herói se passam fora da terra nossa conhecida, na região das trevas; ali ele completa sua jornada, ou apenas se perde para nós, aprisionado ou em perigo; e seu retorno é descrito como uma volta do além”.

Seguindo esse ensinamento, escritores representativos de seu grupo fizeram o caminho do retorno e da morte na pátria, como o fundador d’*A Saudade*, Bernardino

Pereira Pinheiro, e o principal redator do periódico, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. Ambos figuram como emigrantes do retorno. Sobre este último, não apenas sua biografia, como personagens marcantes de sua obra, também, vivem a partida, emigração, provações e retorno, com um desfecho de resolução dos conflitos. Como exemplos, podem ser citados: “Mathilde”, publicado em forma de folhetim no segundo e terceiro volume da primeira série d’*A Saudade* (1856-1857); e *A filha do Administrador*, peça teatral em três atos, aprovado pela censura para ser encenado no Rio em 1858 e publicado em 1859 na cidade do Porto. Apesar do teor cômico desta e dramático daquela, em ambas as narrativas, existe a personagem do jovem português provinciano, sem instrução acadêmica, que emigrou para o Brasil e retorna para Portugal.

Em “Mathilde”, essa personagem é Carlos, conhecedor das letras, apresentado com uma personalidade carismática e uma missão de justiça, tanto pelo assassinato do pai quanto pela honra de sua amada Luiza. A história, defendida pelo narrador como verídica e conhecida da comunidade da Folgosa (onde se passa o enredo), trata do sequestro e estupro da referida jovem. Carlos é o alvo dos sentimentos das mulheres da narrativa, assim como é, também, a personagem sobre a qual pesa um dever de vingança. O final trágico do eixo central, envolvendo a personagem Luzia (que falece após ter sido roubada e estuprada), é aliviado com a resolução feliz do casamento de Carlos com Mathilde. A figura do emigrado português e retornado se assimila novamente ao herói que recebe um chamado, vive uma jornada de provações e dificuldade, mas, ao fim, as supera e encontra a felicidade.

Em *A filha do Administrador*, a personagem do emigrado português, sem instrução acadêmica, que no início da história se encontra no Rio de Janeiro, é Luciano. Este se diz apaixonado por Carolina em decorrência das lembranças de um amor de infância. Esta, porém, é retratada como indiferente, fútil, interesseira e esnobe. Por outro lado, há Emília, jovem virtuosa e obediente aos tios, apaixonada por Luciano e sofredora de um amor não correspondido. Novamente, o emigrado é alvo dos sentimentos de uma mulher honrada. Seu retorno à pátria é acompanhado de dificuldades e provações, mas, também, acaba por encontrar sucesso afetivo (descobrendo o caráter de Carolina e casando-se com Emília) e material (conquistando uma posição política e profissional de grande valor).

A breve apresentação dessas personagens é forma de situar o ensinamento, vazado por meio de uma escrita nos moldes românticos, do que se espera socialmente do português emigrado. Não apenas na obra de Rodrigues Pinto, como do grupo ao qual

participa, as personagens que identificam o emigrado são personagens vivendo ciclos heroicos. Com elas e através delas, escritores e leitores se veem e se reconhecem, fazem-se ser e sentir heróis, cumprindo missões, vivendo um presente de provações e vislumbrando um futuro de recompensas.

O retorno vitorioso, também, pode ser percebido nas publicações destinadas a homenagear Bernardino Pereira Pinheiro, quando este retorna a Portugal. Constantino Joaquim de Azevedo Lemos escreve ao amigo no fim do primeiro volume de *A Saudade*:

Imbuido neste vai-vem, em que nutria a idéa, ainda que enganadora de fruir por longo tempo os inefáveis gosos de vossa intelligencia; é quando vos apartais deste paiz, deixando saudosos amigos, inclinando vossa frente, ante o guia encaminhados d'um futuro brilhante, qual aquelle que eu agouro e que a formosa Lizia vos aguarda.
Ide, meu amigo, um mar cheio de bonança vos espere.
E depois de pizares o nosso querido Solo Lusitano; desejo-vos que para lenitivo das saudades que dilacerarão vosso coração encontres em paz, os entes que tanto adoras... (LEMOS, v. I, 1856, p. 210).

Bernardino Pinheiro é representativo do português emigrado que completa o ciclo e retorna à pátria. O retorno é vislumbrado como fim das saudades. Estas não são sentimentos pessoais dissociados dos quadros sociais da emigração portuguesa, ao contrário, ela simboliza a identidade poética exilada, as provações em *terra estrangeira*, a dor que marca e diferencia o emigrado, edificando-lhe um espaço (sensível, artístico e político) próprio. Portanto, livrar-se da saudade é fazer a passagem de volta, cruzar o mar não mais com medo rumo ao desconhecido, mas sim um *mar cheio de bonança* que leva ao reencontro com a tão querida pátria.

Nesse viés, cantam (dessa vez, em linguagem poética) Echo Elisio e Manoel Leite Machado, também, em homenagem à Bernardino Pinheiro: “Alegres os filhos das musas ditosas,/ Alegres, contentes te hão de abraçar,/ A corôa te espera, a corôa de louros/ Que tecem occultos p’ra te dedicar.” (ELISIO, v. I, 1856, p. 208) e “Oh! vai, vai, que eu já vejo/ As bellas nymphas do Tejo/ Uma c’rôa te preparar.” (MACHADO, v. I, 1856, p. 208). A coroa recebida é uma das metáforas mais expressivas (em conjunto com o lenitivo das saudades) do reconhecimento pela conquista com o fim da jornada heroica, o retorno.

A partir de uma ótica inversa, no poema “Um adeus” de Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro, o eu lírico é aquele que parte, voltando-se para um amigo (José Galvão Mexia) que fica. Ainda assim, percebe-se a ideia de realização e conquista imbuída no regresso. Nas segunda, terceira e quarta estrofe lê-se:

Vou deixar o Brasil!... vou ver a patria,
Que, ha dous annos, deixei com magua minha
Sem mais vel-a esperar!

Vou ver de minha terra o céu amado,
As ridentes campinas, e as arroios
Serenos deslizar.

Vou ver as avezinhas variegadas
Com seus doces gorgeios saudarem
O nascer da manhã:
Vou, de novo, abraçar a mãe querida,
Meu velho pae, que tanto me estimava,
E beijar minha irmã.

Vou deixar o Brasil! A terra infausta, (1)
Em que soffri dous annos, e não levo
Saudade, oh! que não!
Uma nuvem, somente, vem toldar-me
A alegria – que deixo aqui penando
Um amigo, um irmão!... (RIBEIRO, v. II, 1856, p. 135-
136).

A partida é, novamente, o início de uma jornada de provações que prevê no retorno o seu encerramento. Com essas expectativas emergem as imagens da *pátria querida* enquanto espaço bucólico e mágico, habitado por entes amados. Em sua contraposição, há o Brasil, *terra infausta*, que não desperta saudade, apenas a compaixão para com um amigo que permanece. A nota do fim do primeiro verso da quarta estrofe justifica essa construção poética: “Foi de facto infausta para este joven, pois soffreu muito desde que chegou; era um verdadeiro martyr de commercio do Rio de Janeiro” (RIBEIRO, v. II, 1856, p. 136). Esse perfil poético e, até mesmo, biográfico calcado por Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro para si em suas composições é marcante, também, em sua obra *Poesias*, publicado em Coimbra em 1868. Nesta, há um poema que funciona como um paralelo instigante para as reflexões aqui estabelecidas; trata-se de “Dor Igual”. Neste, o eu lírico canta a lembrança da dor vivida em exílio no Brasil.

O poema é dedicado ao amigo Severino de Azevedo, como resposta e compartilhamento de dor, ou seja, como reconhecimento de pertencimento e igualdade. Na terceira estrofe da segunda parte do poema lê-se: “A ti, que tua patria e familia deixaste,/ Não póde sorrir o formoso Brazil;/ A terra distante, em que a vida encetaste,/ Sempre has de julgar mais do que esta gentil.” (BARROS, 1868, p. 146). A pátria é querida, ao passo que a terra onde se habita é estrangeira, estranha, hostil e infausta.

A diferenciação valorativa dos sentimentos destinados para ambos os espaços é um elemento recorrente na literatura produzida pelo português emigrado. Por que? Por que fazer da pátria, *pátria querida*, e a terra onde se habita, *terra estranha*? Esse confronto edifica o espaço das provações e ensina os passos da jornada heroica. Se há a

impossibilidade de um fechamento com o retorno, o que se deseja para o fim do sofrimento saudoso é a morte. Em ambos os casos, a *terra estrangeira* é o espaço do tempo suspenso, do momento de espera e ânsia para quando não mais nele se estará.

Em nota do poema, Ribeiro se desculpa com os amigos e parentes do Brasil que se sentirem ofendidos por seus versos de saudades da pátria. O autor, apresentando-se como tal, reconhece a beleza natural das terras brasileiras, dizendo, porém, que seus versos tratam da impossibilidade do emigrado de apreciá-las, pois apenas a dor e a saudade provêm de sua vivência em *terra estrangeira*, escrevendo ainda: “Os filhos de Portugal que no Brazil me lerem, esses compreenderão de certo meus versos, e lhes darão desculpa, se culpados parecerem” (RIBEIRO, 1868, p. 189). Eis a delimitação identitária tanto de si, enquanto autor, como da voz lírica e de seus leitores. Na nota, o poema é territorializado e justificado.

A relação tênue entre o ser português emigrado e o ser uma alteridade inimiga à identidade brasileira emerge dessas justificativas em torno da construção das provações em *terra estrangeira*. Porém, a fala do autor evidencia como essas construções poéticas não se voltam ao grupo de leitores brasileiros, e sim aos seus conterrâneos, em especial, àqueles que, também, vivem a experiência da emigração. Essas produções, portanto, falam do grupo o constituindo. Nesse sentido, não é surpreendente que Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro dedique seu livro *Poesias* ao Retiro Literário Português no Rio de Janeiro, associação oriunda do Grêmio. A fala se volta para o *lugar próprio* do emigrado como meio de traçar fronteiras e fazer reconhecer a demarcação de seu espaço.

Nesse ponto, encontra-se um dos elementos mais instigantes de “Dor Igual”: ele se situa em um espaço da narração não mais distante da pátria, mas sim nela. Portanto, pode-se concluir não ser a vivência empírica de habitar a *terra estrangeira* (no espaço e tempo nos quais se produz a narração) que cria ou dá base para o sentimento de dor e saudade. O processo é o contrário: pela dor e pelas dificuldades enunciadas que se edificam esses espaços e se faz pertencer ao grupo. O retorno, no poema “Dor Igual”, não elimina a dor. Na primeira estrofe da segunda parte o eu lírico canta:

Depois á patria regressei, julgando
 Na patria vir consolações achar.
 Mas... foi ventura, que entrevi sonhando,
 So mais desgostos consegui provar!
 E agora posso, já na terra linda
 Do meu paiz,
 Dizer com prantos: – Porque sou ainda
 Tão infeliz?! (RIBEIRO, 1862, p. 147).

Por que o retorno não elimina a saudade? A pergunta do eu lírico desmonta todas as expectativas enunciadas nas vozes d'*A Saudade*. Ora, o que essa indagação indica é que a *pátria querida* é uma espacialidade da sensibilidade e da identidade, não uma espacialidade física ou geográfica.

Ribeiro não renuncia ao vínculo com o grupo e com a identidade emigrada, ele faz isso por meio da voz lírica e da continuação da dor, tal como se a *terra estrangeira* o acompanhasse para a *pátria querida*; como se após a jornada, o herói saísse transformado, enxergando o próprio mundo como *terra estrangeira*. Sobre o “exílio”, o *Dicionário do Romantismo Literário Português* apresenta a seguinte consideração:

O retorno à Pátria é, tanto em Carlos (*Viagens na Minha Terra*), como no Romeiro (*Frei Luís de Sousa*), ou em Camões, do poema com o mesmo nome, uma decepção, pois as expectativas criadas no desterro jamais poderiam ser satisfeitas. O viajante tornou-se outro e os espaços e os seres fixados na memória também. O regresso já não cura a nostalgia. E aí a irreversibilidade impõe-se. (BUESCU, 1997, p. 176).

Desse modo, o retorno não finaliza a dor, e o ser exilado acompanha o emigrado mesmo após o retorno. A sensibilidade saudosa cola-se a sua identidade para além de uma condição social variável. A expectativa de se encerrar o ciclo da aventura, retornar vitorioso, ter findadas as provações e encontrar o tão desejado lenitivo para a saudade aparece como ilusão. O eu lírico é estrangeiro em seu próprio país. Portanto: “A partida transporta já consigo a nostalgia do regresso e este será sempre o reencontro com uma alteridade. A usura do tempo impede que o regresso ao lar seja a cura para a doença nostálgica. O menino envelheceu e da infância fica-lhe apenas uma música evocativa” (BUESCU, 1997, p. 179). Ou como escreve Isabel Allegro de Magalhães (1994, p. 196): “Mas essas chegadas, aparentemente o termo do círculo cumprido de uma viagem, ou o seu fim feliz, resultam na chegada a nenhum lugar, ou ao mesmo e esvaziado local da partida”.

Mesmo após uma breve experiência de emigração e vivência em terra estrangeira; mesmo após retornado e passado bastante tempo na pátria, o “eu” da escrita literária ainda se encuncia pelo discurso do desterro. O poema “Dor Igual” foi escrito em 10 de abril de 1860, ou seja, quatro anos após a publicação de “Um adeus” n'*A Saudade*. Nesse espaço de tempo se percebe, mesmo com ambos os poemas enunciando um eu lírico sofredor, uma mudança significativa que vai da percepção da *pátria querida* para a interiorização (independente de onde se encontre o “eu” da escrita) de sua eterna condição de exílio. Como escreve Hugo de Saint Victor (monge da Saxônia que viveu no século XII): “O homem que acha doce seu torrão natal ainda é um iniciante fraco; aquele para quem todo

solo é sua terra natal já é forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira” (SAINT VICTOR apud SAID, 2003, p. 38). São as etapas de um amadurecimento existencial, no qual a construção identitária e, portanto, espacial de si (quem é, quais suas pertencas, missões, de onde vem e para onde vai) são fabricadas literariamente. O herói é, ao fim, um incompreendido:

Isso nos leva à crise final do percurso, para a qual toda a miraculosa excursão não passou de prelúdio – trata-se da paradoxal e supremamente difícil passagem do herói pelo limiar do retorno, que o leva do reino místico à terra cotidiana. Seja resgatado com ajuda externa, orientado por forças internas ou carinhosamente conduzido pelas divindades orientadoras, o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a bênção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser completos. Ele tem de enfrentar a sociedade com seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno, que vai de queixas razoáveis e duros ressentimentos à atitude de pessoas boas que dificilmente o compreendem. (CAMPBELL, 2007, P. 213).

Qual é o elixir que o português emigrado leva de volta para Portugal? A saudade. Uma saudade que marca sua contínua falta de pertença, sua identidade em trânsito, seu ser deslocado. O único elo criado pela saudade é o do emigrado com os seus iguais, aqueles que entendem a mensagem revelada na experiência, ou melhor, aventura da emigração. Nem *terra estrangeira*, nem *pátria querida*. Ao fim, o lugar do emigrado é o entre: espaço da viagem, da saudade, da resistência e da luta.

Ser parte de um grupo de jovens portugueses emigrados, baldos de instrução, marginalizado socialmente, bravos por atender um chamado, sofrendores das dificuldades em solo desconhecido, sonhadores do reencontro com a pátria, com as musas, poeta da simplicidade, contador orgulhoso dos feitos passados e agente da transformação presente rumo a um futuro brilhante: estas são as construções que delimitam o jornal, seu grupo, sua sensibilidade e missão, *A Saudade*, a classe, a saudade e, enfim, a *pátria querida*. Sendo esta de onde se vem, para onde se vai, espaço mítico e atrevido pela *terra estrangeira*, também, condição literária, sensível e existencial que marca permanentemente a identidade do sujeito emigrado.

Considerações Finais

Julia Kristeva inicia o texto “Felicidade que se queima”, no livro *Estrangeiros para nós mesmos*, com a seguinte pergunta: “Existem estrangeiros felizes?” (KRISTEVA, 1994, p. 11). Esse questionamento emite a ideia de uma associação intrínseca entre a figura do estrangeiro e uma determinada sensibilidade, de tristeza e melancolia. Se cabe perguntar se existem estrangeiros felizes é porque, aparentemente, esse grupo é representado pelo sofrimento. *A Saudade* é obra comprobatória de tal relação subjetiva, sensível e identitária. Por meio de sua leitura, fica evidente o privilégio atribuído às manifestações de dor. Quando não dor, um dever que implica esforço, dificuldade, luta. A vida daquele que se encontra em terra estrangeira aparenta nunca ser harmônica, pacífica, tranquila e, conseqüentemente, feliz. A ausência da felicidade é fundamento da busca por ela. Nessa busca, o estrangeiro se define por uma voz literária saudosa, um grupo político e social marginalizado e uma missão de vida de retorno.

Se há felicidade do estrangeiro, essa felicidade se encontra, justamente, em sua ação formativa, na qual a saudade, a melancolia, o sofrimento, as provações (produtos de um tempo percebido como em suspensão), são vividos e expressados como um estado de espírito permanente.

É possível ser estrangeiro e ser feliz? O estrangeiro suscita uma nova ideia de felicidade. Entre fuga e origem: um limite frágil, uma homeostase provisória. Assentada, presente, por vezes incontestável, essa felicidade, entretanto, sabe estar em trânsito, como o fogo que somente brilha porque consome. A felicidade estranha do estrangeiro é a de manter essa eternidade em fuga ou esse transitório perpétuo. (KRISTEVA, 1994, p. 12).

O estrangeiro propõe uma nova ideia de felicidade. Uma felicidade, pois, constituída pelo seu reverso, ou ainda, pela sua impossibilidade. Uma felicidade marcada pela dor da travessia, que, porém, não desiste de vivê-la, mesmo quando o ciclo da jornada se encerra. Uma felicidade que se apraz do confronto, ou como, tão poeticamente escreve a autora: *como o fogo que somente brilha porque consome*.

Eis o belo e atrativo da literatura romântica vazada na voz do estrangeiro: o incapturável, o amor irrealizável, o desejo sobre algo impossível, a excentricidade. O estrangeiro, o exilado, o emigrado são figuras que permitam o cantar e narrar a solidão como um martírio, fazendo de si uma representação da dor, ao mesmo tempo prazer, em ser único, sozinho no e contra o mundo.

A dor é elemento constituinte de uma identidade social e artística do emigrado. No seu sofrimento se justifica o projeto e ação de construção de um espaço de publicação e conquista de visibilidade, o jornal *A Saudade*. Também, pela dificuldade de ser português emigrado no Brasil, se embasa um discurso de formação da classe. Assim como a dor do exílio e da perda de um referencial ideal no passado (seja de afetos íntimos ou de glória) motiva o cantar saudoso e orgulhoso da identidade nacional, esperançoso de um retorno à pátria. No fundamento de cada espacialidade definidora do ser português emigrado, de cada nicho discursivo, de cada figuração representativa do grupo, está a ideia de um sofrimento. Um sofrimento, porém, que desperta prazer, identifica, dá sentido e caminho para um grupo de portugueses emigrados.

No primeiro capítulo, a proposta analítica parte de documentos cujo sofrimento definidor do português emigrado aparece como aquele enfrentado pelo jornal para se manter e alcançar seus objetivos. O periódico não é apenas o corpus da pesquisa como, seu próprio assunto. Nesse fazer metalinguístico, o jornal se torna veículo de realização de uma grande missão: publicar! A publicação é entendida como um dever coletivo, porém, atravessado por diversas dificuldades: criar uma agremiação com um ideal comum, uma comissão redatora, fundar o jornal, adquirir assinaturas, custear as impressões, escrever aquilo que agrada os leitores, lidar com críticas e com a difícil administração de um periódico. Os documentos no jornal apontam para uma série de conflitos que emergem dessa iniciativa. A dor e a dificuldade, repetitivamente mencionadas nas publicações, não trilham um caminho progressivo que culmina no fim do jornal. Por mais que a impossibilidade de manter a publicação d'*A Saudade* esteja associada a uma série de empecilhos (em especial, financeiros), a reflexão apresentada no primeiro capítulo compreende a enunciação dos momentos finais (tais como dos momentos fundacionais) como participantes de um processo intermitente de reinvenção ficcional dos portugueses emigrados, de suas identidades e suas espacialidades. O produto dessa fabricação, cujas fronteiras estão em constante modificação, resulta em diversas agremiações e periódicos. O Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro e *A Saudade* constituem um espaço dentre tantos e sua produção literária permite perceber, no interior de seu espaço, outros microespaços construídos: o grupo de redatores, escritores, colunistas, administradores, sócios, leitores, assinantes, não-assinantes, desistentes, demais associações e jornais que ameaçam a existência d'*A Saudade*. A coesão e união, desejos discursivos do periódico, cedem lugar para os jogos políticos formadores de diferentes coletivos e para os conflitos, inclusive, internos à comunidade portuguesa.

No segundo capítulo, a dor enunciada pelo português emigrado diz dos embates sociais e de sua enunciada condição de marginalização. Essa marginalização é compreendida enquanto elemento ficcional formador da identidade do grupo. Por mais que muitos portugueses emigrados estivessem em condições materiais precárias no século XIX, o Grêmio é formado por um conjunto de indivíduos com certas facilidades econômicas, inclusive, decorrentes do sistema de recomendações caixeral de portugueses no Rio de Janeiro. Ainda assim, pelo uso do conceito de *classe*, as publicações do jornal fazem dele representante de toda a comunidade portuguesa emigrada; tornam-o seu porta-voz. Essa “toda comunidade portuguesa” é uma *comunidade imaginada*, para usar a expressão de Benedict Anderson (2008, p. 32). Afinal, os portugueses emigrados no Brasil se constituem em grupos extremamente heterogêneos. Textos e poemas d’*A Saudade* permitem pensar algumas dessas diferentes vivências e figurações (como de um lado o mendigo, de outro o “brasileiro”). Ainda que muitos desses sujeitos não se relacionem na prática e possuam círculos sociais restritos, o discurso do jornal tende à união. A obra periódica cria um sentimento de comunhão para o coletivo. Desafortunados e afortunados são integrados dentro da ideia de pertencerem a uma mesma *classe*. Esta deve, segundo *A Saudade*, lutar e buscar sua regeneração. O meio? Pela associação e sua ética ascética. A dor (da marginalização, do preconceito, da vida precária e do peso da missão instrutiva) é formativa de um espaço em luta para os portugueses emigrados no Brasil.

No terceiro capítulo, o sofrimento constitutivo de uma espacialidade própria para o português emigrado ganha nome: saudade. O próprio nome que intitula o jornal. Nessa ação nominativa e fundacional há uma territorialização da obra a partir da fabricação de uma sensibilidade para o grupo que ela diz representar. Os documentos analisados mostram como os emigrados, pagando tributo a uma tradição cultural portuguesa, apropriam-se do sentimento saudoso. Essa apropriação vem tanto para reforçar seu pertencimento à identidade nacional (afinal, a saudade enquanto propriedade sensível do português é uma máxima que perpassa a literatura portuguesa moderna), como para criar uma distinção única do emigrado. Este é aquele que vive a experiência de partir, de deixar amigos e família, de sofrer em terra estrangeira, lembrando com desejo o passado e tudo o que perdeu. A dor engrandece poeticamente esse sujeito. O discurso do jornal constrói a ideia de que pela saudade os emigrados permanecem portugueses aos olhos dos residentes em Portugal, resistem à perda da identidade nacional imposta pela viagem, reatualizam sua pertença à pátria, permanecem ligados à terra natal pelo sentimento, e

tornam-se os verdadeiros mensageiros da saudade. Tal como os grandes poetas do passado glorioso da literatura portuguesa, os autores d'*A Saudade* escrevem no exílio. O exílio é marca pela qual criam uma identidade particular. Nem portugueses, nem brasileiros; pertencem, antes, a outra identidade, outra espacialidade, então, fronteada pela saudade. Uma saudade proveniente da vivência da emigração. O sofrimento do exilado é uma máxima da literatura romântica, molde da produção d'*A Saudade*, potencializado pelo discurso de um perfil poético colado à identidade política e social dos emigrados.

No quarto capítulo, o afastamento da pátria é o mote da dor que fronteira a identidade portuguesa emigrada. A pátria é um espaço criado ficcionalmente pelas mais diversas culturas ao longo dos séculos. No caso d'*A Saudade*, a construção da pátria adquire características singulares. A pátria é, fundamentalmente, *pátria querida*. Podia-se argumentar ser toda pátria (ao menos, majoritariamente) querida por aqueles que a ela acreditam pertencer, porém, no caso do jornal, essa caracterização se relaciona ao contexto de formação da obra periódica. O afastamento da pátria faz dela o alvo para o qual se voltam as manifestações de orgulho e carinho. O sofrimento só pode existir se o amor à pátria existir. Se não há um vínculo forte com a pátria, a dor do emigrado não tem lugar e todo o pilar de constituição da identidade desse sujeito se desmorona. Daí as múltiplas publicações que retomam e reatualizam lendas e narrativas vinculadas à história de formação de Portugal. Assim, também, são enunciadas ideias de glória, grandiosidade, perpetuação da tradição e luta contra a decadência portuguesa. A *pátria querida* é, portanto, fundamental e ponto de partida do discurso edificador de espaços no jornal. Ela é o ponto de partida, inclusive, da emigração, então, transmutada em jornada heroica. Afinal, sair da pátria para conquistar o solo desconhecido é um caminho do herói do *monomito*, como escreve Joseph Campbell (2007, p. 36). O ciclo da aventura se encerra quando o herói (este é o sentido que o emigrado ganha dentro de muitas das narrativas d'*A Saudade*) retorna. Porém, quando isso acontece na prática, o espaço revela seu caráter ficcional. O retorno à pátria não traz completude em algumas publicações; não elimina a saudade e o emigrado continua sentido pulsar mais forte sua identidade deslocada.

As divisões dos capítulos assim se constituem, tendo como aporte teórico a ideia da formação de espaços pelo periódico. O uso do conceito de espaço enquanto categoria analítica parte da compreensão de que este é um instrumental abstrato para propor um caminho de reflexão e aprofundamento da obra. Se pela obra se passeia como quem

passeia por um *bosque* (ECO, 1994, p. 12), os trilhos propostos se pavimentaram no conceito de espaço enquanto produção literária.

Ao ter contato com o jornal, ler suas publicações, investigar seus autores e contextos, referências e intuítos, observa-se que na obra existem determinadas temáticas repetidas. *A Saudade* tem diferentes textos, porém, alguns podem ser agrupados, pois se vinculam por um discurso e/ou imagem. Este(a) pode ser o próprio jornal, sua história, a classe ou a mocidade, a saudade, o exílio, a pátria, o passado, o presente no estrangeiro ou o futuro de morte ou retorno, dentre muitas outras construções.

Esta Tese não encerra a obra, ela contínua e continuará sempre em aberta, possibilitando novos olhares e a percepção de outros espaços. Além disso, a definição dos espaços apresentados não quer dizer que um texto ou um autor esteja nele enraizado. Ao contrário, os escritos transitam entre os espaços, que, na verdade, só existem enquanto conceitos abstratos para uma proposta analítica.

A ideia de espaço é frutífera para se pensar a dinâmica da obra. Em determinados momentos, a fronteira daquilo que é dito e por quem é dito é fortemente traçada e fronteada; já em outros momentos, ela fluída e os territórios transpostos.

O espaço tanto permite pensar a construção de um conjunto literário, como pô-lo em relação com demais, criando, assim, insterstícios. Além disso, a edificação de um espaço enfoca o caráter construtivo da literatura, de forma que possibilita colocar o texto em relação com elementos extratextuais, num exercício de pesquisa do processo fabricador daquilo que se lê.

Por meio do uso do conceito de espaço, em diálogo com os Estudos Literários, esta Tese explora aspectos diversos n'*A Saudade*. Se algo foi revelado nas páginas anteriores é apenas no sentido de *re-velar*, ou seja, velar novamente, colocando no objeto uma nova camada de significação, encobrindo-o com um pretencioso “descobrir”. Tal como no sentido primordial da palavra. Lucas Augusto da Silva, abordando as reflexões de Antonio Telmo, em seu livro *Arte poética*, reforça esse sentido do termo revelar:

O filósofo português indica que a palavra revelação tanto se distanciou de sua procedência etimológica que hoje tem o significado contrário. Revelar seria, por sua origem, velar novamente, isto é, re-encobrir, re-ofuscar. Atualmente, porém, ao nos expressarmos sobre a revelação de um segredo ou de uma fotografia, nos referimos ao aparecimento, ao desencobrimento de algo que até aquele momento estava escondido (TELMO, 1993). A conclusão do filósofo, todavia, demonstra porque este ensaio está no livro *Arte poética*: revelar é sempre a simultaneidade entre descobrir e encobrir com novos disfarces (AUGUSTO DA SILVA, 2021, p. 19).

Nesse sentido, o “descobrimento”, proposto pela análise desta Tese, do uso da saudade, em especial, como elemento político, artístico, social, cultural e identitário que constrói espaços e territórios na e por meio da literatura dos portugueses emigrados, voltada para esse grupo e demais (próprios do contexto de emergência da obra), pode ser pensado, também, como um “encobrimento”.

A Saudade não se restringe a uma leitura de espaços, assim como, também, não se restringe a uma associação com os embates de seu contexto histórico. Afinal, aquilo que primeiro instigou um movimento investigativo em torno do jornal foram as mensagens poéticas, o encanto despertado por suas produções, o divertido jogo de escrita e leitura periódica, a sensibilidade angustiada perante a passagem do tempo, ou seja, elementos funcionando como hastes de um leque que se abre para uma visão panorâmica desse objeto, especificamente, mas, também, soltam-se, independentes e se vinculam a outros objetos, tempos, espaços, sujeitos...

Daí que, neste ponto das discussões, possa-se questionar: por que trazer *A Saudade* como foco de debate hoje? O que há nela de inspiração, de desejo por sua leitura e convite à imersão em seus espaços? Nesse movimento, a obra e seus autores rompem suas fronteiras; conquistam um público maior do que o ciclo, o *pequeno mundo*, imediato e inscrito no contexto da obra.

Se hoje, *A Saudade* faz parte de um acervo histórico, atrevessou o século XX e ganhou novos olhares investigativos no século XXI, inclusive, por parte de um “eu” da escrita distinto em relação àqueles figurados no jornal; isso se dá porque, para além do universo associativista português no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, a literatura produzida pelos portugueses emigrados possui a capacidade de dizer sobre as dores e os prazeres de se estar no mundo, fazendo travessias, buscando referenciais (do passado e do presente), construindo espaços de encontro e de projeção do futuro, assim como de produção artística.

Não é necessário, para se identificar com o que *A Saudade* apresenta, ser português emigrado, poeta, romancista ou cronista, romântico, caixeiro pobre, leitor da tradição literária portuguesa, saudoso e orgulhoso da pátria, aspirante do retorno. Os espaços e figurações percebidos no jornal são tentativas de aprofundar na obra, embasada numa busca acadêmica e provocativa, porém, cada leitor é tocado de forma diferente. Este é o poder da literatura: sua capacidade de despertar a empatia, extravasar quem somos, relativizarmo-nos e reconstruirmo-nos por meio do “outro”. Segundo Nancy Huston:

Através da leitura, e através da identificação que ela proporciona com *personagens* de épocas, meios e culturas diferentes, acabamos ganhando distanciamento em relação à identidade que recebemos. Assim, nos tornamos mais aptos a decifrar outras culturas e a nos identificar com as *pessoas* que as compõem. (HUSTON, 2010, p. 128).

Nesse processo de se colocar no lugar do outro, de habitar espaços que não aqueles nos quais encontramos nosso conforto, o nosso *pequeno mundo*, adquirimos novos pontos de vistas que nos ensinam. Pela literatura é possível sentir, tal como os emigrados portugueses, o desconforto de se estar fora de um espaço de segurança existencial. Porém, esse desconforto é o primeiro passo para a busca (relembrando a expressão citada de Joseph Campbell), para a aventura de se reconstruir enquanto indivíduo errante no mundo. Essa errância não precisa ser física. A saudade, se algo pode ser *revelado* sobre seus sentidos e usos, é um estado independente das condições materiais. Lembrando os versos, publicados na segunda série d'*A Saudade*, de José Victorino da Silva Azevedo:

Saudade! é o livro das esperanças murchas
Que em paginas de amor soletra a vida;
Ê folheando as no presente incerto
Recordações dulcíssimas apontam.

Saudade é a onda que brilhante e pura
Na praia folga e a folgar expira:
E' a planta do inverno, abandonada
Aos rijos ventos da estação ferina,
Que recorda o passado entre verduras.

Saudade é o fogo que no peito vive
Oculto às vezes, mas se expande um dia.

Saudade, é a rosa cujas folhas seccas
Guardadas sempre seu aroma exalam. (AZEVEDO, 1862, p. 28).

Após 160 anos, *A Saudade* é revisitada, lida, tornada objeto de estudo, mas, também, objeto que desperta sentimentos, ilusões, devaneios. Um livro de *esperanças murchas* de escritores que viveram, escreveram e se foram. Hoje relidos, fazem pensar que as dores atuais podem um dia, também, despertar novos olhares, novas *revelações*. Soletrando a vida no *presente incerto*, como escreve Silva Azevedo. Juntamente com os escritos sobre a saudade, *A Saudade* permite pensar a fragilidade do hoje. O tempo que escapa a todo momento, o passado perdido e o futuro por vir. Essas instâncias são sentidas, então, como o que há de mais precioso, ao mesmo tempo, incapturável. O que fica? O que perdura desse incapturável? A saudade. *Oculto as vezes, mas se expande um dia*. Rastros das dores dos que se foram, porém, quando redescorbetas, nos tocam. Assim

foi com *A Saudade*, um presente de poesia e empatia, uma *rosa cujas folhas secas*, mesmo após guardadas tanto tempo, na aproximação, *seu aroma exalam*.

Bibliografia ativa

Corpus

A Saudade

A Saudade – Publicação Litteraria e Instructiva, Jornal do Gremio Litterario Portuguez, v. I, II e III, 1855-1857. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/221783/0>>. Acesso em: 01/2022.

A Saudade – Periodico Litterario, série II, 1º e 2º anno, 1861-1862. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/DocReader.net/RealGabObrasRaras/39979>>. Acesso em: 01/2022.

Publicações citadas do jornal *A Saudade*

A DESPEDIDA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 1, p. 6-7, domingo, 10 fev. 1856.

ALMEIDA, Rapozo de. A Saudade. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 1, p. 1-2, domingo, 10 fev. 1856.

AMARAL, M. X. V. da Silva. O S. João na minha terra. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 21, p. 165-166, domingo, 29 jun. 1856.

AMIGO CHRONISTA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 7, p. 71-72, domingo, 27 jul. 1862.

AOS NOSSOS assignantes. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 11, p. 81, domingo, 20 abr. 1856.

AOS NOSSOS assignantes. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 1, domingo, 31 ago. 1856.

AOS NOSSOS assignantes. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 18, p. 137, domingo, 28 dez. 1856.

A SAUDADE. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 1, p. 1-2, domingo, 15 abr. 1861.

A SAUDADE. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 25, p. 229-230, domingo, 23 mar. 1862.

A SAUDADE. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 12, p. 109, domingo, 5 out. 1862.

AZEVEDO, José Victorino da Silva. O que é – saudade!. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 3, p. 28-29, domingo, 1 jun. 1862.

AZEVEDO, José Victorino da Silva. Ao Gremio Litterario Portuguez. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 61, domingo, 13 jul. 1862.

BANDEIRA, A. M. S. A queda de Cápua. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 34, domingo, 2 set. 1855.

BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 23, p. 183-184, domingo, 13 jul. 1856.

- BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 24, p. 191-192, domingo, 20 jul. 1856.
- CAMPOS, José Velloso d'Almeida. A' mocidade. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 1, p. 7, segunda-feira, 15 abr. 1861.
- CAMPOS, José Velloso d'Almeida. Claro-Escuro, *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 4, p. 27-29, domingo, 26 mai. 1861.
- CARACTER portuguez. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 7, p. 56, domingo, 23 mar. 1856.
- CASTRO, J. J. Barboza de. Minha Mãe. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 8, domingo, 31 ago. 1856.
- CHRONICA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 10, p. 84, domingo, 18 ago. 1861.
- CHRONICA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 95-96, domingo, 1 set. 1861.
- CHRONICA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 13, p. 116, domingo, 6 out. 1861.
- CHRONICA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 23, p. 219-220, domingo, 23 fev. 1862.
- CHRONICA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 24, 1861, p. 228, domingo, 9 mar. 1862.
- CORTIÇO, José Antonio Santos. A Saudade. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 11, p. 83, domingo, 20 abr. 1856.
- CORTIÇO, José Antonio dos Santos. Relatorio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 2, p. 9, domingo, 7 set. 1856.
- DECLARAÇÃO. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 40, domingo, 9 mar. 1856.
- DUNLOP, Julio R. A mocidade portugueza no Rio de Janeiro. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 9, p. 66-67, domingo, 4 ago. 1861.
- DUNLOP, Julio R. A mocidade portugueza no Rio de Janeiro. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 13, p. 106-108, domingo, 6 out. 1861.
- ELISIO, Echo. Adeus. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 26, p. 208, domingo, 27 jan. 1856.
- ELISIO, Echo. Cartas a Aldina. III. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 117-118, domingo, 18 mai. 1856.
- FERREIRA, A. da Silva. A' memoravel coroação do novo Rei Lusitano. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 8, p. 64, domingo, 23 set. 1855.
- FERREIRA, José Miguel Dias. O cemiterio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 9, domingo, 17 fev. 1856.
- L. O Caixaero. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 8, domingo, 31 ago. 1856.
- LEAL, Guerra. Theatro de S. João. Concerto do Sr. Noronha. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 4, p. 31-32, domingo, 2 mar. 1856.

- LEMOS, Constantino Joaquim de Azevedo. Ao meu amigo. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 27, p. 209-210, domingo, 3 fev. 1856.
- LIMA, A. J. Carvalho. Desalento. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 2, p. 14-15, terça-feira, 30 abr. 1861.
- LIMA, A. J. Carvalho. Hontem... e hoje!. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 5, p. 37-38, domingo, 9 jun. 1861.
- LIMA, J. Evangelista de. Francisco Gonçalves Braga. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 50-52, domingo, 13 jul. 1862.
- LOUSADA, José Coelho. A pá d'Aljubarrota. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 39-40, domingo, 2 set. 1855.
- LOUSADA, José Coelho. Hymno ao Porto. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 22, p. 175, domingo, 6 jul. 1856.
- LOUSADA, José Coelho. Os trinta annos. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 3, p. 27-28, domingo, 1 jun. 1862.
- LYRA, José Antonio de. O pobre cégo. *A Saudade*, série I, v. I, n. 9, p. 71-72, domingo, 30 set. 1855.
- MACHADO, Leite Manoel. Fragmento de Mitologia. A Liberdade. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 15, p. 113, domingo, 11 nov. 1855.
- MACHADO, Manoel Leite. Saudade. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 26, p. 208, domingo, 27 jan. 1856.
- MACHADO, Manoel Leite. Minha patria. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 23, p. 183, domingo, 1 fev. 1857.
- MAGALHÃES, João Augusto Rodrigues de. Saudades de minha mãe. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 22, p. 175, domingo, 25 jan. 1857.
- MENSAGEM de pezames. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 19, p. 175, domingo, 29 dez. 1861.
- MONTÓRO, Reinaldo Carlos. A viagem do Bardo. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 16, p. 123-124, domingo, 14 dez. 1856.
- MONTÓRO, Reinaldo Carlos. A exilada do Ipiabanha. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 15, p. 127, domingo, 3 nov. 1861.
- MONTÓRO, Reinaldo Carlos. A exilada do Ipiabanha. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 21, p. 192-193, domingo, 26 jan. 1862.
- MONTÓRO, Reinaldo Carlos. Esperança. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 25, p. 230, domingo, 23 mar. 1862.
- NOVAIS, Faustino Xavier de. Ao Gremio Litterario Portuguez, *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 10, p. 82-83, domingo, 18 ago. 1861.
- OLVEIRA, Jeronymo Joaquim de. Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 16, p. 121, domingo, 25 mai. 1856.
- OLVEIRA, Jeronymo Joaquim de. Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 17, p. 129-130, domingo, 1 jun. 1856.
- PEREIRA, V. dos Santos. Poesias de Francisco Gonçalves Braga. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 85-87, domingo, 1 set. 1861.

- PEREIRA, V. Santos. Redempção. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º ano, n. 1, p. 10, domingo, 4 mai. 1862.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Ao Gremio Litterario Portuguez. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 2, p. 14-15, domingo, 12 ago. 1855.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. S Damaso Papa. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 37-38, domingo, 2 set. 1855.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas II. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 12-13, domingo, 17 fev. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Mathilde II. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 3, p. 21-23, domingo, 24 fev. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Mathilde IV. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 34-35, domingo, 9 mar. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Saudades. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 8, p. 61, domingo, 30 mar. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Incertezas. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 10, p. 77, domingo, 13 abr. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XII. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 14, p. 105-106, domingo, 11 mai. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XIII. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 113-114, domingo, 18 mai. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas. XVIII. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 20, p. 153-154, domingo, 22 jun. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XXIII. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 25, p. 193-194, domingo, 27 jul. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas I. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. I, p. 3, domingo, 31 ago. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Lagrimas. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 8, p. 62-63, domingo, 19 out. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XIII. *A Saudade*, Rio de Janeiro, v. III, n. 13, p. 97, domingo, 23 nov. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XVII. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 17, p. 129-130, domingo, 21 dez. 1856.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. A' mocidade. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 4, p. 25-26, domingo, 26 mai. 1861.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Antonio de Gouvêa. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 11, p. 87, domingo, 1 set. 1861.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Antonio de Gouvêa. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 12, p. 100-102, domingo, 15 set. 1861.
- PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. A Associação. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º ano, n. 6, p. 52-54, domingo, 13 jul. 1862.
- PINTO, Diocleciano David Cesar. As margens do meu Douro. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 4, p. 30-32, domingo, 26 ago. 1855.

- PINTO, Diocleciano David Cesar. O Mendigo. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 119-120, domingo, 18 mai. 1856.
- PINTO, Diocleciano David Cesar Pinto. Saudades. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 4, p. 31-32, domingo, 21 set. 1856.
- PINTO, José Rodrigues de Xavier. Fragmento de uma carta. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 11-12, domingo, 17 fev. 1856.
- PINTO, José Rodrigues de Xavier. O Padre Antonio Vieira. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 33, domingo, 9 mar. 1856.
- PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 8, p. 57, domingo, 30 mar. 1856.
- PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 9, p. 65, domingo, 6 abr. 1856.
- PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, n. 10, p. 73, domingo, 13 abr. 1856.
- PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 12, p. 91, domingo, 27 abr. 1856.
- PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 13, p. 98-99, domingo, 4 mai. 1856.
- PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 14, p. 108-109, domingo, 11 mai. 1856.
- PRIMEIRO de Dezembro. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, p. 138-139, domingo, 17 nov. 1861.
- PROLOGO. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 1, p. 1-2, domingo, 5 ago. 1855.
- RIBEIRO, Eugenio Arnaldo de Barros. Tenho saudades do passado tempo. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 17, p. 136, domingo, 25 nov. 1855.
- RIBEIRO, Eugenio Arnaldo de Barros. O meu viver. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 6, p. 46-47, domingo, 5 out. 1856.
- RIBEIRO, Thomaz. A Portugal. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, anno 2, n. 10, p. 89-90, domingo, 7 set. 1862.
- SANTOS, José Pinto dos. Saudades de Portugal. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 13, p. 101, domingo, 23 nov. 1856.
- SILVA, José de Moraes. “Mancebo, deixa esta terra, Porque nella és desgraçado”. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 21, p. 167-168, domingo, 23 dez. 1855.
- SOUZA, João Dantas de. Recordação. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 8, p. 62-64, domingo, 23 set. 1855.
- SOUZA, João Dantas de. Recordações. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 14, p. 110-111, domingo, 30 nov. 1856.
- SOUZA, João Dantas de. Uma pagina de minha vida. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 19, p. 146-147, domingo, 4 jan. 1857.
- SOUZA, João Dantas de. Uma pagina de minha vida. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 21, p. 163-164, domingo, 18 jan. 1857.

SOUZA, João Dantas de. Aos assignantes da – Saudade –. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 24, p. 187-188, domingo, 8 fev. 1857.

SR. CHRONISTA. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 62-64, domingo, 13 jul. 1862.

VIANNA, Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira. Saudação. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 5, p. 46-47, domingo, 29 jun. 1862.

VICTORINO, Semeão Pinto. O que resta?... *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 10, p. 75-76, domingo, 2 nov. 1856.

WASHINGTON, J. Aquelle. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 40, domingo, 9 mar. 1856.

X. Chronica. *A Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 19, p. 179-180, domingo, 29 dez. 1861.

Periódicos citados

A Águia

PASCOEAS, Teixeira de. Renascença. *A Águia*, Porto, 2ª série, v. 1, n. 1, p. 33, jan. 1912. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/299499/per299499_1912_00001.pdf>. Acesso em: 02/2021.

Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro

Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro. Publicação annual, Primeiro anno. Rio de Janeiro: Typographia de Teixeira E C.^a, Rua do Ouvidor, n. 91, 1858. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000017305&bbm/5333#page/6/mode/2up>>. Acesso em: 10/2020.

A Messe

A Messe – Periodico da Sociedade Retiro Litterario Portuguez. Rio de Janeiro, Typographia de N. Lobo Vianna e Filhos, 1º anno, n. 1-24, 1860. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/718700/0>>. Acesso em: 01/2022.

Correio da Manhã

Uma velha associação portugueza que desaparece – O Retiro Litterario Portuguez. In: *Correio da Manha*. Rio de Janeiro, ano X, n. 3458, quinta-feira, 05 jan. 1911, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1911_03458.pdf>. Acesso em: 03/2022.

Correio Mercantil

Correio Mercantil. Rio de Janeiro, Typographia do Correio Mercantil, 1848-1868. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/29822>>. Acesso em: 01/2022.

Diario do Commercio

R. C. Montoro. *Diario do Commercio*, Capital Federal, anno II, n. 376, segunda-feira, 16 dez. 1889, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248070&pesq=&pagfis=1537>>. Acesso em: 03/2022.

Diário do Rio de Janeiro

A Saudade. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, anno XXXIV, n. 192, p. 2, sexta-feira, 13 jul. 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 09/2020.

Gazeta Luzitana

Gazeta Luzitana. Rio de Janeiro, anno I-VI, n. 1-311, 1883-1888. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/348996/0>>. Acesso em: 01/2022.

Jornal do Comércio

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 1827-2016. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=>>. Acesso em: 01/2022.

Lusitano

Lusitano. Rio de Janeiro, 1861. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/812820/1>>. Acesso em: 01/2022.

O Futuro

O Futuro – Periodico Litterario. Rio de Janeiro, I anno, 1862-1863. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/779628/1>>. Acesso em: 01/2022.

O Portuguez

O Portuguez. Rio de Janeiro, anno I-V, 1861-1865. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/365009/1>>. Acesso em: 01/2022.

Revista Universal Lisbonense

HERCULANO, Alexandre. Futuro Litterario de Portugal e do Brazil. *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, Tomo VII, n. 1, p. 5-8, 9 dez. 1847. Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1847-1848/Dezembro/N.%C2%BA%20001/N.%C2%BA%20001_item1/P5.html>. Acesso em: 12/2021.

Bibliografia

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 4, p. 149-174, 2013. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v2i4.95>.

ALVES, Jorge Fernandes. *Os "Brasileiros": Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Dissertação de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da UP, 1993.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUGUSTO DA SILVA, Lucas. Ser-se estrangeiro: forjas (a)poéticas de desterritorialização. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 33, p. 16-30, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/585>>. Acesso em: 20/2022. <https://doi.org/10.24261/2183-816x0233>.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção tópicos).

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Tradução de Mário Laranjeira. Editora brasiliense: São Paulo, 1988.

BILAC, Olavo. *Crítica e Fantasia*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1904, p. 387.

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: *Outras inquisições*. Tradução de Davi Arriguci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 127-130.

BOSI, Alfredo. Imagens do romantismo no Brasil. In: *O Romantismo*. Jacó Guinsburg (org.). São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRAGA, Francisco Gonçalves. *Tentativas Poeticas*. Rio de Janeiro, Typ. De Nicolau Lobo Vianna & Filhos, 1856.

BRITO, Nuno Miguel de; TEIXEIRA, Souza. Exílio e Identidade: A reconstrução dos símbolos nacionais em Almeida Garrett. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 67-75, jul/dez 2014. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.50052>.

BRITO, Rômulo de Jesus Farias. "Questão Coimbrã": A Problematização sobre Portugal através de uma Polêmica Literária pela Geração de 70 (1865-1866). *Oficina do Historiador*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 8, n. 2, p. 154-173, jul./dez. 2015. <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2015.2.20124>.

- BUESCU, Helena. *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Helena Carvalhão Buescu (Coord.). Lisboa: Editorial Caminho SA, 1997.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1916. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5716105/mod_resource/content/1/CAM%C3%95ES.%20Os%20Lus%C3%ADadas.pdf>. Acesso em: 12/2020.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CÂNDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. *Novos estudos*, n. 30, p. 111-129, julho 1991.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *O que fazem as mulheres*. Romance Philosophico. 2ª ed. Porto: Em Casa de Cruz Coutinho – Editor, 1863.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Excavações Poéticas*. Lisboa: Typographia Lusitania, 1844. Disponível em: <http://purl.pt/31/4/l-25945-p_PDF/l-25945-p_PDF_24-C-R0150/l-25945-p_0000_1-306_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 08/2020.
- CATROGA, Fernando. Pátria e Nação. In: *VII JORNADA SETECENTISTA 2007*, Temas Setecentistas. Curitiba: CEDOPE/UFPR, 2008, p. 13-34. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/P%C3%A1tria-e-Na%C3%A7%C3%A3o-Fernando-Catoga.pdf>>. Acesso em: 11/2020.
- CICERO, Antonio. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CRUZ, Eduardo da. Imprensa luso-brasileira no Rio de Janeiro Oitocentista. In: *No giro do mundo: os periódicos do século XIX no Real Gabinete Português de Leitura*. Eduardo da Cruz, Tania Maria Bessone da Cruz Fereira (organizadores). Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2015.
- CRUZ, Eduardo da. “Obras tão dignas de memória”: os periódicos do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro. *Revista Moara*, n. 52, p. 28-42, jan-jul 2019. <https://doi.org/10.18542/moara.v0i52.7809>.
- CRUZ, Maria Antonieta. Agruras dos emigrantes portugueses no Brasil – contribuição para o estudo da emigração portuguesa na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, Porto, v. 7, 1986-1987, p. 7-134.
- CURY, Vania Maria. Presença portuguesa: bases para a expansão das profissões liberais no Brasil. In: *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DIAS, A. Gonçalves. *Primeiros Cantos*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4135/1/006342_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 11/2021.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do pensamento moderno).

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção História e Historiografia, 3/coordenação Eliana de Freitas Dutra).

FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. *Rev. Bras. Estudos Pop.*, Campinas, 9(1), p. 35-49, 1992.

FERNANDES, Raúl Miguel Rosado. Ulisses em Lisboa. In: *Olisipo: boletim do Grupo Amigos de Lisboa*. Lisboa, n. 146-148, 1983-1985, p. 71-92.

FERREIRA, Alberto. Introdução pedagógica à “Questão Coimbrã”. In: *Antologia de textos da Questão Coimbrã*. 2ª ed. Lisboa: Litexa Editora, 1999.

FERREIRA, João Pedro Rosa. O humor na imprensa periódica portuguesa (1797-1835). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 13, n. 1, jan.-jul., 2020. <https://doi.org/10.22228/rt-f.v13i1.1055>.

FILHO, Almir Pita Freitas. A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. In: *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.

FILHO, Oziris Borges. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. *Anais - XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, jul. 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf>. Acesso em: 08/2020.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?”. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. In: *O que é um autor?, de Michel Foucault: duas traduções para o português*. Sônia Queiroz (org.). Belo Horizonte: Viva Voz FALE/UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos Avançados*, 27 (79), p. 113-122, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zz6cfdQBcxskMtMXDHPqT4G/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10/2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Saudade”, memória do paraíso. *Romania*, v. 135, p. 139-180, 2017.

GAGLIARDI, Caio. “Autor, Autoria e Autoridade: Argumentação e Ideologia em Roland Barthes”. *Magma*, n. 10, São Paulo: DTLCC/FFLCH/USP, p. 32-49, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.2012.48465>>. Acesso em: 10/2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.2012.48465>.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. O papel pedagógico dos jornalistas no Rio de Janeiro oitocentista. *Intellèctus*, ano XIV, n.1, 2015, p. 127-141. <https://doi.org/10.12957/intellectus.2015.18801>.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. *Revista Da Anpoll*, v. 1, n. 28, 2010, p. 213-236. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i28.166>.

GARRETT, Almeida. *Camões*. 5ª ed. Lisboa: Casa da viúva Bertrand e Filhos, 1858. Disponível em: <http://purl.pt/17/4/1-24827-p_PDF/1-24827-p_PDF_24-C-R0150/1-24827-p_0000_1-318_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 09/2020.

GARRETT, Almeida. “Introdução” ao *Romanceiro*. In: *Escrever a nação: literatura e nacionalidade (uma antologia)*. Carlos Manuel Ferreira da Cunha (ed.). Lulu.com, 2011.

GOMES, Renato Cordeiro. A imprensa: O voluntário cativo de João do Rio e o Dilaceramento entre o repórter e o artista. In: *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. Alvaro Santos Simões Junior, Luiz Roberto Cairo, Cleide Antonia Rapucci (org.). São Paulo: Nankin, 2009.

GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos. Viriato: genealogia de um mito. *Penélope*, n. 8, p. 9-23, 1992.

GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos. Viriato: em torno da iconografia de um mito. *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, v. 3, p. 33-79, 1998.

GUERRA, Amílcar. A propósito dos conceitos de “lusitano” e “Lusitânia”. *Palaeohispanica*. Revista sobre lenguas y culturas de la Hispania Antigua, v. 10 (Serta Palaeohispanica in honorem Javier de Hoz), p. 81-98, 2010.

GUINSBURG, Jacó. Romantismo, Historicismo e História. In: *O Romantismo*. Jacó Guinsburg (org.). São Paulo: Perspectiva, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”. In: *Da diáspora: Identidades e meditações culturais*. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 25-50.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*. Tomo I. 4ª ed. Lisboa: Viuva Bertrand & Cª Sucessores Carvalho & Cª, 1877.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LESSA, Carlos. Rio, uma cidade portuguesa?. In: *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.

LOPES, Fernão. *Crônica d'El-Rei D, João I, de boa memória, e dos reis de Portugal o décimo*. Segunda Parte. Lisboa, 1644.

LOPES, Silvana Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2012.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa* ou as duas razões. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução de Nair Fonseca. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Contexto, 2008.

LUPI, João. Os lusitanos e a construção do ideal nacionalista português. *Brathair*, v. 1, n. 1, p. 13-29, 2001. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/678/600>>. Acesso em: 04/2021.

MACHADO, Álvaro Manuel. *As origens do romantismo em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Online), 1979. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/35-35/file.html>>. Acesso em: 11/2020.

MACHADO, Manoel Leite. *Os Lusitanos*. Tragedia historica em 5 actos. Rio de Janeiro: Typographia do Commercio, de Brito & Braga, 1860. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=caENAAAYAAJ&pg=GBS.PA27>>. Acesso em: 04/2021.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. 2ª ed. Paris: Morizot, 1859. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4172/1/010889_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 12/2020.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Aquém e Além: espaços estruturantes da identidade portuguesa?. *O sexo dos textos*. Lisboa: Ed. Caminho, 1994.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante. Implicações territoriais e existenciais da migração. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200010>.

MARQUES, Wilton José. A história de Francisco Gonçalves Braga: O primeiro mestre de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 13, n. 30, p. 24-39, agosto 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/mael/v13n30/1983-6821-mael-13-30-24.pdf>>. Acesso em: 05/2021. <https://doi.org/10.1590/1983-6821202013303>.

MARTINHO, Lenira Menezes. Caixeiros e pés-descalços: conflitos e tensões em um meio urbano em desenvolvimento. In: *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência* / Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein; prefácio de Maria Odila Leite da Silva Dias. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. (Biblioteca Carioca; v. 24).

- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: *História da imprensa no Brasil*. Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (organizadoras). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 45-80.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Introdução de Jacob Gorender. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Novas direções).
- MATOZZI, Martina. Portugueses de torna-viagem: A representação da emigração na literatura portuguesa. Tese de Doutorado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/29114>>. Acesso em: 05/2022.
- MATTOSO, José. *A identidade nacional*. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1998. Biblioteca Digital. (Fundação Mário Soares: Cadernos Democráticos/1). Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=005492#!>>. Acesso em: 11/2020.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. In: *Marcel Mauss: antropologia*. Roberto Cardoso de Oliveira (org.). Tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldí Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979.
- MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 1983.
- MENEZES, Lená Medeiros de. Bastidores: Um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro. *Acervo Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 71-83, jul/dez 1997. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/251/251>>. Acesso em: 11/2020.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 7ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.
- MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota Revisitada*. João Gouveia Monteiro (coordenação). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001.
- MONTEIRO, João Gouveia. A Batalha de Aljubarrota. Novas Interpretações. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, v. 6, 2006, p. 105-122. https://doi.org/10.14195/1645-2259_6_5.
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Sartre: existencialismo e liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).
- MULLER, Elisa. A organização sociocomunitária portuguesa no Rio de Janeiro. In: *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras*, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. p119-138, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014/7428>>. Acesso em: 10/2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Um Livro para tóda a Gente e para Ninguém. 6ª ed. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S. A., 1965.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

PENA, Martins. *O caixeiro da taverna*. Livro Digital nº 845. 1ª ed. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2017. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=89216>>. Acesso em: 10/2021. (Projeto Livro Livre).

PEREIRA, José Carlos Seabra. Servanda Lusitânia!: (Ideia e representação de Portugal na literatura dos séculos XIX e XX). *Revista de História das Ideias*, v. 28, p. 527-566, 2007. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/servanda_lusit%C3%A2nia_ideia_e_representa%C3%A7%C3%A3o_de_portugal_na_literatura_dos_s%C3%A9culos_xix_e_xx>. Acesso em: 11/2020. https://doi.org/10.14195/2183-8925_28_19.

PEREIRA, Maria Clara Costa. Desalento, descrença, desencanto e desesperança: o perfil poético do emigrado português em terras brasileiras. *SEMINA. CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS*, v. 42, p. 87-98, 2021. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2021v42n1p87>.

PEREIRA, Milena da Silveira. *A crítica que fez história: as associações literárias no Oitocentos*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/w2qbk/pdf/pereira-9788568334508.pdf>>. Acesso em: 09/2020. <https://doi.org/10.7476/9788568334508>.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. *A filha do Administrador*. Comédia original em 3 actos. Porto: Typographia Constitucional, 1859.

PIRES, José Cardoso. Um país em viagem. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 4 fev. 1986, p. 4. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/josecardosopires/Textos/PDF/JornaldeLetras_04Fev1986_0004.pdf>. Acesso em: 12/2021.

QUEIRÓS, Eça de. Prefácio a “O Brasileiro Soares” de Luís de Magalhães. In: *Notas Contemporâneas*. Livro Digital nº 1019. 1ª ed. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2019, p. 102-109. Disponível em: <<http://ibamendes.org/Notas%20Contemporaneas%20-%20Eca%20de%20Queiros%20-%20IBA%20MENDES.pdf>>. Acesso em: 05/2022.

QUENTAL, Antero de. *Bom-senso e bom-gosto*. Imprensa da Universidade. Coimbra, 1865. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/30070/30070-h/30070-h.htm>> Acesso em: 08/2020.

RAMOS, J. e DEROUET, Luís. *Album republicano*. Lisboa: Typ. Adolpho de Mendonça, 1908. Disponível em: <https://purl.pt/16621/4/ea-266-v_PDF/ea-266-v_PDF_24-C-R0150/ea-266-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 03/2022.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2005.

REGO, José Pereira. *Historia e Descrição da Febre Amarella Epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Rio de Janeiro, Typographia de F. de Paula Brito, 1851. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4890/1/015810_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 05/2021.

- RIBEIRO, Eugenio Arnaldo de Barros. *Poesias*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1862.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro reinado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- RIBEIRO, José Alcides. As seções e gêneros como prática da língua portuguesa nos jornais: *Jornal do Commercio e Correio Mercantil*. *Revista da ANPOLL* (Online), v. 1, n. 25, p. 43-60, 2008. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/54>>. Acesso em: 10/2020. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i25.54>.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. As micropátrias do interior português. *Análise Social*, v. XXIII, n. 4, 1987, p. 721-732. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223027788H0hZN2hj6Tg86CE2.pdf>>. Acesso em: 12/2020.
- ROEDEL, Hiran. Comunidade portuguesa na cidade do Rio de Janeiro: mobilidade e formação de territórios. In: *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ROLLEMBERG, Denise. Quando o real escapa pelos horizontes: exilados, estrangeiro, apátridas. In: *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. NETO, Helio Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, Jacó. Romantismo e Classicismo. In: *O Romantismo*. Jacó Guinsburg (org.). São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ROZEAUX, Sébastien. Presença da “colônia portuguesa” na paisagem cultural e mediática do Rio de Janeiro: o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português (1855-1885). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 490-513, jul./dez. 2016. <https://doi.org/10.1590/2237-101x01703308>.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.
- SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto e linguagem).
- SARAIVA, António José. *A cultura em Portugal*. Teoria e História. 2ª ed. Livro I. Introdução Geral à Cultura Portuguesa. Amadora: Bertrand Editora, Venda Nova, 1984-1985.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). Paper apresentado ao: Congresso de História Económica de Zaragoza, 2001.
- SIEYÈS, Emmanuel Joseph. *A Constituinte Burguesa*. Qu'est-ce que le Tiers État?. 4ª ed. Tradução de Norma Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2001.

SILVA, Eduardo Caetano da. *Visões da diáspora portuguesa*. Dinâmicas identitárias e dilemas políticos entre portugueses e luso-descendentes de São Paulo. Dissertação de mestrado. Campinas, SP, 2003.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008952&bbm/5430#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo VI, Lisboa: Imprensa Nacional, 1862a. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008957&bbm/5415#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo VII, Lisboa: Imprensa Nacional, 1862b. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008958&bbm/5436#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo VIII, Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008959&bbm/5426#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo IX, Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008960&bbm/5418#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo X, Lisboa: Imprensa Nacional, 1883. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008961&bbm/5438#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo XVIII, Lisboa: Imprensa Nacional, 1906. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008969&bbm/5434#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 01/2022.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 4, n. 12, 2005, p. 265-271.

SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. Da literatura ao Jornalismo: Periódicos Brasileiros do século XIX. *Patrimônio e Memória*, UNESP/Assis, v. 2, n. 2, p. 126-144, 2006. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/95>>. Acesso em: 10/2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Fernando de; FERRARIA, Maria José. A emigração portuguesa para o Brasil e as origens da agência Abreu. In: *Nas duas margens. Os portugueses no Brasil*. Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, 2009, p. 13-32.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. *A Saudade Portuguesa: Divagações Filológicas e Literar-Históricas em Volta de Inês de Castro e do Cantar Celho* “Saudade minha – ¿Quando te veria?”. Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1914.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira* de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 7ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

VIEIRA, Ernesto. *Diccionario biographico de musicos portuguezes: historia e bibliographia da musica em Portugal*. II Volume. Lisboa: Lambertini, 1900. (Typographia Mattos Moreira & Pinheiro). Disponível: <http://purl.pt/30781/4/vm-16/vm-16_item4/vm-16_PDF/vm-16_PDF_24-C-R0150/vm-16_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf>. Acesso: 11/2020.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Ensaio de Cultura; 6).

ZALUAR, Augusto Emilio. *Dores e Flores*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851.

ZIERER, Adriana. D. João I, o iniciador da Dinastia de Avis entre a identidade portuguesa e a alteridade. *Dimensões*, v. 33, 2014, p. 36-60.

Apêndices

APÊNDICE A – Biografias e comentários sobre autores d’*A Saudade*

Antonio Xavier Rodrigues Pinto

Antonio Xavier Rodrigues Pinto é, nesta Tese, considerado um dos principais escritores d’*A Saudade*. Apesar das poucas informações biográficas, pode-se dizer que: é português; filho de Faustino José Rodrigues Pinto; nasceu em 1833/34; entre seus irmãos estava José Rodrigues de Xavier Pinto; emigrou para o Rio de Janeiro com 18 anos de idade; veio do Norte ou Nordeste português (uma vez que enuncia, no início do romance “Mathilde”, ter passado a infância nas margens do Douro); tornou-se guarda-livros (função de contador e alto patamar na carreira caixeiral); foi primeiro-secretário do Gabinete Português de Leitura durante muitos anos; encabeçou o projeto para a criação (juntamente com Reinaldo Carlos Montóro) da Caixa de Socorros D. Pedro V; tornou-se membro da maçonaria e comendador; recebeu a Comenda da Ordem Militar de N. Senhor Jesus Cristo, de D. Luís I, em 01 de abril de 1863, tornando-se, assim, Cavaleiro da Ordem de Cristo; faleceu em 22 de março de 1872 na cidade do Porto. Sobre sua produção n’*A Saudade* pode-se afirmar que, ao fim do terceiro volume da primeira série (1857), quase todos os textos em prosa são de sua autoria. De forma que, sob seu nome se reúne a força de manutenção das publicações, num momento em que os demais redatores abandonaram seus cargos (SOUZA, v. III, 1857, p. 188). Além do fôlego narrativo, seus textos são marcados pela habilidade de trânsito nos diferentes estilos, mantendo uma escrita singular, irônica e envolvente. Rodrigues Pinto é autor de crônicas, colunas literárias, filosóficas, históricas, biográficas, peças, poemas e romances. Dentre suas publicações se sobressaem, na primeira série d’*A Saudade*, as três histórias compiladas sob o título de “Physiologia do Casamento: Amor, Conveniencia e Dinheiro” (v. I, 1855), o romance “Mathilde” (publicado no decorrer dos volumes II e III, dedicado ao pai, repleto de construções saudosas em torno da pátria distante e “carro chefe” para a manutenção do jornal até o fim de seu terceiro semestre em 1857) e a coluna “Páginas íntimas” (que funcionou como espaço de crônica no v. II e de estudos históricos no v. III). Já na segunda série, o romance (interrompido com o fim do jornal) “O Sr. Francisco Antonio”, de sua autoria, destaca-se das demais publicações pela escrita romântica com uso de elementos satíricos, ironizando perfis e costumes sociais. Entre seus escritos, também, estão disponíveis para consulta os manuscritos das peças: *Procura-se uma actriz* (1856) e *O Conde de Armar* (1856), disponíveis no site do projeto *Raros e Inéditos – dramaturgia brasileira do século XIX* do Centro de Documentação Teatral (CDT) da Universidade de São Paulo (USP): <<https://sites.usp.br/raroseineditos/category/antonio-xavier-rodrigues-pinto/>>. Acesso em: 01/2023.

Figura 3 Antonio Xavier Rodrigues Pinto



Fonte: Uma velha associação portuguesa que desaparece – O Retiro Litterario Portuguez. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano X, n. 3458, quinta-feira, 05 jan. 1911, p. 3.

Bernardino Pereira Pinheiro

Bernardino Pereira Pinheiro nasceu em 20 de fevereiro de 1837 em Coimbra e morreu, aos 59 anos, em Lisboa, no dia 5 de março de 1896. Filho de Joaquim José Pinheiro e Maria da Trindade Pereira, Bernadino Pinheiro, emigrou para o Brasil para trabalhar nas atividades comerciais, após ter cursado, em Portugal, a Aula de Comércio (futuramente denominada Escola de Comércio). Se estabelecendo no Rio de Janeiro, foi membro fundador do Grêmio Literário Português e do jornal *A Saudade*, tendo publicado em demais periódicos do período. Retornou para Portugal no início de 1856 e ingressou no curso de Direito da Universidade de Coimbra, tendo concluído em 1862 (SILVA, 1867, p. 387-388). Casou-se em 1866 com Liberata Emília Luzia Nabas de Lima e teve com ela uma filha. Foi secretário e diretor geral do Supremo Tribunal de Justiça e eleito (em 1870 e 1890) deputado. Além das atividades políticas, Bernadino Pinheiro construiu uma carreira nas letras por meio da contribuição a periódicos, tanto no Brasil quanto em Portugal, e publicação de livros, como *Arzila* (1862), *Sombras e Luz* (1863) e *Amores de um visionário* (1874).

Figura 4 Bernardino Pereira Pinheiro



Fonte: RAMOS, J. e DEROUET, Luís. *Album republicano*. Lisboa: Typ. Adolpho de Mendonça, 1908, p. 109.

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

Segundo o *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio Francisco da Silva (1870, p. 193), Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro nasceu em 14 de junho de 1837 em S. Martinho d'Anta (Portugal). Interrompeu seus estudos em Coimbra para emigrar para o Rio de Janeiro em 1853, porém continuou seus esforços para se instruir. Além d'*A Saudade*, publicou livros de poemas e colaborou com periódicos portugueses. Voltou para a pátria e concluiu o curso de Direito em Coimbra em 1863.

Francisco Gonçalves Braga

Natural de Braga (Portugal), Francisco Gonçalves Braga nasceu em 25 de julho de 1836, tendo emigrado para o estado de Pernambuco (Brasil) aos 11 anos de idade (SILVA, 1870, p. 302). Chegou na cidade do Rio de Janeiro em 1854, onde trabalhou como caixeiro. Enquanto escritor, suas principais obras foram *Tentativas Poéticas* (1856) e as contribuições publicadas no *Album do Gremio Litterario Portuguez* (1858). O reconhecimento que ganhou da crítica no período, suas participações nas associações literárias portuguesas e sua morte, ainda jovem, aos 23 anos (em 11 de março de 1860) são elementos que impulsionaram a construção póstuma uma imagem de modelo de português emigrado, trabalhador do comércio, estudioso e autor na área das letras.

João Dantas de Souza

João Dantas de Souza nasceu em 31 de dezembro de 1835 em Arcos de Valle de Vez (Portugal). Seus pais eram Manuel José Dantas e Maria José Pereira Caldas. Emigrou para o Rio de Janeiro em 1849, onde ficou até 1862. Contribuiu com a fundação do Grêmio Literário Português e do Ginásio Português de Literatura. Além d'*A Saudade*, publicou em diversos periódicos, entre eles: *Marmota fluminense* e *Jornal do Commercio*. (SILVA, 1883, p. 233-234).

José Coelho Lousada

Apesar da falta de informações biográficas sobre José Coelho Lousada (que assina n'*A Saudade* como "J. C. L." ou "L."), sabe-se que foi irmão do, também sócio do Grêmio Literário Português, Antônio Coelho Lousada (de quem *A Saudade* publica poemas no segundo ano da segunda série). Este nasceu no Porto em 4 de novembro de 1828 e morreu em 23 de julho de 1859 (BUESCU, 1997, p. 293); publicou romances que ganharam certo reconhecimento no meio literário do período, como *A Rua escura* e *Os Tripeiros* (SILVA, 1858, p. 113; SILVA, 1867, p. 116). Em um poema de José Coelho Lousada publicado n'*A Saudade* e dedicado ao irmão, "A A. Coelho Lousada" (LOUSADA, 1º ano, 1861, p. 21), evidencia-se a relação filial entre ambos.

Fonte: Uma velha associação portugueza que desaparece – O Retiro Litterario Portuguez. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano X, n. 3458, quinta-feira, 05 jan. 1911, p. 3.

Figura 5 José Coelho Lousada



JOSE' COELHO LOUZADA, POETA DISTINCTISSIMO, QUE MUITO ENGRANDECEU O RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Manoel Leite Machado

No *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio Francisco da Silva (1862a, p. 36-37) seu nome está grafado como Manuel Leite Machado. Segundo o autor é natural de Chacim (na província do Minho, Portugal), tendo nascido em 31 de maio de 1831. Em 1845 emigrou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou em uma fábrica de chapéus de sol. Foi um dos sócios fundadores do Grêmio Literário Português. Entre suas obras encontram-se, principalmente, peças teatrais (como *O Triunpho da virtude*, *Surpreza de Evora*, *Alvaro de Abranches*, *Os Pretendentes de Amelia* e *Os Lusitanos*).

Reinaldo Carlos Montóro

Reinaldo Carlos Montóro é um autor em destaque no conjunto de redatores d'*A Saudade*, tanto por sua representatividade, uma vez que foi presidente do Grêmio Literário Português, quanto pela quantidade publicações em livros e periódicos diversos. De acordo com publicação no *Diario do Commercio*: "Nascido na cidade do Porto veio joven para o Brazil, em 1842, dedicando-se à profissão commercial, em que chegou a occupar saliente posição, quer como chefe da casa bancaria da familia Teixeira Leite, em Vassouras, quer como gerente da Companhia Ferro Carril do Maranhão, quer como gerente da Estrada de Ferro Leopoldina; Reynaldo Carlos Montóro soube crear para si um nome laureado e uma reputação firmada de honestidade, actividade e tino administrativo" (R. C. Montoro, anno II, n. 376, 1889, p.1). Além disso, Montóro participou de associações portuguesas na capital do Império, tendo sido membro da Diretoria do Real Gabinete Portugêz de Leitura na década de 1860; criou as bases orgânicas do estatuto da Caixa de Socorros Pedro V (junto com Antonio Xavier Rodrigues Pinto); se tornou comendador e exerceu funções de secretário do Banco Agricola do Brasil até falecer em 15 de dezembro de 1889 no Rio de Janeiro. No *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Tomo 7) de Innocencio Francisco da Silva, publicado em 1862 em Lisboa (Montóro era vivo neste ano, tendo falecido em 1889 no Rio de Janeiro), encontram-se as seguintes informações sobre o autor: "Reinaldo Carlos Montóro, natural da cidade do Porto, e nascido a 6 de Março de 1831. Ao despontar da adolescencia sahiu da patria para o Brasil, e reside ha annos em Vassouras, cidade da provincia do Rio de Janeiro. Ahi alterna com o estudo e pratica da vida commercial a cultura das letras, cujo campo mostrando-se-lhe para logo não safaro, lhe promete de dia em dia novas e mais copiosas colheitas" (SILVA, 1862b, p.

66). O texto segue com uma lista de publicações do Montóro, acrescentadas no Tomo 18 do Dicionário, que evidenciam o amplo trânsito de escritos do autor, entre os quais se destacam romances, poemas, artigos, discursos, relatórios, estudos críticos em livros e periódicos. Sobre estes, além d'*A Saudade* e do *Album do Gremio Litterario Portuguez*, são citados *Iris*, *Correio Mercantil*, *Auxiliador da Industria Nacional*, *Marmota Fluminense*, *Correio da tarde*, *Diario do Rio de Janeiro*, *Rev. Contemp. de Portugal e Brasil*, *Revista Popular*, *Futuro*, *Jornal do Commercio* (SILVA, 1862b, p. 66-67 e 1906, p. 169).

Anexos

A DESPEDIDA. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 1, p. 6-7, domingo, 10 fev. 1856.

A Despedida.

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzindo nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta lyra de dôr
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Um lamento profundo de mágoa,
 Um gemido que o peito m'anceia,
 Um suspiro ao deixar tuas praias,
 Magestosa e soberba Ulissea...

Gratos sonhos de gloria e d'amor,
 Com que outr'ora tão crente sonhei,
 Já não devo pensar mais vós,
 Que é mister esquecer-vos, bem sei.

Esperança, futuro e prazer,
 Tudo em mim n'este dia findou,
 Negra sorte meus sonhos desfez,
 Tristes lagrymas só me deixou.

N'esta lyra sagrada á saudade
 Magoadas canções pulsarei,
 Ao sentir da rolinha o carpir
 Eu com ella tambem carpirei.

Em meu longo e penoso desterro
 Minha vida que triste vae ser!
 Lá tão longe das margens do Tejo
 Que saudades eu hei de soffrer!...

Voga, voga, baixel, fende as ondas,
 Conduzindo nas azas do vento,
 Em quanto eu, n'esta lyra de dôr,
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Voga, voga, que a brisa da noite
 Brandamente nas vélas murmura:
 Voga, voga, que ao longe a cidade
 Já s'esconde n'um véu de negrura.

Minha vista procura anciosa
 Vêl-a ainda, ainda uma vez....
 Ai de balde! Que o manto da noite
 S'estendeu com fatal rapidez.

Tudo trevas.... e luto.... e silencio....

E minh'alma d'angustia a soffrer!
 Mas não posso.... meu extremo gemido,
 Vem dos labios á flor fenecer....

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzindo nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta harpa de dôr
 Não exhalo meu ultimo alento.

ALMEIDA, Rapozo de. A Saudade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 1, p. 1-2, domingo, 10 fev. 1856.

A Saudade.

(Ao voar da penna).

A's vezes uma só palavra exprime uma grande idéa; mas há idéas que nem todas as palavras poderiam cabalmente exprimir-as na sua mais lata significação.

Como a palavra Providencia, que exprime a immensidade, o presente, o passado e o futuro n'um só élo, a vastidão, o espaço, o infinito, o mar, o Céu, as estrellas, o sol, a lua, os planetas, a terra, o cahos, a ordem, o gorjear dos pássaros, o cybilio e o rugir das feras, a solidão da floresta, a tempestade, e todas essas notas magicas e sublimes, que compõe o canto harmonioso da existencia de um ser supremo; assim a saudade exprime todos esses queridos affectos da alma que revoa para o passado, e n'elle contempla essas recordações da mocidade, da idade das illusões, das aspirações vagas, do scismar no futuro, dos sonhos dourados de ambições generosas, d'esse ver e crer d'outros tempos, que não poderemos mais tocar, por que em relação ao passado somos como Tantalos da fabula: desejamos os pomos que vemos, mas não podemos alcançal-os.

A saudade é esse recordar das primeiras caricias de uma mãe, que nos trouxe em suas entranhas, que nos nutrio a seus peitos, que velou por nós, como o anjo da guarda, que Deos collocou no nosso berço e no primeiro estádio da peregrinação da vida.

A saudade é esse respeito cordeal, que consagrávamos a nosso pai, que nos tomava ao collo, quando eramos creanças, que brincava connosco, quando meninos, que aconselhava quando moços, que nos abençoou quando nos despedimos.

A saudade são as recordações d'esses brinquedos e folgares descuidados, que tínhamos com nossos irmãos pela relva florida dos campos da herdade paterna.

A saudade é a igreja da parochia com os seus festivos campanários, com os seus altares rescendentes de incenso, com o seu parochico venerando, e como nunca mais vimos outro, que se lhe parecesse, com os canticos religiosos que se ascendiam ao throno de Deos nas azas dos cherubins, e toda essa mystica devoção, que será a nossa mortalha de homem religioso.

A saudade são os prados, e os campos, o sol e a lua, as arvores que se agitam, as agoas que se deslizão, e as aves que fendem os ares, é toda essa athmosphera, toda essa paisagem, todo esse magico e vaporoso quadro, que, cá de tão longe, temos estampado no coração e na lembrança com os seus traços salientes, com o seu colorido fiel, com todos esses toques de vivas tintas, que o tempo não póde desbotar.

A saudade é essa afeição a um ente, que ja não era *anjo* mas que também ainda não era *mulher*, que encontramos no amanhecer da vida e a quem queriamos, não com affecto de mãe ou de irmã, mas com uma adoração estatica, entre o amor a Deos, e a amisade aos homens.

Ora todas estas afeições augmentam de intensidade, se ellas são recordadas tão longe d'esses logares queridos da infancia e do primeiro sentir: então a saudade absorve-nos, torna-se a nossa idéa fixa, é a lampeda que nos alumia a existencia resignada até ao aportar nas margens da sepultura.

Foi talvez d'uma d'estas situações, que brotou a *Saudade*: é ainda n'uma d'estas situações que ella vae entrar no seu segundo período.

A nossa folha continuará a simbolizar a flor rude, tristonha, mas expressiva, a que os botânicos ligaram a idéa de reminiscencia de um passado querido. Como os jardins campestres de nossas herdades ruraes, assim ella continuará a cultivar as flores locais, as flores genuinas da athmosphera em que nascêra; não pretendemos para o nosso jardim nem as magnolias, nem as tulipas, nem as camelias, nem essas flores de uma botânica aristocrática; os tomilhos, as alfazemas, as madressilvas, o alecrim, as violetas e as rosas são flores, que escolheremos para com ellas formar o ramalhete da *Saudade*.

Como as flores campestres, que recamam os prados nos dias da primavera, sem odor exquisito, mas de cores expressivas, e que annunciam a estação das flores e dos fructos, o verão, assim as paginas da *Saudade* symbolisarão as premicias de alguns talentos, que um dia podem pertencer á estação viril das flôres e dos fructos, o verão.

Aos que perguntassem para o que servem estas poesias, estas aspirações d'uma pleiade de talentos noveis, mas esperançosos, perguntariamos com Frankelin para que serve uma creança que engatinha? Se nos respondesse que para um dia ser homem, responderiamos tambem que os cultores da *Saudade*, se não tem aspirações litterarias, tem ao menos a louvavel e nobre conducta de applicar as suas horas de sexta a este util entretenimento.

A *Saudade* é, segundo nossa opinião, um importante motor de civilização e moralisação de uma grande classe, que um dia terá uma importancia e alcance social. Cifrar na redação e na leitura da *Saudade* os legitimos ocios de tão grande pessoal é esta por certo uma empreza louvavel.

Foi n'esta intenção, e sob este ponto de vista, que hypotecamos á empreza da *Saudade* nosso humilde contingente.

Como jardineiro, a quem só cabe plantar, e regar as plantas, que lhe confiam, tal é o nosso mister, ageitando e dispondo os artigos dos redactores da *Saudade*.

As intenções e a vontade com que accetámos este encargo são cordeaux: oxalá correspondamos á expectativa dos generosos mancebos, que appellaram para o nosso reconhecido empenho de ser util á cultura das lettras.

R. d'A.

AMARAL, M. X. V. da Silva. O S. João na minha terra. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 21, p. 165-166, domingo, 29 jun. 1856.

O S. João na minha terra.

São dez horas da noite. Apenas de quando em quando se ouve ao longe o estouro de uma das classicas bichas da China, como para me recordar que é hoje o dia de S. João; que nasceu hoje aquelle que primeiro adorou o Messias; que é hoje aquelle dia de folguedos e divertimentos populares tão festejado até pelos proprios Mouros. Repito aquella trova que na minha terra ninguem ignora:

Que festas farão os mouros
No dia de S. João?
Correm todos a cavallo,
Com canas verdes na mão.

Mil pensamentos me assaltam a idéa, e o coração me foge para a pátria nas azas do pensamento.

Condemnado a esta insana monotonia, graças ás medidas policiaes, queria conciliar o somno, mas a lembrança da patria, desses innocentes brinquedos que se perdem na noite dos tempos, impele-me a traçar algumas linhas sobre o papel, e dar conhecimento aos leitores da *Saudade* deste embate idéas que me devoram o espirito.

Não tenho esse prurido de escrever, que diviso nessa falange de jovens estudiosos e intelligentes cujos artigos ornem as paginas da *Saudade*, pois conheço quanto é árdua a tarefa de escrever para o publico, sem duvida de todas a mais difficil de desempenhar; e por isso peço aos leitores que revelem algum erros que possam haver na dicção rateira deste artigo.

Sete anos são decorridos que vivo longe da patria; porém nunca como hoje senti tão pungentes saudades do meu torrão natal. A esta hora lá estão ranchos de aldeões em volta d'uma fogueira, entoando canções só proprias deste dia, lá estão queimando a alcachofra que só amanhã dará á credula donzella a difficil resposta concernente ao amor do seu namorado; lá se estão lavando as ditosas e engraçadas Marias n'uma das mais proximas fontes, na persuasão de que amanhã serão mais bonitas.

Há em Portugal muitas funcções de Igreja, muitas romarias, muitas procissões, que não obstante concorrerem para o esplendor da religião, não obstante trazerem muitos interesses locais, ninguem se lembra dos fins principaes para que foram instituidas.

O povo corre ás funcções de igreja, como que para um espectáculo gratuito, ouve o sermão que quase sempre diverte mas raras vezes converte e volta para casa satisfeito de ter cumprido um dever religioso. As romarias servem para os Manoeis namorarem a seu modo, e fazerem mil protestos de amor, de que no outro dia senão lembram. As procissões seduzem pelo apparatus com que são feitas, pelo luxo que se ostenta, pelas janellas apinhadas de senhoras, pelas bandas de musica: porém acabadas ellas quase ninguem se lembra dos tormentos do Redemptor que tem visto representar.

Não quero dizer com isto, que se devam acabar; o que digo é que não há outro dia que como este nos recorde nossos costumes patriarchaes, e que dê provas tão manifestas da boa índole daquele povo, e crime será não lhe aproveitar todas as inspirações generosas.

Folgamos de ver conservados esses costumes pastoris que nos fazem lembrar o Eden terreal; mas quem sabe, se essa lava destruidora a que por escarneo chamam progresso, está invadindo esse legado de nossos avós!! Lembrar-se-ha alguém de fazel-os desaparecer? Talvez.

Conceda-nos o Céu todos os progressos com que outras nações tanto se teem enriquecido: ouça-se o sibilar da locomotiva de uma a outra extremidade de Portugal: illumine-se a gaz todo o reino: conservem-se porém tão antigos usos.

Ao passo que estes innocentes divertimentos nos fazem conservar reminiscencias agradaveis, nenhum damno podem acarretar.

Que prejuízo póde resultar de que a innocente donzella acredite que um bochecho d'agua á meia noite, seja oraculo que lhe revele a fidelidade do seu adonis?! Será este o paradeiro do Wagon?! Irá isto offuscar a luz do gaz?!!

Difficil seria enumerar todas as maneiras de festejar tão memoravel dia; sendo certo que lá não faltam fogueiras e em torno dellas numerosas donzellas em danças e cantares só proprios deste dia: porém ainda mais difficil seria descrever as saudades que neste momento me atormentam; é por isso que não continuo a cançar os leitores com os lamentos d'um exilado.

M. X. V. da Silva Amaral

AMIGO CHRONISTA. A Saudade, *Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 7, p. 71-72, domingo, 27 jul. 1862.*

Amigo chronista,

Vou escrever-lhe uma carta com a alma comovida por sensações diversas. O entusiasmo por uma bella manifestação popular, por uma nova reunião dos amigos das letras e das artes, alegra-me. A maior tristeza domina-me a annunciar-me seus leitores a morte de um homem illustre do Brasil. Era como a tarja preta que deveriam ser publicadas estas linhas singelas e descoloridas, mas basta-nos, a nós todos, – os amigos da mocidade talentosa, – o luto de que se reveste o coração.

Não tenho alegrias esta hora de desprazer. Que me importam os versos suaves do ultimo sarão, aquelle espectáculo do Lyrico reunindo em seu recinto um publico immenso dominado pela mais sublime ideia, se morreu um dos nossos guias, uma daquellas nobres intelligencias, fadadas a restaurar o brilho da lingua de Camões?

Trajem luto cultores da arte. Nunca mais se ouvira a voz inspirada do maior poeta brasileiro; sobre a sua campã a musa lyrica depoz a corõa regia e o manto bordado de pedrarias que elle bordãra com as riquezas de sua pátria.

A ideia do *Gremio Litterario*, iniciada por nomes humildes que não têm outro orgulho senão o de ser uteis á sua classe, achou écho em outra associação popular. No dia 19 de Julho, o *Retiro Litterario* reuniu nos salões da *Phil'Euterpe* um concurso de convidados que excedia a quinhentas pessoas. Saudamos esta victoria das letras! Todas as classes estavam ali representadas; todas despertaram á luz do progresso moral, e vieram aplaudir o seu próprio adiantamento, naquella exposição de trabalhos, em grande parte devidos a pessoas da classe commercial. Ali estiveram até hora adiantada da noite, e quando ao alvorecer do dia, vindo os primeiros listões vermelhos apontando por cima das montanhas, sahiram de uma reunião dedicada aos prazeres intellectuaes, – reconheceram que o gosto pelos trabalhos litterarios ampliãra o seu domínio, e que nenhuma classe negava agora os seus applausos aos que trocaram horas de distracções inuteis por vigílias estudiosas, outr'ora mal vistas dos adoradores de Pluto.

Os Srs. Ministro de Portugal, D. José de Vasconcellos e Souza, e consul-geral interino. Antonio José Duarte Nazareth, vieram honrar e animar esta festa de seus compatriotas, não só assistindo, como dignando-se presidir aos trabalhos. Nisto deram provas de serem dignos representantes da nova dynastia, que na pessoa do Sr. D. Pedro V deu ouvintes ao curso superior das letras, e colaboradores á *Revista Contemporanea*, no rei artista o Sr. D. Fernando, o protector de todas as bellas manifestações de talento artistico. O publico recebeu com a maior satisfação estes cavalheiros, e na sua homenagem de respeito unanime deu-lhe o melhor applauso.

Os trabalhos constaram de diversos discursos, poesias, artigos em prosa, entremeiados de peças de canto e concerto, executadas por artistas e amadores distinctos. As sociedades *Gremio Litterario*, e *Ensaio Litterarios*, fizeram-se representar na reunião, e applaudiram em discursos analogos aquelle nobre esforço da instituição irmã. O digno presidente o Sr. *Constantino de Lemos* abriu a sessão proferindo um discurso que foi geralmente applaudido.

Não entraremos em extensa enumeração de trabalhos desta noite tão agradável, que passou rápida como um sonho do estio. Falla-nos o espaço e o tempo, e nem temos a necessaria experiência de analyse litteraria, para poder avaliar devidamente as producções, que geralmente foram muito applaudidas.

Entre os novos lidadores que concorreram á arena dos sarãos, notaremos os Srs. F. Paz, Bittencourt da Silva, Teixeira Leitão, G. Ricardo Muniz e Abreu Moura. Um distincto cultor das letras, que prima pela erudição vasta e profunda, e amplo conhecimento da lingua, o Sr. Manoel da Silva Mello Guimarães, deu o maior realce ao sarão, com a leitura de uma bella introdução e da carta de um augusto escriptor, que antes de descer ao tumulto deixou estampada naquelas paginas eloquentes a grandeza do seu pensamento. O Sr. D. Pedro V deixou de existir, esta homenagem não é dirigida ao real dispensador de favores, a verdade é portanto quem sem duvida nenhuma nos inspira; animamo-nos pois a asseverar que a sua carta dirigida ao Sr. Viale acerca da traducção da *Divina Comedia* de Dante, coloca-o entre os mais profundos pensadores contemporaneos do nosso paiz. Oblação orvalhada de lagrimas de saudade e esta que aqui depõmos ante a memoria do homem fadado a restaurar a patria, e que morreu ao amanhecer do dia de trabalho.

A reputação litteraria dos Srs. Zaluar e Machado de Assis, já ao abrigo de toda a contestação, recebeu nesta noite uma consagração estrepitosa. A poesia – Os Rios – do primeiro tem o cunho grandioso da natureza brasileira, e a sublimidade de ideias que inspira este céo de contornos dourados aos que sobem pela encosta de suas magnificas serras. O segundo, em uma poesia singela, delicada, e maviosamente metrificada, commoveu todo o auditorio. Seguiram-se applausos merecidos a uma linda inspiração do Sr. Moutinho de Souza; o digno artista sabe unir á poesia das imagens e da metrifcação a arte de declamar com touçania e expressão. Esperamos notáveis progressos do seu talento real, que diariamente vemos desenvolvido.

O Sr. Novaes, em uma bella prosa satyrica, tornou o publico mais ancioso pela próxima publicação do *Futuro*, em que a sua penna há de expor ao publico a riqueza inesgotável de espirito que possui.

Os Srs. F. Paz e Bittencourt da Silva abrilhantaram o principio da sessão com seus trabalhos, que denotam estylo formado, muito estudo, e facilidade de exposição. Não fallamos nos trabalhos dos Srs. Almeida Campos, Santos Pereira e Carvalho Lima, porque um amigo nunca é juiz competente. Diremos sómente que sentimos o maior orgulho ao lembrar-nos que elles foram nossos irmãos de trabalho, nossos companheiros de estudo, e que a poesia está adquirindo nelles cultores distinctos que hão de honrar o seu paiz.

Os artistas são conhecidos do publico pelo seu talento. Os Srs. Muniz Barreto, Miguel Angelo e Reichertrepetiram os encantos artisticos do primeiro sarão. Vieram unir ás suas harmonias o seu canto mavioso duas senhoras da maior distincção. A Sra. D. Senhorinha Mello já tem uma reputação justamente adquirida. A Sra. D. Francisca Redondo possui uma voz do céu, afinada, que exprime com delicadeza os mais sublimes affectos, e que traduz admiravelmente as creações da arte. O publico intelligente reunido no sarão vixtoriou com enthusiasmo tão distincto talento.

Felicitemos a sociedade *Retiro Litterario* pelo exito de sua empreza, e desejamos que repita uma noite tão util ás artes, e que ficará gravada na memoria de todos os assistentes.

*

Morreu Anotnio Gonçalves Dias!

O oceano, digno tumulo da maior imaginação brasileira, recebeu aquelle vulto immenso como o Amazonas. As ondas do Atlantico, quebrando-se nas praias de dous hemispherios, cantaram o seu hymno de morte. A andorinha, que paira no espaço, foi a testemunha poética, que assistiu ao passamento do admirador dos grandes horizontes, e levou a nova ás regiões que os eus cantos celebraram.

Era um rei! Coroâra-o a musa antiga das florestas revelando-lhe os seus segredos. O indio quebrou, nas matas que lhe restam, os seus arcos de encontro á taba sagrada, e escondeu a face no pó! Ninguém saberá cantar como elle os seus heroismos e infortunios: expulso de seus dominios, tambem a morte do seu cantor lhe roubou o revelador de sua grandeza moral.

Salve, rei do pensamento! a mocidade portugueza curva a frente ante o teu sepulcro grandioso, e te offerece o tributo sagrado devido ao genio...

No seguinte numero contaremos aos nossos leitores a manifestação unanime que tem havido a favor dos Asyls da Infancia Desvalida do nosso paiz. Então trataremos do beneficio de sabbado no theatro Lyrico, e da excellente representação artistica que ali presenciemos.

E' tambem o que vos promete, amigo chronista, o

Roceiro na Côrte.

AOS NOSSOS assignantes. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 11, p. 81, domingo, 20 abr. 1856.

Aos nossos assignantes.

A *Saudade*, essa filha predilecta que acariciamos por tanto tempo; a *Saudade, Capitolio* obscuro em que se hastearam as bandeiras d'uma mocidade inexperiente na carreira das letras – uma mocidade que sentia inspiração arder-lhe na mente – conduzindo-a a formar sonhos fagueiros em um porvir mais brilhante; a *Saudade*, em fim, voltou aos braços d'aquelles que a formaram sem outro auxilio mais que os seus bons desejos, e a coadjuvação d'algumas pessoas com que contámos, e contaremos sempre.

O *Gremio Litterario Portuguez* sentio a necessidade de proseguir na empresa que encetou, porque tem convicção de que a *Saudade* virá a ocupar um lugar distincto entre os jornaes litterarios do Brasil.

O nosso programma é e será sempre o mesmo – dar incremento ás letras, e acoroçoar alguns talentos noveis que surgiram já, e que hão-de apparecer no futuro. Contamos com o apoio de todas as pessoas que amam a litteratura, contamos com todos, por que a empresa é vasta, o terreno difficil d'explorar, e sem o material preciso não poderemos construir o edificio que concebemos n'esses momentos em que o coração expandindo-se, sente as mais nobres e santas inspirações.

Ajudem-nos a levar a empresa ao fim, e quando apoz de muitos combates a sustentar, e difficuldades a vencer, poderemos hastear no *Capitolio* a bandeira dos vencedores, temos convicção de que mais de um virá dar-nos os parabens pela victoria alcançada.

Rio, 25 de Abril de 1856.

O Gremio Litterario Portuguez.

AOS NOSSOS assignantes. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 1, domingo, 31 ago. 1856.

Aos nossos assignantes.

A *Saudade*, contando já um anno de existencia, vai principiar o seu terceiro semestre.

N'um paiz, como o Brasil, onde os jornaes apparecem e desaparecem, como uma nuvem no horizonte, a continuação d'esta folha é a prova mais evidente de que ella tem sido bem acolhida do publico.

Costumam todos os jornaes, logo que teem, bem ou mal satisfeito aquillo a que se obrigaram para com seus assignantes, apparecer com mil promessas de melhoramentos, capazes de regenerar a republica litteraria, nós porém, nada promettemos.

Os escriptores, que teem já uma reputação formada, não teem querido vir tomar parte n'este nosso banquete moral de litteratura; e nós baldados de forças para escrevermos um jornal de primeira ordem, continuaremos como até aqui a fazer apparecer alguns talentos precoces, que a não sermos nós, talvez vivessem na obscuridade. Todos poderão enviar-nos seus artigos na certeza de serem publicados, depois de sujeitos á redacção.

Continuando a *Saudade* a ser a tribuna d'onde poderão ser ouvidas as vozes de uma classe de homens até aqui tidos como maquinas de trabalho, todos lá poderão apresentar o fructo de suas locubrações, e dest'arte a *Saudade* dará um solemne desmentido áquelles que maldizem da classe caixeral.

Só com o apoio de tão briosa classe, a *Saudade* poderia atravessar, como atravessou, por entre numerosos escolhos e chegar ovante onde tinha promettido; assim como o fragil batel, zombando das encapelladas vagas, segue seu rumo e aporta a salvamento onde seu piloto o desejara.

Asseguramos aos nossos assignantes, que as difficuldades, com que lutamos o semestre passado, todas estão vencidas. Estão dadas as necessárias providencias para que não continue a irregularidade na entrega da folha, sem duvida de todas a mais grave falta que temos cometido.

Continuará pois a *Saudade* a ser publicada regularmente, para proporcionarmos aos nossos assignantes algumas horas de agradável leitura, e para isto contamos com a colaboração de jovens esperançosos e inteligentes, alguns dos quaes já são conhecidos.

A religião catholica, que professamos, será escrupulosamente acatada.

Nenhuma palavra que possa offender o decoro e as leis da civilisação, manchará as paginas d'este jornal.

Eis o que promettemos.

A REDACÇÃO. (*A Saudade*, série I, v. III, n. 1, 1856, p. 1).

AOS NOSSOS assignantes. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 18, p. 137, domingo, 28 dez. 1856.

Aos nossos assignantes

Obstaculos imprevistos, e que se não podem remediar de prompto, teem retardado a publicação d'este numero. Envidaremos todos os esforços para os remover; entretanto é possível que a SAUDADE não se publique n'esta e na seguinte semana. Para evitar pois algumas supposições menos lisonjeiras, fazemos esta declaração, convencidos de que os senhores assignantes a acolherão com indulgencia.

A SAUDADE. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 1, p. 1-2, domingo, segunda-feira, 15 abr. 1861.

A Saudade.

Não morreu: murchou, e o mesmo sol que a faz pender, reanima-a agora, dá-lhe todo o viço, todo o frescor.

Como essas rachíticas plantas, que a esterilidade do terreno nunca deixará medrar, mas que transportadas para um solo fecundo, ostentam empouco um brilho esplendido, assim a *Saudade*, em mãos d'outros cultores, cultores senão mais habeis ao menos mais assíduos, ha de um dia, ousamos espera-lo, acompanhar passo a passo as mais lindas flores do jardim ameno da litteratura.

E hade, porque lhe sobram os elementos necessarios para o conseguir.

E hade consegui-lo, porque o sopro ardente das nossas aspirações de mancebos, tem animado mais de uma cousa, e vivificado mais de uma idéa. Aqui a idéa personifica a regeneração de uma classe, e para essa regeneração muitos hão hypothecado já a intelligencia, que symbolisa a idéa, isto é o trabalho do espirito, superior ao trabalho material dos *afortunados*, por que é a intelligencia do pobre que vira tristemente decorrer os seus melhores dias, entregue ao ostracismo dos *preconceitos*, que o prendera, ás vezes, ao materialismo, como se prende a *parasyta* ao trono secular!

E porque será ele anathematisado, se lhe segreda a consciência que nem o espirito lhe adormecerá traquillo, nem o braço lhe penderá cansado? Romeiro obscuro dos deserto ingratos da litteratura, deixai-o librar as gottas de orvalho suspensas das palmeiras, porque ele cumprirá a sua missão, missão nobre e generosa, que só a comprehende aquelle que tem, mais de uma noute, ao bruxulear da *vela humilde*, interrogado o livro de tantas gerações como ele condemnadas ao ostracismo em que fallamos.

Não lhe exprobreis a especie de atonia em que há vivido até ali; o raio fende os ares no espaço immenso, mas nem por isso deixará de deslumbrar-vos se dele vos aproximaes.

Ha perto de um seculo que se trabalha na forma: a idéa está na imprensa, cuja invenção o "maior acontecimento da historia" hade encaminhar-vos á forma, até que esta mate aquella, ou vice-versa.

Nos symbolos de pedra, que a mão ousada do estatuario animava, liam os nossos maiores as tradições de um povo qualquer; deixai o pensamento correr livre e desassombrado, dai lugar ao genio que busca tocar o zenith, e essas tradições tornar-se-hão no livro ou no jornal o que foram os monumentos antes da arrojada e sublime invenção de *Guttemberg*!

O diluvio fará desaparecer tudo da face da terra: que nem fique uma avezinha para levar ás gerações que vierem, após o cataclysmo, simples idéa do que foram as gerações extinctas; fique porém o livro ou o jornal, e em um ou outro verão ellas retratadas – religião, costumes, leis, feitos, tudo, emfim, que constituía uma nação qualquer.

A *Saudade*, pois, não será para nós, nem para os que nos substituírem, o symbolo augusto de tantas cousas idas; será, porém, a idéa, porque nella está duplicadamente consagrada.

Há sempre uma recordação preciosa do passado que, no meio das maiores vicissitudes da vida, nos prende á familia.

Póde a distancia extinguir pouco a pouco essa recordação, mas assim como a creança começa por balbuciar o doce nome de mãe, nós, igualmente, havemos, em uma circumstancia imprevista balbuciar o não menos doce nome de Patria.

Ora-se, ás vezes, em silencio, porque a oração dirigida ao Creador procura identificar-se pela emanação que vem d'Elle, n'aquillo que fôrma o vacuo, e o vacuo é um pai que nos abençoa todos os dias, a mãe que nos acaricia e affaga, o irmão que brinca comnosco, a amante, emfim, que nos assegura as crenças. Se a saudade sentimento póde ser o fanal de esperança que acompanhe o triste longe dos seus, seja a *Saudade* jornal o marco militar da nossa peregrinação, e venham todos depôr nelle os tributos que devemos a Deus, e á Patria.

Não haja a receiar a concorrência, nem o exclusivismo dos *afortunados*; a *Saudade* é de todos, é a idéa, e n'esta está a regeneração da classe a que pertencemos.

O jornal, no nosso *pequeno mundo*, não matará o livro, mas levará a muitos a certeza de que ha também entre nós quem possa exclamar como *Chenier*:

Il ya quelque chose lá!

A SAUDADE. A Saudade, *Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 25, p. 229-230, domingo, 23 mar. 1862.*

A Saudade

I.

E' hasteada hoje no primeiro marco da estrada que percorremos a bandeira da nossa missão. Repousamos por um momento para prosseguirmos de novo.

Peregrinos por uma crença nova, bate-nos o coração de entusiasmo; com os olhos fitos no espaço abre-se o coração á fé, e esperamos chegar ao derradeiro marco com a mesma fé, com o mesmo entusiasmo.

Não cogita o espirito para que nos arrojemos á immensidade: - a immensidade é o vacuo que produz vertigens - mas, passo a passo, encostados ao bordão fragil dos penitentes da crença nova, havemos de terminar a nossa viagem, havemos de arvorar outro pendão. E' o pendão da mocidade, que é a esperança dos velhos, como estes já foram a esperança da geração que nos precedera.

Mas a mocidade de hoje tem outros instinctos, outras aspirações. Outr'ora aferiam-se estas pelo merecimento das raças - o sangue era tudo -: o privilegio matava o que de mais util havia n'ellas. A nobreza do nascimento nullificava a nobreza da intelligencia; não reagiam nunca por que a sociedade fôra formada em proveito da primeira; d'ahi o privilegio, d'ahi o dominio absoluto em tudo que procurava constituir-se pela união das classes, isto é - pelo merecimento individual.

E' este que domina actualmente.

E' livre o campo, são iguaes as armas. Combate-se por uma ideia? o fraco há-de ficar, o forte caminhará avante.

D'estes certames sahe a mocidade sempre vencedora. Tem por escudo o livro, e por arma a penna. O livro e a penna são o seu brazão de nobreza: - vê-de se haverá brazão que tenha ilustrado mais uma geração inteira!

E' elle o nosso orgulho de tantos annos. Os que ainda não o tiverem que venham participar da cruzada que empreendemos, e hão-de consegui-lo porque a nossa crença nunca faz martyres.

II.

Não fez martyres porque nos limitamos á ambição que comportam as nossas forças.

Ha a obscuridade do nome que se escreve a medo, mas essa mesma obscuridade nos deve ensoberbecer.

O nome é simles e modesto, mas é nosso; conquistamol-o pelo estudo constante, pelo estudo meditado, no silencio da noite, a sós, em quanto outros gastavam a existencia talvez nas festas ruidosas de um mundo que não conhecemos.

E quando o materialismo vier pesar com mão de ferro sobre as nossas aspirações; quando os *felizes* que calculam de noite o que poderão arrancar ao pobre de dia, nos lançarem nas faces a nossa nulidade para a vida que imaginaram, temos o livro - corpo inerte á primeira vista - com que possamos responder-lhes: o livro ha de ir crescendo, ha de avultar, e dirá muda, mas eloquentemente que são elles que tem de enrubecer!

São provas de um orgulho desmedido; sejam, não o contestamos; mas deixem-nos ter orgulho d'aquillo que é nosso, que não custou lagrimas nem sangue, que nos veio das nossas obscuras tentativas!

Deus dá ao pobre a riqueza da intelligencia como compensação da riqueza material. Sem que possamos alardear abundancia da primeira, temos o que basta para semearmos o fructo da

estação. Deixem-nos esta, e regorgitem d'aquella; ambas hão-se ser lançadas á terra, e o produto dirá qual d'ellas foi por Deus abençoada.

III.

N'este primeiro anno da publicação da *Saudade* segreda-nos a consciencia que havemos semesado abundante grão. Será o fructo igual á qualidade da semente? Não o sabemos, nem é também a nós que cumpre responder.

Havemol'o dito por muitas vezes, e hoje o repetimos: o que ha escripto no modesto periodico não são provas acadêmicas, nem fructo de locubrações de penas amestradas nas lides do jornalismo.

As horas de ócio que podíamos passar na indolência, dedicamol'as a estes e outros tentames litterarios.

Acostumou-se o espirito ás preocupações serias dos assumptos que inspiram um interesse particular aos que ainda creem no futuro; e o espirito não póde *embrenhar-se*, como o de tantos, nos cálculos *mercantis* que produzem os *Cresos* da actualidade.

Não é a estes, felizmente, que nos dirigimos hoje. Elles não comprehenderiam o quanto ha de dedicação e desinteresse nos esforços da mocidade, e nem poderiam avaliar o nosso procedimento em relação áquelles que partilham das suas ideias generosas.

A' mocidade, pois, incitamos nós a que nos acompanhe e ajude a superar os trabalhos da viagem penosa que vamos proseguir.

O que somos, o que valemos ahi fica á apreciação dos homens conscienciosos nas columnas da *Saudade*.

Analysem-nas com imparcialidade; o juízo que fizerem dos seus escriptos não hade prejudicar as nossas ambições; são tão modestas, tão limitadas que, mesmo severo, não havemos de desanimar.

Na classe a que nos honramos pertencer está o futuro da *Saudade*. Appellamos para ella; com a protecção que nos póde dispensar hade a Redacção satisfazer os seus compromissos.

A SAUDADE. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 12, p. 109, domingo, 5 out. 1862.

A SAUDADE

Damos hoje por finda a tarefa de que nos encarregamos. Circumstancias especiais, que seria inutil consignar aqui, obrigaram-nos, mais cedo que nos pedia o animo, a suspender a publicação da *Saudade*.

Segreda-nos a consciencia que não faltamos a alguma das nossas promessas. Cumprimos até onde podíamos, e quanto as nossas forças comportavam, o programma traçado no primeiro numero do periodico. Se mais se esperava de nós, iludiram-se os benignos, que não ha vir seiva abundante e de preço da terra que fôra mal preparada.

A *Saudade* viveu exclusivamente da dedicação e perseverança de poucos, que não são muitos para estas lutas. Aquellas deixam em suas paginas documentos do que são, estes lembram apenas quando, como agora, se fecha um livro que fôra destinado a representar uma classe.

Que fiquem uns e outros com os baveres que têm; e um dia, breve talvez, faremos novo appello aos primeiros, que hão de vir, como sempre, hypothecar á classe os *restos* da sua *mediocridade*.

A Redacção.

AZEVEDO, José Victorino da Silva. O que é – saudade!. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 3, p. 28-29, domingo, 1 jun. 1862.

O que é – saudade!

Ao illm. Sr. João Francisco Rebello.

I.

Sabeis o que é saudade? – O vate o disse:
 “Delicioso pungir de acerbo espinho.” (*)
 Quem não sabe no mundo o que é saudade?
 Meiga palavra que traduz sorrisos
 Lá quando o pranto nos orvalha as faces.

Saudade arroubo mystico na terra
 Que em mago enlevo nos transporta ao céu!

Saudade! é o livro das esperanças murchas
 Que em paginas de amor soletra a vida;
 Ê folheando as no presente incerto
 Recordações dulcissimas apontam.

Saudade é a onda que brilhante e pura
 Na praia folga e a folgar expira:
 E’ a planta do inverso, abandonada
 Aos rijos ventos da estação ferina,
 Que recorda o passado entre verduras.

Saudade é o fogo que no peito vive
 Occulto ás vezes, mas se expande um dia.

Saudade, é a rosa cujas folhas seccas
 Guardadas sempre seu aroma exhalam.

Saudade é o berço que embalou a infancia
 Entre o riso materno, e as meigas trovas;
 Que hoje em sonhos qual visão se mostra,
 Conduzir-nos querendo e por magia
 Ao brando leito que susteve as falhas.

Saudade é a patria que se mostra ao longe,
 Quando gemendo sobre as plaga estranha
 Contemplamos os ceos, o mar, e os montes,
 Niveas estrelas, sussurrantes ventos.

Saudade é o bronze que tangendo ao longe
 Vibra em nossa alma seu soar plangente.

Saudade é o vento que sussurra ameno
 Nas virgens folhas do cerrado bosque.

Saudade é o livro tantas vezes lido
 Que um novo gozo no seu lêr desperta;
 Ou som da flauta que modula triste
 Tristes queixumes que ao prazer convidam.

Saudade é o vate que em Macáu, na gruta,

A lusa historia a suspirar compõe;
 E quando á patria o seu volver dirige,
 Com ella expira, pranteando o fado,
 Morrendo á mingua, tristemente e só.

Saudade é o Tasso, de Sorrento o heróe,
 Chorando a amada na prisão dos loucos;
 E em verso eterno modulando os carmes
 D'amor ungidos, dando gloria á patria.

Saudade é o Corso cuja fronte altiva
 Curvou-se humilde n'um rochedo ingrato,
 Mandando á França n'um adeos eterno
 Saudosas glorias d'um viver passado.

Saudade é o triste que perdeu a amante,
 E quando a noite desdobrando o véo,
 A lua em cheio la no céo fulgura,
 A ausencia chora do perdido encanto
 Que o fado injusto lhe roubou na vida.

Saudade é a alma que se expande em gozos,
 Em ternas sensações do ser passado:
 Saudade é tudo que recorda a vida
 Entre abrolhos passada, ou meigas flôres!

II

Meiga saudade! oh sentimento divo,
 Quanto é doce o prazer que n'alma ateias!
 Aquelle que supporta o fado esquivo,
 Cujos pulsos tu lhe dás, formoso e altivo
 Que livre lhe circula pelas veias!
 E elle espera, e lembra a liberdade,
 Minorando-lhe o mal – terna saudade.

O illustre varão, que deportado
 Da patria foi, cedendo á tyrannia,
 Sem queixumes suporta o duro fado,
 E á patria ausente o coração envia:
 Gratas lembranças do viver passado
 Em seus sonhos recorda noite e dia;
 E o pranto da já velha felicidade
 Suas faces lhe inunda; – é a saudade.

O terno amante a quem a sorte imiga
 O condemnou ao triste apartamento,
 Puro fogo de amor no seio abriga
 Da saudade votado ao sentimento:
 Amante e amado, seu pezar mitiga
 O voto firme que liga o pensamento:
 E nessa tão sonhada realidade.
 Cura a ferida de amor com a saudade.

O turvo pranto que nas faces corre

Quando a *saudade* nossa dôr aviva,
 Logo que estanca, nosso maç socorre
 Curando-nos a chaga funda e viva:
 Se a nossa dôr no amago não morre
 Por certo nos abranda a chamma activa:
 Ternura, affecto, amor e amizade,
 Tudo reune em si pura saudade.

Meiga saudade! emanação celeste
 Que aos tristonhos mortaes seu mal minoras,
 Que o tão grato *chorar* aos entes déste,
 E com elles, fagueira tambem choras;
 O teu consolo, de prazer nos veste;
 Olvidam-se comtigo amargas horas;
 Mesmo em ferros nos dás a liberdade;
 Attributo és de Deus, meiga saudade!

Silva Azevedo.

(*) Garrett.

AZEVEDO, José Victorino da Silva. Ao Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 61, domingo, 13 jul. 1862.

Ao Gremio Litterario Portuguez.

Nas loucas orgias dos Borgias tyranos
 Por entre o ruido de alegres cantares
 Nas taças douradas philtrava o veneno
 Que os cantos alegres mudava em pezares.

Aqui não ha philtros que o peito envenenem,
 Os rios são puros, é puro o cantar!
 As *artes* e as *letras* n'um laço sagrado
 Só sabem só querem o gênio saudar!...

Aqui não se entoam louvores fingidos
 Ao Marte da guerra que os campos devasia,
 Nem hymnos se cantam a prol soberba
 Que aos tristes captivos em furias arrasta:

Aqui não se louvam prazeres funestos,
 O vicio, o orgulho, do fausto o poder;
 Nem mesmo se cantam louvores fingidos
 Que as almas corrompem n'um torvo prazer;

A mesma virtude que o ser abrilhanta
 Nos vivos festejos de um pai a seu filho,
 Ou mesmo as delicias do Hymeu sagrado
 Não são por agora dos cantos o brilho:

E' só a ventura que o nectar derrama
 Nas almas dilectas que o genio coroa,
 Que hoje se expande, que vive, e refulge,

E ás luzes, e á patria seus hymnos entoa!

Se os lusos guerreiros nas eras d'outr'ora
Bem longe da patria, co'a espada na mão,
Soberbas conquistas – na terra, nos mares,
Contentes faziam, saudando a nação;

Nós lusos de agora, da patria distantes,
Conquistas fazemos talvez mais proprias
Por ella – saudosos – contentes lidamos,
Suor e não sangue lhes dando em primicias!

Não perde-se o tempo das letras no *Gremio*
Fazendo a *Saudade* da patria florir:
Trabalhos qual este, dão fructos bem doces,
Dão honra, dão gloria, dão fé ao porvir.

O puro sorriso que o rosto nos doura
Não nasce do orgulho, nem são sonhos vãos:
Só nasce e germina no intimo affecto
Das artes e letras – de amigos e irmãos!

Saudemos pois juntos o justo motivo
Que aqui nos reune, nos faz reviver!
A gloria, o futuro, as letras, a patria,
Saudemos! saudemos – com vivo prazer!...

J. V. da Silva Azevedo.

BANDEIRA, A. M. S. A queda de Cápua. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 34, domingo, 2 set. 1855.

A queda de Cápua.

O passado é a escola do presente, e o espelho do futuro.

I.

Segundo o testemunho de todos os historiadores da antiguidade, Cápua era considerada, no tempo da segunda guerra punica, a primeira cidade depois de Roma; se esta a excedia em circuito e população, por outro lado Cápua, a eclipsava por suas riquezas, pela magnificencia de seus edificios, e a fertilidade de seu territorio; a natureza tinha-se esmerado em seu favor: um clima temperado, a vizinhança de um mar benigno, e favorável á navegação, um sitio delicioso, tudo estava reunido para procurar a seus habitantes os prazeres e as commodidas da vida; a agricultura levada ao mais alto gráo de perfeição, ajudava em tudo a natureza, e augmentava seus beneficios.

A situação politica de um povo influe sempre sobre seu character, e sobre seus costumes. Os habitantes da Campania, e mais ainda os de Cápua, erão frouxos, e voluptuosos, insolentes na prosperidade, sem coragem nos revezes; cheios de confiança em suas forças, em quanto as não experimentavão, mas timoratos ás vista do perigo. Tinha pretenções a uma grandeza que não sabião sustentar; erão levianos, inconstantes, sempre ávidos de mudanças nas quaes tinhão tudo a perder e nada a ganhar.

A liberdade não podia portanto ser a partilha de um tal povo. Vivia á mais de um seculo debaixo do jugo de Roma, e de todos aquelles que experimentavão a mesma sorte, era o único

que nada tinha a queizar-se da legitimidade de seus direitos. Não tinha sido o azar da guerra, nem a lei do mais forte, mas sim uma submissão voluntaria, que tinha sujeitado aos Romanos os habitantes da Campania. Longe de se oporem a suas primeiras incursões, tinham-nos recebido como protectores, e tal era sua fraqueza, que os Romanos os tinham salvado, conquistando-os.

Para se conceber a origem, e julgar dos acontecimentos que se seguirão, pe necessario lançar uma vista d'olhos, sobre o que a historia nos refere dos primeiros tempos da Cidade de Cápua.

II.

Os historiadores attribuem aos Etruscos a fundação de Cápua debaixo do nome de Vulturnus. Enfraquecidos por numerosas guerras, receberão dentro de seus muros um grande numero de Samnitas refugiados, distribuindo-lhes terras para os attrahir, mas bem depressa encontrarão sua ruina nas novas forças que elles pensavão ter adquirido. Estes traidores, aproveitarão-se de uma festa publica, em que os seus bemfeitores se entregavão com seguridade á alegria; atacam-nos, usando de armas que trazião occultas, matarão uma grande parte, dispersarão o resto, e tomarão tudo áquelles que pouco antes, os tinham presenteado com parte do que possuíão.

Foi desde então, segundo diz Tito Livio, que Cápua tomou este nome. E' impossivel determinar se á devido a *Capys*, chefe dos Samnitas, ou á palavra *Campus*, que significava, as campinas férteis de que era cercada, ou a seu titulo de *Caput*, Capital da Campania.

Uma posição adquirida pela traição, foi perdida pela indolencia, e frouxidão. Este povo guerreiro até então, enervado pela abundancia, deixou corromper seus costumes, e sua coragem desvaneceu-se; esqueceu o uso de seus armas, desde que deixou de servir-se dellas. Não lhe restava senão o orgulho d'uma grandeza passada, e a confiança em forças aparentes. Não reconheceu finalmente sua fraqueza, se não quando appareceu o perigo.

Os Sidicios andavão em guerra com os Samnitas; os Capuanos tomarão sem necessidade, parte nessa guerra, e enviarão numerodo exercito contra os Samnitas, e estes se resentirão vivamente desta offensa da parte de um povo descendente de sua nação. Abandonarão logo, seus primeiros inimigos, e voltarão suas armas contra a Campania, que lhes offerecia mais ricos despojos, e uma victoria mais fácil.

Não se enganarão. Vencedores em duas sanguinolentas batalhas, forão occupar as alturas de Tifate, montanha que dominava a planicie de Cápua, e se preparavão a atacar a cidade mesma. Então não se vio mais que temor e desespero. Um momento a tinha principitado dos fastos da grandeza ás bordas do abysmo. A flôr dos mancebos tinha sido morta; a campanha estava devastada, as povoações queimadas, e esses campos anteriormente tão férteis, offerecião agora á vista um quadro cruel de estragos e destruição.

Um inimigo tão atrevido em suas empresas, como cruel em sua vingança, avançava até ás portas da cidade, e punha tudo a sangue e a fogo. Os Capuanos, não encontravão em torno de si socorro algum, e não sentião em si mais força alguma. Os alliados, pelos quaes se tinham exposto a um tão grande perigo, satisfeitos de ter escapado áquelle que os havia ameaçado, evitavão, neutros, de suscital-o de novo. Abandonarão á sua sorte os desgraçados Capuanos, que, fóra de seus muros, encontravão o ferro do inimigo, reinando dentro horrível fome.

Nesta extremidade não lhes restava, senão um ultimo socorro, uma ultima esperanza, a protecção de Roma. Enviarão-lhe embaixadores.

(*Continúa.*)

Traducção de A. M. S. Bandeira.

BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 23, p. 183-184, domingo, 13 jul. 1856.

De F. Gonsalves Braga.

XXII.

PORTUGAL

Aos meus compatriotas

I.

Levanta a frente, magestosa, altiva,
Da terra ao ceo, occidental gigante:
Alarga os braços, e com força activa
Abala o mundo, por qu'inda és possante!

Bem sei que dormes, mas é tempo: - acorda!
Faz ver ao mundo que a dormir descanças;
E' morte o somno? – Diz que não: - recorda
Teu grande nome, que o teu brilho alcanças!

Recorda ao mundo os lusitanos feitos
Nas grandes eras das nações guerreiras;
Recorda os lusos a vencer affeitos,
Nas lutas sempre a conquistar bandeiras! –

Recorda um povo, que recorda ufano
Do luso reino triumphaes victorias,
Qu'inda excediam ao poder humano,
Ganhando um nome d'immortaes memorias! –

Se agora és fraca, Lusitania, outr'ora
Feudaes tributos das nações tiveste;
Se um grande nome só te resta agora
Nas grandes lutas com valor venceste.

Se a Grecia altiva, se a soberba Roma
Potentes foram nas remotas eras;
A'quella iguallas, que inimigos doma,
A esta excedes, que sobre ella imperas!

Descanças hoje n'um dormir profundo,
Mas não morreste qu'inda a força gosas;
Não morre um Reino que deu leis ao mundo
Que é sempre vivo em tradiçções honerosas!

Levanta a frente, magestosa, altiva.
Da terra ao ceo occidental gigante,
Alarga os braços, e com força activa
Abala o mundo por qu'inda és possante!

II.

Ouvi, ó povos do Universo inteiro
Da minha patria, grandiosos feitos: –
Vêde em seu throno cada um rei – guerreiro –
Nos seus guerreiros, – mavortinos peitos.

Da Roma altiva uma invasão armada
 Pretende os lusos sugeitar a si:
 Viriato empunha sua lança, e brada: –
 “Romanos! Vê-se qu’inda não morri!”

Dizendo, arroja-se entre a imiga gente,
 A cujos peitos sua lança aponta!
 Volta do campo, vencedor, contente,
 Vingando a patria da estrangeira afronta!

Não pode a gente que ficou vencida,
 Do heroe vingar-se, lealmente, em guerra: –
 Quando elle forme, a repousar da lida,
 Traidora espada no sue peito enterra!

D’outra maneira não podéra a morte
 Dar fim ao homem que mil mortes dera!
 E se não fôra tão traidora sorte
 Somente um raio dar-lhe fim podera!

Regendo o Reino o virtuoso Henrique
 Ensina o povo a respeitar a lei:
 Seu filho Affonso, vencedor d’Ourique
 Por seus guerreiros é chamado – Rei. –

Depois na igreja que em Lamego existe
 Fundou Affonso o portuguez reinado:
 Nobresa ao povo reunida assiste
 A’ grande festa, na qual foi c’roado.

Então seguro do seu nome augusto
 Presiste affoito na missão honrada:
 Destróe descrentes, – o temor e o susto
 Infunde aos mouros com famosa espada!

Dizel-o podem Santarem, Lisboa,
 Por elle salvas do poder dos mouros!
 Lembrança eterna de taes feitos sôa
 Não voz do povo, que equivale aos louros!

Ao lado sempre do monarcha invicto
 D. Egas brilha, que um modelo encerra
 De – Lealdade – sen farol, seu rito,
 Na paz seu aio, seu rival na guerra. –

Seu rei que estava d’infiéis cercado,
 Palavra sua o desviou da morte;
 Não foi cumprida – o inimigo estado
 Conduz os filhos e a fiel consorte!

Lá marcham todos com as mãos atadas
 Com roupas alvas como Réos d’um crime!
 Assim amostram ás nações pasmadas
 Acção só propria de um heroe sublime!

Tambem a historia recommenda á fama
 Quem nas batalhas igualou ao – Rei: –
 – Mendes da Maia – a quem a patria chama
 – O Lidador, – que sistentou-lhe a lei.

Morre, matando Almoleimar, – e a morte
 Foi-lhe invejada por ter sido – honrosa, –
 Qual sempre fôra tão leal, tão forte,
 Termina a vida n'uma acção famosa!

Alboazem chega: de tomar vingança
 Na lusa gente, as intenções só traz,
 Lourenço Viegas – o Espadeiro – avança,
 Seu elmo e craneo em mil pedaços faz!

Dom Paio Peres, vencedor famoso
 Da forte Silves, que a infieis ganhou,
 Sobre as muralhas do castello annoso
 Das lusas quinas o pendou firmou!

Martin-Muniz, que foi comprar co'a vida,
 Dos portuguezes triumphante entrada
 No grão castello de Lisboa querida,
 Que foi aos mouros com valor ganhada;

Morre entalado, dos christãos em frente,
 Na grande porta d'immortal memoria!
 Sentio ainda a lusitana gente
 Passar sobre elle a proclamar: – Victoria

(*Continúa.*)

(*) Agradecemos ao Illm. Sr. Francisco Gonsalves Braga, autor da excellente poesia – Portugal – a oferta que nos fez della para a *Saudade*, pedindo-lhe que queira continuar a honrar-nos com as suas produções. *A Redacção.*

BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 24, p. 191-192, domingo, 20 jul. 1856.

Tentativas Poeticas

De F. Gonsalves Braga.

XXII.

PORTUGAL

Aos meus compatriotas

(*Conclusão.*)

Esse Geraldo, – Sem Pavor – chamado,
 Que Evora aos mouros com valor ganhou,
 Ao Rei a entrega, e tem assim ganhado
 A liberdade que a gosar ficou!

Entre estes todos lá se amostra ousado
 Fuas Roupinha, d'immortal memoria;
 Primeiro Luso que no mar irado
 Dirigio lenhos, e ganhou – victoria! –

Seu nome é grande p'ra que o mundo veja
 Quem praticou sobre o profundo mar
 Acção tão nobre, que o Cmaões deseja
 D'Homero a lyra p'ra o heroe cantar!

Martim de Freitas – O Alcaide – honrado
 Do grão Castello que Coimbra exalta,
 Vê-se dos mouros infieis cercado,
 P'ra resistir-lhes seu valor não falta!

Ganha a victoria no castello annoso,
 Vae a Toledo, e sobre a regia campa
 Depõe as chaves: tal heroe famoso
 Nos lusos fastos o seu nome estampa!

Esse Albuquerque de poder incrível
 Que a fama diz: conquistador potente,
 E' quem Camões denominou – Terrível –
 Cantando os feitos da famosa gente!

E o Castro-Forte – de honradez modelo,
 Victima illustre da fatal pobreza,
 Das suas barbas empenhou cabelo
 P'ra dar effeito á marcial empreza! –

Esse que o mar desconhecido affronta
 Passando afoito o tormentorio, é – Gama,
 Que sobre as ondas para a India aponta,
 Promette á patria dar augmento e fama.

Por fim na terra desejada aprôa,
 E o Oriente ao poder luso chama:
 De Dom Manoel enriquecendo a c'rôa,
 De – Venturoso – lhe dá nome, e fama!

Depois – Pedro Alvares Cabral, navega
 P'ras longas terras que conquista o Gama,
 Descobre quando na Guyanna chegar
 O vasto Imperio, que – Brasil – se chama!

Esse que as filhas d'Albion defende
 Com doze bravos que ajuntou p'ra isso,
 Porque o Britano desleal ofende
 As fracas damas; quem será? – Magriço!

Trava-se a luta furiosa, horrível,
 Começam damas a nutrir esp'ranças;
 Foram cumpridas: – o heroe temível
 Deixa prostradas as imigas lanças! –

Esse, que aos rogos da vaidosa Hespanha
 Acode, e esmaga o sarraceno arnez,
 Affonso Quarto, no Sallado, banha
 Em agora, e sangue a mauritana tez!

Aos belos elmos, e luzentes armas
 Succede o sangue, a mortandade, a dôr!
 Vaidosa Hespanha! Teu poder desarmas,
 Que ao luso imploras protecção, favor!

Fogem os Mouros: – por finaes heranças
 Deixam no campo, de uma vez rendido,
 Bandeiras rôtas, e quebradas lanças,
 Seus bravos mortos, seu valor perdido!

Dom Pedro, o filho d’esse Rei austero,
 Affonso quarto, que condemna Ignez;
 Aos seus algozes castigou severo,
 E, morta a esposa, inda Rainha a fez!

Affonso Quinto – deixa a lusa terra,
 Dos bravos mares affrontando as vagas,
 E dá-lhe o nome de – Africano – a guerra
 Que foi levar ás Africanas plagas!

Hespanha: – um facto do valor dos lusos
 Inda há na historia das desgraças tuas: –
 Aljubarrota, que já vio, confusos
 Fugir teus filhos, ante as armas suas!

Então a Lysia registrou na historia,
 Dos grandes nomes para um reino inteiro,
 Aos quaes se deve tão real victoria: –
 Dom Nuno Alvares, – Dom João Primeiro.

Esse Rei joven – Sebastião – que a gente
 D’Africa adusta castigar pretende,
 Deixa seu Reino, porque é mui valente,
 E a lusa gente té ao longe estende!

Victima illustre do seu genio altivo,
 Que só á gloria devotava a vida,
 Era inda joven: – não quis ser captivo,
 E a liberdade lá ficou perdida!

Lá morre: e o sceptro que regeu dous mundos
 Partio-se, e a c’roa vacilou, cahio,
 Pendeu-lhe a fronte nos areaes immundos:
 Do Reino a gloria nunca mais surgio!

Que surja agora, magestosa, altiva,
 Seja de novo – occidental gigante, –
 Mostre, que o somno não é morte: – activa
 Abale o mundo, por qu’inda é possante.

D'Heroes que teve tão leaes, e tantos,
 Hoje o que resta? Funeraes padrões: –
 Somente um vate nos divinos cantos,
 A vida a todos restitue: – Camões. –

*CAMPOS, José Velloso d'Almeida. A' mocidade. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º
 anno, n. 1, p. 7, segunda-feira, 15 abr. 1861.*

A' mocidade.

Se a mente se liberta e sobranceira ao mundo
 Solta o pensamento pela amplidão do ar,
 Corre a alma livre por esse espaço infindo,
 E vai, divina essencia, nas nuvens se librar:
 E' grande então o homem, é grande qual rugido
 Que Deus, em sua ira, nos faz ouvir no mar.

Lá, que importa ao homem do mundo a vil torpesa?
 Acaso a vela fragil parar faz o tufão?
 Que importa a um ou outro que a vela fique rota,
 Que o mundo se debata na negra podridão?
 E' forte o vento iroso, que Deus assim o manda,
 Dá força o pensamento ao rei da criação.

–

Sómente a intelligencia reger venha os destinos
 Da geração que nasce, só ella dicte a lei;
 E livre, o pensamento, as raias não conheça;
 Quem póde pôr limites onde o talento é rei?

Correi, mancebos, cia, cerrai vossas fileiras,
 Curvai somente a frente ao numem da poesia;
 Nas palmas que colherdes que vejam os vindouros
 As palmas orvalhadas por fontes de harmonia.

–

E' nobre a senda vossa,
 Mancebos percorrei-a;
 Das letras aos cultores
 Não é a gloria alheia.

Segui! a estrada é bela,
 E' cheia de emoções;
 Levai na frente o gênio,
 Levai inspirações.

Olhai: não vedes nomes,
 Que ha seculos morreram,
 Surgirem sempre grandes?
 E' que não esqueceram!

Camões, Homero, Dante
 São nomes que não morrem;

Augmentam-lhes a gloria
Os seculos que correm.

Que sejam vossos guias!
São mestres, venerai-os;
Da luz, que nelles brilha,
Pedi-lhes alguns raios.

A. C.

CAMPOS, José Velloso d'Almeida. Claro-Escuro. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 4, p. 27-29, domingo, 26 mai. 1861.

Claro-Escuro.

A minha posição é embaraçosa!

Nunca viste o lorpa que pela primeira vez tranpõe o portal do salão aristocrático, á maneira de *Joven Lilio abandonado*?

A cabeça a bambalar-lhe de encontro ao impertinente collarinho engomado, rebelando-se contra a moda louca que inventou a gravata; a guerra anerta, estabelecida entre a calça e o collete, este (debalde, como *Diogenes*), procurando a cintura que a *delicadeza* do perfil esconde, e aquella como que não querendo postergar os direitos adquiridos pela fralda, nos tempos que já lá vão, tudo isto não protesta contra a audacia, ou essa potencia formidavel, que collocou o pobre do homem no lugar do seu supplicio?

Respondam os leitores que pouco lhes custará. São sem duvida frequentadores muito distinctos desses salões, a sua resposta pois, pode e deve, além de exacta, ser espirituosa, espirituosa sobretudo, que os felizes adeptos desses templos da elegancia tem até a faculdade de *fazer espirito*. Ora opis, a minha posição presente é muito semelhante á do lorpa que defini.

A audacia impeliu-me a escrever o meu primeiro *claro-escuro*, e, o que é mais, a publicalo. Hoje porém, exposto ao tiroteio dos ditos picantes de muitos lynces da litteratura, é que, mettendo a mão na consciencia, vejo a figura que faço.

Se eu ao menos tivesse o auxilio de um Sancho, que não faltou ao illustre *D. Quichote* no seu combate com os *gigantes de vento*! Dirão alguns que não me falta tudo, pois possuo metade do fiel servidor, isto é, a *pança*.

Mas, pelo amor de Deus, de que me serve a tal metade?

Habituada a receber quanto tártaro e magnésia lhe querem dar não pode, por forma alguma, ajudar-me a repelir os ataques dos referidos lynces.

Nesta triste situação o remedio que tenho é calar-me e proseguir. Proseguir! sim. Estou no caso do pobre *Judeu*, não me dizem caminha, não; mas dizem-me escreve, e eu não lhe vejo grande differença.

Esperem lá que eu sou ainda menos que o *Judeu*, este obedecia a Deus, e eu obedeco aos assignantes da *Saudade*, que sem duvida são honradas pessoas, mas que se lhe não igualam.

Porém, estas lamentações de *Jeremias* vem fóra de proposito quando diz o typographo: ha falta de materia.

Esta frase, pronunciada no sem mais lugubre do diapasão da garganta, semelha muito o dobre do sino grande, annunciando aos vivos (podera ser aos mortos) a morte do Senhor Fulano de tal.

Ha falta de materia! eu te arrenego, frase velha como o *accuso a recepção* das cartas commerciais.

No *Jornal* ha tanta materia velha, no *Mercantil* bastante materia nova, e o Senhor vem pedir-me materia!

Ora meu caro, até logo, vá bater a outra porta, que eu vou tratar de outras cousas.

Mas tratar de que?

Pois vale lá a pena fallar mais no benemerito *Francisco* e nas suas 25,825 cartas dirigidas aos diversos lugares *Universaes e vinhateiros*?

Vale, que me faz lembrar uma cousa.

A falta de *aduelas* de todos os generos que ahi se sente, deverá tornar-se, no caso que o mal das vinhas acabe, n'uma carestia horrivel!

Deduso, pois, que quem tiver a *feliz lembrança* de encorporar uma companhia *edificadora*, para construir com *seguridade*, palácios iguaes ao da *Praia-Vermelha* pode, uzando mesmo de toda a *fidelidade* nos seus negocios, dar lucros animadores aos seus accionistas.

A passagem das accões abter-se-há com facilidade, não só aqui como em *Nictheroy Iahomerim* ou *Ponta d'Aréa*, pois que o *seguro mutuo* dos capitaes será garantido pela *previdencia* e boa gerencia dos directores, que deverão ser escolhidos entre os *Argos Fluminenses*.

Este projecto, não menos sensato que a *capa-rosa*, deve merecer a attenção da praça em geral, e do protector das gallinhas em particular.

Ai, que se eu chego a ser director, todos os habitantes da Cidade hão-se ser accionistas.

O caso está que façam a primeira entrada, a segunda farlh'a-hei eu nos..... não digo, seria imprudência o previnil-os.

Não me venham dizer que isto são loucas pretensões a espirituoso. Não; o que aquellas reticencias significam é tristemente verdade; é uma verdade amarga que se explica pela *lisica* que emagrece a bolsa de muitos homens honrados, e pelo abdomen rotundo que toma a consciencia de muitos negociantes da honra.

Eu creio que certas consciencias possuem barriga, á vista da faculdade digestiva que lhes noto.

Se não fosse o temor que tenho de distrahilos das suas gravíssimas locubrações, sempre queria que os filhos de *Hypocrates* me dissessem o nome que tem uma consciencia destas.

Perguntar-lhes-hia isto os não visse tão occupados a combater o maldito desinfectante, que, aqui entre nós foi inventado com grave prejuizo da sciencia.

Note-se que o prejuizo não foi dos illustres *Gallenos*, foi da sciencia, que por este motivo perde excellentes occasiões de estudar o principio, meio e fim de certas molestias com que trata (sem tratar) muito de perto, há não sei quantos seculos. E' uma sciencia que tem progresiso a passos de gigante! E se não vejam que hoje morre-se dos trinta aos cincoenta annos, quando no seculo X se morria dos oitenta aos cem.

O progresso é palpavel!

Leitores, quero faser-vos um pedido, ou, por outra, proporcionar-vos alguns momentos de alegre distracção. Subi comigo pela ladeira dessa montanha de que, não só a receita do espolio está calculada, como orçada a despesa do *enterro*.

Vinde comigo a essa montanha, formosa apesar de ser quase um cadaver; subi agora que os raios do sol, ainda brilhantes, são comtudo mais suaves; suaves e melancholicos como o viajante que, cheio de saudades, se despede dos lugares que adorava.

Parai! E' bello o panorama que vossos olhos descobrem!

Sigamos todavia; ao longe está o templo: chegamos.

Quando Napoleão, como querendo calcular a altura da propria estatua, visitou as pirâmides do Egypto, disse aquellas palavras memoráveis que todos sabem e que porisso não repetirei.

A historia registrou-as, como tem registrado muitas outras, como hade registrar ainda muitas, e entre ellas talvez as que vou dizer, para gloria eterna de muitos santos varões.

“No alto desta montanha a religião do crucificado é ainda a mesma; sempre pura, sempre religião de martyres graças aos *methodos* e aos *lencinhos brancos*.” Comtigo, montanha querida que os *filisteus* querem matar, eu só comparo a Cidade de Braga, porque aqui com os *lencinhos* alcança-se, mais docemente só, o mesmo resultado proficuo para a religião, quem em Braga se alcança com a escumalha de forja, se é que falla verdade *C. Castello Branco*.

“Como hão-de ser agradaveis a Deus esses *anjos*, purificados de toda a macula por virtude dos milagrosos lenços que, seja dito entre parenthesis, passaram ao officio de purificadores, depois de ter dado muitos e estreitos amplexos no nariz das suas respeitáveis donas!” Como....

Qual como, nem meio como; isto seria um nunca acabar, á vista da vastidão do assumpto.

E de mais as reflexões que eu não fizer o leitor que as faça, se não lhe custa empregar a sua intelligencia em ninharias destas. Conheço por ahi muitas *intelligencias* que sabem que tem diabo,

mas que no entanto decidem as mais importantes questões, não digo com quatro asneiras, mas seguramente com quatro banalidades, e das quaes *intelligencias* se pode dizer:

Muitas tretas, poucas letras

Poucas? nenhuma! Não que apesar de escreverem com toda a correção ninguém os apanha em publico. Algumas vezes que cá vieram os ditos grandes homens fizeram fiasco.

Leitores, isto não é convosco; desculpai-me a maldita mania de fallar dos outros; mas desde que me disseram que elles fallam mal de mim seis mezes em um anno, eu trato de aproveitar bem os mezes que me restam.

Desçamos que nestas alturas a briza da noite é perigosa. Ide recolher-vos ás vossas moradas, que eu, apoiando-me ao bordão de Santo Isidoro, cá vou em caminho de casa.

A. C.

CARACTER portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 7, p. 56, domingo, 23 mar. 1856.

Caracter portuguez.

Na lucta da nossa independencia em 1640, cahio em poder dos hespanhoes, já sem forças e mui ferido, um cavalleiro portuguez chamado Roque Antunes; e perguntando-lhe elles. – Quem vive? – repondeu com nobre coragem: “Deos e D. João IV, rei de Portugal” prometteram-lhe a vida se um só vez dissesse – viva el-rei D. Filippe, porém, respondeu com toda a presença de espirito: – matai-me, muito embora, que por um tal preço eu não quero a vida.”

CASTRO, J. J. Barboza de. Minha Mãi. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 8, domingo, 31 ago. 1856.

Minha Mãi.

Na invicta cidade saudoso apertara
O peito arquejantes de meus ternos pais,
A benção me deram banhados em lagrimas
Me vendo tambem suffocados com ais.

Cuidava com fé que depressa viria
A patria adorada venturas gozar,
Que dôce existencia na vida se passa
Com fé no futuro contente a esperar!...

Mas que desventura devia chegar-me
Neste mundo extranho, proscripto a vagar...
Perdi minha Mãi carinhosa, na patria,
Sem que minha Mãi eu podesse abraçar.

Agora se eu fôr algum dia p'ra terra,
Que mil pensamentos por ella terei!
Na lousa cinzenta que guarda seus restos
A Deos piedoso por ella orarei.

No chão de joelhos com mãos encrusadas
Amente elevando submisso até Deos
Com prantos e rezas do peito nascidas

A Deos pedirei qu'ella esteja nos céos.

Agosto 1 de 1856

J. J. Barboza de Castro.

CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 10, p. 83-84, domingo, 18 ago. 1861.

Chronica.

Invadi no passado numero da *Saudade* as paginas que me estão reservadas; se pequei peço absolvição, porque o peccado foi intencional. Creio que poucas vezes terá a redacção de censurar-me a *ousadia*; nem sempre o assumpto se presta a divagações, e para compensar o que de mais escrevi n'aquelle numero, há o pouco que terei de escrever n'este. Vejo as tiras de papel em branco, mas como enche-las? Se não receiasse os reparos dos *críticos*, occupar-me-hia de muitas *nihilidades* que *gravitam* por ahi, e estou certo que os leitores menos exigentes seriam unanimes em approvar e applaudir as linhas que escrevesse a seu respeito. Mas, infelizmente para a maior parte d'esses criticos, o *Chronista da Saudade* é alheio a estas coisas de satyra, e se ás vezes, sem o querer, deixa escapar uma expressão menos innocente, é isso devido á sua penna, nunca ao próprio instincto. Se acharem que o instincto da penna entra aqui como *Pilatos no Credo*, não se formalizem os leitores comigo, porque tenho lido algumas obras em que certos incidentes, certas palavras, vem tanto a propostio como fallar nesta *Chronica* da rainha *Pomaré* ou do *Schah da Persia*.

Entremos, porém, no assumpto principal, que estas rasões nem de *cabo de esquadra* são:

O popular e conceituoso poeta Faustino Novaes, authorisou a publicação na *Saudade* de algumas poesias suas, que o archivo do *Gremio* guardava. Esta finesa do distincto poeta, será mais um incentivo para nós, que redobraremos de esforços afim de que as outras publicações da *Saudade* não sejam de todo inferiores ao que se publicar do Sr. Novaes. Encetamos essas publicações com a bellissima poesia, – *Ao Gremio Litterario Portuguez*, e desnecessario é recommenda-la aos leitores do nosso modesto periodico, porque o author não precisa de apresentação.

Quando um nome conhecido como o do Sr. Novaes se associa ao dos obscuros mancebos que procuram instruir-se e ser, relativamente, uteis á sociedade e á litteratura, mais se arreiga em nós a crença de que não trabalhamos em vão, e que se, por em quanto, as *intelligencias aristocratas*, e os *jornaes de grande formato*, não se dignam descer até nós, tempo virá em que seremos acoroçoados e comprehendidos.

Como hão de medrar as debes plantas que rastejam o solo em busca de cultores hábeis e da sombra protectora? Não é esteril o solo, pois que brota expontaneo; sem os disvellos de bom cultor, como esperar que a planta cresça e fructifique?

Não é sempre a falta do material que accelera a queda dos periodicos de pequeno formato, é a do intellectual – é a falta da protecção da *imprensa rei* que contribue para essa queda.

Vegetar não é viver, e vegetando vão por ahi a *Saudade* e outros periodicos de formato exiguo, que se não valem tanto como os maiores, representam a mocidade, cuja seiva hade animar e regenerar muita ideia generosa, muita coisa necessaria. Não nos accussem de immodestos; *desçam até nós* e verão que há muito a aproveitar n'essa mocidade.

Alguma animação houve durante a quinzena nos dous theatros que merecem reparo.

No de *S. Pedro*, em beneficio do sympathico Simões, representou-se a comedia-drama – *Os tres inimigos de alma*, cujo merecimento consiste no effeito scenico, para certas plateias. Nem instrue, nem moralisa. Se o author pretendeu mostrar que o amor, o dinheiro, e a gloria é tudo vão, fumo que o menos sopro de vento faz desaparecer, creio que não conseguiu o que pretendia, porque são justamente aquellas tres coisas que mais tem sacrificado a humanidade, prova de que a sua doutrina pecca por erronea. Se consultar a minha consciencia, parece-me que acompanharei a maioria, e como ella procurarei o amor, o dinheiro e a gloria.

O desempenho foi supportavel, o que é d'espantar n'aquelle theatro, mórmente n'estes últimos tempos.

Simões representou como sempre, com naturalidade e graça; a molestia da exaggeração – molestia chronica no theatro de *S. Pedro*, não o *tocou* ainda, felizmente. Oxalá que elle podesse ensinar aos outros o segredo de fugir-lhe, mas..... e quem sabe?

“Conhecem-se os grandes homens

Nas grandes occasiões.”

O *Gymnasio* deu-nos – *A Filha dos Trapeiros*, drama francez da eschola semi-romantica, semi-realista. Effeito calculado, não importa que algumas inverosimilhanças saltem aos olhos dos menos entendidos, paixões ecageradas para fazerem sobresahir os accessorios; a peripecia precipitada, como é a de todos os dramas do author da *Filhas dos Trapeiros* – eis o que me pareceu o drama em questão, que agradou, porque as plateias, por desgraça de alguns authores, tendem quasi sempre para essas exaggerações.

Eis as impressões que tive do seu desempenho:

Joaquim Augusto no papel de *Folia*, é o artista que tendes applaudido nos dramas *Romance de uma moça pobre*, *Peccadora*, *Pelotiqueiro*, *Mineiros da Desgraça*, e tantos outros.

Graça, que envergou o trage feminino, apesar do bigode branco, é sempre o Graça que provoca gostosas gargalhadas.

Maria Fernanda, no papel de *Baronesa Dartes* desperta-nos a lembrança da predilecta Gabriella; vê-se, quando aquella está em scena, que falta ali alguém, e que esse lugar difficilmente será preenchido.

Adelaide tem momentos em que provoca palmas espontaneas, mórmente na scena em que exproba á Baronesa Dartes o seu procedimento para com o marido; e sobre tudo na scena do quarto acto, quando Marietta, reconhecida por seu pai, se encontra com aquella. Como sou dos que vejo a artista e não a mulher; como não sou frequentador de bastidores, nem tive ainda desenganos a pretensões especiaes, hei-de dizer o que sinto, embora os *rigoristas* me exprobem a falta de gosto.

Pedro Joaquim, pede que o declare a franqueza que professo, não me agradou. Parecia deslocado, entretanto que o papel está-lhe a character. A scena do leque, e aquella em que sabe do amor de sua mulher pelo Doutor, e procura arrebatar a este a carta da Baronesa, pediam mais animação, mais verdade.

O author ou authores do drama traçaram um personagem de paixões violentas e arrebatadas, e, sinto dizel-o, Pedro Joaquim no papel de Barão Dartes, parece-me um fanfarrão. Sorprende-me tudo isto, porque Pedro Joaquim é um artista de muito merecimento.

Os outros artistas trabalharam de modo a satisfazer o espectador menos exigente; especialisarei, com tudo, o Militão, que há feito immensos progressos, e se estudar assim será sempre applaudido. Quanto ao actor que representou o papel de Doutor, receio emittir já uma opinião assente apenas sobre as provas de um papel de importancia secundaria. Creio, porém, que mostra disposição para a scena, e que, menos acanhado, poderá concorrer para o bom desempenho de qualquer representação.

Como trato de representações, vem a pelo prevenir os leitores da *Saudade* que em breves dias se effectuará uma em beneficio da Sociedade *Portuguesa Dezesseis de Setembro*. E' dado pela companhia do *Gymnasio*, e consta-me que trabalha entre nós, pela ultima vez, o actor Simões. Esta circumstancia, e ainda mais o fim para que é destinado o beneficio, chamará ao *Theatro Lyrico* grande concorrência, e estou certo que resolvida a proteger com generosidade uma associação que por tantos títulos se recommenda ás sympathias do publico.

Diz-me o typographo que vou invadindo as columnas da *Saudade* que me estão reservadas; porisso faço ponto aqui; ponto grammatical entende-se.

CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 95-96, domingo, 1 set. 1861.

A redacção da *Saudade* faz distribuir com o n. 11 do periodico uma circular aos senhores assignantes, sollicitando d'elles o auxilio que poderem prestar na agencia de assignaturas para o 2.º semestre da mesma *Saudade*.

Da protecção que o publico lhe dispensar, depende o seu progresso e a sua estabilidade.

Desde que a nossa classe comprehendeu a necessidade de collocar-se a par das outras pela emancipação e pela intelligencia, não brotam em terreno estéril estes e outros tentames litterarios.

Olha-se, ás vezes, com indifferença para as manifestações da mocidade, porque ainda há certos preconceitos arreigados, que tolhem o curso d'essas manifestações. Mas desde o momento em que uma classe qualquer, que soube conquistar á custa de esforços e de trabalhos a independencia e a força que devem constituir os grandes corpos da sociedade, tenta desmentir com a palavra escrita e falada, a inferioridade que lhe censuram, não são esses preconceitos para temer-se, e são para desprezar-se.

Porque dominaram exclusivamente, até certo tempo, algumas classes hoje desprestigiadas e abandonadas? Porque o povo, baldo de instrucção e illustração, perdera a energia moral, e fora degradado para os lugares mais ínfimos da sociedade! Porque o seu embrutecimento tirava-lhe a consciencia do que valia, e escravo manietado aos caprichos e vaidades de muitos senhores, dormiu longos anos o somno pezado dos embriagados!

Hoje, porém, não é mais o povo a machina passiva da vontade dos poderosos: é por isso que a nossa classe, essencialmente democrata, deve ir conquistando cada vez mais os palmos do terreno cuja entrada lhe não era permittido transpor.

E' n'estes pequenos orgãos de publicidade que iremos preparando um terreno melhor. Consciencia d'isto é que a redacção da *Saudade* espera muito do appello que faz, porque não póde ser mais nobre o fim, nem mais util a ideia.

A redacção, crê-o firmemente, não há faltado aos compromissos que tomou; se não prima o periodico em escriptos de longo folego, não é culpa sua, porque de si não podem elles sahir, e as grandes intelligencias não tem honrado as sua columnas.

Ha progresso, porem; modestia demasiada seria em não o dizer; e se é vaidade isto, abra-se a *Saudade* de 1856.

Brevemente espera a redacção fazer distribuir pelos seus assignantes, a estampa da projectada estatua ao grande cantor das nossas glorias. E' uma lembrança áquelles, e o justo desejo de tornar conhecido um monumento para o qual largamente concorreremos.

Dispensem-nos os nossos compatriotas a protecção de que são capazes, e para que nunca em vão se appellou, e a *Saudade* será o verdadeiro e mais expressivo protesto contra a inferioridade que irrogam á nossa classe.

Effectuou-se como fôra annunciado, o beneficio da *Sociedade Portugueza Dezeseis de Setembro*. O patriotismo, de mãos dadas com a caridade, achou largas na generosidade do publico que, em avultado numero, concorreu a esse spectaculo. Vão em outro lugar as poesias que se recitaram e distrivuiram; – os sentimentos humanitarios que distinguem a sociedade, foram perfectamente comprehendidos.

Surgem por toda a parte onde há portuguezes os exemplos de amor pela Patria. No Brasil, com especialidade, dão-se elles tão repetidos, que não há elodios que se lhes dispensem.

Os boatos, adrede espalhados, talvez, para fins que ignoro, mas que todos presentem, vão despertando por aqui demonstrações de quanto são repulsivos a todos os bons portuguezes.

Oxalá, porém, que o enthusiasmo contra a ideia de annexações, não vá despertar susceptibilidades occultas. Convem prever as consequencias da festa antes de largar os foguetes.

Escreva-se, proteste-se contra essa ideia, mas sejamos moderados quanto a outras manifestações mais ruidosas.

Tão falha de acontecimentos foi a ultima quinzena, que esta *Chronica* hade ressentir-se d'ella.

E' nos theatros que um chronista póde fazer messe de assumpto para largas considerações; mas, por desgraça de todos que se encarregam d'estes trabalhos, os theatros nada apresentaram de novidade.

Compesará esta falta, talvez, o próximo dia 7 de Setembro, se bem que não vejo nos theatros muitas tendencias para festejarem o primeiro dia do Brazil.

Há uma negação absoluta para o estudo de certas peças. Acostumaram-nos ás *phantasmagorias*, e hoje, que já nos aborrecem, não levam em conta os protestos de alguns homens *faltos de gosto*.

O movimento das publicações de Lisboa há sido aqui tão diminuto, que não tenho livro algum a recommendar. Fallou-se-me de um, porém, cujo titulo inscreve-se n'esta chronica, por que não o li ainda. E' os *Contos ao luar*, do sympathico folhetinista Julio Cesar Machado. Mesmo sem o ler creio poder afirmar que hade ser digno de toda a publicidade e de muitos leitores, por conseguinte. Quem tem lido os folhetins *delicados* e espirituosos da *Revolução de Setembro*, quem se edentificou na *Vida em Lisboa*, terá no livro citado os momentos agradaveis que lhe proporcionou a leitura d'aquelles e d'aquella.

Prometto demonstrar com argumentos irrespondíveis a verdade das minhas proposições... quando houver lido os *Contos ao luar*.

Quem não conhece Alvares de Azevedo, o poeta ardente, tão cedo roubado á litteratura brasileira, e da qual é um dos principaes ornamentos? Quem não tem admirado aquelle estro arrebatado, cujos arroubos põem medo, cuja paixão faz estremecer? Quem não tiver lido compre as suas obras, recentemente publicadas, e admire o *Byron* brasileiro.

E' um poeta que deve andar na memoria de todos. Passem-lhe desprevenidos pelas exagerações da eschola que imitou com summa habilidade, mas curvem-se e batam palmas ante aquella inspiração nobre como a natureza que a creou, e elevada como as majestosas arvores das florestas do Brasil.

CHRONICA. A Saudade, *Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 13, p. 116, domingo, 6 out. 1861*.

Chonica.

A *Saudade* entra hoje no 2º semestre da sua existencia. O programma é o mesmo do anterior; com a differença de que a redacção procurará a maior variedade e escolha nos artigos que se publicarem. Exime-se de prometer muito; se o fizesse faltaria ao que promettesse, porque, desgraçadamente, tem-lhe faltado os principaes elementos para tornar o periodico digno da nossa classe.

E' talvez uma contradicção á doutrina que enunciou no programa traçado no 1º semestre, mas a verdade antes de tudo. Foram illusões perdidas e a que não há valer-lhe. Se os labios se descerram hoje para balbuciarem o que ficou da persa d'essas illusões, não a acusem por isso: há bons e maus dias na vida do homem; que o sentimento não prejudique a realidade, e seja ella patenteada n'este momento. Aquelles que avaliam as cousas pelas simples apparencias, erram na apreciação que d'ellas fizerem. Cumpre aprofundar as causas; póde o effeito compromettel'as, mas o facultativo não tem culpa que a acção do tempo deteriore o remedio que vai applicar ao enfermo, certo de que o póde curar. Avaliam-se os esforços em prol de uma ideia, pelos embaraçosque ella sucitou. Mede-se a dedicação, pela luta sustentada contra esses embaraços; nem uma nem outra cousa faltou ao periodico da parte da redacção; não encontrou no publico, e principalmente na mocidade, o auxilio que esperava: cumpriu o que promettera, mas com a protecção d'esta poderia hir muito alem das suas promessas. E' sombrio o quadro, mas é verdadeiro.

Vem o mal de longe; não ha dedicação que o inutilise, porque a dedicação sem igualdade de vistas não dá resultados. Em uns é a indiferença, em outros as aspirações que visam a tornar essa dedicação como impulso a designios menos lisonjeiros da parte d'aquelles que instituem estes pequenos órgãos de publicidade. N'estas circunstancias ou elles hão-de ter uma existencia ephemera, ou, para a não ter, serão sacrificados os que lhe deram principio. Mas não predominam na redacção da *Saudade* as vistas de interesses positivos, nem a ambição de apparecer no mundo das letras. Aquelles não se dão com periodicos assim, esta seria uma anomalia, porque não vão seus vôos a alturas taes, e a obscuridade dos seus nomes está representada nas iniciaes que assignam todos os artigos. As intenções são puras; pensou que era possível rehabilitar-se a classe a que pertence, e começou por lhe proporcionar o padrão – embora modesto – em que podesse

affixar os protestos contra certas dependências que a impedem de tomar no banquete social de illustração o lugar a que ha direito. Se é uma utopia a ideia que teve a redacção, é uma utopia seguida por outras classes, e que tem dado excellentes fructos. Se os não temos colhido ainda, é porque os cultores aqui não souberam aproveitar-se dos raios do sol que podiam animar a planta, nem das gotas de orvalho que a fariam reverdecer quando o sol dardejasse os seus mais intensos raios. Morre tudo pela indifferença; não ha a emulação que fora para desejar; mas, um dia, quando se reclamar a presença da classe em qualquer manifestação generosa, reconhecerá que não está preparada para ella, e o papel não será dos mais agradaveis. Pódem censurar-me pela franqueza com que me dirijo áquelles de quem a redacção esperava tudo; não costumo mentir ás minhas convicções; atrevo-me a falar assim porque hei feito o que posso pelo fim a que nos propozemos.

A *Saudade*, pois, vai proseguir em sua publicação; bem acolhida pela mocidade augmentará a medida que a protecção lhe for dispensada. Protegida, ha direito a ser censurada; desprotegida tenha a redacção apenas as difficuldades que se antepõe a taes publicações. Não desanima, porem; espera tranquilla pelos resultados, e n'elles estarão a justiça das sua intenções....

CHRONICA. A Saudade, *Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 23, p. 219-220, domingo, 23 fev. 1862.*

Chronica.

A cousa é principiar, dizia-me há dias um amator e animador das letras. Começa-se quasi sempre sem haver que dizer, mas depois vem, pouco a pouco, o assumpto, e, quasi sempre, o espaço de que dispomos não chega para tudo.

Eu quis perguntar ao *padrinho* que o acaso me proporcionou, se havia escripto algum dia qualquer cousa que se parecesse com uma chronica: lembrei-me porém que o homem era *copista* de partes em um theatro, e a minha pergunta seria uma asneira.

Entretanto ha seu tanto de verdade na asserção do amator. Tem-me succedido muitas vezes começar qualquer escripto sem saber como continual-o, mas o fim aparece sempre: manco ou despropositado – convenho; os leitores, porém, que acolhem com beneguidade tanta cousa *bonita*, tem a extrema condescendencia de lêr quando estão de marê, e, se não lêem, deixam em paz o escriptor que lhes impingiu gato por lebre.

Não está n'este ultimo caso o chronista da *Saudade*, mas como veio a proposito fallar n'isto...

Emendei a mão; ia, sem o querer, descontentar os patrões, homens de conta peso e medida, cuja consciencia não permite que estas duas paginas sejam preenchidas com palavras. Querem facios, e tem razão. Foi com as mais altas promessas de *adiantamento*, que me offereceram este lugar; eu sou ambicioso: se não satisfaço os desejos da mestrança, perco o meu futuro, e não passarei de um modesto rabiscador de *jornalunculos*.

As reputações litterarias não se alcançam com qualquer bagatella; conheço algumas cuja origem é um tanto duvidosa; mas essas servem de espelho aos escrupulosos, e d'ahi provem quase sempre um suicidio litterario, que tem a vantagem de tornar-se o divertimento dos tolos.

Estas e outras considerações hão de influir no merecimento relativo dos meus escriptos; e como desejo os applausos dos mestres, creiam os leitores que não hei de aborrecel-os muito.

Termina brevemente a publicação do primeiro anno da *Saudade*. Já é alguma coisa tão *longa vida* em um periodico litterario sem aspirações, redigido por mancebos do commercio.

Mas é esta circumstancia que mais deve influir no animo d'aquelles que tem um nome na litteratura.

Ignoro a opinião ou o conceito que lhes merecerá a *Saudade*; sei porém que a crítica mais severa ha de respeitar uma grande parte dos seus escriptos.

A falsa modestia achará aqui alguma exageração; mas de mancebos que não cursaram academias, que foram os mestres de si mesmos, exigir mais seria desconhecer o merecimento em muitos outros escriptores que principiam nas mesmas circumstancias, e tem hoje nas letras uma reputação incontestavel.

Depois, a *Saudade* há vivido por si mesma. Nem recomendações aparatosas, nem elogios próprios pelos jornaes de grande formato a tem insinuado ao publico.

Não nos queixamos porque não são para nós os beneficios d'este genero de publicações; não os ambicionamos nem daremos um passo para os alcançar.

Havemos de proseguir; pertencemos felizmente a um nucleo em que a dedicação a uma ideia não enfraquece ante qualquer obstaculo.

Vamos breve sollicitar dos nossos irmãos de trabalho o auxilio que nos poderem prestar para esta cruzada generosa da mocidade. Que não nos recusem o pouco que lhe vamos pedir, e a *Saudade* tornar-se-ha verdadeira accepção do termo – o órgão da nossa classe.

Aproxima-se o carnaval, tempo de folia para muitos e de despeitoso aborrecimento para outros.

Os aborrecidos são aquelles que tem de se contentar com o que virem pelas ruas, porque o espectáculo é gratuito. Mas como não ha de trabar-lhes o espirito com a desconsoladora certeza de que o que se não proporciona *gratis* é mais gostoso? Um passeio, de carro ou a cavallo; um typo burlesco o caracterizar; as flôres espalhadas pelo bello sexo; e depois uma intriga habilmente imaginada e conduzida; e, finalmente, um baile animado, ruidoso, phantastico!.... Quem se não aborrecerá na impossibilidade de gosar de tudo isto?

Serei um dos descontentes, mas como taes espectaculos não alteram o meu character essencialmente concentrado, rirme-hei cá dentro o mais que puder para que se não diga que deixei de concorrer para a festa.

O calor e sobretudo as minhas occupações, não tem permittido que o chronista da *Saudade* vá aos theatros fazer messe de impressões agradaveis ou desagradáveis para transmittir aos leitores.

Tambem a não ser as *Abençoadas lagrimas*, não valem os últimos espectaculos o incomodo de uma noite de calor suffocante.

Dir-me-hão: há trez theatros em exercicio continuo, não falando na *Opera nacional* que aparece com os quartos minguantes.

Convenho que os ha; sou porém absoluto em materia de arte dramatica.

Com a franqueza que me caracteriza: para mim só o *Gymnasio* quase sempre oferece espectaculos dignos de vêr-se. N'elle ha a certeza de encontrar-se o bom gosto na escolha das peças, reunido ao bom desempenho. Censurem-me o optimismo, mas tenho, felizmente, muitos que me acompanham n'estas ideias.

Não se creia, porém, que deixo passar desapercibidas muitas cousas que se prestam ao reparo, e a um reparo severo, não. Por exemplo: as questões de preferencia enojam-me, desafiam-me o latego da critica.

Para que estabelecer preferencias quando o publico as não quer, e antes as reprova?

Começam assim as desintelligencias entre aquelles que a religião da arte deve conservar sempre unidos.

A rivalidade estabelecem-na os espíritos mesquinhos que não comprehendem o que vale o merecimento sem as tergiversações dos caprichos momentâneos. Quem pede aos bajuladores de profissão um parallelo entre duas actrizes distinctas, que são applaudidas quando representam porque o publico as avalia como deve?

E o que resulta para a arte dos caprichos de alguns levianos que trazem á imprensa meia dúzia de linhas em que ha tudo menos o bom senso? Resulta o que já vimos por muitas vezes – a desorganisação de uma companhia que offerece ao publico os unicos espectaculos dignos da concurrencia.

Prestem-lhe os homens serior a consideração que merecem taes devaneios, e emquanto as duas actrizes em questão representarem como tem sempre representado, sejam ambas applaudidas.

Prometti na chronica passada, dizer alguma cousa sobre o drama – *De ladrão a barão*. Tenho muita vontade de satisfazer a promessa, mas não o faço.... por cousas. Guardo as impressões que me deixou para um artigo especial, com que tenciono formar uma reputação de critico *comme il faut*.

Os homens mais eminentes de Portugal, e que mais serviços prestaram á causa da liberdade, tem ultimamente, e em crescido numero, pago o seu tributo á terra.

Manoel da Silva Passos que em serviços, em character, em honradez e em modestia fôra em dos primeiros, falleceu há pouco em Santarém, legando ao seu paiz e a sua familia um nome honrado, que não desrespeitaram nunca as paixões politicas dos que militavam sob outras bandeiras. Toda a imprensa do paiz deu preito e homenagem ao popular orador, e a historia há de lavrar-lhe mais tarde o epithaphio devido aos grandes homens.

CHRONICA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 24, 1861, p. 228, domingo, 9 mar. 1862.

Chronica.

Memento homo... Hia começar por onde devo acabar: é a mania dos ambiciosos; e com quanto este defeito em mim não passe dos convenientes lemites da prudencia, ambicionava ás primeiras palavras dar por concluida a minha tarefa d'este numero do periodico.

Mas, no louvavel empenho de agradar aos leitores, era isso materialmente impossivel; porque se aquellas palavras dos livros santos exprimem perfeitamente o fim para que foram destinadas, e salvo o respeito que consagro aos objectos da nossa religião, não podem satisfazer o compromisso que me prende aos *patrões* e aos leitores da *Saudade*.

Vamos a assumpto mais serio.

Arrependo-me por haver escripto na passada *chronica* algumas palavras de censura ao procedimento de alguns *flaneurs* de bastidores; não que as não merecessem, mas porque deveria ser mais severo na apreciação de certos factos que promoveram a desintelligencia entre os artistas da *Sociedade Dramatica Nacional*.

Estou intimamente convencido de que essas desintelligencias procederam de uma origem useira e veseira n'estes espectaculos *edificantes* para o publico acostumado a vêr representar no proscenio e não por traz dos bastidores. Como eu, que represento uma parte insignificante d'esse publico, muitos atribuem os effeitos á mesma causa; a opinião publica corresponde, n'este caso, a uma reprovação, e o resultado é facil de prever com os exemplos anteriores. Houve uma epocha de prosperidade para o theatro – *Gymnasio Dramatico*. Foi a reunião de tudo quanto ha de melhor na sociedade do Rio de Janeiro. Havia enthusiasmo nos actores e espectadores; havia certa afinidade entre uns e outros, aquelles redobravam de esforços para agradarem aos segundos; estes retribuiram com uma assiduidade constante e com applausos repetidos as noutes agradaveis que elles lhes proporcionavam. Mas um dia, e sem se esperar, veio o demonio da intriga quebrar esses laços que prendiam os actores aos espectadores, e o theatro foi pouco a pouco decahindo, até que chegou uma epocha em que não podia ser frequentado. Agora, há muito já, que o *Gymnasio* se aproximava da prosperidade de tempos mais felizes, veio, como no passado, a intriga transtornar tudo, e oxalá que a actual *Sociedade Dramatica Nacional* não tenha o desastroso fim de tantas outras cousas de utilidade reconhecida.

Não me prende compromisso algum a qualquer dos lados contendores para que deixe de escrever a verdade do que sinto. Reputo-me no direito de emittir a minha opinião em assumpto que pertence e interessa a muitos: se não agradar o que ahi fica escripto, tenham paciencia, que é algumas vezes ou sempre – uma virtude.

Passou o carnaval; depois do que se deu no theatro, venha o que se deu pelas ruas e pelos theatros – é plural, entendem? A' excepção das caricaturas que appareceram em exposição nas ruas contempladas com a passagem das *Summidades* e dos *Zuavos*, nada vi de novidade. E' sempre a mesma monotonia de mascaras *titis*, *pierrots* etc.. etc., não esquecendo os impagaveis *zabumbas* que este anno se apresentaram em grande quantidade. Ha certa gente que procura fazer effeito com os estranhos; o que não dá o espirito ou a graça natural, venha da *pelle preparada* de qualquer quadrupede *de... quatro pés* (eu cá me entendo.) Nos theatros a cousa esteve animada; a *Bohemia* levou a palma a todos na *desenvoltura desgrenhada*, como lhe chama um collega que entende perfeitamente do riscado.

Destribue-se com este numero, penultimo do primeiro anno da segunda serie da *Saudade*, circulares e listas, sollicitando a redação n'aquellas assignaturas para o primeiro semestre do segundo anno.

Era desnecessário chamar a atenção dos amigos do periodico para o appello que fazem os *patrões* á sua reconhecida dedicação em cousas da mocidade que tendem a illustral'a. Como há porém alguns que, não sendo amigos *documentados* da *Saudade*, ambicionam o desejo de fornecer esses documentos, proporciona-se-lhes agora esse ensejo, e é bastante que enviem ás casas indicadas nas circulares, no tempo determinado, a competente lista cheia de assignaturas.

Em compensação a estes assumptos tão prosaicos, tenho a annunciar aos leitores a chegada de um excellent e precioso livro. E' – *Os quadros navaes, ou collecção de folhetins marítimos de Patriota*, do capitão tenente da armada portugueza, o Sr. Joaquim Pedro Celestino Soares.

Aquelles que se orgulham de pertencer á primeira nação maritima de outros tempos, acharão no mencionado livro, descriptas com extraordinaria simplicidade, acções de tempos mais próximos que não desmerecem em grandeza comparadas com as do seculo XIV.

Acostumados a seguir com pena a decadencia completa de um poder que nos tornou ou'trora tão temidos e respeitados, deve ser agradavel aos corações verdadeiramente patriotas a leitura de um livro que recorda e revive factos honrosissimos para a marinha portugueza, quando o pavilhão das quinas tremulava já em poucos navios, restos sagrados da nossa antiga oppulencia.

Bem haja o brioso e intelligente official que ergueu á patria um monumento de tanta honra e proveito para ella.

Cheguei, não sem grande custo, ao termo da minha viagem.

Estamos na quaresma, época de recolhimento e oração. Ao templo, leitores, porque:

Memento homo quia pulvis es....

CORTIÇO, José Antonio dos Santos. A Saudade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 11, p. 83, domingo, 20 abr. 1856.

A Saudade.

Tempos de paz e de gosto
De vós que resta? – a saudade!....
Esta ao menos, Deos piedoso,
Me conserve em toda a idade.
(A. F. de Castilho – *Excav. Poet.*)

Saudade!! acri-doce sentimento gerado no centro d'alma pela recordação dos gosos de outr'ora, e da existencia do charo objecto ausente!

Como me é grato o teu sentir quando expões a meus olhos o painel das sensações que em outra idade experimentei! Como me desenhas no pensamento com admiravel fidelidade, as scenas graciosas, as imagens seductoras de meus brincos innocentes! Saudade!.... afiado punhal que suavemente te embebes no amago de meu coração e sabes conter-lhe as pulsações, quando embalado ao sopro fagueiro das emoções do presente, parece querer por momentos esquecer-se das verdadeiras impressões do passado! Vem, sentimentos amargo e doce! Eu te quero; eu te idolatro! Ao toque de tua magica varinha, goso ainda amenos dias que tão rapidos passaram; volvo á quadra feliz de minha infancia; colho na arvore da innocencia os fructos doces, saborosos e puros, não tocados pela mão da corrupção!

Correrei ainda como um doudinho atraz das multicores borboletas, para leval-as á minha pequenina irmã, que morre por ellas, e por cujo serviçozinho prometeu abraçar-me! Irei tirar um ninho de implumes passarinhos que descobri na *oliveira* do quintal, e saltando de contente irei leval-os á minha carinhosa mãe, que me ralha e fôrça a restituil-os aos carinhos da avezinha, que adeja de ramo em ramo piando magoada em procura de seu thesouro que lhe roubaram em quanto cuidadosa procurava seu sustento! Verei ainda com profunda magoa esconder-se o sol atraz dos outeiros porque me priva com sua ausencia a continuação de innocentes folgedos, mas logo extasiar-me-hei com as scenas arrebatadoras que nos offerece seu occaso, atirando por despedida

seus fios de ouro ás cumiadas das montanhas, e ás altas grimpas dos templos do Senhor; e mais depois com as imagens de verdadeira poesia, inimitáveis imagens da hora do crepúsculo!!

Ouvirei ainda com religioso respeito os salutareos conselhos de meus pais e ainda uma vez sentirei derramar-se em minha alma innocente, o balsamo consolador que mana das orações religiosas repetidas no começo e no fim do dia! E depois de ter dado graças ao *pai do céo*, ainda irei contente sentar-me com os meus, á roda de minha boa mãe para escutar alguma historietta de que tanto gostam as crianças; e fascinado, por assim dizer, da magia desses cantos populares, deixarei cahir a cabeça no regaço de minha irmã e adormecerei profundamente sonhando com os brinquedos que tenho de executar no dia seguinte!

Saudade!... minha companheira inseparavel, que vens mesmo com teus rigores tornar menos amarga nossa existencia, suavizando nossos pesares quando suportamos a ausencia de objectos que nos são tão charos! Como ainda é suave teu bafejo pensando na quadra não menos risonha, não menos rica de emoções agradaveis, de nossas primeiras affeições amorosas, nessa quadra de existir tão doce, em que por um terno volver de olhos, por um angelico sorriso pairando n'uns labios de carmin, dariamos sem hesitar vida e thesouros, se thesouros houvessem para fazer permuta com essas joias de tão subido valor! nessa quadra, dizemos, em que o nosso mundo, o nosso existir, a realidade emfim de nossos sonhos fagueiros, andava pendente dos anneis dourados de longa madeixa que a brisa matutina agitando brandamente, fazia brincar por sobre um collo de virgem, digno do cinzel de Phidias!

Bem feliz o ente que tem um coração capaz de nutrir sentimento tão sublime! Desgraçado, bem desgraçado, aquelle que nunca pôde gozar desse sôpro da Divindade!

J. A. Santos Cortiço.

CORTIÇO, José Antonio dos Santos. Relatorio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 2, p. 9-10, domingo, 7 set. 1856.

Relatorio

Apresentado em assembléa geral do Gremio Litterario Portuguez, em 21 de agosto de 1856 por seu presidente, José Antonio dos Santos Cortiço.

(Continuação do n. 1)

A Saudade.

Essa creação do Gremio Litterario Portuguez que lhe merece todos os carinhos, todas as atenções, em quem emprega com prazer todos os seus cuidados, a nossa filha, emfim, o periodico *A Saudade*, colaborado pelas pennas juvenis de nossa associação, não tem deshonrado os fóros que sempre couberam á mocidade portugueza, de talentosa; e a sua redacção tem tido o maior cuidado em que suas paginas senão aviltem com publicações, mais ou menos não adaptadas ao titulo com que se nomeia e que, inda imperceptivelmente, toquem em questões individuaes e vão offender a moral publica. Desejára porém, que esses talentos juvenis em vez de occuparem-se quasi exclusivamente em trabalhos de imaginação, em que se confundem aquelles mesmo que resaibos tem de intima erudição, tentassem entrar em matérias, talvez mais árduas, menos saborosas, porém que asseguram mais longa vida a uma publicação periodica; pois aquelles que nella procuram instrucção, facilmente se cançam de muita amenidade, que como as campinas da Arcadia nunca deixam enconbrir os seus arbustos e flores com as ramas espessas e altas comas das florestas.

A historia, essa mestra da mocidade inexperta, e vivificadora das nacionalidades decahidas; a geographia, pantheon magnifico em que se perde a vista na immensidade do globo, e em que os nossos avós colheram as mais difficeis corôas, são estudos que vós, com optimo resultado, podeis tentar.

A cerca da *Saudade* tendes visto até aqui a parte luminosa da medalha; ella, porém, tem reverso e forçoso é declarar-vos que apezar dos reiterados esforços da directoria e dos socios em geral, não foi a affluencia para socios do Gremio e assignantes ao nosso jornal, tão satisfactorio,

como havíamos previsto: esta falha de nossas esperanças foi em grande parte devida, (cumpre não dissimular) a alguma irregularidade que desde o começo do semestre appareceu na entrega da folha, e que continuou a manifestar-se a despeito das diligencias que se fizeram para chama-la à sua marcha regular. Sabeis os males que acarreta para qualquer instituição, a irregularidade em seus trabalhos; sabeis, que, uma vez manifestada essa irregularidade, muito perde a instituição no animo de seus membros; e se esses mesmos que a instituíram e que já alguma vez provaram os fructos de sua boa ordem, lhe negaram parte da confiança que haviam depositado, com dobrada razão devem negar-lh'a os que não conhecendo seus trabalhos praticamente, só a noticia de uma exemplar regularidade os moveria a que se alistassem em suas fileiras; creio que esta doutrina é de uma verdade incontestável.

Houve pois um momento em que o nosso periodico vacillou sobre a suspensão ou continuação de suas publicações; e esta perplexidade foi motivada pela insufficiencia de assignaturas, fazendo porisso que fossem mesquinhos os meios pecuniarios para fazer face ás despezas de impressão, e nunca por falta de materia para suas columnas que, seja dito de passagem, tem sido superabundante. Reuniu-se o Gremio em assembléa para deliberar a tal respeito, e ainda que bem pesasse a todos os membros a suspensão temporária da folha, ia ser votada essa medida e necessariamente aprovada; pois se alguns membros a ella contrarios procuravam estribar-se para seus argumentos no desdouro e de alguma forma quebra de reputação que dessa medida provinha ao Gremio, outros (e destes o maior numero,) combatiam esses argumentos com outros incontestavelmente mais logicos e de um alcance mais positivo: a falta de meios pecuniarios. Ainda porém d'esta vez não foi nossa filha condemnada ao olvido; a bondade, cavalheirismo e mais que tudo isso, a delicadeza de acções de um dos nossos dignos consocios deu, com sabeis, a primeira batalha a favor de sua emancipação fazendo que se distribuísse mais um de seus números; e depois a bem concebida idéa dos dignos membros, autores da proposta, para que se costeasse a folha por meio de acções tomadas entre os socios do Gremio, que representasse cada uma o valor de cinco assignaturas; esta salutar medida, digo, que approvamos e á qual espontaneamente prestamos nosso auxilio, tomando grande parte das acções, veio por assim dizer, consolidar-lhe a posição que alguns momentos antes fôra ameaçada de perder. Hoje pois orgulho-me em declarar-vos, que ella se acha sob bons auspicios, que lhe agouro longa existencia, sem que mais se veja exposta a crises idênticas ás que já experimentara, se por ventura a nova administração procurar impedir (como ousamos crêr) que não se afaste de sua marcha regular, tão necessaria á sua conservação.

Contas

Gremio Litterario Portuguez

O activo do Grmeio Litterario Portuguez é até este momento de rs. 147\$900; nada deve d'esta importancia, por que he ella o resultado, depois de pagas verbas de sua despeza, que montou a rs 96\$180; sendo, portanto, real esse activo de que vos fallo, como vou demonstrar-vos:

Entrou:

Saldo entregue pela Directoria que nos deu posse	14\$080
Importancia recebida por joias e mensalidades	196\$000
	<hr/>
	210\$080

Saldo:

Para alugueis da salla das sessões, impressão de estatutos, luzes, annuncios e listas	96\$180
Para suprir ás despesas de impressões da "Saudade"	71\$500 167\$680
	<hr/>
Dinheiro existente.	42\$400

Dividas:

Areceber de diversas por mensalidades	34\$000
Jornal "Saudade"	71\$500 105\$500

Em dividas e dinheiro

147\$900

Como vêdes, não pe o estado actual do Gremio para esmorecer, porque se podnderar-des que o saldo em caixa será absorvido pela despeza de um mez, ponderar-vos-hei tambem que teremos para juntar-lhe as mensalidade de 39 socios existentes, cujo numero veremos em breve duplicar-se, ousou afiançar-vo-lo, se marcharmos methodica e regularmente.

Continúa.

DECLARAÇÃO. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 40, domingo, 9 mar. 1856.

Declaração.

A assinatura para esta folha é paga adiantada; no escriptorio da empresa rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000: para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assinatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros quatro numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros números, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os números recebidos.

DUNLOP, Julio R. A mocidade portugueza do Rio de Janeiro. A Saudade, série II, 1º anno, n. 9, p. 66-67, domingo, 4 ago. 1861.

A MOCIDADE PORTUGUEZA no Rio de Janeiro.

I.

O expirar do decimo oitavo seculo foi um grito medonho que abalou a Europa.

O feudalismo, que só podia repousar na superstição e na ignorancia, apavonado em seus solares de tantos seculos, viu abalados os alicerces do seu poder.

O grandioso cataclysmo mudou inteiramente a moral da superficie do orbe.

A's trevas devia succeder a luz.

Servos e senhores viram-se nivellados e comprehenderam que eram homens.

Seguiram-se muitos annos de luta de gigantes.

Do seio do povo surge um homem, que, cingindo o gladio, dirige as suas cohortes aos campos da batalha: o canhão ribombando em Austerlitz, em Iena e em Marengo, derroca todas essas barreiras que se antepunham á marcha da civilização.

Instrumento do destino, esse homem audaz, emancipa a liberdade, embora ceda, depois de consummada a sua obra, á fallibilidade da condição humana.

Livre a intelligencia, esprou-se pelo campo vasto da sciencia.

Importantes descobertas, realizadas em menos de meio seculo, vieram attestar que só o astro brilhante da liberdade póde mostrar a vereda do aperfeiçoamento.

O captiveiro porém fôra longo, para que não ficassem resíduos da sua duração; e é necessario o desenvolvimento do espirito para que possa o homem attingir aquelle gráo de elevação que lhe conferem os divinos attributos com que Deos lhe ornou a fronte.

II.

A classe commercial portugueza na terra de Santa de Cruz por muito tempo jazeu no seio de estultos preconceitos que lhe impediam a marcha na senda do aperfeiçoamento moral.

Um nucleo de mancebos desejosos de instruir-se, fundou um atheneo modesto que, pouco e pouco, se foi elevando, e chegou a ter uma epocha feliz.

O *Gremio Litterario Portuguez* tem jús ao reconhecimento de todos os amigos das associações instructivas, e muito mais tendo sido formado em um tempo em que com tanto desamor se olhava, como se olha ainda, para as lettras.

Há um livro que de per si só é para elle um monumento: O *Album do Gremio Litterario Portuguez*.

O talento dourou as suas paginas, e Reinaldo Carlos, Lousada, Cibrão, Gonsalves Braga e Castiço, serão dignamente lembrados nos annaes da litteratura portugueza.

O Sr. Reinaldo Carlos, talento viril e grandioso, tem formado um pedestal que o eleva á altura dos melhores prosadores contemporaneos.

Erudição e um estylo cheio de nobreza e louçania, são as qualidade que mais o caracterizam.

Quem escreve o *Renascimento da Litteratura Hellenica e Frei Luiz de Souza*, pode reclinar-se sobre os trophéos da sua propria gloria.

Enthusiasta da regeneração dos povos, eleva-se a sua ambição ao ponto de desejar que os mais humildes escriptores do brilhante cyclo de litteratura que atravessamos se modelem só pelos mestres dos passados tempos.

“Não condemnemos exclusivamente a geração que passa, diz o Sr. Reinaldo no seu bem elaborado artigo intitulado *Os Poetas do Seculo XVIII*: o seculo passado tambem teve Piron para cantar a orgia, e vio o velho de Ferney embeber na lama a trágica penna para desvirtuar a heroína de Saint Remy.

Mas ao menos estes não aspiravam ás grandezas sociaes; se queriam dominar, era pela altivez do engenho, ou pela seducção das immoralidades que propinavam aos incautos. Nunca Voltaire se lembrou de ser intendente de policia, nem Piron preboste de mercadores.

Um estendia a mão aos reis, quando estes o assentavam a seu par nos degraos dos thronos, o outro tambem reinava sobre a mocidade, mas era só rei pela imaginação; ao descer do seu throno ephemero, ia deitar-se sobre a esteira da miséria e ahi dormia o somno solto.

Para terem foros de grandeza os poetas do seculo passado, se eram muitas vezes mendigos como Homero, eram tambem como elle avantajados em saber: não escreiam os hendecassylabos sem nexo ao correr da penna, não lhes sahiam os poemas em andrajos mal ligados, não dispensavam lições de abundante sciencia; antes de improvisarem lições de soneto, antes de soltarem o gemido agudo da elegia, haviam passado longas noites á luz baça da alampada folheando os volumes *infolio* do seculo XVII, investigando as bellezas de Horacio, correndo os olhos pelos quadros das sciencias naturaes, e quando se erguiam dessas continuas vigalias, o rosto ainda lhes sorria de mocidade, mas os cabellos tinham embranquecido.

Mas estes homens eram Garção que escreveu a *cantata de Dido*, Diniz que immortalisou a velha sociedade catholica no Hyssope, Philinto Elysio que restaurou a lingua de Cmaões, Quita que do seu humilde estado se elevou a emulo de Theocrito.

Hoje a litteratura fácil é a arena que todos percorrem.

Esripto um romance, lançadas ao vento algumas strophes informes, um mancebo julga-se com títulos á immortalidade.

Pobres loucos!

Os seculos vindouros se debruçarão sobre o parapeito do abysmo em que nos sumirmos, e só ouvirão o estrondo do canhão de Austerlitz e o ruído da locomotiva a vapor.”

J. R. D.
(*Continúa.*)

DUNLOP, Julio R. A mocidade portugueza no Rio de Janeiro. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 13, p. 106-108, domingo, 6 out. 1861.

A Mocidade Portugueza
no Rio de Janeiro

(Continuação.)

F. Gonçalves Braga, é uma gloria que adejará sempre em torno do *Gremio Litterario*.
Os seus raios brilharão perduráveis, por que apanágio é do sagrado fogo do genio – jamais extinguir-se.

O seu corpo desapareceu do mundo, mas o immortal talento de F. Gonçalves Braga acompanhanos e revela-se-nos as vezes que lemos as esplendentes poesias intituladas: Beranger, Garret, e Lamartine.

Cedemos a um cordial impulso reproduzindo a primeira:

Beranger.

Ao Sr. J. C. Lousada.

De mon tombeau j'ai soutenu la pierre,
Mon bras se lasse; elle retombe. Adieu.

Beranger.

I

Em luto está Paris, a França, a Europa inteira!
Das ruas da cidade augusta das grandezas
Fugiram vida e luz!
O povo errante exprime a dôr mais verdadeira
Por ter morrido o sol das inclitas empresas
Que um nome só traduz!

Esse sol tão brilhante a vida era de um homem,
Ella extincta, apagou-se a luz de um povo inteiro!
E orgão d'esse povo, os males que o consomem
Exprobrava dos reis ao orgulho altaneiro!

– E esse nome, esse nome querido em toda a parte
Onde se falla e lê na lingua de Rancine,
Esse nome qual é?
– Nome qual o do Cesar da França – Bonaparte,
Nome qual o do Homero da Europa – Lamartine,
Tal nome é Beranger!

II

Era um homem – nação! A França inteira
No seu coração nobre se abrigava,
E n'elle é que sentia!
E nos seus olhos de alma verdadeira,
Onde a luz da republica brilhava,
Exultava ou soffria!

Quando soava a marcial trombeta,
Quando o povo agitava-se nas ruas
Em grandes convulsões,
Elle que foi oraculo e profeta,
P'ra dominal-o erguia uma das suas
Inspiradas canções!

E quando o mesmo povo, na indolencia
Perdia lentamente o dom sagrado
Da sua liberdade,
Elle erguia de novo a omnipotencia

Do seu sublime genio, consagrado
Ao bem da humanidade!

Nas praças logo o povo a voz erguia!
Contra as armas as armas se empunhavam
N'uma sangrenta acção;
Era então que o monarca estremecia,
Da velha Europa, os thronos se abalavam,
Só por uma canção!

III

Oh! magico poder! Oh! força augusta e santa
Das luzes da poesia!
Que offuscas o ouropel que os thronos abrilhanta,
Com raios da harmonia!

Tu sim! Tu só que és forte e grande e omnipotente
Depois de Deos na terra!
A sua luz divina em ti, em ti sómente
No mundo é que se encerra!...

Deus, creando o Universo, aos homens escolhidos
P'ra cantar e soffrer,
Deu a santa missão – quaes sacerdotes queridos –
De mostrar seu poder!

Homero, a grande origem, fonte, luz e essencia
Da grega poesia,
O povo da alta Grecia, a patria da sciencia,
Cantando comovia!

Virgilio, Tasso e Dante, Ariosto e Petrarcha,
Poetas sublimados,
Honrando a Roma, a Italia, a senhora, o monarcha,
Lá são eternizados!

Klopstock e Milton, raios siblimes, fortes
De excelso brilhantismo,
Foram poetas-reis, e summos sacerdotes
Cantando o christianismo!

E Camões, e Camões, soldado, heroe, valente,
Poeta alto e fecundo,
Surgio qual novo sol nas raias do Oriente,
De luz enchendo o mundo!

Tal és oh Beranger, tal foste sobre a terra
N'um seculo inda novo!
Deu-te Deus a missão augusta em que se encerra
O oraculo de um povo!

IV

E' morto o poeta inclito,
Cantor de uma nação,
Que em seus sublimes canticos

De heroica inspiração,
De um povo patriótico
Cantava a crença, o amor!

Milhões de fronte pálidas
De toda a gerarchia.
Agitam-se, atropelam-se
Despidos de alegria,
Para seguir o prestito
Do popular cantor!

Lá sahe! Lá marcha o féretro
Por entre as multidões
Do povo democratico,
Dos fortes batalhões,
E todos vertem lagrimas
N'um único chorar!

No funeral de um principe
Ha pompas – nada mais,
Mas no de um homem – seculo
Há lagrimas reaes!
Da historia as longas paginas
Terão de o celebrar.

Vêde: a marcha funebre
Das turbas se atopéta!
O povo inteiro, unanime
Saúda o seu poeta,
Saúda o seu oraculo
Na extrema habitação!

Que scena! Que espectaculo
De dor e de saudade!
Parece ouvir-se uníssonas
Chorar a humanidade
O genio da republica,
– Cantor de uma nação! –

V

França! Oh França! Nas sombras do passado
Jaz n'um escuro feretro encerrado
 O corpo de um guerreiro!
Com a alma, não com o corpo sobre a arena
Batteu se, – não co'a espada, mas co'a penna
 O teu cancionero!

O pranto, que derramas sobre a campa,
Onde atravez dos seculos se estampa
 Teu nome universal,
E' nascido da dôr mais verdadeira,
Que sente agora uma nação inteira
 Perante um funeral!

E n'esse funeral não vai somente

O corpo de um poeta omniponte
 De engenho sublimado;
 Vão também as relíquias veneradas
 Do Apostolo das crenças consagradas
 Por Deus crecificado:

A caridade, o amor, o christianismo,
 – Luzes d'alma, de excelso brilhantismo –
 Raiavam-lhe também!
 Muitas vezes em lagrimas banhado
 Elle verteu seu pranto amargurado
 Sobre os males d'alguem!

Sobre os males d'aquelles que soffriam
 No silencio a miseria em que viviam
 Sem ter consolação!
 E elle condoído de tal sorte
 P'ra livrá-los das mãos da negra morte
 Lhes dava a esperança, o pão:

E morreu! – E o tyranno das acções
 Receia – semeando os esquadrões
 Da igreja ao cemiterio –
 Que o povo em fim desperte do seu somno,
 Que o cadaver de um velho abale um throno,
 Que morra o seu imperio!

VI

E Beranger, morrendo era um gigante! –
 Com os pés na sepultura, inda um instante
 A campa suspendeu!
 Depois sentindo o braço enfraquecido,
 Ao mundo disse – *Adeus* – n'um ai sentido,
 E n'ella se escondeu!

Que resta d'elle agora? Um livro e um nome
 Recordações que o tempo não consome;
 E sua estatua erguida,
 Maior que os Perineos, maior que os Andes,
 No Pantheon que diz: AOS HOMENS GRANDES
 A PATRIA AGRADECIDA.

VII

Dorme, oh poeta, o somno derradeiro,
 Que a memoria do velho cancionero
 Hade ir á eternidade!
 E a vóz da patria a geração futura
 Erguerá sobre a tua sepultura
 O altar da liberdade.

A pureza do colorido, a verdade das imagens, revela-se em todo o quadro.
 Que torrentes de melodicos accentos não desprende o poeta ao invocar o poder magico
 da poesia!

Numen fadado pelos destinos para amenizar a vida aos humanos, cumpria a sua missão
 augusta.

As horas agras da existencia convertem-se em momentos de doçura quando lemos as suas obras.

O cyclo do homem de ouro não vai alem da campa; e do poeta vai até á posteridade.

J. R. D.

(Continúa.)

ELISIO, Echo. Adeus. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 26, p. 208, domingo, 27 jan. 1856.

Adeus

Ao meu amigo Bernardino Pinheiro.

As auras fagueiras que soprão beni'nas
Das ondas no imperio, no pégo do mar,
Te sejam propicias, amenas, bondosas,
Bondosas, propicias te saibão embalar.

A' Lizia ditosa te levem, poeta,
A' Lizia ditosa que vai te gosar;
Aos braços daquelles que são teus amigos,
Parentes, consocios da lyra sem par.

Tu vais, ó poeta, de novo viver
Bem junto daquela que sabes amar;
Tu vais, ó ditoso, encantos infindos
Na taça da vida prazeres libar.

Do Tejo ameno as ribas formosas
De novo contente lá vais avistar,
É novo incentivo p'ra ti, ó poeta,
E' novo incentivo p'ra meigo cantar.

Alegre os filhos das musas ditosas,
Alegres, contentes te hão de abraçar,
A corôa te espera, a corôa de louros
Que tecem occultos p'ra te dedicar.

Só eu, pobre bardo, de amarga saudade
Padeço o rigor que não posso occultar,
Faltou-me um amigo, um bom companheiro
Aquem meus segredos podesse contar.

Faltou um poderio, um braço assas forte
A' filha querida que vieste plantar,
A' meiga *Saudade*, flor do deserto,
Que murcha, perdida, se hade findar.

Em nome daquelles que fidos te pressão,
Recebe, poeta, meu débil trovar,
Recebe um adeus, pungido, saudoso,
Que destas plagas te ousou enviar.

As auras fagueiras que soprão beninas
 Das ondas no imperio, no pégo do mar;
 Te sejam propicias, amenas, bondosas,
 Bondosas, propicias, te saibão embalar.

Echo Elisio.

ELISIO, Echo. Cartas a Aldina. III. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 117-118, domingo, 18 mai. 1856.

Cartas a Aldina.

III

Aldina. Ha nesta vida recordações severamente peniveis; ha nesta vida concepções que arrastam o homem a beber na fonte do passado os prazeres, que desfructou na meninice! ha nesta vida scenas que arrebatam o coração do homem; e o tornam por assim dizer criança outra vez.

A recordação d'aquillo que desfructamos no seio de nossas familias, no centro de nossas habitações; esses prazeres da infancia, prazeres do céo, que elevam o homem a região desconhecida, e o fazem lembrar com saudades, desse tempo feliz.

Essa recordação, Aldina, uma outra vez se apresenta ante o espirito do exilado, e elle solta um ai do intimo do peito, que levado pela brisa vai parar á terra de seu nascimento.

Por espirito de curiosidade, para matar um pouco do tempo, que em tua ausencia se me torna enfadonho, eu me apresentei na terça-feira no Campo d'Acclamação.

A Irmandade de Sant'Anna festejava o Espirito Santo.

As barracas ornadas com centenares de luzes; os grupos de povo que se juntava nas suas entradas, que passeavam dispersos; a musica que fazia ouvir acordes festivaes; o fogo que principiava a arder e a elevar ao ar as suas faiscas, algumas das quaes a mão da arte lhe fez imprimir côres diversas: tudo, tudo, Aldina, concorreu para eu concentrar meus pensamentos, os quaes sem querer me transportaram á tera, onde nasci, — á minha querida aldeia.

Lá tambem se festeja o Espirito Santo! Lá a arte, o luxo, e a grandeza não tinham um imperio tão vasto; a natureza e a simplicidade, porém, juntava-se, e formavam assim um composto mais agradável, mais simpathico. Menos ostensivo, porém mais grandioso.

As barracas eram mais numerosas, umas continham alimentos, outras sortes, outras mostravam aos romeiros as variadas côres de diferentes tecidos e outras então em tablados abertos para todos verem, representavam comedias, dansas e outros divertimentos decentes, entretinham assim algumas horas ao povo que frequentava esta romaria. O povo não vestia esses tecidos de subido preço com que se costumam enfeitar os concorrentes do Campo da Acclamação; mas a variedade, os differentes trajes de cada um, tornavam mais agradável, mais apreciavel este quadro. Os aldeões em ranchos cantavam e dansavam, e em seus rostos resplandecia a alegria verdadeira. Ao som da violla e da guitarra improvisavam cantigas, e nessas cantigas que as mais das vezes causavam profunda hillaridade nos circunstantes se revela va o quanto a natureza é prodiga em facultar aos cultivadores da mãi fecunda o meio de mostrarem-se sempre alegres.

Na segunda feira á noite ardia um fogo numeroso e diverso, collocado em um vasto areal. Ali juntava-se todo o povo. O panorama que então se apresentava aos olhos dos curiosos era sublime, principalmente se a lua com seus raios o clariava.

Ah! Aldina, estas recordações são penosas, só as sente quem como eu está auzente da patria, há mais de doze janeiros.

Quando me retirei o povo desfilava cada um para seu lado procurando suas habitações; as luzes principiavam a apagar-se. No livro do passado era lançado mais um anno de festa ao Divino Espirito-Santo.

Aldina, até domingo.

Maio 17.

Echo Elisio.

FERREIRA, A. da Silva. A' memoravel coroação do novo Rei Lusitano. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 8, p. 64, domingo, 23 set. 1855.

A' memoravel coroação do novo Rei Lusitano.

A honra do Trhono de seus descendentes!

Lá rompe a aurora nas praias da Lisia
Tremula nas torres o Luso pendão
Lá brada o clarim – ás armas, oh Lusos....
Lá brada estridente o ferreo canhão!...

Entoem-se hymnos, oh Lusos valentes,
Dissipe-se da idéa destino fatal,
Saudai vosso Rei.... o vosso monarca
O Rei, quinto Pedro do meu Portugal!

E vós, os soldados, contentes marchai,
Ao campo da honra depressa correi,
Saudai este dia tão fausto aos Lusos
Prostrai-vos ao joven que hoje é Rei!

Jurai-lhe sinceros filial amizade;
Amai com carinho o pingue torrão
Fecundo e tão fértil em altos heróes!
A patria querida de meu coração!

Se á poucos vestistes as roupas de luto
E o pranto vertestes d'amarga tristura
Deixai as funebres idéas d'outr'ora,
Coroai vosso Rei gentil creatura,

E vede no jovem Monarcha fiel
Uma alma creada de fructos ingentes
A honra da patria, a honra dos Lusos
A honra do throno de seus descendentes!

16 de Setembro de 1855.

A. da Silva Ferreira

FERREIRA, José Miguel Dias. O cemitério. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 9, domingo, 17 fev. 1856.

O cemiterio.

Viandante, parai: não vedez essas alvas paredes que rodeiam aquelles sem numero de cruces, e de catacumbas? Pois ahi estão gravados os nomes dos que deixaram n'este mundo, um coração que lhe fosse agradecido. Curvai-vos e entrai: vedes agora este silencio mortal, esta solidão immensa, esta immobildade eterna, e este vapor empestado que exalam continuamente quase todas as sepulturas? Este lugar é a habitação da dôr; ao que os homens chamam cemiterio.... oh! é uma palavra que causa peiores frialdades que a das lousas que encerra!

Vês esta cruz preta, armada com uma grinalda de saudade, e molhada pelas lagrimas? pois bem; esta é a cruz do pobre, a mais santa, a mais humilde, a mais justa, e a que deve caber a todo o homem christão, não só porque devemos ocultar o ultimo jazigo, como porque mais depressa volvemos ao do que fomos feitos; mas esta cruz é á que menos atenção se dá!...

Volta-te, e olha para esses mausoléos de mármore com epitaphios dourados; ahi se acham sepultados os ossos dos ricos e dos nobres; mas ahi não se vê saudades nem lagrimas. Ainda depois de mortos os seus parentes ou herdeiros querem mostrar o que elles foram; como se com a riqueza da sepultura podessem comprar o repouso eterno! Mas o pobre, esse não! esse orna a cruz, único signal da sepultura, estando um pai, uma mãe, ou aquella que tinha de ser sua consorte; de joelhos com os cabellos cahidos passa horas em oração; depois levanta-se, volta, e seu andar é compassado e firme. De noite vai como em romaria, entra, atravessa os estreitos caminhos, nada o atemoriza, faz sua oração ao clarão da lua, e volta socegado.

Mas é chegado o dia de finados.

Ahi se amontoam homens e mulheres de todas as classes. Essa multidão entrou, percorre, vê, sahe e muitos d'elles nem signal de tristeza trazem em seus rostos; mas seu andar é incerto; tremulos, e a cada passo voltam espavoridos a cabeça, julgando trazer atraz de si a caveira d'algum parente deitado ao esquecimento! Perguntai-lhes; qual o motivo d'esse terror que os acompanha até á sepultura? não vos saberão ou quererão dizer; mas pensai. Tens visto muitos d'esses homens, que durante quase toda a sua vida procuraram ajuntar riquezas, e que estivessem nas vésperas da morte, o que n'estas occasiões se passa ao redor de seu leito, ou o interior de sua casa? Seus parentes, ou herdeiro em vez de procurar dar vida ao enfermo; estimam que mais depressa finde, em vez de chegar-se á imagem de Christo para rogar-lhe pela alma, estão engolfados em lautos manjares e em abominaveis orgias!... esses então, se por acaso entrão em um cemitério; sahem espavoridos e o remorso de seus peccados lhe rala o coração, deve pois ser isto um d'esses motivos; mas pensai ainda: ide examinar a educação que se dá aos innocentes; vereis, que entre os pobres haveis d'encontrar as creanças creadas por suas proprias mães; essas, quando o innocente chora, não o assustam com visões, etc., mas os que são ricos entregam seus filhos, o fructo de seus amores, á uma ama para alimentar-os; se o innocente chora assustam-o com visões; fazendo barulho e dando-lhes a entender, que é uma cousa occulta que as póde devorar; apodera-se um terror da criatura, que a torna fraca, e mesmo ainda depois de homem temem de qualquer cousa em lugar escuro; em uma mesma igreja; ou se acaso é necessario ir a um cemitério, ou dormir em casa com algum defundo, seria mais que sufficiente para terem algum susto que os tornasse ou aleijados ou mesmo lhes sobreviesse a morte!... por isso póde ser isto uma das causas.

Oh! mas os homens devem pensar, nós não somos nada, assim que o sopro da vida se deslisa no corpo. O que fica na terra, é mesmo terra; a alma não volta; para que pois então temer o entrar deshoras em um cemiterio, ou dormir ao pé d'um defuntp?...

Terro vão!... Armai-vos com consciencia pura e o coração votado á oração, e entrai em qualquer cemiterio; ajoelhai-vos ao pé da cruz mais simples, regai-a com vossas lagrimas orando pela alma do defunto, e pela d'algum vosso parente, e vereis como sahis com o corpo alliviado, o pensamento menos preocupado e arrependido de vossos peccados, e terá desaparecido de vossa imaginação esse terror vão que não podíeis explicar! Porque um cemiterio é a abitação da dôr.

José Miguel Dias Ferreira.

L. O Caixeiro. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 8, domingo, 31 ago. 1856.

O Caixeiro.

O' vós, que celebraes em prosa e verso envenenadores, piratas, contrabandistas, políticos e pelotiqueiros, emmudecei, que eu vou fallar-vos do caixeiro.

O caixeiro é o ente mais importante que se conhece, deixando mesmo de parte essa utilidade, que, por tão conhecida, dispensa commentarios.

Se vos disserem que o medico e o confessor são os que melhor conhecem as baldas humanas, enganam-vos. É' o caixeiro.

Quereis saber, se um capitalista tem fundos, se um ministro ou alta funcionario desempenha bem suas funções, ou se qualquer honrado negociante empenha ao jogo as joias da mulher?

Perguntae-o ao caixeiro, que elle vol-o-dirá. quereis saber, se *fulaninha* já entregou seu coração? Não o pergunteis á mãe, á irmã, á amiga, a ella mesma, que talvez o não saibam. Perguntai-o ao caixeiro mais próximo, e sereis satisfeitos.

E' porque o caixeiro é como diabo, acha-se em toda a parte. Acha-se logo ao nascimento, com os morins e baetilhas debaixo do braço, no baptisado, no casamento e emfim na morte, indagando já quem será o herdeiro.

Elle entra nos conventos de frades; introduz-se nos das freiras; vai aos quarteis e calabouços e penetra até a sala de costura da mais recatada família.

O caixeiro sabe de todos, tanto quanto sabe cada qual de si mesmo, ou ainda mais, porque elle conversa com a mucama e com o moleque, testemunha de todos os nossos actos, dos quaes se alguns nos esquecem, a elles não.

O caixeiro é uma especie de alviçareiro, ellenos felicita por nossas heranças, por nossas honras sociaes e triumphos amatorios. E' tambem um desmancha prazeres, que no meio dos banquetes vem com o seu: "Meu amo manda saber se paga ou não aquella continha".

O caixeiro aperta a mão do senador, principalmente quando este se desculpa que não tem dinheiro, e colhe sorrisos das mais bellas damas nos dias de procissão, quando lhes offerece cadeira, ou traz o copo com agua.

O caixeiro é um novo Tantaló, recebe, dá, conta e mexe com dinheiro, mas anda sempre *onçado*.

O caixeiro é mais do que principe, é rei e imperador... nos bailes mascarados.

Os sonhos de ouro do caixeiro são, a sorte grande, o fechamento das portas, uma conversa *tête à tête* com a modista que tem de olho, e d'algum mais ambicioso o casamento e a *sociedade*.

O caixeiro descrê dos céos e do amor; mas entra no *Paraiso* e dobra o joelho diante de qualquer *dama das ilhas* que lá encontra.

O caixeiro é feliz quando tem a roupa do corpo e tem outra para mudar, dez tostões e dous charutos no bolço, e sabe que no domingo vae, passear. E' infeliz quando recebe uma nota falsa, ou sabe que o patrão lhe reserva massada para o domingo.

A livraria do caixeiro é o almanak, o Jornal do Commercio, alguns livros de poesias e jornaes litterarios, porque estão cheios de letras, se for sócio de algum gabinete tambem lê P. de Kock.

O caixeiro é maldisente, inimigo dos padres, mas caritativo, franco, jovial e patriota.

O caixeiro ou fica amo e torna-se pacato e barrigudo, ou é sempre caixeiro e morre tísico no corpo e na bolça.

Este meu caixeiro tirei-o do geral dos caixeiros.

Agora os mil e um escriptores que por ali formigam que pintem o caixeiro de botequim, de venda, etc. e terão que dizer.

L.

LEAL, Guerra. Theatro de S. João. Concerto do Sr. Noronha. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 4, p. 31-32, domingo, 2 mar. 1856.

Theatro de S. João.

Concerto de Sr. Noronha.

Teve lugar n'este theatro o concerto de despedida do eximio rabequista portuguez, Francisco de Sá Noronha; estando como era d'esperar, o theatro completamente cheio.

Foi uma noite, bem o podemos dizer, de verdadeiro jubilo nacional.

Os portuenses nobremente orgulhosos d'um artista nacional, que pela força do genio e do talento soubera honrar no estrangeiro o nome portuguez, não lhe amesquinham provas d'elevada consideração, porque elle depois d'um Bianchi, d'um Sivori, e d'um Saint-Leon, ainda pôde excitar-lhes sensações novas, porque novas impressões lhes fez sentir, callando-lhes no coração

harmonias, cujo segredo só conhece o artista inspirado, o genio creador! E na presença d'essa realza de gênio, d'esse artista que veio matar saudades da patria, trazendo-lhe um nome glorioso feito longe d'ella, mas para honra d'ella: com que ufanía nos diz uma voz intima quando o vemos arrancar freneticos applausos – *é portuguez?* –

A noite de sabbado há de ser memoravel nos annaes do Porto; e se marca uma pagina brilhante para a historia do artista que recebeu uma verdadeira ovação popular, justo tributo d'admiração ao seu grande talento; marca tambem uma pagina honrosa para o povo, que sabe apreciar o grande merito d'um portuguez, que como artista tanta gloria dá á sua patria.

A ovação feita ao Sr. Noronha, não foi d'esses festejos quase officiaes, em que pelo apparatus, e porque n'elles repondéra a influencia de pessoas importantes, pela riqueza ou posição; os applausos são por assim dizer uma parte do programma – Não – a ovação ao Sr. Noronha foi litteralmente popular e expontanea, porque a iniciativa d'ella partiu de pessoas que tem a sua posição social no nível da grande massa do povo – e não foi por isso menos honrosa e foi de certo mais gloriosa.

O theatro estava brilhantemente illuminado, e tinha por sobre o proscenio dous grandes lustres com lumes de cêra. O átrio estava adornado com grandes jarros com flôres, e igual adorno se vio em todas as ordens de camarotes. O Sr. Noronha mandou distribuir ás senhoras pelos camarotes lindos ramos de flôres distribuindo-se igualmente o retrato lythographado do eximio artista (desenho do distincto pintor Corrêa), e o hymno do Porto, por elle composto, e que uma banda marcial tocava a intervallos, no átrio.

O Sr. Noronha foi recebido na sua primeira entrada no palco com uma salva de palmas que durou alguns minutos, e que se repetiu em todas as vezes que apparecia. No fim de todas as peças era applaudido com delirio por grandes espaços de tempos, em quanto sobre elle choviam os ramos e corôas, sendo algumas d'estas mimosas e ricas.

Seria difficil extremar das differentes peças tocadas pelo Sr. Noronha, a de mais surpreendente e brilhante effeito, que todas ellas eram tão lindas e tão magistralmente e com tanta pureza executadas, que o conhecedor mais atilado, perdido na escolha, não saberia decidir-se, vendo as maiores difficuldades vencidas sem esforço, e como por inspiração. A voz humana ainda a mais canora e sentida, não enternece, não infiltra no coração mais doces sensações, do que as produzidas pelos sons cheios de encantamento, que o Sr. Noronha extrahe da sua feiticeira rabeça.

Dos camarotes 2 e 18 da 2ª ordem, recitaram-se differentes poesias dedicadas ao Sr. Noronha, e na presença d'elle, que foram com enthusiasmo applaudidas, e todas tiveram a honra do *bis*. Os vates que recitaram foram os Srs. Rodrigo Xavier, Faustino de Novaes, Silva Ferras, Nogueira Lima, Moutinho, Braz Martins.

No fim a ovação foi delirante. O Sr. Noronha, debaixo de uma chuva de flôres, foi chamado ao proscenio por mais de dez vezes, no meio de freneticos bravos. Da plateia e camarotes agitavam-se os lenços, como mostra de uma saudosa despedida. A symphonia, composta pelo Sr. Noronha sobre motivos populares, foi tambem muito apreciada. Quase toda a gente que estava na plateia esperou a sahida do eximio artista do theatro, e no meio de vivas o acolheu: e no meio d'elles foi acompanhado á casa por um grande numero de pessoas, que não cessavam de o victorar. As poesias recitadas foram-lhes entregues em um lindo album.

O Sr. Noronha teve uma ovação completa, e bem a merece elle, que soube elevar-se á realza do genio, como artista, sendo como disse Voltaire d'um celebre pintor francez, o mestre de si mesmo.

Porto, 1845.

GUERRA LEAL

LEMOS, Constantino Joaquim de Azevedo. Ao meu amigo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 27, p. 209-210, domingo, 3 fev. 1856.

Ao mei amigo

O Sr. Bernardino Pinheiro.

Quando ainda bem jovem, na nossa querida Patria, vos preocupavão na mente os sonhos mais fagueiros; quando nas vossas locubrações litterarias, compulsando os livros mais raros, vos deleitavas com sua leitura, alimentando o vosso espirito na cultivação das letras; quando no regaço de vossa familia estreitavas os élos indissolúveis d'amizade com vossos amigos, recebendo aqui as caricias d'um Pai, e acolá as meiguices d'uma carinhosa Mãi; quando finalmente, talvez no melhor enlevo da vida, e que vos veio surprehender o chamamento d'uma viagem longiqua, em busca do Imperio de Santa Cruz.

A viagem vos foi propicia: o Brasil vos recebeu em seus braços, e dentro em pouco vos entregastes ás lides commerciaes.

Sempre que um homem como vós, dispensa alguns momentos, esmerilhando os arcanos litterarios, creio que a sua ambição, a sua maior gloria, é aprofundar-se nas sciencias, e fazer brotar de suas espinhosas vigílias fructos aproveitáveis. Foi nesta intuição e com um ardor patriotico, que honraste a sociedade Luso e Instructiva; e na primeira sessão em que vos apresentastes, submettestes logo á consideração d'assembléa, que para mais se conhecer a pequenina sociedade, se offuscasse o antigo distinctivo, e se acoroçoasse com o de – Gremio Litterario Portuguez – aconselhando e apresentando em seguimento, as bases para o jornal hebdomadário – *A Saudade* – que devia ser o representante do novo Grmeio.

Foi, como deveis estar certo, recebida com entusiasmo. E como a maior gloria que vos preocupava, consistia em que o novo Gremio, espargisse amenos fructos, e os vossos collegas se achassem possuidos do mesmo sentimento, metterão hombros á empreza.

Trabalho incessante, fadigas immensuraveis, posição humilde; com tudo lutamos; com os mais esforços; e chegamos a vencer todas as difficuldades. O apparecimento do jornal – *A Saudade* – aqui e ali, foi a annunciação de sua existencia.

Muito embora já existisse a idéa de instituir-se um jornal, quem em tão pouco tempo senão vós, se animaria a realisar á mocidade, o jornal onde principiasse a depositar os seus pensamentos? Estou convicto de que senão fosse vós, meu saudoso amigo, a idéa de fundar-se o jornal feneceria de pouco a pouco, existindo apenas a esperanza, que mais tarde se extinguiria.

Foi pois neste elenco de peripecias que me inspirastes uma viva sympathia; as vossas maneiras affaveis, vossa delicadeza em qualquer emergência, emfim livre da lisonja, tendes todos os predicados para attrair amigos sinceros.

Imbuido neste vai-vem, em que nutria a idéa, ainda que enganadora de fruir por longo tempo os inefáveis gosos de vossa intelligencia; é quando vos apartais deste paiz, deixando saudosos amigos, inclinando vossa frente, ante o guia encaminhados d'um futuro brilhante, qual aquelle que eu agouro e que a formosa Lizia vos aguarda.

Ide, meu amigo, um mar cheio de bonança vos espere.

E depois de pizares o nosso querido Solo Lusitano; desejo-vos que para lenitivo das saudades que dilaceravão vosso coração encontres em paz, os entes que tanto adoras...

E eu que ainda cá fico, sem saber o da em que hei mitigar as saudades da Patria, de minha adorada familia e vossas, peço-vos que envolvido nesse labyrintho que provavelmente tem de vos rodear, nunca banais da lembrança, condemnando ao olvido o vosso sincero amigo.

Rio, 20 de janeiro de 1856.

Constantino J. d'Azevedo Lemos.

LIMA, A. J. Carvalho. Desalento. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 2, p. 14-15, terça-feira, 30 abr. 1861.

Desalento.

Como custa o soffrer! Como é sangrento
O punhal d'uma dôr quando se imbebe

No coração transido!

A. Lima.

Vida de crenças, d'illusões chimericas,
 Ai! quão depressa para mim fugiste;
 Fanal incerto que ante mim luziste,
 Tornando em trevas tão dourada luz;
 Foi breve o tempo que sorriu benefico;
 Punge-me agora bem cruel saudade
 D'essa tão pura quão feliz idade
 Que em seus enlevos só amor traduz.

Porque te involves n'esse veu fatidico
 Qual sombra errante que no mundo vaga?
 Quem dera ao menos que em saudosa plaga
 Cheio d'esperanças eu te dosse vêr!...
 Oh! se eu pudesse n'um só beijo candido,
 Singelo e puro, d'uma irmã querida,
 Beber as crenças do sorrir da vida,
 Gosar venturas, e depois morrer!..

Oh! se eu pudesse d'esse anjo pudico
 Que sempre em sonhos a sorrir eu vejo,
 Ir sobre os labios em ardente beijo
 Sellar a jura que lhe fiz d'amor!
 Então a vida que sonhei magnifica
 Inda de certo para mim voltara,
 E nessa estancia tão amena e cara
 Vivera a vida da mimosa flôr.

Mas esse tempo que passou tão rapido
 Deixando o vacuo que inda sinto n'alma,
 Levou comsigo minha doce calma,
 Lançou de rojo minha crença ao chão;
 Veio a descrença qual funesto oraculo
 Ralou-me o peito d'infinitas dores,
 Fugiu-me a vida, já não tenho amores,
 Porque em minh'alma já não ha paixão.

Se d'essa vida que gosei pacifica
 Qual lindo arroio que a correr doideja,
 Acaso o peito recordar deseja
 Doces instantes que a sorrir passei;
 Depressa vejo que meu rosto pallido
 Dá signal certo de que soffro, e gemo;
 E é porisso que lembrar-me temo
 D'essas delicias que na infancia achei.

Soffro em silencio, porque só no tumulo
 Terminarei o meu soffrer constante;
 Embalde busco um coração amante
 Que em seus arroubos comprehenda o meu;
 Se ás vezes, triste, pensativo e tremulo,
 Eu sonho um anjo, ou ideal formoso,

Vou, solitário, suspirar saudoso,
Fim a meus males implorar ao ceu.

C. L.

LIMA, A. J. Carvalho. Hontem... e hoje!. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 5, p. 37-38, domingo, 9 jun. 1861.

Hontem... e hoje!

Hontem, ventura – e a ventura passa,
Hoje... a desgraça, e amanhã talvez.

E. Cibrão

I.

Hontem... e hoje!... N'estas duas palavras resume-se uma existencia inteira; ou prenhe de amarguras e por consequencia orvalhada de lagrimas, ou placida e serena como a linda corrente do arroio, e por isso embalsamada de sorrisos!

Hontem, foi a esperanza anelante de um futuro ditoso; hoje, é o desanimo do espirito, é a duvida do coração; porque os tempos passaram, e a esperanza não se realisou.

Hontem foi o sorriso innocente e descuidoso da creança que, esquecida dos folguedos, vai repousar a fronte enrubicada pelo cansaço, no seio da carinhosa mãe; hoje é a saudade d'esses tempos ditosos, é o pensar dolorido d'um coração pungido pelo sofrimento, que viu cahir uma a uma todas as folhas d'essa flôr que acariciava em seu seio, que perdeu todas as crenças que o embalavam no berço; e que uma única que ainda lhe restava – o amor – essa mesma acaba de ser despedaçada entre uma lagrima e um sorriso!

Hontem foi o desabrochar da rosa, beijada pela brisa da manhã, bafejada pelo sopro ligeiro da viração da tarde, rociada pelo orvalho vivificante da noite, saudada pelo primeiro raio do sol, acariciada pelo ultimo esplendor da lua a esconder-se preguiçosa por entre uma nuvem transparente, e adorada por uma multidão de borboletas travessas e brilhantes; hoje, é a mesma flôr já despida d'esse candor virginal, desbotada a sua corolla purpurina, pendida sobre o fraco hastil que a sustentara, sacudida pelo tufão da tarde, envolvida n'esse redemoinho de poeira, despojada das poucas folhas que ainda conservava, e em breve... apenas o arbusto myrrado por esse mesmo sol que há pouco vivificara a delicada flôr!

II.

Hontem eu havia sonhado; e o meu sonho era bello como uma manhã de Primavera, puro como um sorriso de virgem quando dirige a sua oração infantil ao creador, e santo como esse amor de mãe extremosa quando contempla sobre o berço o filhinho adormecido!...

Na senda tortuosa da minha vida de mancebo eu havia encontrado um anjo; em seus labios de creança brincava esse sorriso angelico da juventude, seus cabellos castanhos estavam cuidadosamente enlaçados sobre sua cabeça de virgem, seus olhos negros scintilavam como que prometendo na terra um paraido mais desejado do que aquelle que no ceu é reservado aos justos! Differente dos outros anjos, cujas roupagens brancas e transparentes divisamos em nossos sonhos, este cubria suas formas encantadoras com o pesado crepe do luto; e estes vestidos negros faziam sobresahir a alvura rosada de suas faces!

Suas vistas pousaram sobre mim, e eu tremi como se uma pressão de fogo me comprimisse o coração.

Oh! o sonho realisou-se! Essa virgem de luto era o anjo que eu havia sonhado!...

III.

Hoje... o anjo tornou-se mulher e desceu d'aquelle ceu phantastico a que eu o tinha elevado! Eu havia amado a creança travessa, cheia de vida e de innocencia; sem um remorso no passado, sem um pensamento no presente, sem uma esperanza no futuro! Os tempos passaram e

hoje eu já não vejo a creança que brinca, mas em seu lugar encontro a mulher que pesa e chora, porque não pode realizar a ilusão que a mente lhe phantasiara!

Tenho pena quando comparo o passado com o presente – o dia de hontem com o dia de hoje!...

E eu tinha uma esperança – era uma flôr que desabrochara em meu coração, e que eu guardava dentro em minha'alma com orgulho e com ciúme.

Orgulho sim, porque eu esperava realizar a esperança que havia sonhado.

Tinha ciúme tambem, e ameigava essa flor preciosa com a avidez com que o usurario guarda o seu thesouro.

Soprou o vento da contrariedade e a minha flor querida reclinou a sua fronte, emmurcheceu... e em breve nem mais uma pétala lhe restava!...

Oh! o anjo havia-se tornado mulher, e a mulher não comprehendeu o sofrimento do coração!

Sorriu, e de fronte erguida foi escutar os protestos mentidos de um coração sem crenças!...

Ainda assim, se vejo em suas palpebras brilhar uma lagrima furtiva, em tenho pena da mulher por que me lembra o anjo que adorei!...

IV.

Hontem... e hoje!... Resume-se aqui toda a minha existencia! Hontem foi a alegria e a esperança, – hoje é o desengano e a tristeza!

C. L.

LIMA, J. Evangelista de. Francisco Gonçalves Braga. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 50-52, domingo, 13 jul. 1862.

Francisco Gonçalves Braga.

Os soberanos, os magnatas têm orações funebres, para as quaes as pompas, o espectáculo, as graças rhetoricas, torturam as suas inspirações.

Os filhos obscuros da democracia, esses passam despercebidos, e, uma vez atirados á valla do pobre, uma cruz ou um nome ao menos não recorda ao viandante a sua rápida passagem na terra.

Não é uma exprobração que fazemos. O talento póde trazer a lgoria ou a nomeada, mas de certo não traz a felicidade nem as galas terrestres. Já que os esplendores e apparatus se alliam sempre ás recordações dos patricios, lembremo-nos tambem com sentimento de um nosso irmão que nos falta neste certamen, e que, em despeito das angustias de um destino ingrato, nunca descreu da existencia, e nem legou ao futuro o exemplo de mais uma catastrophe violenta.

Há momentos aziagos em que o homem concentrado comsigo, e entregue a uma dessas melancolias suicidas, descrê da Providencia. Nesses transes, em que o espirito vaga incerto como desejando evitar a propria responsabilidade, é invejada a solidão, ou a pura animalidade dos sentidos; se o individuo interroga ao Creador sobre o problema da vida, o ultimo pensamento termina sempre por imprecações dolorosas. Pensar na existencia de Francisco Gonçalves Braga, é pensar na fatalidade do talento. Sabeis o que é morrer aos vinte annos? E' morrer quando se robustecem as crenças, quando vão scintillar todas as luzes, quando o espirito, antes de passar pela agonia da incerteza, vai communicar á intelligencia alheia as mais gratas illusões da mocidade que o relacionam mysteriosamente com o mundo do pensamento.

E Francisco Gonçalves Braga, não era um ente vulgar para quem o diorama da existencia consistia em ephemeris sensações, ou em repetir hoje as scenas de hontem.

Ante a monotonia e o tedio da vida que lhe estendiam as azas, estava a imaginação, a esperança do pobre, que o levava além aos sonhos phantasticos e vaporosos, aos mundos do porvir, á immensidade dos desejos. Matou-o a propria precocidade do genio, porque não podem com a vida os que se elevam ao infinito, onde nascem as melancolias tão profundas como dolorosas da impotencia.

A cada passo, o homem pôde escolher a vida do tempo, ou da eternidade. Do tempo, se aspira aos prazeres volúveis, que o vento traz e leva como o mar as suas areias. Da eternidade, se sente em si o verbo de Deus, e procura revela-lo pela poesia, pelo pensamento, pelas melodias, por todas essas cousas divinas que nos levam ás vagas regiões do idealismo.

Francisco Gonçalves Braga, quiz viver para a eternidade. A luta porém da poesia com a prosa não é de hontem. E' a luta febril do dualismo. São as aspirações generosas buscando trazer as sociedades gastas pelo materialismo ao bello, e condemnadas pelas multidões que apedrejam os evangelistas quando ousam contestar a utilidade e o predomínio absoluto das tendencias industriaes. Nestas lutas do espiritalismo com a analyse, sempre severa, ironica e ingrata, é raro que as crenças poeticas não crestem, e o espirito resista ás proprias torturas. Mas tambem o que seria do poeta sem a dôr? Se a vida corresse entre jasmíns e rosas, entre beijos mercenários e vapores de champagne, a inspiração elevar-se-hia á *Saudade Materna* de Bocage, ou ao *Camões* de Garrett? Não, o poeta dispersava a alma ao acaso, e em lugar de crer no futuro, na liberdade, na regeneração popular, escreveria alguma fria e disseccadora narração, amputando todas as illusões que fazem palpar o coração e o prendem á existencia. Francisco Gonçalves Braga, na sua vida litteraria soffreu a indifferença dos semi-doutos, os melindres parvos, os louvores que envergonham, e, o que é mais, a consciencia do próprio talento condemnado á esterilidade pela sorte. Espirito de rara tempera, não desanimou, resignou-se, esperando que lhe chegasse a hora de fazer parte do numero dos eleitos. Quando acabava de revelar em algumas poesias, que hoje marcam a sua passagem na terra, os soffrimentos que o punham, e os presentimentos de um mundo melhor, Deus chamou-o ao seu seio. Podemos apontar o seu exemplo á mocidade que soffre. Quando no theatro, na poesia, no romance, na propria intimidade da consciencia, achamos o suicidio exaltado, levado á altura de um dogma, e a alma com a epiderme da sensitiva; o exemplo daquelles que nunca descreeram da immortalidade, e depois de espantosos tratos Moraes e materiaes, entregam intacto a Deus o deposito que dele receberam, pôde impedir a propagação desses legados de vergonha e opprobrio, para que tanto contribuem as dôres e vaidades desta época de orgulhos romanticos que nunca se elevam á expiação.

A poesia traduzindo a religião da alma identifica-se com o individuo. Se o poeta não fosse uma verdadeira necessidade da civilização, a historia não nos apresentava tão grande cópia. E' que elle é o sol e a luz das massas populares, a incarnação dos seus principios, o conservador de suas crenças.

Participa tambem a poesia do individualismo e das comoções sociais. Nos primeiros tempos, na passagem de um a outro dogma moral, quando o élo entre o passado e o futuro é fraco ou sombrio, apparecem os grandes poetas que se têm tornado o pharol e a incarnação das nacionalidades; são os Dantes, os Camões, vindes repentinamente no meio das modificações politicas, quando o passado perde o prestigio e confunde-se com novas aspirações.

Na segunda idade, quando o tempo desvaneceu as illusões mais caras, e ainda não brilham no firmamento as estrelas que devem trazer a arte aos seus instinctos espiritalistas, muitas cabeças que tomam ao sério o talento, dão á litteratura tendencias praticas, procurando animar o trabalho, a fé, o gosto do bem moral, e confortar a mocidade com o ciático intellectual para não cruzar os braços sem esperanças nas crises porque passar a humanidade, evitando que se reproduzam a luz do sol as lições de egoísmo, legadas pela civilização grego-latina. São as tendencias de muitos talentos dos nossos dias, que percorrendo todos os cyclos do pensamento humano, hesitam entre a harmonia e os labores da arte helenica: entre a rusticidade, os contrastes, as emoções fortes, a luz e trevas dos sectários da reacção, e estão indecisos com os mysterios do mundo oriental, que ao longe apontam novas fontes de gosto e originalidade aos espiritos cansados dos países latinos. Os nossos poetas no emtanto têm o cunho particular da sociedade. Circunstancias nacionaes e dynasticas, a timidez da intelligencia, nos fizeram desacompanhar as lentas e penosas revoluções do espirito humano. Quando a Europa conquistava a independencia religiosa, e reabilitava a razão, nós festejavamos os magnates, os anniversarios, as religiosas. Resuscitamos porém por não podermos mentir á civilização filha do movimento, e começamos uma segunda infancia, revelada na poesia lyrica com que a juventude conscia do seu porvir iniciou no século XIX a nova luz, tentando reassumir a liberdade nullificada pelas paixões humanas.

Quando nesse lyrismo, ousado e impotente como a sua origem, que distingue com saliencia a escola de Coimbra, levantavamos o espirito do torpôr e das tradições de um passado

sem gloria e nacionalidade, esperando tudo do futuro, appareceram os adeptos do byronismo, exaggeradores sem originalidade, com a cabeça prenhe de paixões vagas e ideias individuaes de que raros têm intuição, conseguindo só levar os melhores espíritos á indifferença litteraria; indifferença que augmentaram ainda os sectários do realismo, procurando emoções violentas, sem pensarem na origem e delicadeza do sentimento, e reproduzindo as torpezas sociaes, unicamente por existirem. Francisco Gonçalves Braga, embora fizesse a sua educação intellectual nesta região assombrosa, onde a grandeza de ideias e instictos sociaes se allia á virilidade sombria das naturezas virgens, participa mais das meditações em coherencia, e seismas vagas, que asseguraram a popularidade de Chateaubriand ou Senancour. E' ainda discipulo feliz dos trovadores de Coimbra. Não se espere dele devaneios imaginarios, irritabilidades nervosas, aristocracia de paixões, fatalidades, destinos, ou descrença de tudo quanto é augusto e venerado. Estes reflexos de soffrimento mais ou menos veros podem predominar nas imaginações artisticas, quando têm por si um nome illustre com a aureola do talento e affectos contrariados; mas passam, e a poesia perde os seus instinctos geraes porque o povo não vê nos poetas os representantes de crenças e preceitos que lhe sejam caros.

Quando os herdeiros da escola de Coimbra principiaram a carpir deleixadamente soffrimentos incriveis, a declamar contra o mundo que os ignorava ou não entendia, a proclamar que o suicidio era o seu porto de salvação, e que iam pedir ao tumulto a paz que esta existencia monotona lhes negava, é objecto de especial reparo vêr Francisco Gonçalves Braga pintar os affectos com naturalidade, resistindo aos pensares momentaneos, e ás paixões suicidas dos entusiastas da regeneração da mulher.

E' raro, n'um tempo de desvarios litterarios, quando nos torneios populares sacrificava-se a verdade á phantasia, e o regular aos caprichos das imaginações desordenadas, vê-lo ficar nos seus rasgos de sentimento e inspiração dedicado ás harmonias latinas, juntando aos seus cantos um toque de altivez, que nos revela o homem, temendo offender a consciencia, traduzindo sensações alheias ao seu espirito.

Francisco Gonçalves Braga, cantou só o amor; faltou-lhe a experiencia para filiar a poesia ás tendencias innovadoras, fazendo com que sem cahir nas declamações estéreis das multidões, contribua para atar de novo o presente ás tradições, quebradas com tanta violencia pelas irritações e intolerancias politicas. Apesar de incorrecto e frouxo de fôrma, prende-nos no emtanto com os raios de luz, que partindo das mysteriosas regiões do espirito, vêm bater na corda que nos prende ao sentimento. E' que o orgulho, os horizontes grandiosos da civilização, a ousadia exagerada da intelligencia, tem levado o individualismo aos últimos extremos.

O espirito de familia tornou-se assim frouxo; dahi o desanimo para o trabalho, o predomínio absoluto do pensamento, a falta de sociabilidade. O homem folga sempre com o ideal dos seus sonhos.

J. Evangelista de Lima.

LOUSADA, J. C. A pá d'Aljubarrota. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 39-40, domingo, 2 set. 1855.

A pá d'Aljubarrota.

Por S. Jorge a vez primeira
 O lusitano bradou;
 E a trombeta guerreira
 N'Aljubarrota echoou.
 D'inimigos *trons* as balas (*)
 Rareando nossas alas,
 Davão-lhe maior valor...
 Que não farião soldados
 Fortes já, ainda animados
 Pela crença e pátrio amor? (**)

O sangue tingia a terra,
 O fumo toldava o ar,
 E gritava á guerra! á guerra!
 A trombeta sem cessar.
 De Castella o rei em vista,
 Só tinha a fácil conquista
 Do meu pequeno paiz;
 Que são lusos esquecia
 Esses valentes, que guia
 D. João, Mestre d'Aviz.

Mas assim que os mais ufanos
 Começão a recuar,
 E', que sete castelhanos
 Com a pá pôde prostrar
 Brites d'Almeida, a primeira
 Que tornou arma guerreira,
 Uma pá na sua mão,
 E ninguém melhor do qu'ella
 Ao orgulho de Castella
 Dando tão boa lição...

Lembrou-lhe – ja era tarde
 E só tinha a escolher,
 Ou fugir como covarde,
 Ou como bravo morrer.
 Fugio... porque já bem via
 Que o amor da patria podia
 Mais que todo poder seu.
 E, fugindo, lhe lembrava
 A vergonha que ganhava,
 E a honra que perdeu.

Em signal do vencimento
 D. João Primeiro quiz
 Que s'erguesse um monumento, (***)
 Gloria de nosso paiz,
 E ainda hoje se nota
 Na villa d'Aljubarrota,
 Essa pá que tanta vez,
 Depois de centenas d'annos,
 Faz corar os castelhanos
 E sorrir o portuguez!

J. C. Lousada.

S. Paulo, 1853

(*) Peças d'artilharia a primeira vez empregadas Portugal nesta batalha.

(**) Os castelhanos são scismaticos.

(***) Convento da batalha.

LOUSADA, José Coelho. Hymno ao Porto. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 22, p. 175, domingo, 6 jul. 1856.

Hymno ao Porto.

Salve! nobre e antiga cidade,
Salve! povo tão bravo e leal;
Invencível á voz – liberdade
Morrerás pelo teu Portugal!

E de balde se forjam cadêas
Que tyrannos te lançam á traição....
Inda assim, se um brado altêas
Fugirão do rugir do leão.

Quaes rochedos que estão a guardar-te
O teu povo constante assim é;
Em seu peito, duro baluarte,
Se asyla a melhor boa fé.

Em ti vivem ainda as virtudes,
E as crenças dos fortes avós;
Com chimeras jámais te illudes,
D'utopias não corres apoz.

Continua, povo valoroso,
No teu nobre e leal proceder,
No trabalho sempre cuidadoso,
Pela gloria tão prompto a morrer!

Salve! nobre e antiga cidade,
D'onde o nome tomou Portugal;
E tu pois que lhe dás liberdade
Salve! povo tão bravo e leal!

Rio, Novembro de 1855.

J. C. L.

LOUSADA, J. C. Os trinta annos. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 3, p. 27-28, domingo, 1 jun. 1862.

OS TRINTA ANNOS.

Ao Sr. Reinaldo Carlos.

Vãos os anos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outomno.

Camões.

I

O tempo corre. As recordações do nosso passado, á proporção que se envolvem na poeira dourada de um horizonte longinquo, tornam-se bellas e fantasticas, semelhantes a pedrinha

desprezada, na qual, em distancia, dardeja o sol e faz que pareça um diamante no brilho e cambiar dar côres, ou como o painel, que, ao longe, perde a aspereza das tintas e ganha a suavidade dos contornos e o effeito magico do claro-escuro e da perspectiva.

Trinta annos! Idade do fogo e da reflexão, do amor e do calculo, da ambição e da prudencia; idade em que um instante pisamos sobre o viso da montanha, cuja senda, já trilhada da encosta, foi mais ou menos lapetada de boninas e violetas, bordada de vergéis, quiçá de saborosos fructos, e quantos prohibidos!

Chegados ao cume, não desçamos sem primeiro saudar, lá muito ao longe, a casinha do nosso humilde nascimento, o deserto pateo de nossa escola rustica, aquelles cyprestes, a cuja sombra dormem tantos que nos bemfadaram no berço, e aquelle encantado oasis de murta e alecrim, de lilazes e açucenas, em que a primeira vez conhecemos que ao coração não bastam o amor de mãe e os affectos de amigos.

II

Descansemos.

Ouçamos as harmonias que se levantam da planície em que o destino collocou o marco, ponto da nossa partida. Deixemos entrar no peito o ar puro e perfumado, que para subir ao céu virá passar por aqui.

Trinta annos! Idade da verdadeira poesia, que não póde existir sem a saudade. E nós temos saudade da infância, da adolescencia e da juventude.

Trinta annos! Idade da verdadeira poesia, que não póde existir sem este aspirar ao impossivel, sem este vago ancian entre a saudade do passado e o enigma do futuro, cada vez mais próximo, cada vez mais tenebroso.

Trinta annos! Oh! é tempo de gozar, porque já sabemos tudo o perdemos, porque já adivinhamos que tudo havemos de perder; e, navegantes acoçados pelas tempestades da vida, sorvemos até a ultima gotta a taça do prazer, quando de longe a longe ancoramos ao abrigo de alguma enseada, onde mansamente nos embalam o rumorejar das vagas e o murmurio das brizas.

III

Aqui, no cimo da montanha, evoquemos os risonhos fantasmas do passado. Transmittamos a essas sombras o muito amor que de nossos corações transborda! Vivamos juntos delles e jamais nos apartemos!

Ai! delirio! Somos homens; temos o nosso fadário. Um dia descansaremos para sempre.

E' força descer. Desçamos, mas busquemos os melhores desvios.

Não olhemos para baixo, que nos darão vertigens. E depois que ha lá no fundo? – Mysterio envolto pelo nevoeiro dos vales, em tarde de outomno, que o sol no occaso não tem raios que dissipem.

Na terra, como no mar, seremos arrastados pela corrente. Procuremos evitar os escolhos, guiando-nos sempre pela *nossa estrella*.

Ella brilha lá no zenith.

Olhemos, pois, para o céu!

L.

LYRA, José Antonio de. O pobre cego. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 9, p. 71-72, domingo, 30 set. 1855.

O pobre cégo.

Junto ao marco da estrada
De seus males a gemer;
Estende a mão a quem passa
Dando ais que faz tremer;
“Esmola a um desgraçado,

“Que vive abandonado,
 “Sem jámais alivio ter.

“Senhor?... eu tinha uma filha
 “Era um anjo de candura,
 “Tinha tambem uma esposa,
 “Que fazia minha ventura,
 “Mas, coitada, ella morreu
 “E meu coração soffreu
 “A mais afflicta tristura;

“Restava-me a filha qu’rida
 “Era a minha felicidade,
 “Mas dali a pouco tempo
 “Lá foi p’ra eternidade!...
 “Que me resta n’esto mundo
 “Com padecer tão profundo
 “Que me priva a liberdade;

“Perdi um olho, e depois
 “Perdi o outro tambem,
 “Vi-me muito desgraçado.
 “Sem ter de meu um vintem,
 “Estendo a mão ao bemfazejo
 “E rezo com muito ensejo
 “Sem o minimo desdem.

Levei a mão algibeira
 Uma triste esmola dei.
 “Senhor!!.. Senhor por piedade
 “Se voz enganastes não sei
 “Mas eis aqui dous papeis,
 “Parecem-me dous mil réis
 “Não vos enganaste? – dizei.

As fallas d’aquelle cégo
 Tocarão-me o coração
 Olhei em roda de mim,
 Se tinha algum espião,
 – “Amigo dai-me um abraço
 “Quero aqui neste espaço
 “Dar-vos minha gratidão

– “Donde sois, senhor, dizei-me
 “Alegrai meu coração
 – “Sou de terras longe destas
 “Terras da minha feição,
 “E sinto muitas saudades
 “A saudade e a afflicção.

“Nasci nas lindas campinas
 “Lá do lindo Portugal,
 “Tenho por elle saudade,
 “Que me causa dôr fatal....
 “Se eu ainda visse um dia

“A minha terra natal!

– “Eu também sou d’essa terra
 “D’essas colinas sem fim
 “Lindos Vales deleitosos
 “Com perfumes de jasmim,
 “Lindas choupanas campestres
 “Da linda côr do marfim.

“Adeus, senhor, aqui fico
 “Sempre por vós a rezar
 “Hei-de pedir sempre a Deos,
 “Pelo vosso bem estar
 “Tendes nobre coração
 “Dotado de compaixão,
 “Deos vos há de premiar

J. A. DE LYRA.

MACHADO, Manoel Leite. Fragmento de Mitologia. A Liberdade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 15, p. 113, domingo, 11 nov. 1855.

Fragmento de Mitologia

(Conclusão)

A Liberdade.

Liberdade representa-se na figura de uma donzella vestida de branco, com uma lança em punho, tendo á sua dextra um jugo quebrado. Esta divindade foi excessivamente querida dos Romanos. O seu nome é a expressão mais dôce que pôde ouvir o condemnado; e que o escravo gemebundo arrastando os ferros do captivo, jámais lhe pode fugir da idéa! Tem um certo poder esta divindade, que ao proclamar se o seu nome, estremecem todos os corações de um povo opprimido pelo jugo do inimigo estrangeiro!... E nunca poderemos vêr o verdadeiro valor desse mesmo povo, senão na occasião de a defender.

Entre as nações antigas temos esclarecidos exemplos, taes como o dos Troianos, que tiveram o valor e constancia de soffrer o cerco dos Gregos por espaço de dez annos, suportando as amiores privações, sem dar o menor signal de abatimento; antes pelo contrario se vião morrer cobertos de gloria, com o nome da patria nos labios, e as armas na mão!... E se não fosse o ardil tão estudado a que se abalançarão alguns destemidos Gregos, talvez que o famoso Homero não tivesse tido a dita de cantar a inercia de Agamenon, nem as façanhas do aventureiro Ulysses. Sem irmos mais longe, temos na nossa historia tambem rasgos de valor e brilhantissimos; assim como o do incomparavel Viriato, que não contente de defender o seu abençoado e querido torrão, rechaçando as phalanges do terrivel Galba, chegou por varias vezes a ameaçar a propria Roma!... Os filhos de Lacio que orgulhosos vião o Capitolio rodeado de soberbos trophéos, conquistados com gloria no Euphrates, no Rheno, e outras muitas partes longiquas tremerão e titubiarão perante um diminuto numero de soldados Lusos commandados por seu distincto chefe!... E reflectirão o quanto era custoso, usurpar a liberdade a um aguerrido. Se elles tiveram os Scipiões, Brutos, Camillos e os Cesares, nós tivemos Viriato que pôde escurecer a sua memória; porque as águias romanas tendo vencido e avassallado muitos povos, aspirando o dominio universal, recuarão vergonhosamente, diante desse memorado Lusitano!... Poderemos inda demonstrar em factos mais modernos: a batalha dos Atoleiros é um dos quadros mais heroicos que nos apresenta a historia: uma força maior de trinta mil hespanhoes se batem contra seis mil Portuguezes! E depois de um renhido combate, e disputada victoria, os hespanhoes tendo obtido tanta vantagem no numero, perderão-na no esforço, porque abandonarão o campo ficando derrotados

completamente!... E as sempre respeitadas quinas lusitanas tremularão em breve, soberbas e arrogantes por cima de todas as fortalezas, como signal de um triumpho que acabava de assegurar a Liberdade do povo Portuguez!... A Liberdade, tornamos a dizer, é o único conforto dos infelizes dominados pela despótica lei de um senhor absoluto. E' bem penoso contemplar alguns insensatos e loucos, que pretendem escravizar a seus semelhantes por meio de sua vantajosa posição!... O povo geralmente ama a Liberdade, e os seus direitos; e muitas vezes se a não reclama, é porque a tyrannia tendo alçado seu gigantesco imperio, abafa-lhe a voz já cançada e rouca; mas ai da hora tremenda em que elle se erguer em massa para derrubar o colosso que o pretende sufocar, porque perecerá todo em torno dele, ou então o derrubará com as cadêas que lhe restavão para o agrilhoar. Que expressões tão decisivas não forão aquellas com que o povo Luso nas côrtes de Lamego se dirigio ao seu rei Affonso Henriques quando os Leonezes pretendião que lhes pagassem tributo!... – Somos livres, nosso rei é livre, e ao nosso valor devemos a nossa Liberdade! E o grande monarcha vendo nelles a ancia da Liberdade, e do patriotismo, os saudou por bons vassallos cheio de contentamento!... Finalisamos aqui a nossa succinta mas talvez enfadonha tarefa, dizendo, que todo o bom filho amante da sua patria, não porá duvida em derramar o seu sangue, para liberta-la da escravidão; e que bem vinda seja a ditosa Liberdade, inspirando sempre valor a todos os povos que della houverem necessidade.

M. Leite Machado.

MACHADO, Manoel Leite. Saudade. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 26, p. 208, domingo, 27 jan. 1856.

Saudade

Offerecida ao meu amigo Bernardino Pinheiro por ocasião de partir para a Europa no vapor
Pedro II.

Archanjo da poesia,
Nosso mestre e nosso guia
Entre mil trovas de amor!
Porque nos deixas assim,
Saudoso Bernardim,
Tão querido trovador!

Talvez que a patria amada
Tantas vezes suspirada
Veio em sonhos te chamar!
Oh! vai, vai, que eu já vejo
As bellas nymphas do Tejo
Uma c'rôa te preparar.

M. Leite Machado.

MACHADO, Manoel Leite. Minha patria. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 23, p. 183, domingo, 1 fev. 1857.

Minha patria.

I

Eu desejo, ó pátria querida,
Ao teu seio voltar livremente;

Consagrar-te desejo esta vida
 Que se aparta de mim descontente,
 E a saudade que vaga perdida
 O teu nome lembrando innocente,
 Eu desejo o sepulchro lhe dar,
 Aonde me anda tão meiga a chamar.

II

Que me importa depois o seguir
 O destino fatal de Camões;
 Em albergue tristonho dormir
 Apertando meus duros grillhões,
 Que me importa o viver a carpir
 Entre mesmo cruéis corações,
 Se vivendo, ó patria, em teu seio,
 Posso a vida deixar sem receio!!

III

Ando errante proscripto sosinho.
 E as saudades me causão tormento;
 Soffro muito distante do *Minho*
 Dessa terra do meu nascimento;
 D'ella tão longe eu triste definho
 Entre a dor deste meu soffrimento,
 E só posso feliz me julgar,
 Se de novo poder lá voltar.

III

Mas, ó patria, que importa meu mal,
 Ai que importa por ti eu soffrer;
 Não és tu minha terra natal
 Que podeste esse Caio vencer?!
 Não t'ó nega ninguem, Portugal,
 Nem preciso elogios tecer,
 Tua gloria passada, e presente
 E' inutil lembrar minha mente.

IV

Deos permita que a ti eu voltando
 O meu peito de novo se alente;
 Quando for pelos sitios passando
 Onde os brincos passei innocente,
 Entre meus irmãosinhos folgando
 E gosando delicias na mente;
 Minha patria comtigo viver,
 Eu desejo, e em teu seio morrer.

Junho de 1856.

MAGALHÃES, João Augusto Rodrigues de. Saudades de minha mãe. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 22, p. 175, domingo, 25 jan. 1857.

Saudades de minha mãe.

Minha mãe, eu te consagro
Este pobre e rude canto,
O qual saudoso te envio
Orvalhado com meu pranto.

Mãe, esse adeus que me deste
Jamais eu posso olvidar....
Os teus ais de minha mente
Só a morte há de riscar.

“Adeus, meu filho, disseste,
Eu nunca mais te verei!”
Nos meus braços te lançaste,
E eu as faces te beijei.

Ao beijar te deslisarão
Lágrimas por meu semblante;
Tristes lágrimas nascidas
No peito d’um filho amante.

“Nunca me esqueças, disseste,
E tua pátria também;
Pois, eu filho amo-te muito,
Amo-te como ninguém.”

“Não ‘squecerei, respondi-te,
A minha terra natal,
Os teus beijos, teus carinhos,
O meu bello Portugal.”

Qu’ria partir tu choravas,
Chorava muito.... meu Deus!...
Arranquei-me de teus braços,
Dando-te o ultimo adeus.

Terrível e muito amarga
Foi esta separação!...
Que, tu, amava-me muito
Do fundo do coração.

Sobre a tolda do navio
Tristes momentos passei;
Minha pátria me lembrava,
E a mãe que nella deixei.

Por mil saudades mirrado
No exílio, agora, definho;
Gemendo na soledade,
Sem ter de mãe um carinho.

Lê, minha mãe, este canto
 Lê-o com toda a atenção;
 Estima o que é de teu filho
 Nascido no coração.

Rio de Janeiro, 1857.

João Augusto Rodrigues de Magalhães.

MENSAGEM de pezames. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 19, p. 175, domingo, 29 dez. 1861.

Mensagem de pezames dirigida, pela sociedade portugueza – Dezesseis de Setembro – P. H. e Beneficente – a S. M. F. El-Rei o Sr. D. Luiz I, pela infausta morte do Sr. Rei D. Pedro V. e do Sr. Infante D. Fernando.

SENHOR!

A voz afflicta de uma Real Familia, immersa na dôr mais pungente, e o clamor sentido e doloroso de um povo, de uma nação inteira, na orphandade e na desolação mais inconsoláveis; transpondo a immensidade do espaço, vieram achar um echo profundo, mil vezes repercutido nos corações dos portuguezes, que longe, bem longe de patria, conservam todavia puros e ardentes o amor, o respeito e a dedicação ao seu Rei, e viva e perenne a saudade pelo solo amado que os viu nascer.

Aproveu a Deus em seus mysteriosos e insondáveis Decretos, enviar aos Régios Paços da nação portugueza, a implacavel mensageira da Eternidade! O anjo do Senhor revoou rapido naquelle recinto sagrado, e tocando com as azas uma das vergontas queridas do tronco augusto da Monarchia Lusitana, roçou, ao perpassar, a superficie do throno, e ao som plangente dos cânticos de angustia e do prantear doloroso de um grande povo, arrebatou para o seio do Eterno, duas almas que os céus, desde muito, invejavam á terra!

Aos filhos do christianismo, impõem a religião, firmada no Golgotha, a mais perfeita submissão á vontade do Omnipotente: curvemos-nos ante a Magestade dos céus que chamou para si a Magestade da terra! Mas, Senhor, é tão infausta e imprevisita a nova que todos deploramos; é tão grande e irreparável a perda que todos soffremos; é tão viva e profunda a dôr que nos opprime, a nós, subditos e filhos dilectos da realza da terra, que mal póde a mente conceber-nos a ideia de que o nosso muito amado Rei o Senhor D. Pedro Quinto e o Senhor Infante D. Fernando, de saudosa memoria, forem tão prematuramente dormir o somno eterno ao lado dos seus Maiores!

A Sociedade Portugueza “Dezesseis de Setembro” Patriótica, Humanitaria e Beneficente, instituída n’esta cidade em honra da fausta exaltação ao throno, do Monarcha Defundo, e da qual o mesmo Augusto Senhor houve por bem Declarar-Se Protector; allia á dôr immensa de haver perdido o seu principal esteio, aquella em que acompanha a Nação Portugueza, na manifestação do sincero e cordial sentimento de que se acha possuida, em presença da perda dolorosissima que acaba de soffrer a nossa querida patria!

Digne-Se, pois, Vossa Magestade Fidelissima, acolher benignamente estas palavras nascidas da alma, como a expressão mais pura da magoa que afflige esta Patriótica e Humanitaria Associação, pelo deplorável acontecimento que tão inesperadamente roubou á Real Familia Portugueza e ao Solio Lusitano, o seu Egregio Chefe e Illustre Membro, e o melhor dos Monarchas! Sejam ellas o testemunho manifesto e expressivo das lagrimas vertidas por bons e leaes portuguezes, por filhos mais do que subditos, sobre a campa que encerra as cinzas venerandas do muito amado Rei o Senhor D. Pedro Quinto, e do Senhor Infante D. Fernando, de indelével e saudosissima memoria!

Queria Vossa Magestade Fidelissima, receber igualmente a homenagem de amor, veneração e respeito que as pés do Seu throno augusto, depõem os fieis subditos de V. M. F. que constituem esta Beneficente Associação, e os votos sinceros e dedicados que todos formamos pela

conservação da preciosa vida de V. M. F. e da Real Familia, e pela prosperidade constante do reinado esperançoso que acaba de ser inaugurado.

Deus Guarde a preciosa vida de Vossa Magestade Fidelissima, como todos os portuguezes havemos de mister.

Rio de Janeiro, aos 8 de Dezembro de 1861.

De Vossa Magestade Difelissima
Subditos leaes e dedicados,

(Seguem-se as assignaturas.)

MONTÓRO, Reinaldo Carlos. A viagem do Bardo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 16, p. 123-124, domingo, 14 dez. 1856.

A viagem do Bardo.

II.

Com a guerra da independencia peninsular despertaram-se os instinctos da nação. Quebrando suas cadeias, lembrou-se ella de que outra ora havia reunido cortes e enviado procuradores a seus reis; que Phebo Muniz havia pugando mais que os figaldos degenerados pela conservação de seu fôros; e estas lembranças tão risonhas, estes influxos tão enérgicos, trouxeram a luta entre o povo e os cortezaos, que entraram em decisivo combate ao desembarcarem os soldados da joven rainha nas praias do Mindello. Havia não sei que semelhança poetica com os companheiros do Gama, n'esse punhado de bravos que capitaneador por um monarcha, que resignara a purpura de um imperio que havia libertado, para tornar-se simples cabo de guerra, vinham restituir á patria a liberdade, e o throno a uma innovente menina.

E effectivamente dos luctosos e heroicos combates da serra do Pilar e da Asseiceira, sahio um reinado, emq eu favorecidos por mais natural influxo, depertaram com crescente vigor os instinctos grandiosos da nação. As glorias militares que se tinham distinguido em Badajós e no Uruguay, nas campanhas peninsulares e cisplatina, vieram unir-se outras novas, repletas de vigor e mocidade, que talvez houvessem levado longo a fortuna da patria, se o seu cabo não tivesse adormecido o ultimo somno dos bravos, depois de colocar sobre o throno a sua saudosa filha.

Um mancebo houve então, hoje homem abatido pelos annos, a quem já acompanham os primeiros applausos da posteridade, que ouvindo o ribombar do canhão funebre, o tanger arquejante dos sinos e os prantos vertidos as soidão domestica pelos companheiros do libertador, escreveu algumas paginas singulares, sobre tão grande assumpto. N'ellas revelava-se uma nova época litteraria, vigorosa, abundante de emoções e enthusiasmo, que hia succeder á didactica eschola de Macedo, Santos e Silva, e ás exagerações exíguas de pensamento dos discipulos de Bocage. Como em uma colônia que o espirito industrioso de nossa época elevasse sobre as ruinas de Tyro ou de Carthago, estes mancebos que abordavam á patria com a experiencia de sua excursão por alheias terras, aproveitavam todas as pedras seculares, todas as tradições elementares que podiam servir á reconstituição do seu gremio social. Os feitos de armas haviam-se tornado para elles um vicio; careciam do fumo dos combates como o navegante das tempestades do oceano, saudavam o sibillo das ballas, como aquelles saudavam o estampido dos raios. Entre estes trabalho, de reconstrucção e ligeiras refregas civis foi-se destennedo essa geração que produzio Garret, o cantor de Camões, o conde das Antas, Silvestre Pinheiro, um dos maiores publicitas modernos e Mousinho de Albuquerque o auctor das Georgicas Portuguezas. Luctavam na arena politica, chamndo o povo á vida governativa, a costumando-o aos comícios electivos, orando-lhe com vehemencia doalto da tribuna parlamentar. Romanoseavam o idioma nacional, aproveitando os trabalhos fundamentaes do bom Philyntho, e do veneravel S. Luiz; expurgado este de alheios vícios, hia risinho readquirindo a sonoridade dos Luziadas, a doçura de Laura d'Amphryso, a onomatopéa dos sermões de Vieira. Sob os auspicios da illustrada folha de D. Pedro, reunio-se uma sociedade de amigos da patria e das lettras, que quis chamar á vida as glorias litterarias do nosso passado, e que para justificar a geração do seu tempo perante os vindouros,

teceu durante sete annos uma encyclopedia dos conhecimentos nacionais. Ahi está o Panorama para impor silencio aos estrangeiros ignorantes, e mover saudade em nossos filhos da época em que as novas liverdades pátrias começaram a aproveitar.

De todos estes mancebos que então se alimentavam de esperanças, que entravam com nobre ambião em todas as carreiras e que pareciam reconduzir á patria o espirito de seus avós, poucos são os que hoje já não passam velhos e des-illudidos por ante a mocidade, que com sua experiencia dolorosa nunca os poderá igualar. Alguns como Garret e Mousinho de Albuquerque, já desceram ao tumulo; é bom que a geração nova vá rodear os que restam collados ás suas lições, receba os seus conselhos, e aprenda com elles a ser exforçada em seus intentos.

De todos os que melhor comprehendeu talvez o mais illustre de seus contemporaneos nacionais, e que mais digno era de ter eternizado D. Pedro, em uma épopeá, é o autor dos Quadros Historicos.

Espirito tenaz e hercúleo, que venceu a natureza, que ao seu natural estro antepuzera a fraqueza dos orgãos physicos. Alma de paixões elevadas e ardentes, que viveu sempre dilacerado pela infructuosidade de suas aspirações para os gosos da vida exterior; e cujo canto immortal – os Ciumes do Bardo – é um grito de dôr, d'aquelles que nunca pôde ser entendido e amado como sua alma desejava. Reflexiva e calculador desde a juventude, apreciou com o tino de um velho conselheiro os negócios da patria; queria-a grande, como em seus sonhos de poeta a tinha visto; e os homens do dia diminuídos pelas intrigas politicas, pareciam-lhe todos expuridos da terra que regiam. Este contraste entre a realidade e as theorias arredou-o por veze da arena politica; volveuse para os penates que idolatrara desde menino; embalou suas paixões com a traducção dos livros do exilado do Ponto; excavou os primeiros versos da juventude, para autobiographar as suas idéas poéticas, em cujo repassar todos os escriptores acham novos prazeres.

Como o autor da Henriade quiz ser tambem historiador; não para dissecar as ignominias dos seculos que foram, mas como homem de imaginação clara e de excelso gosto, ver só no drama eterno das nações as phrases brilhantes. Engolphou-se no estudo dos velhos pergaminhos; revolveu as pesadas chronicas de Fernão Lopes, e de Azurara, e compenetrando-se dos costumes, das crenças, do viver de nossos avós; escreveu como A. de Vigny, uma composição que participando da ficção pelos seus adornos e da realidade pelo histórico dos factos, leva com mais apetitosa cores os livros da historia as mãos do povo. As artes do desenho aperfeiçoadas pelo incremento geral, acompanharam em seu pensamento elevado o auctor dos – Quadros Historicos. – O vulto heroico de Geraldo Sem Pavor, e a fronte venerável de Egas Muniz, tornaram-se vivas quando o lapix dos artistas portuguezes desenhou o pensamento occulto do historiador. Alguns acharam aquella prosa, que era rica, fluente e musical, acima do que requeria a historia embora adornada. Queriam mais concisão, estylo mais narrativo, períodos menos arredondados. Lançavam os a elevação continua d'aquella torrente cujos jorros hiam de grimpa em grimpa de montanha, sem nunca deslisarem murmurantes pelas doçuras da planicie. Comparavam o estylo lyrico dos Quadros com aquella singello e admirável episodio do Tributo á Memoria do Libertador, em que o velho soldado de Austerlitz, pratica das glorias reciprocas a bordo do vapor com o companheiro de D. Pedro. Mas a este tambem os Luziadas deveriam causar; porque grandes feitos só com alto estylo condizem, e querel-os narrar como fidalgo velho em palestra de anedotas da antiga corte, é amesquinhar o que é grande, emparelhando-o com o que é commum.

Com esta obra deu o seu autor remate á nomeada litteraria que havia adquirido; seu nome tornou-se popular, e pelas mãos da Europa illustrada correram os seus escriptos. D'este lado do oceano houve tambem quem com avidez os lesse, e os portuguezes da America não renegaram a gloria da terra de seus paiz. Um houve que acima dos outros collocado, quis conhecer o velho cantor de seu pai; quis apertar em seus braços um genio illustre, que hia desaparecer no volver de um seculo a cuja primeira metade pertencia. Quem sabe se não advinhou que havia muito a colher de sua realza de genio, e que para a organização do novo imperio todas as vistas elevadas eram poucas, todos os acertados conselhos eram admissíveis. Há um grande prazer em ter praticado ao menos uma vez, com uma pessoa que sobresahe ás de seu seculo; quando as neves da idade revertem nossos olhares para o passado, ufanamo-nos de haver-mos conhecido os genios que illustraram o nosso tempo.

A mocidade pois rodeou ainda uma vez o Sr. Conselheiro Castilho, ao desembarcar na terra americana. Saudou nella o representante de uma grande geração de engenhos; o velho bardo que veio tanger os seus últimos hymnos á sombra dos bosques de Nictheroy.

Vassouras, 1855.

Reinaldo Carlos Montoro.

MONTÓRO, Reinaldo Carlos. A exilada do Ipiabanha. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 15, p. 126-127, domingo, 3 nov. 1861.

A exilada do Ipiabanha.

(Continuação).

II.

O Lyrio.

Meus primeiros, meus unicos amores,
Tu, tu foste, só tu.....

A. F. de Castilho.

Aquella solidão tornou-se para mim, desde então, o ponto querido dos meus passeios; todas as tardes depois de ter percorrido os bosques dos arredores, vinha sentar-me á borda da cascata, e allí ficava longas horas entregue a meu saudoso meditar. Mas esta assiduidade foi-me inutil por muito tempo; a joven camponesa abandonára aquelle lugar, talvez evitando encontrar-me, e nem ao menos um vestigio qualquer de sua residencia, ou passagem, pude encontrar no bosque. Vaga tristesa se apoderava de mim, e ia-me tornando pallido, e adontado, sem que eu mesmo podesse explicar bem o motivo d'este deperecimento. O meu encontro com ella fôra tão rapido, tão breves as palavras que trocamos, tão singello o seu dizer: o que me causava pois uma tal tristesa, se nenhum vinculo forte a ella me unia?

Tinham decorrido já oito dias depois do succeddo, que referi no capitulo antecedente, quando uma tarde me dirigi mais pesaroso do que nunca para o bosque da cascata. Bello estava o céu; ligeiras nuvens brancas fugiam por sua immensa abobada, indo perder-se em um horizonte ilimitado; suave aura agitava os cocares das gentis palmares, e trazia-me nas azas dos zephyros o perfume delicioso dos vizinhos jardins. Mas como sempre acontece, quando vêmos a felicidade em torno de nós, cabendo-nos por partilha o infortúnio, todas essas bellezas da natureza, toda essa placidez do ceu, da terra das aguas, que mansamente murmuravam, não serviam senão para redobrar minha melancolia.

Subindo vagarosamente a encosta, que ia dar á pequena catadupa, eu ia com a cabeça baixa, encostando o corpo debilitado na bengalla, e dominado por tristonhos pensamentos. Uma araponga entoou seu canto sonoro em um ramo de cajueiro vizinho, e eu não dei attenção, antes explorei a sua importunidade. Chegando ao alto, procurei um assento abrigado do sol, e achei-o em um canto alastrado de seccas ramas, sob a largas folhas de uma bananeira indigena.

Contemplando aquella multi-forme e opulenta natureza, que me cercava, dessiminada em arbustos de variadissimas formas, cobertos de flores azues, rôxas, e de muitas outras cores, em arvores elegantes, diversas na direção de seus rumos, ora alongando-se horisontalmente, ora formando copadas abobadas, ou ergendo-se altivas, como columnas de arabica structura, eu lembrava-me de outras terras, menos ricas é verdade de vegetação, mas que tinham para mim o sabor da patria, e saudade do caseiro lar, em que só ia nas noites tempestuosas ouvir as tradições poeticas dos meus antepassados. Lá tinha deixado uma irmã querida, que me acenava com seu branco lenço, recordando-me os nossos brinquedos de infancia, e nossa amizade extremosa, me acusava de ingratição por tê-la deixado. Ficára-me lá tambem gloria, esperanças de porvir, dourada ambição da juventude, tudo o que podia dar força a uma alma de tempera igual á minha, tira-la do deperecimento, da tristesa, e da aniquilação. As lagrimas corriam-me docemente pelas

faces, e um entrecortado suspiro sahido de meu peito, veio repousar no sopro da briza que naquele momento me roçava os labios.

Senti então uma mão suave e delicada enconstar-se á minha frente, e uma voz querida, voz que nunca esquecerei, dizer-me em alemão:

“Como estaes hoje triste, meu amigo” Que desgosto vos atormenta?” Virei-me rapido, e dei com os olhos na minha joven, que com as mãos cruzadas, e o sorriso nos labios, me olhava attentamente; doce rubor me assomou ás faces, e reflectio-se nas d’ella, que abaixou seus olhos seductores...

– Minha querida menina, respondi-lhe, quereis saber qual é a causa de minha tristeza? Pois já esquecestes, que tive a ventura de vos vêr um momento, e que até agora nunca mais vos pude encontrar?

Como poderia eu conservar a minha alegria, continuar na vida descuidosa, em que vivia, se já meu coração não póde deixar de viver junto daquela por quem palpita, sem ter a seu lado as vossas risonhas faces, esse sorriso que paira em vossos labios, essa mão delicada, com que tocastes em minha frente abrasada.

A camponesa nada me respondeu a principio; parecia meditar nas minhas palavras, e ora lhe assomava aos labios um travesso sorriso, ora uma nuvem melancolica passava por sua altiva frente: por fim a jovialidade triumphou, e ella tomando-me desembaraçadamente a mão, disse-me: – Bem me asseverou minha mãe, que estes senhores da cidade só procuram enganar as pobres moças. Apenas me vistes uma vez, mal tivestes tempo para me olhar, e já me fallaes de cousas, que eu nunca ouvi. Mas dizei-me, não tendes pena de illudir uma pobre menina, que nunca vos fez mal?”

E seus olhos fizeram-se receosos nos meus. Eu nem animo tinha para apertar-lhe a mão, que estava entre as minhas.

– Eu enganar-vos, tornei-lhe, é cruel esse vosso dizer. Como poderei eu fallar-vos a linguagem da paixão, sentir no coração o fogo abrasador, que para vós me impelle, rojar por terra a vossos pés, dizer-vos em fim, que vos amo, se não me tivessesis prendido a vontade, com um dos vossos olhares, que derramou uma tão vilenta agitação em meu peito, que só o vosso amor a poderá socegar..

E beijava-lhe as mãos, que tremulas procuravam escapar-se ao amoroso aperto das minhas. A joven estava commovida, pediu-me para que me sentasse, e disse-me depois de me ter aquietado: “Sois para mim um estrangeiro, não conheço vossos antecedentes, nem vosso coração, por tanto não posso avaliar a realidade das palavras que me dissestes; porém contar-vos-hei uma pratica, que o outro dia tive com minha mãe: “Voltára eu apressada á nossa pobre choupana, temendo que vós me persiguisses; minha mãe notou quanto eu vinha cansada, e perguntou-me o que me tinha acontecido no caminho. Conte-lhe então o encontro, que comvosco tive, vossas expressões extraordinarias, e a pressa com que fugi aos vossos anhelos. Minha mãe, que é hoje no mundo, para mim, desditosa exilada em uma terra estranha, a minha única protecção, inquierio-me sobre as vossas maneiras, trage, e nacionalidade, respondi-lhe sinceramente:”

“– Minha filha, disse-me ella então, previne-te contra essas fingidas paixões de pessoas, que te são superiores em fortuna; acredita por ventura, que lles deixem as suas iguaes, que habitam palácios de marmore, para vir procurar a filha do povo no seu tugurio? Enganas-te; elles não procuram senão apoderar-se da flôr, para a fanar, e após calca-la e deixa-la no lodo.”

R. C. M.

(Continúa.)

MONTÓRO, Reinaldo Carlos. A exilado do Ipiabanha. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 21, p. 192-193, domingo, 26 jan. 1862.

A exilada do Ipiabanha.

(Trecho extrahido da carteira de Leopoldo V.)

(Continuação)

Uma noite estávamos nós sentados em uma edra da ponte do Ingelheim; por baixo de nossos pés corriam as agoas rápidas do rio, reflectindo em milheiros de volúveis lantejoulas os raios pallidos da lua; esta cercada do seu disco avelludado surgia pouco a pouco de entre as ramagens de uma selva, que nos ficava ao nascente; as hastes das arvores annosas, desenhando-se no pardo-azulado do firmamento, pareciam-se a um exercito de gigantes assentados no alto do valle a contemplar as suas bellezas. Minha mão estava entre as de Arminia, que me fallava do dia de nosso noivado, que tão proximo estava; sua imaginação infantil já phantasiava os divertimentos em que havíamos de empregar esses felizes momentos.

Eu ouvia-a attento, mas imperceptivelmente o aspecto da noite, um secreto presentimento de que aquellas esperanças não se haviam de realizar, toldaram-me a alma; abaixei a cabeça e fiquei pensativo.

Uma cythara, que ao longe tangia um desses solaus melancholicos do Brasil, veio ferir-me com seus sons o amago do coração; uma lagrima involuntaria rolou por minhas palpebras, e veio cahir em sua delicada mão.

– Que tens? – disse-me logo, – estás tão pensativo meu Leopoldo!”

Arrependi-me então de me ter deixado dominar por pensamentos, que contrastavam com a sua alegria; procurei occultar-lhe o motivo.

– Pensava em minha irmã – respondi-lhe.

– Ah! meu amiguinho, então tu escondes-me particularidades que te são relativas? Pois não sabes, que se eu dezejo amar tudo que te é caro, é um dever meu adorar tua irmã?”

– Perdôa minha Arminia, desde que tive a felicidade de encontrar-te, só em ti me é dado pesar,

– Adulador! pois hades contar-me agora por teu castigo, tudo o que fôr respectivo á tua familia e seus antecedentes”.

Referi-lhe então como eu era o descendente de uma familia outr’ora oppulenta e poderosa, que fôra lentamente decahindo de geração em geração. Como meu visavô vira-se despojado da herança de seus pais, e obrigado a procurar na carreira das armas a rehabilitação de sua casa decrepita e pendente a um precipicio. Mas de pouco valêra este nobre esforço do seu character; havia uma mão terrivel que decepava todas as esperanças da nossa linhagem; de um lado reduzia cada vez mais o numero dos descendentes, de outro fazia descer estes inevitavelmente de degrau em degrau de fortuna. E quando algum delles se erguia armado de talento, de intrepidez, e de dedicação para arrostar a força dos sucessos, surgia-lhe em frente um phantasma lívido, ameaçador... para este não vvaliam nem rogos, nem esforços, nem prodigios de engenho: era a morte; – e a haste robusta cahia com suas esperanças no amago da terra, sem deixar-lhe ao menos a memoria. Meu pai, peregrino em alheias terras, succumbira ao pezo de antecedentes tão invenciveis; trocára o arminho de sua casa pelas vestes populares dos patriotas, e contribuíra para a reforma da sociedade, mas assim mesmo perecera na flôr dos annos.

Eu, ultimo raminho débil e alquebrado da velha arvore heraldica, escapára prodigiosamente de ver arrancar-se-me a campá ao pé mesmo do limbo. E quando a aurora da mocidade saudára meus annos viris com aspirações de gloria, por natural tendencia deixei as tradições dos passados seculos pelo porvir democrático da humanidade.

Minha mãi sorria aos meus juvenis talentos, pensando que talvez a mão providencial, que me arrancára da tumba, vellasse em meus dias, e me concedesse achar em fim um porto ao baixel dos nossos destinos. Educou-me por tanto com o esmero de uma intelligencia cultivada de senhora, a quem guia o amor extremoso de mãe; com o leite da infancia bebi o da sciencia, não dessa ôca e acanhadôra, que os pedantes dictam, mas sim a sciencia, que dando-nos as noções exactas do systhema da criação, e franqueando-nos as portas da sabedoria com os instrumentos que as abrem, deixa-nos com tudo livre a vontade, para entregar-mo-nos aos vãos de nossa peculiar tendencia. Não me fanatizou com principios prohibitivos, com ameaças aterradoras de uma moral constrangedora, mas fez-me desprezar o vicio, o descaminho das paixões, e amar a banaficencia, como copia pessoal ao homem das acções divinas, e prova de natural grandeza de animo.

Quando meu pai morreu, ella e minha innocente irmãa enconstaram-se a mim, como a hera, que abraça o tenro troco, quando elle mal se distingue entre os arbustos; era eu o seu único refugio. Mas a ambição de adquirir meios de realizar as minhas vistas, veio acordar-me a alma juvenil; uma vontade de ferro manifestou-se em meu character, e um dia cheguei-me a minha mãe e disse-lhe: – eu quero partir. Ella quis-me dissuadir; mostrou-me quão falhas são as esperanças que se procuram realizar longe dos seus; teimei em meu proposito, e resolvi-me embarcar para o novo mundo.

Chegou o dia da separação; minha mãe e minha irmãa vieram-me acompanhar até uma praia de areia, em que as ondas do oceano se arrojavam ruidosas, e em que me esperava um batel balanceando-se nas ondas. Minha mãe abraçou-me com resignação, deu-me os conselhos, que sua illibada honradez lhe inspirava, e ia-me abençoar pela derradeira vez, quando as lagrimas lhe vieram aos olhos, e tomou-me em seus braços.

– Leopoldo – exclamou – eu nunca mais te tornarei a vêr!

Fez-me abraçar por minha querida irmãa, e obrigando-me a embarcar, apezar dos meus soluços, apressou-se a separar-se de mim, para não succumbir á dôr que a dilacerava.

Quando o navio alteroso, affrontava as ondas com a sua cortadora proa, fui-me encostar ao lugar mais alto da borda, e de lá procurei devizar os dous entes, que tanto amava, e que talvez deixára para sempre. Lá ao longe, n'um ângulo extremo da praia, vi com efeito minha mãe e minha irmãa, esta apercebeu-me, e disse-me adeus com seu branco lenço.

Entretanto as velas enfunavam-se, a quilha rangia cortando o oceano, e a terra fugia rapidamente; mas eu com os olhos fictos naquelle angulo da despedida, não podia despregar os olhos de minha irmãa. Um ultimo aceno d'ella, veio arrancar-me uma torrente de pranto, e ao passo que a patria me desaparecia encoberta pelas voltas da costa, eu cahi desmaiado nos braços de um amigo.

Tinha acabado de fallar, mas Arminia não me respondeu; durante alguns minutos conservamos ambos absoluto silencio; ella partilhava o meu pranto, mergulhada talvez em identicas saudades de seus primeiros lares, e a mim cortára-se-me a falla com a tristeza, que me partiu o coração. Arminia por fim tomou-me a dextra com uma das suas alvas mãos, e com a outra procurou affagar-me.

– Meu querido – disse-me, – lamento as desditas de tua familia, e não te perdoára o teres deixado tua mãe, se a isso não devera o conhecer-te. Porém quanto a desvios de fortuna, não te deves queixar, eu detesto a riqueza, e parece-me que morreria de tedio, se deixasse a minha cabana, os meus viçozos vergeis e os passaros que me vem annunciar a madrugada, para ir habitar um desses palácios sumptuosos edificados á custa das misérias do povo.

Quando nós deixarmos a nossa existencia dividida, para fundil-a em uma só alma, em que depositaremos todos os nossos fagueiros pensares, iremos, tu com tua irmãa e tua estimavel mãe, eu com os meus queridos progenitores, reunir-nos em uma cabana, um bocadinho maior, mas em que hajam também á roda frondosos bosques, em que passe ao lado um limpido regato, em que ao cahir da tarde venha no ramo do vizinho coqueiro, agitado pelos euros, repousar uma araponga, entoando um hymno sonoro ao creador, como em minha aldeia do Rheno o sino da capellinha tocava ao acaso, repercutindo os seus sons pela amplidão do valle... não é assim meu Leopoldo?"

E involuntariamente nossos peitos se uniram, e um beijo extremoso, mas casto, e sem occulta propensão unio os nossos labios. Era a primeira e única prenda que o seu amor de donzella me devia conceder.

Oxalá alli acabassem nossos dias, e nossas almas enlaçadas se separassem da terra; e n'essa noite placida, nesses momentos de repouso sublime da natureza, atravessassem o firmamento as estrellas scintillantes, e subindo pela estrada luzente do ceu fossem bater á porta da eternidade, em que o anjo dos eternos amores nos receberia!

R. C.

(Continúa.)

MONTÓRO, Reinaldo Carlos. Esperança. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 25, p. 230, domingo, 23 mar. 1862.

Esperança.

Quando chegou a hora negra do desengano, a quem soia deleitar-se pelo mundo da fantasia; quando do livro variado da vida, só restam as paginas negras a ler – não pôde erguer-se a voz repassada de entusiasmo, para dizer á mocidade crê, espera e trabalha!

Quizera, nestas ultimas paginas de um livro, em que tantos corações amidos vieram depositar os seus juvenis pensares, deixar estampado mais um brado de animação. Quizera ver orlar de festões de flores as pedras nuas deste singelo monumento, como touca de rozas da primavera a frente da virgem, o velho affeioado da familia, que d'ella se despede.

Mas se meu espirito entristecido não sabe casar os hymnos da palavra com os affectos do coração, estes ainda podem descoloridos, exaustos de fantasia exprimir-se nas phrases singelas da amizade. Não é a um circulo desanimado, de espirito cançado, de renegados da fé do porvir, a quem fallo: entre os animos juvenis, que vieram pregar nestas modestas paginas a religião da patria por estranhas terras; ainda há a fé viva que faz brotar dos rochedos os jorros de Crystal, que refrigeram os expatriados, pungidos pelo acerbo espinho da saudade.

Não descanse a mocidade portugueza do Rio de Janeiro no caminho do adiantamento. Se hoje poucos applausos acolhem os seus esforços, se em vez de arcos de verdes folhas, acha no caminho as pedras que o materialismo lhe lança de encontro aos passos, mais bella aurora hade raiar em breve, e á luz vermelha de seus fulgores hade encontrar as frotas coroadas das palmas da gloria.

Esperança! sentimento elevado que veio accordar nossos avós nos dias tristes da sugeição; que armou nos dias da decadencia os braços que vieram restituir á patria a independencia, e á nação os seus fóros, – vem tambem dar-nos forças para colocar-nos a par das nações illustradas que capitaneam a civilisação!

Este reclamo não é dirigido sómente aos que trabalham nas vigalias do estudo, é tambem aos nossos conterraneos em geral que fallamos, e estamos certos que o seu apoio virá realizar as vossas e as minhas esperanças.

Reinaldo Carlos.

NOVAIS, Faustino Xavier de. Ao Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 10, p. 82-83, domingo, 18 ago. 1861.

Ao Gremio Litterario Portuguez

Se altivo, n'este recinto
 Vou a humilde voz erguer,
 Sei que não posso o que sinto,
 Ao som da lyra, dizer!
 Mas não esfria a minh'alma:
 Se não conto a verde palma
 Conquistar pela canção;
 Não se apaga o fogo ardente:
 – A lyra é fraca, impotente,
 Mas é forte o coração!

Qual navio magestoso,
 Navega o fragil batel,
 Quando o vento bonançoso
 Ao seu destino é fiel:
 Eis a ideia que me anima:

Quando esta voz não exprima
 Quanto sente o peito meu,
 Cerca-me aqui o talento,
 Que dará ao pensamento
 A luz que a voz lhe não deu!

Em todos nós, que raízes
 Funda saudade lançou!...
 – “Gosto amargo de infelizes”
 Como o genio lhe chamou –
 Saudade da patria amada,
 D’essa terra tão cantada,
 Tão rica de inspirações,
 Onde um Camões existira,
 Onde Garrett surgira,
 Para cantar um Camões!

O que da patria é bom filho,
 Se culto lhe quer prestar,
 Augmente aqui o seu brilho,
 Que á patria brilho vai dar;
 E a Mãe, que nutre a saudade
 Do infante que em tenra idade
 Viu separar-se de si,
 Bemdirá seu bom destino,
 Quando o filho, pequenino,
 Lhe mostrar que é grande aqui!

Grande, só pela riqueza
 Que o saber aos homens dá –
 – Em frente d’essa grandesa,
 Outra grandesa não ha!–
 Mas o talento, sosinho,
 Tem curta vida, e, mesquinho,
 Morre como a pobre flor,
 Que, bella por natureza,
 Vem pedir, a terra presa,
 Disvellos de bom cultor!

Assim nós, a quem a sorte
 Riqueza vil não quis dar,
 Não correremos á morte,
 Na indolencia a definhar:
 Humildes, filhos do povo,
 Sentimos o alento novo
 D’esta nova geração;
 Temos, sem outro agasalho,
 De dia, as mãos no trabalho,
 De noite os livros na mão!

Se pobres somos, que importa?
 – O luxo aqui não reluz;
 Mas da casa a estreita porta
 Da gloria ao templo conduz!
 Lá fóra, nesse bulicio,

Quando, altivo, impera o vicio,
 Nem de nós se lembra alguém,
 Que juntos, aqui, pensamos
 Que os grandes que respeitamos
 Foram pequenos também!

Ninguém nos mostrou na infancia
 A estrada da illustração;
 Mas hoje, tendo constancia,
 Iremos onde os mais vão;
 E se, pelo estudo, um dia
 Formos de uma Academia,
 Filhos do GREMIO, rivaes,
 Então a frente ergueremos,
 E orgulhosos bradaremos:
 “Nossa gloria vale mais!”

Animo, pois, prosigamos!
 Avante, consocios meus!
 O trabalho a que nos damos
 Será grato á patria, a Deus!
 Estudo, e perseverança,
 São as bases da esperanza,
 Que do meu peito não sae!
 E’ suave, é doce o trilho:
 – AO GREMIO, que é nosso filho,
 Tenhamos amor de Pai!

Pela ambição impellidos
 D’esta gloria perennal,
 Marchemos todos unidos
 N’um abraço fraternal;
 Assim, de mais força armados
 Se virmos um dia, ousados,
 Os da inveja esforços vão,
 Diremos, uma e mil vezes:
 – Somos todos Portuguezes,
 Seremos todos irmãos.

Faustino X. de Novaes.

OLIVEIRA, Jeronymo Joaquim de. Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 16, p. 121, domingo, 25 mai. 1856.

Relatorio

Do Gremio Litterario Portuguez

Apresentado em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira.

Srs. socios do *Gremio Litterario Portuguez*:

Uma idéa grandiosa é muitas vezes em principio mal comprehendida; com o tempo e a meditação ella se desenvolve, torna-se cada vez mais esclarecida, e mostra então as suas conveniencias. O principio de per si encerra uma difficuldade, e essa difficuldade ás vezes traz o

desalento, acarreta apoz si consequencias assás funestas. Quantas idéas proveitosas e sublimes não vimos nós definhar á nascença, derrubadas pela mão do indifferentismo?! Não é fácil a comprehensão dellas a todos os homens: Deos não dotou de intelligencia alta a todos os seres da especie humana; dividio-a, e os afortunados foram poucos. Ainda hoje, Srs., oppõem-se innumeradas difficuldades á realisação da idéa d'um homem verdadeiramente sabio; ainda hoje, Srs., o methodo Castilho é quase desprezado!! Com dôr o digo, não comprehenderam todas as vantagens, que delle podem resultar: esse gênio appellou para o futuro.... O futuro ha de desenvolver essa idéa, e a posteridade lhe fará justiça. As cousas não nascem feitas, fazem-se: os talentos nascem com as pessoas, é verdade; mas o talento sem que seja cultivado, não dá o fructo desejado. E' o mesmo que o grão semeado a esmo, sem que seja beneficiada a terra, elle reverdece, mas seus fructos, são sobremaneira escassos. Que dirieis vós se contemplasseis Camões deitado no seu leito d'innocencia, chorando, pedindo naquelle choro, naquellas lagrimas, digo naquellas fallas, só comprehendidas pela mãe, o sustento, o leite, único alimento do recém-nascido?! Dirieis certamente, que era uma creança como qualquer outra; no entanto elle cresceu, cultivou o seu vasto talento, e fundou um monumento tão grandioso, unico padrão de nossas passadas glorias, e que tão mal lhe pagaram esses a quem levou á posteridade! Assim pois, Srs., a idéa d'uma associação aonde se reunissem alguns jovens desejosos de cultivar sua intelligencia, de aprender a exprimir em publico os seus pensamentos mutuamente, sem se escandalisarem por algum dito menos reflectido, encontrou escolhos poderosamente fortes: todavia levados por sentimentos poderosos, seis jovens instituiram a sociedade *Luso-Instructiva*, facultando o Sr. Leite Machado sua salla para as reuniões da referida sociedade; foi elevado o numero a doze, numero que um regimento interno porque se guiava, não permittia que se augmentasse. A sociedade caminhava vagarosamente, como caminham as aguas d'um manso ribeirinho, quando appareceu o Sr. Bernardino Pinheiro. Elle veio acoroçoar o pensamento que todos os socios nutriam, de se fundar uma folha litteraria, e então foi mudado o nome da sociedade, para *Gremio Litterario Portuguez*. A idéa d'esse honrado socio, que se acha ausente, encheu de jubilo todos os corações d'esses jovens, e causou um enthusiasmo sobremaneira grande. Foram discutidas as bases em que se devia fundar esse Jornal, e appareceu a discordia. A publicação da *Saudade*, foi apezar d'isso decidida pela maioria. Nada, porém, neste mundo é estavel. Quando se pretendeu pôr em pratica esse pensamento parte dos socios desertaram das bandeiras que haviam jurado, e a sociedade viu-se reduzida a seis socios! A ingratição de seus companheiros não fez resfriar o animo desses devotados jovens elles poderam conseguir por si, e pelos seus amigos angariar quatrocentas e tantas assignaturas, e a *Saudade* seguiu seu caminho de prosperidade, tendo á frente, como principal redactor o Sr. Bernardino Pinheiro.

(Continúa.)

OLIVEIRA, Jeronymo Joaquim de. Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 17, p. 129-130, domingo, 1 jun. 1856.

Relatorio

Do Gremio Litterario Portuguez

Apresentado em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira.

(Conclusão).

O *Gremio Litterario Portuguez* cessou com seus trabalhos de conversação familiar e recreativa, para se entregar ao desenvolvimento da sua filha tão querida, a *Saudade*. Retirando-se para sua terra natal, para o nosso bello Portugal, o Sr. Bernardino Pinheiro; a Comissão sobrecarregada de afazeres particulares, resolveu entregar ao Sr. Rapozo d'Almeida a mesma folha, e de facto a *Saudade* lhe foi entregue por um contracto, que todos vós ouvistes ler, ficando á Commissão o direito de rever os artigos, e envia-los para serem publicados tal qual a Comissão os remetteste. O Sr. Rapozo d'Almeida publicou nove números; depois participou ao *Gremio*, que não podia continuar a publicação, porque o numero d'assignantes não dava para o costeo da

folha; assim iria a *Saudade* morrer nos braços desse pai adoptivo, perder os louros que tinha angariado no seu viver d'outr'ora. A vós Srs. sócios, se deve a continuação dessa vida preciosa, a vós, que acolhestes com indignação a noticia fatal de sua morte, a vós cabe toda a gloria de continuar publicar-se a *Saudade*. Propagai vossas luzes por esse vasto territorio, aonde se falla a lingua de Camões, propagai-a, e vereis a vossa fronte ingrinaldada de louros immarceveis! Angariar-lhe assignaturas, e direis ao mundo que o querer é poder. Desculpai se me desviei um pouco de meu fim, devia seguir mais de perto a nossa instituição, fal-o-hei agora, se minhas forças assaz diminutas o permittirem. Logo que se entregou a *Saudade* ao Sr. Rapozo d'Almeida, tratou-se de dar novo incremento á Sociedade. Convidaram-se mais algumas pessoas que se prestaram a isso, e hoje o nosso *Gremio* contem em seu seio 23 Srs. socios. E' pois com a alma trasbordando de contentamento que vejo a nossa instituição ir seguida passo a passo um caminho de prosperidade.

Em principio algumas desintelligencias tiveram lugar; mas destas desintelligencias ligeiras, próprias de todas as associações que principiam: hoje porém os socios do *Gremio Litterario Portuguez* formam uma só familia, todos são irmãos!

A Commissão encarregada de formular os estatutos desempenhou bem o seu encargo, e elles foram approvados pela assembléa, com algumas modificações. Alguns Srs. socios, pouco tempo depois julgando que elles não prehenchiam o fim desejado, pediram reforma, em consequencia do que, soffreram algumas alterações ligeiras.

Um regulamento interno, para que seja observada a boa ordem das discussões, tambem foi approvedo. O estado das nossas finanças é lisonjeiro, com quanto não tenhamos em nosso cofre avultada quantia, faz todavia face ás despezas. Pelo balanço que se acha presente vereis que as despezas deste trimestre foram de rs. 95\$600. Entraram com as suas joias 17 Srs. socios, a 5\$ 85\$000 rs., mensalidades recebidas 20\$000 rs. Fica por conseguinte um saldo a favor da sociedade de rs. 9\$400 a fóra 6 diplomas que faltam receber, e algumas mensalidades; por aqui vedes que o *Gremio* póde funcionar desimpedidamente.

Em quanto á *Saudade*, não se póde aventurar uma idéa definitiva; depende das assignaturas que os Srs. socios agenciarem; nutro esperanças de que ellas chegarão para o custeio da folha. Os Srs. Ribeiro e Lemos (*) conforme prometteram teem adiantado dinheiro para a continuação da publicação da mesma folha. A Directoria lhes dedica um voto de agradecimento. O Sr. Bento Serzedello teve a bondade de offertar á Sociedade 12 exemplares do 1º semestre da *Saudade*, e segundo o desejo d'alguns Srs. Socios, e da Directoria mandou-se-lhe agradecer a offerta. O nosso sócio o Sr. Antonio José de Faria tambem fez offerta de 4 quadros, comtendo a familia Real Portugueza, agradeceu-se-lhe tambem; e ultimamente o nosso sócio o Sr. Pereira Santiago offereceu ao *Gremio* oitenta e tantos volumes, obras em francez, d'acreditados autores. Não posso finalizar este sem dar um testemunho de minha gratidão a meus companheiros da Directoria: uma harmonia coustante reinou entre nós, nem por um momento a discordia teve poder de desunir-nos; com taes pessoas pode-se servir em qualquer associação. Agora peço-vos para que façaes conservar a fraternidade que tem existido até aqui; peço-vos, que continueis a considerar os socios do *Gremio*, como uma só familia, para que meus successores, mais felizes e mais instruidos do que eu, possam levar ao auge a que tem direito o *Gremio Litterario Portuguez*.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1856.

O Presidente
Jeronimo Joaquim de Oliveira.

(*) Cumpre-nos declarar, que o Sr. Oliveira tambem tem concorrido com parte do quantitativo necessario para o custeio da folha.

(Nota da Redacção.)

PEREIRA, V. dos Santos. *Poesias de Francisco Gonçalves Braga*. A *Saudade*, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 85-87, domingo, 1 set. 1861.

Poesias

De Francisco Gonsalves Braga.

(Continuação.)

III.

Gonsalves Braga publicou o seu livro *Tentativas Poeticas* em 1856, tendo cerca de 19 annos de idade.

Baldo de toda a educação litteraria, pois que de mui tenra idade se havia applicado á carreira commercial, o auctor das *Tentativas* já apresenta comtudo na sua obra alguns reflexos, ainda que pálidos, do talento que depois desenvolveu; mas tanto conhecia elle o pouco valor dessas suas producções, que arrependeu-se immediatamente depois de havel-as dado á luz.

Docil em demasia ás reflexões de uma critica sensata e benevolente, e conscio de que seria mister estudar muito para poder produzir alguma cousa de merito, Gonsalves Braga, já então livre do materialismo das cifras, entregou-se com afan á leitura dos bons modelos, aos quaes consagrava o tempo que lhe restava do seu novo emprego de amanuense de Advogado. A avides de saber, e o instincto natural de uma vocação não desmentida, o levaram bem depressa a procurar a convivencia de outros mancebos que como elle tambem buscavam rehabilitar-se pelo estudo, e preencher por esse meio o immenso vacuo que sentiam, já que não haviam tido a dita dos nobilitados da fortuna, nem alisado como elles os bancos de uma academia.

Conhecemos Braga em uma situação de que conservamos a mais grata e doce lembrança: assistíamos pela primeira vez, como convidado, a uma sessão do *Gremio Litterario Portuguez*, que elle presidia, e onde se reuniam alguns mancebos estudiosos. Que alli se alimentavam a medo no *pomo prohibido*, e perdiam, quem sabe, nessas horas de innocente commercio, as que haviam sido aproveitadas nos deveres inherentes ás occupações de cada um.

E seriam esses mancebos uns loucos, quando esperdiçavam assim o tempo que podiam empregar, como tantos outros, nas folias do baile democrata, ou nas scenas inebriantes do bordel? Talvez!

Porque esses outros comprehenderiam verdadeiramente a epocha, e identificavam-se com ella... Mas... deixemos este assumpto; calemos a natural indignação que elle nos inspira, e prossigamos n'aquelle que nos é tão caro.

Presidia Gonsalves Braga o *Gremio Litterario*, onde se discutia a seguinte these: Se a leitura dos romances era util ou prejudicial? Nessa sessão tomou elle a palavra. Ao principio seus labios pareciam contrahir-se ao escapar da frase, a ideia sahia-lhe amesquinhada e obscura, e a fisionomia envolta na palidez habitual, quase que deixava antever fraquesa de intelligencia; mas pouco a pouco, como por uma singular metamorphose, um leve colorido apoderou-se do semblante do joven orador, a palavra se lhe foi tornando mais espontanea e livre, a ideia amoldando-se á forma, e seus olhos, baixos até alli, brilharam cheios de fogo e de enthusiasmo – indo esse admirável conjuncto dar força ás suas convicções, que as tinha elle profundas e inabaláveis, como poeta e como apostolo que era do progresso e da verdade.

Advogava elle a utilidade do romance, buscando demonstrar até á evidencia o quanto aquella fórma litteraria havia concorrido para a regeneração do povo; e justificando, com argumentos habilmente deduzidos, que a arte é sempre grandiosa e bella, em todas as suas verdadeiras manifestações.

E sahiria elle vencedor da luta? Sahiu.

Porque áquelles jovens cheios de aspirações e de futuro, repugnava o calculado das fórmas estabelecidas, tão servilmente adoptadas pelos pusilanimos e hypocritas; e porque em seus corações ainda não havia calado o sentimento egoista das conveções, que simbolisam o lengo e tenebroso predominio das doutrinas theocratico – embrutecedoras.

Entre seus consócios conquistou Braga n'aquella occasião, relativamente falando, os fóros de orador de primeira ordem; e sua palavra persuasiva foi, d'alli em diante, escutada com interesse e attenção, dois sentimentos esses não peculiares dos pequenos corpos collectivos.

O incidente que nos fez desviar do assumpto primitivo, e outros que por ventura o desalinhamo correr da penna dor intercalando, não devem ser menospresados, porquanto explicam elles a gradação da luz que projectam as composições do joven poeta, e que marcam, por assim

dizer, a escala ascendente de seus sensíveis progressos, na divina arte que immortalizou Tasso e Camões.

Vamos agora extractar alguns trechos dessas poesias, começando por aquellas que formam o volume das *Tentativas*.

Uma das que merecem ser notadas, por compensar a pobreza de rima, com a espontaneidade do verso e singellessa da exposição, é a que tem o titulo *Cravo murcho*: n'ella conta o joven poeta a historia de uma flor, que a medo havia tirado de um lindo ramalhete, em uma noite de glorias para elle.

Cravo murcho, a tua historia
E' minha historia tambem
Cujo livro é a memoria,
Cujas folhas – *mal e bem*: –
Ninguem saiba o seu principio,
Seu fim não saiba ninguem

Foi n'uma noite de glorias
Das poucas que a vida tem,
Que começou tua historia,
Que só eu sei, mais ninguem:
Era noite de poesia,
Por isso de amor tambem.

Tem faltado-lhe ao respeito.
Não pude dizer-lhe amor,
Mas pude ao menos roubar-lhe
Do ramalhete uma flor.

E' finda a historia, contei-la,
Mas, confesso, foi com medo

Posso diser-te é – formosa,
Mas o seu nome é segredo.

Braga, como todos os poetas noveis, não recuava diante dos assumptos lyricos de primeira ordem: não conhecia o perigo, por isso affrontava-o. Na poesia *Deus* há comtudo algumas estrophes que, se não estão na altura e no grandioso do sujeito, tem todavia algum merito relativo, e sobre tudo encerram uma sã filosofia, e donetam fé – cousa tão rara nestes tempos de descrença e scepticismo. E' dividida em quatro partes; a invocação principia com os seguinte versos:

Essencia divinal do Christianismo
Vem a lira inspirar-me: anima o estro
Do vate que o seu canto a Deus offerece,
Como fraco tributo....

Na terceira parte:

Atheu: curva a cerviz e reconhece
A existencia de Deus!
Sobre as montanhas, contemplando o espaço,
Depresa a tua crença e arrepende-te
Ante os prodigios seus!

Não pe preciso que o temor nos force,
E' mui bastante que a rasão nos guia
A crer que existe Deus!
Elle se mostra sempre a nossos olhos,

Na terra imensa, na extensão dos mares
Na vastidão dos céus!

Na ultima:

Eis meu canto, senhor: perdôa ao vate
Que ousou cantar a excelsa divindade,
Mas são puros meus votos: eu pretendo
Com fé pura morrer...

Na *Maria Duplessis*, o poeta mostra ter compreendido algumas das inimitáveis bellezas da mimosa criação de Dumas filho; deu porém, ao todo, um colorido tão desigual e desmaiado, que só pôde ter desculpa a sua pouca idade e carência quasi absoluta do conhecimento do coração humano. E' que as poesias como esta, pela excepcionalidade do assumpto e verdadeiro do sentimento, não sobresaem unicamente sob os arabescos da arte; exigem conhecimentos physiologicos e sytheticos, que só poderão esperar-se dos engenhos profundos e refletidos.

Maria Duplessis, não pe a Manon Lescaut, de Prevost: nesta predominam as considerações geraes, mostrando-nos o illustre abbade o Cavalheiro Des-Grioux, que cego á luz da razão, e possuindo todos os attributos para ser feliz e venturoso, vai precipitar-se voluntariamente no escuro abysmo do infortúnio; n'aquella apresenta-nos Dumas filho uma these distincta e emminantemente evangelisadora, que tende á possibilidade da rehabilitação da misera creatura que a sociedade repelle, circumscrevendo-a na orbita degradante do vicio, e na mais ignominiosa das condições. Os erros de Des-Grioux são absolutamente relativos, porque tem o germen em si próprio; os da pobre *Duplessis* são obra dessa mesma sociedade tão escrupulosa, e tão evidentemente corruptora.

Ahi vai o que chamamos de melhor, máo grado o prosaismo e pouco esmerado da frase:

Tornei a ver teu quarto, onde velava
A saudade pungente e mais sagrada,
Um raio dava luz sobre teu leito,
Já nelle não te vi de amor deitada.

Abri seus cortinados cor de rosa
Que amparavam a luz amortecida,
Permittindo somente que alegrassem
Seus raios tua fronte adormecida

Era ahi n'outro tempo que ambos juntos
Vivíamos depois da meia noite
A ouvir, té raiar o sol do dia
As horas a bater, do tempo açoite.

Qual um verme que roe a flor que murcha
Constante insomnia te apagava as cores;
Tu soffrias, – mas sempre preparada
Para todas as festas e amores.

Braga, como todos os corações generosos, e como membro da modesta associação que o havia admittido em seu seio, não podia deixar de render culto á *liberdade*. Eis o final de uma poesia sua com esse titulo:

Tu, liberdade, o meu canto
Recebe, que é todo teu,
Porque teu nome é tão santo
Como o dos anjos do ceu:
Por isso constantemente
Serei teu vate a teu crente
Da mais sincera affeição;

Será minha a tua palma,
E será tua a minha'alma,
Como é teu meu coração.

Podíamos apresentar mais alguns excerptos, tudo reflexos mais ou menos pálidos do poetas da Lisia Poetica; mas julgamos o que fica notado mais que sufficiente para dar uma ideia dos primeiros ensaios de Gonsalves Braga.

Agora a demonstração material de quanto é capaz a perseverança e o amor ao estudo; agora a antithese surpreendente do rimador das *Tentativas* e do poeta do *Album do Gremio Litterario*.

S. P.

(Continúa).

PEREIRA, V. Santos. *Redempção*. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 1, p. 10, domingo, 4 mai. 1862.

Redempção.

I

Perdida adolescencia, onde acordaste
Dos sonhos de poesia?
Onde está o teu manto recamado
De ouro e pedraria?

Aonde essas fagueiras esperanças,
Promessa do porvir?
Aonde a linda virgem de alvas roupas
E constante sorrir?

O que é feito de tudo? A treva escura
Os ares entoldou;
E o lodo da estrada levantado
O manto salpicou!

E seguir... e correr pelas devezas
Ligado a ouropel!
Abafar os gemidos vindos d'alma,
E' sorte bem cruel!

Mas o manto onde está? Despedaçado
Não prende o coração!
Perdida adolescencia, aéreos sonhos,
Vós sois uma lição!

II

A vista se alonga: nova esperança
Nos horizontes vem;
Não cega os olhos, não produz vertigens,
Nem aureo manto, nem sonhadas virgens
Em seu cortejo tem!

Como é formosa! As vestes tão singelas

Arrasta pelo chão;
Recalca afoita as urzes do caminho;
Dos sonhadores passa o torvelinho
Com rir de compaixão!

Ao culto da virtude estende as azas,
Com novas forças vôa;
E depois de um olhar meigo e divino
A voz desprende, e sacrossanto hymno
A' liberdade entôa!

– As fantásticas nuvens do passado
Sonhando as deixaste ir!
Obreiro crente aperfeiçôa a téla,
Trabalha firme, a recompensa é bella
Nos labios do porvir! –

– Esperança e porvir... que sois? Mystério
Que encanta o coração!
Raiou a aurora de brilhantes cores,
Trabalha obreiro, desabrocham flôres;
E' certa a redempção! –

S. P.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Ao Gremio Litterario Portuguez. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 2, p. 14-15, domingo, 12 ago. 1855.

Ao Gremio Litterario Portuguez.

O Periodico a *Saudade* vae apparecer! – Assim o dizem os prospectos distribuidos aqui e ali; assim o disse o *Gremio Litterario* nos tres Jornaes diarios da corte. – Bem vindo sejas! – Pensamento nobre e sublime foi este! – Hoje, que uma phalange de escriptores de talento e mancebos adornados da aureola da intelligencia, escondidos sob o véo da obscuridade, hoje que tem um Periodico em que possam escrever suas inspirações, fazer-se conhecidos do publico, ganhar com seus escriptos a coroa de louro, que cabe ao poeta; hoje que o gosto das letras se arraigou no espirito daquelles que pensão, - nós esperamos; a *Saudade* será o livro d'alma em que todos irão gravar seus mais intimos e occultos pensamentos. – Nós os acompanharemos. O progresso das letras, o gosto da poesia vae tomando incremento. – Hoje escreve-se o que se sente, confessa-se o que se sentio outr'ora e parece que se lê no porvir! As luzes do seculo derramando seu brilhante disco no espirito de todos fazem-lhe ver que a poesia e o amor das letras, são os melhores dons de que a natureza póde dotar o homem! – O receio, essa opressão de idéas – desapareceu! Nem se quer resta hoje um fraco vestígio das trevas em que os homens se achavão sepultados outr'ora. – O povo, que tem mais crenças, conheceu, se bem que tarde, que a sua emancipação começava a declarar-se neste seculo, e que existe em seu germen aquillo que o póde tornar livre, feliz e respeitado! – E quem melhor do que esses mancebos poderá sustentar essa nova crença, e destruir uma pequena impressão de passados choques?!... Bem vinda sejas, pois, oh! *Saudade*! – Oxalá que o teu nascimento produza o effeito que deve desejar o homem de sentimentos nobres e elevados! Oxalá que em breve, a luz que hajas derramado arrebate ás trevas e á ignorancia aquelles que teem o *Bezerro de Ouro* por uma divindade, e que repellem toda e qualquer idéa de civilisação!...

Não somos poeta! – Deos não nos dotou deste tão santo e sublime predicado! Amamos a poesia e tudo quanto é nobre e magnanimo. Recebemos com enthusiasmo qualquer idéa de regeneração social, e acompanhamos passo a passo, o progresso das letras, e da civilisação! Não somos poeta, mas sentimos e gozamos; respeito, pois, aquelles que o são!... Vamos tomar parte

nessa phalange de jovens escriptores! Ambicionamos o lugar mais modesto, porque o nosso nome, por mais obscuro, nada deve ambicionar também. Desse *cantinho*, escondido das vistas curiosas e indiscretas, seguiremos suas pisadas.

Não promettemos muito, porque nada, ou quasi nada, poderemos dar; comtudo, estamos certos que o *Gremio Litterario* acolherá bem nossas tímidas e obscuras producções, e a exemplos de outros, ir-nos-hemos aperfeiçoando. A publicação desta carta, no primeiro, ou segundo numero da *Saudade*, instruir-nos-ha de que nos concendem o *cantinho* que ambicionamos...

A. Xavier R. Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. S. Damaso Papa. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 37-38, domingo, 2 set. 1855.

S. Damaso Papa

Vamos adornar a *Saudade* com um ramallete de flores odoríferas, cingir suas paginas de uma grinalda mais bella que nenhuma das outras, porque é de um santo Portuguez que nos vamos ocupar. Possão estas toscas e simples linhas despertar no espirito de todos a admiração e o respeito que devemos a tudo aquillo que foi magnanimo e sublime!

Quando estamos longe da Patria e dessas doces e inebriantes affeições, que nos rodeão na infancia, é um tributo que pagamos registrando em qualquer *jornal* as saudades pungentes que sentimos pelo torrão natal, os desejos que alimentamos por seus progressos, e a satisfação intima e consoladora que nos move a avivar passadas reminiscencias. E' certamente tudo isto que nos animou a emprehender uma breve resenha da vida e acções do primeiro e ultimo Pontifice Portuguez, que o mundo admirou, e a Igreja recebeu como um dos seus mais fortes sustentaculos!

Enthusiastas da gloria e ornamentos pátrios, admirador respeitoso desses genios inimitaveis, que marcão uma pagina dourada na Historia de qualquer nação; orgulhosos de pertencer a uma que conta tantos desses ornamentos brilhantes, – estamos certos que seremos desculpados por não espargimos n'esta resenha as flores aromáticas e raras que encerra o objecto d'ella...

S. Damaso 1º, e trigésimo oitavo na serie dos Pontifices, nasceu na antiga e nobre villa de Guimarães. (*) As memorias do tempo não dizem com precisão o anno em que veio ao mundo este Santo varão, nem quaes erão seus ascendentes, e d'onde provinhão. Sabe-se que bem moço passou com Antonio, seu pai, a Roma, então no seu maior esplendor. Dedicando-se á Igreja, forão taes os seus progressos e suas virtudes, poderão tanto sobre os principes da Curia Romana, e com especialidade no Pontifice Liberio, que sendo este desterrado para Tracia, por ordem do Imperador Constantino, o deixou po seu vigário, governando em seu nome a Igreja e convencido de que S Damaso occuparia em pouco tempo a magna cadeira, que o forçavão a deixar. Em quanto interino, e apesar da opposição que encontrou no Presbytero Faustino, o qual pertencia á seira de Luceferiano, reconciliou alguns Bispos com a Igreja Romana, que, por temos ou ignorancia, apoiárão e subscreverão nas actas do Concilio de Rimini. A 24 de Setembro do anno de 366, falleceu o Pontifice Liberio; S. Damaso succedeu-lhe, contando já 60 annos de idade; e foi sagrado na Basilica de Lucina: (**). Poucos dias depois da sua exaltação á cadeira pontificia, armou-se contra o novo Papa, Ursicino, Diacono, que ajudado de uma multidão de sediciosos, queria chamar a si o annel Pontifical, persuadindo para esse fim a Paulo, Bispo de Tivoli que o sagraesse Bispo de Roma, o que com effeito fez na Basilica de Liberio. (*)

Para attenuar as graves consequencias que se poderião originar do scisma levantado em Roma, Juvencio, prefeito desta cidade, e Julianno Commissario Geral dos mantimentos, ordenarão que fosse desterrado o anti Papa Ursicino, com os Diaconos Amancio e Lopo, seus complices principaes. Ursicino refugiou-se, com grande numero de gente armada, na Basilica de Liberio. Os que tinham concorrido para a eleição do verdadeiro Pontifice, não podendo superar a cholera que os assaltára ao saberem esta nova, valcrão-se do ferro e do fogo para escalarem o lugar que servia d'asylo aos scismaticos.

(Continúa.)

A. Xavier R. Pinto.

Rio, 10 d'Agosto de 1855.

(*) Hoje cidade.

(**) Posteriormente S. Lourenço.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Páginas íntimas II. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 12-13, domingo, 17 fev. 1856.

Páginas íntimas

II

O SOLDADO.

Houve um dia em que a Patria afflicta e perseguida pelo estrangeiro, gritou com voz plangente – ás armas, meus filhos. Eu habitava no campo. Os eccos longínquos, de valle em valle, de planicie em planicie forão aproximando-se, e chegaram até mim claros e distinctos. Escutei-os com o coração pulsando de prazer. Era chegado o momento em que eu podia provar á Patria o amor que lhe votava do intimo d'alma. Dito e feito. Vamos, disse eu, que importa que as plantas murchem á falta de cuidados e disvelos? Que importa que a terra brote cardos em lugar de flores, se lá ao longe há uma mãe afflicta e desolada que precisa de todos os seus filhos?! Dizião-me os visinhos: Para que te vaes expor a morrer d'uma bala, se podes viver entre nós esquecidos d'aquillo que não diga respeito a Deos, á tua familia e ás tuas terras? Calem-se ahí! respondi eu; vocês são uns imbecis e uns egoistas; e bem longe estão de pensar o quanto o amor da Patria póde fazer-nos olvidar de tudo, alem do Creador! Elles sorriram-se com desdém, e redarguiram: Não sabes o que dizes; a guerra é boa para os grandes. Ambiciosos das honras e dignidades, fazem de nós escadas para subir mais alto; e esquecem bem depressa os serviços que lhes prestamos. Se voltares ferido e impossibilitado de trabalhar, não serão elles que virão dar-te o pão de cada dia. Todos falavam, condemnando a minha resolução. Entreguei-os ao desprezo que mereciam, peguei na arma, e fui incorporar-me nas fileiras dos bravos da Patria. (...) ... Que pena! Acabou-se a guerra, nada mais de batalhas; e eu.... eu hei de voltar a casa, quando contava passar toda a minha vida na campanha, gritando:

Viva a Patria! – sou Portuguez,
Pela Patria morrerei,
E nem a cem d'esses *perros*
As costas eu voltarei!

Mas que remedio! Eis-me a fazer cruces na boca, e marchando em procura da minha choupanha, da qual sahi alegre e cantando, e onde volto triste e chorando. E os meus visinhos! Ficaram com inveja. A minha casa foi respeitada, achei tudo no mesmo estado; era sargento de caçadores, tinha uma fita no peito, ganha no campo da honra.... e era Portuguez!... Está decidido, não ha tributo algum que se compare com aquelle que pagamos defendendo o paiz em que nascemos. E' por isso que eu gritarei sempre!

Viva a Patria!...

Fevereiro 16 de 1856.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Mathilde II. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 3, p. 21-23, domingo, 24 fev. 1856.

Mathilde.

II

Conversação.

Fez-se o embarque, e em breve a barca impellida por quatro vigorosos braços cortava o rio em direção á margem opposta. Dez minutos depois os viajantes estavam em terra, montavam a cavallo, e seguiam pela estrada que conduz pela margem á villa da Fulgosa. Bôa viagem, Sr.! gritou o barqueiro do rio, com aquelle accento de voz semelhante ao dos naturaes das ilhas dos Açores. Agora que nos achamos na estrada, continuemos, se lhe aprás, a conversação que interrompemos ao entrar Regua, disse o doutor para o viajante, gordo. Para que?! Fizeste juramento de contrariar-me em tudo, e discutes com sophismas um ponto que deveria ser tratado leal e francamente. Por certo, meu tio, jamais consentirei que Vm., por causa das malditas conveniencias, guerrêe a causa dos mancebos, defendendo a dos velhos. Custa a crer que Vm. approve de uma maneira tão positiva o projectado casamento da filha do doutor Rego! Que há n'isso d'espantar? O noivo é rico, Luiza tambem; o pai d'esta está mortinho que elle se leve a effeito, porque entende que sua filha vae bem com o meu amigo Tristão; não sei pois por que não devo approvar esse casamento. Sim, tudo isso é muito bom, e bem raciocinado, comtudo Luiza tem 20 annos, e o brasileiro 50. Parece ter apenas 35 ou 40. Usa de chiné: prova de que é careca. Tem dentes artificiaes: nada mais natural, os outros cahiram-lhe. E' feio: nem tanto como dizes. E' um simplorio; mas tem dinheiro, pateta! Seja o que lhe approuver, exclamou o doutor um tanto impaciente; pôde defender o brasileiro com sua costumada eloquencia, mas convencer-me, nunca! Sou moço, e como tal advogarei a causa d'aquelles nas minhas circumstancias. A velhice, meu tio, é egoista, e Vm., que tem seu tanto d'este defeito, declára-se campeão de um tal pretendente á mão da encantadora Luizinha – a *Rosa branca*. Como? Chamas a Luiza encantadora, e n'unca a viste! oh! oh!... E' o mesmo, fizeram-me o seu retrato, e penso que este elogio é bem merecido. Vês, meu irmão, disse o rusguento tio fallando com o viajante que occupava o centro, e que até ali guardára absoluto silencio; vês como os bancos da Universidade fazem os rapazes orgulhosos de seu saber. Eis aqui teu filho que pensa ter mais experiencia do mundo do que eu; e porque? porque as illusões da mocidade já passaram, e não conservo d'ellas mais que uma vaga recordação. Vivam pois as illusões, e aquelles que as alimentam! Deixem-se d'essas questões, respondeu o pai do doutor; que interesse temos nós que o doutor Rego case sua filha com Paulo, Sancho ou Martinho?! Deixal-os lá; comtudo, meu irmão, permite que te observe; pensas mal, Henrique tem razão em revoltar-se contra as tuas idéas, por que no meu entender esse casamento, a effectuar-se, fará a desgraça da filha do doutor Rego, o que muito sentirei, porque é uma menina digna de ser feliz e respeitada. Obrigado, meu pai, atalhou Henrique, com voz commovida; eu tinha convicção de que Vm. era do meu parecer, por isso é que tenho-me abtido de perguntar-lh'o. Seria uma inconsequencia da minha parte dizer que tenho mais experiencia do mundo, que meu tio; comtudo tenho a precisa para conhecer que esses casamentos produzem pessimos resultados... E Vm., meu tio, não insista mais sobre este potto, do contrario dar-me-há lugar a crer que tem desejos de casar-se tambem, e com uma mulher nas circumstancias de Luiza. Basta, Sr. doutor, tem muita razão; eu é que sou um asno em envolver-me n'estes negócios. Ah! Sr. Tristão, quanto custa a ganhar um papagaio! Como é isso, meu tio?... Sim, o brasileiro prometteu-me um papagaio com a clausula de que eu o auxiliaria em seus projectos amorosos. Ambicionando o animal, tenho-me cançado para destruir a impressão quea nova de suas amorosas tendencias tem produzido no espirito d'algumas pessoas sensatas d'estas vizinhanças. Mas desgraçado de mim! Tenho irritado os animos d'esses individuos, serei um dia apedrejado, e não terei o papagaio! Oh! desgraça!... Henrique; conheces o sobrinho do brasileiro? Não, meu tio; sei apenas que é dotado de um character como ha poucos. Alegre, extravagante e mordaz, outras vezes triste e sombrio; esteganha de qualquer dos modos a estima publica; e aquelles que o censurão elogiam-no ao mesmo tempo. Estou impaciente por conhecer um tal original; por que sempre simpathisei com estas naturezas expansivas e voluveis. Dizes bem, Henrique; esse rapaz tem seus defeitos; porem é dotado de um coração generoso, e para o qual jamais se appellará em vão. As raparigas mesmo, que pôdem dizer muito a seu respeito admiram-no, e mais de uma, me dizem, tem ido visitar bem longe uma prima, uma tia ou uma amiga. Consta-me tambem que Carlos disputa a seu tio a mão

da linda e interessante Luiza; porem o doutor jámais consentirá em tal, apesar da pronunciada simpatia que mostra ter por Carlos. E Luiza? Não sei, nunca lhe sorprehendi o menor signal de intelligencia; mas a mulher, mais que ninguem, sabe moderar suas impressões, encobrir a verdade sob um véo expesso e impenetravel; diz-me o coração que ella ama a Carlos não obstante fugir-lhe, e mostrar n'apparencia que lhe é indifferente. O que acaba de dizer meu tio, mais me desafia a curiosidade e impaciencia, e uma vez que Vm. tem convicção e impaciencia, e uma vez que Vm. tem convicção de que Luiza ama Carlos.... não sei, mas creio que lhe servirei d'auxiliar. Estamos longe da quinta?

Não, por que chegamos. E com effeito, o tio de Henrique, que conservava sempre a dianteira, apeava-se em frente ao portão de uma elegante casa de sobrado, a qual é situada na margem do rio, e a um tiro d'espingarda da Fulgosa. Os tres viajantes entraram por um grande portão que se achava aberto, e no mesmo instante um creado tomava conta dos animaes. Boas tardes, meus Srs., disse elle, com essa liberdade de servo querido da casa; chegam a proposito, por que o Sr. doutor acaba de dizer que não contava mais com a sua visita. E' uma bella surpresa que lhe preparáram. Affonso, quem está com o doutor? Perguntou o viajante gordo, sacudindo com um lenço de seda a poeira de suas botas. O brasileiro, o Sr. Carlos, e no corredor encontrarei o preto d'este, que parece ter feito juramento de jamais o abandonar. E' a sociedade do costume, disse o primeiro interlocutor; subamos. Os tres personagens encaminharam-se para um extenso corredor com quartos d'ambos os lados.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Mathilde IV. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 34-35, domingo, 9 mar. 1856.

Mathilde.

IV.

Tristão.

Ignorava-se a causa da sua continua tristeza, e sorprehendera sobre tudo a mudança que se operava de um instante para outro no bello e poetico semblante da joven, pois que ás suas rosadas cores tinha substituido essa pallidez tocante que revela um soffrimento intimo e duradouro.

Ingenua e simples, Luiza ignorava porque despertava em torno de si uma attenção que bem longe estava de possuir; e a si mesma perguntava se era differente de qualquer outra mulher para ser tão incensada e adorada despertando-a d'este modo das suas mais puras e doces illusões. Luiza amava seu pai com esse amor de filha instinctivo e santo, causaur-lhe o menor desgosto seria pedir-lhe um anno de lagrimas! O doutor pagava-lhe com ususra, e no meio d'alegria e dos prazeres que o rodeavam ella esquecia tudo por sua filha procurando dissipar-lhe a tristeza que trazia impressa sempre em seu angelico semblante. Interrogada a cada momento Luiza respondia que nada tinha: pelo contrario, que se reputava feliz por possuir um pai tão terno e carinhoso como era o doutor. Apesar de tudo, a joven aborrecia e fugia d'esses prazeres que seu pai, em sua terna sollicitude lhe procurava. Extranha a elles, e sorrindo-se sempre Luiza recebia com agrado as homenagens que de toda a parte lhe offertavam, e era n'estes momentos que o doutor Rego agradecia a Deos a felicidade de que gosava possuindo um tal thesouro. O doutor Gama Cardoso, como hábil observador conhecêra que Luiza amava em silencio e que esse amor devia morrer com ella lentamente como na primavera morre a flôr açoutada pelo continuo bater de um vento rebelde. O mancebo advinhou tudo isto, e sabia que Luiza, pura e casta como era, jamais se animaria a confessal-o, e a dizer a seu pai, que spi a posse do objecto amado lhe faria adquirir a sua alegria de outra'ora! Por isso o generoso

doutor jurou descobrir o mortal feliz que tinha o amor de uma mulher ocmo Luiza, e a si mesmo prometeu de cooperar para a felicidade d'aquella que faria do amor um culto e uma crença. Tristão (o brasileiro) não se achava na varanda, como dissera o criado do doutor Rego, porém pouco depois vio-se apparecer um homem baixo e gordo, á vista do qual o tio do doutor Gama se sorrio, lembrando-se da conversação, havida entre elle e seu sobrinho. O amoroso Tristão subio a muito custo as escadas da varanda e ao chegar a ella lançou em torno de si um olhar de curiosidade e desconfiança: e colhendo d'este rapido exame que se achava em terra de amigos, resolveo a aproximar-se de todo, comprimentando á direita e á esquerda, sem se afastar das boas tardes, meus Srs! Tristão era um homem de 48 a 50 annos, baixo e gordo como dissemos já, e possuindo um d'esses rostos vulgares, que nada indicam, e nos quaes nem mesmo a lanterna e *Diogenes* poderia descobrir um traço notavel. Trajava decentemente, mas sem gosto algum, tudo era em relação com o resto d'este singular personagem da nossa viridica e contemporanea historia. O doutor Gama, á vista d'este original, não pode deixar de sorrir-se, e lançou um olhar a Luiza, que sorprendido por ella, far-lhe-ia acariciar um pensamento de esperanças e felicidade no povir.

A conversação tornou-se geral, cada um brilhava pelos seus ditos mais ou menos chistosos; só o brasileiro, como um homem prudente, contentava-se em abanar a cabeça repetidas vezes, e rindo-se estrepitosamente quando algum dito espirituoso se fazia ouvir. Aonde está seu sobrinho? Perguntou o doutor Rego a Tristão. Não sei: desde o jantar que lhe não puz a vista em cima. Iria pescar? Perguntou o tio do doutor Gama. É uma das distracções em que se emprega poucas vezes, tornou o dono da casa. Provavelmente, continuou elle, fallando baixo, há de andar á pesca de duas rapariguinhas da Fulgosa que vem aqui regularmente. Como um desmentido a esta asserção, uma voz sahida do interior da casa se ouviu, voz que produziu na maior parte dos assistentes uma profunda sensação. Ao mesmo tempo um homem estava na varanda, exclamando:

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que um tio como o meu... o mundo espanta!

A. X. Rodrigues Pinto

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Saudades. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 8, p. 61, domingo, 30 mar. 1856.

Saudades.

Ai! que sempre as saudades
Serão tristes como a flôr,
Como ellas me trazem vivas
Lembranças do meu amor.

Recordo os dias tão belos
Que em minha terra passei,
Vou lembrar essas venturas
Que bem joven lá gozei.

Lembra-me o ninho paterno
E as caricias d'uma mãe;
Caricias que só tem preço
Para mim e mais ninguem.

Lembro o socego dos campos
 Suas bellezas sem fim,
 Vejo tudo colorido
 A sorrir-se para mim.

Ouçõ o sino da matriz
 A chamar para a oraçõ,
 E erguer-se a Deos piedoso
 Tributos do coraçõ.

Vejo o meu Douro poético
 Em seu leito a murmurar,
 E nas arvores que o bordão
 O rouxinol a trevirar.

Lembro sempre de continuo,
 Lembro tudo quanto amei;
 E tenho na noute escripto
 O que vi, e lá gozei.

Porém o que hei de mais intimo
 Contal-o bem não sei;
 Tenho segredos occultos
 Segredos que não direi.

Amo muito e sou amado
 Que mais devo desejar?
 Estes segredos são intimos
 Por que os não devo calar?!

Muito embora as saudades
 S'identifiquem na dôr,
 Hei de sempre em outras plagas
 Fallar d'ella e nosso amor...

Rio, Março 25 de 1856

A. Xavier Rodrigues Pinto

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Incertezas. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 10, p. 77, domingo, 13 abr. 1856.

Incertezas.

Diz-me, Julia, o teu segredo,
 Que me occultaste mui lêdo,
 Diz respeito á minha dôr?
 Ou talvez occultará
 Um disignio, que fará
 Despertar o meu amor?

Ai de mim! Essa illusão
 Esvaneceu-se, e a tenção
 Com ella se dissipou;

Já não é esse innocente
 Apaixonado, mas crente
 Que no passado sonhou.

Hoje vem a realidade
 E com ella a saudade
 Esse prysma destruir;
 O presente já não tem
 Esse risonho desdém
 Com que encarei o porvir.

Ai de mim! que n'esta idade
 Essa má realidade
 Vem calar o coração;
 Inda agora principio
 E é um caudente estio
 Que tenho por estação

A' risonha primavera
 Léda infancia succedera,
 Essa idade dos amores;
 Foi o secco vendaval
 Que lhe fez todo esse mal
 Que lhe murchou essas flores.

Depois olhei tristemente
 Para a flor innocente
 Que mui risonho plantei!
 Um lampejo d'esperança
 Eu vi surgir, e a bonança
 Após bem calmo esperei.

Louco fui, fui castigado
 E paguei o meu pecado
 Com bem duras provações;
 Vi-me só, e vi-me errante
 E não tive um só instante
 As passadas illusões.

Diz-me, Julia, devo ainda
 Essa ventura tão linda
 Esperar em teu amor?...
 Diz-me se sempre constante
 Devo ter de ti distante
 Por presente a minha dor?...

A. Xavier Rodrigues Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 14, p. 105-106, domingo, 11 mai. 1856.

Paginas intimas.

Fragmento.

Qualquer cousa.

XII

Cantate, diz que cantemos
Cantar novo, não usado....

Gil Vicente

Vou escrever hoje umas *paginas intimas* em novo estilo.

A musa nada me dá de romântico – a vida real chama-me ao presente; e a minha penna recusa escrever um período arrancado á força do pensamento.

Nunca gostei de forçal-o; é por isso que todos os meus escriptos se resentiram demasiado da espontaneidade das idéas, desse colorido tão rapido que desaparece como se formou.

Sugeitar-me ás regras grammaticaes, como soem fazer aquelles que pretendem o nome de *litteratos profundos*, escrever um artigo – namorando o tecto da casa (dada a hypothese de que se escreva sob *coberta enxuta*) escolher a linguagem, variar de palavras, &c., &c., é tudo isto que pretendo sempre evitar; é isto que eu chamarei affectação, amu gosto, e.... esqueceu-me o resto.

Andava ha muito tempo acariciando a idéa de que bem depressa poderia apresentar o meu programma – a minha profissão de fé, ou o que vos parecer chamar-lhe, leitores.

Tenho até aqui fallado dos outros – quero hoje fallar de mim. E' um direito que ninguem poderá contestar-me, a menos que aventurem uma observação que me ocorreu agora. Não a escrevo, porque receio envolver-me em questões d'alta importancia, as quaes me reduziriam ao mister de ridiculo.

Ridicularisado, eu?!.... esta idéa me causa calafrios!....

Perdão, leitores; sei que desta vez o pobre escriptor das *paginas intimas* será apupado: sei que estou de *caso pensado e rixa velha* provocando o vosso *bilis*.... conheço a verdade, mas já vos disse que a musa teimava em ser-me ingrata e que a minha companheira dessas horas de doce e profunda melancolia estava resolvida a pregar-me um logro.

E' por isso que appello para a vossa generosidade; desculpai a penna e o escriptor....

Se a *Saudade* quizesse por complascencia aceitar em suas colunas uma critica geral sobre tudo que desafia o sorrir ironico; se ella acolhesse a minha opinião a respeito de tanta cousa má que vai por esse mundo; então eu vos afianço, leitores, que o meu nome seria levado á posteridade – conquistando uma reputação universal! Principiaria por censurar todas aquellas pessoas, que podendo assignar a *Saudade*, não o tem feito, devido talvez á idéa de que ella é escripta por mancebos que começaram hontem a trilhar a difficil e espinhosa carreira das letras.

Censuraria a frieza com que se constumam acolher os talentos noveis, que morrem quando apenas tem começado.

Censuraria (aqui é que verdadeiramente vou começar) a moça solteira que faz da janela *telegrapho*, quando as *meias do papai* reclamam todos os seus cuidados.

Censuraria as mesmas por gostarem tanto d'um baile, como eu anhele possuir a fortuna de um – *Monte-Christo*.

Censuraria ainda as meninas travessas, que podendo brincar com *bonecas* conquistam vaidosas o lugar que pertence ás que passaram dos 24.

Censuraria.... muita cousa, mas a *Saudade* é uma meninas discreta e séria, que não lê pela cartilha das suas companheiras, e neste momento franzindo o sobrolho, me diz com polidez que devo fazer ponto final.

Não sem pedir desculpas aos leitores do logro que a minha pena.... maliciosa! lhes pregou.

Com os pais da *menina* fiquem certos que me arranjarei. Ponto final.

Rio, 13 de Maio de 1856.

A. Xavier Rodrigues Pinto.

Paginas intimas.

Fragmento.

Sem nome.

XIII

Piété pour moi!....

– O que é o nome?

– E' uma voz com que se dão a conhecer as cousas.

– Exemplo?

– Homem pateta.

– Diga o exemplo como se acha escripto.

– E' o que eu fiz.

– Vejamos a grammatica?

– Eil-a, Sr. Mestre.

– Vm. é uma discipula muito insolente; ousou affiançar-me que está escripto *pateta* e eu acho *bom*; o que importa tanto como dizer-se que os habitantes do Indostão fallam hebraico.

– Porém, Sr. mestre, fiz uma cousa muito innocente, juntei o nome á pessoa, certo de que poderia tirar-me deste embaraço; estou ha duas horas em procura d'um nome para dar ás suas *paginas intimas*, e por mais que faça ainda nada encontrei.

E' a minha penna que falla.

– Pois bem, tornei eu, por esta vez desculpo-a: vamos, volte um pouco atraz, e ponha debaixo das *paginas intimas* estas duas palavras, *sem nome*. A penna obedeceu, e o mestre continuou:

Vou pois prevenindo os leitores de que por esta vez nada poderei dar – apenas um – sem nome mirrado e secco, como alguns discursos que tenho lido. E' de suppôr que esses discursos sejam pronunciados no *Parlamento*.

Depois que resolvi acabar com as *carpideiras*, depois que deixei o estilo romântico para m'envolver no *clássico* (que modestia!) estou sempre desconfiado de mim mesmo. Procuo agradar aos leitores, quer d'uma quer d'outra fôrma, mas devido talvez aos *projectos* que tenho entre mãos; a musa teima em ser-me adversa. Até a minha penna achou que devia augmentar as difficuldades da minha posição! Paciencia, juro pagar-lhe na mesma moeda quando eu fôr o juiz e ella a ré.

Depois para completar tantos dissabores sou obrigado a dar-vos uma noticia bem desagradável; porém previno-vos d'antemão que nada de comum tendes com ella.

Tinha meus presentimentos de que havia de me succeder tal cousa; ah! que se tivesse a certeza, ter-me-hia feito frade, impondo a mim mesmo o castigo de dous mezes d'abstinencia.... d'escrever!....

Porém eu ignorava que houvessem *diabinhos* capazes de penetrar no balcão d'uma casa de negocio; é por essa razão que me animei a escrever aquelles pensamentos sobre as moças e meias, que lestes no numero 14 da menina *Saudade*. Esses pensamentos eram tão innocentes, como são innocentes os pensamentos da joven que tem escripto.... cem cartas no estilo das de *Saint Preux*, infelizmente achei opinião contrária à minha, e cahi no ridiculo. Eis o caso:

Dous dias depois de publicada a *Saudade*, recebi um bilhete, elegante e perfumado, á vista do qual, eu o confesso, senti criar alma nova. Bravos! exclamei eu com desvanecimento, fiz, sem o saber alguma conquista amatória, e eis os priliminares da paz. Com o coração trasbordando de prazer, offegante, impaciente, entusiasmado até, abro a venturosa missiva. A letra era fina e elegante, frases escolhidas, estilo classico, mas que decepção! pessima orthographia.

Não admira.

Entendo que devo dar-vos conhecimento desse bilhete, alterando unicamente a orthographia.

“Senhor.

“Mamã me encarregou de participar-lhe que o papai tem as suas meias em bom estado, e por isso, pela parte que lhe toca, não póde aceitar as observações que Vm. dirigiu ás moças que gostam da janella, no n. 14 da *Saudade*. Quanto a mim agradeço-lhe o conselho, não me utilizo dele, porque sei que o despeito, unicamente o despeito, presidio á concepção do seu pouco espirituoso artigo. Como tenho porém certa predilecção pelos poetas (ora menina, gabo-lhe o gosto) dou-lhe de conselho que quando lhe ocorra escrever no sentido das ultimas *paginas intimas*, se apresse em metter a cabeça em agua fria, para acalmar a irritação do espirito.

“Sua affeição
“M. C. de M.”

Eis aqui, leitores, as consequencias inevitaveis que succedem áquelles que, como eu, sentem desejos de reformar a Sociedade.

Prometto não me envolver de novo na politica feminina, a politica mais intrincada do mundo todo. E para me fortalecer nesta idéa trarei a carta de minha leitora bem chegadinha ao coração.

Rio, 18 de Maio de 1856.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Paginas intimas XVIII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n.20, p. 153-154, domingo, 22 jun. 1856.

Paginas intimas.

XVIII

E ESTA!....

Com a mira no vintém.

BORDA D'AGUA.

EXPEDIENTE DA REDACÇÃO.

(Junho 20.)

Ao autor das *Paginas intimas*, para que deixe o estilo *duvidoso* dos seus últimos artigos, sob este titulo, e escreva no gênero *jocosos* alguma cousa que possa distrahir os leitores, e chamar assignantes á folha. Do contrario largará o lugar a outro que o desempenhe melhor.

Por ordem

X. A.

E recommendaram-me para acrescentar que tem pessoa competentemente habilitada para escrever no genero *jocosos* as suas *paginas*; disse a pessoa que me entregará a participação *official*.

– Com o mesmo titulo?

– Está visto.

– Com um titulo de minha propriedade?!

– Sim, sim e sim!

– Protesto!....

– Qual!

– Protesto contra este abuso de força maior!... Protesto, protesto!

– Espere lá, meu Sr.; falle com termos!

– E' um roubo que querem fazer, e não hei de gritar?! Oh! com toda a força dos meus pulmões!.... Um titulo tão bonito servir para outro! Nada, vou já redigir um protesto *às potencias litterarias*!.... Porque a Redacção da *Saudade está com a mira no vintem* dos assignantes, para enfeitar a *menina* todos os domingos, hei de ceder um titulo e um lugar que me custou immensos sacrificios! não, tenho um direito que ninguem poderá contestar-me. As *paginas intimas* pertencem-me, são propriedade minha, por isso fazei sciente aos *patrões* que não estou resolvido a cedel-as.... ao sultão que fosse. Mas para que exaltar-me? é uma asneira, sangue frio no caso; esperae que vou escrever a resposta, e ha de ser em verso.

A' illustre Redacção

Que com a penna na mão

Bellas leis sabe fazer;
Saude, paz e ventura
E' o que sem muita usura
Lhe passo a appetecer.

Cá recebi o aviso,
Ao vel-o quasi o riso
Após veio da leitura;
E' antigo o expediente
E a Redacção – innocente!
Achou nelle *perfeitura*.

Pensam talvez os senhores
Que outras paginas melhores
Na *Saudade* devem ter;
Meus amigos, enganados
Oh! que estaes, e bem logrados
Os leitores terei de ver!

Melhores *paginas*.... que tal?
Que *san fação*!.... uma igual
N'outra parte inda não vi!
Pelas cans de minha avó
Hei de reduzir a pó
A quem tanto já servi!

A matar-me horas inteiras
Para que feias asneiras
Na folha não inserisse;
E o pago, eil-o ahi,
Esta guardou-se p'ra mi
P'ra mim por exquisitisse.

Ora bem, querem, senhores,
Que venha a ser dos leitores
Bobo, jogral ou truão;
E mesmo que algumas vezes
Passe semanas e mezes
Divertindo a Redacção?!

Porque segundo entendi
E de tal *nota* colhi
P'ra isso sou intimado,
Sem que (nem por cortesia)
Junto á alta senhoria
Me precedesse o chamado.

“Quero, mando, tudo posso,
(O preceito não é nosso)
Dizem os modernos senhores;
E um homem cá desta esphera
Ai delle, se não quizera
Obedecer-lhes, leitores!

Mas desta feita não quero

A' Redacção (que venero)
Logo, logo obedecer;
Quero que faça primeiro
Aquillo que o justiceiro
Reputa sempre um dever.

Venha a mesma Redacção
Toda ella em procissão
Com roupas de ver a Deos;
Peça com modos – maneiras,
E então estas asneiras
Não darei aos leitores seus.
Finis.

Eis aqui a resposta; se houver *replica* faça sciente á Redacção que lhe darei *treplica*.... Até lá, leitores, resae por mim.

Junho 24 de 1856.

Xavier Pinto.

P. S. Vou largar a pena; não quero que os meus obscuros artigos sejam a cabeça *de Meduza* para certa *entidade* encoberta, a quem o P. Macedo concede um lugar distincto no seu poema os – Burros!.... Vou largar a pena!.... qual! estou brincando! largar a penna, agora que uma lingua damnada me pede que a transforme em azorrague para *zurzillo*.... bem, e a todos aquelles que se occupam mais com a minha vida do que eu com a sua....

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. Paginas intimas XXIII. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 25, p. 193-194, domingo, 27 jul. 1856.

Paginas intimas.

XXIII

AOS MEUS IRMÃOS NO TRABALHO.

Eis ahi um livro intimo que vai fechar-se.

A ultima pagina é vossa, ofereço-a do coração – aceitai-a como partida d'elle. E' pouco para o muito que devia dar-vos, mas o muito com um character *official* nada diria, e eu prefiro o pouco que póde exprimir um sentimento. O livro não me pertence – é de todos; fazer dele uma exceção seria egoismo, por isso em cada pagina achareis um desejo.

A melancolia inspirou algumas, as saudades da Patria muitas, o despeito o resto dellas.

Para mim que tenho apenas vinte e dous annos, essa melancolia, symbolisada nas expressões, importa um desmentido a esse despeito, e para outros.... o que não direi.

As saudades, como disse, inspiraram-me algumas dessas paginas, e talvez que esta tenha um tanto desse defeito.

As saudades podem produzir esses cantos intimos e apaixonados que revelam uma ventura gosada na Patria, ao lado das nossas mais charas affeições. E' quasi sempre uma volta ao passado, e esse passado é a nossa infancia – a idade das flôres. Mas no meio dessas expressões arrancadas pelo sentimento, quantas revelarão uma idéa egoista?! Por mim o confesso, tenho tido momentos na vida que dariam causa a uma multidão de sentidos cantos, existem outros que matam aquelles, porque são mais repetidos, e é devido talvez a isso que o maldito egoísmo preside aos poucos que hei soltado. Ai! as flôres da minha vida murcharam tão cedo, que é impossivel plantar outras de novo! Sorrisos e lagrimas, aquelles compensados com outros, estas enchugadas por mim, eis o que poderei dar de um passado de que tenho saudades, porque sou joven.

Se, pois, há no meu livro de seis mezes algumas paginas authorisadas pelo despeito, são tão poucas e simples, que devem esquecer-se.

Comprehendemos a vida pelo lado material, porque não temos ás vezes um sopro benéfico que destrua os sentimentos egoistas que alimentamos no coração.

A intelligencia que damos ás cuasas produzem effeitos oppostos, mas o arrependimento formando outras e outros, dá origem a novos combates.

Aceitai estes pensamentos como vos aprouver. São naturaes – são intimos, e o pouco valor que tiverem deve compensar a ingenuidade delles.

A *Saudade* vai terminar um anno de existencia; é um seculo para nós que não queremos conhecer o alcance della, e os beneficios que póde produzir.

Representante d'uma classe olhada com ironia, a *Saudade* tem apresentado ao publico um desmentido solemne de que as intelligencias são exclusivas das classes distinctas da sociedade. Ella ahi está, corram pagina por pagina, leiam nome por nome, e ver-se-ha que nenhuma dessas paginas, nenhum desses nomes sahio das ultimas. O véo da obscuridade que envolve a ambas as cousas, isto é as paginas e os nomes, não é tão impenetravel que não deixe distinguir no fundo a verdade de uma idéa, abraçada por muitos. Essa gloria pertence-nos, o futuro virá para a exaltar, e tenho convicção de que essa classe conquistará o lugar a que tem direito.

Trabalhemos em commum, tomemos primeiro o vôo do pequeno passarinho para alcançarmos o da aguia; contentemo-nos por em quanto com a capa da obscuridade mas empreguemos esforços para a repellir dos hombros quansentirmos que ella é leve de mais para as nossas forças. Hei de empenhar-me por uma causa que reputo justa e santa, os *Aristrarchos* modernos que olhem para o passado, e que nos desculpem pelos desejos.

Se nestas poucas linhas traçadas ao *correr da penna* encontrardes uma verdade, abraçai-a, e acompanhai-me.

Esmorecer quando a victoria se declara por nós, é loucura!

Rio, 27 de Julho de 1856.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. Paginas intimas I. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 1, p. 3, domingo, 31 ago. 1856.

Paginas intimas

I.

AOS INCREDULOS.

A recordação dessas longas horas da doce melancolia, em que minha penna, girando rápida sobre o papel, imprimia os meus mais caros e ínfimos pensamentos, levou-me a conservar um titulo que estimo bastante, porque traduz os desejos que por ventura possa alimentar. Esta pagina e as que se lhe seguirem são o resultado de alguns momentos de ocio, e que prefiro consagrar á *Saudade*, por que como o disse já, a *Saudade*, representa uma mocidade avida de inspirações. Embora alguns espiritos *retrogradados* encherguem nos seus esforços loucos desejos que se não podem realizar, a experiência tem mostrado que nem sempre esses esforços deixam de ser coroados de um êxito mais ou menos feliz. E o que não temos nós conseguido ?!

Há um anno que appareceu a *Saudade*. Os incredulos duvidaram da existencia que lhe prometiam, e, fiados em certos precedentes, contavam que ella tivesse a sorte de quase todos os jornaes litterarios desta capital.

Enganaram-se.

Seis mezes depois de seu apparecimento, e sabendo-se que ella proseguia em sua publicação, os incredulos do passado, e os do presente, fizeram *choro*, decidiram em seu alto conceito que a *Saudade*, menina apenas com seis mezes de existencia, morreria a mingua de alimentos.

Ainda desta vez os incredulos passados e presentes tiveram de recuar e não obstante os sacrificios que a filha querida nos custou, ella foi crescendo, crescendo até poder andar por seu pé, balbuciando com graça infinita – *papai, quero doce!*...

Suceddeu que muitos reclamaram a paternidade, e, em conclusão, a *menina* teve immediatamente uma dúzia de *pais*, que a um tempo lhe satisfizeram o seu capricho dando-lhe o *doce* preciso para se sustentar, sem auxilio *de ama*, seis longos mezes. Como porém alguns romanticos e poéticos achassem que o nome de menina importava o respeito devido ao bello sexo, entenderam que a *Saudade* não era mais que um modesto jardimzinho composto de flôres simples e sem aroma, as quaes podem encantar unicamente pela côr.

Deste numero sou eu.

Cultor acérrimo desse pequeno jardim, tenho plantado as mais modestas dessas flores, e consegui com bastante custo, adornal-o algumas pequenas plantas, que o tempo fará crescer e embellezar.

Seria imprudente se não declarasse desde já que reputo orgulhoso da minha obra, e daria de bom grado o que me possa pertencer da herança paterna, para fazer acreditar que trabalhei pela classe a que pertença, pois que desejo vel-a na altura a que tem direito.

Se algum representante das idéas *retogradas*, em que tive occasião de fallar já, puder alcançar o que temos alcançado em tão pouco tempo, dou licença que me chame tolo. E se tambem algum *Aristharco* encoberto entender que a nossa obra merece censura, peço um voto de agradecimento para todos aquelles que o appellidarem de *egoísta*.....

O futuro é nosso; trabalhem todos em comum; façamos do nosso modesto jardim uma obra gigantesca. Vinde, mancebos nobres e intelligentes, vinde ajudar-nos a plantar essas arvores immensas que a mão do tempo não póde derrubar. Repelli com desdém a capa de nulidades que as circuntancias vos forçaram a tomar, e fazei em torno de nós um círculo compacto, onde não possam penetrar essas aves agoureiras que nos ameaçam com o seu funebre *grunhido*. Queremos flôres para nos encatarem com seus embriagantes perfumes; queremos passarinhos que nos suspendam com seu canto doce e mavioso; queremos, em fim, esses cantos altivos e imponentes, que transportam, que arrebatam! No meio de tudo isto olharemos para o passado, veremos filhas da terra; a varidade das cores e dos perfumes compensará o muito que tivermos feito!

Fallo uma linguagem nascida do coração; dirijo-me a vós com essa confiança filha da mocidade e que faz calar qualquer sentimento menos linsongeiro; estou tão resolvido a acompanhar-vos, que de antemão esqueço os obstaculos que se nos antepozarem. Faço talvez o sacrificio de alguns sorrisos dos *crecos* modernos, mas Deos dotou-me de um natural pouco propenso á ambição, e desde já faço sacrificio *nas aras do Deos Vulcano*.

Rio 3 de agosto de 1856.

Xavier Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Lagrimas. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 8, p. 62-63, domingo 19 out. 1856.

Lagrimas.

A meu irmão

J. Rodrigues de Xavier Pinto.

Somos orphão, sobre a lousa
Em que nossa mãï repousa
Não poderemos orar;
Ambos proscriptos, errantes
Da terra natal distantes
Só poderemos chorar!

Chorar, sim, e ao nosso pranto

Juntar luctuoso canto
Por nossa mãe que morreu;
Aos Caéos erguer uma prece,
E resignados, que cesse
D'uma vez o pranto meu.

O pranto do filho querido,
Que verto e tenho vertido
Por ella, por nossa mãe....
E' uma dôr atroz, pungente
Que toda a vida se sente
E que outro igual não tem....

E pensar n'este momento
Que não pude o passamento
A seu lado acompanhar;
Dizer-lhe o ultimo adeus,
Receber dos labios seus
Expressões de consolar!...

Ver sua frente curvar-se
Ante a morte, e resignar-se
Aos decretos do Senhor,
Rodeal'a de carinhos
E chorar com os filhinhos
No meio da nossa dôr!...

Nada d'isto nos foi dado,
E teremos no passado
Esta atroz decepção;
Este dia d'amargura
Que nos imprime a tristura
Com prantos do coração

Ai! que o pranto vem agora!...
Pois choremos, muito embora
Por nossa mãe que morreu;
Té que a sorte mais propicia
Nos favoreça a primicia
Ir depor no tumulto seu.

Somos orphãos, sobre a lousa
Em que nossa mãe repousa
Não poderemos orar;
Ambos proscriptos, errantes
Da nossa terra distantes
Só nos resta ella chorar!....

Rio 10 de Outubro de 1856.

Antonio Xavier Rodrigues Pinto.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues Pinto. *Paginas intimas XIII*. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 13, p. 97, domingo, 23 nov. 1856.

Paginas Intimas.

XIII.

Qui c'est la?...

Meus charos leitores.

Estimarei que estas poucas e mal traçadas linhas vos vão encontrar na posse *pacífica* de uma robusta saúde, pois a minha ao fazer desta é boa, Deos louvado.

(Bis).

Amigos.

Tendes sem duvida sentido a falta de um certo X. que se occupou outr'ora com facecias de máo gosto, as quaes despertavam risos zombeteiros em alguns *caninos* de raça *caucasa*, que após muitos combates de... *dente* hiam em procura do antro cavernoso (pleonasma?) onde se occultavam das vistas dos mortaes?!

Se dizeis sim respondeis muito mal, pois que esse X. tendo consciencia do que era e do que valia, lembrou-se que não tinha nascido *pour faire l'esprit* (não de vinho) e buscando novos mares, novos climas, aprobeu nas praias do reino da Historia (se fosse dos *contos*) e qual outro dom *Quichote*, eil-o armado de lança e escudo combatendo essa entidade sublime que abrange tantos homens quantos foram os que entraram no diluvio!

Mas ahi, como em tudo que elle ha tentado, encontrou em cada facto uma *cabeça de Medusa*, em cada seculo uma *hydra de Lerna*!...

Não lhe valeram os sorrisos animadores de alguns amigos, não lhe valeram as promessas de *alguém*... o pobre X. tremia, duvidava e deixando pender os braços soltou ao ar lamentosos gritos, que echoando ao longo foram despertar outros não menos sentidos, não menos estrondosos!...

Ah! que então elle deu ao diabo os poucos momentos de prazer que gozára ao lado de certos *pascacios* que o lisonjeavam, esperando talvez que o fumo dessa lisonja o elevasse ao ar como qualquer balão aerostático...

Convencidos porém de que as ingratições de que o pobre X. fora victima, lhe tornaram o coração arido, foram pregar a outra freguesia, e em pouco tempo não havia em torno d'elle mais que meia dúzia desses *caninos*, que lhe ladravam, procurando moder-lhe as pernas.

O instante era solemne!

X. chama em seu auxilio os manes de todos os *rabiscadores de papel*, faz um gesto de afflicção, aponta para os seus perseguidores, e não querendo ver o que vae seguir-se fecha os olhos... e oh! mylagre estupendo!... pois bem, esses *caninos* que há pouco lhe ladravam, afagam-no agora lambendo-lhe as plantas!... Eis aqui a razão porque não tereis hoje as *paginas intimas* do costume.

Commovido ainda por este acontecimento, impressionado pelo perigo de que escapára, elle pede aos seus leitores a indulgencia que merece, até que possa continuar a invadir os pequenos estados d'esse reino collossal que se chama Historia!.....

Novembro 16 de 1856.

X.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. *Paginas intimas XVII*. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 17, p. 129-130, domingo, 21 dez. 1856.

Paginas intimas.

XVII.

MORTE AO ROMANCE

SUSPENDAM AS REFLEXÕES EM QUANTO – *fallo*.

(Variante da Fabia).

Truz, truz, truz.
 – Quem está ahi?
 – Creado da casa.
 – O que pretende?
 – Receber o importe de trez mil réis d’assignatura por seis mezes para o jornal a *Saudade*.
 – Não conheço d’esta fazenda por cá; naturalmente enganaram-no.
 – Perdão, sei o que faço; ha tres mezes que entrego a folha n’esta casa, e nunca se lembraram de dizer-me que não eram assignantes.
 – Essa é boa! Em nome de quem está o recibo?
 – Em nome de Agapytho Burromeu da Encarnação.
 – Sinto muito dizer-me que não existe n’esta casa ninguem d’esse nome... dê-me licença, tenho que fazer.
 E hia a fechar a porta.
 O cobrador impacientava-se.
 – Faça-me o obsequio de chamar uma senhora *velha* que tem tomado conta das folhas; quero entender-me com ella.
 – Porém...
 – Oh! *non de Dieu!* exclamou aquelle com um movimento de enfado bastante expressivo. O primeiro compreendeu que o negocio era serio, fez meia volta á direita e desapareceu. Cinco minutos depois apparecia a *velha* em questão.
 – Meu Deos! disse o cobrador á parte, não podiam infligir-me castigo maior do que o de olhar para esta *carantonha*.
 – Bom dia, minha senhora, disse elle.
 – Bom dia.
 Ella correspondêra ao cumprimento de uma maneira a provocar o riso.
 O infeliz cobrador não sabia como começar, todas as vezes que olhava para a velha sentia um calafrio percorrer-lhe pelas veias. Como porém era forçoso dizer alguma cousa, principiou:
 – Venho cobrar a importancia d’este recibo...
 – Hein? atalhou a *velha* sorvendo uma enorme pitada de rapé.
 – Um recibo da *Saudade*...
 – Não conheço...
 – Está visto, esta gente protestou fazer-me perder a paciencia, estaes enganados; hei-de levar a conversa até ao infinito.
 – Tanto conhece que é á senhora a quem entrego o jornal. Um jornal litterario, com uma capa *encarnadinha* quasi sempre... traz versos, romances, historia, etc., etc.
 – Aquelle papel que o senhor me entrega todas as semanas.
 – Adivinhou.
 – Romances, versos... mas isto é uma indignidade!... o senhor quer perverter minha filha...
 – Romances!...
 – E esta!.. inda agora sabe que o jornal publica romances; zombemos da velha.
 – Minha senhora, os romances instruem, deleitam e formam o nosso espirito. A sua leitura póde impressionar-nos, tomamos interesse por este ou aquelle personagem, e o resultado é que o nosso coração torna-se sensivel e bom. Por isso a menina mais innocente póde ler esta qualidade de escriptos; quanto aos versos, ah! minha senhora, os versos é a linguagem dos anjos!
 A velha parecia não escutar o paciente cobrador; a noticia de que o jornal que entregavam, trazia romances, produzia n’ella uma revolução geral.
 Sem responder a menor palavra, voltou-se para dentro dando ruidosos suspiros.
 Era de crer que hia seguir-se uma scena original.

Aquelle sorriu-se entre si, dispondo-se para tudo.

Pouco depois regressou a velha.

Segurava na mão o quer que fosse.

– Aqui tem, disse ella, atirando com um rolo de papeis ao cobrador, leve essa peste, e não me torne a apparecer aqui.

– Que significa isto?

– Isto significa que não quero mais em minha casa uma folha que ha transtornado a cabeça de minha filha... minha filha que era a innocencia personalisada!.. Se meu marido fosse vivo affianço-lhe que se não contentaria com isto. Ah! tempo, tempo!

O cobrador sentia immensos desejos de desbaratar com esta representante do outro seculo, conteve-se, e apenas disse, fazendo uma grande cortesia:

– Dou-lhe de conselho que guarde sua filha n’uma *rodoma*, olhe que os romances são uma das pragas do seculo!

O cobrador enterrou o chapéu na cabeça, e apressou-se em deixar uma casa habitada pela mulher mais original que ha visto em sua vida.

Rio, dezembro 17 de 1856.

XAVIER PINTO.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. A’ mocidade. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 4, p. 25-26, domingo, 26 mai. 1861.

O que esperamos.

A’ Mocidade.

I.

Ainda não perdemos os instinctos nobres e generosos que tendem a regenerar-nos. Temos fá, porque somos jovens; cremos, porque nos ensinaram a esperar. O passado representa para nós as provações de uma vida tempestuosa; preparemo-nos para a luta, e o futuro ha de rehabilitar o que temos de mau n’aquelle.

Há mais vida em nossas aspirações, porque as fortalece o fogo da mocidade. Não procurem anvenenal-as, e ellas darão o fructo que desejamos. Não se substitua o que a razão authorisa pelos preceitos da sociedade caduca, e deixem-nos trilhar livremente a senda que percorremos. Pregam-nos virtude? Promettamos-lhes a canonisação. Lançam-nos em rosto a desmoralização das classes libertadas? Que sigam o exemplo das suas. Fallem-nos da liberdade que nos concede o uso das nossas faculdades intellectuaes, mas não desvirtuem os principios que as fazem subsistir. A epocha não é para elles; se a temem, caem se, se a não temem, arrostem-na comnosco. Sigam a corrente protegidos pelas instituições antigas; se formos nós os arrebatados, zombem, riam-se, ou, se não generosos, como se inculcam, lastimem-nos, que os podendo imitar, fomos, impellidos pela nossa demasiada cegueira. E’ mais razoável isto, que procurar nas *bellezas* de um passado remoto a única taboa de salvação oara esta geração *corrompida e desmoralizada*.

E enthusiasmam-se, gritam, cansamse, e... morrem porque não são escutados. N’elles o excesso da paixão acompanha os excessos do passado que ennobrecem. Aviltam o presente por *dever*; o encargo foi-lhes transmittido de seculo para seculo. Vêde com que afan abrem as paginas da historia para nulifucarem as nossas tendencias. Remontam aos seculos bárbaros; querem que sigamos hoje o que fora destinado a introduzir uma *mania* qualquer. Associam a tudo a religião, e não distinguem as lutas generosas do christianismo, das lutas apaixonadas de um poder reconhecido, com os caprichos de outro poder que tenta supplantar aquelle. Assusta-os o encontro de duas raças, uma dominante, outra invasora; uma enervada pelos vícios mais hediondos, outra forte pelo sangue primitivo, e enchem-se de coragem, impam de orgulho quando veem dominar o exclusivismo que não admite reacções, que suplanta as tendencias regeneradoras, que subjuga os melhores instinctos, que mata, emfim, todas as aspirações!

E nasceram livres; aqueceram-se comnosco aos raios límpidos do sol da liberdade. Correlhes nas veias o mesmo sangue ardente da geração resgatada. Não viram o desabar tremendo das instituições antigas; não soffreram o choque immenso da velha com a nova sociedade; não lhes ennegreceu as faces o fumo da pólvora de cem batalhas; não sentiram fome; não os intiriçou a neve de montanhas inacessíveis; não os alimentou o pão amargoso do exilio; nasceram livres, e quixam-se, nasceram livres, e aviltam os que viram e supportaram tudo!

Quem são os ennobrecidos?

Quem são os moralizados?

Esgota-se-lhes a vida a lastimar o passado; crusam os braços, e associam-se ao presente só para o escarnecer!

Onde está a virtude?

Onde está o vicio?

II.

Não os escuteis. Cansa-se o espirito a repellir as suas prophcias, e não são estas as lidas que nos convem. Conspiram contra o povo que procura emancipar-se *pelo trabalho e pela união, pelo estudo e pela regeneração moral?* Fazei-vos fortes com as crenças que possuis, e serão baldados os seus manejos. Não vêdes que elles tentam resgatar o passado com os pretendidos vícios do presente? Afadigam-se para vos embrutecer, porque só assim poderão dominar-vos.

Nada de instrução, nada de lutas da intelligencia. Venham as lutas, mas as lutas barbaras que fazem dos homens feras, e da destruição uma bandeira. Quando a raça se houver extinguido, poderão edificar sobre a que vier o monstro social que imaginam. Trabalham ás escondidas, porque temem a luz; vivem nas trevas porque das trevas vem as suas instituições, e só d'ali é que elles poderão dominar seguros.

Não os escuteis, e trabalhei, que n'isso está o segredo de os inutilisar. Hão de cansar se, hão de cahir vencidos, não pela força bruta que os tornou senhores outr'ora, mas pelo progresso moral e material, pela rasão e pela justiça. Custa lhes isto, é verdade, mas resignem-se, e, se o não poderem fazer, abjurem. Ha espaço imenso para todas as aspirações; se estão gastos pelo continuo embate das paixões, associem-se á mocidade, que lhe transmittirá parte da seiva que a ennobrece. Não lhe coube as ideias do exclusivismo; abre os braços a todos que trabalham para essa regeneração que faz parte da sua fê; experimentai-a e vereis que a tendes sempre calumniado.

III.

O sentimento da emancipação das classes, nasceu com os primeiros lampejos da liberdade. O povo acreditou n'ella, porque robustecido pelas crenças do catholicismo, via realizar-se pouco a pouco o que este lhe havia promettido. Procuraram fascinal-o em as formas que occultavam os erros antigos, mas fôra rude a provação para que a forma prevalecesse. Combateu, esperou, e, de vencido que fôra, tornou-se vencedor. Rasgaram-se-lhe horizontes desconhecidos; ergue-se á altura que lhe competia, e, senhor ali, não o atemorizou a immensidade. Fitou tranquillo as gerações que substituíra, e comprehendeu que a luta não terminára ainda. Preparou-se de novo para combater com a idéa, a idéa que por si só valia tanto como os seculos que haviam passado; se conseguiu regenerar-se que o digam aquelles que veem na independencia da Italia o predomínio da raça Germanica. (*) Eram para assustar estas tendencias ousadas. Ante uma idéa que se abate e outra que se levanta, ante os preconceitos despresados e a igualdade reconhecida, como não esperar que a nova sociedade procurasse constituir-se pela união das classes, pelo estudo e pelo aperfeiçoamento das condições, pela grandeza moral emfim? O povo pediu instrucção – deram-lh'a, e deram-lh'a convencidos de que essa arvore gigante, productora sempre mas sempre despresada, daria melhores e mais abundantes fructos. Foi isto que mais assustou os *privilegiados*. Cintra semelhante liberalidade protestavam elles ha seculos, e continuaram a protestar. Instruir o povo era armal-o para a luta, era insinuar-lhe a sua grandesa, era tonal-o o leão que desperta acossado pelo inimigo, era, finalmente, tornal-o o unico arbitro da contenda que se preparava! Oh! elles eram previdentes e profetas; viam o *mal* e tentavam reprimil-o; viam a tempestade, e procuravam esconjural-a! Os sucessos posteriores não lhes desmentiram as previsões. Perderan-se, porque assim estava destinado. Os primeiros serão os ultimos, e os ultimos serão os primeiros.

IV.

E a mocidade embalada no berço pelos cantos alegres da liberdade, fortaleceu-se pela crença que lhe haviam innoculado, e aguarda tranquilla a epocha promettida. Enthusiasta, porque a não perturbam as paixões mesquinhas que enervam o espirito, applaude, contente, as manifestações que surgem por toda a parte; e bate-se contra as classes felizes para elevar as trabalhadores; contra a ignorancia para estabelecer o estudo como a base principal de sua felicidade.

Eu te saúdo oh mocidade nobre e generosa! eu te saúdo com enthusiasmo, porque pertencendo-te e participando das tuas aspirações, curvar-me-hei em breve contigo ante a bandeira da regeneração social. Eu te saúdo oh mocidade! porque, como tu, hei combatido, como tu tenho crenças e espero, e a mocidade triumphará!

A. X.

(*) Opinião dos *prophetas ultramontanos*.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. *Antonio de Gouvêa*. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 11, p. 87, domingo, 1 set. 1861.

Esboços Biographicos

Antonio de Gouvêa.

I.

Ainda um nome illustre que honrou a patria no estrangeiro.

A extranhos – e é isso commum entre elles – deve Portugal exprobações sem conta sobre a pobreza scientifica e litteraria d'aquelle em todos os tempos; mas dementido a essas expansões é o nome de Gouvêa, e de tantos outros que valem o mesmo que os melhores dos outros paizes.

Escondidos nas *bibliotecas*, porque não é da nossa índole honrar em *casa* quem nos honrou lá fóra, são esses nomes apenas o vestígio saliente da nossa grandeza passada, e só de poucos conhecidas são as suas acções.

E' que a leitura de um *in-folio* de tres seculos não vale a leitura do mais insignificante romance contemporaneo, *palpitante de interesse* e de... moralidade!

Senhores das aspirações de tantos, possuindo o segredo de captar-vos a attenção, são estes livros a *cartilha* da mocidade, e é raro ver-se n'ella a leitura sã e instructiva, como elemento principal para mais uteis e nobres aspirações.

Mas cabe-nos o orgulho da excepção a tal respeito.

Em nosso pequeno círculo não esquecemos Fernam Lopes, o pai da nossa historia; João de Barros, o *Tito Livio* portuguez; Diogo do Couto, seu digno successor; Damião de Gões, o insigne erudito; André de Rezende, o antiquario admirado dos mais sabios estrangeiros; Jeronimo Osorio, o erudito e eloquente; Fernam Mendes Pinto, o curioso; Duarte Nunes de Leão, que illustrou em larga escala o seculo mais brilhante da nossa litteratura; Amador Arraes, o conceituoso e elegante dialoguista; João de Lucena, cuja *Vida de S. Francisco* é um modelo de energia e pureza de lingua; Frei Bernardo de Brito, e os dous Brandões, que na *Monarchia Lusitana* construíram a base da historia patria; Frei Luiz de Souza, que excedeu a todos em pureza de linguagem e energia de conceitos; Dom Francisco de Mello, o archaista; Antonio Vieira, o classico mais authorisado, o grande prégador, o insigne missionario, o politico profundo; Manoel Bernardes, seu acerrimo imitador; e tantos outros clássicos antigos, onde podemos preparar o espirito para estudos serios, em relação ás nossas forças.

E não há sido em vão o appello que nos tem feito as intelligencias cultivadas e os espíritos amadurecidos.

As associações litterarias – cursos modestos d'estes estudos – crearam a necessidade de repetidas consultas a esses escriptores, e é n'elles que vamos procurar a origem da historia – viciada pelos authores extranhos – como o principal ponto de partida para uma discussão

reflectida e conscienciosa, ou para um escripto – singelo – mas fiel quanto aos factos que descrevemos.

E o amor pela patria, e o desejo de honral'a com ações dignas della, identificam-se n'essas leituras, porque a consequencia logica dos factos leva-nos a não ceder aos outros em feitos pelas armas, e gloria pelas letras! Recrê-se o espirito e adquirem-se os conhecimentos necessarios para seguirmos o exemplo – bem que de longe – dos que se entregaram exclusivamente a esses estudos.

Nascem d'essas consultas os pequenos *Esboços Biographicos* que tenho escripto.

Loucura seria pretender para elles a attenção dos homens feitos em lides litterarias.

São estudos das horas de ocio, que dedico áqueles que, como eu, limitam as suas aspirações ao *pequeno mundo que creamos*.

Instruir-me, lembrar aos meus alguns nomes dignos da nossa consideração e respeito, eis o fim que tenho em vista com estes escriptos.

Que o fim sirva de desculpa á imperfeição d'elles.

A. X.

(*Continúa.*)

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Antonio de Gouvêa. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 12, p. 100-102, domingo, 15 set. 1861.

Esboços Biographicos

Antonio de Gouvêa.

II.

Antonio de Gouvêa, mais conhecido entre os juriconsultos pelo apelido de Gouveano, nasceu na cidade de Beja, o anno ignoro-o, porque os livros que consultei dão apenas a data do seu fallecimento.

Foram seus pais Affonso Lopes Ayala, nobre castelhano, e Ignez de Gouvêa, filha de Antão de Gouvêa, cavalleiro professo na Ordem de Christo.

Em tenros annos, e acompanhado de seus irmãos Marçal e André, partiu Gouvêa para Paris, onde seu tio occupava o lugar de Reito do Collegio de Santa Barbara, celebre pelos homens eminentes que deu ás sciencias e ás letras.

A' perspicacia de Diogo de Gouvêa, seu tio, não escapou a intelligencia precoce que desde logo mostrou o menino Antonio.

Se os laços de sangue impunham áquelle o dever de vigiar pelos estudos d'este, a percepção que lhe notára mais augmentou essa vigilancia.

As humanidades e a philosophia, foram os estudos em que elle se aprimorou. Dotado do estylo elegante, fácil e puro que distinguiu os escriptores do seculo de Augusto, em breve deu ao publico algumas obras em latim, as quaes chamaram, como era natural, a attenção dos mais competentes.

Pedro Ramos, famoso antagonista da eschola philosophica de Aristoteles, teve de ceder em renhida disputa aos eloquentes e persuasivos argumentos de Gouvêa, que professava de coração as ideias d'aquella eschola. Com isto e com as provas que déra da sua maestria em manejar a penna na lingua de Virgilio, assegurou Gouvêa a sua reputação.

Mas traçára-lhe a phantasia horisontes mais largos. A jurisprudencia, estudo a que se entregavam por aquelle tempo, e com affinco, muitos homens que são hoje reputados mestres, chamou Gouvêa a Tolosa, e da Universidade d'esta sahiu elle em 1539, acompanhado da reputação de eminente n'aquella sciencia.

Emilio Ferreto, famoso juriconsulto, que residia então em Leão, conhecedor do merecimento de Gouvêa, convidou-o a ir leccionar na Universidade de Avinhão, para que a todos aproveitassem os *thesouros de sabedoria*, de que este era senhor.

Um convite tão honroso, e feito por tão grande engenho, não era para recusar-se.

Gouvêa obedeceu promptamente, e as previsões de Ferreto não foram desmentidas.

Breve a fama d'aquelle voou pelas outras Universidade de França, e todas á portia procuravam possuir um mestre tão insigne.

Tolosa, Valença do Delphicado, Cahors, e Grenoble, eis os lugares que applaudiam os triumphos de Gouvêa, porque se no interior d'essas Universidades elle fazia ouvir a sua voz authorisada e eloquente, os seus discipulos eram os proprios a vir cá fóra louvar e honrar o mestre.

Não se reduziam, porém, as prelecções de Gouvêa ao limitado circulo de seus discipulos; muitos mestre de jurisprudencia, chamados pela reputação d'aquelle, vinham certificar-se da verdade d'essa competencia tão apregoada e louvada.

E não desmentiam os factos a causa d'esse alvoroço, porque a *delicadesa com que elle penetrava as difficuldades mais insuperaveis, a promptidão com que respondia aos argumentos mais nervosos, e a facilidade com que conciliava os textos antinomicos*, grangearam-lhe a admiração de Alciato, Duareno, Cocio, Renardo, Baldoino, Buder, e Fabro, pleiade distincta que escutava, suspensa, as lições de Gouvêa.

Deviam estas preferencias e atenções despertar os animos invejosos, mas sobranceiro a todos proseguia elle em sua missão. Os talentos reaes que o comprehendiam, curvavam-se ante elle; os falsos talentos, aquelles a quem a vaidade tolhera os melhores instinctos, passavam sorrindo, mas pareciam os olhos desmentir a lealdade do cumprimento.

Testemunho dos primeiros é Jacob Cujacio, o principe dos jurisconsultos de então, que não obstante receiar que lhe fosse arrebatada a palma por Gouvêa, menciona-o assim nas *Not. ad. Ulpian. titulo 6.º – Antonius Gouveanus cui ex omnibus quotquot sunt, aut fuere Justinianoei jur interpretibus, si quoramus quis unus excellat, palma deferauda sit.*

Lavravam então, e com grande intensidade, as ideias reformistas, introduzidas por Luthero e Calvino. O que fora em principio uma pequena fagulha, tornara-se em pouco um immenso clarão. Todos os escriptores catholicos procuravam refutar as doutrinas d'aquelles fanaticos, e a Igreja, exhausta pelos excessos, tentava rehabilitar-se, e comprehendendo a sua missão santa e nobre, reprimir a torrente ousada que, d'Alemanha, buscava invadir os outros Estados firmes nas crenças legadas pelo Homem Deus.

Não fora Gouvêa indifferente a estas manifestações.

Em uma pequena obra notável pela energia de conceitos, escudada pelas crenças que lhe vigoravam n'alma, e ainda mais pela irrisão pungente a que expunha a doutrina dos reformistas, refutou elle alguns livros de Calvino.

Perdoára este a convicção com que o primeiro fallava da religião do cruzificado, mas a irrisão ao que elle chamava – verdadeira doutrina – isso nunca Calvino perdoára.

E para que não restasse duvida consignou-lhe algumas linhas no *Tratado dos Escandalos*, onde Gouvêa é acoimado de *atheista, sacrilego*, e outros semelhantes epithetos!

Mas o que importavam estas expansões despeitosas, se Gouvêa era justamente apreciado, e não faltavam escriptores que protestassem contra as asserções de Calvino?

Não foram estas pequenas contrariedades, bem a quebra da consideração e respeito com que Antonio de Gouvêa era tido, que o levaram a deixar a França, que elle amava como se fora sua patria.

Os tumultos e as guerras civi que envolviam aquelle paiz, e o honroso convite que lhe fora feito por Manoel Felisberto, Duque de Saboia, o resolveram a sahir de França.

Fundára o Duque em Montdevis uma Universidade, e ambicionado para mestre aquelle que tanto se distinguira em França, procurou chamal' o a si, o que conseguira pelas razões já expostas. Se nas outras fora honrado de collegas, aqui era um Principe, notável a tantos respeitos, que disutava as occasiões de honra-l' o, e de tal modo o fez, que lhe estabeleceu larga pensão, nomeando-o pouco depois seu Conselheiro.

Ali casou com uma senhora muito distincta, de quem teve a Manfredo de Gouvêa, herdeiro não só da sua sciencia juridica, como dos lugares honoríficos que seu pai occupára.

Em Turim, no anno de 1565, como pretendem Thuano, Moreri, Pope Blount, Hosmano, Capassi e Simon; Elias Vineto em 1587, e Nicoláo Antonio em 1597, falleceu Antonio de Gouvêa, cuja memoria ha de ser sempre venerada dos seus e extranhos.

Antonio Fabro, Nicoláo Antonio, Hoffman, Frehr, Frei Bento Jeronymo Fojjô, Moreri, Pinello, Carvalho, Menochius, Capassi, Guichenou, Soares de Britto, Pasquier e muitos outros authores, comsagram-lhe lisongeiras paginas, apresentando-o como grande jurisconsulto, profundo philosopho e excellente prosador e poeta.

As suas obras, espalhadas por diversas bibliothecas de França e Italia, são numerosissimas, e constam de assumptos de direito na maior parte, e algumas de commentarios ás obras de Virgilio e Cicero, e outras de poemas sobre diversos assumptos.

O leitor curioso poderá recorrer á *Bibliotheca Portugueza* de Barbosa Machado, onde vem, por extenso, o cathalogo d'essas obras.

A. X.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. A Associação. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 52-54, domingo, 13 jul. 1862.

A Associação.

I

Venho tambem inscrever o meu humilde nome sobre a modesta columna que o *Gremio Litterario Portuguez* ergueu ha seis annos na senda do progresso. A voz que o pronuncia é debil e tremula; anima-a porem a ideia de que não será abafada pelos cantos entusiastas dos ennobrecidos da intelligencia. Não medra a planta sem os desvelos do bem cultor; nem se abrem as flôres sem os raios do sol tepido e brando. O vôo arrojado da águia não tolhe o vôo timido do passarinho; uma e outro têm por si a immensidade; uma e outro hão de attingir o ponto a que se dirigem. Se o Creador deu á primeira a força que inspirava respeito, deu ao segundo o trinar doce e agradável que vai ao coração. Ergue-se, altivo, o cedro na montanha; ao vêr-se sente-se o espirito, como fascinado, subir ás suas alturas, e depois, quase a medo, incerto, vacillante, descer de novo para se embevecer todo na majestade da arvore; mas se, bem perto, rasteja escondida a mimosa, florinha, que o orvalho da manhã faz pender mais para a terra, o seu perfume encanta e fascina igualmente os sentidos, e se ante o cedro nos achamos pequeninos, ante esta folgamos apparecer, e o coração pulsa mais livre e desassombrado. Não sou o passarinho nem a florinha, mas diz-me a consciencia que necessito de toda a vossa benignidade para inscrever o nome que se balbucia agora neste recinto.

II

Nobre pelos instinctos, grande nas aspirações, é do povo que tem sahido o germen prodctor que há de preparar pouco a pouco a regeneração das classes menos favorecidas. Viu-se durante muitos seculos as classes privilegiadas, as mais fortes, procurando dominar as mais fracas. Succediam-se as lutas – lutava-se pelo predominio de uma raça –, vencedores e vencidos erguiam-se de novo para combaterem outra vez, mas nunca essas lutas foram em proveito do povo. Roma orgulhosa e senhora absoluta do mundo; Roma devassa e corrompida pelos excessos vertiginosos dos grandes; Roma pagã preparando nos circos o ignominioso martyrio dos christãos; Roma decahida e trucida buscando levar comsigo ao abysmo os invasores; Roma, emfim, não teve jámais para o povo um daquelles seus esforços de gigante, que a tornaram por tantos annos o arbitro supremo dos destinos do mundo! A palavra cheia de unção de Jesus Christo conseguiu adormecer por algum tempo a sanha dos oppressores; mas após o sacrificio do Golgotha, despertaram de novo, e com mais violencia, as paixões, e o povo continuou a ser uma machina passiva, subordinada a certos movimentos, que nunca eram livres de mais porque convinha tirar de si, lenta e gradualmente, o maior partido possivel. E' que o braço, movido por impulsos rapidos e repetidos, poderia pender cansado.

Siga-se a historia através dos seculos:

Nas lutas do christianismo invasor e o paganismo dominante; no longo perioso das cruzadas; no estabelecimento do poder monastico; nas guerras civis – consequencia immediata

da ambição de dominio; nas contendas entre o fanatismo enraizado e o feudalismo precursor; nas intrigas dos papas que procuravam firmar o poder theocratico; nas guerras religiosas suscitadas pelo apparecimento de Luthero e Calvino; na descoberta e conquista de mundos desconhecidos; sempre, e em tudo vereis sobresahir uma ideia mais ou menos nobre, mais ou menos grandiosa,—nunca, porém, destinada a elevar o povo, a colloca-lo no lugar que lhe competia, porque fôra com elle, fôra o sangue deste novo *Antêo* que fecundára a terra que os senhores em um momento de desanimo, talvez, haviam abandonado por esteril! E valia muito o povo, tanto que da seiva dele se alimentaram por tantos seculos os escolhidos! Arvore gigante, curvada ao peso do fructo, para o qual não havia estações, porque se renovava constantemente, recrudescia, sem jámais saciar os desejos desses novos *Tantalos* que o acaso privilegia! E illudiam-o sempre com promessas; não o illustravam porque o seu embrutecimento assegurava o dominio dos poderosos; e quando, semelhante ao leão que a jaula sopeou por muito tempo, até que por um supremo esforço consegue despedaça-la para se precipitar furioso contra os oppressores; assim o povo, desperto alfim do seu longo dormir, commeteu excessos, vingou-se do martyrio de tantos annos, e calumniaram-o, chamaram-o barbaro, estúpido e feroz, porque fôra tão corajoso e sobrebo então, como fôra submisso e cobarde outr’ora!

III

A revolução franceza de 1789 nivelou todas as condições. Fôra terrível o encontro das novas ideias com os preconceitos antigos. Começava a expiação. Uns viam arrebatar-se-lhes o que custára seculos de lutas, de sacrificios sem numero; outros viam surgir ao longe, em um céu sem nuvens, a estrella precursora dos dias de liberdade. (...) Cada seculo tem o seu caracteristico; neste retrata se a índole dos povos, e se a grandeza dos feitos praticados está na maior quantidade de bens que provierem delles, 1789, para os não insufflados das ideias de privilegio, conseguiu dividir entre oppressores e opprimidos certo equilibrio de poder que obstará sempre os abusos de poder maior. Dahi a unificação das classes, dahi os elementos que tendem a regenera-las.

IV

Semelhante á lava volcanica, varrêra o solo esteril a espada de Napoleão. Vêde-o: é o genio das batalhas, soltando o vôo de águia para levar ao amago dos povos a certeza da suas força. Baquearam thronos, estremeceram outros; e do amargoso exilio, muitos soberanos que representavam directamente o poder hereditario e exclusivo, viam pouco a pocuo substituir aquelle e direito do mais forte como succedêra com os primeiros. Alluída até aos alicerces, via com pasmo a Europa abolidos os nomes consagrados, e surgirem outros que ninguem ouvira até ali, e cuja nobreza fôra conquistada nos campos de batalha. Conscio do que valia, já não era o povo a machina bruta da vontade dos predestinados, e prevenido, porque o não illudiam mais as exterioridades brilhantes da realeza, acompanhava ameaçador as lutas em que se empenhára. E venceu. Assenhoreára-se das prerrogativas que lhe haviam contestado, e descansando de afanosa lidas, antepôs à reacção uma barreira infraqueavel. Fôra dolorosa a provação para que se deixasse manter de novo.

V

E prosseguiam as calumnias. Vencido, zombavam dele; vencedor, calumniavam-o. Havia, porém, ainda uma arma terrível para o combater. Braço a braço, nos campos de batalha, ao ribombar do canhão, ao sibilar das balas, aos gritos entusiastas da victoria, já elle déra provas immensas da força de que dispunha. Mas no remanso da paz, no lar domestico, ao lado da familia, orando no Creador, roteando os campos, alegre, expansivo e generoso, devia esquecer que fôra soberano, e convinha subtrahir-lhe os unicos meios de defesa, caso tentassem de novo chama-lo á vida da servidão. Limitem-se a um ponto determinado as sciencias, as artes, o commercio, a industria, que o povo, habituado ás trevas, há de tactear na senda que lhe traçaram, e tacteando há de cahir outra vez. A instrucção para o povo? Pois precisa o povo de instrucção para viver feliz? E se o instincto lhe dizia que só pela instrucção conquistaria elle os elementos de um povir mais desassombrado, havia muitos apóstolos da verdade dos claustros, que se ofereciam para premuni-lo contra as perigosas doutrinas dos evangelistas das ideias novas. O que prégavam aquelles era: o campo esteril, por sobre o qual só se vêm agitar, como em agonia dolorosas, as folhas das

parasitas; o campo nú, despido de toda a vegetação, sombrio e triste como se a desolação o houvesse atravessado. O que lhe dizia o instincto era: o campo florido, coberto de arvores frondosas, e cuja sombra anima e faz crescer as pequenas plantas que as rodeiam; o campo revestido de todas as magnificencias da natureza, e ante as quaes a vista embevecida se demora admirando e louvando a mão prodigiosa do Creador. Symbolisai o povo nestes dous campos, e dizei que preferis o povo embrutecido, porque neste estado não se desmoralisa, embrutecido é um povo modelo, um povo feliz! Não o calunnieis, que é dele que partem os instinctos mais generosos.

VI

O apostolado, porém, das doutrinas dos fanaticos, não surtiu effeito que imaginaram. Eram vividas as crenças; o povo nunca renegou a fé. Se a fé o havia conduzido através dos seculos, agora que a fé trouxera a esperança, agora que ambas se alliavam ao futuro, não seriam aquellas doutrinas novo incentivo para uma apostasia. E o povo creu e esperou. Os livros que podiam instruir e deleitar não foram abolidos; as escolas multiplicaram-se, e outros apóstolos, inspirados pelo exemplo do Homem-Deus, prégarão a nova geração a palavra santa de um novo Evangelho. Uni-vos: creai a associação, porque a associação aproxima as classes, tira-lhes o ciúme da preponderância, e conquista para a civilização resultados incalculaveis. A associação aprimora a intelligencia: é a luz deslumbrante que se reflecte no progresso; a associação, emfim, crêa o amor ao trabalho, e o trabalho é o sopro benéfico do Omnipotente, que anima e da vida ao que parece extinguir-se.

VII

E as associações appareceram por toda a parte. Entre nós, ha poucos annos ainda, a mocidade do commercio, á qual sobrava intelligencia, mas faltava o incentivo, gastava talvez as horas de ocio nos lugares onde cada minuto de existencia vale tanto como um anno de vida no mundo da realidade. Veio a associação, e a mocidade, rica de crenças, ambiciosa de illustrar-se, creou estes e outros pequenos laboratorios de intelligencia, onde as horas de trabalho se contam pela pulsações do coração, tão rapidas e tão alegres se deslizam ellas. Ao *Gremio Litterario Portuguez* cabe a gloria de iniciar o principio de associação popular. Ennobrecer desta terra hospitaleira, que a todos abre os braços, o paiz em que nascemos; contribuir com o seu pequeno contingente para a illustração da classe, eis o fim da modesta associação que tem a honra de reunir-vos hoje.

E eu, o mais infimo de quantos ahi estão, saúdo do intimo d'alma os nossos irmãos de trabalho que se quiseram associar a esta festa da mocidade, e deponho no altar sagrado do progresso o humilde tributo que me inspirou o coração.

A. XAVIER R. PINTO.

PINTO, Diocleciano David Cesar. As margens do meu Douro. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 4, p. 30-32, domingo, 26 ago. 1855.

As margens do meu Douro.

Oferecidas ao joven poeta portuguez

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Vou tanger as frageis cordas
De meu plectro peregrino,
Saudar as margens tão ternas
De meu Douro chrystalino,
Erguer-lhes saudoso canto,
Vou envolto em triste pranto
Proscripto dellas á tanto

Tempo, pelo agraz destino

Vou recordar os lugares,
As plagas onde nasci;
Esses retiros tão caros
Mui felizes para mim;
Essas margens tão formosas,
Onde em éras mui ditosas
Agradaveis, deleitosas,
Venturoso me sorri.

Essas margens que sem conto
Tem ferteis, viçosos prados,
Pelos fluxos de meu Douro
Mui brandamente banhados;
Lindas arvores singellas,
Onde em frondentes capelas
As mimosas philomellas
Desfitão seus gorgeados.

Tem margens de meu Douro
Pitorescos parreiráes,
Singellas choças de colmo
E palacios sem rivaes;
Tem florestas estendidas,
Silvados, mil avenidas,
Onde em horas esquecidas
Ergue o mocho os tristes ais.

Tem castenheiros frondosos
Sem nunca mais acabar,
Onde canta o melro preto
De ramo em ramo a pular;
Onde o pintasilgo grado
Sobre um raminho parado,
No seu risonho trinado
Nos ensina, terno amor.

Tem solitarios desertos,
E páramos descampados;
Campos pingues de verdura
Por mil salgueiros cercados;
Puras limphas chrystalinas,
Serras, alpestres, colinas,
Ond'em horas matutinas
Solta o pisco os pipilados.

Tem campinas, onde alegre
Folga, brinca, sem sessar
O Zagal, quando contente,
Leva o rebanho a pastar;
Onde trabalha entretido
O lavrador embebido
Em seu labor aguerrido
Té a noite se aproximar.

Tem vergeis de lindas flores,
 Numerosos laranjaes:
 Tem de cedros um sem fim
 Espaçosos olivae;
 Tem cabeços elevados,
 Penhascos alcantilados,
 Largos montes encrespados,
 Altaneiros pinheiraes.

Tem varzeas sempre floridas
 Pela relva verdejante,
 Grato adorno da natura,
 Mostrando a vista incessante.
 Tem boscagens d'espessura
 Onde em seus hymnos tão pura
 Com singelleza e ternura
 Geme a rolinha constante.

Tem cercas de murta e buxo,
 Empinadas carvalheiras,
 Perdidas pelas ribadas
 Das amenas cordilheiras,
 Tem boninas multicores,
 Saudades, cravos, amores,
 Camellias com seus primores,
 Violetas e trepadeiras.

Tem emfim tudo qu'è bello
 Caras margens de meu Douro,
 Tem arcanos de poesia,
 C'roas e ramos de louro;
 Tem regatos e ribeiras,
 Mui viçosas amoreiras
 E mil frondentes nogueiras
 De grandezas um thesouro.

E choro distante agora
 De tanta belleza assim!...
 Choro exilado esses climas
 Que m'encantarão a mim.
 Choro sem ter desditoso,
 Quem a meu lado saudoso
 Verta pranto caudoloso
 Que chore commigo alfim.

A ti pois, que amas, poeta,
 Proscripto tambem como eu,
 A minha patria qu'adoras,
 Tambem caro berço teu,
 Qu'em tua lyra, divinos
 Ergues aos céos castos hymnos,
 Eu offerto estes mofinos,
 Toscos sons do peito meu.

Aceita-os; são sem fluidez,
 Sem metro, sem harmonia;
 Mas gerados em minh'alma
 Entre a dor entre a agonia.
 São de saudade e amargura
 Recordações de ventura,
 Não são cheios de ternura
 Como os teus e melodia.

Diocleciano David Cesar Pinto.

PINTO, Diocleciano David Cesar. O Mendigo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 15, p. 119-120, domingo, 18 mai. 1856.

O Mendigo.

A' porta d'um templo
 Um velho chorava,
 Esmola pedia
 Ao povo que entrava.

Matai minha fome,
 Oh vós que passais!
 Irmão socorrei-me,
 Qu'a vida me dais!...

Palavras ao vento
 O pobre soltava...
 De dar-lhe uma esmolla
 Ninguem, se lembrava!

Coitado! coitado!...
 Algum la dizia;
 Mas outro passando
 Do triste se ria!..

Os grandes senhores
 Entravam, saíam,
 E tão distraídos
 Qu'o pobre não viam.

O corpo tremia
 Do pobre faminto;
 Cahio sobre a porta
 Do vasto recinto.

Socorro!... socorro!...
 Afflicto clamava,
 Em todo o circuito
 Sua voz troava.

Então muito povo
 Chegou para ver,
 O que sucedeu

Queria saber.

Com voz moribunda,
Filha d'agonia,
No meio da turba
Elle assim dizia.

“Socorro voz peço
“P’ra mim não e não,
Peço p’ra meus filhos
“Vossa protecção...

“Coitados!... valei-lhe!
“Ah! por compaixão!...
“Que morrem á mingua
“Sem ter um só pão!!!..

“Que queres, ó morte?
“Ah!... deixa-me, oh! sai!...
“A mãe já levaste,
“Agora!... seu pai!!...

O misero velho
Assim expirou,
Delirante a Deus
Su'alma enviou.

Não sabeis quem era?...
Tambem eu não sei!...
Só posso dizervos
Já servio ao Rei!

– Onde estão seus filhos?...
– Jamais procuraram!...
E do infeliz velho
Jamais se lembraram!...

Abril 16 de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

PINTO, Diocleciano David Cesar Pinto. Saudades. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 4, p. 31-32, domingo, 21 set. 1856.

Saudades

Oferecidas, em resposta a poesia que me dedicou o Illm. Sr. Francisco Coelho Martins da Costa.

Tua lyra recorda-me, amigo,
Os folgedos da terra natal
Os folgedos, tão doces, tão ternos,
Que passei lá meu Portugal!...

Esses dias dourados da vida

Eu tambem lá passei mui ditoso,
Esses prados cobertos de flores
Quanto são para mim saudosos!!!

D'uma mãe extremosa as doçuras
Eu tambem, n'esse tempo gozava!
E mil beijos tão doces!... tão puros!...
Com amor e ternura me dava!

Mas agora... as saudades só sinto
D'essa minha passada ventura,
D'essa vida tão cheia de flores
Só me resta a mais negra amargura!...

Essas flores tão lindas murcharam
Aos dous lustros da vida innocente,
Sobre espinhos agora caminho
Só saudades me vagam na mente!

Ellas embora! Olvidemos amigo,
As venturas que já lá passaram!...
Caminhemos proscriptos agora,
P'ronde os altos decretos marcaram!...

Rio de Janeiro 10 de Setembro de 1856.

Diocleciano David Cesar Pinto.

PINTO, José Rodrigues de Xavier. Fragmento de uma carta. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 2, p. 11-12, domingo, 17 fev. 1856.

Fragmento de uma carta.

Meu Irmão. Há momentos na vida do homem, em que o pensamento, abrangendo d'um só relancear d'olhos esse espaço immenso, a que se chama terra, vae fixar-se nos objectos que lhe são charos, e que estão bem longe d'elle. Succede-me isto, quando as decepções da minha vida commercial me sepultão n'essa melancolia profunda, que nos obriga a esquecer, por um instante, do que somos, e de que existimos.

Foi n'um d'esses momentos, e quando pensava em ti, meu irmão, que me procuráram para entregar-me um maço de papeis que tinhas remetido ao Sr. A. N. de Castro. Não sei porque presentimento, disse eu, que era alguma cousa tua que ali se occultava. Abri, e achei alguns Jornaes. Confesso-o, não esperava por uma tal surpresa: julguei que seria outra cousa, porque sabes que os Jornaes, principalmente os *politicos*, não me occupam as horas vagas. Com tudo, obedecendo a uma voz secreta desenrolei ao acaso uma d'essas folhas, e li – *A Saudade*, publicação litteraria e instructiva. Bom, disse eu, o nome indica alguma cousa, vejamos o resto.

Percorri com os olhos algumas paginas, não esperando que a mais agradável das surpresas me estivesse preparada. Li o teu nome sob um artigo que tem por epigraphe – *Physiologia do Casamento*. Comprehendes a avidez com que eu procuraria ligar áquelle os outros artigos. Li, tornei a ler, e reflecti por fim. Pobre rapaz, disse eu mentalmente, bem cedo principiaste a trilhar uma carreira espinhosa e difícil; se não ligares á tua occupação a importancia que merece morrerás de fome.

Camões, Tasso, Bocage, Francisco Manoel e muitos outros tiveram por mortalha um triste lençol; e tu, pigmeu a par d'elles, não esqueças que esta terra tão boa para dar filhos uteis, é parca para alimentar-os... Foi esta a primeira impressão, passou bem depressa, devido isto talvez á volubilidade de meu character.

Comquanto não tenha a honra de conhecer nenhum dos mancebos, que illustram a *Saudade* com seus estudos litterarios e instructivos; peço-te que lhe faças sciente de que a sua nobre empreza despertou aqui um sentimento bem doce e agradável. Todos queriam ler, todos desejavam identificar-se com os pensamentos d'amarga saudade que nutris longe da patria; e depois de um momento de reflexão disseram commigo:

“Somos todos Portuguezes!... aquelles que foram forçados a deixar a patria, dão-nos um nobre e edificante exemplo d'amor ao paiz, em que nascemos; unamo-nos todos e procuremos minorar-lhes d'aqui as saudades que alimentão por elle.

Porto, 10 de Janeiro de 1856

J. R. Pinto.

PINTO, José Rodrigues de Xavier. O Padre Antonio Vieira. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 33, domingo, 9 mar. 1856.

LITTERATURA

O Padre Antonio Vieira

I.

As tradições podem ser intimas e passageiras, podem esquecer de um momento ao outro, ou podem conservar-se perpetuas e invariaveis. A mão do tempo imprime n'ellas o caracter que as deve levar á posteridade, e formar d'ellas um livro aberto em que a multidão e os curiosos possam aspirar o aroma vital, permita-se-nos a expressão, que animou aquelle ou aquellas cousas que formaram essas tradições. Às vezes aspira-se esse perfume sem que a sua influencia, operada logo, nos conduza ao passado; outros, e por effeito contrario, sentimos que vivemos no tempo que essas tradições nos transmittio e pintou o que vemos com ellas os brilhantes ornamentos que formarão a pagina dourada d'esse livro de muitos seculos.

II.

A historia portugueza encerra muitas d'essas tradições grandiosas. Quasi sempre um sentimento qualquer nos anima quando a abrimos. E comtudo não é sempre o sentimento da admiração e respeito que obriga ao homem a procurar n'ella os factos; quasi sempre a curiosidade ou a distracção preside a essa leitura; e esquecemos que revolvemos as cinzas de um passado de gloria, e que o presente é mesquinho de mais para que possa ser comparado com elle. Mas entre essas tradições algumas ha que não podem nem devem ser recordadas sem que primeiro nos habituemos com a idéa de que ellas são eminentes de mais para que possam a apresentar-se em publico despidas d'esse tributo respeitoso que lhe devemos e que se identifica com ellas.

É por isso que antes de começarmos a relatar factos quizemos precedel-os de algumas reflexões. Sejam desculpadas em attenção ao sentimento que as anima.

III.

A biographia do Padre Antonio Vieira é conhecida de todos. O seu nome encerra um seculo de gloria, e o prestígio d'elle sôa mais alto. Não a publicamos com tenção de occupar o lugar mais modesto entre aquelles que d'elle tem tratado. Fazemol'-o por um dever, e porque achamos n'ella esse passado grandioso – o Portugal de D. João I e de D. Manoel.

Relevem-se-nos as faltas, porque tambem nada mais queremos nem pedimos.

Porto, 20 de Janeiro de 1856.

J. Rodrigues de Xavier Pinto.

PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 8, p. 57-58, domingo, 30 mar. 1856.

Os meus sonhos

ou

A herança de meu tio

Novella.

Era eu então ainda moço, e, todo entregue ás ardentes preocupações do presente, despresava completamente o passado. Altivo, como todas as pessoas da minha idade, dotado de forças ainda não gastas nem experimentadas pela vida, de nada duvidava, regojisava-me nos meus contemporaneos. Quando volvia os olhos para o passado, não via senão preconceitos, superstições ou servilismo; a minha geração parecia-me abrir na realidade a historia, e carregar com o mundo como Atlas.

D'aqui se originaram os meus soberbos desdêns por tudo quanto não era do nosso tempo. Escarnecia das modas antigas as velhas usanças faziam-me alçar os hombros, e fugia das pessoas de cabellos brancos! Orphão quase desde o berço, tinha crescido no meio de companheiros da minha idade, sem parentes e sem amigos, cujo affecto podesse reconciliar-me com a velhice: por isso ella me desgradava igualmente nas pessôas e nas cousas; quando não me fazia rir, causava-me medo. A minha existencia era alegre, ainda que longe da patria querida, trilhando a espinhosa carreira da vida. Arrebatado pela atividade febril da moderna sociedade, sentia prazer em fazer n'ella as minhas provas. Semelhava-me ao joven nauta, que se diverte em lutar com as ondas; mas por vezes o cansaço sobrevinha, e os meus desejos eram então de encontrar uma praia do meu Portugal, onde me assentasse, e um raio de sol para me aquecer. Encerrado nos limites de uma estreita mediocridade, desejaria possuir essas azas de ouro, que fazem vencer as distancias. Obrigado a cuidar sobretudo em mim para viver, queria ter vagar de pensar nos outros para os servir. Um inesperado acontecimento veio arrancar-me aos meus trabalhos, foi um sonho que tive: soube a morte de um tio do qual nunca tinha ouvido fallar, e que me deixava uma herança. A carta do tabelião reclamava a minha presença, como indispensavel para apressar a tomada de posse.

Foi por tanto preciso decidir-me a tomar lugar em um paquete, que tinha de me conduzir a Lisboa, para ir depois á aldeia outr'ora habitada pelo defunto.

A viagem não foi muito boa por causa da tempestade, fui feliz porque cheguei a Lisboa a salvo.

Preparei-me pois para uma jornada, depois de admirar a minha capital.

A jornada fez-se felizmente: um bello sol de outono alumiaava o campo, e os bosques estavam ainda coroados pelas suas ultimas folhas. Fallando a verdade, não me desagradou a provincia até que cheguei a ***

Mas ali disseram-me que era preciso deixar a liteira, e ir apé até á povoação onde era esperado; eram duas léguas que tinha que andar por montanhas e caminhos transversaes, bastantemente estragados pelas chuvas precedentes! O dia começava a declinar, e uma fria neblina de outubro se estendia já pelo fundo do valle. Puz-me a caminho, com bastante máo humor, dando ao diabo os montes escabrosos por não estar acostumado a viajar por grutas, aonde de continuo uiva o lobo.

Infelizmente as indicações que me deram quando deixei a liteira foram insufficientes; todas as veredas existentes atravez das cinhas e dos montes tinham para mim o mesmo aspecto, perdime muitas vezes, e era já noite quando cheguei á povoação.

Um homem, que encontrei, me disse que a senhora Felicidade (era a governante) estava orando na igreja. Foi preciso esperar o seu regresso, passeando no pateo com as mãos mettidas nos bolsos, e o nariz enterrado na golla do meu paletó.

Esta sentinella, que fiz á porta da minha propria casa, seria divertida, senão fosse o cansaço e a nevoa que insensivelmente se transformava em chuva fina. Estava com a paciencia quase esgotada, quando finalmente appareceu uma velha criada com um ar meio burguez, e que eu reconheci pelo livro das horas, acompanhada de um enore roزاریo que trazia na mão.

Vendo um desconhecido em pé junto ao limiar da porta, parou e perguntou-me o que pretendia.

– Senhora Felicidade, respondi todo a tremer de frio.

– Quereis dizer *menina*! Replicou a velha com voz áspera; sou eu; o que deseja o senhor?

– Primeiro, que me abra esta porta, disse eu; segundo, que me forneça meios para me enchugar.

E, para prevenir qualquer outra objecção, disse o meu nome.

Logo que isto fiz, esperava que a velha criada se desfizesse em satisfações; mas qual, com grande espanto meu, vi que começou a olhar-me com uma especie de suspeitosa hostilidade.

– Ah! o senhor é o herdeiro! exclamou ella com voz pausada; então vou prevenir o tabellião.

– Com mil diabos! disse eu impacientado; tratemos primeiro que tudo de nos abrigar, entremos, senhora Felicidade.

– Desculpe-me; confiaram-me a guarda da casa, respondeu resolutamente a velha; quero salvar a minha responsabilidade. O senhor pôde ahi ficar; porque o senhor Diogo decidirá o que devo fazer.

E, sem esperar resposta, virou costas e sumio-se por uma viella.

Serpa Pinto.

(*Continúa.*)

PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 9, p. 65-66, domingo, 6 abr. 1856.

Os meus sonhos

ou

A herança de meu tio

Novella.

II.

Comecei então a andar por diferentes vezes os cem passos de terreno que há em frente da minha herança; ao cabo de meia hora, Felicidade tornou a apparecer, acompanhada por um homem gordo, corado, com óculos dourados, que se deu a conhecer como sendo o tabellião Diogo, e a quem entreguei a carta que me tinha escripto, assim como os documentos comprovativos da identidade da minha pessoa. Depois de ter tomado conhecimento d'elles á luz de uma candeia, quis reconhecer bem a minha pessoa em questão, e ordenou que me deixassem entrar.

Durante estas formalidades, continuei a bater com as solas no chão afim de aquecer os pés, e a amaldiçoar, em voz baixa os tabelliães de aldêa.

Quando a porta finalmente se abriu, declarei secamente ao senhor Diogo, que no dia seguinte iria á sua casa para pôr as cousas todas em regra, e entre precipitadamente para uma scuro corredor, sem o convidar a que me seguisse.

A velha criada brevemente appareceu com a sua candeia, e conduzio-me para um salão antigo, mobiliado com quatro cadeiras de couro, uma velha poltrona estufada, e não tendo por adorno senão duas figuras de gesso, representando uma o marquez de Pombal, e outra D. José I, collocadas sobre uma meza entre quatro jarros de jaspe.

A difficuldade que tinha tido em me fazer reconhecer, reunida ao incommodo produzido pela estrada e pela neblina, pôz-me de máo humor, o qual não procurei mesmo occultar.

Ordenei desabriadamente á governante que me acendesse lume e me preparasse a ceia, em quanto eu ia tomar conhecimento do resto da casa.

Pegando então n'um velho e negro castiçal, em que havia um coto de vella, adornado por uma arandella de moscas mortas, comecei a percorrer a habitação do defunto tio.

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas eram variegadas, em algumas partes, por peças mais novas, que lhes davam o aspecto de farrapos remendados; os moveis, de formas antigas e toscamente trabalhados, apenas guarneciam imperfeitamente aposentos mal fechados; desvelo, elegancia, comodidade, tudo faltava nesta velha habitação: alli encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos pais, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinham verdadeiramente começado na nossa geração.

O quarto de dormir, sobre tudo, casou-me abalo; o leito em fôrma de ataúde, estava encerrado em quatro cortinas de sarja verde, picadas pela traça, sobre uma meza já sem gavetas; achava-se um jarro rachado e uma bacia de mãos de diferente côr, finalmente, ao longo da parede, pendiam velhos retratos de familia, capazes de metter medo a uma criança de vinte e quatro annos, ou para melhor dizer, fazer causar crises nervosas a um entendedor.

Pintadas em diversas épocas, representavam personagens de differentes profissões, entre os quaes notei um ecclesiastico, um commerciante, um juiz, um official, e finalmente um homem muito pançudo *semi-burguez, semi-vilão*, que a senhora Felicidade me declarou com todos os pontos de admiração, ser o seu defunto amo.

A discreta governante tinha vindo participar que a ceia estava prompta, segui-a pois para o salão.

A mesa estava posta, e o seu aspecto causou-me impressão. A toalha que em meu obsequio, tinha sido tirada de um armário reservado, era matizada de riscas vermelhas; em quanto á finura de seu torçal, poderia com facilidade amarrar algum salteador da falperra; os pratos de barro pareciam ilustrados por immundos arabescos, que provavam o emprego do garfo e das facas; os copos, sem base, não se assemelhavam aos copinhos das nossas antigas bodegas; finalmente, dois saleiros cambaios offereciam ao commercial, para tempero, sal de cosinha e pimenta moída.

A senhora Felicidade sérvio-me com uma magra sopa, e os restos de uma galinha choca, á qual apenas a sua materna sollicitude tinha deixado a pelle e os ossos. A governante declarou-me que era este o sustento diario de seu defunto amo; mas, por obsequia a mim, aumentou-o com tres maçãs quase podres, e um pedaço de queijo em perfeito estado putrefação!

Quis provar o vinho, era uma zurrapa turva; fabricada com a uva do refugio.

Mais descontente do que nunca com a minha viagem, decidi-me a ir para a cama.

A velha aluminou-me até o quarto de dormir. O grande leito funebre, e os belhos e denegridos retratos ainda me desagradaram mais do que da primeira vez. Porém lançando as minhas vistas segunda vez pelo quarto, notei ver n'elle uma commoda monstro, com tamanhas gavetas que com facilidade poder-se-hia guardar n'ellas todo o uniforme da soldadesca e officialidade, que entraram na guerra peninsular.

(*Continúa.*)

Serpa Pinto.

PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, n. 10, p. 73, domingo, 13 abr. 1856.

Os meus sonhos

ou

A herança de meu tio

Novella.

(Continuação).

A velha Felicidade vendome olhar muito admirado para o grande deposito de roupa feita, fez-me vêr que era ahí mesmo que meu tio guardava tudo quanto tinha de bom.

Pedi-lhe então as chaves, disse-me que estavam em seu poder, mas que fazia tenção de m'as dar no dia seguinte, mas como sou dotado de um genio mui frenético mandei-as buscar sem perda de tempo, ao que ella Felicidade obedeceu. Quando me vieram as chaves, dei-me ao trabalho de vêr se era, ou não verdade estar junto de meu leito parte de minha felicidade, mas qual, a primeira gaveta que abri continha apenas nada; a segunda tinha a madeira de que tinha sido feita, a terceira, essa sim, tinha diversos insectos os quaes não me dei ao trabalho de vêr, com medo me mordessem; a quarta, quinta, essas sim haviam nelas diversas peças metalizas que vinham a ser castiças velhos, ferros de engommar, pregos velhos de diversos tamanhos, ferramenta completa de carpinteiro e ferreiro. etc, etc, etc.

Porém olhando vi a minha creada, que se conservava olhando para mimestupetacta, com cada olho maior do que uma abobora, voltei-me então para ella e perguntei-lhe se havia ou não algum corretor de leilões em ****

– Corretor de leilões! repetiu ella; não sabemos o que isso seja.

– Pois nunca há aqui vendas publicas?

– Queira perdoar.

– Como se faz então isso?

– O porteiro da camara faz um pregão por todas as ruas da povoação.

– Pos bem! mande chamar amanhã o porteiro, e diga-lhe, que annuncie a venda de tudo quanto aqui se acha.

– De tudo! Então o senhor não guarda para si cousa alguma?

– Não... Não.

– Nem mesmo as pinturas?

– Nem isso.

– Ah! o senhor de certo não fará tal cousa; olhe que são retratos de familia!

– Já disse, não me aborreça, vendo tudo.

Boa noite.

Dizendo isto, tirei o castiçal da mão de Felicidade; que sahiu, qual a cobra quando se lhe poem o pé no rabo.

– E que quer ella que faça desses panos esgaratujados? ah! sim, hei de vender-vos grutescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso; estes costumes de parcimónia e falta de elegancia são os que haveis legado; esta vida despojada de todos os encantos da civilização moderna, é a vossa vida perpetuada pela tradição! Fôra daqui barbaros. Nós não somos da mesma raça, entre nós nada há de commum.

Fallando assim comigo mesmo, deitei-me na cama; porém o cansaço e o máo humor afastaram o somno.

(Continua).

Serpa Pinto.

PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 12, p. 91, domingo, 27 abr. 1856.

Os meus sonhos

ou

A herança de meu tio

(Continuação).

Peguei no volume de uma historia, que tinha trazido para me entreter no caminho, e depois no inventario da herança, que o tabellião me tinha entregue.

Tive então uma surpresa mais agradável do que as outras. A importancia total da herança montava a muito mais do que eu suppunha, e tornava-me quase rico. Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito, e começou a tornar mais fácil a digestão da péssima

cêa que tinha tido. Puz-me a examinar detalhadamente o inventario, até que as cifras começaram a ondear diante das minhas palpebras meias fechadas; por fim, Morfêo tristonho lembrando-se de mim, fez com que perdesse a consciencia do que me cercava, e adormeci.

D'ali a pouco pareceu-me sentir rumor de passos á minha cabeceira; abri os olhos, e vi uma dúzia de personagens agrupados, na proximidade do meu leito. Todos traziam trajos antigos e diferentes, nos quaes reconheci, com surpresa, os dos velhos retratos que guarneciam o quarto de dormir.

Procurei-os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros ali se conservavam suspensos! O que via junto a mim eram os antigos retratos da familia, aos quaes um milagre acabava de dar a vida!

A' sua frente apparecia um velho; nas rugas de sua phisionomia mostrava uma grande excrecencia maxillar da qual pendiam diversos cabellos, emfim era um verdadeiro typo de mais de cem annos. O seu traje era mais que exquisito. O caçado um tanto coçado (por ter servido muito a seu dono) mostrava na sua extremidade uma grande fivella que ligava a meia. Um curto colete não tendo mais do que um palmo deixava ver entre a abertura uns grandes folhos, tendo seguramente um palmo, aonde se divisava uma cornucopia de perolas, e esmeraldas, que suspensas por um cordão de ouro obrigavam a inclinar a cabeça ao meu phantasma; em quanto á gravata era um completo lençol, os colarinhos serviam com facilidade para vella de *estay* de qualquer fragata, o chapéo podia-se assemelhar a uma grande sorveteira, e a casaca isso não falemos, além de ser de abas de tesoura mostrava uma grande golla aonde havia sebo de sete estios; finalmente os sapatos, luvas, chinó e bengala tudo era do mesmo gosto.

Serpa Pinto.

PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 13, p. 98-99, domingo, 4 mai. 1856.

Os meus sonhos

ou

A herança de meu tio

(*Continuação*).

Porém, que grande susto não me causou o ver que o meu figurino se mechia todo; julguei ser outra cousa, mas qual! vi-o claramente suspender o curto collete, e puxando por uns enormes sinetes, que ao menos movimento do seu proprietario começavam a traquinar, puxou por um relógio, aonde, atravez de um vidro áspero e sujo, se distinguiam uns ponteiros marcando doze horas, e tornando a guardar o sobredito relógio olhou para a comitiva que o acompanhava, e para mim, e disse: são horas....

– Debalde procurarias a minha imagem entre esses retratos, me disse elle, com voz capaz de metter medo a um defunto: no meu tempo nenhum pincel se daria ao trabalho de reproduzir as feições de um escravo como eu! mas comprehendí as miserias da minha condição, e, á força de trabalho consegui comprar a minha alforria. Foi então, graças a ella, que um dos meus descendentes, que vês, pôde instruir-se e fazer-se ecclesiastico.

Aquelle que tinha sido designado, avançou então.

– Os pobres e os opprimidos tinham necessidade de apoio, disse elle mansamente; sustentado pelo nome de Christo, tratei de lh'o prestar; ajudei a instruir o povo, e fazer-lhe amar o bem, a fortifical-o com a probidade, a esperança, a paciencia, em quanto a nossa familia se elevava lentamente á minha sombra, e tomava posto entre os honrados commerciantes da provincia.

Um terceiro interlocutor ergueu então a voz.

– Este posto transmittido por nossos pais, tratei de o engrandecer, disse elle com certo ar de importancia, nomeado syndico da minha corporação obtive para ella novas immuniidades;

reunimo-nos para defender o fructo do trabalho contra a violencia, e fui um dos fundadores dessa corporação de cidadãos que associa os interesses geraes debaixo do nome de *Communs*.

– E eu, disse o que se achava mais próximo ao antecedente interlocutor, que pela toga e semblante austero podia reconhecer-se por magistrado, contribui para que a lei prevalecesse sobre o capricho, e a igualdade sobre o favor. Os mais poderosos tiveram que submeter-se á decisão de juizes desarmados: a força curvou-se perante o direito.

– Não falando em que ella se declarou sua auxiliar digo eu! acrescentou um official, cuja tez se achava crestada pelo sol; os descendentes do escravo de outr’ora acabaram por cingir a espada, e tornaram-se os defensores da patria e da lei! Desde que uma e outra pertenceram á nação inteira, esta derramou o seu sangue para as defender; tornando-nos soldados, todos nós passamos á classe dos nobres!

(*Continúa.*)

Serpa Pinto.

PINTO, Serpa. Os meus sonhos ou A herança de meu tio. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 14, p. 108-109, domingo, 11 mai. 1856.

Os meus sonhos

ou

A herança de meu tio

(*Continuação*).

Sim, proseguio um ultimo interlocutor, no qual reconheci o retrato do tio, os meus antecessores conquistaram para os nossos descendentes a justiça e a liberdade; faltava diligenciar-lhes recursos; aceitei esta tarefa de formiga. Graças aos meus esforços e á minha parcimonia, melhorei pouco a pouco a pequena herança legada por nossos pais; engrossei as economias, engrandeci o patrimônio; deixarei aos meus sucessores seis vezes mais do que aquillo que recebi, e, graças á severa probidade da senhora Felicidade, tudo chegará intacto ás mãos do meu herdeiro.

Por este modo ter-lhe hei proporcionado vagar para que cultive a sua intelligencia, e liberdade para fazer bem, finalmente a felicidade de poder dedicar a sua vida aos outros, e de não ter de se occupar unicamente de si. Se fôr digno deste favor, estou certo que o saberá aproveitar; que há de conservar no fundo do seu coração algum reconhecimento para com o homem que lhe proporcionou esta bella empresa; que longe de o escarnecer, ha de abençoal-o, e saberá sanctificar o que o velho tio economisou sobre si mesmo para generosamente o prodigalisar com os outros.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com um acento tão penetrante, e tão profundo sentimento, que estremeci a meu pezar, e.... acordei!

A luz estava quase a apagar-se, os velhos retratos nos seus lugares, o inventario e o livro de historia tinham cahido aos pés da cama; e reconheci que tudo isto não passára de um sonho!

Um sonho, ou antes a voz do bom senso, e da consciencia. Os velhos retratos eram bem realmente os symbolos do passado; cada um delles me recordava os serviços prestados por um seculo, por uma classe.

Eram elles que marcavam, por assim dizer, os passos do tempo sobre a estrada do progresso. Para quem sabia comprehendel-os, encontrava ali a glorificação da obra consumada pelos antepassados.

Assaltado por uma repentina idéa estendia a mão para as quase escurcidas telas, como se ellas podessem vêr-me e ouvir-me.

– Ah! perdão! Exclamei; perdão, velhos soldados, magistrados rectos, commerciantes probos, agricultores honrados, vós sois dos tempos que já foram; agora comprehendo o respeito que vos é devido. Tudo quanto hoje possuo, e com que tanto me tornava vaidoso, foi grangeado por vossas mãos; o presente não é mais do que apenas conhecestes a arvore da sciencia ainda

pequena, mas que a regastes com o vosso suor e vosso sangue; agora conheço que o meu orgulho era ingratição; mas reservar-vos-hei d'ora em diante um santo lugar na minha lembrança.

E vós também, vestígios de um tempo que já não sabemos 398ólera398nder, rusticidade de vossos pais, velhos e esquecidos usos, de hoje em diante não excitareis, nem os meus risos, nem a minha 398ólera, porque saberei que sois as ruínas de uma civilização que prehencheu a sua tarefa por isso deveis bem dizer sempre a vossos antepassados.

FIM.

Serpa Pinto.

PRIMEIRO de Dezembro. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 16, p. 138-139, domingo, 17 nov. 1861.

Primeiro de Dezembro

Com os prospectos de um novo jornal publicado no Porto, foi dirigida á Sociedade Portuguesa Dezeseis de Setembro n'esta corte a carta que em seguida publicamos. Para ella chamamos a attenção dos leitores da *Saudade*.

“Quando vimos nublar-se o horizonte da nossa independencia, creamos um periodico com o fim de estimular o amor da patria nos nossos e responder á cobiça d'extranhos. Foi o mesmo que arvorarmos uma bandeira, honrada d'uma legenda nacionalíssima, e escolhida entre muitas que sobram para a gloria de Portuguezes. *Primeiro de Dezembro* é o moto do nosso periodico; aquelle é o dia que significa o resgaste, a emancipação, a ressurreição de Portugal vendido a Castella e covardemente assassinado ás mãos dos tyrannos que o receberam muribundo das mãos de algozes matricidas.

Senão achamos, neste incitamento ao pundonor nacional, os espíritos gelados de indiferença, resta-nos a magôa de não termos espertado as vehemencias do animo desta nação já agora tão demudada da antiga energia com que lidava por sues fóros e sacratissima guarda de suas tradições.

Para nós temos que esta aparente indiferença não é bem o que os nossos vizinhos d'Hespanha já denominam assentimento ás “teorias prosperadoras da união ibérica.” Não é nem póde ser.

Antes queremos por honra de Portugal, n'uma das paginas do egregio portuguez Manoel de Sousa Coutinho, achar a definição da atonia que nos dóe e espanta..., “vive ainda nos portuguezes aquelle fogo do verdadeiro valor que por todas as idades os illustrou. Muito quebrantam calamidades e infortúnios geraes: mas o fogo coberto de cinza dissimulado está, não apagado; e o ouro, sepultado na terra a côr poderá alguma vez perder, e a fineza nunca.”

Onde mais incendiado, mais puro, e mais á luz do ceu da patria temos visto aquelle ouro é nos corações dos nossos irmãos d'além mar, dos filhos saudosos desta terra que meninos d'aqui levaram doces e puras impressões da patria e familia, puramente as hão mantido em regiões remotas, longe e ignorantes das discordias e paixões politicas que as degeneram e lhes deprecia o quilate. A cada hora está Portugal recebendo provas do amor de seus filhos; a cada hora de lá vem o impulso ás letras, o derramamento á instrucção, a semente a mãos cheias do pão do espirito, o ouro abençoado que na sasão propria há de fructear em fructos como elle abençoados e como elle fecundos de proveitos reaes e duradouros.

Tão natural se nos afigura, senhores, o apellarmos da remissa tibieza dos nossos irmãos d'aqui para o vosso patriotismo tão fertilisante e apontado a tudo que nos é commum – que não deteremos a vossa attenção em amiudarmos a causa deste convite. A's vossas mãos enviamos a bandeira aqui hasteada, e que mal podemos segurar no solo da patria. Dai-lhe vós amor e segurança, senhores.

Cooperai para que se ella firme e mantenha, entre as outras, do egoísmo e da desordem que os ventos caprichosos das paixões ondeam. Tomai-a como vossa, que vossa é esta patria, esta independencia porque pugnamos e pugnaremos sósinhos nas lides do pensamento e sósinhos nas lides do braço.

Dai a este nobre incentivo o vosso estímulo: fazei-o todo vosso e reparti comnosco a gloria de o ter creado, em premio de vos termos proporcionado mais um motivo de provardes a Portugal que muitos dos seus melhores filhos sois vós; e que a vossa cordeal mão vem, através dos mares, prestar amparo ao escripto que assignala o mais glorioso dia das quinas Portuguezas.

Porto, 30 de Setembro 1861.

PROLOGO. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 1, p. 1-2, domingo, 5 ago. 1855.

Prologo.

O nosso primeiro poeta, Bernardim Ribeiro, a quem Camões chamava o seu Enio, escreveu um livro de suas saudades; Garret, o grande poeta da epocha, sobre quem a lousa do sepulcro acaba de cair aos acordes gemedores das harpas de todos os bardos das duas nações, invocou a Saudade, o *delicioso pungir de acerbo espinho que lhe repassava o intimo do peito*; invocou-a para reprehender aquelle mavioso e encantado poema Camões, que rivaliza com o Jacelin de Lamartine, com os poemas orientaes de Biron, e que é o maior padrão de nossa litteratura moderna; é que estes dous grandes homens, o primeiro, que fundou a nossa poesia, o segundo que acabou de a aperfeiçoar, conhecerão quanto é doce esta melodiosa palavra a – *Saudade*, a mais suave de toda a nossa lingua, a que melhor exprime um sentir, ao mesmo tempo doce e amargo, que constante agita o peito do homem.

Todos, todos no intimo do coração sentem saudades; saudades pela sua pátria, quando ausente, não gosa o refrigerante e suave bafejo da brisa natalicia, não vê os prados matisados de flores, ou os agrestes alcantis, onde passou os primeiros annos do desabrochar na vida; saudades pelos entes queridos de quem está distante: por um pai muito affectuoso, por uma terna mãe que com tanto estremecimento nos amava, por nossos irmãos, por nossos amigos, por uma amante, por uma esposa; sentem todos saudades por uma vida mais feliz que a presente de cada um e esse sentir é o que mais prova a existencia da alma, sentem como um desejar constante, um ambicionar continuo de uma vida mais ditosa, e são saudades que a alma experimenta pela Bemaventurança, essa única e verdadeira sua pátria.

E' pois a Saudade um incessante anhelos, um sentir mysterioso de todos os corações, e assim o nosso periódico se denominou – A Saudade, porque sobre tudo será escripto do coração, porque sobre tudo sentimos vivaz desejo de nos tornarmos uteis á nossa pátria, e ao paiz onde habitamos.

Amantes como somos da Civilisação, reconhecendo-a como o primeiro motor da felicidade dos povos, fizemos, despidos de todo o interesse, que o preço do nosso periodico fosse tão diminuto, que as mais pobres classes da sociedade podessem instruir e deleitar-se com a sua leitura.

Conhecemos quanto é ousada a empreza que vamos encetar; redigir uma folha na presente epocha, e perante duas nações Brazil e Portugal; na America e na Europa, é na verdade uma temeridade mui grande, mas é esta grandeza que nos attrahe, talvez como a luz á borboleta, que depois queima, como a serpente á avezinha, que depois devora; a empresa é grande; mas o nosso desejo, a nossa vontade ainda é maior; carecem-nos as forças, nós mui bem o conhecemos, mas sobejanos a tenacidade, a paciência e a constancia. E não contamos só comnosco, esperamos que os homens de saber levados pela filantropia propria das grandes almas, pelo amor á humanidade toda, a seus concidadãos, pelo menos, nos cooperem com sua muita força nesta grande empresa; para elles será toda a gloria, para nós só queremos a satisfação de termos sido os fundadores.

Vinde, historiadores, juristas, medicos, mathematicos, poetas e artistas, discipulos de Herodoto e Bossuet, de Moysés e Machiavello, de Hyppocrates e Vesale, de Thales e Newton, de Homero e Camões, de Dédalo e Miguel Angelo, que todos haveis uma missão a cumprir, uma missão santa e divina, que Deos fez pezar sobre vós, a de tornar util á humanidade o talento e o

saber com que a Providencia vos dotou; vinde derramar vossas luzes entre o povo, iluminar-lhe o espirito e ensinando-lhe mil cousas, que lhe sejam uteis, encaminhal-o pela estrada que conduz á felicidade, que é a da moral e da virtude.

Palavras de dous grandes poetas, contemporaneos e amigos um do outro, nos servirão para divisa; se os homens da sciencia quiserem, pela nossa folha, tornarem-se uteis á humanidade serão de Francisco Manoel de Nascimento, o restaurador da nossa lingua, um dos maiores litterarios d'este seculo:

Eis que de seu regaço os bons autores
 Vos emborca a impressão. Lede e relede:
 Que os moldes engraçados da facúndia
 Assejada e nobre e rica nelles jazem.

E se não quiserem honrar-nos com a sua collaboração, não aproveitando este meio de tornar uteis seus talentos á sociedade, nós possuidos de um grande desejo de fazermos alguma cousa a prol do povo, mas baldos da experiencia e do saber, que só pelo correr dos annos se adquire, tomaremos para divisa as modestas palavras de Manoel Maria Barboza de Bocage, um dos mais harmoniosos e dos maiores estros que tem falado a nossa lingua:

Incultas producções da mocidade
 Exponho a vossos olhos! ó leitores,
 Vêde-as com magua, vêde-as com piedade
 Que ellas buscão piedade e não louvores.

RIBEIRO, Eugenio Arnaldo de Barros. Tenho saudades do passado tempo. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 17, p. 136, domingo, 25 nov. 1855.

Tenho saudades do passado tempo.

Tenho saudades do passado tempo
 Em que eu ditoso só folgar sabia,
 Em que minh'alma, de paixões via,
 Só para os jogos ressentia ardor;
 Em que inexperto das traições do mundo,
 Inda meu rosto não banhava em prato;
 Em que inda cria no fallaz encanto
 D'aquella vida, que brotava em flôr.

Ai! nesse tempo os escalvados serros,
 O rio, os prados, as mimosas flôres,
 D'extensos bosques os gentis cantores,
 A meiga lua lá nos céos sem fim,
 Erão meus unicos e faceis gosos;
 E nessa quadra de feliz bonança
 A confiante e venturosa es'prança
 Inda não tinha fenecido em mim.

Mas hoje, oh! hoje dos sentidos gosos,
 D'essa ventura, que me resta agora?
 Fatal lembrança, que meu mal peora,
 Que nomeu peito mais aumenta o dó.
 Estou ausente do paiz ditoso,
 Que o rio Douro fertiliza e banha,
 E aqui bem longe, nesta terra estranha
 Vivo saudoso, desgraçado e só.

Rio, 15 de Novembro de 1855.

RIBEIRO, Thomaz. A Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, anno 2, n. 10, p. 89-90, domingo, 7 set. 1862.

A PORTUGAL.

Meu Portugal, meu berço de innocente,
 lisa estrada que andei debil infante,
 variado jardim do adolescente,
 meu laranjal em flôr sempre odorante,
 minha tarde de amor, meu dia ardente,
 minha noite de estrelas rutilante,
 meu vergado pomar d'um rico outomno
 sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos
 desde que soube amar; e amei-os tanto!...
 Sonhava as noites de teus dias ledos
 affogado de enlevo, em riso e em pranto.
 Quis dar-te hymnos d'amor, debeis os dedos
 não sabiam soltar da lyra o canto,
 mas amar-te o esplendor de immenso brilho...
 eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa á beira-mar plantado
 de loiros e de acácias olorosas;
 de fontes e de arrios serpeado,
 rasgado por torrentes alterosas,
 onde n'um cerro erguido e requeimado
 se casam em festões jasmins e rosas,
 balsa virente de eternal magia
 onde as aves gorgeiam noite e dia.

Quem desdenha de ti, mente sem brio,
 ou nunca viu teus prados e teus montes,
 ou nunca ao pôr do sol de ameno estio
 viu franjas de oiro e rosa os horisontes,
 ondas de azul e prata em cada rio,
 as per'las e os rubis de tuas fontes,
 nem de teus anjos, terreo paraizo,
 sentiu o magnetismo n'um sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
 rica dona de messes e pomares,
 recorda ao mundo ingrato as priscas éras
 em que tu lhe ensinaste a erguer altares,
 Mostra-lhe os esqueletos das galeras
 que foram descobrir mundos e mares;
 e se um povo não vir teu manto pobre,
 ri-te do fatuo que se julga nobre.

Porque te miras triste sobre as aguas,

pobre... d'aquem e d'além mar senhora?
 e te consumes nas cadentes fragoas
 das saudades cruéis que tens d'outr'ora?
 Por tantos loiros, que te deram? magoas?
 Foste mal paga e mal julgada? embora!
 has de cingir o teu diadema augusto;
 has de ser grande!... ou Deus não será justo!

Tres testemunhas tens que ao mundo inteiro,
 grandes, hão de levar-te a ingente gloria:
 Camões, o sol, e o oceano; que o primeiro,
 ergueu-te em alto canto a nobre historia.
 Com prantos e com sangue audaz guerreiro,
 o seu livro escreveu divinos do poeta,
 entoados em harpa de propheta!

O mar, na eterna lida porfiosa,
 cançado de correr largos desvios,
 vem afogar a sede angustiosa
 no saboroso nectar de teus rios.
 E quando n'outra idade mais ditosa,
 tu mandaste alongar teus senhorios,
 conhecendo o roçar de tuas sondas,
 cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o genio das tormentas,
 algoz de tanto nauta aventureiro,
 vestido de neblinas pardacentas,
 assoprando golfadas de aguaceiro;
 mas quando viu, nas quilhas tão attentas,
 içado o teu pendão tão altaneiro,
 acendendo o Sant'Elmo resplendente
 iluminou-te as portas do oriente!

Fiel, sempre fiel á tua gloria
 conduziu-te o Evangelho a longes terras,
 acompanhou-te os cantos da victoria,
 saudou-te os brios nas longinquas guerras!
 Rasguem embora ó patria a tua historia;
 enquanto o mar bramir quebrando serras,
 ou brincar nas areias em bonança
 ha de fallar de ti patria, descança.

Qual no deserto o lasso viandante
 vai no oásis sentar-se ao fim do dia,
 achando atenuado e arquejante,
 verdor, fontes, aromas e harmonia,
 e naquella atomsphera inebriante,
 se alimenta, se farta, e se extasia,
 tal és do sol oásis reservado,
 jardim da Europa á beira-mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
 nos bosques, nos rosaes, e nas campinas;
 d'um íris c'rôa a nuvem mais esquiva,

nem tem c'róa real pedras mais finas;
 faz prisma cada fonte que deriva
 por encosta suave entre boninas;
 dá luz e brilho á selva que verdeja,
 e o sol de Portugal, o mundo o inveja.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
 te vê ledó banhar em cada fonte,
 ou entre a branda relva do valeiro,
 ou sobre as neves do jaspeado monte;
 já não é d'hoje só que o mundo inteiro
 falla do brilho teu neste horizonte,
 já Celtiberos, Mouros e Romanos,
 choraram pelo sol dos Luzitanos.

Lua do meu paiz, não me esqueceste,
 que eu sempre soube amar tua lindeza;
 bem sei que é este o solio que escolheste,
 bem sei que tens aqui maior pureza;
 mas tanto os meus segredos estendeste,
 era tão minha só, tua tristeza,
 que se não te invoquei, saudosa lua,
 foi por zelos da patria, minha... e tua!...

Por ti canto meu berço de innocente,
 lisa estrada que andei débil infante:
 meu viçoso jardim de adolescente,
 meu laranjal em flôr sempre odorante,
 minha tarde de amor, meu dia ardente,
 minha noite de estrelas rutilante.
 Tu... dá-me ao cerrar noite o meu inverno,
 um leito funeral ao somno eterno.

(Extrah. do poema – D. Jayme – do Sr. Thomaz Ribeiro

SANTOS, José Pinto dos. Saudades de Portugal. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 13, p. 101, domingo, 23 nov. 1856.

Saudades de Portugal.

Um signal d'amizade ao meu amigo Antonio Joaquim Daniel do Prado.

Patria minha tão querida,
 Saudades tenho de ti,
 De meus paes, de meus irmãos
 E do lar em que nasci;

D'esses bosques tão formosos
 Onde trina o rouxinol
 Seus gorjeios maviosos
 A saudar o arrebol;

D'esses prados tão amenos,
 Por onde tanto brinquei,

D'esses regatos serenos
Que tanta vez contemplei;

D'esse céu azul e bello,
D'essas noites de luar,
D'esse meu rio Mindello,
D'esse tanto meu folgar;

D'esses campos tão amenos,
D'esses jardins tão formosos,
D'esses pomares tão plenos
De fructos tão saborosos;

D'esse todo magestoso
Que tens oh Patria querida!
A ti consagra saudozo
Pensamentos, alma e vida.

José Pinto dos Santos.

SILVA, José de Moraes. "Mancebo, deixa esta terra, Porque nella és desgraçado". A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 21, p. 167-168, domingo, 23 dez. 1855.

“Mancebo, deixa esta terra, Porque nella és desgraçado.”

*Ilusões, chimeras loucas
Por que vos hei de escutar?*

(A. M. C. M.)

A natureza dormia
Envolta n'um crepe denso,
Junto a mim um Anjo eu via
Frenteiro, no ar suspenso:
A strige passou ligeira,
Soltou a voz agoureira,
E não sei o que senti....
Todo meu corpo tremeu!...
O Anjo tristonho vi,
Meu rosto empallideceu!

Foi um sonho? Oh! Não, se fosse
Havia de me lembrar;
Ou sonho, ou visão passou-se,
Quero de tal me olvidar....
Mas seria predição?...
Ou sonho fosse, ou visão,
A minha idéa antojada
Agora vou ver se arranjo,
Vou perscrutar como Fada
No que me disse esse Anjo.

“ – Mancebo, deixa esta terra. –“
Deixal-a devo, porque?
Tal pensamento se aberra

Do joven que bem prevê:
 Buscar eu a Patria estranha,
 Aonde o pão que se ganha
 E' todo no fel curtido,
 Todo coberto de pranto,
 E não pe compreendido
 Do estrangeiro qualquer canto.

Onde não há os carinhos
 Da terna Mãi virtuosa,
 Si corre sempre entre espinhos
 Sem se colher uma rosa;
 Onde não tem-se um amigo,
 Que aos nossos ais dê abrigo;
 Onde não há natureza
 Fóra do nosso universo;
 Qual póde ser a belleza
 Distante do patrio berço?

– Porque? Ao Anjo pergunto:
 “ – Porque nella és desgraçado. –“
 – Não é o fiel transumpto
 De meu tão fastoso fado: –
 Esqueçamos este sonho,
 Tão falso como medonho,
 Encaremos o vindouro,
 Onde a esperança lampeja,
 Presinto só neste agouro
 Um mortal que o céu inveja.

E tu, Donzella, a quem amo,
 Tu meu Anjo, minha Musa,
 Não busques futil escusa,
 Que a verdade só reclamo:
 Eu sou teu, dize se és minha;
 E's de meu peito a rainha,
 Dize serei do teu rei,
 Descobres qual é o meu fado,
 Pois quero os Anjos por grei,
 Sendo dos reis invejado!

José de Moraes Silva.

SOUZA, João Dantas de. Recordação. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 8, p. 62-64, domingo, 23 set. 1855.

Recordação.

Oferecida em resposta a' poesia que se dignou dedicar-me o Sr. Deocleciano David Cesar Pinto.

Poeta, que dôce encanto
 A minha' alma extasiou!
 O berço que nos creou.
 Eu que só triste no exilio,

Pensei sofrendo o martyrio,
 Longe da patria a gemer;
 Ao escutar tua lyra,
 Recordação que respira
 Afagou-me almo prazer.

Sósinho té qui julguei-me
 Pela patria a suspirar;
 Mas reconheço, enganei-me,
 Irmão tenho no penar.
 Julguei ninguem mais houvesse,
 Que igual a mim concebesse
 Tão pura patria amisade;
 Mas achei como eu tão constante
 Verte pranto de saudade.

E's tú poeta que assim
 Recordando o Douro teu,
 Viste avivar em mim
 A saudade de Vez meu.
 Tú recordando as protescas
 Margens do teu gigantescas
 Tão dignas de se cantar,
 Fizestes as do meu virentes
 Recordar meigas fluentes
 Com o pranto a deslisar.

Avivaste-me á lembrança,
 A infancia que sempre amei,
 Essa éra em que d'esperança
 Gratamente m'embalei!
 Sem por momentos pensar
 D'algun dia lamentar
 O rigor de meu destino
 E foi, pois, mas d'uma vez,
 Que ás margens do rio Vez,
 Eu folguei inda menino.

Poeta pois que distante
 Recordas a patria assim,
 Já que della és terno amante
 Anda p'ra junto de mim,
 Tú que recordas com pranto
 Tão grato, puro e tão santo
 A terna infancia querida,
 Vem que eu tambem triste choro
 A mesma infancia que adoro,
 Unir tua á minha vida.

Vem sim já que companheiro
 E's de meu turbo soffrer,
 A mim corre anda ligeiro
 Comtigo quero viver!
 Vem não tardes caro amigo
 Que quero chorar comtigo

Nos imos da solidão,
 E seja só dous abraços
 Que prendão com fortes laços
 O meu a teu coração.

Serás só tú a quem possa
 Minhas magoas confiar,
 Quanto amo a patria nossa
 A ti só quero contar,
 Só a ti que contristado,
 Como eu infeliz exilado
 Soffres da sorte o rigor,
 Quero sim na soledade,
 Dizer-te minh'anciedade,
 Martyrio, pesar e dôr.

Tu sentirás lenitivo,
 Vendo-me infausto a carpir,
 E o pranto teu afflictivo
 Far-me-ha menos sentir:
 Seremos dous desditosos
 Suportando mui saudosos
 Um sempre e o mesmo mal;
 Jámais separar-nos-hemos,
 Unidos carpir havemos
 Saudades de Portugal

O teu plectro é fino ouro.
 O meu é tosco metal.
 O teu é rico thezouro,
 Mas o meu de nada vale:
 De nosso berço os encantos
 Em dôces melig'nos cantos
 Sabes, chorando, elevar;
 Mas no meu intrestecido
 Sei tão sómente morbído
 Pranto por elle soltar.

Não é pois a lyra minha
 Qual a exaltaste, não,
 Uma corda, essa mesquinha
 Tem só, que é a do coração;
 Não tem meu éstro harmonia;
 De ternura e melodia
 Seus hymnos gratos não são;
 Cysne apenas gemebundo
 Solta do peito profundo
 Delirios sem conexão

Mas olvidemos, poeta,
 Um pouco que já lá vai
 Ponhamos por pouco a meta
 A nosso pranto, que cai;
 Da memoria suspendamos
 Tudo quanto desfructamos

Em nossa infância fagueira,
 E ternamente saudemos
 Esta plaga onde vivemos
 Tão risonha e hospitaleira.

Saudemo-la, sim, que digna
 Ella sempre se há mostrado
 Acolhendo mui benigna
 Dentro em seu seio o exilado,
 Abrindo tão grata os braços
 A todo o que em seus espaços
 Asylo procurar vem,
 Feliz seja, aventurado,
 Ou mesmo o triste cravado
 D'espinhos que o fado tem.

Saudemos reconhecidos,
 Pois, o solo onde aportamos,
 Nossos suspiros sentidos
 Amargamente exalamos;
 Onde do fado mil queixas,
 Em moribundas endeixas
 Nos deixão de dôr soltar:
 N'um olmeiro após frondente
 Corramos a concernente
 O nosso prato ligar.

Lá escutando o trinado
 Do sabiá mavioso
 Far-nos-há mais recordado
 O cantar melodioso
 Na quadra da primavera
 Em nossa saudosa terra,
 Do festivo rouxinol
 Pulando ridente e ledô
 Pelos ramos do arvoredô
 Nas horas do pôr do sol.

Serão os mestos gorjeios
 Da solitária araponga
 Bem majestosos enleios
 P'ra nossa pena tão longa!
 Fazendo que por momentos
 De nossos acres tormentos
 S'esvaia a negra amargura,
 Co'ô pensamento engolfado
 Nesse saudoso passado,
 Nessa passada ventura.

Momentos bem passageiros
 Serão esses d'acalento;
 Mas inda assim prazenteiro
 P'ra padecer tão sedento,
 Passados porém, perdidos,
 Esses instantes queridos

D'extasi, meiga emoção,
 Nos braços laçar-nos-hemos
 A'nossas penas daremos
 Então mais longa espanção.

João Dantas de Souza.

SOUZA, João Dantas de. Recordações. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 14, p. 110-111, domingo, 30 nov. 1856.

Recordações

A' minha prezada tia

D. Anna de Magalhães e Menezes.

Minha tia, nestas plagas;
 Aonde vivo exilado
 Não julgueis, não, da memória
 Qu'eu voz hei abandonado.

Em todas quantas lembranças
 Tenho da infancia adorada
 Vós dellas, ó minha tia,
 Jámais não sereis riscada!

Com saudade eu lembro tudo
 Que na infancia me cercava,
 Lembro uma mãe e com ella
 Vós tia, a quem tanto amava.

Lembro a avósinha tão cara
 Que tanto bem me queria;
 A quem com minhas folganças
 Eu muita vez entretia.

Lembro os'stirados abraços
 Que tanta vez eu lhe dei,
 Assim como esses afagos
 Que della em paga aceitei.

Lembro essas manas que foram
 Collegas de meus folguedos...
 De vós, emfim, minha tia,
 Lembro os sorrisos tão ledos!

Lembro ainda esses conselhos,
 Tão santos, que vós me destes,
 Lembro tudo agradecido
 O quanto por mim fizestes.

Tudo p'ra mim são lembranças
 Que trago na triste mente
 Onde gravada bem fundo

Jazerão eternamente!

E dellas toda a saudade
Que guardo no coração
Apagal'as só podéra
O crime da ingratidão.

Mas um consolo me resta
Na esperança, ó minha tia,
De feliz viver ainda
Junto a quem amo, algum dia!..

E' nella em quem eu confio,
E' só ella o meu conforto,
E' ella que amo qual nauta
De salvação ama o porto!

João Dantas de Souza.

SOUZA, João Dantas de. Uma pagina de minha vida. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 19, p. 146-147, domingo, 4 jan. 1857.

Uma pagina de minha vida

Quanto é bello ver o crepusculo da aurora em uma dessas lindas manhãs de primavera, no meu querido e sempre chorado Portugal! Quanta poesia não falla ao homem que tem um coração para amar e um peito para sentir (principalmente sendo em uma dessas aldêas pitorescas que bordão o meu paiz), ver o pallido mas brilhante clarão da lua esconder-se por detraz do mais próximo outeiro, escutar o ciciar da brisa suave e ameno agitando a ramagem do mais chegado e taciturno arvoredos; o cantar ledos e melifluos dos alados passarinhos balouçando-se por sobre os frágeis raminhos de um frondente salgueiro; o balar dos mansos cordeirinhos em seus pequenos redís; o murmurar do fugitivo arroio despenhando-se tristemente de cascata em cascata; o rumorejar da christalina lymphá deslizando-se subitamente por meio da relva; o toque ainda compassado do campanario na pequena ermida, revoando de espaço em espaço até echoar nos penhascos da serra; tudo enfim que de magico e sensitivo se póde apresentar ao ente que embalde tenta penetrar nos mysterios da natureza.

Foi nos fins de Maio de 1849 que, na idade de treze annos, em uma dessas manhãs de que tentei fazer um esboço, que dormindo a somno solto fui despertado por um ligeiro tropel de cavallos, pouco depois interrompido, mas seguido por diversas pancadas na porta de minha habitação paterna.

Ainda sossegadamente repousava em meu leito quando uma voz de homem do lado de fóra se fez ouvir dizendo: – “Partamos! não haja demora.” (*) – Reconheci o que estas duas palavras querião dizer: erão ellas do pai de um infeliz mancebo que, colega meu desde a mais tenra idade ia-o ser ainda agora em deixar a patria e viver commigo no exilio.

As duas palavras acima formarão uma revolução em tudo que mudo e silencioso até ahi me cercava; e eu dei um pulo em meu leito, pois reconheci de momento a situação em que me achava! Mil torvos pensamentos esvoaçárão nesse instante por minha mente. Meu peito ansiava, e tristes lagrimas assomarão ás minhas palpebras; pois ia deixar nessa mesma hora, quem sabe se para sempre, tudo o que do mais cáro possuía na vida, tudo o que para mim existia de bom sobre a terra; esses folgares innocentes, esses carinhos maternos, esses sorrisos enfim de uma familia inteira!

Havia ficado por um instante como perplexo, envolvido nestes pensamentos, quando minha mãe, banhada em pranto, me veio tirar desse estado convidando-me com essas palavras affaveis e tocantes que só uma mãe carinhosa tem para seu filho, a levantar-me: suas lagrimas juntarão-se

com as minhas; mas em breve achava-me prompto; e sem duvida, leitor, era para essa occasião que a scena mais tocante de minha vida estava reservada!

A porta da salla por onde eu tinha de sahir achava-se aberta, e junto della estava eu entre os braços de uma mãe querida que, debulhada em pranto, via partir, bem contra sua vontade, um filho que muito amava e para o qual ideado tinha outro destino mais lisongeiro que não fosse o da separação; outro destino que não o do desterro, tão cheio de escolhos e espinhos; outro destino emfim, que não fosse o de me vêr longe de seu lado gemendo no exilio!... junto a minha mãe era uma tia, e mais ao lado uma irmã que, ambas tambem soltando lamentos de dôr, pretendião a todo o transe roubar-me ao peito dessa que agora me possuía, para estreitarem-me contra o seu, dando-me ao mesmo tempo o osculo de despedida. Um pouco mais distante jazia um ente tambem para mim bastante cáro que, mais exausto de forças, e vergado pelos estragos que a idade traz apoz si, esperava exalando profundos suspiros que chegasse a sua vez permitida, para lançar a benção áquelle que tantos momentos lhe tinha dado ventura, esquecendo todas essas travessuras de que a idade juvenil é bastante fertil, era minha vó! Para completar emfim este quadro, uma mana mais nova a quem tinha havido a precaução de não acordar, despertava agora em sobresalto a toda essa confusão de vozes inextinguiveis, chamando em gritos por esse companheiro de seus folguedos que ia perder.

Vós, leitor, se acaso como eu já deixaste a patria e com ella esses entes que vos derão o ser, se já destes esse adeus de separação aos que virão e acalentarão a vossa infancia, se já passastes emfim por transe iguaes ao que vos tentei descrever, ajuizai o que a minha penna jámais vos poderia explicar.

Alcansei emfim como louco sahir desse labyrintho de mágua; achando-me em breve no pateo fóra dessa habitação, berço de minha risonha meninice. O pranto resvalava com força por minhas afogueadas faces, e eu tive de suspender meus passos para, limpando-o, poder lançar ainda um olhar de despedida a esses lugares por onde tantas vezes feliz e descuidoso me entreti! Era nesse momento, leitor, que meus ouvidos escutavão, meu coração sentia e a meus olhos se apresentava toda essa poesia que, no principio destas linhas vos tentei descrever; era sim nesse momento que o sino de minha aldêa fazia ouvir seu toque matinal, os ligeiros passarinhos seus cantos doces e melodiosos, a brisa matutina seu cicio ameno e suave, a cascata seu despenhar rouco e gemente, os cordeirinhos emfim, seu balar despertando seus pastores; e todas estas vozes a que eu sempre fôra indifferente, nessa hora em que tudo ia deixar, soavão a meus ouvidos qual uma estranha melodia, que fez nascer em meu peito sentimentos, os quaes eu então não sabia appellar, mas a que hoje dou nome de poesia.

João Dantas de Souza.

(*Continúa.*)

(*) Empregamos aqui estas palavras, mas pelo espaço de tempo que já tem percorrido não podemos certificar se forão as proprias proferidas.

SOUZA, João Dantas de. Uma pagina de minha vida. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 21, p. 163-164, domingo, 18 jan. 1857.

Uma pagina de minha vida.

(*Conclusão.*)

Tudo para mim na natureza erão enleios desconhecidos, os quaes fazião augmentar as lagrimas que eu embalde fazia por enxugar.

A meus ouvidos ainda soavão os ais de minha familia, para mais torturar minha alma já tão cheia de angustias.

Desci emfim as escadas que se seguião a esse pateo em que, por curtos instantes, me havia detido.

No fim destas escadas seguia-se um espaçoso terreiro, aonde um criado ainda moço, mas a quem eu consagrava particular estima, segurava nas redeas da cavalgadura em que eu tinha de seguir. Por elle ajudado subi para a sella; e a voz faltou-me para poder corresponder ao adeus de despedida que esse amigo me dirigio.

Dentro em poucos instantes achava-me fôra do portal que fechava esse terreiro, a alguns passos de distancia do lugar em que tinha montado. Era ahi que me esperava esse amigo e collega da infancia.... pretendi fallar-lhe mas a voz prendeu-se-me nos labios; a sua commoção julguei não ser menos á minha; pois um triste sorriso, em que bem se pintava a amargura de sua alma, foi o que atravez de um olhar me pôde dirigir.

A nossa posição, agora, era a de dous padecentes que se encontrão ao voltar de uma rua para irem subir ao mesmo patibulo.

Como, porém, quase sempre, os males que soffremos tornão se menos sensiveis quando encontramos uma pessoa que soffre e tem de partilhar connosco dos mesmos; ao reconhecer eu as magoas de meu pobre amigo, e á lembrança de que commigo, senti um lenitivo aos longos pezares que atribulavão meu coração.

As nossas cavalgaduras seguirão a passo regular uma quase a par da outra; e a em que montava o pai do meu companheiro a poucos passos de distancia, assim como dous homens que a pé nos acompanhavão. Por algum espaço de tempo nenhum de nós se atreveu a interromper o silencio do outro: mudos olhavamo-nos apenas, como a furto de vez em quando, sem duvida para lêrmos no semblante um do outro as comoções que nos agitavão; nossos olhares, porém, encontravão-se, e, muitas vezes, era o suspiro de um que respondia ás investigações do outro.

Talvez em pouco mais de um quarto de hora o dia estava claro: achavamo-nos então em um lugar elevado do qual ainda poderíamos lançar uma ultima vista ás habitações paternas, o que fizemos; e então o silencio que até ahi havíamos guardado foi pelo meu companheiro interrompido nestas palavras: – J... aonde achar-nos hemos de hoje a um anno? – “Deos o sabe! Respondi-lhe, apontando para o céu. Continuamos a jornada.

Ainda não havia um anno que eu e meu amigo havíamos deixado o berço pátrio, e por isso que tínhamos chegado a esta cidade. A epidemia que nos principios de 1850 assolou o Rio de Janeiro estava no seu auge; e em um quarto da casa pertencente á benemérita pessoa, (*) a quem de Portugal tínhamos sido recommendados achava-se dous leitos, um em frente do outro; em um delles jazia o meu amigo exhalando o seu derradeiro suspiro; e eu no outro já desenganado a que breve o seguiria.... Amigos da infancia, collegas e irmãos de desventura, a quem os proprios obstaculos do exilio não tinham tido o poder de separar, era bem que ainda a propria morte não terminasse o élo que prendia nossos corações levando-nos juntos para essa região desconhecida a que chamamos eternidade!.... Oh! mas não aconteceu assim; pois a minha hora ainda não era chegada.... Pessoas que velavão á minha cabeceira arrancarão-me a esse lugar aonde já existia um cadaver.... e esse cadaver pertencia áquelle que fôra único confidente de minhas magoas.... aquelle para quem no meu coração jámais existirão segredos, assim como no seu para mim havião existido!....

No entanto eu havia sobrevivido; e uma vida nova principiava agora para mim.... Ainda me restavão amigos; mas um amigo como o que acabava de perder aonde jámais o encontraria?.... Foi então que entrando no conhecimento do que é esta peregrinação do homem sobre a terra, contemplei o meu passado tão cheio de flores, meu presente todo fel e amargura, e o futuro tão negro e desconhecido!....

A poesia é um consolo para o coração triste e desditoso.... abracei-me com ella como á unica e fiel companheira que d’ahi em diante me poderia restar: e não foi embalde o meu apego para com ella; pois é com quem me tenho encontrado nos maiores transes de amargura; é quem me há consolado nas horas de mais tristeza e melancolia; é com quem me encontro nas horas de mais repouso e solidão; é em fim, quem acorda em mim o animo para seguir no escabroso trilho da vida.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1857.

João Dantas de Souza.

(*) Esta pessoa é o Sr. Manoel José Pereira nessa época com casa de negocio á rua do Sabão.

SOUZA, João Dantas de. Aos assignantes da – Saudade –. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 24, p. 187-188, domingo, 8 fev. 1857.

Aos assignantes da – Saudade –

Qual o viajero peregrino que, após de ter a custo arrostado a morte ante os escolhos que se lhe apresentarão durante o seu caminhar de não poucos dias por um arido deserto, alcançou chegar a um pouso, e nelle preferio terminar a jornada ao arriscar sua sorte continuando-a, sem a certeza de achar mais commodo transito do que o precedente; assim a *Saudade* tendo atravez de não poucas difficuldades alcançado chegar ao fim de seu terceiro semestre, com elle termina a sua carreira, visto não ter certeza de na sua continuação achar-se livre dessas mesmas difficuldades com que até aqui teve de lutar.

Qual o nauta que, em busca de plagas ignotas, chegou a ver-se em mares sobranceiros quase submergido pelo furor das procellas, o qual em vez de diminuir via augmentar á medida que se adiantava a sua derrota, desistio de sua gloriosa empreza, e se julga emfim satisfeito por ter alcançado levar seu batel ao porto que no auge do perigo seu mappa lhe mostrou mais próximo; assim o *Gremio Litterario Portuguez* se julga satisfeito, por ter alcançado levar sua folha a *Saudade* ao fim do terceiro semestre, ficando assim não só quite para com o publico em geral, como livre do compromisso com que se achava para com os assignantes da mesma; do que só lhe resta pedir-lhe desculpa por alguma falta de regularidade nella havido, cujos motivos em seguida exporemos:

O *Gremio Litterario Portuguez*, tendo já encontrado alguns escolhos no andamento do segundo semestre de seu Jornal a *Saudade*, tinha resolvido, ao terminal-o, pôr fim á sua publicação.

Tendo-o terminado porém o *Gremio*, alguns de seus socios se oppuzerão ao designio acima, propondo para a continuação da *Saudade*; e compromettendo-se para esse fim a obter as assignaturas necessárias para o seu regular custeio.

O *Gremio* pois, por esta circumstancia confiado no compromisso que parte dos seus socios acabavão de fazer, tratou de dar principio ao terceiro semestre da folha; tendo elegido uma comissão de cinco membros para a redacção da mesma.

Em breve, porém, principiárão de novo a apparecer as teimosas difficuldades; pois alguns desses socios compromettidos para como o *Gremio* pela apresentação das assignaturas porque se haviam obrigado, tornarão-se remissos em satisfazer tal compromisso; e a *Saudade* mal se ia regulando com a realisação dessas apresentadas por alguns dos socios mais prompts.

Dos cinco redactores que contava a *Saudade*, tres, moviso por esta ou outra qualquer futil circumstancia, tratarão de abandonar o seu posto: dos dous restantes, um, motivos assaz forçosos tambem ao mesmo o obrigarão; e ficou pois o Sr. Antonio Xavier Rodrigues Pinto, único encarregado de sua redacção; o qual, apezar de tudo, esperançado em que os proprios até ahi remissos satisfizessem mais tarde o seu compromisso, continuou dando a folha regularmente. Baldado esperar porém foi o seu, pois tendo alcançado levar a folha até o numero dezesete, cuja importancia a custo tinha podido realisar, e não vendo meio de poder levar adiante a sua continuação desanimou, tratando logo de obter a demissão do cargo que occupava como redactor; deixando assim a folha entregue aos supplentes caso estes aceitassem, e do contrario ao abandono.

O *Gremio* achava-se compromettido para com os assignantes de sua folha, pelo fim do semestre: era-lhe preciso a todo o custo satisfazer esse compromisso; mas como, tão falto de recursos como se achava?

Dos supplentes existentes á redacção, só nós, apezar de reconhecermos a nossa insufficiencia, e termos em vista o pouco tempo de que podíamos dispor, nos achávamos

promptos a receber nos braços essa filha abandonada; mas desanimavão-nos os mesmo motivos que tinham levado o Sr. Rodrigues Pinto a pedir a sua demissão.

Deste desanimo, porém, tirou-nos um prestável sócio do *Gremio*, o Sr. Francisco Coelho Martins da Costa, que, por amor á instituição, e tendo em vista resguardal-a da nodoa que sem duvida a teria de manchar, apresentou aos seus collegas uma proposta para, por meio de um pouco oneroso dispendio de cada um, levar ao fim o semestre da *Saudade*; encarregando-se elle, apezar de não sacrificar pouco os seus interesses, da cobrança e thesouraria das quantias obtidas, e nós de sua redacção.

A *Saudade* pois, desta fórma, acaba de chegar ao fim; e o *Gremio* se acha livre deste peso que o sobrecarregava; ficando ao mesmo tempo irresponsavel por qualquer folha que possa vir a apparecer com o mesmo titulo.

E' lei da natureza, dizem varios escriptores que tudo o que tem principio, ainda as cousas mais instaveis, tem mais tarde ou mais cedo seu fim. Quem tiver visto, porém, morrer de um para outro dia folhas litterarias, dispondo de grandes recursos, e debaixo de bons auspicios, não poderá dizer que foi curta a existencia da *Saudade*, que apenas contou por si os esforços e boa vontade de alguns jovens ainda inespertos para uma tarefa tão espinhosa.

A *Saudade*, durante o seu período de anno e meio, nunca se apartou (julgamos) de seu programma; isto é, como folha litteraria, nunca fugiu de seus principios, tendo sempre em vista o acatamento não só para com as leis e decoro do paiz como para com a religião que professamos.

Apezar do appello feito por esta folha, desde o seu principio, para aquellas capacidade litterarias já conhecidas, que quizessem com suas luzes honrar e abrilhantar as suas paginas, nenhuma se dignou attendel-o. Se não tem por isso a *Saudade* offerecido aos leitores, nas suas columnas belos ramalhetes de boninas, colhidas n'um vergel aonde forão creadas aos esforços de jardineiro experiente; tem lhes dado ao menos, florinhas apanhadas em um prado aonde jámais passou a mão de um cultivador, e, por essa razão, toscas mas singelas quaes as formou a mão da natureza.

A *Saudade* tendo em vista mesmo, ao principiar a sua carreira, os parcos recursos com que poderia contar, não tratou de fazer largos promettimentos; por essa razão, se deu pouco, ao menos nada ficou a dever.

Ao terminar a *Saudade*, não poderemos deixar de, na sua ultima pagina, pagar um tributo de gratidão em nome do *Gremio*, a todos aquelles seus socios que concorrerão para que ella chegasse ao seu fim; e em particular ao Sr. Francisco Coelho Martins da Costa pelos impagaveis e desinteressados serviços que ao mesmo *Gremio* acaba de prestar nesta occasião em que delles tanto precisava.

João Dantas de Souza.

SR. CHRONISTA. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 6, p. 62-64, domingo, 13 jul. 1862.

Sr. Chronista,

S. Domingos, 10 de Julho de 1862.

E' um homem da roça quem lhe escreve. Acostumado a fumar o meu charuto da Bahia á sombra das bananeiras da casinha em que moro no alto da serra, e a ouvir de vez em quando os trinados felinos da flauta de um vizinho amator, encarregado de arripiar os ouvidos dos seus admiradores, um acaso feliz trouxe-me a semana passada a esta corte. Apenas desembarquei do trem da estrada de ferro, ainda de botas empoeiradas, e encolhido em um sobretudo de furta-côres, achei um velho amigo, que me deu estreito abraço, fez-me entrar em um carro da época sebastianista, que nos levou à bolina, por entre os aromas da cidade baixa, até a aprazivel residencia, que me estava preparada em um 4º andar.

Dizer-lhe que vi logo, nessa noite, parte dos espectaculos mais em voga nesta quadra, é confirma-lo na opinião que provavelmente faz ácerca da curiosidade dos roceiros. Admirei os gozeios constipados das prima-donas do *Alcazar Lyrique*, e bati palmas, como um honrado

partidista da Bohemia; fui depois ao theatro de S. Pedro pasmar-me diante de uma magica, e acabei por ir tomar sorvetes no Carceller. Talvez estranhe o estado calido de meu estomago nesta quadra de frio convencional, mas confesso-lhe que ainda não pude explicar, senão por conspiração dos janotas, o uso popularisado que aqui se faz dos taes *cache-nez*; julgo que é a palavra propria em turco.

No dia seguinte estava eu tratando de matar alguns mosquitos impertinentes, e vinha o sol despontando por cima dos telhados, quando ouvi bater á porta do meu quarto.

– Se é o café, pôde entrar.

– Não, senhor, é uma carta.

Uma carta! estaria a minha cara metade com intermitentes! Pegaria fogo no paiol de milho, ou o vizinho Pancraccio entraria á força pelo meu matto?

Inquieto, com o rosto espantado, recebi a carta, e li-a á pressa. Era um convite, e para uma festa. Foi tão grata a sensação, que fiz tres cortezias ao portador, offerecei-lhe a minha casa, para quando fosse á roça, e despedi-o apertando-lhe a mão, e dando-lhe senhoria; o entregador, que era homem de sobrecasaca e chapéo redondo, e portanto, no meu entender, pessoa respeitavel, sahiu admirado de minha polidez. Vi, por este espanto, que há baixa no valor das sobrecasacas, cá pela corte. Hei de comprar uma dúzia, para pôr todos os meus compadres vestidos com decencia, e por preço ao alcance dos entregadores de cartas.

Ao escurecer fui á casa de um amigo meu, honrado logista no becco dos Adelos, e pedi-lhe um fato á ultima moda. Expliquei-lhe que era para assistir a um saráo artistico e litterario, com o que o homem ficou desapontado.

– Pois V. S., um homem serio, vai a festas de poetas?

– Pois os poetas cá na corte são todos capadocios?

– Não sei; mas o que posso asseverar-lhe é que antes queria ir ao Circo Olympico, ou ao Oriente, lugares que frequentam os rapazes do tom, do que assistir a essa massada, a que não irão senão pessoas que andam no mundo da lua..

Custou-me a convencer o honesto logista, da seriedade da minha resolução, e obtive por preço commodo uma casaca em segunda mão, já se sabe, de gosto apurado, côr de café, com botões amarelos, uma calça de xadrez com lista ao lado, gravata vermelha, e um chapéo de abas largas, o que tudo prefazia um figurino de Pariz, e dava-me um ar mais seductor.

E' pena, dizia eu, no caminho para a rua dos Benedictinos, que não vão madamas ao saráo; tenho certeza que havia de pôr em embaraços os pretendentes da moça mais rica e casquilha que lá se apresentasse.

*

A's oito horas e meia da noite do dia 3 estavam reunidas nos espaçosos salões da *Phil'Euterpe*, na rua dos Benedictinos, perto de duzentas pessoas de todas as classes. Ahi se cruzavam os homens de letras com os negociantes, os caixeiros com os artistas, os homens formados com os curiosos de litteratura, e notei que, apezar da opinião adversa do meu amigo logista, todos applaudiam a ideia que ali reunia, e demonstravam que em todas as classes vai lavrando no Rio de Janeiro o gosto pelas artes e pelos estudos litterarios. E porque não? Se Deus pôz este céu azul por cima de nossas cabeças, e debruçou esta princeza da America á margem de tão poética bahia?

Quando soou a hora da abertura, estabeleceu-se o maior silencio em todo o recinto. A mesa era occupada por uma commissão do *Gremio Litterario Portuguez*, presidida pelo Sr. Reinaldo Carlos Montóro, que pronunciou o discurso de abertura. Gostei de vêr tão distincto auditorio prestar a mais delicada attenção ao orgão de uma sociedade modesta, para quem a ufanía consiste somente em ser proveitosa á classe popular, de que sahiu.

Em seguida, um dos amiores talentos, entre os Portuguezes aqui residentes, o Sr. *Miguel Angelo Pereira*, joven que apenas conta vinte annos, mas que promete ao Porto, sua patria, mais um emulo dos mestres da arte, reproduziu no plano aquelle pensamento de Rossini, intitulado a symphonia da *Semiramis*. Os applausos romperam espontaneamente de todos os pontos do salão, e consagraram mais uma vez a gloria nascente do joven artista.

O saráo continuou dali avante com progressivo interesse do auditorio. Parecia-me estar deitado á sombra das minhas lorangeiras, em um bello dia de Maio, ouvindo os passarinhos, em

um daquelles concertos de desafio, que deixam a alma a scismar em todas as moças bonitas dos arredores. Sobretudo, como amador apaixonado de musica, agradaram-me os artistas. Já conhecia o Sr. *Moniz Barreto Junior*, pela excellente reputação artística que merecidamente goza nesta corte, mas excedeu á minha expectativa a maestria como executou na rabeça aquellas variações tão lindas da *Traviata* e do *Trovador*, flôres da imaginação byoriana de Verdi. O seu arco inspirou-se no meio daquele concurso escolhido, o affecto veio vibrar-lhe nas cordas as modulações do coração, e quando depois de uma salva prolongada de applausos, com que o publico levantando-se o victoriou; o artista despediu-se executando na rabeça uma canção napolitana, com delicadeza digna do seu illustre mestre.

Mr. Reichert, o artista belga, que não tem nacionalidade para as festas da arte, que convive com todos os amadores de muzica, e guia a mocidade no estudo do seu instrumento querido, mereceu os aplausos repetidos com que o auditorio o saudou, tanto na execução de suas composições proprias, como na dos autores, que sabe interpretar cin akma de peta, e expressão dirigida pelo estudo artistico.

Um poeta que todos nós amamos, poeta do povo pela origem, e pela nobreza do coração, que une á riqueza da fantasia a elevação do character, deu ao enlevo affectuoso daquela festa o contraste da jovialidade, provinda da graça natural e da felicidade da invenção. O Sr. Faustino Xavier de Novaes recitou uma prosa, que pretende publicar no seu periodico o – *Futuro*, – e a parodia principiada do primero canto dos Luziadas. Como sempre, o auditorio acolheu, com o entusiasmo da popularidade, aquelle talento verdadeiro, que, não se formou nos bancos das academias, mas que se desenvolveu pela força da riqueza natural de sua fantasia, e do seu esmerado senso litterario.

Ignoravam muitos dos circunstantes que o Sr. Novaes fosse tambem distincto poeta lyrico. Sabiam-o outros que á sombra das bellas arvores da sua thebaida de S. Domingos, ao som daquellas ondas douradas da bahia de Nitherohy, haviam escutado as recordações de uma antiga affeição, cunhadas em versos affectuosos, que hão de sobreviver ao cantor dos proprios infortunios. A poesia *A' beira-mar*, recitada pelo poeta portuense, causou a maior surpresa ao auditorio, commovendotodos os corações que sabem amar, e que sentiram quanto havia de verdadeiro e profundamente sentido naquellas phrases arrebatadas de uma paixão digna da criação feminil mais poetica.

O Sr. Dr. Luiz Delfino confirmou a ideia grandiosa, que de longe fazíamos do seu talento, recitando um trecho das suas magnificas poesias, por cuja publicação ansiosos esperam os amadores de litteratura. Era a imaginação rica de criações de Victor Hugo, inspirando-se de todas as grandezas desta terra, e annunciando os hymnos do porvir, que os poetas brasileiros hão de mandar mais tarde a Europa, como imagem da natureza que os cerca.

Dous jovens de talento consagrado pelo applauso publico, os Srs. Zaluar e Machado de Assis, vieram tambem associar-se a esta festa da fraternidade litteraria. O primeiro, não só agradou, pela delicadeza das imagens, como tambem pela maneira distincta por que recitou. O segundo, elevou-se aquellas alturas do idealismo, em que a sua musa se acha sempre á contade, e divulga os horisontes mais longínquos da poesia. E' um estro nascente que já vence a maior parte das reputações estabelecidas, e que no meu humilde entender de roceiro está acima de quasi todos os poetas da litteratura oficial.

Quando entre os doces trinados da flauta de *Mr. Reichert*, e as arcadas poéticas do rabequista bahiano, o audiotorio mais comovido estava, quando as luzes do salão nadavam em ondas de harmonia, e os corações palpitavam anciados por sonhos irrealizaveis de ideal, deram-se dous episódios inesperados, que vieram augmentar a commoção. O Sr. D. Carlos Guido y Spano, alma provada nas lutas politicas, filho da nobre terra do Prata, que sabe punir com o flagello da satyra os tyrannos daquele solo abençoado, levantou-se, e veio lembrar á ufania nacional, que em regiões estranhas tambem se prezam os nossos engenhos distinctos. O seu soneto a *Almeida Garrett* foi recitado com força, com a energua de um filho livre da Republica Argentina.

Pouco depois um talento pouco conhecido no mundo litterario, mas digno de cultivar os dotes que possui, o Sr. A. Moutinho de Souza, fez palpitar o coração do filho do celebre improvisador bahiano, recitando um motte, deste, e a magnifica glosa que dele fizera em decima, consagrada a *Camões*, e em que recorda os passos mais notaveis da vida deste infeliz engenho. O

publico intelligente que o circumdava comprehendeu a força do talento manifestado, e uma bateria de applausos o saudou.

Entre estes homens distinctos pelo talento, alguns jovens brasileiros e portuguezes, a maior parte pertencentes á classe commercial, mereceram partilhar a lide pela belleza de suas producções. Notaremos o Sr. Almeida Campos, que em uma poesia lyrica teve estrophes grandiosas, e outras de delicado lavor; o Sr. Almeida Campos, que na poesia a *Soares de Passos*, recitada com a melodia da linguagem mais poetica, elevou-se por vezes ao par do seu heróe, e roubou-lhe alguns daquelles rasgos de sublimidades, tão faceis ao grande lyrico portuense; o Sr. N. dos Sntos Pereira, que mereceu o bello acolhimento do publico, por alguns pensamentos elevados; O Sr. Carvalho Lima, que soube lançar sobre o tumulto de *Casimiro de Abreu*, flôres de sensibilidade, notas de coração dignas do cantos das *Primaveras*. Entre os discursos lidos notaremos em primeiro lugar o do Sr. L. Evangelista de Lima, em que há considerações profundas sobre a influencia da litteratura, e um juízo sensato e elevado do valor litterario do falecido F. Gonçalves Braga; o Sr. Luiz J. Pereira da Silva deu provas da natural eloquência que possui; o trecho lido pelo Sr. Constantino de Lemos mostra o grande progresso do autor nos estudos litterarios; o Sr Xavier Pinto foi digno interprete das aspirações que têm as associações populares de estudo. Os discursos proferidos pelos orgãos das sociedades litterarias echoaram com gratidão nos corações dos socios do *Gremio*, assim como a bella poesia que lhes dirigiu o Sr. Silva Azevedo.

Sentimos que alguns outros trabalhos, de jovens de merecimento real, e entre os quaes havia alguns que deviam prologar a sensação aprazivel dauquella noite, não fossem recitados por falta de tempo; sabemos que o presidente do saráo sente esta omissão, porque reconhece na ausencia daquellas producções umsenão na corôa e flôres entrançada por tantas intelligencias.

Mas a hora era tardia, e a reunião devia terminar.

Consta-nos que o *Retiro Litterario Portuguez* prepara outra festa igual. Saudamos esta nobre emulação, e esperamos que os lidadores desta noite concorrerão ao novo estadio. Desejamos que se realize a intenção antes de nossa retirada para a roça, porque esperamos ter mais novidades agradaveis, para contar aos nossos vizinhos, nos serões de verão, á sombra dos coqueiros, quando o canto das arapongas echôa pela solidão das mattas.

O Roceiro na Côrte

VIANNA, Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira. Saudação. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 2º anno, n. 5, p. 46-47, domingo, 29 jun. 1862.

Saudação

A D. LUIZ I, REI DE PORTUGAL.

..... Velho guerreiro,
Acorda, é dia de jubilo.
Lá desponta a aurora em brilho:
Ergue-te, vem vêr teu filho,
A esperança de Portugal.

FERNANDO CASTIÇO.

I

O' estrella do occidente,
O' meu lindo Portugal.
Se outr'ora foste potente
Desde o Tejo ao polo austral:
Se offuscaste com teus brilhos
Dos potentados os filhos,
Além do Indo e do Ganges;
Tens ainda as mesmas glorias

Que recordam as victorias
Dessas guerreiras phalanges!

Se pequeno hoje te chamam
Essas modernas nações,
Responde “não me difamam
Esses falazes baldões!...
O brio, que meu nome
Do orbe jamais se somme,
Emquanto raiar a luz;
Emquanto lá no Calvario
Mostrar que fui o sudario
Da redempção, e da cruz!...”

Portugal a fronte eleva,
Deixa a lousa do sepulchro;
Acabou-se a intensa treva,
Surge mais bello, e mais pulchro!
Em teu céu um astro brilha,
Que parece maravilha,
Pelos encantos que tem!
E’ a nossa estrella de alva,
Que a gloria da patria salva,
E a patria salva tambem!...

Meteóro tão brilhante,
Que se sorri para nós;
Da nossa grei é garante
Como foram seus avós!...
Da patria penhor seguro,
Nosso guia, e palmuro,
Entre escolhos e escarcéos;
E’ nosso pharol e norte;
Felizes por esta sorte
Graças rendamos aos Céos!

O’ patria, patria querida,
Saudemos o novo rei;
Aquelle que nova vida
Vem trazer á nossa grei!
Vemos nelle um novo Atlante,
Essa estrella coruscante,
Que nos infunde valor,
Que nos diz com força – tremam
Essas hordas, que blasphemam,
Mas que não causam pavor!

Os lusos de hoje e de outr’ora,
São inveja das nações;
De seu rei são firme escora
Aguerridas legiões!
Das baionetas – nas pontas
Sabem cuspir as afrontas
Que intimam seus oppressores,
N’uma só vontade, unidos,

Combatem mais que aguerridos,
São da arêna os vencedores?

Se alguém tiver a ousadia
De a lança medir á espada,
Verá que a lusa ufania
Por terra, não é prostrada!
Ante o seu peito valente
Darão um grito fremente,
Agonizante, e profundo!
E verão um povo inteiro
A saudar – Luiz primeiro –
Astro e rei do velho mundo!

Ao throno sendo elevado,
Sem o menor estampido,
Será de estranhos amado,
E do seu povo querido!
Pelo seu genio e talento,
Fará da patria um portento,
Qual Camões nos descreveu;
E o gigante que dormia,
Da campa surgindo um dia,
Mostrará que reviveu!...

N. G. DA SILVA FERREIRA VIANNA.

Arêas, 1º de Janeiro de 1862

VICTORINO, Semeão Pinto. O que resta?... A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 10, p. 75-76, domingo, 2 nov. 1856.

O que resta?..

Portugal foi uma nação poderosa, não só pelas suas façanhas guerreiras e de conquistas como epal bravura de seus filhos. Sempre aguerrida e coberta de gloria foi a sua marcha desde Valdevez até Aljubarrota, e d'ahi até as mais remotas regiões de Africa e Asia.

Seus filhos cheios do mais vivo entusiasmo pela religião alistavam-se para irem longe da patria pelejar corajosamente; avassallando o Nilo e o Ganges, e desdobrar o estandarte das quinas sobre os mais famosos baluartes inimigos, triumphando de valentes exercitos que belluinos corriam em defeza da sua religião e da sua terra invadida.

A audacia dos guerreiros Luzitanos triumphou de tão fortes combatedores a niquilando ímpios monstros em lutas pavorosas, e hastiando os victoriosos Lusos estandartes em Ceuta, em Tanger. etc. etc.

Ainda os Portuguezes não tinham tocado a méta da sua gloria, elles não estavam satisfeitos seus projectos tanto quanto anhelavam: deviam-se realisar o sonho do feliz Monarcha D. Manoel, satisfazendo assim seus desejos conquistadores.

Com effeito, a frota destinada para fazer as descobertas, deu a véla, e as quinas guerreiras sulcaram ufanas as aguas do áureo Téjo, abençoadas por um povo, que jubiloso entoava canticos ao Ente-Supremo, para que um evento feliz ainda uma vez corôasse os denodados armigeros.

Deos assim o quis; e o grande Monarcha viu admirado a realisação de seu sonho com a volta da sua armada e dos esforçados Lusos seus vassallos, portadores de tão desejadas novas.

A noticia correu com a velocidade do raio espalhando-se por toda a parte, e o mundo inteiro deu um brado unisono de admiração por tão glorioso acontecimento.

As nações estrangeiras quiseram imitar-nos fazendo seguir com destino ao Oriente innumeráveis navios com o intento de participarem do fructo da descoberta. Então Portugal cheio de orgulho correu imperioso aos mares, novas frotas appareceram por toda a parte, obrigando a regressar aquelles que procuravam usurpar-nos. Todos os dias mais um feito brilhante vinha elevar nossas glorias enriquecendo a corôa dos Affonsos, e o bramido dos incansaveis e trovejantes bronzes saudar as quinas que vaidosas se desenrolavam com o sopro do zephyro.

Eis ahi uma das épocas de grandezas de Portugal extenção de dominios, riquezas, esquadras exercitos invenciveis que attestavam e garantiam esse poder que se estendia desde o Tejo até quasi todo o littoral da Africa, desde Ceuta até ao Mar Roza, e desde ahi todo o Oriente até a Costas da China e de todo o japão.

Mas ah! que após tanta immodica gloria sobreveio o infortunio!

A intentada conquista de Marocos acelerou a quêda de Portugal.

Mas que importa? Se mais tarde succidindo elle o pezado jugo do captiveiro, altivo volve a occupar o lugar de primeira nação.

Quando isto succede, o Reino é escravo da Hespanha, seus cofres são propriedade do tyranno Felipe, que sustentado por um formidavel exercito, julga tornar de Portugal sua escrava Colonia.

Ah! que lisonjeiro, mas fatal engano! Seus fementidos projectos vão ser nada em vista do valor lusitano.

Eia! Portugal desperta de seu difuso dormir; meia dúzia de hêroes Portuguezes, em cujas veias ainda gira aquelle sangue de tão briosa progenie, correm ás armas, uns brandindo a sempre ardente e fulminante espada, outros a ferrea lança, corajosos se arrimessam sobre as filas das ferventes tropas inimigas reconcentradas na maior força em Lisbôa, juncando de cadaveres as ruas da cidade, que pareciam sanguineos campos.

Victoria! Victoria!

Erão os vivas entusiastas dos vencedores, que reboando por um immenso espaço iam repercutir no coração daqueles que longe do combate e não sabendo de tão glorioso feito, não haviam n'ele tomado parte. Inflammado então o povo pelo ardente fogo da liberdade, corre ao lugar do combate lançando-se ferino sobre as pérfidas phalanges que já fraquea, desanimam, tremem e fogem sem esperar pelo premeio dividido a sua temeridade.

E' então que os fieis Lusitanos pelas vozes do santo patriotismo despedaçam os grilhões de Castella, devinizando o nome da nação e gloria sua!

Depois de alcançada a liberdade, esse symbolo adorado por um povo sempre livre, vereis a nova senda que Portugal trilha.

Com muitas difficuldades os Portuguezes ainda lutam; mas o que é isso a par dos bons desejos de legar ao mundo um nome bravo e heroico?

Já não são as conquistas nem os combates que elles querem, não por que sua bravura todas as nações conhecem. Agora é a agricultura, são as artes, as sciencias e a litteratura que apparecem para sermos mais felizes. Olhai para esses reinados que se seguiram ao ultimo episodio de nossa gloria guerreira, e vereis como em Portugal tudo se desenvolve.

O reinado do immortal D. José, coadjuvado pelo sabio Marquez de Pombal foi um dos da nossa riqueza invejada pela nações estrangeiras, ainda mesmo por aquellas que nos olharam com indifferença.

Pombal creou companhias com grandes fundos para augementar a lavoura e o commercio; animou a navegação de uma forma, que fez de Lisbôa o empório das riquezas orientaes, elle afrontou o orgulho inglez, que já principiara a disputar a Portugal o que não pertencia a Inglaterra; mais que tudo elle castigou os grandes fidalgos inimigos da Corôa; e banio uma instituição, que a todas as nações ia sendo fatal.

Morre o Monarcha magnanimo; a quem Portugal erigio a famosa estatua, modelo de todas as que se tem levantado para gloria dos grandes, que isso se tornam merecedores; Pombal deixa de ser ministro, porém com a gloria de ver Portugal em progresso espantoso, e seus cofres abundantes em centenas de milhões de cruzados!

O que resta pois de todo esse esplendor?!...

Raro vislumbre de nossa passada gloria!

Rio de Janeiro 24 de Outubro de 1856.

WASINGTON, J. Aquelle. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 40, domingo, 9 mar. 1856.

Aquelle, que procura fama em sua vida, e que tem recolhido uma ampla seára de honras mundanas, acha alfim de tudo que não existe amor, admiração, nem louvores tão agradaveis á alma, como os tributos, que se recebem em a terra natal. É lá que elle procura gozar em paz da sua gloria entre seus parentes, e seus primeiros amigos; e quando seu coração esfriado, sua cabeça desfallecida o advertem, que o fim da vida se aproxima, elle volta com a mesma ternura, que um menino, aos braços de sua mãe a saborear o repouso entre as scenas da sua infancia.

J. Wasington

X. Chronica. A Saudade, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 19, p. 179-180, domingo, 29 dez. 1861.

Chronica.

Meu caro C.

Pedes-me que publique na *Saudade* algumas das cartas que te hei dirigido. Comprehando o motivo que te leva a fazer um pedido tão indiscreto, e é por isso talvez que tentas insinuar certa preferencia nas apreciações que por ventura o conhecimento d'essas cartas originasse. Admitto até certo ponto a distincção que estabelecetes entre mim e ti; mas para o vulgo, que não comprehende ou finge não comprehender as affeições do coração, tal distincção dispunha os animos dos que nos lessem para o ridículo, e eu tenho demasiado orgulho para consentir que essas affeições sejam expostas aos motejos dos *parvenus em tout e par tout*, que empregam o melhor da sua vida a morder os outros porque não acham quem os morda a elles. Esta prevenção tem-me impedido de satisfazer os teus desejos; a afinidade de sentimentos que existe entre nós, compensa bem a *gloria* que poderia resultar-me da publicação dessas cartas, e se a sociedade se reputa no direito de analysar e commentar o que vê e observa, tambem nós temos o direito de subtrahir ás suas vistas o que a amisade mais franca e desinteressada inspirou nos nossos momentos de ocio. Dispensa-me, pois, de cumprir aquillo a que chamas promessa, e que veja o publico só o que não disser respeito ao coração. Até aqui o amigo, em seguida o chronista.

Devo-te a fineza de uma chronica de *novidades*; mais de uma vez me has tirado de um embaraço, e para quem, como tu, avalia o martyrio de relatar sem haver que, é este um serviço para n'unca se esquecer.

Tens lido provavelmente os *Jornaes* diarios da corte – é sempre a mesma e constante monotonia de um realejo d'esses tantos que nos apoquentam por aqui os órgãos auditivos. Recommendar-te uma ou outra cousa, seria pregar no dezerto, porque nem os *Jornaes* se prestam a grande reparo, nem eu sou tão indiscreto que vá apontar-te o que o teu bom senso te indicará. Mas alguma cousa desperta a attenção de alguns leitores do *Jornaes*. São as repetidas e significativas demonstrações de sentimento pela morte do rei de Portugal. N'unca soberano algum foi tão pranteado. Ligára-se por tal forma ao amor de seus subditos, que aprece que todos perderam a mais cara das suas affeições na terra. E' o povo, com especialidade, que hão vindo as mais significativas provas de quanto elle era amado. Isto é já alguma cousa, porque apesar das ideias democratias que herdamos da revolução franceza, estavamos acostumados a vêr cortejos *officiaes*, acompanhando até na morte aquelles que os estabeleceram em vida.

Por aqui são repetidos os tributos pagos á memoria do monarcha portuguez. As associações, como era de esperar, collocaram-se á frente d'essas manifestações ltuosas; e a – *Dezesseis de*

Setembro, que deves querer sobre todas, pagou tambem no dia 16 o tributo que devia ao seu egregio protector.

Apesar da simplicidade com que fora deliberada a missa que mandou celebrar, era imponente e magestoso o espetaculo que offerecia o templo do mosteiro de S. Bento. No centro, alumiado por centenas de tochas, erguia-se o catafalco regio, cuja simplicidade despretenciosa, augmentava ainda a solemnidade do acto. Numerosa reunião occupava o centro e as avenidas da igreja, e lia-se em todas as phisionomias a saudade pungente que ficou do augusto mancebo. Depois do *Libera-me*, pronunciaram-se discursos alusivos á cerimonia, e não me consta que em identicas fossem tão copiosas as provas de sentimento. E' que a mocidade, que saudára o rei quando se fôra sentar no throno de seus maiores, quis hir saudal'õ tambem quando descia á derradeira morada.

Que d'aqui, a duas mil léguas de terras da patria, cale no coração de nossos irmãos d'além mar a dôr que tão funda nos punge...

E' triste o assumpto para me demorar n'elle. Creio que há-de interessar-te, mas uma carta escripta para um *degradado*, não deve conter só cousas tristes.

E' sina da humanidade – ri e chora – e ai d'ella se não tivesse estas transições!.....

Não tenho grandes novidades a communicar-te. Somos uma parte tão pequenina d'este *mosaico vivo*, como lhe chama o nosso espirituoso amigo Novaes, que posso resumir tudo no *statu quo* dos diplomatas.

A nossa *roda*, como sabes, vive sempre affastada do grande movimento. Creou uma especie de *mundo aparte*, fundeou, e não ha vento de feição que lhe faça levantar o ferro em demanda de mundos desconhecidos. Calma nas aspirações, modesta no trato e no viver, não *lobrigou* ainda o porto desejado por tantos, porque a humildade das vistas importa a exclusão das ambições exageradas. Não quero dizer com isto que sejamos de todo inuteis, não. Ha por ahi muitos *parvos* empertigados, que se julgam com direito ás homenagens do proximo, que pódem attestar, querendo, a utilidade do *nosso pequeno mundo*, mas como a modéstia obriga, deixo-lhes o cuidado das provas, para exemplo de muitos.

Para te prevenir de que não tinha novidades a dar-te, ocupei-me com bagatellas, o que poderá despertar em ti algumas exclamações pouco lisonjeiras. Mas, em compensação, vou tratar de um assumpto em que has occupado muitas vezes o teu melhor tempo, tal é o interesse que te desperta. Fallo dos theatros.

A tua ultima carta (que peço licença para publicar) continha considerações tão judiciosas a tal respeito, que cheguei a duvidar da apregoada regeneração da arte dramatica entre nós; não porque falhem os elementos para que isso se realise, mas porque a boa vontade de alguns cede quase sempre aos embaraços suggeridos por outros. D'este desanimo, pois, que proveio da tua carta, nasceu certa indifferença em mim para os últimos espectaculos, e só a noticia de que a nossa predilecta Gabriella hia de novo apparecer na scena do *Gymnasio*, me chamou á *vida de frequencia* nos theatros. Assisti, por conseguinte, á representação dos *Homens Serios*, de Biester, e confesso-te ingenuamente, não vejo representar ha muito tempo um drama que tanto me agradasse. Tudo n'elle é natural. Os caracteres estão desenhados com firmeza, sem que repugnem ao espectador, porque não são exagerados. Há n'elle bellas de linguagem sem as hyperboles que prejudicam o gosto e o bom senso; é, em fim, um drama para se vêr e applaudir. O desempenho foi magnifico da parte de Gabriella e Joaquim Augusto. A primeira é sempre a actriz que admiraste em outros tempos; vou ainda alem – creio que representa melhor, apesar da longa e dolorosa enfermidade que a trouxe arredada da scena por alguns mezes.

Com dramas como os *Homens Serios*, e artistas como Gabriella e Joaquim Augusto, é possível a regeneração da arte dramatica.

Sobre theatros faço ponto aqui, porque os outros.....

Fallei por incidente em um amigo – que todos presamos – e não lhe fazemos o menos favor – e agora, muito de proposito, vou consagrar-lhe algumas linhas. Faustino Novaes, continua, como tu, *degradado*; mas como escolheu o lugar do degredo, reputa-o uma nova *Thebaida*. Fez o sacrificio da convivencia com os amigos, mas é sempre o mesmo para elles, quando, por momentos, o vão subtrahir áquella existencia isolada. E escreve como d'antes. A *Revista Popular* tem publicado alguns artigos, cujo auctor se advinha pelo espirito, pela graça e pela naturalidade d'elles. Recommendo-tos, caso não tenhas lido aquelle periodico.

Tenho meus presentimentos de que o nosso amigo hade encommodar-se com as poucas linhas que lhe consagrei; mas elle sabe tambem que não é para o lisongear que as escrevi; isto deve attenuar de alguma sorte o encommodo que sentir.

Basta. Vou terminar esta enfadonha carta. Lembra-te de nós, e escreve.

Teu do C.

X.